



SÉRIE AVASSALADORES
LIVRO I

TEO

❖ O AMOR PODE MUDAR SEUS PLANOS ❖

DY SILVEIRA



PERIGOSAS NACIONAIS

SÉRIE AVASSALADORES
LIVRO I

TEO

➤ O AMOR PODE MUDAR SEUS PLANOS ➤

DY SILVEIRA

1ª edição
2018

PERIGOSAS ACHERON



Copyright © 2018 Dy Silveira
Revisão: Ponto Final
Capa: Babi Dameto
Diagramação digital: Babi Dameto

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL
DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR
QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO,
INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS
XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA
INTERNET, SEM A PERMISSÃO EXPRESSA DA
AUTORA (LEI 9.610 DE 19/02/1998).

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES,
PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS
DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA
AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM
ACONTECIMENTOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.
TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS
PELA AUTORA.

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON



Índice



SINOPSE

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

PERIGOSAS ACHERON



Teo

Quando fez uma proposta ousada para Malu, e ela aceitou, Teo Stein concluiu que era um cara de sorte. Ela era uma mulher linda, sensual, e que sabia apreciar as vantagens de "uma noite e nada mais". Divorciado e com uma filha adolescente, tudo que ele não queria era um relacionamento sério e toda a complicação que eles traziam para a vida de um cara. Mas uma noite de sexo alucinante com aquela mulher? Pode apostar que ele queria.

Malu

Quando um cara loiro, sexy, com um corpo e um sorriso matador, te diz em uma boate que quer "uma noite e nada mais", e você tinha saído justamente para tirar o atraso, o que você faz? Se

PERIGOSAS NACIONAIS

você é Malu Martins, uma professora de dança ousada e bem-resolvida, você aceita, é claro. Porque é isso que ela estava buscando no momento: diversão, sexo descomplicado. Relacionamentos estavam superestimados mesmo, e ela já havia tido decepção o bastante no último em que estivera envolvida.

Ele é um homem controlador e possessivo.

Ela está lutando cada dia por sua independência.

E entre eles ainda existiam as barreiras, sociais, raciais e... o amor, envolvendo-se na história, ainda que ambos não estivessem interessados.

Era para ser uma noite de sexo, apenas, mas planos eram alterados o tempo todo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 1



*Vivendo fácil, vivendo livre,
Bilhete de temporada em um passeio de ida
Sem perguntas, me deixe estar
Pegando tudo em meu caminho
Highway To Hell
AC/DC*

Teo

Eu sabia, assim que aquele exame revelou que seria uma menina, há 17 anos atrás, que eu teria alguns “probleminhas no futuro”. Claro que teria, pensei, sorrindo. Esperar enquanto ela vestia-se era apenas um desses “probleminhas”, um dos menores, para ser sincero. A euforia por minha filhota era tão grande naquele momento, que eu fui deixando esses pensamentos desesperadores sobre o momento em que minha princesinha chegasse à adolescência, para trás. Isso ainda iria demorar muito, achei, na época. Só que não demorou. Porra, o tempo passou voando, na verdade.

Aguardando na minha Range Rover preta em frente à entrada arborizada da nossa casa, apertei com os dedos o espaço entre os meus olhos, rogando por paciência aos deuses, qualquer um deles. Os três minutos que Julia havia implorado para terminar de vestir-se e descer já estavam transformando-se em dez rapidamente, e eu tinha uma reunião marcada para às dez horas na empresa nesta manhã. Depois, ainda teria que deixá-la em seu mais novo e intrigante interesse, uma academia de dança próxima daqui, já que ela insistiu que

PERIGOSAS ACHERON

queria aprender a dançar, agora. Tudo bem, mas isso, eu tenho que dizer, foi repentino.

— Julia! — chamei, abrindo a porta do carro e tocando a buzina, para o caso de ela não ter ouvido o primeiro grito que eu dei em direção à casa. Ouvi quando ela respondeu um "já vou" cantarolado e então surgir na entrada da casa, em movimentos apressados, terminando de pôr alguma roupa dentro da sua inseparável mochila azul. Aos 17 anos, minha filha tinha herdado o melhor da minha genética, orgulho-me em dizer, já que ela se parecia mais comigo e muito pouco com sua mãe, que era morena e de cabelos negros.

Julia, portanto, possuía longos cabelos loiros que chegavam até o meio das costas e um par de olhos verdes límpidos que completavam o desenho que estava, a cada dia, provocando-me pequenos ataques cardíacos. Com um sorriso constante, ela parecia ter mais do que a sua idade real, mas, graças aos céus, não havia perdido aquele ar doce de menina que me encantara assim que a vi na maternidade.

Franzi as sobrancelhas ao observar a roupa com a qual ela estava vestida, uma camiseta rosa que terminava na altura do umbigo e uma colante

calça preta. Assim que ela entrou no carro e fechou a porta, sorrindo para mim com aquele arzinho de "sinto muito" e olhos suplicantes, saí pela alameda do condomínio, implorando silenciosamente que o trânsito intenso àquela hora no centro não me deixasse chegar muito atrasado ao trabalho.

— Desculpa, pai. Eu não estava achando a minha camisa dos Vingadores. — ela justificou, ajeitando o cinto de segurança e mexendo na bolsa, provavelmente à procura dos inseparáveis fones de ouvido com os quais ela vivia muito nos últimos meses. Olhei-a de soslaio, mas ainda concentrado no trânsito.

— Ok. Eu espero que você tenha achado, e que seja ela que você vai usar por cima disso que você está usando agora. — murmurei. Julia riu, rolando os olhos para mim como ela fazia de forma incessante praticamente desde os doze anos de idade, ou desde quando aprendeu a zombar da minha preocupação constante com ela em relação aos garotos.

— Ah, por favor, pai! Eu te disse que eram aulas de dança, não? Você não pode esperar que eu tenha aulas de dança vestida de jeans, certo? — ela deu uma risadinha desdenhosa

— Não, Julia, mas esperava pelo menos que você vestisse alguma roupa para isso.

— *Tá bom.* Eu acabei de pôr a camisa aqui, vou usá-la por cima, ok? — ela girou os olhos novamente, divertida, apontando a mochila.

— Bom. — resmunguei, voltando a concentrar-me no trânsito que, ainda bem, estava relativamente tranquilo para aquele horário em uma sexta-feira pela manhã no Rio.

Não a deixei ver meu sorrisinho divertido de canto de boca. Tinha plena consciência que Julia não se enquadrava nos modelos típicos de algumas adolescentes encrenqueiras e rebeldes que pareciam ser quase a regra naqueles dias. Eu lembrava bem do trabalho que havia dado aos meus pais nessa fase, e estremecia só em pensar naquilo. Para minha imensa sorte, e da minha saúde cardíaca, ela era uma menina tranquila, uma verdadeira nerd, sempre ocupada com livros, quadrinhos e histórias de heróis desde que aprendera a ler. Até outro dia, passava mais tempo nos jogos de computador trancada no quarto, ou com um grupo pequeno de amigas, do que indo para shoppings ou querendo sair muito à noite, por exemplo, o que as adolescentes gostavam muito de fazer. Por isso

mesmo eu estranhei essa súbita guinada de interesse que ela tinha apresentado pela dança, nas últimas duas semanas. Precisava saber mais sobre isso, claro.

— Julia, não lembro de você já ter gostado alguma vez de dançar, princesa.

Ela me espiou de lado, dando de ombros.

— Eu te disse pai, foi por causa de uma peça na escola. Fizemos um musical, um tipo de número com dança, na verdade. Foi lindo, e simplesmente me apaixonei. — ela explicou, a voz baixando, timidamente. — Ah, e tem a Malu também, claro! Ela é muito boa, dança tão bem, que fiquei empolgada em querer aprender. Ela disse que seria legal para mim.

Ela me endereçou um sorriso angelical, daqueles que tinham a intenção de dobrar-me, eu sabia.

— Ela é a professora que você me disse? De educação artística? — sondei, enquanto parava no centésimo sinal vermelho. Que merda.

— Não exatamente. Na verdade, ela foi contratada para organizar a apresentação, para nos dar aulas de dança para esse número, Malu não trabalha na escola, infelizmente, e sim nessa

academia que você vai me levar agora. Eita, pai, você não ouve mesmo as coisas que eu digo, não é? — Julia implicou, ajustando os fones novamente e soltando um bufo alto. Já acostumado àquela acusação infundada, pus novamente o carro em movimento, sem olhá-la.

— Claro que ouço, princesa. Tanto que vou deixar você lá, bem bonitinha, vou saber onde é essa academia e quem é essa professora. Não foi isso o que combinei com você?

— Como se precisasse... — ela resmungou, baixinho — são só aulas de dança, pai, relaxa...

— Eu faço questão, só por precaução, você sabe. E então, você volta de táxi ou peço para o Campos pegar você lá? — sugeri, imaginando que como eu não sairia do escritório hoje, meu motorista estaria com bastante tempo livre, como quase sempre.

— Pelo amor de Jesus, pai, eu sei voltar para casa de táxi ou *Uber*. Não vá destacar o coitado do Campos só para me pegar bem aí ao lado. — Julia reclamou, exasperada. Ri da sua indignação, ligando o som do carro. Eu não era um pai de fazer marcação cerrada nem nada, claro, longe disso, eu era muito tranquilo e confiava na

minha menina. O problema era que eu só não confiava nos outros homens, era diferente, por isso mantinha os olhos bem abertos.

Esse momento parece ter sido a deixa para o meu celular tocar. Dei uma espiada rápida, observando que era Amanda.

— Atende aí, filha, por favor, é a sua mãe.

Ouvi-a murmurar algo ininteligível, e depois atender à chamada.

— Oi mãe, bom dia. Sim, tudo bem. Não, ele está dirigindo... isso, eu estou indo para academia, falei com você sobre isso. Não, ele vai me deixar lá. — Julia estava dizendo, de modo monótono, para Amanda.

Suspirei de modo audível.

Gostava de pensar que eu me esforçava o suficiente para que o relacionamento de Julia com sua mãe fosse mais próximo do que era atualmente, ou menos pior, pelo menos, do que era antes, quando ainda estávamos casados. E isto levando-se em conta que mesmo antes do divórcio Amanda e a filha não eram exatamente ligadas. Bem, não estarem ligadas era dizer o mínimo, o eufemismo do século para a situação entre elas. Eu nunca realmente entendi muito bem isso, apesar de ter

consciência do que Amanda fazia, e por quais motivos, tentava, pelo bem de ambas, não piorar de modo algum a situação. Sabia que a culpa era, quase totalmente, do modo frio e distante com que Amanda tratava a filha desde que ela nascera. Tanto que nos quase dois anos depois do nascimento de Julia, eu chegara a inquietante e absurda conclusão de que Amanda decididamente não queria ser mãe, ou não pretendia doar-se para outro ser humano que não fosse ela mesma. Ou para mim, o que era muito pior. Isso era fodido de tantas formas que eu custei a realmente acreditar plenamente nessa ideia.

A questão era que, quanto mais eu dedicava-me à minha filha e encarava de cabeça a perspectiva de ser um bom pai, mais eu afastava-me da minha esposa fria. E esse meu afastamento consequentemente fazia com que Amanda encontrasse mais problemas em seu relacionamento com Julia. Era uma porra de uma situação que caminhou rapidamente para o caos: um homem não poderia viver em um relacionamento com uma mulher que não dava atenção e amor o suficiente para a própria filha, e que só encontrava momentos de realmente conviver com ela quando havia a

chance de ficar em volta dele, ou de chamar a atenção para si própria.

Era doentio, causava-me asco, e por fim, concluí que muito provavelmente Amanda havia engravidado apenas pela chance de "prender-me" em um relacionamento estável, e mesmo que depois eu soubesse o que aquilo realmente significava, nunca tinha ficado confortável com a situação toda. E o melhor caminho foi a separação. Claro que se eu não quisesse, não teria me casado com ela, ninguém estava obrigando-me, mas eu estava tão encantado com a ideia de ter uma família, filhos, nós nos dávamos bem na cama e fora dela, além disso, Amanda compartilhava meus gostos e transitava pelos meus círculos profissionais e familiares, e o casamento não foi realmente uma decisão sobre a qual eu precisei pensar muito, apenas aconteceu. Já estávamos mesmo juntos há pelo menos dois anos antes que ela engravidasse.

E porra, cara, eu aguentei aquilo por quinze anos, sendo que nos últimos eu já estava pensando mais no bem-estar de Julia do que na saúde da minha relação com a sua mãe, e passei um bom tempo achando que não deveria foder ainda mais

com o pouco que elas tinham, o que aconteceria se eu pedisse o divórcio. Eu queria que Julia tivesse algo tão bom com a mãe quanto eu tinha com a minha própria, na infância, ou algo perto disso. Não sei se seria possível, um dia, mas eu sempre estava no caminho para facilitar as coisas nesse sentido.

— *Hum-hum*. Claro, mãe, beijo também. — Julia despediu-se, enquanto eu voltava dos meus pensamentos sombrios, não deixando de notar que ela disse que iria à academia, mas havia omitido a questão das aulas de dança. Aquilo não me surpreendia em nada, já que Julia não era exatamente íntima da mãe mesmo criança, e não tinha avançado muito nesse sentido agora na adolescência.

— E sua mãe, como está? O que ela acha das suas aulas? — questionei.

— Bem, eu acho, eu não perguntei. Mas ela perguntou por você, claro. Ligou para você, afinal. — ela fez um trejeito irônico com a boca.

E você sabe o que era mais fodido disso tudo? Julia era madura o suficiente para perceber que a mãe usava-a como carta branca para ficar à minha volta, mesmo depois de quase dois anos do nosso divórcio, e lidava com uma certa maturidade

com a situação. Isto deixava-me puto em um nível inimaginável e me fazia querer proteger a minha filha desse tipo de sensação em relação à própria mãe.

— Não contou a ela sobre as aulas de dança? — inquiri, enquanto percebia que nos aproximávamos da *Academia Corpo e Som*, localizada em uma área movimentada de Copacabana, e infelizmente àquele horário já com o estacionamento cheio. Reduzindo a velocidade, fui me aproximando do prédio.

— Eu disse a ela que ia à academia, e além do mais, você sabe, não sabe? — replicou, dando de ombros de modo astuto e depois olhando pela janela do carro, como se estivesse dando a discussão por encerrada. Eu ia deixar passar, por agora. Dei uma espiada no relógio. Não estava tão mal assim, daria uma entrada rápida, veria as acomodações das aulas de dança e falaria rapidamente com a tão falada professora de Julia, e ainda estaria na empresa a tempo para reunião com os arquitetos, ou assim esperava, pelo menos.

Hoje eu tinha o dia absolutamente cheio na construtora, de forma até atípica para uma sexta-feira, mas com a viagem de Max, meu sócio e

amigo de longa data, alguns dos projetos que ele estava gerindo haviam ficado sob a minha supervisão direta, mesmo que eu tivesse passado alguns desses trabalhos para Suzana, ainda era uma demanda e tanto.

— Pai. — Julia chamou, em um tom que eu conhecia bem, antes de soltar o cinto, assim que chegamos ao estacionamento.

— Diga lá, princesa.

— Eu poderia ficar o fim de semana todo com você, não poderia? — ela sugeriu, em uma vozinha angelical. Arqueei uma sobrancelha, respirando fundo.

— Julia...

— Pai... você não quer que eu fique? Eu quero ficar, qual o problema? Não é como se ela fosse sentir minha falta e você sabe disso.

O que eu deveria dizer ao ouvir uma merda daquelas?

— Não se trata disso, meu amor. Claro que ela vai sentir sua falta, sua mãe está te esperando e você sabe que é o final de semana com ela. Não posso fazer isso assim do nada. — argumentei, calmamente. Ela cruzou os braços, insatisfeita, mexendo na mochila para não me encarar.

— É a minha vontade, eu queria ficar com você. — ela disse, antes de sair do carro, mais com tristeza do que com raiva, e isso me deixava angustiado. Eu sabia que nem todo adolescente naquela idade encararia bem aquela situação, nem entenderia o esforço que eu fazia para que ela não odiasse de verdade a mãe. Curvei a cabeça para trás no encosto do banco, fechando os olhos e respirando fundo.

De modo geral, Julia não tinha crises em relação ao arranjo jurídico e, também, “não oficial” que Amanda e eu encontramos para que ela dividisse o seu tempo entre nós dois. Apesar de que lá no fundo, uma vizinha me dizia que se eu pedisse a guarda total de Julia, Amanda não se oporia, a não ser, é claro, que isso significasse a redução das oportunidades de intrometer-se na minha vida, como ela fazia de vez em quando, eu tinha plena consciência disso. Mesmo morando comigo, Julia ia em alguns fins de semana ficar com a mãe, e aquele seria um desses dias. O problema era que nos últimos meses ela ia reclamado cada vez mais quando isso acontecia, e deixando claro o seu descontentamento em passar o final de semana inteiro com Amanda.

Saí do carro, seguindo-a.

— Querida...

Ela parou à minha frente, suspirando e voltando-se para mim.

— *Tá* ok, pai, desculpa! Eu entendo, claro, e irei pela manhã. — disse, em um fio de voz e um sorriso conciliador. Firmei-a pelos ombros, beijando seu cabelo e prometendo que faríamos algo legal quando ela retornasse, enquanto eu colocava os óculos de sol e íamos em direção à recepção da bendita academia e das suas aulas de dança.

A *Corpo e Som*, especializada em danças, era um prédio amplo e moderno de aço e vidro. Assim que entramos, Julia passou uma carteira pela catraca e falou com a moça da recepção, apontando em minha direção. Eu sorri, e a bela morena sorriu de volta de um jeito interessado, dando-me uma boa conferida que pretendia ser disfarçada, ou não, antes de apontar para uma catraca ao lado, permitindo o meu acesso.

Julia revirou os olhos com diversão, como sempre fazia quando eu era descaradamente paquerado na sua frente, o que devo dizer, não eram poucas vezes. Pisquei para a moça, aprovando

os seus belos seios destacados na camisa branca de gola polo, e entrei atrás da minha filha.

— Sério, pai, para que tá feio, *tá?* — ela riu, indo à minha frente e tirando a camisa da mochila. Observei um cara ou outro dando uma espiada nela, os imbecis, e fechei a cara de modo ameaçador, o que pareceu surtir efeito. Julia ia rápido pelos corredores em busca da sua sala de aula, comigo em seu encalço.

— Como assim, mocinha? Eu por acaso abri a boca ou fiz alguma coisa? — defendi-me, falsamente ofendido, observando as salas espelhadas com algumas pessoas aquecendo-se dentro, e outras com as aulas já em pleno andamento.

— Até parece que você precisa dizer alguma coisa.

— Foi o que eu disse. — divertido, peguei o meu celular que vibrava com uma mensagem, enquanto Julia parava em frente a uma sala de canto. Distraído, notei uma mensagem no *WhatsApp* de uma mulher de óculos e boné cor de rosa, fazendo biquinho em uma selfie e expondo um abundante par de seios em um biquíni preto minúsculo. *Hum...* boa, mas franzi o cenho,

intrigado, pois não fazia ideia de quem fosse, ainda que ela tivesse meu número. Como ela conseguiu? Interessante, porque não costumava dar meu contato para fadas aleatórias, e decididamente eu não sabia quem era aquela. Então lembrei das bebidas na sexta retrasada com os caras, e o motel com a bela morena de seios grandes no fim da noite. Eu havia dado meu telefone a ela? Que merda, cara, eu nunca fazia isso mesmo. Será que ela tinha conseguido com alguém?

Enquanto bloqueava a moça, percebi pela minha visão periférica Julia falando com alguém já dentro da sala, de forma animada, e levantei a cabeça rapidamente, já com a intenção de abaixá-la novamente para pegar uma chamada de Marcos, quando meus olhos travaram na mulher sorridente falando com Julia, vestida em uma dessas roupas colantes que as mulheres costumavam usar nas academias.

E puta que pariu...

A mulher era negra, com um sorriso imenso no rosto oval e um corpo espetacular em um tipo de camiseta azul e calça branca. A sua pele acetinada parecia brilhar, notei, e obviamente minha visão foi atraída de modo quase imediato para os grandes

seios redondos e firmes evidenciados na peça colada, para a sua cintura mais fina que ia alargando-se em quadris mais amplos, claramente perceptíveis no tecido mole da calça que ela usava.

Ela não tinha um corpo musculoso, estava mais para um corpo de ampolheta com a quantidade adequada de músculos firmes e curvas macias nos lugares certos. Cara, aquela com certeza era uma mulher que não passaria despercebida aonde quer que fosse, pensei, totalmente concentrado nela agora. Também não era muito baixa, devia ter 1,70 m, mais ou menos, mas era baixinha pelo menos em comparação aos meus 1,90 m de altura, e tinha os volumosos cabelos cacheados numa mistura de preto e castanho, dourado ou algo assim, presos para cima de modo a expor o pescoço e os ombros.

Guardei o celular no bolso do meu terno, devagar, preparando-me para curtir a vista, afinal, prioridades, não? E que caralho de vista, meu amigo.

Julia veio em minha direção, alegre, sendo seguida pela deusa de sorriso largo e lábios cheios, notei, imaginando como não ficaria aquela boca em volta do...

— Pai, essa é a Maria Luiza. Bom, Malu, na verdade. — minha filha apresentou-a, apontando para a mulher em questão que tinha ficado ao seu lado, de frente para mim — Esse é meu pai, Malu, Teodoro Stein, mas todo mundo o chama de Teo. Ele veio verificar as coisas e conhecer meu local de aula, enfim, coisas que os pais fazem.

Malu deslocou-se um pouco à minha frente e estendeu a mão de forma simpática em minha direção. Claro que o movimento fez o belo par de seios apertarem-se naquela camiseta e eu dei uma muito boa verificada, agradecendo aos céus que eu estava de óculos escuros naquele momento. Desci os olhos pelo corpo arrasador, quase lamentando não poder virar um pouco a cabeça de lado para observar melhor todos os ângulos da sua parte inferior. Tirei os óculos do rosto e estendi minha mão em sua direção, educadamente e com uma expressão neutra. Não queria que a professora de Julia, por mais gata que fosse, achasse que eu era algum tipo de pervertido louco. Porque eu não era, pelo menos não sempre.

— Olá, Maria Luiza, é um prazer te conhecer. Já ouvi muito sobre você esses dias. — eu disse, sério, encarando-a. Ela sorriu novamente,

enquanto eu pegava sua mão na minha, e virou-se para Julia. Óbvio que eu dei uma passada de vista novamente, observando a largura dos quadris daquela deusa de ébano, malditamente louco para averiguar se a parte de trás também fazia jus ao restante do pacote. Tinha um maldito palpite que sim.

— Que bom, espero tenha ouvido coisas boas. Julia é uma fofa, e tem muito talento para a dança, Sr. Stein. — ela estava dizendo para mim. Obriguei-me a prestar atenção, dando um sorriso contido. O rosto de Malu também se ajustava ao belo conjunto, percebi, observando seus lábios e os olhos escuros. Ela era linda, mesmo. Espera aí...*Sr. Stein*, não, por favor.

— Pode me chamar de Teo, Maria Luiza. — pedi, pondo as mãos no bolso da calça. Ela acenou, e percebi a olhada apreciativa que ela me deu também, de modo bem sutil, quase imperceptível, mas eu notei, claro.

— Teo. Ok. Pode me chamar de Malu, por favor. — ela disse, recolhendo a mão e afastando a vista. Caralho, minha mente conjurou uma imagem nada adequada daquela boca carnuda em certas partes do meu corpo, quando ela me chamou de

Teo, com aquela voz meio baixa e levemente enrouquecida. Ainda bem que eu já estava com as mãos no bolso da calça, já que as "certas partes" referidas na imagem erótica que me veio à mente estavam começando a manifestarem-se de modo, eu esperava, não perceptível. Limpei a garganta. Que porra, Julia estava bem ali me olhando de olhos franzidos. Ela era a professora da minha filha, calma aí, garanhão.

— Bom, eu queria saber para onde a minha princesa estava vindo, e com quem estava. Vou deixá-la em boas mãos e não vou mais atrasar a aula de vocês. — expliquei, dando uma espiada no relógio. Definitivamente eu ia me atrasar agora, mas não sem antes dar uma boa olhada naquela bunda, que eu esperava, fosse coroar tudo aquilo que eu estava vendo até agora. Por favor, Deus, pensei, vire-se, querida, que eu estou atrasado.

— Então, pai. Estou segura, a aula termina às onze horas e assim que chegar em casa eu te ligo, beleza? — Julia estava informando, sorrindo daquele jeito que dizia "tá legal, você está me constrangendo, dá o fora, que eu não sou mais uma bebê". Sorri levemente, passando a mão na minha barba loura cerrada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, querida, te vejo em casa, então. Boa aula. — Despedi-me, implorando por telepatia que a mulher se virasse e eu pudesse ver a sua bunda naquela maldita calça. Nada. Ela ficou lá, com um sorrisinho naquele rosto lindo. Eu assenti, esperando mais dois segundos, antes de piscar para minha filhota, dar um aceno mudo para a Maria Luiza e, derrotado, começar a virar-me para ir embora. Ela não ia mesmo sair do caralho do lugar?

Suspirei, derrotado, mas antes de chegar à porta virei-me, movido por um último sopro de esperança, e ela também virou-se, abraçando Julia pelos ombros e... *Putá merda*. Ela tinha uma bela e grande bunda de dar água na boca, redonda, carnuda, que balançava levemente enquanto ela caminhava, e aquela calça, pensando bem, deveria ser considerada um atentado ao pudor. Eu gemi internamente, virando-me e finalmente partindo com um sorriso sacana no rosto, tendo ganhado meu dia com aquela visão celestial. Fui em direção ao meu carro, apressado agora, pensando que era exatamente aquele tipo de mulher que uma sexta-feira à noite pedia, depois de uma semana infernal de trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 2



*Garotas festeiras não se magoam
Não sentem nada, quando eu vou aprender
Eu não dou importância, não dou
importância
Chandelier
Sia*



Ainda bem que o Sr. Stein foi embora porque, misericórdia, aquele pai da Julia estava decididamente tirando a minha concentração. Que homem, senhoras e senhores! De aplaudir de pé e com a calcinha molhada. Um verdadeiro deus nórdico, imenso, e com aquele par de olhos verdes-claros, aquele cabelo loiro levemente bagunçado e aquela barba tão loira quanto, era de sair causando tremores de terra pela cidade. Em mim tinha causado, sem sombra de dúvidas. Eu precisei usar todo o meu poder de concentração e colocar uma cara de paisagem para não assoviar e subir e descer os olhos naquele homem ali parado, com aquele sorriso leve e aquela boca... Bom Deus. Queria ter conseguido fazer uma foto e mandado para Stella, sorri comigo mesma, curvando-me, tentando concentrar-me no início da minha aula com a filha

PERIGOSAS ACHERON

do dito cujo.

O cara parecia jovem para ter uma filha da idade da Julia, talvez ele tinha o quê, uns 35 anos, pensei, elevando os braços e observando a garota fazer o mesmo, aquecendo-se para nossa aula. Bem, de qualquer modo, gostoso ou não, era o pai de uma aluna e com certeza era casado, porque minha amiga, não tem como um espetáculo daquele estar dando sopa por aí “solteiro da Silva”, pode apostar. O que não queria dizer que uma mulher com sangue nas veias como eu não pudesse apreciar devidamente um espécime daqueles, não era?

Eu tinha colocado uma música da Sia, *Chandelier*, que Julia havia dito que gostava, para irmos nos aquecendo, sentindo a dança, já que sentir uma música que você gostava ou que tinha uma conexão, ajudava a ficar mais solta, a relaxar os músculos e se concentrar nos movimentos corporais necessários para a aula.

Interessante que eu tinha gostado quase que de imediato da Julia, que tinha me procurado ao final do espetáculo na escola, interessada em ter aulas particulares de dança. Desde o início eu havia notado o interesse real da menina pelos

movimentos da dança, mesmo tendo percebido que dançar não era exatamente algo que ela tinha familiaridade. Essa questão, no entanto, poderia ser resolvida com prática e dedicação, coisas que ela vinha demonstrando bastante nas últimas aulas. Claro, além de ter ficado encantada com a garota gentil e educada, eu não podia desperdiçar a chance de obter uma renda extra, o que geralmente acontecia com as aulas particulares que os professores de dança ofereciam ali. Eu e Stella, por exemplo, amigas desde a faculdade e morando juntas no mesmo apartamento, complementávamos a nossa renda como professoras de dança com esse tipo de trabalho.

Eu estava trabalhando naquela academia em Copacabana há uns oito meses, cortesia dos contatos que Stella, graças a Deus, já tinha como professora de dança de salão ali. Nos últimos dois anos, com o meu diploma em Licenciatura em Dança, eu tinha trabalhado mais na área de Expressão e Corporal e Terapia de Dança, que era a área da minha futura especialização, e isso era ótimo porque eu poderia trabalhar mais com treinamentos e oficinas de técnicas corporais e de terapias em hospitais, clínicas, asilos e empresas.

Era algo que eu gostava muito, e me fazia sentir que, para além da dança em si, que já era algo maravilhoso, eu estava efetivamente contribuindo para a melhoria de vida e o bem-estar mental e corporal de pessoas em tratamento.

De modo geral, era um trabalho bom, que me afagava a alma e pagava as contas, já que eu precisava pagar aluguel e sustentar-me, e um salário fixo em uma grande academia em um bairro nobre da cidade tinha vindo a calhar naquele momento. Muito melhor do que contar com os contratos mais instáveis que geralmente eram feitos para esse tipo de trabalho.

Dar aulas para um ou dois alunos apenas, tinha suas vantagens, como era o caso de Julia. Eu poderia focar no que queria de forma mais efetiva do que quando tinha uma turma cheia, como na dança de salão, por exemplo. Isso não queria dizer que não fosse gratificante e delicioso dançar em uma turma repleta de pessoas, só que às vezes o silêncio, a concentração e a possibilidade de montar um programa específico para um único aluno, de acordo com as suas necessidades e objetivos, era estimulante e desafiador, e eu desconfiava que aquela menina queria bem mais do que apenas

aprender a dançar.

Depois de mais de uma hora de exercícios e movimentos que relaxavam os músculos, sentamos no chão com garrafas de água e toalhinhas ao nosso redor.

— E então, está tudo bem? É isso que você está buscando nas aulas?

— É sim, eu estou amando, Malu. Sempre me senti meio desengonçada, meio sem jeito com meu corpo, e como nunca fui muito feminina, sei lá, mas percebi lá nas aulas do espetáculo que eu conseguia me soltar bem assim, acho que foi isso...

— ela disse, timidamente. Sorri, realmente surpresa.

— Desengonçada? Pouco feminina? Que história é essa? Você é linda e graciosa, Julia. — Essas adolescentes e seus problemas de autoestima, pensei, intrigada. Mas eu sabia bem como era aquilo, guardadas as devidas proporções. Havia passado a adolescência toda achando que eu não era bonita o suficiente, ou que o meu cabelo não era “bom” e que eu precisava adequar-me aos padrões das meninas brancas para que os meninos me notassem. Tinha levado um tempo significativo até que eu tivesse confiança e autoaceitação o

suficiente para estar perfeitamente bem com a minha aparência, e eu já era uma adulta.

Julia, por exemplo, estava constantemente de preto, com camisas de bandas de rock ou super-heróis, como a que estava vestindo mais cedo, de mochila e tênis, mas ao contrário do que poderia pensar, ficava extremamente bonita daquele jeito, despojada e com cara de moleca. Aquela menina era realmente linda. Bem, agora eu sabia que puxou ao pai, concluí, suspirando.

— Pois é, sei lá, eu acho.

— E seus pais? Gostaram da ideia de você querer dançar?

Ela fez uma careta de leve.

— *Hum...* não exatamente. Meu pai ficou meio bolado, sabe? Surpreso por eu de repente querer dançar, já que sempre fui um pedaço de pau e nunca havia demonstrado interesse para dança. — ela sorriu, depois ficou um pouco mais séria, franzindo as sobrancelhas loiras muito parecidas com as do pai, notei. — Minha mãe não sabe ainda, mas acredito que não vai fazer muita diferença, de qualquer modo.

Bebi um pouco mais de água, assentindo e catalogando o seu papai como um espécime

delicioso e intocado, já que homem casado estava definitivamente fora da minha agenda, sem discussões. Uma pena.

— Não se preocupe com isso, ela vai amar quando olhar você algum dia dançando, leve, linda e solta. É impossível não amar. — garanti à menina, olhando o meu relógio de pulso e suspirando. Meu horário estava terminando e as salas eram reservadas para que tivessem aulas lá, quando estavam disponíveis. Muito provavelmente algum outro professor já deveria estar chegando para o seu horário, e eu precisava sair. — Nosso horário acabou por hoje, vamos lá?

Observei que alguns alunos já começavam a se aglomerar na porta da sala, prontos para a aula seguinte. Graças aos céus que não haveria mais aulas naquela sexta, que de modo geral era meu dia de folga quando eu não aceitava aulas particulares, então eu poderia ir para casa, tomar um banho gostoso, estudar, relaxar, ver um filme, dormir... tantas possibilidades! Talvez até sair com Stella para dançar. Tudo ia depender se ela estivesse livre, o que eu achava difícil, já que tinha um tempo que ela começara a sair com um advogado gostoso, e estava quase sempre com as sextas ocupadas.

Recolhi minhas coisas e rumei para porta, acompanhada por Julia.

—Você está indo para casa agora? — quis saber, só para garantir, lembrando do cuidado e preocupação do seu papai tesão, mais cedo. E ele estava certo, a cidade estava cada dia mais violenta, mesmo para aquelas bandas, e todo cuidado era pouco com uma adolescente sozinha.

— Sim, tenho aula mais tarde, preciso me arrumar ainda. — Antes de alcançarmos a saída, um homem negro, alto e musculoso encostou-se ao umbral da porta, com um sorriso no rosto, todos os músculos evidenciados pela camiseta preta sem mangas que ele usava. Ele me deu uma conferida, de modo descarado.

—Bom dia, dona Malu. Saindo de fininho? — perguntou, juntando as sobrancelhas.

— Acabou a minha aula Roberto, então, estou saindo, sim. Vai pegar essa sala?

— Isso, minha aula foi transferida para cá. Então, que tal um chopp mais tarde, bater um papo? — ele curvou-se em direção ao meu ouvido, sugestivo. Eu balancei a cabeça, não acreditando no descaramento de Roberto, e ajustei minha bolsa no ombro. Ele não tinha jeito, mesmo: uma vez

pilantra, sempre pilantra.

— Agradeço o convite, mas vou sair com a Stella. Aliás, a sua mulher iria com a gente, não? — perguntei, piscando um olho para ele. Roberto riu alto.

— Você não pode condenar um homem por tentar.

Inacreditável, pensei, passando por ele sem nem dar-lhe mais uma resposta. Roberto era um cara legal, sem falar que era bonito, e assim que eu havia chegado à academia, tive um pequeno “rolo” com ele, digamos assim. Saímos juntos, nos divertimos, ele era relativamente bom na cama, mas tinha um relacionamento complicado com a namorada, que ele convenientemente esqueceu de mencionar que tinha. Quando eu o confrontei, ele havia dito que eles não viviam bem e estavam se separando, claro, a desculpa típica do homem safado e traidor. Dei um chute na sua bunda e semanas depois a namorada tinha aparecido por ali com ele, como se nada tivesse acontecido. Soube depois que eles estavam morando juntos, na verdade, e nunca haviam se separado. Ele poderia tentar novamente até a morte, mas comigo não. Idiota.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando eu e Julia chegamos à porta da academia, ela pegou seu celular, chamando um Uber e me deu um rápido abraço.

— Obrigada pela aula, Malu, foi muito boa. Sexta novamente?

— Claro, sexta novamente. A gente se fala, você tem meu número.

Nós sorrimos uma para a outra, e momentos depois, um carro amarelo chegou. Julia conferiu a identificação, me deu um beijo e entrou com um tchauzinho. Eu acenei de volta e segui para o estacionamento em direção ao meu velho Palio vermelho. Já que eu tinha o restante do dia livre, não custava nadinha ir para casa ter uma tarde de beleza e descanso. Perfeição.

Quem sabe o que a sexta à noite poderia trazer para mim, porque olha, eu estava precisando. Depois do idiota de um amigo de Stella, há mais dois meses, eu não desfrutava do corpo masculino em toda sua plenitude, e desconfiava que o fogo que estava subindo pelas minhas costas e outras partes do meu corpo agora tinha um pouco a ver com aquele deus loiro que havia surgido na minha sexta-feira sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Assim que pus a minha bolsa na cadeira e saí tirando os tênis brancos dos pés, joguei-me de costas na cama, atendendo a chamada que Stella estava fazendo quando entrei no apartamento.

— Ei, Sttelinha, acabei de entrar em casa, pode falar. — pedi, começando a tirar a minha roupa, louca por um banho. Em vez da sua voz animada, ouvi um soluço, e sentei na cama de vez, preocupada. — Amiga, o que aconteceu? Você está chorando?

— Não, não estou chorando. — Stella disse, com um soluço de quem definitivamente estava chorando. Fungou novamente. — Só estou com raiva. Ai que ódio do cacete!

— O que aconteceu? Me fala, mulher. — exigi, preocupada. Stella tinha uma certa tendência ao drama, e *exagero* poderia muito bem ser o seu nome do meio, mas ela estava chorando de verdade, o que não costumava acontecer muito, de toda forma. Tinha algo muito errado acontecendo. Eu ouvi um bufar, e então ela retornou à conversa.

— Carlos. Você acredita que o cretino me deu o fora?

— O quê? Como assim?

Carlos Matarazzo, um advogado quarentão e quente que Stella já vinha saindo há uns três meses, parecia ser um cara encantador: gentil, trazia flores e a levava para jantar quase todo final de semana. Eu estava encantada em ver minha amiga louca aquietar-se e ser um pouco feliz depois da barra que ela havia passado com o ex marido irresponsável. Eles pareciam tão certos juntos, e agora aquilo? Não podia ser.

— Pois acredite, amiga. — a sua voz soou arrasada. — Estou aqui do lado de fora do prédio dele, não pude esperar para te ligar. Aquele idiota me disse que não estava preparado para o que eu estava esperando dele, como se, de alguma forma, eu tivesse dito alguma porra para ele, ou tivesse pedido um caralho de um anel de casamento alguma vez!

— Amiga, vem *pra* casa, nós conversamos aqui. Ou quer que eu vá te buscar? Vou aí. — levantei, buscando minhas roupas pelo quarto. Ouvi Stella fungar, clareando a voz.

— Não precisa, amiga, estou indo *pra* casa. Eu pego um táxi, já que eu vim com esse imbecil ontem. A gente conversa aí... já estou chegando,

fica tranquila. — ela murmurou, parecendo derrotada. Eu sabia que Stella estava muito apegada ao Carlos, mas agora estava vendo a verdadeira dimensão do que ela estava sentindo por ele. Por que diabos um cara fazia uma merda assim?

— Vem, eu vou botar um vinho para gelar, compro um sorvete e a gente fica aqui amaldiçoando esse canalha e todas as próximas gerações dele, que tal?

— Táxi! — Eu ouvi Stella gritar. Segundos depois, ela voltou a conversar, a voz dura, decidida. — Não, nós vamos fazer muito melhor: vamos nos produzir, botar nossa roupa mais *sexy*, dançar e beber até as pernas ficarem bambas. E talvez até foder horrores. Topa?

— Só se for hoje. Se tivermos sorte, você esquece esse cretino escroto e eu tiro as teias de aranha da minha boceta. Maravilha! — Respondi, com uma risada, já indo em direção ao banheiro.

Ouvi a risada de Stella

— Meu amor, com as roupas que vestiremos hoje, não vamos precisar de sorte para foder.

Quando ela chegou em casa mais tarde eu já tinha tomado banho e estava com os cabelos na

hidratação. Stella me abraçou, chorando, assim que passou pela porta, jogando de lado a mochila que tinha levado para casa de Carlos quando dormiu lá na noite anterior. Toda a determinação que ela tinha ainda há pouco no telefone parecia distante agora, enquanto eu oferecia-lhe uma taça de vinho e a sentava no sofá macio, afastando do seu rosto molhado os fios longos de seus cabelos castanhos.

— Que merda foi essa, amiga? Não estava tudo bem? — Eu comecei, depois de vê-la tomar mais um gole de vinho e respirar fundo, me encarando. Stella era linda. Assim como eu, tinha 25 anos, mas nossas diferenças terminavam ali. Ela tinha um cabelo castanho farto, ondulado, olhos castanhos claros e um corpo magro com curvas. Tinha sido bailarina por alguns anos e ainda mantinha a graça e a leveza nos membros e nos movimentos.

— Estava, sim. Quer dizer, pelo menos eu achava que estava. Estávamos saindo, fazendo um bom sexo... *Poxa*, ele me disse para levar umas coisas minhas para o apartamento dele; não foi como se eu estivesse perseguindo o cara. — Ela bufou, irritada, bebendo um pouco, parecendo mais calma agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então...

— Eu disse a ele... — ela interrompeu, limpando com raiva uma lágrima que tinha caído por sua bochecha, olhando para o chão. Eu pus meu queixo nos joelhos, observando-a em silêncio. Ficamos assim por uns segundos, até ela me encarar de volta, parecendo irritada agora.

— Eu disse na quarta-feira, ao imbecil, que eu tinha sido uma dançarina em uma boate de *Strip-tease*.

— E ele simplesmente terminou com você por isso? — Eu levantei, puta, enchendo novamente minha própria taça que estava na mesinha. — Mas que idiota dos infernos, cara. Miserável, machista, babaca!

— É, deve ter sido isso. Eu percebi que ele ficou estranho depois, distante, perguntou por que eu tive que fazer isso, se apenas porque gostava, e se eu transei com outros caras por lá. — ela sorriu, sarcástica, balançando a cabeça. — Acho que ele pensou que poderia estar por aí comigo em alguma recepção *chic* de advogados e encontrar um dos meus antigos "clientes". Como se eu tivesse transado com algum cara que foi naquela maldita boate!

PERIGOSAS ACHERON

— Não importa, Stella. Você não transou, mas e se tivesse? Ele não sabe da sua vida, das suas motivações, de nada. Ele acha que porque você foi uma *stripper*, não é boa o suficiente para ele? — eu estava muito puta. Esperava que aquele cara não aparecesse na minha frente tão cedo. Então eu olhei para ela. — Mas foi isso? Ele disse que era isso?

— Não importa, como você disse. Ele ficou estranho desde aquele dia. Eu só fui dormir lá ontem porque já havíamos combinado e ele não deve ter encontrado uma desculpa decente para não me receber, eu acho. Mas ele estava estranho, frio. Nós transamos, depois ele foi para sala e disse que a gente não poderíamos mais nos ver. Assim, do nada. Eu perguntei se foi por isso...

— E ele?

Ela riu, amarga, bebericando mais uma vez seu vinho.

— Ele disse que não, mas perguntou novamente se eu dormia com os caras da boate. Eu disse que sim, Malu. Eu disse que dormia, mesmo sem ter feito isso, só para testá-lo, eu precisava saber se era aquilo mesmo.

Eu não disse nada. Fiquei apenas olhando para ela, que continuou:

— Então ele levantou e disse que viria me deixar em casa, claro que eu o mandei se foder e saí de lá apenas com minha mochila, acabei deixando todos os meus trechos por lá. Depois eu pego, não importa agora. — Ela disse, cansada. Fechou os olhos e abaixou a cabeça. Eu fui para o seu lado e a abracei enquanto ela chorava baixinho.

— Aquele cara todo certinho e engomado não iria namorar com uma ex *stripper*, né?

— Ei, *psiu*, nada disso. Ele que é um imbecil por não querer alguém como você, Stella, esse idiota é quem está perdendo, amiga, e não te merece se pensa assim, entendeu? — eu disse, minhas próprias lágrimas aparecendo agora — E então? Pronta para aquele sorvete? Eu acabei não comprando, mas posso...

— O quê, mana? Nem pensar. Nós vamos sair, eu não disse? Vamos aproveitar os ingressos que ele me deu, isso sim. — Ela ficou de pé, meio instável, eu percebi. Nós não éramos exatamente um par de bebedoras, e a garrafa certamente estava abaixo do que eu imaginava que estaria. Olhei para ela, sorrindo, surpresa.

— Você ainda quer sair?

— Se eu quero sair? Eu quero foder. Muito.

E esquecer aquele embuste dos infernos, aquele idiota frio e engomadinho do caralho. — Pronto. Ela estava meio bêbada mesmo, pensei, divertida. — Malu, nós vamos nos depilar, você está depilada? Eu não lembro se eu... não, eu estou, afinal, eu fui dormir na casa desse escroto ontem. Pois vamos deixar as nossas respectivas “pepecas” no ponto, vamos vestir roupas fenomenais e dançar até ter pelo menos meia dúzia de homens disputando a gente.

Eu estava rindo dela, muito, sentada no sofá. Stella me encarou, irritada.

— Levanta esse seu rabo daí, vamos pintar nossas unhas e eu vou hidratar meus cabelos. Depois vamos tirar um cochilo de beleza e mais tarde nós vamos sair. Estou te dizendo, Malu! — Ela saiu andando para cozinha, mexendo nos armários. Não fazia ideia do que ela estava procurando.

— Amiga, você não quer sair e transar com outros caras... você ama esse imbecil, não é?

Ela girou a cabeça na minha direção, rápido, e eu juro que foi como a *Regan*, aquela do filme *O Exorcista*, e eu quase fiquei com medo dela.

— Não repita uma desgraça dessas, nunca

mais. Eu não amo aquele babaca, apenas gostava do pau imenso que ele tem. E da língua maravilhosa e do corpo... enfim, mas não o amo. E sim, eu quero transar com outro cara. O que há melhor do que um pau para fazer a gente esquecer outro? — ela concluiu, achando finalmente a garrafa de azeite de oliva e começando a colocar em uma vasilha. Eu suspirei. Nós íamos sair, pelo visto, e quem era eu para dizer como uma mulher deveria curtir a sua dor? Eu certamente iria querer a mesma coisa, no seu lugar.

Estava pensando nisso quando meu telefone tocou sob a bancada da cozinha. Stella e eu nos entreolhamos, então eu levantei e espiei o visor do aparelho, notando o nome de Carlos lá. Eu engoli em seco e olhei para Stella. Seus olhos arregalaram-se por um instante quando ela entendeu quem era, então ela respirou fundo e virou-se de costas, decidida.

— Não vou falar com ele, Malu. Diz para ele ir se foder!

Eu peguei o aparelho e atendi. Quando eu ouvi a voz grave e bem modulada de Carlos, respirei fundo, preparando-me.

— Olá, Malu. A Stella chegou em casa? Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estou preocupado por...

— Vá se foder! — eu disse, bem-mandada, antes de desligar o aparelho e olhar para as costas rígidas da minha amiga. Era claro que ela amava o babaca machista. Fui em direção ao banheiro, retirar minha própria hidratação do cabelo. Afinal, nós tínhamos uns caras aleatórios para pegar naquela noite.

PERIGOSAS ACHERON



Se nossas aparências fossem algum indicativo, pelo menos dois, se não seis caras, estariam disputando nossa atenção mais tarde naquela boate. E podíamos estar certas de que pelo menos com algum desses nós iríamos transar hoje, imaginei, com esperança renovada. Três meses, no mínimo, faziam a minha coleguinha lá embaixo não lembrar mais nem o formato de um pau, sinceramente. E Stella, bem, Stella estava com raiva, frustrada e magoada com o namorado, ou ex, no caso, e só Deus sabia o que uma mulher sentindo-se assim poderia fazer quando ia para a balada sozinha.

Depois de cochilar mais do que devia, afinal, além do desgaste emocional, Stella pareceu não ter dormido muito na noite passada com todos os problemas com Carlos, ela me acordou às dezoito horas, já de banho tomado e enrolada em uma toalha, secando os cabelos.

— Vamos, amiga! Levanta daí! Você não vai me fazer ficar em casa hoje. — ela resmungou, indo para o seu quarto, mas então voltou e pôs a cabeça pela porta, muito séria. — Encontre a roupa

PERIGOSAS ACHERON

mais ousada que você tiver aí nesse guarda-roupa, e enfie nessa sua bunda gostosa, eu vou fazer o mesmo.

Eu sorri, balançando minha cabeça e sentando na cama. Antes que dormíssemos, o meu celular tocou ainda mais seis vezes, todas chamadas de Carlos. Eu até quis atender, claro, podia ser algo muito importante, mas Stella me proibiu, assim como proibiu o seu João, porteiro do nosso prédio, de deixar o Carlos subir, quando ele veio pessoalmente horas depois que eu o mandei se foder. Eu a entendia, ela estava magoada e ferida, e não queria falar com ele.

Agora, ambas no espelho do banheiro conferindo os nossos visuais e retocando os últimos detalhes de nossas maquiagens, eu olhei para Stella, que tentou cobrir com corretivo e base as manchas debaixo dos olhos, mas eles continuavam um pouco vermelhos e inchados de tanto chorar. Ela passou as mãos pela blusa em estampa floral frente única, de costa nua, amarrada no pescoço, e virou-se de costas para ver o efeito que a calça jeans clara, super colada, estava fazendo na sua bunda.

— E aí, como estou?

— Eu pegaria, se fosse minha praia. —

Elogiei, rindo, afofando meus cachos e dando volume ao meu longo cabelo cacheado que chegava ao meio das costas. Havia secado e optado por deixá-lo solto, e assim como Stella, vesti uma calça jeans *skinny* mais escura, que eu tenho certeza que eu precisaria cortar depois para sair de mim, de tão colada que ela estava, e havia completado o meu visual com uma blusa folgadinha que mal chegava ao meu umbigo, de mangas compridas e caída nos ombros, deixando apenas um deles à mostra. Precisei pôr um sutiã sem alças, claro, porque meus seios não eram como os de Stella, que ficavam lá, em ponto de bala, os meus eram maiores e pesados, e sem chance de sair por aí sem sutiã. Calcei sandálias pretas de salto alto e pus um brinco único de estampa afro, deixando os cabelos para um lado, caídos no ombro. Stella me avaliou, balançando a cabeça em aprovação.

— Amiga, estamos gostosas demais, altamente comíveis. — Riu, e eu percebi que, ou ela havia tomado mais vinho depois que acordou, ou que ainda estava sob o efeito das taças que havia ingerido mais cedo. Ela não quis almoçar, então podia ser muito bem o álcool ainda agindo desde aquela hora. Entre preocupada e animada, em doses

iguais, eu olhei para ela, recostando-me na pia.

— Stella...

— Nem vem, não quero saber. Só quero esquecer, Malu. Só hoje. Amanhã eu choro de novo, mas hoje não. — Ela levantou o queixo, parecendo firme. Parecendo, apenas.

— Não está mais aqui quem falou, amiga, apoio você totalmente, vamos lá. Ah, e por falar em comível... lembra da garota que eu estou dando aulas particulares na academia, a menina do Alpha, Julia?

— Sim, lembro, o que é que tem? — Stella vaporizou seu perfume favorito, e encarou-me.

— Minha amiga, o pai foi levá-la hoje para a aula, conhecer o local, todo cuidadoso e ciumento, eu percebi. Stella, pensa, amiga: loiro, alto, gostoso, uma barba maravilhosa, olhos verdes... cheguei a sentir a calcinha quase cair sob o peso da umidade, juro. — contei, rindo, saindo e sendo seguida por ela em direção à sala. — Lembra daquele ator de *Rei Arthur*, o filme novo? O loiro? Então.

Stella arregalou os olhos, incrédula.

— O Charlie Hunnam? Sério? E rolou algo, você...

— Esquece, acho que o cara é casado, é só para apreciar de longe mesmo. — suspirei, enquanto íamos as duas para a rua, esperar o nosso *Uber* lá embaixo, afinal, como pretendíamos tocar fogo no local para onde estávamos indo, ninguém era louca de voltar dirigindo.

Stella e eu ficamos na portaria do prédio, aguardando, recebendo olhares apreciativos de uns caras que passavam, o que já era um ótimo sinal. *Seu* João, um dos porteiros do nosso prédio, sempre agradável e respeitoso conosco desde que chegamos para morar neste prédio, veio nos fazer companhia.

— E então, meninas, boa noite. Um sambinha para descontrair? — ele sorriu, ajustando o cinto sob a enorme barriga.

— Boa noite, *seu* João. Na verdade, hoje acho que vamos naquela boate na avenida, que inaugurou na sexta passada. Deixa o sambinha para um outro dia. — Stella riu, segurando no meu ombro. Misericórdia, eu não devia tê-la deixado beber tanto assim, mas achei que a gente não fosse mais sair, no fim das contas. — Vamos beber e comemorar a morte e castração de todos os paus do mundo, não é, Malu?

PERIGOSAS NACIONAIS

O porteiro arregalou os olhos, afastando-se um pouco da gente e mexendo no cinto de novo, como se estivesse preocupado com a afirmação de Stella. Eu gemi, depois ri quando ela continuou, vendo o olhar terrificado dele. — Menos o senhor, *seu* João, não se preocupe, o senhor não deixou aquele babaca escroto e cretino subir, então, não vai ter seu...

— Stella, amiga... — adverti, vendo o nosso *Uber* chegar, virando a esquina do nosso prédio.

— Dona Stella, o seu Carlos estava realmente preocupado. — *Seu* João começou, cauteloso, mas Stella fez a mesma coisa que havia feito comigo na cozinha, virando a cabeça na direção dele, que afastou-se mais dois passos de nós.

— Eu não sei de quem o senhor está falando, não me faça retirar o seu nome da lista de homens que podem continuar seguros com seus respectivos paus, está bem? — ela disse, calmamente, enquanto o carro parou perto de nós.

— Madames, a seu dispor. — o motorista disse, simpático.

É, parece que ia ser uma noite, no mínimo, interessante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 3



Venha, baby, acenda meu fogo

Venha, baby, acenda meu fogo

Tente incendiar a noite

Light My Fire

The Doors



Enrolei a toalha ao redor da cintura enquanto enxugava os cabelos com outra, concentrado no meu celular. Estava sentindo-me quase humano de novo depois de horas de reuniões e análises de projetos, até sair da empresa depois das 18 horas e vir para casa, a tempo de preparar um macarrão para mim, Julia e sua amiga Paty. Eu gostava de cozinhar, me distraía e me deixava relaxado quando eu estava em casa e, claro, minha filha apreciava isso. Existia ainda o fato de que saber preparar um prato ou outro também ajudava a encurtar o caminho para a cama de uma mulher, de vez em quando, se ela realmente valesse a pena, claro.

Na verdade, para aquela noite eu pensei em ver um jogo que tinha deixado gravando e beber uma cerveja enquanto fazia isso, quando uma

PERIGOSAS ACHERON

mensagem de Marcos mais cedo lembrou-me do aniversário de Ricardo, que seria comemorado na sua própria boate inaugurada na semana anterior. Ricardo havia me convidado, obviamente, mas na ocasião eu acabei tendo um programa com a Julia e não pude ir.

Eu não era exatamente um cara de boates, a não ser que fosse de *stripper* e em ocasiões especiais, mas era o aniversário de Ricardo e o cara não era culpado se eu tinha uma adolescente de 17 anos na minha cola em uma sexta à noite. Eu iria até lá, então, e combinei com Julia que ela ficaria muito bem jogando com a amiga e tomando sorvete até que eu voltasse. Além do mais, eu não pretendia demorar tanto quanto de costume quando saía com os caras, era só o tempo de dar um abraço no Ricardo, apreciar o novo estabelecimento e jogar um papo fora. Nem estava programando beber, por isso mesmo eu ia dirigindo.

Joguei a toalha na cama e continuei enxugando o cabelo, compenetrado respondendo às mensagens de Marcos que insistia em viver mandando aquelas mensagens por aplicativos em vez de simplesmente ligar. Ele avisou que estaria saindo de casa em dez minutos, e eu informei que

estaria lá um pouco mais tarde, apenas, quando o meu celular tocou, interrompendo a nossa conversa.

— Porra...

Olhei o visor, constatando que era Amanda, e tentei lembrar se tinha alguma coisa para discutir com ela, mas nada me veio à mente e atendi, mesmo assim.

— Oi, Amanda. Diga lá.

— Oi, Teodoro, boa noite. Você está em casa?

— Sim, estou. Aconteceu alguma coisa?

— Não, meu amor, está tudo bem. Só queria saber se está tudo certo para a vinda da Julia amanhã. Estou ansiosa, sabe? Mandei preparar o pudim preferido dela, apesar de não entender o motivo da Julia entupir-se de calorias desse jeito, mas enfim... vai ser um bom final de semana. — Ela concluiu meigamente, com aquela voz educada e sutil.

Eu quase podia ver o sorriso discreto transparecendo na voz aveludada de Amanda. A mulher era o epítome da *lady* bem-educada, sem um fio de cabelo fora do lugar, e falava e sorria exatamente como fazia todo o resto em sua vida: com elegância quase fria. De um tempo para cá, eu

vinha cada vez mais fazendo essas considerações mais críticas sobre ela, e percebi que minha paciência, que já tinha sido muito maior, estava mingando. Suspirei pesadamente e tentei falar com calma.

— Fico feliz Amanda, mas talvez não seria interessante você ligar para a Julia e dizer essas coisas pessoalmente? Acho que ela vai gostar de saber que você está ansiosa para ficar com ela. — Sugeri, movendo-me nu para a gaveta de cuecas no armário. Eu não estava sendo irônico, por incrível que pareça, achava que ela realmente deveria falar mais com a filha e não ficar ligando para mim para dizer qualquer coisa nesse sentido.

— Ah, claro que sim, Teodoro. — ela retrucou. Amanda era a única pessoa mais íntima que eu conhecia que não me chamava de Teo, como todos faziam. — Eu vou ligar para ela, claro. Julia está aí do seu lado agora?

— Não, estou no meu quarto. Ligue para ela, por favor. Julia está com a Patrícia lá embaixo, jogando *Playstation*. — informei, enquanto colocava uma cueca boxer preta e ia para o banheiro.

— Hum, ok... Então você vai sair, meu

amor?

Eu me contive para não rolar os olhos como Julia fazia, ao ouvir a expressão que a minha esposa não deixava de usar para referir-se a mim. Na realidade, eu não ligava muito para aquilo, tanto fazia como ela me chamava, era só mais uma das manias que Amanda mantinha mesmo depois do divórcio, e nunca tinha me incomodado muito. Mais uma vez, eu estava apenas meio sem paciência com ela, talvez.

— Sim, em dez minutos.

— Você vai sair e deixar nossa filha sozinha?

Eu parei, vestindo minha calça, com o celular preso entre o ombro e o pescoço.

— Sério Amanda, que você está me perguntando isso? Eu não sei se você ouviu, mas ela está com a Patrícia, estão jogando. E já que você está preocupada com a segurança da nossa filha, lembre-se que a minha casa tem sistema de alarme, e o Campos está aqui. Ela está segura, eu acho.

— Tudo bem, não fique irritado, eu sei de tudo isso, só estava lembrando que nas sextas-feiras você, eventualmente, ficava em casa com ela. Só

isso. — ela estava dizendo, sua voz soando por todo o quarto agora que eu a botei no sistema de viva-voz para que eu pudesse calçar-me.

— Eventualmente, sim. Mas não hoje. É aniversário do Ricardo.

— Ah, é mesmo? Nossa, não lembrava. Ele vai fazer algo? Na casa dele?

— Não, vamos sair para beber. E por falar nisso, querida, eu estou meio ocupado aqui. Podemos nos falar depois?

— Tudo bem, te vejo amanhã, então. Dê um abraço no Ricardo por mim, meu amor. — cantarolou, antes de fazer um som de beijinho e desligar. Eu terminei de me vestir, peguei minha carteira e as chaves do carro de cima do criado-mudo e descí as escadas para despedir-me de Julia.



Quando cheguei nas proximidades da boate, passava um pouco das 22 horas e o local já estava claramente “entupido”, inclusive o estacionamento. Muitos carros estavam estacionados nas proximidades e eu soltei uns dois “caralhos”, rodando, até encontrar um local mais próximo para poder estacionar. Marcos já estava me ligando

PERIGOSAS ACHERON

novamente, como a putinha ansiosa e estressada que ele era, e eu puxei meu telefone do bolso da calça assim que encontrei uma vaga.

— Eu já cheguei porra, estou entrando. — disse, desligando em seguida.

Ainda tinha muita gente do lado de fora, em uma longa fila para entrar na *Beach*, mas eu me dirigi diretamente para a entrada, encontrando Paulo, amigo de Ricardo, um “armário” de mais de 2 metros de altura, parado à porta controlando a entrada das pessoas. Estendi a mão, e ele retribuiu abrindo um largo sorriso e apontando uma entrada lateral.

— Stein, seja bem-vindo. Marcos está puto contigo lá dentro. — ele informou, e eu balancei a cabeça sorrindo e entrei, sendo engolfado imediatamente pelo som alto e o calor dos muitos corpos movendo-se ao redor. O cara tinha realmente bom gosto e tino para aquele tipo de negócio, pensei, esgueirando-me pelos corpos femininos e masculinos, que se agitavam ao som de uma música eletrônica pulsante que eu não sabia quem estava cantando. Como eu ia saber, na verdade, se quase não circulava por aqueles ambientes?

Estou velho aos 38 anos, conclui, sentindo-me agoniado no meio daquele povo todo. Como Marcos e Diego informaram que estavam na área *vip*, na parte de cima, do lado direito, onde havia mesas e espaço suficiente para respirar, eu esperava, encaminhei-me naquela direção, não deixando de notar o número absurdo de mulheres gostosas e escassamente vestidas que espalhavam-se pelo local, seus corpos balançando no ritmo da música. Boas-vindas apropriadas, pelo menos.

Não demorei muito a encontrar a mesa na qual ambos estavam sentados, e acenei para eles.

— Puta que pariu, Teo! O que foi, estava trocando o absorvente? Que caralho, tem mais de uma hora que a gente está te esperando. — Marcos reclamou, depois de me cumprimentar com um abraço e indicar a poltrona ao seu lado.

Marcos, amigo e primo, era tão alto quanto eu, mas tinha cabelos pretos curtos e olhos verdes-azulados. Era também, com toda certeza, um dos maiores playboys do Rio de Janeiro, bem como um dos herdeiros de uma das maiores fortunas do Estado, que ele apreciava devidamente com festas e mulheres bonitas.

— Vai te lascar, eu avisei que a Julia estava

comigo hoje, e eu cheguei tarde do trabalho. Qual é, sentindo muita a minha falta? — sorri, aproximando-me agora para cumprimentar o seu irmão mais velho, Diego, parecido com Marcos fisicamente, apesar de ser mais alto e mais forte, mas com um comportamento totalmente distinto da vida agitada e boêmia do irmão. Diego era calmo, comedido, e o fato de usar óculos e estar quase sempre em roupas formais criava um contraste maior ainda com o irmão mais novo. Já tinha sido professor e agora era procurador de justiça, e mesmo com a fortuna da família, e sendo o filho mais velho, deixou os negócios pela conta pai e do irmão e foi em busca de uma carreira própria na área jurídica. Eu estranhei até mesmo ele estar ali com Marcos, já que não era exatamente um cara de baladas. Bom, eu também não era e estava ali. Não podia negar que preferia um barzinho calmo com um som humano, leia-se “músicas menos agitadas”.

— Teo, bom te ver, tudo bem? — Diego estava dizendo, retribuindo o meu abraço. Nós sentamos e começamos a falar sobre coisas triviais, algo possibilitado pelo som menos estrondoso ali na parte em que estávamos.

— Gostou do lugar? Me diz que Ricardo

não está se transformando em um puta empresário do ramo do prazer? — Marcos comentou, fazendo sinal para uma garçonete gostosa que estava por perto, dando a menina todos os *megawatts* do seu sorriso, algo que ele achava que era sua marca registrada ou alguma idiotice assim.

— Até parece que o cara abriu um puteiro, e não uma boate. — retruquei, recostando-me na poltrona confortável e cruzando minhas pernas na altura dos joelhos, mas passei a vista pela massa de corpos dançando alguns metros à nossa frente e tive que concordar com ele.

Observei que Marcos agora estava falando com a garçonete, de olhos vidrados no belo par de peitos da moça, que estavam praticamente saindo do uniforme vermelho que todas elas estavam usando. Tanto as meninas quanto os garçons também, que vestiam uma roupa tão colante quanto a versão feminina, uma infinidade de músculos aparecendo pela camisa sem mangas que usavam. Eu estremeci com a visão do inferno, voltando minha atenção para Marcos, que estava falando comigo.

— Vai beber o que quê, cara?

— Não vou beber, já te falei. Julia está lá

em casa e amanhã vai cedo para a casa de Amanda, tanto que vim dirigindo. Deixa para a próxima.

Ele fez uma expressão emputecida, dispensando a garçonete gostosa, e Diego sorriu.

— Eu não disse que ele tinha virado uma moça? Cara, que porra é essa? Aqui está cheio de mulher gostosa, dá até para sentir o cheiro de boceta no ar. Sentiu? — Marcos inspirou fundo, fechando os olhos, fazendo Diego rir e quase engasgar com a sua bebida. — A noite está só começando, e é aniversário do Ricardo. Até o careta do Diego está bebendo, e você não?

Eu ri, ignorando as asneiras dele e fazendo sinal para outra garçonete que passava. Ela era linda, um corpo curvilíneo evidente no uniforme colado, e tinha longos cabelos vermelhos, mas olhou para a nossa mesa de olhos arregalados e virou as costas, praticamente derrubando a bandeja de bebidas no processo. Arqueei uma sobrancelha, sem entender nada, e um dos garçons viu e veio em minha direção imediatamente, mas eu o dispensei com um aceno. Sóbrio tudo bem, agora ficar sentindo a quentura de um macho quase nu do meu lado, já era demais. Preferia ser atendido pelas meninas, bem melhor, já bastava aqueles dois

idiotas ali.

— Eu apenas não vou beber, não quer dizer que eu perdi meu pau. Nada me impede de chegar em alguma mulher e pegar um número para amanhã ou sexta que vem. — garanti, quando outra menina chegou e eu fiz meu pedido de uma água com gás. Marcos me deu uma palmadinha nas costas, acendendo um charuto, sua marca registrada quando estava bebendo uísque. Enquanto isso, Diego levantou rápido e disse que ia ao banheiro, quase levando a nossa mesa junto, desaparecendo na multidão que já enchia a pista de dança àquela hora.

Ricardo surgiu do outro lado, vindo diretamente em nossa direção com um amplo sorriso no rosto e um copo de bebida na mão direita.

— Olha aí o aniversariante. — eu levantei para cumprimentá-lo e Marcos me acompanhou. Nos abraçamos brevemente, desejamos um feliz aniversário a ele, e Ricardo sentou, passando as mãos nos cabelos pretos, ainda úmidos, e afagando a barba cerrada.

— Valeu, caras. E o Diego? Não estava aqui com vocês?

— Foi ao banheiro, eu acho, mas não me surpreenderia nada se ele fosse embora, você sabe que ele não vem em boates. Só veio porque é teu aniversário. — Marcos informou. Ricardo concordou com um aceno, olhando em volta.

— E aí, o que acharam?

Essa era a segunda boate que Ricardo inaugurava, e pelo jeito, ele estava indo muito bem naquele negócio. Assim como a anterior, a *Lounge Club*, esta parecia ser o novo *point* de diversão de uma infinidade de pessoas dos mais diferentes tipos, e um local em que uma grande quantidade de famosos estava circulando, notei. Seria um sucesso, pelo visto, e isso me deixava feliz por ele.

— Está foda, cara, parabéns. Claro, eu apreciaria muito mais se fosse há dez anos, mas o lugar é sensacional. — disse, provocando uma risada nele.

— Você fala como se estivesse com 60 anos, Teo. Não fode.

— Ei, eu sou o mais velho aqui, caso vocês não estejam lembrando disso. Minha filha vai fazer 18 anos. Puta que pariu, pra que eu fui lembrar disso? — gemi, bebendo minha água que havia chegado, enquanto os dois imbecis divertiam-se

com o meu tormento.

— Não estou esquecendo não, amigão. Julinha daqui a pouco está na pista, e eu espero, pelo bem da minha sobrinha linda, que ela não seja o instrumento que vá fazer você pagar todos os seus pecados com as mulheres. — Marcos riu ainda mais, soprando a fumaça do charuto para cima, enquanto Diego chegava, ocupava o lugar ao lado de Ricardo, visivelmente de cara amarrada e dando um enorme gole no seu uísque sobre a mesa.

Eu dei uma porrada no ombro de Marcos e o chamei de babaca do caralho, que era o que ele era, antes de Ricardo focar a sua atenção em Diego, porque ele nunca deixava nada passar, de qualquer forma.

— Ei, qual o teu problema, homem da justiça?

— Ricardo, desculpa, cara. Feliz aniversário. — ele disse, levantando-se e dando um abraço no amigo de longa data. Eu notei, no entanto, que Diego estava tenso, ajustando os óculos de grau no rosto, como costumava fazer quando estava assim. Ricardo franziu as espessas sobrancelhas negras.

— Valeu, mas você está putinho. O que foi,

cara?

— Apenas encontrei alguém aqui que eu não esperava encontrar. Por falar nisso, quem fez a seleção das suas garçonetes? — Diego perguntou, de modo desinteressado, olhando para o fundo do seu copo de uísque, bebendo tudo, e então fazendo um sinal para um garçom que passava para ter outra bebida. Diego bebendo feito um psicopata, eu vivi para ver isso, pensei, com um sorriso divertido, vendo Marcos e Ricardo olharem para ele com expressões igualmente surpresas. Este último bebeu seu uísque, dando de ombros.

— Um monte de gostosa, quem mais faria? Claro que fui eu. Todas selecionadas a dedo, mãos, boca e... pau, obviamente. — ele riu, desdenhoso, encarando Diego e nos fazendo rir também. — Gostou de alguma em especial? Tem que falar comigo primeiro e...

Diego encarou Ricardo com uma expressão fria, estreitando os olhos em sua direção, por trás dos óculos.

— Que caralho você quer dizer com isso, seu imbecil? — rosnou, apoiando os cotovelos na mesa. Eu, Ricardo e Marcos nos entreolhamos, abismados. Primeiro porque ele bebeu novamente o

conteúdo do copo de uma vez só, e depois porque Diego não era de xingar, muito menos ameaçava de morte um amigo de infância assim, apenas com o olhar. Ricardo levantou as mãos em sinal de rendição, divertido, olhando para Diego de modo provocador.

— Ei, você me conhece, cara. Qual é? Claro que eu iria tirar uma provinha desse monte de boceta gostosa que está circulando aqui no meu próprio clube, afinal, são minhas funcionárias. — ele riu, e Marcos e eu acompanhamos. Mas o sorriso deslizou da sua cara quando um Diego putíssimo grunhiu baixo em sua direção:

— *Qual delas?*

Ricardo, perplexo, olhou para mim e Marcos que também tínhamos nossos sorrisos meio congelados na cara, antes de virar-se novamente para Diego.

— Cara, não pira, é claro que eu não vou comer minhas funcionárias, eu nunca faria uma porra dessas. — ele completou, sério agora, então observou atentamente quando Diego soltou o ar dos pulmões e recostou-se na poltrona, respirando fundo. — Mas agora eu quero saber, já que não sou um idiota. Desembucha. De qual das minhas

meninas exatamente você está falando, Diego?

Eu observei Diego balançar a cabeça, parecendo recompor-se da atitude estranha de momentos antes. Olhou em direção à pista de dança, mas não disse nada. Ricardo olhou em sua direção, não querendo soltar aquele osso tão fácil, pelo visto.

— Vai, desembucha, babaca. Qual das meninas você quase teve um ataque cardíaco achando que eu comi? Me diz o nome dela, quem sabe eu te informo se comi ou não. — riu, malicioso, enquanto Diego estreitava novamente os olhos azuis em sua direção, ainda sem dignar-se a responder. — Fala, cara. Se você me falar eu posso até relaxar, quem sabe e...

— A Diana. Fica longe dela, estou te avisando. — Diego resmungou, parecendo novamente puto com o amigo. Marcos, até então estranhamente calado, talvez abismado com a atitude do irmão, entrou na conversa, de sobranceiras franzidas, encarando Diego.

— Diana? A assistente lá do Ministério? Ela trabalha aqui também? — perguntou, olhando em volta, interessado, enquanto Ricardo, sorrindo, tomava um gole da sua bebida.

— A beleza de cabelo vermelho? Você a conhece? Olha, ela é gostosa pra caralh...

— Não ouse. — Veio o rugido de Diego, baixo, controlado e, por isso mesmo, mais ameaçador. Ricardo deu uma gargalhada imensa, balançando a cabeça, enquanto eu e Marcos acompanhávamos.

— Puta merda, cara, relaxa. Se tem algo acontecendo entre você e a *Red*... — os olhos de Diego voaram para Ricardo, e ele levantou as mãos. — Não fui eu quem inventou o apelido. O James, um dos *bartenders*, que a chamou dessa forma. Por falar nisso, seu idiota, acho que você devia ficar de olho não em mim, mas nele, que passou o dia todo colado nela, desde que chegou.

Diego ouviu com uma cara fechada, mas não disse nada, e Ricardo, claro, continuou:

— Ok, eu vou ficar de olho nela, já que você está assim todo territorial por causa da tua “assistentezinha” de cabelo de fogo. Mas talvez James já esteja na área, só avisando.

Diego permaneceu em um silêncio pensativo, irritado, mas então levantou-se.

— Quem, porra, é James? — ele finalmente perguntou, tomando um outro longo gole da sua

bebida e saindo da área reservada em direção à multidão, na parte de baixo, certamente em direção ao bar, eu presumia. Eu e Marcos nos entreolhamos e levantamos para ir atrás dele, com Ricardo vindo logo em seguida. Nunca se sabia o que poderia acontecer.

De qualquer forma, eu poderia não estar bebendo aquela noite, mas iria ver o tormento de um amigo querido, apreciar peitos e bundas gostosas e com toda certeza pegar dois ou três números de telefones para garantir algumas fodas nesse mês, pelo menos para dar uma variada da Suzana, decidi, enquanto descia, com Marcos no meu encalço. Seria uma noite divertida, pensei, chegando ao bar justo hora em que uma bunda incrível apertada em uma calça jeans colada chocou-se contra a minha virilha, provavelmente quando a sua dona abaixou-se abruptamente para recuperar algo que havia caído no chão, próximo ao balcão do bar onde estávamos agora.

Quando a mulher, sentindo que havia trombado com a bunda em algo, virou-se rapidamente, levantado com um brinco na mão e encarando-me, pronta para pedir desculpas, eu olhei para o seu rosto e sorri. Sim, Deus existia, e

gostava muito de mim, pelo jeito.



A mulher que tinha me dado uma ereção quase instantânea, chocando-se deliciosamente com meu pau até então perfeitamente acomodado no meu jeans, não era outra se não a gostosa da professora de dança da minha filha. Malu? Era algo assim, não importava muito. O importante era que, puta merda, se era possível, ela estava mais gostosa ainda do que naquela manhã. Encarando-me agora com uma expressão de surpresa e embaraço, ela estava pondo um brinco na orelha esquerda.

— Senhor Stein?! Eu peço desculpas por isso... Nossa, nunca pensei que fosse te encontrar aqui. — ela disse, com um sorriso constrangido. Apreciei a cena, enquanto registrava de modo lento o que ela estava vestindo.

Ela usava uma calça jeans colada que eu já tinha apreciado por trás, e que agarrava-se a todas as curvas daquela bunda espetacular que eu tive o prazer de notar em primeira mão pela manhã. Vestia também uma blusinha que mal chegava à cintura, deixando um pedaço de pele da barriga à mostra e expunha um dos ombros. Aquela blusa

PERIGOSAS ACHERON

corria um risco sério de deslizar inteiramente por seu ombro e expor o par de peitos sensacionais que se destacavam ali, e eu imaginei o impacto que ela deveria estar causando na população masculina daquela boate.

Se não bastasse isso, os cabelos, abundantes, cheios de cachos exuberantes caindo por seus ombros, estavam soltos, seus lábios pintados com um tipo de batom escuro, sexy, que contrastava bem como o inferno com aqueles olhos amendoados que ela possuía. A mulher era a porra de um nocaute, mesmo. Linda, eu concluí, o problema era que eu não era o único macho com dois pares de olhos ali, outros caras já deviam ter chegado a mesma fodida conclusão. Então lembrei, por que mesmo eu estava me importando com isso, afinal?

— Malu, não é isso? Que prazer te reencontrar. E meu nome é Teo, por favor, nada de Sr. Stein. — pedi, lembrando exatamente do seu nome e curvando-me um pouco para falar mais perto dela, já que mesmo de salto, notei, ela era mais baixa do que eu, e o som da boate ainda era alto ali. Era uma ótima justificativa para sentir o seu cheiro. E porra, ela tinha um cheiro bom pra

cacete, uma mistura de perfume, do cheiro do seu cabelo e da sua pele, que era estonteante. Malu deu um meio sorriso e levantou o rosto para me encarar.

— Teo, então. Te peço desculpas, por fazer você trombar em mim assim. Meu brinco caiu... — ela sorriu, sem graça, mas parecendo também dar-me uma bela conferida, também. Peguei você, pensei, com um sorriso discreto.

— Sem problemas, está tudo bem com você? Você poderia ter se machucado, desse jeito. — cruzei os braços sobre o peito, e ela acompanhou o movimento, mas retirou rapidamente os olhos. Voltou a me encarar e sorrir novamente, dando uma puxadinha discreta na blusa que teimava em escorregar lentamente pelo ombro de pele marrom dourada. E meu olhar voou para lá, captando um pedaço pequenino de lingerie vermelha.

Franzi as sobrancelhas e a encarei, tentando ignorar a vontade de ver um pouco mais aquela peça vermelha nela. O foda era que tinha uma outra vontade surgindo também, meio incômoda, a de puxar aquela merda daquela blusa para cima. Qual o problema com essas roupas hoje em dia, que ficavam escorregando nas mulheres?

— Está tudo bem sim, obrigada. Eu só... — Malu não terminou de falar, eu ouvi, mas do que vi, Marcos notar a nós dois perto dele, no bar. O desgraçado deve ter se cansado de se divertir com o irmão e me procurou, provavelmente.

Ouvi quando ele soltou um “puta merda” e esticou o pescoço para ver quem estava conversando com a mulher logo à frente dele. Eu cerrei a mandíbula levemente, arqueando uma sobrancelha para ele, e Malu deve ter visto, porque virou e ficou de frente para Marcos para saber quem era a nossa companhia.

— Teozinho, meu primo querido, não vai me apresentar a sua amiga? — o babaca estava dizendo, com aquele sorriso fácil dele, dando uma conferida rápida em Malu, antes de virar-se para mim na banquetta.

Dei um passo à frente, ficando ao lado de Malu, com a mão quase coçando para puxar aquele caralho daquela blusa pra cima. E, enquanto ela me olhava, com um olhar inquisitivo em relação a Marcos, eu notei os olhos do imbecil caírem como um foguete para os seus seios, voltando ao rosto em um átimo de segundo quando ela virou-se para ele de novo. Eu conhecia bem aquele truque dele,

PERIGOSAS NACIONAIS

todos nós, homens, o usávamos. Dei mais um passo, meio que a deixando atrás de mim, e encarei Marcos.

— Marcos, essa é a Maria Luiza, professora da Julia. — informei, sem tirar os olhos dele, omitindo o que a mulher ao meu lado exatamente ensinava para a minha filha, não queria dar imagens inapropriadas para a imaginação fértil dele. — Malu, esse é Marcos, meu primo.

— Um prazer te conhecer, Maria Luiza. — ele estendeu a mão.

— Um prazer, também, Marcos.

Ele sorriu de lado, entrando no modo *Dom Juan*, e eu quis, não sei bem o porquê, dar um soco naquela cara de idiota dele. Qual o problema daquele cara? E onde estava Diego, que já tinha acabado com o show com a tal *Red* e tinha deixado aquele panaca do irmão dele ali para me atormentar?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 4



*Essa vai para todas as minhas garotas
Que estão na boate curtindo as novidades [...]*

Run The World (Girls)

Beyoncé

Malu

Eu tinha morrido e estava no paraíso dos caras gostosos pra cacete, só podia ser isso. Como assim esses homens tinham simplesmente surgido aqui ao meu redor? Onde estava Stella quando precisava-se dela para comentar sobre esse fenômeno? Quer dizer, aquilo era tipo um milagre, você precisava de outra pessoa ali, vendo contigo, porque se você contasse depois, poderiam não acreditar.

Eu ainda estava sob o impacto de ter trombado, *correção*, de ter chocado minha bunda na virilha do pai de Julia, e de repente ele estava ali, me olhando com aquele par de olhos verde-água e aquela barba que me dava vontade de... de quê, Maria Luiza? Esquece o cara, ele provavelmente é casado e você não fica com caras casados, esqueceu?

Então, de repente, surge outro deus de cabelo preto e olhos azuis, de deixar a pessoa sem fôlego. Como assim, Brasil? Mesmo o tal Marcos sendo um gato, não havia como negar, eu tinha que dizer que o Sr. Stein, quer dizer, o Teo, era muito mais gostoso na minha humilde opinião, só para

PERIGOSAS ACHERON

constar. E quando ele inclinou-se e falou com aquela voz grave perto do meu ouvido... eu quase derreti todinha em uma poça de gosma de tesão, no chão, à sua frente.

O gato de olhos azuis, Marcos, estava falando comigo. Concentra aqui, Malu.

— Professora, olha que interessante. Você ensina no Alpha, Maria Luiza? — ele perguntou, com um sorriso de derreter calcinhas, eu tinha certeza, bebendo algo que parecia uísque. Não derreteu a minha só porque ela já tinha sido derretida antes pelo olhar de Teo, e pelo sorriso lindo que ele deu. Mas só por isso.

Dei uma puxadinha na minha blusa, botando-a no ombro novamente. Eu estava sinceramente puta com aquela blusa. Quando eu a provei, mais cedo ao sair de casa, ela ficava lá perfeita no meu ombro, charmosa. Agora, foi só eu dançar umas três vezes com Stella, e a danada não parava mais na porra do lugar, e eu tinha que ficar puxando, discretamente. Eu esperava que ela não descesse mais e expusesse o meu sutiã. E não, isso não era sexy, era irritante.

— Não, na verdade eu não dou aulas no Alpha, mas sou professora de dança. — eu estava

dizendo quando Teo puxou-me de lado pelo cotovelo, gentilmente, e meio que sentou na borda da banquetta que ficava entre mim e o tal primo dele, cruzando os braços e encarando firmemente o cara. Ele estava sendo protetor comigo, era isso?

Era ali naquela banquetta que Stella estava sentada, bêbada, antes de ir rapidamente atender o telefonema do Carlos, finalmente. Ela tinha saído para falar em um lugar mais calmo, e eu ia segui-la quando meu brinco de 50 *paus* caiu perto do balcão. E, minha amiga, se ele custasse 5 reais, eu ia abaixar para pegar, imagina 50 contos do jeito que as coisas estavam hoje, certo?

— Marcos, você pode me dar um instante aqui? Eu estava no meio de uma conversa. — ouvi Teo dizer educadamente, e escondi um sorriso, aproveitando para ajustar a blusa e o cabelo no ombro, procurar Stella com os olhos no meio daquele povo todo. Não devia tê-la deixado ir sozinha, pensei, preocupada, mas então avistei o indício do seu coque meio desmanchado vindo na nossa direção, e respirei aliviada.

Nesse momento, outro cara vinha se aproximando. E, *meu Deus misericordioso...* o que era aquilo, definitivamente, uma avalanche de

deuses? Este era alto, tão alto quanto Teo, ou mais até. Seu corpo era longo e musculoso, o cabelo preto mais comprido, ondulado e uma barba cerrada.

Na mesma hora, ainda bem, Stella estava chegando perto de mim. Eu quis puxá-la discretamente para ver aquilo, porque alguém tinha que me beliscar e dizer que eu não estava sonhando. Mas pela sua cara, vermelha de raiva e da bebida, não sei se ela iria curtir muito os três gatos, ou mesmo, tomar ciência deles ali, ainda que isso fosse praticamente impossível.

— Olha só, caras, vocês são mesmo meus ídolos. Sempre encontrando o melhor do melhor. — o cara moreno disse, em uma voz profunda. Esse não esperou apresentação, veio para perto de mim, e estendeu a mão, sorrindo, sem nem dar-se ao trabalho de falar com Teo. — Encantado, querida, eu sou Ricardo Hoffman, dono deste humilde estabelecimento. E vocês, quem são?

Ele olhou de mim para Stella, ao mesmo tempo em que eu ouvi um audível "caralho, era só o que faltava" vindo de Teo, às minhas costas. Stella olhou para trás, como se alguém estivesse seguindo-a, e então eu vi: o Carlos, aparentemente

muito zangado, com as mãos nos quadris estreitos, a uns passos de distância olhando na nossa direção.

Eu juro que nunca o tinha visto tão informal antes, em uma camiseta e jeans. Olha a merda que não daria, pensei, ao mesmo tempo em que desviava a vista dele, que estava vindo, agora. Eu sorri para o recém-chegado, Ricardo, estendendo minha mão.

— Oi, meu nome é Malu, e essa é minha amiga, Stella. — apontei para ela, que pareceu ter levado um choque, encarando os três homens perto de nós. Bem, amiga, o paraíso, não era? Então ela voltou-se em nossa direção, abriu um belo sorriso bêbado, pôs a mão no meu ombro, na mesma hora em que Carlos aproximava-se e ficava bem atrás dela, tentando segurá-la pela cintura.

— Malu, *amigaaa*, eu sabia que podia confiar em você para encontrar os caras para a nossa *suruba*. E olha, que competência. Só gatos, meu amor, vamos lá? — ela sorriu, docemente, e eu arregalei os olhos com puro horror, enquanto ouvia várias coisas ao mesmo tempo.

Um "*que porra de suruba, Stella?*", em um rosnado furioso de Carlos. Duas risadas gostosas dos dois gatos ao nosso lado, e depois "*opa, só se*

for agora", de Ricardo, e um "eu prefiro uma de cada vez, ou as duas, mas os caras não", de um sorridente Marcos, ao meu lado, e um "que caralho é esse?", do cara loiro e grande atrás de mim.

Fechei e abri os olhos rapidamente, dividida entre morrer de vergonha e abrir um buraco no chão, ou dar uma sonora gargalhada da cara do ex de Stella. Porque eu adorei a cara furiosa dele, ele merecia isso. Nesse átimo de segundo, Carlos segurou o braço de Stella, disse algo em seu ouvido e ambos saíram dali. Nunca pensei que veria o advogado engomadinho soltar fumaça, literalmente, pelos ouvidos. Cheguei a dar um passo para segui-los, mas senti um puxão delicado de Teo, atrás de mim.

— Ei, espera aí, você sabe quem é o cara? — ele perguntou. Os dois homens ao nosso lado ficaram atentos, todo traço da brincadeira de antes longe das suas expressões enquanto olhavam entre si.

— Sim, esse é o namorado dela, o Carlos, mas eles brigaram... eu só preciso ir lá ver se ela está bem. — avisei, soltando-me do toque de Teo, disposta a saber como minha amiga estava e no que daria aquela sua conversa com o namorado. Eu

tinha consciência de que o Carlos era um cara tranquilo, mas ele parecia muito puto agora, então por via das dúvidas...

— Eu vou com você, então. Se esse cara ficar agressivo, não vai ser legal vocês duas lá sozinhas. — Teo estava dizendo, trocando um olhar com Marcos, e deixando seu copo sobre o balcão. Ele assentiu.

— Não, ele não é agressivo. Pelo menos nunca foi.

O Ricardo também pôs o copo no balcão e dirigiu-se a Teo e Marcos, muito sério.

— Fiquem tranquilos. Eu vou lá dar uma checada nos dois, e pedir ao Caio para ficar de olho. Volto já. — ele saiu, e eu respirei audivelmente, passando as mãos nos cabelos.

— Mas assim, aquele papo de *suruba*... — Marcos estava me perguntando, muito educadamente, com um sorriso interessado. Antes que eu tivesse a chance de responder, ouvi o Teo dizer:

— Vaza, Marcos.

Ele riu, tomou um gole da sua bebida e olhou em volta, divertido, antes de nos deixar. Eu virei, e encarei Teo, sentindo todo o impacto de ter

aquele homem com a atenção focada em mim. E olha, era um espetáculo. Meu estômago fez meio que umas piruetas. Então ele pediu permissão, baixinho, e eu concedi, sentindo quando ele suspendeu a maldita da minha blusa, bem lentamente, seus dedos roçando nos meus ombros, e estremeci de leve.

— Obrigada. — sussurrei, sem desviar os olhos dos dele. Ficamos assim, o olhar preso um no do outro, por alguns segundos, até que eu desviei o meu e ele pigarreou.

— Não se preocupe, o Ricardo vai resolver. Ele é o mais interessado em não ter nenhum contratempo por aqui, justo hoje. Sua amiga vai ficar bem. — Teo garantiu, ainda me observando detidamente. Era impossível não sentir o clima lá, nos envolvendo. Definitivamente, aquele cara estava me devorando com os olhos. E, a questão se ele curtia ou não mulheres negras, estava resolvida, pensei. Aquele olhar intenso e o silêncio, eram ligeiramente desconcertantes, mas também era um tesão, diga-se de passagem.

Ele me estendeu a mão, convidando silenciosamente a voltarmos ao balcão. Quando vimos que o seu amigo dono da boate estava

retornando, parando para cumprimentar umas pessoas, vindo em nossa direção, eu fui ao seu encontro, ainda um pouco apreensiva, mas pelo sorriso dele, não parecia haver problema nenhum.

— E então, Ricardo? — Teo questionou. O bonitão deu uma arqueada de sobrancelha para mim.

— Olha, você disse que eles eram namorados e estavam brigados? Pelo jeito que as coisas estão ali, eles definitivamente ainda são namorados. E parece que não vai haver suruba nenhuma, pelo menos não com a moça lá fora. — ele completou, lançando um olhar meio sacana na minha direção, como se perguntasse se da minha parte a ideia ainda estava de pé.

Mas então ele olhou para trás por cima do meu ombro, levantou as mãos em sinal de rendição e foi se afastando para trás, sorrindo.

— O que está havendo com vocês, caras, hoje? Ei, princesa, não se preocupe. Falei com o cara, Matarazzo, eu o conheço. Está tudo bem e ele disse que estava levando a garota para casa.

Então ele se foi e eu voltei-me para encontrar Teo parado atrás de mim, e quase trombo nele novamente. O que havia comigo hoje e esse

lance de esbarrar nele?

— Tudo resolvido, então. — ele disse, com um sorriso de lado que me fez ter uma nova ligeira palpitação. Devia ser as duas doses de tequila que eu e Stella tínhamos tomado mais cedo, assim que chegamos. Depois, fomos para a pista de dança, dançando feito duas loucas, até que nossos pés começaram a nos matar naqueles saltos, e então fomos para o bar. Foi nesse momento que o Carlos começou a ligar insistentemente e Stella finalmente atendeu, morta de bêbada, dizendo que estava com vários caras que não se importavam que ela tinha sido dançarina de boate, que na verdade iria fazer um show especial para eles, e então saiu de perto de mim. E a loucura toda havia começado.

—É, parece que sim.

—Vem, acho bom você beber uma água. Não está um pouco tonta? — Teo inquiriu, cruzando os braços sobre o peito amplo. Eu sabia que ele estava delicioso, não porém, com tudo, o trombo, os amigos dele, a Stella e seu show, eu não tinha parado para realmente, *realmente*, dar uma apreciada digna neste homem sexy na minha frente. E ele estava inegavelmente sexy, muito. Usava uma camisa social de botão azul clara, com as mangas

meio dobradas nos antebraços, que eu notara mais cedo, eram cobertos de pelos loiros e finos, e uma calça jeans azul clara, que parecia muito bem nele deste ângulo. E devia estar de todos os ângulos, mesmo.

— Na verdade, eu estou sim, um pouco tonta, mas acho que não vou demorar. — desconversei. Aquele cara era uma distração da porra, gostoso daquele jeito e falando grosso, ainda que todo gentil. Era pedir demais da minha sanidade e do meu jejum sexual em não querer dar para ele imediatamente. Eu não era de ferro, e como diz a minha mãezinha: o que não é visto, não é lembrado. Melhor deixar o gostosão para lá. Ele estendeu a mão, devagar, com uma expressão séria no rosto bonito.

— Vem, Malu. Você bebe a água e eu te levo para casa. Eu também não ia demorar aqui, de qualquer jeito.

— Eu agradeço, Teo, sinceramente, mas eu vim de *Uber*. Vou ficar bem, não se incomode. — expliquei, dando um ligeiro passo atrás. Ele era gostoso, eu queria fazer sexo com ele até esquecer meu nome, sim, mas ele era o pai de uma aluna e provavelmente (eu realmente não tinha certeza,

para ser sincera), um cara gostoso *casado*. Ou seja, um cara que eu não tocava.

Ele fez uma meia carranca, as sobrancelhas juntas e os olhos apertados, e puta que pariu se ele não ficou ainda mais gostoso com a cara enfezada daquele jeito.

— Você vai voltar sozinha, meio bêbada, uma hora dessas, de *Uber*? No Rio? Nem fodendo. Eu vou te levar, já disse. — repetiu, estendendo a mão e tocando no meu cotovelo. Eu olhei para ele, tentando não deixar aquela visão maravilhosa nublar minha sanidade. E minha dignidade, ressalte-se.

— Oi? É sério que você simplesmente me disse o que vai fazer? — eu meio que sorri, ironicamente, mal acreditando na audácia do sujeito, gostoso ou não. Ele respirou fundo, suavizou as feições e aproximou o rosto do meu para dizer bem perto do meu ouvido, naquela voz grave que estava fazendo misérias com minha imaginação e com a minha calcinha.

— Desculpe, Malu. Você aceita a minha companhia para te levar para casa? Está tarde, você está sozinha, você me conhece, também é professora da minha filha, e não é seguro voltar de

Uber agora. Melhor assim? — ele concluiu, mas eu percebi a nota de desdém lá. Eu iria deixar passar, afinal, ele pediu desculpas e... ele cheirava divinamente bem, uma mistura de um sabonete muito masculino, e algo que eu não identifiquei se era um desodorante ou mesmo um perfume, cítrico, meio amadeirado. Dava vontade de comer. Todinho. E lamber, também, claro. Eu assenti, sem confiar na minha voz para responder algo numa altura daquela do campeonato.

Não custava nada aceitar uma carona dele. Era até bem provável que eu fosse topar com o cara uma hora ou outra, então, não iria tirar um pedaço ser educada e aceitar gentilmente o oferecimento dele. Que mal havia? Não era como se a gente estivesse em um encontro e ele estivesse me levando para casa para transarmos loucamente e... Hum? Eu meio que me perdi aqui. Volta, mulher. Respirei fundo, me enchendo de coragem.

— Me diz uma coisa... — eu falei, antes de pensar direito sobre aquilo, o meu filtro social falhando naquele momento. E aquela falha era bem-vinda, sinceramente.

—Digo. — ele sorriu.

—Você é casado? Não é por nada não, não

me entenda mal. É que eu não aceito nada de caras casados, nem carona, nem companhia, então... entendeu? — eu simplesmente disse de uma vez, antes que a vergonha e a mortificação me fizessem querer abrir um buraco no chão e sumir. Mas eu precisava saber, e não iria ficar sondando uma adolescente para descobrir. Melhor jogar essa pergunta cretina na conta das tequilas, obviamente.

Um sorriso sensual espalhou-se pelo seu rosto, enquanto ele negava com a cabeça, bem devagar.

— Não Malu, eu não sou casado, sou divorciado. Dei a entender que era casado algum momento? — uma sobrancelha loira subiu. Eu suspirei e o segui de volta para o bar.

— Não, nada disso. Como eu te disse, não me interessa, na verdade. É só que você vai me dar uma carona para casa, sabe como é, só evitando problemas.

— Ok, eu entendi. Você não está interessada em saber se eu sou casado. — ele ainda estava sorrindo de leve, com uma expressão divertida. Eu suspirei, pensando aonde eu estava com a cabeça para dizer aquilo. Agora o cara devia achar que eu estava interessada. Que merda, eu

estava interessada mesmo, mas isso não significa que eu queira que ele saiba disso, não?

Sentei em uma banquetta vaga, pondo meus cotovelos no balcão, e Teo ficou de pé, fazendo sinal ao barman bonitão de olhos escuros e cabelos pretos para pegar uma água. Sério, qual a coisa com os caras naquela boate? Era tipo uma dimensão alternativa só com caras gostosos?

— Então, Malu, me diz, você e a sua amiga vieram sozinhas beber porque ela terminou com o advogado esquentadinho? Eu entendi bem? — ele estava perguntando, em pé ao meu lado, e eu pude sentir o calor do corpo dele na minha lateral.

— Bom, em linhas gerais, é isso. Apoio entre as meninas, sabe como é. Ela estava mal, eu estou aqui para isso mesmo. — comecei a mexer no meu cabelo, pondo-o de lado. Tinha ficado muito quente de repente, não? Eu não era uma mulher tímida nem nada, já havia jogado aquele jogo do flerte algumas vezes antes. Mas, misteriosamente, eu estava meio acanhada com o Teo, o que era uma merda, porque ficar acanhada na frente de um cara daqueles não era minha praia. Se eu queria, eu dava a entender que sim, com sutileza, obviamente, mas aqui estava eu um pouco travada com ele por algum

PERIGOSAS NACIONAIS

motivo. Vamos mudar esse jogo aqui, Malu, determinei para mim mesma.

Teo assentiu ao que eu tinha dito, pegando a água, sem deixar de me olhar.

— Então saíram, beberam, e tinham planos que envolviam uma suruba?

Eu suspirei, então sorri.

— Você não ia deixar isso passar, não é? Bem, nós não tínhamos planos reais, se quer saber, era mais como um plano louco de ficarmos bêbadas e nos divertir. E afogar as mágoas, claro.

— Um plano altamente arriscado se desse certo. Não só pela suruba, é claro.

— Acho que não. Milhares de mulheres saem sozinhas para beber e se divertir todos os dias nessa cidade, você sabe disso. — eu beberiquei minha água, de repente muito mais consciente *dele*. Da minha boca na borda do copo, dos meus olhos travados naqueles olhos verdes intensos. Sai pra lá timidez, aqui não, pensei. Teo me recompensou com uma olhada quente para os meus lábios, depois desceu pelo meu pescoço e finalmente pelos meus seios. E olha, eu não acreditava nisso, mas juro que senti meio que meus mamilos enrijecerem na mesma hora.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, mas isso não quer dizer que seja um plano muito bom, de todo modo. O que houve com as mulheres chorarem e comerem chocolate em casa quando tinham uma briga com o namorado?

— Acho que isso que você está falando é TPM, querido. Afogar as mágoas tem um tempo já, que é na balada. — eu sorri, mais relaxada. Ele fez uma expressão engraçada e eu dei de ombros.

— Então você, mesmo dançando profissionalmente, ainda acha pique para vir dançar na noite. Eu queria ter estado aqui mais cedo para ter visto. — ele disse, a voz baixa, e acho que ele se aproximou um pouco mais. Tomara que ele tenha se aproximado mesmo, porque eu estava quase fazendo isso.

— Nada muito elaborado, eu garanto. Você não iria achar nada de mais. — respondi, e notei que minha voz também saía mais grave. Tesão, aquilo, eu sabia. Puro e simples.

— Ah, tenho certeza que não. — ele bebeu um gole da sua água. Então passou uma mão naquela barba deliciosa.

Nesse momento, meu celular vibra no bolso do meu jeans, me fazendo perder a batalha de olhar para ele com vontade de devorá-lo. Fiz um sinal de

PERIGOSAS NACIONAIS

"sinto muito, espere um instante", porque eu imaginava que era Stella. Nós éramos assim. Ela avisou que estava indo em direção ao apartamento de Carlos, para que eu não me preocupasse, que eles estavam conversando. E que já haviam transando no carro, ela acrescentou. Eu dei uma risada.

— Era Stella, queria dizer que estava tudo bem.

— Bom saber. — Ele disse, depois de uns segundos de silêncio. Então pegou a minha blusa que descia pelo ombro de novo e a fez subir bem devagarzinho, seu dedo escovando em minha pele quente, fazendo círculos bem lentos no meu ombro. Minha nossa, aquilo foi sexy.

Eu tinha plena consciência desta eletricidade, do tesão que estava me consumindo por aquele homem, e não duvidava que aquele olhar de pura luxúria era direcionado a mim. Eu sabia quando um cara me olhava com intenção “quero comer você”, e aquele ali estava obviamente querendo me devorar, no mínimo. Era uma merda que ele fosse pai da Julia, mas eu não iria fingir que ele não me afetava, agora que eu tirei o lance de ser casado ou não do caminho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, nós podemos ir agora? — sugeri, mal reconhecendo a minha voz, mais baixa que o normal. Ele ainda me olhava, silencioso, então afastou uma mecha do meu cabelo cacheado que tinha caído para frente, e disse, se aproximando de mim.

— Diga-me exatamente para *onde* você quer ir. *Eu te levo para qualquer lugar.* — rosnou bem no meu ouvido, e eu rolei os olhos, sentindo cada pelinho do meu corpo ficar em pé, e uma deliciosa pinicada de tesão bem lá na minha boceta. E o cara nem tinha me beijado nem nada, ainda. Eu limpei a garganta, olhando para ele.

— Você não imagina? — eu disse. Disse não: quase gemi. Estava me sentindo quente e molhada ao mesmo tempo. E ousada. Eu era geralmente atrevida, mas estava me sentindo mais poderosa agora. Consciente de que ele me desejava e isso me deixava mais corajosa.

— Se você soubesse os níveis da minha imaginação aqui. — ele estendeu a mão e pôs atrás do meu pescoço, fazendo desenhos aleatórios na minha nuca. E eu quase gemi de verdade, meio que virando o pescoço de lado para lhe dar maior acesso.

PERIGOSAS ACHERON

— Teo, você não acha que sendo pai de uma aluna minha... isso seria, sei lá, inadequado? — eu perguntei. Ele parou as carícias, mas encolheu os ombros largos, voltando a me tocar, rapidamente.

— Não acho, na verdade. Somos dois adultos aqui, querendo a mesma coisa, de modo casual. É para ser simples, não complicado. Eu tenho uma sugestão, Malu: nós dois, *uma noite*. Nosso prazer satisfeito, depois cada um vai para o seu canto, e deixamos para lá. Não é um grande problema, você não acha?

Senti um impacto por alguns segundos, rápidos segundos. Não era todo cara que deixava de modo quase grosseiro sua filosofia de uma noite e nada mais: não me procure depois, me esqueça, não ligue. Isso estava lá nas entrelinhas, e eu era uma mulher inteligente para perceber isso. Eu estava acostumada à lábia de homens que pareciam dizer exatamente o contrário; ainda que no dia seguinte fizessem exatamente a mesma coisa que o bonitão ali estava jogando na mesa.

Eu estava exatamente com essa filosofia nos últimos meses, não? Curtir. Encontrar um cara legal, sem pressão, sem esperanças irreais em

contos de fada e príncipes inalcançáveis na vida real. Olhei pro rosto sério e expectante de Teo Stein, ali, oferecendo exatamente isso.

Uma noite de sexo quente. Quer saber? Por que não? Eu balancei a cabeça, pensando sobre o que ele disse. Qual era o meu problema? Claro que era só uma foda, o cara não tinha me pedido em namoro nem nada, pelo amor de Deus.

O problema de boa parte das mulheres era justamente esse, a gente não sabia apreciar o valor e o prazer de uma boa foda quando ela aparecia na nossa frente. Estávamos sempre em busca de algo mais que nem sempre se mostrava concreto, possível, e perdíamos toda a diversão. Não era isso que eu queria? Eu não estava na seca? Então, aquele deus nórdico estava bem ali, cheio de tesão, sendo absolutamente sincero comigo. Então, por que não? Não tinha como as coisas ficarem estranhas, nós não nos veríamos o tempo todo nem nada.

E o tempo que eu perdi na depilação valeria a pena, ou seja, eu estava super no lucro ali. Eu estava a fim, ele estava disponível, eu era uma mulher resolvida de 25 anos e solteira. Por que não, mesmo? Peguei meu celular do balcão e descii da

banqueta, lentamente, dessa vez quase me arrastando pelo corpo imenso e quente dele, ali, muito quieto, ao meu lado. Por um momento eu pensei ter visto um lampejo de alarme no rosto dele quando eu desci, mas foi só uma impressão. Eu bebi mais um pouco da água e o encarei bem naqueles olhos verdes incríveis.

— É uma boa oferta, só uma noite. Eu aceito. — eu disse, me aproximando e sussurrando em seu ouvido, aproveitando e meio que esmagando meus seios sensíveis em seu peito, apoiando minha mão esquerda no seu ombro para alcançá-lo. E o que senti lá embaixo, *misericórdia*... o cara estava absolutamente duro, uma protuberância enorme na frente da calça, que eu fiz questão de esfregar bem de leve com minha barriga, antes de me afastar.

Eu ouvi e meio que senti também o rugido dele no meu ouvido, me deixando mole. Então ele se ajustou, e pegou, rápido, um monte do meu cabelo da parte de trás da minha cabeça, me surpreendendo, e levantou meu rosto para ele; sua respiração saindo em uma arcada quente na minha bochecha.

— Eu vou fazer valer a pena essa noite,

você vai ver. — prometeu, grunhindo na minha boca, antes de colocar a outra mão na minha bunda e me puxar para o corpo dele, tomando a minha boca num beijo firme, delicioso, invadindo-me com sua língua de um jeito que me fez gemer em sua boca, excitada demais.

Seus lábios eram firmes, macios, mas duros ao mesmo tempo. E a sensação da barba naquele beijo... era como eu imaginava, só que muito melhor. Então ele girou minha cabeça para ajustar melhor o beijo, aprofundando-o, nossas línguas agora se tocando, nossas bocas se fundindo. Gememos juntos quando ele mordiscou meu lábio inferior e o puxou de leve, chupando-o depois; meus seios pressionados em seu peito, sua ereção enorme me cutucando de um jeito quente.

— Deliciosa. — Teo gemeu, quando paramos para respirar. Que beijo era aquele? Eu estava definitivamente molhada e pulsante, e ele estava duro como uma rocha, se eu pudesse dizer pelo que estava me cutucando ali por baixo.

Nos encaramos por segundos e voltamos ao beijo. Ele puxou novamente meu lábio inferior entre os dentes, e soltando meu cabelo, pôs a outra mão enorme na minha bunda, contornando-a, e me

puxando mais ainda, se é que era possível. Eu choraminguei, sentindo minha boceta úmida de excitação. Quando terminou, rápido demais, eu ouvi alguém limpar a garganta ao redor, mas não me importei em saber quem era.

—Vamos sair daqui. — Ele murmurou na minha boca, então pôs um dinheiro no balcão e se ajustou meio discretamente, me direcionando para a saída com uma mão bem firme acima da minha bunda. Eu aproveitaria aquela esta noite! Afinal, não foi para isso que saí de casa hoje?



Capítulo 5



*Alguma coisa no jeito em que ela anda...
[...] Alguma coisa em seu jeito que me encanta*

Something
The Beatles

Teo

Eu estava saindo da boate, guiando Malu à minha frente no meio da multidão. Minha mão estava firmemente posicionada logo acima da sua bunda espetacular, dividido entre a pressa de chegar até a entrada e ficar babando naquele seu rebolado. Como eu era mais alto, observava por cima da sua cabeça alguns caras virando para vê-la passar, visivelmente interessados. Aproximei-me mais e passei um braço em volta da sua cintura, e percorremos os últimos metros meio que completamente colados.

Eu não me considerava um cara ciumento, territorial ou algo desse tipo, nunca fui dado a cenas explícitas de ciúmes ou essas babaquices que uns caras pareciam apreciar, principalmente porque, verdade seja dita, eu nunca precisei exatamente ficar em torno de uma mulher reclamando sua atenção ou precisando afastar outros caras para que ela prestasse atenção em mim. Simples assim.

Agora, por exemplo, eu ia praticamente abraçado a Malu. Minha furiosa ereção praticamente grudada no seu traseiro, porque eu

PERIGOSAS ACHERON

estava levando a mulher para foder. Por favor, nada mais normal que ir fazendo uma carranca para um imbecil ou outro que parecia querer tentar uma gracinha naquela hora.

Quando chegamos à porta da boate, graças aos deuses, eu estava com tanto tesão quanto estava lá dentro, após provar daquela boca cheia e deliciosa e sentir o corpo espetacular daquela mulher grudado ao meu. Vir praticamente esfregando o meu pau em ponto de bala na sua bunda no meio da multidão não tinha ajudado em nada a melhorar a situação.

Foda-se que ela era professora de Julia, pensei, tirando as chaves do carro do bolso da minha calça e levando-a pela mão em direção ao local onde havia estacionado. Não era como se eu fosse namorar ou ter um caso com ela, no máximo faria algo para amenizar essa atração violenta que pareceu me consumir desde que a vi. Não tinha muita coisa para ser debatido ou pensado sobre essa situação.

Como eu deixei claro dentro da boate, de forma um pouco idiota, eu tinha que admitir, era apenas uma foda. Uma noite de prazer com uma mulher linda que tinha me dado um puta tesão em

um local numa sexta à noite. Quantas vezes aquilo já tinha acontecido antes? Muitas. E aquela não seria diferente.

Ela vinha estranhamente silenciosa, ao meu lado; o leve ecoar dos seus saltos apenas, enquanto me seguia para o carro. Por um momento, lá dentro, achei que Malu fosse me dar um tapa ou algo dramático assim, virar e sair, o que não seria de todo estranho, caso ela fosse uma dessas mulheres que achavam que conheciam um cara na balada e no outro dia queriam acordar com flores e um pedido de casamento. Acredite, elas existem. Eu já tive a minha cota delas e tento fugir dessa espécie como o diabo foge da cruz.

Fiquei por alguns momentos em dúvida sobre como encaixar Malu nessas categorias, ou mesmo se ela encaixava-se em alguma. Ela parecia uma mulher reservada, mas ao mesmo tempo ousada. Quando deixou claro seu desejo por mim, o meu próprio desejo foi à estratosfera, já que poucas coisas eram mais sensuais do que observar uma mulher realmente com tesão por você: era a porra de uma delícia. Eu não era o tipo de cara que curti inocência e jogo de esconde-esconde, não tinha a menor paciência para isso. E gostei de vê-la

decidida, sensual e receptiva.

De todo modo, o fato era que eu queria deixar bem claro, independente de qual categoria Malu se encaixasse, o que ela poderia esperar daquela interação: sexo. Era assim que eu sempre fazia com todas as mulheres com as quais fodia aleatoriamente. Deixava bem claro que aquilo acabava exatamente ali, o que não significava que não podíamos voltar a nós ver. Eu não tinha essa merda de uma vez e nunca mais, ou de não repetir transa, como o babaca do Ricardo, haja vista o meu "acordo de foda" de mais de dois anos com Suzana.

Ainda assim eu estabelecia meus limites, a fim de evitar possíveis situações constrangedoras ou difíceis, como já havia acontecido antes. Com Malu, eu pensei por um momento que fosse um erro, por conta de Julia. Mas qual é? Elas se viam uma vez na semana, e não era como se minha filha fosse virar dançarina ou algo do tipo, por causa das aulas. Julia, no máximo, encontraria daqui a pouco outra distração e esqueceria Malu. A coisa toda era uma simplicidade maravilhosa.

— Você está muito calada. Arrependida? — questionei, puxando-a para mim ao lado do carro, e afastando seus cabelos cheios para dar uma longa

cheirada no seu pescoço. Aproveitei, dei uma mordidinha de leve, e ouvi-a gemer. Mordidas no pescoço: anotado.

Ela afastou-se um pouco para me olhar nos olhos, um sorriso pequeno bailando no seu rosto.

— Não, estou pensando se faço uma deferência para o senhor, Sr. Stein, e o levo para minha casa ou se vamos para um motel. — ela disse, lentamente. Eu franzi o cenho, uma picada de incômodo vindo não sei de onde, ao ouvi-la falar assim tão simplesmente sobre levar um cara para um motel. Mas *ei*, quem estava reclamando? Não eu, certamente. Isso era bom, na verdade, demonstrava que ela estava no jogo e jogando pelas mesmas regras que eu tinha estabelecido ainda há pouco. Ambos estávamos na mesma página aqui, eu não teria problema algum em demarcar minha posição quanto ao que acontecia fora do quarto. Perfeito.

— E o que você decidiu? — murmurei. Peguei o seu queixo entre meu indicador e o polegar, passando meu dedo de leve pelo seu lábio inferior. Malu sorriu, baixou os cílios e colocou a ponta da língua para fora, umedecendo a ponta do meu dedo, bem devagar, uma carícia leve,

rodopiando sob a pontinha no meu dedo.

Caralho, eu gemi, empurrando um pouco mais, e ela fechou os lábios em um bico na ponta do meu dedo. O meu pau reagiu como se ela tivesse feito exatamente isso com ele, empurrando meu jeans como se eu ainda pudesse ficar mais duro do que já estava. Aquela mulher estava me testando. E me matando.

— Vamos. — incitei-a, levando-a não tão devagar para o lado do carona, abrindo a porta para ela e voltando para assumir o volante, rápido. Dirigir com o pau duro e apertado no jeans era fodidamente desconfortável, e eu precisava chegar o quanto antes em um local onde pudesse foder aquela mulher de todas as formas possíveis. Pelo menos das formas que ela permitisse.

Malu estava sorrindo, bem ciente do que havia me causado, enquanto ajustava o cinto.

— E então? Minha casa ou motel? — ela perguntou.

— Sua casa. Você mora com alguém? — perguntei, de supetão, só agora me tocando que eu não sabia praticamente nada sobre ela, a não ser que dava aulas para minha filha. Mas na verdade era mais do que eu sabia sobre 90% das mulheres

PERIGOSAS NACIONAIS

com as quais eu me relacionava esporadicamente. Por relacionamento, entenda-se "foder de vez em quando".

— Esse é o seu modo de me perguntar se eu sou solteira?

Eu sorri do seu atrevimento.

— Você é?

Se eu não me engano, ela soltou pequeno um bufo.

— Claro que sou, mas não posso realmente esperar que você saiba que eu não estaria no seu carro se fosse comprometida, afinal, você não me conhece. Deixo passar essa, Stein, mas a título de informação, o apartamento está livre pra a gente, se você quiser ir.

— Então você mora com alguém.

— Com a minha amiga Stella, a da boate. Mas como você ouviu, ela foi para casa do namorado e muito provavelmente não volta hoje. Mas se você for se sentir mais confortável, já disse, podemos ir para um motel aqui perto e... — Malu estava sugerindo, e eu engoli em seco com a imagem dela entrando em um dos vários motéis que existiam nas proximidades, com um cara qualquer.

PERIGOSAS ACHERON

Mas que merda, quem era eu para achar que uma mulher daquelas nunca havia entrado num motel, ou não sabia sobre motéis na região? Ainda assim, uma sensação idiota fez com que a ideia não me descesse muito bem.

— Prefiro ir para sua casa. — Afirmei, sem nem mesmo saber o porquê de estar insistindo nisso. Então, outra picada incomoda me assolou. Ela estava insistindo porque costumava levar os caras para a sua casa, era isso? Inferno.

Olhei o seu perfil de soslaio, juntando minhas sobrancelhas. O tesão que estava me consumindo por aquela mulher estava vindo com a mesma intensidade de um monte de pensamentos e sensações meio desagradáveis das coisas que eu não sabia sobre ela. O que era uma merda total, porque eu já levei para o motel mulheres que eu não lembrava nem o nome direito e ficava o tempo inteiro chamando-a de "princesa" ou "querida", ou qualquer coisa do tipo, para não dar na cara e ser deselegante.

Mas ali com Malu eu finalmente entendi o que estava acontecendo, claro. Era o fato de ela ser professora de Julia, a sua relação com a minha filha meio que destoava das outras situações que eu já

vivi com minhas outras companheiras de foda. A forma como eu a conheci estava nublando meus pensamentos. Mesmo Suzana, que trabalhava comigo e com quem eu transava de vez em quando, praticamente não encontrava Julia. Eu preferia manter minha filha longe das minhas parceiras sexuais. Não queria nenhuma delas achando que o posto de mãe de Julia ou de senhora Stein estava vago, porque não estava e nem estaria mais. Então, não haveria problema algum em lidar com Malu com alguma deferência, para utilizar o termo que ela mesma trouxe para discussão.

Tive um estalo, e peguei meu celular rapidamente, tentando me concentrar no trânsito. Assim que dona Amélia atendeu, eu fui direto ao ponto.

— D. Amélia, boa noite. As meninas já foram dormir ou ainda estão aí pela sala? — Perguntei, evitando pensar muito sobre o que estava fazendo, porque se eu pensasse muito, não faria aquilo.

— Boa noite, *seu* Teo. Não, já subiram, acabaram com um pote de sorvete e foram dormir.

— Ok, estou chegando em casa cinco minutos. A senhora já pode ir se deitar também,

caso ainda esteja de pé.

— Ah, não, estou acomodada já, não se preocupe. Até amanhã.

Quando joguei o celular de lado, percebi que Malu estava me olhando, muito séria. Não a encarei.

— Você não está sugerindo que eu vá para sua casa, está? Eu com certeza não vou fazer isso, obrigada. Não vou topa com a sua filha lá.

— Fica tranquila, moça, te garanto que você não vai topa com a minha filha e nem com ninguém na minha casa agora, a não ser o segurança.

— Qual o seu problema com um motel, ou a minha casa? — Malu questionou.

— Qual o seu problema com a *minha casa*? Não quero ir para um motel. Não crie um caso com isso, não é nada demais. — informei, a voz mais persuasiva, virando para fitá-la. Malu me olhava de maneira questionadora. Porra, eu definitivamente não ia para um motel. E nem para a sua casa, estava decidido.

Poderia levá-la para um dos outros dois quartos vagos, e não teríamos nem que passar pela ala do meu quarto e do quarto de Julia, por

exemplo. Suzana era única mulher que eu já tinha levado para transar na minha casa quando minha filha não estava. E não era uma grande coisa levar a Malu para lá também.

Ela levantou as mãos espalmadas.

— Você é um cara estranho.

— Eu só não quero ir para um motel.

— Para quem queria uma foda rápida, você está criando muitos obstáculos. — ela murmurou, mas eu ouvi. Espiei-a de lado, arrumando aquele cabelo que me deixava meio doido de vontade de puxar no meu punho enquanto entrava duramente nela.

— Eu disse que seria uma foda, mas não falei nada sobre ser rápida. — lembrei-a, minha voz saindo rouca, e meu pau, que tinha dado uma arrefecida, começava novamente a querer pulsar na minha calça. Ela me olhou, semicerrando os olhos, e disse sensualmente:

— Promessas, sr. Stein.

— Eu vou te punir por essa ousadia, senhorita Malu, esteja certa disso. — observei-a cruzar as pernas para o outro lado, e imaginei se ela estava molhada, se estava sentindo entre as pernas o mesmo tesão que estava quase explodindo dentro

de mim.

— Mais promessas. — Malu disse, atrevida. Eu ri um pouco, divertido, já me aproximando dos portões da minha casa. Realmente, não havia motivo para criar um caso sobre o fato de preferir levar a Malu para lá, se Julia e amiga estavam dormindo. A ideia de Marcos de ter um apartamento para levar as mulheres com quem ele transava, longe do próprio apartamento dele, não parecia tão ruim, agora, pensando bem. Eu poderia fazer isso, eventualmente. Enquanto ia estacionando na ampla área em frente à minha casa, observei Campos, meu segurança residencial, ir se aproximando devagar. Ele parou mais a frente ao ver que eu estava acompanhado, e fez um gesto de cabeça, em assentimento.

Eu descí do carro, e fui abrir a porta para Malu, aguardando-a descer. Dei um rápido beijo em seus lábios, enquanto a encaminhava para a entrada lateral, que dava acesso direto aos quartos daquele lado da casa. Nos encaminhamos para as escadas, enquanto eu ia apreciando o show que era ter aquela mulher subindo os degraus à minha frente. Não aguentei e puxei-a de encontro ao meu corpo no topo da escada, puxando para baixo de

uma vez aquela porra daquela blusinha que insistia em ficar descendo, e dando uma mordida de leve em seu ombro, depois em seu pescoço.

Malu gemeu baixinho, esfregando-se no meu comprimento e levando os braços para trás, passando os dedos no meu pescoço e entre os meus cabelos, enquanto se colava mais a mim. Meio louco de tesão, fui empurrando-a o mais delicadamente possível em direção à porta do primeiro quarto de hóspedes, ainda grudado nela, já tendo deixado aquela blusa impertinente na sua cintura.

Dentro do quarto, depois de fechar a porta atrás de mim com um leve empurrão com o calcanhar, virei-a de frente para mim, meus olhos caindo para o par de seios maravilhosos que ela tinha, pressionados juntos em um sutiã de renda vermelho. Era um deleite, e eu apreciei, por hora, porque em poucos minutos ia degustá-los. Olhei-a então nos olhos, percebendo ali refletido todo o tesão e desejo que deviam estar nos meus. Malu me queria tanto quanto eu a queria, e foda-se se isso não era um dos afrodisíacos mais potentes que existiam.

Fui empurrando-a para perto da enorme

cama *king size* no centro do quarto, tomando sua boca deliciosa em outro beijo cheio de ardor e desejo, enrolando seus cabelos em meu punho, enquanto subia a blusa por seus braços, sem deixar de beijá-la de uma forma crua, enfiando minha língua em sua boca e chupando-a gostoso, como faria em poucos minutos com aquela boceta que eu tinha certeza que seria tão succulenta quanto seus lábios. Se havia uma coisa que me deixava furioso de tesão, era lamber e chupar uma mulher, senti-la gozar na minha língua era uma das melhores partes de uma foda, pode acreditar.

Malu puxava meus cabelos de leve, murmurando e gemendo meu nome, me fazendo pensar em como ela gritaria ou gemeria quando eu estivesse profundamente enterrado nela. Enfiei as mãos pelas suas costas e com um movimento hábil, abri o sutiã vermelho, vendo como ele ainda ficou pendurado naqueles dois montes maravilhosos, antes de Malu pegá-lo e jogar para o lado. *Putá que pariu*. Os seios de Malu eram redondos, grandes, na medida certa para minhas mãos enormes, com mamilos escuros pontudinhos, e eu quase gemi ao abaixar a cabeça para um deles, tomando-o na boca e chupando aquele bico durinho, enquanto

massageava o outro seio, firme, e apertava levemente os mamilos entre meus dedos.

— Aaai Teo, que tesão... — ela choramingou, movendo as mãos pelos meus ombros, por meus cabelos, pela minha barba, de olhos fechados. Malu era divina, ou demoníaca, eu ainda não havia decidido. Logo passei a chupar, lamber e morder o outro mamilo, quase literalmente mamando nela. Juntei e apertei de leve os seus seios em minhas mãos e passei a lambê-los e chupá-los juntos, imaginando depois o meu pau ali no meio, espremido entre aquelas duas delícias redondas.

— Delícia, geme para mim, gostosa... — pedi, minha própria voz instável, notei, meio surpreso. Eu geralmente mantinha um controle quase frio enquanto levava uma mulher ao delírio. Curtia, claro, mas gostava de estar atento, meio "distante", observando-a chegar lá, admirando seu prazer. E não praticamente descontrolado como eu estava agora.

Respirei fundo, voltando a abocanhar seus seios, sabendo entrementes que ela ficaria com marcas da minha boca e da minha barba. Foda-se, que ficasse. Malu gemia mais alto, e eu anotei

novamente: era daquelas mulheres extremamente sensíveis nos seios, e eu decididamente ia gostar de explorar isso. Quando? Outra vez? Outra noite? Eu não ia pensar nisso agora, mas nem bem tinha começado e já queria mais, isso eu sabia.

Eu estava ficando louco, dividido entre a vontade de arrancar toda a sua roupa como um homem das cavernas, ou desembrulhá-la lentamente para meu deleite a apreciação, como eu muitas vezes fazia. Concluí que o homem das cavernas venceu a batalha. Então levantei-a pela cintura e a joguei no colchão, de costas, sorrindo um pouco do seu olhar arregalado, e comecei a puxar aquele caralho daquela calça colada para cacete pelas suas pernas exuberantes. Se eu pudesse, teria rasgado.

Quando eu vi a calcinha pequena, um pequeno triângulo também vermelho, quase pude sentir meu pau babar, imaginando que não tinha a porra de um jeito de uma calcinhazinha daquele tamanho dar conta de todo aquela bunda na parte de trás. Malu ajudava, movendo os quadris e as pernas para sair da calça, enquanto eu tirava as sandálias de salto alto, jogando tudo no meio do quarto. Estávamos em silêncio agora, eu parei sobre ela,

vendo-a espalhada na cama, me olhando com olhos escuros pesados de desejo, o único som era de nossas respirações aceleradas. Pois bem, vamos mudar um pouco as coisas por aqui.

Passei um longo e detido olhar naquela mulher gostosa do cacete, os seios maravilhosos com os bicos atrevidos, em apenas um triângulo de lingerie vermelho, os cachos espalhados por todos os lados, mordendo o lábio inferior com fogo nos olhos.

— Gostosa demais... — murmurei, me movendo sobre ela, indo com as mãos para a calcinha vermelha mínima e começando a puxá-la pelas suas pernas. Ajoelhei na beirada da cama, dando beijos, lambidas e leves chupadas em suas pernas, sem tirar meus olhos dos seus, observando-a se contorcer de leve e emitir gemidos que iam direto para o meu pau; que naquele momento estava quase explodindo de tão duro, enquanto arrastava aquele pedacinho de pano pelas suas pernas torneadas.

Malu fechava os olhos, girava a cabeça, depois abria e me fitava, passando a mover as mãos sobre os mamilos durinhos, a juntar os seios para mim, enquanto eu terminava de tirar sua calcinha e

jogar longe, e olhava para aquela boceta linda à minha disposição. *Caralho*, eu fechei os olhos por um segundo. Essa mulher ia me matar, eu ia ter ataque cardíaco aos 38 anos na cama com uma deusa daquelas.

Acalmei meu coração rugindo e meu pau latejando, observando, fascinado, o pequeno triângulo de pelos bem aparadinhos, logo acima dos lábios úmidos da sua boceta. Encarando-a, chupei o seu dedão do pé, os outros dedinhos, e ela quase foi à loucura, agarrando o lençol da cama e passando a língua pelos lábios.

— Teo, por favor, me fode... — Malu implorou, passando as mãos entre as pernas, enfiando um dedinho na boceta melada e levando à boca, chupando devagar. Eu quase engasguei, e passei a arrancar os botões da minha camisa, na pressa para abri-la, já que eu estava ainda totalmente vestido. Malu me deu um sorrisinho sacana e levantou-se nos cotovelos para me observar, enquanto eu começava agora a tirar a minha calça jeans e levar a minha boxer preta junto, fazendo meu pau duro saltar em direção a minha barriga. Ela mordeu o lábio, os olhos passeando por meu peito e detendo-se mais abaixo

no meu pau rígido. Vi quando ela engoliu em seco, de leve.

— Nossa, eu estou lascada... adorei. — ela disse, baixinho, sem tirar os olhos de mim. Eu ri, presunçoso, bem ciente desse efeito grande e grosso de vinte e dois centímetros que eu tinha sobre as mulheres. Peguei meu pau e comecei a bombeá-lo, alisando-o, indo em direção a cama novamente. Queria tanto fodê-la que doía, mas tinha algumas coisas que eu queria mais ainda, e precisava fazer antes disso.

Puxei Malu pelos tornozelos e abri amplamente as suas pernas, fazendo-a ficar com a bunda quase na beirada da cama. Sorte que aquela cama era alta, e mesmo eu sendo muito alto, ficava em uma posição boa para devorar como um faminto aquela boceta gotosa, que era o que eu ia fazer nesse momento.

— Toda melada, porra... do jeito que eu gosto de saborear.

Malu gemeu alto, retorcendo-se, quando agarrei a sua bunda de ambos os lados, abri-a bem e enfiei a boca naquela boceta fenomenal, toda lisa, que derretia na minha boca. Ela estava molhada demais, e eu passei a lambar toda aquela umidade

como um cara no deserto, subindo e descendo minha língua pela sua abertura, até chegar ao clitóris inchado, se destacando, onde passei a lancear minha língua por ele, de modo firme, estimulando-o, alternando entre lambidas, chupadas, e leves mordidas naquela carne durinha.

Malu choramingava, ensandecida, puxando meus cabelos e arqueando as costas para aproximar mais minha cabeça e enfiá-la entre as suas pernas. Eu queria que ela gozasse antes de mim, antes de eu fazê-la gozar com meu pau profundamente dentro dela, mas era uma via de mão dupla, já que era eu que estava quase gozando, louco de tanto tesão, e não racionalizava mais o motivo de estar tão instável assim. Todo pensamento mais ou menos coerente me abandonou, provavelmente porque todo o meu sangue fugiu do cérebro e estava indo pro meu pau.

Enfiei meu dedo indicador na sua boceta toda molhada, curvando-o para alcançar aquele localzinho mágico, enquanto fazia movimentos circulares e intensificava as chupadas e lambidas firmes no seu clitóris inchado.

— Aaiii... caralho, eu vou gozar... — ela levantou um pouco a cabeça e abriu os olhos

embevecidos de luxúria, puxando meus cabelos, quase causando dor, transtornada de tesão. Nossos olhos travados um no outro, seus cabelos selvagens caindo pelos peitos e nas costas. Era seguramente uma das visões mais eróticas que eu já tinha visto na minha vida. Besteira, era a mais erótica, sim.

— Vem, goza na minha boca e me deixa lamber tudo... — ordenei, voltando a girar o dedo e sugando e açoitando com minha língua o clitóris com força renovada. Malu deu um grito alto, se contorcendo, gozando feito louca na minha língua; seus músculos internos estremecendo. Senti quando os músculos da sua boceta apertaram meu dedo, e eu quase gozei junto.

Lambi-a toda, secando com a minha língua cada gotinha daquela umidade levemente salgada e gostosa pra cacete. Quando ela abriu os olhos, lentamente, eu já estava ajustando a camisinha que tinha tirado do bolso do meu jeans, enfiando por todo o meu cumprimento, me parabenizando internamente por ter tido controle suficiente para ver o espetáculo que era aquela mulher gozando e me segurar para não fodê-la duro antes que ela terminasse sozinha.

— Vira e fica de quatro para mim. — eu

rosnei, baixo, massageando meu pau, encarando-a. Malu nem contestou, virou-se na cama, de costas para mim e veio se aproximando de mim, meio rebolando, empinando a bunda na direção do meu pau. Para que caralhos eu fui pedir isso agora? Se eu estava tentando me controlar, mandá-la ficar naquela posição decididamente fodeu tudo. Aquela bunda gostosa para cima, redonda, com a boceta lisinha e raspada com os lábios inchados do recente orgasmo, era a minha nova visão favorita. E, impossivelmente, meu pau ficou mais duro na minha mão.

Eu apertei sua bunda de ambos os lados, abri-a mais para mim, passando um dedo por toda a extensão e focando naquele buraquinho lindo, apertado, que parecia me chamar, implorando... Passei o dedo de leve, e Malu deu um pulo, ficando sentada, me encarando.

— Nada disso, Stein. Se é isso que você quer pode ir tirando o seu cavalinho da chuva. — Malu disse, meio indignada, e eu dei uma risada, puxando-a pela cintura e voltando a deixá-la de quatro. Me curvei sobre ela e mordi seu pescoço e seu ombro.

— Calma, moça, seu cuzinho está salvo,

por hoje, eu estava só testando as águas. — disse, beijando-a nas costas, na cintura.

— Ah, bom, porque você não vai enfiar esse pau desse tamanho aqui atrás nem fodendo.

Eu ri.

— Vai ser fodendo sim, e bem fodido, você vai ver. — eu assegurei, me ajustando, enquanto ela resmungava, mas levantou a bunda um pouco mais. Me perguntei, curioso, se ela não queria agora por causa do tamanho do meu pau, ou nunca tinha transado daquela forma. Segurei a sua bunda de um lado e comecei a entrar nela, e todo o restante de pensamento racional evaporou da minha mente enquanto eu sentia aquela boceta quente engolir aos poucos o meu pau. Ouvi Malu gemer, desvairada, alto.

— Ei, eu posso estar um pouco fora de combate e você é enorme... então, só lembrando, vai devagar aí. — ela disse, e eu refreei as investidas, as suas palavras dando-me um estalo. Como era? Ela estava fora de combate?

— Como assim? — eu grunhi, enfiando-me mais devagar, mas de modo firme.

Ela gemeu mais alto.

— Tão gostoso... *Putá que pariu*, me fode

toda.

— Não pede assim o que você não está disposta a dar. — eu voltei a acariciar seu buraquinho, só enfiando a pontinha de um dedo bem de leve, quase nada, e ela rebolou um pouco, gostando, depois parou, travando.

— Não, eu já disse... — gemeu, e eu sorri.

— É só o meu dedo, nada a temer.

— Ah, querido, pode apostar que eu imagino a diferença entre seu dedo e o seu pau.

— Vai, me diz, por que fora de combate?

— Não é nada demais, eu só estava há um tempinho sem fazer sexo, só isso... — ela terminou em gemido gostoso. Eu enfiei todo o meu pau nela, saindo e voltando a estocar. Gememos juntos. Fechei os olhos, alucinado, cerrando os dentes, me forçando a ir devagar, esperando-a se ajustar, saboreando aquela sensação apertada, quente e molhada.

Quando eu vi que ela começou a rebolar no meu pau, enlouquecida, eu passei a socar gostoso naquela boceta deliciosa, penetrando-a com estocadas firmes que me deixavam também alucinado. Curvei-me e puxei seu cabelo na minha mão, como eu queria fazer desde que a vi, e ela

inclinou-se mais, recebendo-me mais profundamente. Eu apertava sua bunda e a comia assim, bem devagar, a princípio, depois passei a acelerar, vendo meu pau sumir dentro dela, e depois voltava a ficar lento, apreciando a visão fenomenal.

— Boceta gulosa, sente meu pau todinho em você. — eu rugi, intensificando agora as estocadas e sentindo-a se contorcer em torno de mim.

— Me fode, vai... por favor, mais... — ela murmurava, incoerentemente, cheia de tesão, e cada vez que ela dizia isso eu sentia meu gozo se intensificar nas minhas bolas, deixando-as duras.

Dei uma palmada na bunda de Malu e ela deu um pulinho, mas gemeu e abriu-se ainda mais, e eu vi vermelho, estocando duro, e me curvei para frente, buscando seu clitóris, que já estava durinho.

— Isso é por você me provocar. Eu te disse. — avisei, dando outra palmada de mão aberta na sua bunda. Malu disse um "não", em um lamento gostoso, com jeito de "sim", e passou a me encontrar ferozmente nas estocadas, levando sua própria mão à bunda e enterrando em sua carne firme, me deixando louco.

Passei a manejar seu clitóris novamente, de forma intensa, misturando a umidade que saia dela em movimentos circulares nos meus dedos. Foi o que bastou, ela começou a ficar alucinada, gozando, e eu senti quando as paredes da sua vagina me apertaram forte, como eu nunca senti antes. E não aguentei, gozei, rugindo e apertando a sua cintura enquanto ela gritava meu nome e desabava na cama. Eu fui junto e a puxei, trazendo-a para cima do meu peito, e ficamos lado a lado, respirando pesadamente. Foi a porra de um sexo incrível.

— Teo, só para você saber... você é um bom cumpridor de promessas. — ela disse, bem baixinho, um tom divertido na voz.

— Eu sei que sou, baby. E não tenha pressa, eu ainda não terminei.

— E modesto também, pode acrescentar aí.

— Modéstia sexual, nem sei o que isso significa.

— Eu posso apostar que sim, com certeza.

— Quanto tempo? — eu disse, a voz ainda rouca e a respiração acelerada, doido para que o meu tempo de recuperação colaborasse e eu pudesse rapidamente estar dentro dela novamente,

pensei, enquanto tirava, amarrava e descartava a camisinha.

Malu só passou as mãos no cabelo, tirando-o do rosto e me encarando, sem entender.

— Quanto tempo o quê?

— Há quanto tempo você não transava antes de hoje? — eu quis saber, só por curiosidade mesmo, ficando de lado sobre um cotovelo e observando-a. Malu deu de ombros, sobrancelhas franzidas.

— Hum, três meses, acho, ou um pouco mais. Por quê?

— Por nada. Só acho estranho que uma mulher linda e sensual como você esteja sem sexo esse tempo todo, tenho certeza que não é por falta de interesse masculino. O que é, então?

Ela suspirou, meio divertida com meu elogio.

— Ah, não é grande coisa, se quer saber. Só me poupando por causa de algumas experiências que não valeram a pena. E quando você vê, já se passaram três meses. — sorriu, fazendo pouco caso.

Eu balancei a cabeça.

— Definitivamente, eu não sei como é isso.

E espero nunca descobrir. — eu disse, e ela riu. — Então, isso significa que eu "valia a pena"?

Malu voltou a me olhar, e eu percebi que seus olhos na verdade eram castanhos bem escuros, mas com pontos de dourado perto da íris.

— Eu não acredito que você está buscando elogios por sua performance... sério?

— Na verdade não, eu sei que minha performance é do caralho, obrigado. Só quero saber o porquê uma mulher que está sem sexo de repente acha que vale a pena... o que define isso?

Ela olhou paro o teto. Parecia que ia me dar uma resposta mais elaborada, mas então, suspirou, sorriu e me olhou.

— Bom, você já se olhou no espelho? Eis sua resposta. E eu me senti realmente atraída por você, é isso que você quer ouvir?

— Sim. — eu disse, sério. — É isso. Também me senti atraído assim que te vi, Malu, já que estamos sendo sinceros aqui. Sem namorado, então... sem um cara regular na sua vida? — sondei, mandando ao caralho aquela vozinha que estava lá, me alertando *"que isso, cara. Você está mesmo fazendo esse tipo de perguntas para mulher? Não é a hora de ela levantar e ir embora*

não?".

— Bom, não, realmente não há ninguém no momento.

— Não realmente? Como é isso?

Ela sorriu

— Não, definitivamente, não. Resolvi tirar um tempo para me aprimorar, me consolidar profissionalmente; e não tive exatamente uma experiência empolgante na última vez que tentei ter um relacionamento mais sério. — ela fez aspas com o dedo — Então, estou em uma fase de aproveitar quando algo bom surge, mas não me pego muito preocupada em pensar muito à frente, entende?

Eu a encarei. Caralho, era isso. As palavras mágicas. Sério que aquela mulher estava dizendo aquilo? Era o paraíso. Tudo que eu queria ouvir: sexo de enlouquecer, sem amarras, sem expectativas. Não era mesmo o céu? Peguei uma mecha do seu cabelo e passei a mão no seu rosto, nos seus lábios. Daquela vez ela se aproximou e me beijou devagar, na boca.

— Entendo. Perfeitamente. — murmurei, beijando-a de volta, de leve. O beijo que começou calmo, explorador, apenas para recuperarmos o fôlego, foi se aprofundando e se transformando

novamente em algo cataclísmico. Puxei-a para cima de mim, e me levantei um pouco, embevecido com a sua visão, selvagem, quase montada em mim. Era isso. Eu precisava dessa mulher me montando urgente. E parecia que o tempo de recuperação estava definitivamente do meu lado, graças aos deuses. Nessas horas a vida saudável que eu levava valia cada segundo.

Puxei a gaveta ao lado da cama e retirei um pacote de preservativos que eu costumava deixar lá. Ela viu e sorriu, levantando uma sobrancelha perfeita.

— Humm... alguém tem grandes planos para a noite. — provocou, passando a movimentar-se para frente e para trás, os seios maravilhosos prensados no meu peito, meus pelos roçando os bicos duros.

— Promessas, querida. Não esqueça. Promessas, não planos. — sussurrei, pondo as mãos em sua cintura e ajustando-a, já que sentia que ela começava a deslizar, molhada, pelo meu pau, que tinha começado definitivamente “acordar”. Senti que Malu estava cheia de tesão, fechando os olhos e arqueando-se para trás. E eu já estava duro como uma rocha, puxando os bicos dos seus seios na

boca e agarrando a sua bunda, louco de vontade de empurrar na sua boceta em todo o meu comprimento rígido. *Putá que pariu.* Cara, que loucura, e a porra da camisinha aqui do lado? Eu quase gelei por um segundo ou dois. Eu não era um cara descuidado, nunca, e depois de me separar de Amanda, nunca mais fiz sexo sem camisinha.

Até com ela, nos últimos anos, eu fazia encapado, pois não queria nunca mais correr o risco de um filho com Amanda novamente, nem com nenhuma outra, diga-se de passagem. Afastei-a só para pegar e começar a pôr a camisinha, e Malu me ajudou, desenrolando com destreza por todo a minha extensão. Eu semicerrei os olhos, vendo aquilo: uma mulher que punha uma camisinha como uma mestra. Que bom. Ótimo. Cerrei os dentes e agarrei sua cintura, levantando-a, evitando esses pensamentos obscuros agora.

Malu desceu devagar, choramingando, e eu empalei-a, sentindo lá num recanto da minha mente uma vozinha do caralho se perguntando como seria sentir toda aquela umidade da sua boceta ao natural, gozar dentro dela como um desesperado... eu estava louco, era oficial. Me desliguei, perturbado, focando nos movimentos que ela fazia,

os seios balançando, meu pau sumindo e aparecendo nela. Intensifiquei os movimentos, sem deixar de olhar para ela, que continuava com os olhos fechados, perdida nas sensações, recuando o corpo e pondo as mãos nas minhas coxas, indo para trás.

A posição me permitiu ver melhor nosso encaixe, e eu grunhi, buscando seus seios e abocanhando um, enquanto estimulava seu clitóris. Em alguns minutos, nós respirávamos um na boca do outro, ofegantes, minhas estocadas mais rápidas e ferozes, com ela apoiada nos meus ombros agora, subindo e descendo selvagemente.

— Que gostosa do caralho... goza para mim... — eu disse, minha voz rascante, eu mal a reconhecia, enquanto sentia-a me apertar, realmente fazendo movimentos musculares que sugavam meu pau. Eu arregalei os olhos levemente, surpreso e enlouquecido de tesão. Eu sabia que algumas mulheres faziam aquilo, claro, mas nunca tinha encontrado uma realmente boa daquele jeito. Aquilo era o suprassumo do tesão. Malu sorriu, consciente do que fazia, então voltou a ficar séria logo depois, pois eu aumentei o ritmo das estocadas nela. Mordeu os lábios, revirou os olhos, segurando

PERIGOSAS NACIONAIS

os seios, expondo o pescoço.

— Teo, eu vou gozar... ah, meu Deus...

Eu quase urro, louco, então mordi seu pescoço e esfreguei seu clitóris com mais firmeza, isso enquanto sentia Malu apertar-me novamente. Uma. Duas. Três vezes, espremendo meu pau dentro daquela boceta apertada e molhada. *Era. A. Porra. Do. Paraíso. Caralho.*

— Vem, goza com meu pau enterrado em você... goza, aperta meu pau gostoso, vai... — eu grunhi, e ela pareceu esfacelar-se, estremecendo, e eu fui junto, soltando um urro enrouquecido.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 6



*Viva para sempre (viva para sempre)
Para o momento (para o momento)
Sempre buscando (sempre buscando)
pelo escolhido (pelo escolhido)*

***Viva Forever
Spice Girls***

Malu

Eu estava observando o meu reflexo no espelho do banheiro daquele quarto imenso, tentando entender um pouco as minhas reações de momentos antes. Eu estava, lógico, tentando colocá-las na caixinha das ações puramente físicas ao que tinha acontecido, apesar de ter sentido o meu mundo todo entrar em colapso de uma maneira inquietante a cada vez que ele me levou ao orgasmo naquela noite.

E minha nossa, esse homem era descomunal, e eu tinha "voltado à ativa" de maneira sensacional. Depois de montá-lo como uma amazona selvagem, rápida e intensamente, nós descansamos por uma meia hora e depois tínhamos *retomado as atividades*. Depois fomos para o banheiro, tomar um longo banho que, claro, rapidamente se transformou em outro *round*, e nós fizemos sexo com ele em pé, me segurando sobre o balcão de mármore do seu banheiro, profundamente enterrado dentro de mim, enquanto mantinha meus seios na boca. Tinha sido sublime. E intenso. E assustador, também.

Eu queria ir embora assim que "voltei à

PERIGOSAS ACHERON

terra" depois do meu último orgasmo, cada vez mais incomodada com o furor das minhas reações, enquanto estávamos lá, olhos nos olhos, respirações pesadas, arfantes, tentando nos situar.

Alguns segundos depois, eu desviei os olhos, sorri meio sem jeito, dei um beijo rápido em seu pescoço forte e comecei a descer do balcão. Rapidamente, ainda nua, saí procurando minhas roupas que estavam espalhadas pelo quarto. Teo veio atrás de mim, e quando eu virei e olhei por cima do ombro, ouvi o *puta merda* que ele falou e me ajeitei de pé, sorrindo, com minhas roupas devidamente recuperadas.

— Bela vista, Malu. — ele disse, me estendendo uma toalha grande e preta. Ele próprio estava com uma toalha parecida enrolada em volta da cintura estreita, os braços cruzados sobre o peito musculoso, na porta do banheiro. Aquele homem era uma visão e tanto com os cabelos molhados penteados para trás e aquele pau maravilhoso perfeitamente delineado no tecido da toalha.

— Obrigada, Teo. Você é um bom cumpridor de promessas. — assegurei, tentando soar jovial, lembrando a nossa piadinha do início da noite. A merda era que eu não estava

decididamente me sentindo jovial ou espirituosa, estava me sentindo vulnerável, levemente incomodada com a intensidade do que eu tinha sentido aquela noite. Tinha sido o melhor sexo da minha vida, sem sombra de dúvidas. Mas era sexo, e isso não deveria ser estranho de maneira nenhuma, pelo contrário, era para ser leve, casual. Eu conseguiria isso, claro. E a primeira coisa a fazer era ir embora.

— Eu preciso ir, nem sei que horas são. Você chama um táxi enquanto eu me visto, por favor?

Ele veio em minha direção, uma carranca linda, e eu me perdi novamente na magnitude do olhar quente e verde dele. Não dava para evitar passear os olhos por toda a extensão visível do corpo daquele homem. E que corpo. Eu sabia por que tinha explorado aqueles músculos todos, o peito largo, perfeitamente definido, coberto de pelos louros e finos que terminavam em uma linha mais estreita que descia rumo à borda daquela toalha.

E as pernas dele, firmes e musculosas, com força suficiente para me segurar e manter firme, como ele tinha feito no banheiro. E olha que eu não

era exatamente uma mulher magrinha e leve. Enfim, o cara era gostoso de todos os lados e ângulos que você olhasse. E, naquele momento, ele estava me olhando com o semblante fechado, irritado.

— Eu vou te levar, e nem tente teimar comigo. Se eu não ia te deixar sair sozinha às 11 horas da noite em uma boate, pode apostar que não farei isso às 2 horas da manhã, você saindo da minha casa. Nós nos vestimos e eu te levo, pode ser? — ele perguntou, naquela voz baixa e rouca.

Eu ainda tentei dizer algo, mas ele abaixou a cabeça rapidamente e me deu um beijo rápido, passando a língua nos meus lábios abertos. Eu suspirei.

— Nada de teimosia, mulher. E você é quem está falando em ir embora. Eu não te disse para ir, disse?

Eu abri os olhos e o encarei. Não, ele não tinha dito. Mas eu precisava.

— Uma noite, você esqueceu? — eu revidei, passeando um dedo bem de leve nos pelos louros do peito dele, formando desenhos aleatórios.

— Pelo que me conste, ainda é noite, madrugada, na verdade.

Eu deixei que ele me beijasse, mas precisava mesmo ir embora. Eu não podia esquecer que estava na casa dele, com a filha dele, minha aluna, em algum lugar por ali. Sem falar que realmente não podia ceder a ele assim, não quando ainda estava sentindo os efeitos dele entre as pernas e na minha mente. Era um sexo fantástico demais para que eu agisse como se nada tivesse acontecido, não queria me impressionar além do recomendável ali. Além do mais, eu estava na casa dele, quem me garantia que ele realmente estaria à vontade se eu decidisse ficar mais, e estava apenas sendo educado, como tinha sido a noite toda?

— Teo, você me leva, tudo bem. Mas eu realmente preciso ir. Além do mais, se eu ficar, eu não sei se terei pique para outra rodada do que você obviamente tem em mente. Lembre-se que eu estou voltando ao jogo agora e poderia simplesmente dormir aí ao seu lado. — eu sorri, olhando para ele.

Ele não sorriu, e por um momento eu pensei que ele ia dizer algo, ao me encarar profundamente e franzir as sobrancelhas. E, eu, imediatamente me arrependi da brincadeira. Claro que eu não dormiria ali, nunca, pelo amor de Deus. Por que diabos eu fui dizer uma estupidez daquelas?

— Bom, eu vou... ao banheiro. Não demoro.

Saí dos braços dele e meio que corri em direção ao banheiro, colocando as minhas roupas de modo que faria inveja ao *Flash*. Ridícula, que merda. Por que diabos eu fui falar algo assim? O cara deixa claro que quer uma noite de sexo ardente, e na hora de ir embora, por mais que ele seja cavalheiro e não exatamente tenha me mandado ir, eu dava uma indireta sobre *dormir* com ele? Porra, Malu. Antes fosse uma indireta. Porque não era. Era só eu tentando ficar confortável e casual quando tudo que eu não estava naquele momento era confortável e casual.

Estava tudo seguindo o protocolo, ali. Sexo de tremer o chão? Confere. Um cara delicioso que me fez ver estrelas em uma noite mais do que qualquer outro que eu já tenha ido para cama? Confere. Aproveita que você está no lucro e segue a próxima regra, pensei. *Agora* era a hora certa de ir. E o que foi aquilo no rosto dele quando eu abri minha boca grande? Terror? Só podia ser. Eu respirei fundo, me dei uma última olhada e saí do banheiro.

Téo estava terminando de pôr uma camisa preta de algodão, e já tinha vestido uma calça de

moletom cinza claro. Era injusto um cara ser tão gostoso assim, lamentei. De camisa social e jeans ele era lindo, mas de camisa de algodão, moletom e pés descalços? Era pecaminoso, meu bom Deus. Apreciei a vista, até ele virar-se, pegando as chaves do criado-mudo. Sua expressão era ininteligível.

— Pronta?

— Sim. Podemos ir.

Ele caminhou até mim e parou na minha frente, me encarando. Aquele jeito dele me encarar meio que me deixava nervosa. Segundos de silêncio e ele me digitalizando com os olhos verdes-claros, até que deu um sorriso de canto de boca.

— Vamos, então. — ele apenas disse, me fazendo sinal para seguir em frente, mas na porta eu parei e o deixei abrir e sair para o corredor. Era a casa dele, afinal, e se íamos topar com alguém, eu não queria ser a primeira a ter o prazer.

Téo saiu e eu o acompanhei, descemos as escadas em direção à frente da casa, ambos em silêncio. No carro, ele me deixou entrar, fechou a porta e depois se acomodou. Senhor, um *gentleman* que fode como um pervertido, era maravilhoso demais, eu pensei, me ajustando. Tão maravilhoso

que eu não queria ficar encantada assim, precisava deixar aquelas sensações inquietantes no campo sexual, que era onde elas realmente deveriam ficar.

Ficamos em silêncio por alguns instantes, enquanto ele se afastava da sua casa. Eu trançei meu cabelo, olhando pela janela, e não pude reprimir um discreto bocejo. Mas ele notou.

— Cansada?

Eu percebi o tom meio divertido na voz dele, e relaxei, virando-me para observar seu perfil. Ele continuava concentrado no trânsito, mas devia estar plenamente consciente do meu exame.

— Um pouco, sim. Foi uma sexta-feira intensa. — eu admiti, sem esconder a malícia na minha voz. E pude perceber que ele sorriu.

— Sim. Intensa, para dizer o mínimo. Malu...

— Sim?

— Eu quero te ver de novo. — ele disse. Simples assim. E foda-se se eu não senti um frio na minha barriga, uma sensação estranha. Deus, não. Era só isso que faltava. Eu, Maria Luíza Martins, dona da minha vida, ter estremecido com o jeito homem das cavernas daquele cara. Foi isso mesmo? Nada de: podemos nos ver novamente?

Posso ter seu telefone? Não. Não com ele. Mas eu ia dizer o quê? Claro que eu ia dizer sim.

— Eu também quero, se isso conta para você. — provoquei, mas não podia negar que tinha ficado nervosa. Uma coisa era uma noite de sexo alucinante, cada um ia para o seu lado, e tudo bem. Agora eu estava meio sem as coordenadas ali, e isso sempre me deixava tensa.

— Conta, claro. Eu só quis deixar claro que estava mudando os planos do lance de "uma noite e adeus", que combinamos. Que, aliás, fui eu quem sugeriu, como você já mencionou antes. Então, reformulando, posso te ver novamente?

Eu lambi os lábios subitamente secos. Não por que tinha alguma dúvida se queria repetir as horas de sexo maravilhoso com aquele cara. Só se eu fosse louca para não querer aquilo novamente. Então, qual era o motivo da apreensão? Qual, mesmo?

— Ok, então estamos oficialmente alterando as regras? Estou bem com isso. — eu disse, observando que estávamos nos aproximando do prédio onde eu e Stella morávamos. Teo foi diminuindo a velocidade, então parou e virou-se um pouco para me encarar.

— Acho que poderíamos explorar essa atração em mais do que apenas uma noite. O que você me diz? — Pude sentir seu olhar me queimando.

— Tudo bem... eu também acho que temos potencial para isso. — disse, e ele sorriu.

— Exatamente. Podemos explorar esse potencial de modo a que nós dois saíssemos satisfeitos, certo?

Ele estava falando de sexo. Claramente. Ótimo, eu também. Foi assim que havíamos chegado até ali, sendo sinceros sobre o que ia acontecer.

— Gosto bastante da ideia. — e gostava mesmo. Ainda assim, lembrei que havia gostado demais até, e não devia confundir alhos com bugalhos. Tinha a impressão que isso era fundamental ali, naquilo que estávamos combinando.

— Ótimo, então. Eu te ligo. — ele me informou, estendendo a mão e fazendo um gesto com o dedo. Eu fiquei meio segundo sem entender. — Seu celular.

— Ah, claro. — puxei do bolso, destravei-o e entreguei a ele, observando-o digitar seu número

e segundo depois, o celular dele tocou no console entre os bancos. Ele devolveu o meu, com uma sobancelha erguida.

— Quem é o cara de moletom?

— Que cara?

Ele apontou com o queixo para o meu celular

— O cara na sua tela com o moletom vermelho. — repetiu. Eu entendi, então sorri, divertida.

— Ah, você está falando do Drake. É um *rapper* canadense. Conhece? — questionei, sabendo que a probabilidade era quase nula. Aquele cara definitivamente não tinha jeito de quem curtia o tipo de som que o Drake fazia, pensei.

— Não faço ideia de quem seja. — Teo resmungou, e eu ri, confirmando minhas suspeitas.

— Pode apostar que eu imaginava isso.

Ele me olhou, balançou a cabeça e destravou as portas.

Sáímos do carro, e novamente ele me pegou do lado do carona. Assim que desci, Teo me puxou lentamente pelo pescoço e me deu um beijo rápido, mas firme, e depois me acompanhou até a portaria, as mãos nos bolsos da calça, observando enquanto

eu me afastava em direção ao portão. Eu virei e o encarei, sorri e acenei.

— Boa noite, Malu. Você vai ter notícias minhas.

— Boa noite, Teo. Eu vou esperar por elas, então.



Eu estava tomando café, na cozinha, absorta nas imagens vívidas da noite anterior, quando notei a porta se abrir na sala e uma sorridente Stella entrar.

— Ora se não é a moça das surubas. — saudei-a, animadamente. Ela fez uma careta divertida, jogando uma mochila no sofá e vindo na direção da cozinha.

— Que merda! Eu disse isso mesmo, não foi? Mas quer saber, não me arrependo. E no que mais se pensa quando se vê um monte de homens daqueles todos juntos assim, hein? — ela riu, indo servir-se de uma xícara e sentando ao meu lado. — E por falar nisso, vai falando logo. Quero saber de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade de onde você tirou aqueles caras. Foi perfeito!

Nós sorrimos, e fomos para sala nos acomodar nos sofás.

— Bom, eu também quero saber de umas coisas que aconteceram com você ontem, então... começa a desembuchar também. — eu pressiono, e Stella deu um largo sorriso feliz. Essa era a Stella que eu estava acostumada a ver nos últimos meses. Rindo com as paredes, suspirando. Era muito bom voltar a ver minha amiga assim.

— Ah, amiga. Sexo de reconciliação é tão bom, né? Nossa. E no carro, então?

— Mas e aí, ele não quis te esganar pela história do sexo com os caras? Meu Deus você precisava ter *visto* a cara dele. Eu estava de frente, foi impagável.

Ela deu de ombros, satisfeita.

— Ele mereceu, pelo que me fez chorar ontem. E sim, ele ficou louco, quando saímos. Queria saber quem eram os caras, de onde eu os conhecia, e falou inclusive de um tal Ricardo, que ele conhecia bem e era um verdadeiro pervertido... enfim. Eu pensei que ele ia enfartar. — ela ria, maravilhada.

PERIGOSAS ACHERON

— Stella, sua louca. E aí?

— Pois então, eu disse que eram uns caras que conhecemos na pista, que fizemos um convite para uma noite conosco e eles toparam, apenas isso. Claro que chegamos no carro, as coisas esquentaram, você sabe como é. Mas depois eu expliquei a ele tudo. Depois de um tempinho, óbvio. — ela sorriu, acomodando-se mais nas almofadas, sonhadora. — O que importa é que ele me pediu perdão, e estava arrependido da forma como me tratou no apartamento.

— E vocês conversaram sobre isso, quer dizer, não é mais um problema para ele você ter dançado em uma boate nem nada? — eu inquiri.

— Na verdade ele me disse que isso o incomodou, sim. Mas admitiu que é um pensamento machista e imbecil, e ele vai conviver com isso. Que ficou incomodado em me imaginar dançando para outros caras, mas que isso era passado e nós iríamos ficar bem. Assim espero.

— Vão sim, amiga. Acho que vocês se dão bem e estão no caminho certo.

— Hum, que ótimo. Mas não vem me desdobrando não, vamos lá, me conta tudo; quero detalhes. Quem são os caras, e o melhor de tudo,

quem era aquele loiro gostoso atrás de você? Eu estava bêbada, foi tudo muito rápido, mas eu não sou cega. — ela depositou a xícara na mesinha, animada, e eu me preparei. Com Stella era sempre assim, não tinha como escapar.

— Lembra do pai da aluna lá da Academia, que te falei ontem?

— Claro, era ele?!

— Em toda a sua glória, minha amiga. Assim que você saiu, meu brinco achou de cair, eu abaixei para pegar e quando levantei, ele estava lá, dá para acreditar?

— Nossa, que coincidência maravilhosa. E aí? E os outros caras, não me diga que vinham de brinde...

— Um era o Marcos, que estava ao lado dele, seu primo, na verdade. E o outro, que chegou depois, o de cabelo mais comprido, era o dono da boate, também amigo dele, pelo que percebi.

— Isso, o Ricardo, então. Carlos me falou que ele era o dono da boate. Ele trabalhou para o pai do cara, ou algo assim. Nossa, e você foi topar logo com esse time, hein? *Tá* de parabéns.

— Amiga, eu não sabia nem para onde olhar. Mas vamos ser sinceras, o Teo era outro

nível. — eu suspirei, enrolando as minhas pernas debaixo de mim e sentindo a leve indicação do quanto o cara era outro nível.

— Sim, o Teo. Vamos a ele. Como foi?

— Que é que tem? Como foi o quê? — provoquei-a, fingindo tirar um fiapo da parte de cima do meu pijama amarelo de alcinhas. Quando olhei para cima, Stella estava me olhando de olhos semicerrados.

— Certo, Maria Luiza, eu não te conheço. E sei que você está com toda cara que foi devidamente fodida, obrigada. Pode apostar que eu conheço essa cara, amiga, já me olhei no espelho hoje. Vamos lá.

— Amiga, foi de tremer o chão.

Stella deu um gritinho e eu ri junto. Ela sabia da minha seca depois do colega que ela havia me apresentado, e de como eu tinha resolvido voltar às “atividades” sem pressão, apenas curtir o que valesse a pena, quando aparecesse; e nada como o relacionamento sufocante como o que eu havia tido com o Adriano. Aquela correria atrás de amor e felizes para sempre não era comigo, pelo menos não por enquanto.

— Malu, que maravilha! Então você voltou

em grande estilo?

— Em ótimo estilo, amiga. Nossa... — eu suspirei, e nós rimos. — Depois que você foi embora, nós quase pegamos fogo dentro da boate, e eu decidi que aquela era uma boa hora para sair da seca. E a oferta dele, de uma noite, e nada mais, me pareceu perfeita.

— *Hum...* Sei. Uma noite. Ei, lembrei, mas você disse que ele era casado, não foi? — ela alarmou-se.

— Não, eu perguntei e ele disse que não. Coisa bem fácil de descobrir se fosse mentira, mas não acho que seja, e ele me levou para sua casa. Eu deduzi isso porque a Julia falou da mãe e tal... O Teo é divorciado.

— Ufa. E então... — ela continuou, esperançosa.

— Então o quê? — dei de ombros, sabendo muito bem o que ela queria dizer. Não seria Stella se ela não perguntasse.

— Vocês vão se ver de novo ou algo assim? — sondou, animada.

— Bem, acho que vamos nos ver outra vez. Ele disse que ligaria. Vamos ver. — eu revelei, não querendo soar tão animada com isso como eu

realmente me sentia. Isso queria dizer que o sexo tinha sido tão impactante para ele quanto tinha sido para mim? Pode ser. Ele queria "explorar" a atração, e eu não via problema nenhum nisso.

O problema era aplicar naquilo mais expectativas do que o ato merecia, e evitar problemas como o fato de que eu ainda dou aulas para filha dele. Precisava pensar naquilo, não queria criar um clima estranho com a menina nem nada.

— Mas você gostou... foi sensacional. Claro que vocês vão se ver de novo.

Eu levantei em direção a pia, rolando os olhos para ela.

— Calminha aí, amiga. Eu transei com o cara e foi de pirar, ok. Mas não estou esperando flores hoje, só vamos fazer sexo de novo. — eu concluí, lavando minha xícara. Certo, eu estava dizendo aquilo para mim mesma também. Não esqueça disso, Malu. Stella veio atrás de mim, provavelmente para eu lavar a dela também.

— Não seja tão cínica, Malu.

— É realista que chama, amiga.

— Não, é pessimista que chama. Você não sabe se não vai rolar algo mais daí. — ela disse,

PERIGOSAS NACIONAIS

toda no modo romântica, como eu já estava acostumada. Eu suspirei.

— Stella, nem toda transa com um cara quente acaba em "algo mais", acredite. E nem eu estou esperando isso, também. Faz muito bem para cabeça e para o coração, sabe? — nós saímos juntas da cozinha, em direção ao meu quarto.

— Sexo sem compromisso, sem expectativas, sem esperar algo mais? Não sei. Tudo bem, nem sempre termina em namoro e tal, mas você não acha que já ir assim para uma possível relação meio que já estraga as coisas? — Stella sentou na poltrona no meu quarto, jogando umas roupas no chão. Nós já tínhamos tido aquela conversa mil vezes antes, mas era só surgir um cara que ela vinha com todo o seu arsenal de sonhadora para cima de mim de novo. Seria fofo, se não fosse exasperante.

— Mas que coisas, amiga? Só estragaria se eu já fosse querendo um relacionamento com o cara, o que é bem louco levando-se em conta que eu só fiz sexo com ele uma vez. Você sabe o que eu penso sobre essas aspirações românticas irreais. — Eu sentei na minha cama, encarando-a. Foi a sua vez de rolar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Oh, eu sei bem, senhora realista e "o amor não é isso tudo" Martins. Só estou dizendo pra você não ir assim com todas essas garras. Relaxa, mulher.

— Eu estou relaxada, Stella, é exatamente isso que estou fazendo aqui, relaxando. Sem pressionar, sem ficar criando expectativas que podem nem se confirmar. E outra coisa, ele deixou bem claro o que estava acontecendo, inclusive quando propôs uma segunda vez. Acredite, amiga, eu sei exatamente onde estou entrando. É muito mais seguro e prazeroso assim.

— Ok, então. Mas o que era uma noite de "sexo sem compromisso" já está em vias de se transformar em duas, ou estou enganada? — ela debochou, triunfante, fingindo olhar as unhas.

— Você não tem jeito não... — eu murmurei, e ela riu.

— Uma romântica incurável. Culpada.

— Me deixa com meu anti-romantismo, *tá?* Tão mais tranquilo.

— Hum, não é não. E você nem sempre foi assim, que eu sei... — ela ergueu uma sobrancelha. Eu tinha contado a ela sobre Adriano e o quase casamento quando eu tinha 21 anos, e como aquela

história toda, de moldar a vida em torno de um cara, de um relacionamento opressivo e de planos tão concretos que depois desmoronavam, me fizeram perceber que ser independente, proprietária da minha felicidade, e não mais construir castelos em torno da ideia de um príncipe encantado, era uma forma muito melhor de viver a vida.

Eu tinha sido tão mais feliz naqueles últimos quatro anos. Feliz? Aquela vizinha chata me espicou, e eu ignorei-a. *Tá*, não exatamente feliz, mas pelo menos eu não vivia sofrendo pelos cantos, entrando em relacionamentos furados e me machucando pelo caminho, e isso era muito bom, pode acreditar.

— Você acha que eu vou cair em algo como o que vivi com Adriano novamente? “Nem a pau”. Estou ótima assim. E Stella, não estou dizendo que não quero os caras ou que os estou afastando, não, tanto que tive uma noite espetacular ontem. Só estou dizendo que quando a gente deixa as coisas claras, sabe as regras do jogo, evita um bocado de sofrimento.

— Evita? Então, *tá*.

Eu ignorei-a, observando que passava de meio dia, no relógio que mantinha na mesinha ao

lado da minha cama. Meu celular estava lá também, quase descarregado. E foi só por isso que eu olhei para a tela, rapidamente, não porque eu estava esperando que ele tocasse, que houvesse uma chamada perdida ou uma mensagem nele. Claro que não.



Capítulo 7



*E você corre e corre para alcançar o sol,
mas ele está se pondo
Dando a volta, até surgir
novamente atrás de você*
Time
Pink Floyd

Teo

Apesar de ter dormido depois das três horas da manhã, eu estava de pé antes das oito horas, na ilha da minha cozinha, com o café pronto para meninas e fazendo torrada e ovos. Quando desci, dona Amélia já estava por ali, mas eu disse que ela podia ir para casa, já que eu ficaria sozinho no final de semana e Julia estaria com a mãe.

Já tinha tomado um banho, bebido a minha primeira xícara de café preto e lido algumas notícias no meu celular àquela hora. Eu não era um cara de dormir muito, nunca fui. E depois de ontem, estava me sentindo muito energizado para ficar deitado. Eu tinha um tempo até que Julia descesse e Amanda chegasse, como tinha combinado, às 10 horas, então, liguei a TV que ficava na cozinha e me recostei, cruzando as pernas, concentrado, vendo o jogo do campeonato alemão que eu tinha reservado antes. Meus olhos estavam ali, mas decididamente minha atenção estava alternando entre a partida acontecendo na tela e imagens bem claras da foda fantástica de ontem.

E logo os flashes do que tinha acontecido

PERIGOSAS ACHERON

ontem começaram a ganhar toda a minha atenção. As lembranças estavam me deixando muito animado, diga-se de passagem, e olhei para baixo, sentindo o meu pau armar uma barraca na minha calça do pijama. Melhor ir providenciar alguma barreira mais efetiva para isso, daqui a pouco eu teria companhia.

Quando voltei do quarto, com uma camisa e cuecas por dentro de meu jeans, as meninas ainda não tinham descido. Mais um pouco e eu precisaria acordá-las, pensei, fechando a TV e caminhando para sala, onde sentei no sofá e recostei minha cabeça no encosto, passando as mãos nos cabelos.

Eu não tinha dúvidas que queria levar Malu para a cama novamente, nenhuma, apesar da minha proposta inicial de uma noite, apenas. Isto estava bem resolvido para mim no minuto em que ela estava juntando as suas roupas do chão, ontem aqui. Sem nenhum drama ou preocupações idiotas sobre se eu deveria ou não pegar o seu telefone ou algo assim.

Como eu disse, esse lance de nada de repetir mulheres era bem a cara do Ricardo, não a minha. Eu achava que se fosse bom, se tivéssemos nos entendendo bem, eu poderia ir para uma segunda

vez, ou terceira. E ontem não tinha sido bom, tinha sido do caralho. Aquela mulher era tudo que eu tinha imaginado quando a conheci e um pouco mais do que eu esperava quando propus que saíssemos daquela boate.

Não, a dúvida não tinha nada a ver com aquilo. O ponto era: como ela iria encarado esse desenrolar? Uma coisa era uma mulher entender e curtir o lance do sexo sem compromisso e sem expectativas de um relacionamento, porque era isso que eu sempre propunha. Outra coisa, bem diferente, era essa mulher entender que mesmo uma segunda ou terceira vez não alterava a ordem das coisas, ou seja, não espere nada daí, querida.

Tinha dado certo com uma ou outra. Na maioria das vezes, deu merda depois do segundo ou terceiro encontro. E eu me arrependia de ter ido tão longe, porque sempre percebia que o furor que eu imaginava estar sentindo já estava passando e outros encontros não valeriam a dor de cabeça.

Então, ontem, com a Malu, eu sabia enquanto ainda estava dentro dela, que não seria o bastante. Eu queria mais. Sempre estava disposto a repetir um sexo acima da média, e aquele estava bem acima. O problema era como *ela* encararia

esse mais. E eu não podia deixar de fora, também, o fato de como *eu* encararia esse mais. A forma como eu levasse aquilo seria determinante também, e eu não queria que Malu achasse que poderíamos ir além da cama. Porque não poderíamos.

Eu queria-a novamente, tão intensamente como a tinha desejado na noite anterior, mas sabia que aquilo era uma questão de tempo até a novidade passar. Sem falar no perigo adicional de ela estar de algum modo próximo a Julia, o que poderia dar ideias erradas em relação a mim.

Acredite, eu tinha transado com a mãe de uma das colegas de Julia, no ano passado, uma divorciada gata da minha idade, e foi o que bastou para a mulher começar a convidar Julia para a sua casa, ou quando não batia aqui na minha trazendo comidas que eu não tinha solicitado. Sem falar que na cama a mulher era uma pedra de gelo, um inferno, e eu tive que dizer a minha filha o que estava acontecendo, o porquê de aquela louca estar assediando-a, o que foi constrangedor para cacete, pois ela tinha pedido para eu ficar longe das mãos das suas amigas. A menina tinha se afastado dela por conta da situação com a mãe. Muito obrigado, eu não queria aquela merda de novo.

Malu não era mãe de uma amiga de Julia nem nada, mas estaria próxima de alguma forma, então eu teria que ser mais cuidadoso ainda e deixar as coisas o mais claras e bem negociadas possíveis. Eu não a veria mais do que a próxima vez, então, estava tudo bem.

Lembrei da sua brincadeira, de que estava tão cansada que poderia dormir ao meu lado em vez de transar, e franzi o cenho. Claro que eu sabia que era uma brincadeira, e a reação me deu a entender que ela tinha se dado conta de que poderia soar como outra coisa, e ficou embaraçada. Mas o pior de tudo, foi a minha própria reação, por isso eu travei quando ela disse aquilo, porque não entendi o motivo de eu quase dizer: “Tudo bem, dormimos e eu te levo bem cedo pela manhã”. De onde tinha vindo aquilo? Grunhi de raiva.

Claro que era meu tesão falando, não tinha dúvidas. Se ela ficasse, acabaríamos transando pela manhã, e foi nisso que pensei. O problema era que eu precisaria lidar com o meu tesão de forma apropriada, ou ele me colocaria em maus lençóis, induzindo-a a achar que eu queria mais do que estava propondo. Toma cuidado, cara, pensei.

Ainda estava assim, remoendo a noite e

suas possíveis repercussões, quando a campainha tocou, e eu olhei para o relógio da sala, notando que já eram 10:01. Merda. Devia ter chamado as meninas antes. Levantei e fui abrir a porta, e é claro que era Amanda, com sua pontualidade britânica, e um enorme sorriso no rosto.

— Bom dia, amor. Tudo bem? — ela me saudou, se aproximando, apoiando-se em meus ombros e me dando um beijo no rosto. Seu perfume muito caro me envolveu, tão familiar, e eu notei como ela continuava bonita e bem cuidada. Alta e magra, com aquele vestido azul acima dos joelhos e os cabelos pretos e lisos cortados em um desses cortes modernos que eram compridos na frente e mais curtos atrás; ela estava sempre muito bem. Mais nova do que eu apenas dois anos, Amanda não aparentava muito mais de 30 anos, e eu sabia que aquela impressão custava muito exercício e uma boa nota.

— Bom dia, Amanda. As meninas ainda não desceram, entre, por favor. — eu me afastei para deixá-la entrar, o que ela fez, voltando-se logo em seguida para mim, ao alcançar a sala, suas belas sobrelancelhas negras franzidas.

— Meninas?

Então Julia não havia dito à mãe que Paty iria juntar-se a elas no fim de semana em sua casa? Bom, lá vamos nós.

— Sim, Paty está indo com a Julia para sua casa. Ela dever ter avisado a você, não? — eu sabia perfeitamente que ela não tinha avisado, ou ontem mesmo Amanda teria me enchido o saco sobre isso. Ela não gostava muito dos amigos de Julia de modo geral, mas de modo particular de Paty. Não que ela fosse grossa deliberadamente ou algo do tipo, pelo menos não que eu tivesse visto, porque eu não permitiria. Mas ela também não escondia que a menina a desagradava.

— Não, ela não avisou. — eu notei o tom cortante da sua voz bem modulada.

— É um problema para você? — baixei o tom de voz, fitando-a. A menina podia chegar e esse não era um papo agradável para que ela ouvisse. Amanda levantou um pouco o queixo, e notei que ela respirou fundo, então falou mais baixo também.

— Não exatamente Teodoro, mas eu gostaria de ter sido comunicada sobre isso, claro. Além do mais... Paty não é aquela menina meio gótica da escola?

Amanda já tinha problemas suficientes com Julia não exatamente querendo ser uma *lady*, tal como ela própria, um epítome do que ela considerava a feminilidade, e quando se juntava com Paty, que só andava de roupas pretas e tinha um piercing no nariz, ela praticamente surtava. Boa sorte com o seu fim de semana, querida, pensei.

— Você sabe que elas são amigas, ela dormiu aqui, então, não deveria ser um problema para você.

— Certo, então... como foi o aniversário do Ricardo? — ela perguntou, passando por mim e indo em direção à cozinha. Ela sempre sentia-se muito à vontade em minha casa, e eu não a recriminava, então a segui, enquanto lembrava exatamente como tinha sido para mim o aniversário do Ricardo. Perfeito. Muito bom mesmo, se você imaginasse. Sorri, me encostando ao balcão.

— Maravilhoso.

Ela se virou do freezer, de onde tinha ido beber água, me encarando, talvez notando a nota de malícia na minha voz. Eu tinha vivido por quinze anos com aquela mulher, ela me conhecia um pouco, não era?

— Que bom, deu meus parabéns a ele?

— Não, eu esqueci.

— Claro que sim.

Amanda voltou-se e ajeitou algumas coisas que eu tinha deixado fora do lugar mais cedo, se movendo na cozinha de maneira relaxada. Eu era indiferente àquilo, só era meio exasperante, o porquê de ela se incomodar em ainda estar se movendo pela minha casa, mas não algo que eu realmente precisasse chamar a sua atenção sobre.

Eu sabia que o fato de ainda morar sozinho talvez desse a Amanda a impressão de que, de alguma forma, ela poderia se movimentar pela minha casa como se ainda fosse a nossa casa, mas não era algo que eu realmente passasse algum tempo remoendo. Isso nunca tinha sido verdadeiramente um problema.

Quando ela enfim terminou o que achou que estava fazendo, ela me encarou sorrindo, ajustando o colar de ouro no longo pescoço. Como eu disse, Amanda era uma mulher bonita, elegante, e naquele momento eu me peguei pensando nas diferenças entre as duas mulheres que tinham estado mais recentemente na minha casa.

Aqui estava a minha ex, uma mulher rica — já rica quando eu a conheci — acostumada a

circular nos mais abastados círculos de poder da cidade, e talvez do país, branca, gritando glamour e finesse em cada gesto e palavra. Claro, era uma mulher comedida, educadamente fria, criada para representar bem o lugar de onde veio. Às vezes eu me perguntava como uma mulher como Amanda tinha achado que era uma boa ideia se juntar a mim, tão diferente em quase tudo dela.

Eu não era exatamente um lascado quando a conheci, mas a fortuna da sua família já era extravagante quando nos conhecemos na Universidade. Eu era um cara boa pinta, fazendo engenharia civil, estudando e também aproveitando o que de melhor os tempos na universidade poderiam oferecer — e não apenas estudos, se é que vocês me entendem — e ela era a patricinha do campus, com um rabo de cavalo liso, um corpo magro perfeito e um sorriso radiante.

Amanda não me chamou atenção logo que nos conhecemos, em uma festa próximo ao campus, mesmo porque ela parecia deslocada com um grupinho de amigas tão afetadas quanto ela, ali. Mas alguém próximo nos apresentou e ela passou a colar em mim, de verdade. Eu achei divertido e meio surreal que ela quisesse um cara que não era

dos seus círculos sociais, mas talvez ela achasse que por ser primo de Diego e Marcos, eu não era exatamente um à toa. E não era, mas achei aquele interesse curioso.

Depois daquela festa em específico, rapidamente estávamos envolvidos. E nos próximos dois anos, enquanto eu e Max, meu amigo e sócio, estávamos tentando nos ajustar na vida e montar nossa empresa, Amanda foi ficando, e eu percebi como tinha coisas em comum com ela. Gostava da sua presença quase etérea na minha vida, descobrimos gostos em comum, pessoas em comum, e ela era totalmente dedicada a mim.

Eu me acostumei. Eu a amava, pelo menos gosto de pensar que sim, franzi a testa. Não era nada arrebatador ou que me fizesse sair do chão, era só uma mulher linda, que eu respeitava, que estava ao meu lado, enquanto eu construía minha vida. E então, quando ela engravidou, foi natural casarmos.

A outra mulher que estivera ali horas antes era uma incógnita para mim, e totalmente o oposto, eu poderia apostar, da minha ex-esposa grã-fina. Negra, linda, ousada e espirituosa, isso eu já tinha visto. Malu era uma professora de dança,

trabalhava e vivia do talento que o seu corpo naturalmente possuía.

Os círculos que aquelas mulheres se movimentavam eram diametralmente opostos. Eu não podia imaginar, por exemplo, o celular de Amanda com um *rapper* canadense como protetor de tela. Quem era o imbecil mesmo? Eu não lembrava do nome. E nem porque aquele cara deveria estar no celular de alguém, de Malu, por exemplo, para começo de conversa. E na cama... bom, eu não poderia pensar em uma única vez em todos aqueles anos que eu tenha praticamente perdido a cabeça na cama com Amanda, como fiz ontem com Malu, mesmo nos nossos melhores dias. Mas não queria ser maldoso sobre isso, ou ficar nessas comparações sem sentido, enquanto olhava ali para ela.

O que aquelas diferenças gritantes entre essas duas mulheres diziam sobre mim, naquele momento? Bom, eu não ia pensar muito mais sobre isso. Uma não estava mais na minha vida, pelo menos não do jeito que estava antes. E a outra nem estava na minha vida, no sentido estrito do termo, era apenas uma mulher linda e gata que eu pegaria novamente. Assunto encerrado.

— ... E eu disse que talvez você não se incomodasse em nos acompanhar, afinal, a Julia irá se apresentar, também. — Amanda estava dizendo, meio radiante, e eu franzi a testa, percebendo que tinha perdido tudo que ela tinha dito.

— A Julia? — eu inquiri, sem entender, bem no momento em que os passos das meninas ecoaram nas escadas, de modo nada fino ou elegante, e elas entraram na cozinha ampla em uma confusão de mochilas, roupas pretas, tênis *all star* e sorrisos animados.

Sorrisos vacilaram na mesma hora em que viram Amanda em pé do outro lado da cozinha. Julia, vestida em uma camisa de *Star Wars* e com o cabelo em um rabo de cavalo, veio em minha direção, me dando um abraço enorme.

— Bom dia, pai.

— Bom dia, minha princesa. — abracei, beijando-a nos cabelos.

— Bom dia, seu Teo. Bom dia, dona Amanda. — Paty estava dizendo, visivelmente menos vibrante do que costuma ser quando vem tomar café com a gente.

— Bom dia, Paty. Dormiu bem? Quem ganhou no jogo ontem? — eu sorri para as

meninas, enquanto Julia se dirigia à mãe, de modo bem menos esfuziante. Eu espiei de lado aquela interação, mas já devia ter me acostumado.

Paty deu um sorriso amplo.

— A Ju, claro.

— Olá, mãe. Bom dia. — Julia se aproximou e a beijou no rosto, delicadamente, mas de modo rápido. — Já está aqui há muito tempo?

Amanda sorriu, retribuindo o beijinho rápido.

— Bom dia, querida. Não, acabei de chegar. Tudo bem, sim. Hã... Patrícia, não? Bom dia. — Amanda curvou a cabeça na direção da menina, e eu percebi a olhada de desgosto no seu rosto, ao varrer Patrícia de cima a baixo.

Os tênis pretos como os de Julia, em Paty, eram complementados por uma camisa de banda de rock — Pink Floyd, ainda bem, não uma dessas bandinhas mixurucas de hoje em dia — o cabelo muito preto solto, o piercing e algo como lápis de olho que deixava o seu visual realmente meio gótico. Eu sorri para aquilo.

— Isso, Patrícia. — ela murmurou. Amanda definitivamente a intimidava. E ela estar disposta a enfrentar isso pela amizade com Julia, era louvável.

Havia dias que nem eu estava disposto a suportar Amanda.

— Fiz ovos e torradas, mas devem estar frios já. Posso preparar outros para vocês rapidinho. — ofereci. Julia saltou, feliz, e ambas se sentaram enquanto eu me movimentava pela cozinha.

Amanda ficou lá, fitando as meninas, então mesmo sem eu ter solicitado, foi colocando as coisas na bancada. Julia lhe deu uma olhada de canto de olho, mas não disse nada. Eu ignorei. Assim que tudo estava pronto, elas começaram a comer rapidamente, meio vorazes.

— Quanto carbo uma hora dessas... vocês estão armazenando energia para o fim de semana, certamente. — Amanda disse em tom de piadinha, mexendo nos cabelos. Eu peguei o seu olhar meio horrorizado para o café das meninas, assim como peguei o rolar de olhos de Julia e o sorriso discreto de Paty, ambas de costas para Amanda.

— Já tomou café, pai? — Julia mudou de assunto.

— Já, sim. Estou acordado há um tempo.

— Você chegou tarde, então? — ela disse, e eu congelei por um momento. Será que ela tinha ouvido ou visto algo ontem? Mas Julia nem

levantou o rosto para me olhar, concentrada em seu suco.

— Não exatamente. — eu desconversei, buscando um copo de água.

— Ah, *tá*. Eu e Paty fomos dormir às onze horas, mais ou menos, então foi isso. Como estava na boate? — ela questionou, e eu a olhei de rabo de olho, cauteloso.

— Foi bom. Muita gente. Até o Diego apareceu.

— Eu imagino, muita gente na escola estava falando da inauguração da boate do tio Ricardo. Claro que quase ninguém tem idade para ir, mas... — ela sorriu, dando de ombros. Eu suspirei aliviado porque ela ainda não tinha idade para ir, e estava só curiosa sobre a noite.

— Principalmente os meninos. Ainda mais depois que a Malu, em uma das aulas, disse que ela e sua amiga tinham entradas para ir lá. — elas riram, e eu engoli em seco.

Eu parei com o copo a meio caminho da boca. O que diabos o nome de Malu estava fazendo naquela conversa, na minha cozinha, antes das onze horas da manhã? Eu a tinha conjurado ao pensar nela e no que fizemos ontem? E como assim ela

falava que iria a uma boate para um monte de adolescentes punheteiros daquela escola?

— Malu? — eu ouvi Amanda perguntar, entrando na conversa. Julia, aquela danadinha, com doçura no olhar, virou para mãe, dando-lhe toda a sua atenção.

— Sim, mamãe, minha professora de dança. Lembra que eu lhe falei que estávamos ensaiando para o festival da escola?

— Ahãm. Lembro. — Amanda disse, claramente não lembrando de nada.

Julia continuou.

— Pois é, a Malu trabalha em uma academia aqui perto, e eu estou tendo aulas lá. Ela é um espetáculo, não é pai? — ela virou-se para mim, sorrindo inocentemente. Eu juntei as sobrancelhas, tentando entender aonde Julia estava indo com aquela conversa toda que não estava fazendo o menor sentido. — O papai a conheceu lá na academia ontem, quando foi me levar.

Eu balancei a cabeça.

— Hum, sim. Conheci mesmo. Muito... competente. — Murmurei, bebericando minha água.

— E isso porque o senhor não a viu dançar.

— ela disse, animada, e ela e Paty sorriram. Realmente, nunca a vi dançar, mas agora que a ideia estava sendo lançada, ela poderia muito bem ser aproveitada, pensei. Ter Malu dançando e rebolando para mim realmente parecia uma puta de uma ideia perfeita.



Capítulo 8



*Tenho uma cama, com seu nome nela
Com seu nome nela
Tem um beijo, com seu nome nele
Com seu nome nele
Bed*



Enquanto Stella ainda estava no banheiro, dando uma retocada no visual, para onde ela havia corrido assim que tinha sido avisada que Carlos passaria para nos pegar em 15 minutos, eu sentei no sofá e verifiquei meu telefone. Na noite anterior, tinha recebido uma mensagem se não perturbadora, mas no mínimo intrigante àquela altura do campeonato.

Quando ouvi o som do *WhatsApp* depois das onze horas da noite, meu coração deu um ligeiro pulo idiota, e tenho que admitir que a primeira coisa que pensei ao ver o número que não estava nos meus contatos, era que o Teo estava me chamando. Ele disse que faria, mas ainda não tinha ligado. E ele também tinha salvado seu número no meu aparelho, então não era ele, mas tudo bem, só se passaram dois dias e ninguém estava contando,

PERIGOSAS ACHERON

afinal. Podia ser que ele nem mesmo ligasse, não é? Então resolvi desencanar e ver o que ia acontecer.

Mas quando essa mensagem chegou, eu peguei o telefone ao meu lado na cama, meio dormindo já, e espiei. Li e franzi a testa, intrigada, sentando na cama. Então, quando desvendi a charada, soltei um "era só o que me faltava", balançando a cabeça. Os mortos estavam voltando do inferno.

A mensagem dizia: *"Malu, boa noite. Na vida, cometemos erros, muitas vezes, na verdade. O meu foi ter deixado você ir embora da minha vida. Me dê uma chance de mostrar que estou arrependido. Adriano"*. Respirei fundo, mordendo o lábio, me perguntando por alguns segundos onde ele tinha conseguido meu contato. Desde que saí da zona oeste do Rio, em Grumari, mesmo após a faculdade, e depois de ter vindo morar com a Stella, em seu apartamento, não tinha notícias dele.

E nem queria, na verdade. No entanto, se uma mensagem como aquela tivesse chegado uns dois, três anos atrás, talvez mexesse comigo de um modo diferente. Mas agora eu percebi que me deixava apenas amarga, lembrando de um tempo em que eu cultivei um monte de sonhos imbecis em

volta das expectativas de outra pessoa, porque achava que aquilo era bom para mim. Desde então, vinha vivendo de acordo com as minhas regras, estipulando minhas metas e agradando, acima de tudo, a mim mesma. Era um ótimo modo de viver, todo mundo devia experimentar um dia.

— Bom, como estou? — Stella saiu do banheiro, interrompendo meus pensamentos sobre a noite passada, e parou na sala à minha frente. Tinha trocado a camiseta sem mangas meio larga que vestia antes e por um short jeans minúsculo e uma camiseta branca, que deixava ver o biquíni verde por dentro.

— Muito melhor.

Ela sorriu e sentou, então observou meu rosto e o sorriso sumiu.

— O que foi, Malu?

Eu dei de ombros, não querendo realmente deixar aquilo mexer comigo de jeito nenhum, mas era difícil.

— Recebi uma mensagem ontem. — expliquei, e quando vi o brilho no seu olhar, neguei com a cabeça, rápido. — Não, não dele. De um falecido, na verdade. Que voltou para me assombrar do quinto dos infernos.

Stella continuou me encarando, como se eu tivesse ficado louca. Suspirei, pondo meu celular na bolsa estampada de tecido que eu ia levar.

— Adriano. Não sei como ele descobriu meu número e mandou uma mensagem. Falando de erros, arrependimento... alguma bobagem assim.

— Seu ex-noivo? Aquele Adriano? Que merda. O que ele quer, depois desse tempo todo? — Stella fez a pergunta que eu também estava me fazendo, enquanto fazia um coque nos meus cabelos.

— Perturbar a minha vida, obviamente.

— O diabo é moleque mesmo, né amiga? Veja só. E você...? — ela balançou a cabeça, me observando detidamente. Stella era uma pessoa sensível, toda ela era ligada no que as pessoas "sentiam". Então, óbvio que aquela conversa só ia terminar com ela sabendo, ou pelo menos tentando saber, exatamente como eu me sentia em relação àquilo. Eu ia poupar-lhe o trabalho, então.

— Eu, nada. Vou ignorá-lo, claro. Eu já amei muito o Adriano, para você ver, Stella, eu sei amar, *tá*? — sorri, provocando-a. — Mas não quero aquilo de volta na minha vida. Os problemas, as traições, nada disso. Depois que eu me reestruturei

e esqueci o cara, vou agora dar mole para ele se infiltrar outra vez na minha vida? Ninguém merece.

— Por que ele resolveu aparecer agora, do nada, se nunca tinha tentado antes?

— Acho que estava ocupado com a moça que ele estava, agora resolveu que queria perturbar a vida de alguém e eu fui a escolhida, só pode. Mas por mim ele vai voltar para o quinto dos infernos!

Ela me apoiou, sorrindo, e me estendendo a mão.

— É isso aí! — demos as mãos e sorrimos uma para outra. Quando o interfone tocou, Stella deu um pulo, para liberar a entrada de Carlos.

Eu e Stella já tínhamos combinado de ir à praia àquele fim de semana, quando fizemos as contas, horrorizadas, e notamos que há mais ou menos vinte dias não fazíamos isso. Acredite, para uma pessoa nascida em uma região de praias lindas e selvagens como eu, e que depois veio morar em um local perto da praia, passar vinte dias sem estar em uma, era um absurdo. Inadmissível.

O lance é que nós tínhamos ficado, naquele último mês, muito ocupadas reorganizando nossas atividades e redefinindo nossas metas profissionais. Conseguir um "acordo" com a academia para que

eu usasse as salas disponíveis em determinados horários, depois de tão pouco tempo trabalhando lá, não era exatamente algo tão simples de ser feito, mesmo que Stella já fosse mais antiga que eu. Enfim, não tínhamos realmente ido à praia juntas nos últimos tempos.

Levantei, tomei um copo de água e fui ao banheiro novamente, checar o visual antes de sair. Eu tinha posto um vestidinho de crochê, curto e amarelo, que era minha cor preferida, e por baixo usava meu biquíni branco de duas peças. Eu e Stella compramos juntas em uma promoção, o dela verde e o meu branco, e ainda não tínhamos conseguido usar aquelas belezinhas. Fiz um coque nos meus cachos, verifiquei a bolsa e fui para sala.

Carlos estava lá, com Stella no colo, sorrindo feliz, enquanto ela cochichava algo em seu ouvido. Eu pigarreei e sorri, me aproximando. Não pude evitar um certo constrangimento, afinal, eu tinha mandado o cara se foder quando ele e Stella estavam brigados. Meu Deus do céu, como eu deixo aquela louca daquela Stella me convencer a fazer essas coisas?

Ele me olhou, e sorriu, parecendo lembrar exatamente da mesma coisa, e eu desviei o olhar,

mortificada de vergonha.

— Carlos, eu te devo um pedido de desculpas... por, bem, você sabe... — eu disse ajeitando a bolsa no ombro de modo desconfortável. Ele uniu as sobrancelhas para mim, parecendo sério agora, e eu quase gemi de constrangimento.

— Não, eu não sei, Malu. Seria por mandar eu me foder? — ele disse, e eu fechei os olhos, oficialmente morta. Então ouvi o barulho das gargalhadas dos dois, alta e estrondosa, e não pude evitar rir junto.

— Nossa, você não imagina a vergonha que eu estou. Desculpa, sério. Mas você sabe, se ela mandasse novamente, infelizmente eu teria que te mandar de novo. — eu disse, já mais relaxada agora.

Eu tinha, claro, uma interação ou outra com o Carlos, mas nós realmente não éramos íntimos ou algo desse tipo, não ao ponto de brincarmos um com o outro. Aquele homem nem parecia o tipo que brincava de alguma forma, e eu sempre mantive o respeito e o tom moderado quando estava na presença dele. Não entendia como a louquinha da Stella interagia bem com ele sisudo

daquele jeito. Então, esse momento constrangedor seguido por gargalhadas, era bem fora da curva aqui.

— Não tem problema, Malu, eu entendo sua fidelidade. Na verdade... — ele voltou a fingir seriedade, encarando a namorada e depois voltando-se para mim. — Eu fiquei menos indignado com você mandando que eu me fodesse e bem mais com você conseguindo os caras para suruba que vocês estavam preparando... — ele disse, bem devagar, destacando cada palavra.

Stella jogou a cabeça para trás e riu, eu mesmo sabendo que era brincadeira, meio que arregalei os olhos.

— Você sabe que isso é invenção dela, não sabe? Eu não arrumei nada, nem conhecia os caras.

— Eu sei, mas eu demorei a descobrir, pode acreditar. — ele deu uma palmadinha na bunda de Stella, forte, ela pulou de susto e eu quase congelei de choque. O engomadinho deu uma palmadinha nela? Bom, senhoras e senhores, eu estava me retirando da sala.

— Encontro vocês lá embaixo! — gritei, meio rindo, saindo.

— Você constrangeu a Malu. — eu ouvi

Stella dizer, rindo, e os dois levantaram-se para me seguir.



Demoramos mais do que esperávamos para chegar à Praia do Leme, que era muito mais próxima do nosso apartamento. Claro, era domingo, o trânsito estava mais intenso. E por mais que por ali fosse mais calmo do que a vizinha Copacabana, estava mais cheia do que achamos que estaria. Todo mundo querendo aproveitar o sol intenso e o dia claro, quase sem nuvens.

Carlos finalmente conseguiu estacionar e nós saímos, caminhando e já aproveitando o sol. Eu ia na frente dos dois, óculos de sol e um côco na mão, enquanto eles conversavam e se tocavam sem parar. Eu estava confortável depois da nossa breve e divertida brincadeira de mais cedo, mas ainda assim, queria dar o máximo possível de privacidade para eles.

Depois de uma curta caminhada, paramos em um dos vários quiosques por ali e nos acomodamos.

— Meninas, o que vão querer beber? — Carlos perguntou, enquanto nos ocupávamos com

PERIGOSAS ACHERON

protetor solar e óculos de sol. Eu usava protetor, e muito, essa história de que a pele negra é mais resistente, ou de que não precisaríamos de proteção contra os raios solares, era uma balela; não acredite nisso nem por um instante. Stella, branquinha e com a pele com uma super tendência a queimar, também estava empenhada na batalha da proteção.

— Água de côco, no máximo. Depois de sexta, não quero mais ver bebida tão cedo na minha frente.

Eu e Carlos nos entreolhamos e demos risinhos disfarçados. Ela viu e bufou. — Eu vi isso, *tá?*

— Eu também vou permanecer na água de coco, obrigada. — informei. Nesse momento, meu telefone começou a tocar. Eu bebericava a água no canudo e o peguei da bolsa, quase engasgando quando o vi o nome piscando na tela. *Teo*. Meu estômago fez uma cambalhota, e eu respirei fundo para me acalmar. Eu sabia que ele poderia (não que iria) ligar, não era como se ele não tivesse avisado, então, controle-se, mulher, determinei a mim mesma, e passei o dedo na tela.

— Oi!

— Oi, Malu. — ele disse. Duas palavras, e

eu juro que eu senti cada pelinho da minha nuca arrepiar. Não pude evitar sorrir, e Stella imediatamente me encarou, entre curiosa e eufórica. Eu confirmei com um aceno e ela levantou os polegares, me fazendo revirar os olhos. Carlos pegou aquilo e nos olhou, sem entender. Eu levantei, murmurando um pedido de licença e me afastei um pouco mais, indo em direção à calçada para ter mais privacidade.

— Teo, tudo bem? — eu finalmente pude retomar o controle das minhas cordas vocais. O telefonema de um cara depois do sexo? Malu, você já foi lá, por favor, né? Respirei fundo e me concentrei na vista.

— Tudo bem, sim. Como você está? Descansou bem? — a voz dele era uma coisa ao vivo, e tinha seu impacto assim ao telefone, naquele timbre vagaroso e rouco. Fazia coisas com a imaginação de uma mulher.

Eu mordi o lábio, segurando meus cabelos com uma mão, que tinham se espalhado com o vento forte.

— Pode-se dizer que sim. Acho que hibernar de ontem para hoje, é a palavra que você procura. — eu finalmente disse. Um grupo de caras

em bermudas e tangas passou por mim, a caminho de algum jogo ali perto, e suas vozes combinadas com o barulho do vento, me fez perder o que Teo começou a dizer. — Desculpa, eu não te ouvi antes. Pode repetir, por favor?

— Onde você está? — ele disse, no entanto, depois de segundos de silêncio. — Na praia?

— Como você sabe que estou na praia?

— É uma suposição, mas o barulho do vento também me ajudou. — ele explicou, com um toque de diversão na voz.

— Sim, na praia. Como eu disse, eu hibernei de ontem até agora, mas o dia hoje pede uma praia, e está simplesmente maravilhosa.

— Realmente. E você está na praia sozinha?

— Não, estou com Stella e o Carlos. Meio que acabamos de chegar. — informei, sentando na calçada e enfiando os pés na areia.

— Sei, o Carlos o namorado dela. O da boate?

— Sim, esse Carlos. — eu sorri do interrogatório dele.

— Ok. Posso me juntar a vocês, então? — Teo perguntou, à queima-roupa. Minha respiração meio que travou. Ele viria ao meu encontro agora,

na praia? Não era exatamente o "segundo encontro" que eu estava imaginando, na verdade, eu nem sei o que imaginava que fosse acontecer, ou onde iríamos nos ver, quando, ou se ele entraria em contato. Mas, com certeza, não imaginava um encontro na praia, ao lado do Carlos e da Stella. Mas eu diria que não? Só se eu fosse louca.

— Mas é claro que sim, você seria muito bem-vindo.

— Perfeito. E onde vocês estão?

— Aqui mesmo no Leme. — eu olhei para cima, dei a descrição do quiosque e o nome.

— Ótimo, sei onde fica. Devo chegar aí em quinze, vinte minutos, no máximo. — prometeu.

— Certo, te espero então. Até.

— Até, Malu.

Quando eu desliguei percebi que, por mais que não quisesse, estava um pouco nervosa. Mas precisava relaxar. Eu encontraria com o Teo novamente em poucos minutos, em um cenário completamente diferente do que tínhamos nos encontrado antes. Talvez fosse aquilo que estava me deixando fora do prumo. Voltei para o quiosque, encontrando Carlos e Stella em uma conversa animada, que ela interrompeu assim que

me viu, acenando para eu me sentar.

— E aí, era ele? O Teo?

— Sim, era, sim.

Ela deu um gritinho, e Carlos a olhou, de olhos apertados.

— Quem é Teo e por que *você* está tão animada assim, Stella? — ele perguntou, dando um gole em sua água. Nós duas sorrimos dele.

— Fica calmo aí, amore. O Teo é um gato, sim, mas está na dessa moça linda que você está vendo bem aqui. Na verdade, eu nem o conheço direito.

— E sabe que ele é um gato. — Carlos resmungou.

— Para você ver as coisas que as mulheres sabem... — ela piscou, e concluindo a provocação ao namorado, voltou-se para mim. — O que ele disse?

— Basicamente, que está vindo para cá. Se vocês não se importarem, claro, eu disse que ele poderia vir. — acrescentei, rápido.

— Para cá, tipo agora? — Stella arregalou os olhos — Olha só...

— Tipo daqui há uns vinte minutos. E Stella, apenas para, por favor? — pedi, com um

sorriso para ela, que encolheu os ombros.

— Sem problema nenhum, Malu, seu namorado pode vir se juntar a nós. — Carlos estava dizendo. Eu engasguei com o coco, dessa vez, e dei uma tossidinha.

— Carlos, o Teo Stein não é meu namorado. Nós apenas... quer dizer, somos amigos. — eu disse, lançando um olhar mortal para Stella, que se fez de desentendida e bebeu sua própria água.

Ele fez um trejeito engraçado com a boca.

— Se você diz. Espere um pouco, Teo Stein, como Teodoro Stein, da Stein&Monte Engenharia?

— Eu realmente não sei, talvez sim. Como te disse, estamos nos conhecendo.

Ele só sorriu. Stella levantou, me puxando.

— Vem, Malu, vamos pegar um sol e dar um mergulho. Já está calor demais, não acha?

Eu concordei, estava louca mesmo para pegar um sol e entrar na água, que parecia muito convidativa dali. Como estava cheio, nós não teríamos que caminhar muito. Começamos a tirar nossas roupas, e a colocá-las em nossas bolsas. Havia muitas pessoas em volta, todas em algum

tipo de traje de banho, e ficar em um biquíni numa praia do Rio não era exatamente um problema.

Só por um momento, eu reavaliei o biquíni que tinha escolhido, pensando agora que Teo iria me olhar nele, algo que eu absolutamente não sabia ao sair de casa hoje. Ele era, basicamente mesmo, pequeno. *Bem pequeno*. Tipo, dois triângulos na parte de cima e um do mesmo tamanho ou menor na parte de baixo, amarrados firmemente do lado. E sim, a depilação tinha que estar absolutamente em dia para usar uma belezura daquelas. Amém, então. Bom, fazer o quê? Teo já tinha visto bem mais do que aquele biquíni pequeno e branco mostrava, pode apostar, em ângulos e curvas que até Deus duvidava, pensei, ajustando a alça da parte de cima. Geralmente eu preferia peças mais firmes na parte de cima, que me davam maior sustentação nos seios, todavia, a intenção era pegar sol e aquele ali era ideal.

Stella ficou de costas e me pediu para ajustar o nó da parte superior do seu biquíni, que tinha ficado lindo, combinando bem com a sua pele clarinha e o seu cabelo castanho acobreado.

Quando estávamos prontas, Stella virou para o Carlos, e se abaixou para beijá-lo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amor, não demoramos. — ela se despediu. Ele abraçou-a pela cintura, depois de dizer algo em seu ouvido. Minha amiga corou, dando-me uma espiada, e sorriu. E eu percebi que de lerdo e engomadinho aquele ali só tinha a capa mesmo. Saímos em direção ao mar, sentindo o calor do sol na nossa pele. Mais à frente, haviam algumas espreguiçadeiras, umas desocupadas e limpas, então nos acomodamos; Stella de frente, e eu de costas.

— Já vi que o seu lorde italiano de sonso não tem nada, não é Stella? — eu provoquei, fechando meus olhos por trás dos óculos escuros grandes que tinha colocado. Ela deu uma risadinha sacana.

— Pode-se dizer que ele é um lorde apenas fora da cama. — ela murmurou, e nós duas rimos, felizes ao sol, enquanto eu pensava que dali a pouco veria Teo novamente. Eu estava mais do que animada para aquilo, para ser sincera.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 9

*Na calada da noite
Eu sinto meu coração
batendo para valer
Me dizendo que eu
tenho de ter mais
Still Of The Nigh
Whitesnake*

Teo

Os planos eram: ligar para Malu na segunda à noite, marcar algo para meio da semana ou quem sabe na próxima sexta-feira. Não que fosse premeditado, ou que eu não pudesse ligar antes, era só que eu tinha chegado a umas conclusões bem coerentes, desde o sábado, em sobre como lidaria com aquilo. E o mais prudente era dar um pequeno freio, para ver se eu conseguia colocar em perspectiva que eu estava louco de tesão por ela, sim, mas que eu precisava lidar com aquilo do jeito certo ou ia ser uma merda épica.

O que aconteceu, foi completamente diferente. Depois que Amanda e as meninas partiram, ontem pela manhã, eu fiquei sozinho em casa, e resolvi adiantar umas leituras de uns projetos para segunda-feira. Claro que vez ou outra minha mente ia lá, em Malu. Por volta de 13 horas, esquentei uma comida que dona Amélia sempre deixava no ponto para mim, e fui para área gourmet da casa, onde eu gostava de ficar quando o tempo estava bom.

Estava sentado, comendo, quando vi que tinha uma ligação de Max Monte, meu amigo desde

PERIGOSAS ACHERON

a faculdade e sócio na construtora. Imaginei se ele já havia retornado de São Paulo, onde tinha ido representar nossa construtora em um congresso, e retornei à chamada.

— Max. — ele atendeu.

— É o Teo. Você me ligou cara, e aí?

— Sim, cheguei na quinta. Antes das formalidades da empresa, na segunda, queria tomar uma cerveja contigo, relaxar. Estou travado de tanta reunião e conferência. — ele reclamou, suspirando, realmente cansado.

— Eu te disse. Essa parte da empresa era contigo. — eu lembrei-o, irônico entrando para pôr minhas louças na máquina.

— Não lembro dessa conversa em específico, mas tudo bem. E aí, vamos tomar umas hoje?

— Só se for agora. Julia foi para a casa da Amanda e eu estava aqui quase chorando de solidão.

— Sei. E a Suzana? Achei que nos finais de semana vocês matassem a solidão um do outro. — ele começou. Max sabia do meu lance de "colegas, não amigos com benefícios" com Suzana, só que talvez ele achasse que havia algo mais lá, mas não

havia.

— Não, cara, não é desse jeito. Eu não vejo a Suzana desde quarta passada, muita coisa no escritório, ela também devia estar sobrecarregada.

— Ok, então. Nos encontramos fora, você vem aqui...?

— Não, vem para cá, tem cerveja na geladeira. Sempre tem, aqui mora um cara um solteiro. — provoquei-o, como sempre. Max estava morando há pouco tempo com a namorada, Marisa, um namoro rápido, uma paixão mais fulminante ainda, e ele era agora aquele tipo de cara que suspirava em torno da mulher.

Ainda bem que eu ainda tinha os imbecis do Marcos e do Ricardo para curtir dias de solteiro, e talvez até Diego, apesar de ser um cara certinho nessas coisas. Se bem que, com o episódio da menina de cabelo vermelho na boate, na sexta, talvez Diego estivesse se encaminhando para o outro lado da força rapidamente, pensei.

— Certo, babaca. Estou chegando aí em alguns minutos.

— Max.

— Que foi?

— A Marisa não está aí, está? — eu

perguntei, intrigado. Ele deu um riso, depois confessou.

— Não, não está. O que tem isso?

— Você é mesmo um zé boceta, cara. Está chamando teu amigo solteiro para beber uma cerveja só por que tua namorada não está? A que nível você chegou, cara?! — Eu ouvi sua risada abafada.

— Não é como você pensa, seu idiota! Mas quando chegar aí eu te explico.

Em menos de 15 minutos, Max estava chegando na minha varanda, afinal ele morava perto, e eu já tinha separado uma cerveja para ele, enquanto me servia de outra. Trocamos uns cumprimentos de mão e ele aceitou a cerveja, sentando-se do outro lado, de frente para mim. Tomamos uns goles em silêncio, apreciando a tarde morna e os sons da verdadeira floresta na parte de trás da casa.

Esse foi um dos motivos de eu ter gastado uma nota nesta casa, após ter vendido o apartamento que eu morava com Amanda e ter dividido o dinheiro com ela. Nunca tinha realmente me acostumado a sensação de estar dentro de um apartamento. Eu gostava muito de ar livre e espaços

amplos, ao natural, sem falar que a escolha do local em que morávamos tinha sido quase que inteiramente dela, e eu me sentia um estranho no meio daquele luxo quase antisséptico. Esta casa, por outro lado, era uma escolha minha, e de Julia em tudo.

Max pareceu adivinhar o que eu estava pensando, porque pôs sua cerveja na mesa e me encarou.

— Gosto dessa parte da sua casa.

Eu levantei a garrafa para ele em um brinde. Quando ele não disse mais nada, eu me virei para ele. *Porra*. Era *aquele* tipo de conversa, que merda. Só o Max mesmo, eu bufei, tomando mais uns goles, porque eu ia precisar.

— Diz aí, cara. Eu sei quando você está com essa cara. Qual é? Foi a mesma coisa quando você descobriu que estava de quatro pela Marisa e a chamou para morar com você.

Ele deu uma risada, mas não negou. Eu estava certo. Gemi de frustração e ele riu mais.

— Diga lá.

— Eu vou pedir a Marisa em casamento.

Eu me virei para olhá-lo, devagar. Mas não tinha a menor dúvida que ele estava falando sério.

Aquele era o Max. Eu apenas dei um longo assovio, e estendi a garrafa na direção dele, mais uma vez, para que ele tocasse com a dele, em um brinde. O que ele fez, sério.

— Você não vai dizer nada, Teo? — perguntou, depois de outro segundo de silêncio.

— O que você acha na porra do mundo que eu posso dizer? Cara, você é apaixonado por essa mulher, qualquer um pode ver. E ela também, afinal, nunca nem me deu uma segunda olhada com você por perto. — encolhi os ombros e ele riu, nem um pouco preocupado. — Falando sério, eu acho que você quer isso, então. O que há para dizer?

Ele soltou um longo suspiro.

— Sim, cara, eu amo aquela mulher, quero me casar com ela. Mas é tudo tão louco, rápido. Não tem seis meses que moramos juntos, e eu temo que ela fique assustada.

Eu o olhei, longamente.

— A mulher mora contigo, seu babaca, praticamente desde que vocês se conheceram. Acha mesmo que ela vai dizer que não quer casar com você? Por falar nisso, onde ela está?

Ele passou as mãos nos cabelos castanhos.

— Na casa dos pais.

— Então, é só pedir. Simples assim. — eu disse. Ele me olhou e balançou a cabeça.

— Eu sei que você já se divorciou há um bom tempo da Amanda, cara, mas foi assim? Quer dizer, como você sabia que era a hora, que aquela era a mulher certa?

— Ei Max, não pira. Você está mesmo querendo fazer um paralelo aqui entre o que você tem com Marisa e como foi comigo e Amanda? Não tem absolutamente nada a ver. Eu era um cara de 21 anos, cuja namorada engravidou e a gente se dava bem. Eu gostava dela. Amava, ok, mas não tem nenhuma relação. Você é um homem bem-sucedido, de quase 38 anos, cuja namorada mora com você e você a ama, não ama? — eu ergui as sobrancelhas para ele. Ele fez que sim, e eu me recostei novamente. — Então, nenhuma fodida relação aqui.

Ele me encarou por um momento, um vinco entre as sobrancelhas, então balançou a cabeça e sorriu.

— Eu fico impressionado que você é um cara que saca tão bem dos sentimentos dos outros, fala sobre amor de modo tão natural... e é o cara mais cínico e mulherengo que eu conheço.

Ele voltou a beber, mais relaxado. Eu pus a mão no peito, ofendido, depois sorri.

— Eu sou o cara mais mulherengo que você conhece? Você não conhece Marcos e Ricardo, então.

— Bom, aqueles caras nunca foram casados. Você foi.

— Case-se com a Amanda e viva com ela por 15 anos, depois você vem aqui me falar sobre isso, certo? E além do mais, eu nunca disse que não acredito em amor ou em casamento. Não, parceiro, eu sei que essas merdas existem, eu só já tive a minha cota, já estive na fila, saí e não entro novamente. É bem simples, se você observar bem.

Ele levantou as duas mãos, rendido.

— Ok, então, enquanto isso, você vai ficando em relações pela metade, como a que mantém com a Suzana.

Eu olhei para ele e quase virei os olhos. Eu estava definitivamente pegando os trejeitos da minha filha.

— Eu não mantenho uma relação com Suzana, e ela sabe disso, ao contrário de você. A gente só transa quando está a fim, sem dramas, para desestressar. — bebi mais e fui buscar mais

cerveja. Aquele papo ia render, pelo visto. Quando voltei, sentei e não sei o porquê, talvez aquele imbecil sentimental devia estar me contaminando com aquela parada de fazer confidências, eu disse a ele:

— E não é só com a Suzana que eu fico, você sabe.

Max me lançou um olhar agudo, tipo um tubarão sentindo cheiro de sangue. No caso dele, uma mulherzinha da porra sentindo cheiro de confidência.

— Você está me dizendo que conheceu alguém, Sr. Teodoro?

— Max, você tem certeza que tem um pau, cara? No sério? Eu estou te dizendo que transei com alguém, é isso, e que eu não fico só com a Suzana. — Deus me livre, completei mentalmente. Ele me ignorou.

— Certo, quem é ela?

— Você não vai acreditar, ela é professora de dança da Julia. Malu, o nome dela.

— Cara, você vai fazer essa porra de novo? — ele reclamou, bebendo. Sabia da história com a louca da escola, mãe de uma amiga da Julia. Ele tinha me avisado para não fazer aquilo. Claro que

eu tinha ignorado.

Eu expliquei as circunstâncias em que conheci Malu, ele ouviu, riu, e só balançava a cabeça.

— E aí, vai chamar a moça para sair de novo? Levá-la para jantar?

Eu não tive alternativa a não ser rir daquele cara. Ele não tinha jeito.

— Eu não sei o porquê que ainda converso com você, Max, mas sim, eu já peguei o seu número e vou ligar para gente repetir o que fizemos na sexta. Foder. Pode apostar. — Desdenhei.

— Essa Malu, ela está de acordo com esse lance de sexo sem amarras que você propõe?

Eu concordei com a cabeça.

— Sim, desde a boate, ela aceitou numa boa. Malu é uma moça desencanada, acho que tem até mais pau que você, se duvidar.

Ele riu.

— E você acredita mesmo nisso? Que essa mulher vai levar isso assim, sem lenço nem documento, entrar e sair da sua cama e tchau, beijos me liga quando der? — ele questionou. Eu lhe lancei um olhar irritado pela descrição imprecisa do que eu tinha dito a ele, mas não o corrigi.

— E por que não? Nem todas as mulheres estão atrás de compromisso, cara. Em que século você vive?

— Sim, eu sei disso. Que idade você disse que tinha essa moça mesmo?

Eu franzi as sobrancelhas para ele, sem entender onde ele queria chegar com aquilo. Então dei de ombros.

— Não sei exatamente, mas ela é jovem. Talvez uns vinte e três anos. — eu murmurei, engolindo um bolo amargo na minha garganta junto com a cerveja. Será que Malu era mesmo tão jovem assim? Pelo menos para mim. Em dois anos, eu estaria com 40, pelo amor de Deus. Eu virei quando ouvi o longo assovio de Max.

— Jovem, não? E quanto tempo você acha que essa mulher... aposto que ela é linda. — Max me cutucou, e eu olhei, mas só confirmei com a cabeça. — Então, jovem, linda, no auge da vida, realmente. Teo, em quanto tempo você acha que vai aparecer um cara legal querendo algo mais do que foder com ela sem compromisso?

— Esse definitivamente não é um problema meu.

— Não, claro que não, é um problema dela,

PERIGOSAS NACIONAIS

afinal, ela vai ter que decidir, em algum momento, se fica com um cara que só quer sexo, e não tem nenhum outro interesse nela, ou se investe em algo mais duradouro. — ele deu de ombros.

— Cara, tu é foda. É assim que as coisas funcionam, Max: eu não estou interessado em nada além de sexo, ela está bem com isso. Qual a porra do problema?

— Você está perguntando para mim?

— Sim, quem mais acha que é algo ruim foder com uma mulher disposta sem ter que se amarrar a ela e prometer o que você não pode cumprir?

— Bom, eu só não vejo essas coisas funcionando tão bem assim, Teo. Em algum momento, você vai achar outra pessoa, ela vai achar outra pessoa, e aí? O que ela vai dizer? Talvez ela diga assim: “não, espera, deixa eu ver se eu posso ficar com você, porque tem um cara aí que me fode de vez em quando, mas nós não temos nada, não se preocupe”. Ou: “quer saber? Vamos para cama. Quem sabe eu não tenho com você o mesmo que tenho com ele?” Opa, ou melhor ainda, “quem sabe você não substitui ele?” — ele concluiu, com desdém.

PERIGOSAS ACHERON

Eu nem tinha percebido que tinha cerrado a mandíbula até sentir o impacto dos meus dentes um pressionado no outro. Por um momento, fiquei extremamente puto com Max por vir aqui falar aquelas besteiras e por me fazer vislumbrar aquele quadro ridículo de Malu encontrando outro cara e indo para a cama com ele. O que eu sei, não sou idiota, vai acontecer um dia. Um dia. Só não agora, porra, não enquanto eu a queria. É claro que eu não iria compartilhá-la com ninguém.

Nós realmente não chegamos a falar nada sobre isso, é lógico, pensei, com uma ponta de alarme, me movendo desconfortável. Mas eu disse que ligaria, e enquanto isso, ela poderia muito bem fazer o que quisesse com quem quisesse. Aquela era a regra de sexo sem compromisso, não era? Era assim com Suzana, seria assim com Malu.

Eu dei um outro gole, e como aquele cacete daquela cerveja esquentou tão rápido? Porque ela estava descendo mais amarga na minha garganta. Eu não tinha dito nada a Malu, a não ser que queria uma segunda vez, em linhas gerais, e ela topou. Então, por que diabos eu estava deixando aquele imbecil do sentimentalista do Max vir foder meus pensamentos e as resoluções tão simples e práticas

que eu tinha construído sobre ela?

— Você não entende. — eu grunhi para ele.
— Não estou procurando um relacionamento, cara.
É só sexo. Eu passei quinze anos casado Max, por
que eu iria querer voltar para algo remotamente
parecido com um compromisso assim tão rápido?

Ele bebeu, dando de ombros.

— Boa sorte, então.

Eu bebi um pouco mais, perguntado-me por
que diabos aceitei que aquele babaca viesse
despejar essas baboseiras na minha cabeça, na
minha casa. Quando Max saiu, quase três horas
depois, ao menos uma resolução minha ele tinha
alterado: eu ligaria para a Malu na manhã seguinte,
não segunda, e definitivamente, não esperaria até
sexta para vê-la novamente. Precisava deixar
algumas novas regras desse acordo bem alinhadas.



No domingo pela manhã, eu resolvi correr
no calçadão. Estava me sentindo, como no dia
anterior, cheio de energia e precisava dispersá-la de
algum modo. Por volta das dez e meia, eu estava
todo suado, resolvi parar em um quiosque e tomar
uma água de côco.

Estava lotado, claro, mas eu sempre parava ali, já conhecia o dono, e não demorou muito para eu conseguir uma mesa. Então tirei minha braçadeira e peguei meu iPhone, digitando o número de Malu. Eu percebi que o número estava conectado a uma conta de *WhatsApp*, mas preferi ligar. Depois, talvez, eu explorasse devidamente as funcionalidades daquele aplicativo com ela.

Seu telefone tocou duas vezes, antes de ela atender.

— Oi. — ela disse, baixo.

— Oi, Malu. — eu cumprimentei-a, me ajustando na cadeira, lembrando nitidamente do modo como ela falava comigo, entre tímida e ousada, mas a ousadia sempre vencendo no último minuto. Isso era intrigante.

— Teo... tudo bem? — ela disse, e sua voz parecia meio distante. Ouvi um barulho ao fundo, como o vento forte soprando, e me perguntei se ela estava na praia.

— Tudo bem, sim. Como você está? Descansou bem? — resolvi provocá-la um pouquinho, porque eu gostava de como ela ficava. Imediatamente, minha mente foi buscar aquele momento épico no banheiro, em que eu a segurei

pelas pernas, a pus no balcão sentada e aberta, e mal tive tempo de pôr a camisinha, antes de entrar longa e profundamente dentro dela, com um rosnado. Que merda. Eu estava de calção de correr na praia e estava tendo uma ereção bem ali em um quiosque lotado. Me ajeitei e ouvi ela respondendo, um sorriso na voz.

— Pode-se dizer que sim. Acho que hibernar, de ontem para hoje, é a palavra que você procura. — ela disse, e não sei o porquê gostei de saber que ela não tinha passado um final de semana intenso, até ali, e sim em casa descansando.

— Que bom. Olha, precisamos conversar. Eu quero... — eu estava dizendo, a ponto de lhe revelar que queria marcar algo para amanhã, ou depois, para que pudéssemos ajustar algumas coisas em relação a nosso próximo "encontro". Mas então, ouvi ao fundo um conjunto de vozes masculinas, rindo, bem perto dela, e imediatamente fiquei ligeiramente tenso. Onde diabos ela estava mesmo? E quem eram aqueles caras? Me interrompi, e fiquei ouvindo. E havia o barulho do vento também.

— Desculpa, Teo, eu não te ouvi antes. Pode repetir, por favor?

Em vez de responder, eu quis matar minha curiosidade crescente.

— Onde você está? Na praia?

— Como você sabe que estou na praia? — ela entregou, rápido demais. Eu levantei, fui ao balcão e paguei os côcos, já me movimentando para fora do quiosque.

— É uma suposição. Mas o barulho do vento também me ajudou. — tentei soar casual, mas já estava doido de vontade de saber na companhia de quem ela estava.

— Sim, na praia. Como eu disse, eu hibernei de ontem até agora, mas o dia hoje pede uma praia. Está simplesmente maravilhoso.

Eu olhei para o horizonte. Estava mesmo. Eu imaginava tudo de maravilhoso que aquele dia na praia devia estar sendo, com ela em trajes de banho.

— Realmente. Você está na praia sozinha? — fui me afastando e passando pelas pessoas ainda sentadas, conversando.

— Não, estou com a Stella e o Carlos. Meio que acabamos de chegar. — ela me disse, e eu estanquei, tomando uma decisão sem nem mesmo pensar muito sobre ela. Malu estava em algum

canto, não muito longe, na companhia de um cara que, na melhor das hipóteses, estaria de olho apenas na sua mulher. Isso se não estivesse de olho nas duas. Tirei as chaves do carro da braçadeira, me movimentando em direção onde tinha deixado meu carro.

— Sei, o Carlos o namorado da Stella. O da boate? — perguntei, só para ganhar tempo, destravando a Range e entrando. Precisava pelo menos saber onde eles estavam. Bebi o restante da água. — Ok, posso me juntar a vocês, então?

— Mas é claro que sim. Você seria bem-vindo.

— Perfeito. E onde vocês estão? — eu já saía com o carro, manobrando.

— Aqui mesmo no Leme. — ela então disse o nome de um local que eu sabia onde era.

— Ótimo, sei onde fica. Devo chegar em quinze, vinte minutos, no máximo. — eu prometi, acreditando que com sorte, chegaria antes disso.

— Certo, te espero então. Até.

— Até, Malu.

Na verdade, eu tinha feito uma ligeira alteração nos meus planos em relação a ela. Mais uma vez, pensei, dirigindo. Eu iria apenas ligar, e

marcar para conversamos sobre o nosso encontro, e sobre as mudanças que eu estava pensando em inserir nele, se ela aceitasse, claro. Mas então, quando ela tinha dito que estava na praia, eu meio que achei que precisava ir vê-la, afinal, eu também estava na praia e mal não ia fazer.

O fato de eu ter ouvido vozes de outros caras ao seu lado, ou de imaginar aquele namorado da sua amiga lançando olhares para o corpo de Malu, não tinha nada a ver com a minha decisão repentina de adiantar o encontro com ela. Era simplesmente mais prático falar pessoalmente, já que ela estava tão perto. E claro, ter a oportunidade de observar em primeira mão ela na praia, pensei, sorrindo para mim mesmo.

Em um pouco mais de 15 minutos, eu estava estacionando próximo ao quiosque que Malu tinha me informado. Com sorte, um cara estava saindo quando eu cheguei. Peguei meus óculos de sol e fui caminhando em direção ao local. Estava relativamente cheio, e eu parei, procurando por ela entre as mesas, mas não a encontrei. Então meus olhos se fixaram em um cara sentado sozinho, alto e atlético, seus cabelos pretos entremeados de fios grisalhos, óculos escuros. Era o cara da boate, o tal

namorado da amiga de Malu. Mas onde ela estava, então, pensei, me aproximando dele, pela lateral.

O cara levantou os olhos para mim, curioso, quando me aproximei dele na mesa. E depois de segundos de uma expressão meio confusa, ele levantou, uma expressão simpática no rosto.

— E aí, cara, bom dia. Eu sou o Teo, tudo bem? — eu estendi a mão para ele que a apertou rapidamente, e fez um gesto para que eu me sentasse.

— Bom dia, Teo. Eu sou Carlos, namorado da Stella. Malu disse que você estava vindo encontrá-la. — ele se apresentou, e eu acenei, meus olhos rapidamente espreitando em volta. Nenhuma das duas estava naquele quiosque.

— E a Malu, onde está?

— Sente-se. Quer beber alguma coisa? — ele propôs, educado, e eu quase rangi os dentes, mas acenei novamente e sentei, murmurando um agradecimento e fazendo um gesto para um rapaz que estava atendendo. Maravilha. Eu ia sentar e beber com um cara que eu nem conhecia e Malu não estava em parte alguma. *Que porra.*

Ele fez um gesto em direção ao mar, respondendo à minha pergunta.

— As meninas foram tomar um sol e agora estão saindo do mar. Olha lá! — ele apontou com o queixo. Eu voltei-me, tentando focalizar para onde ele estava apontando, então as vi, não muito longe, voltando do mar, numa conversa animada. Então *a* *vi*. E era, decididamente, uma visão e tanto.

Malu estava usando um biquíni branco, se é que *usando* era uma palavra adequada para definir a forma como aqueles pedacinhos de tecido grudavam-se no seu corpo. Era para ser — porque não era — um biquíni daqueles triangulares, com alças fininhas e amarrado do lado. O seu corpo, que eu já tinha visto, sentido, provado, devorado, estava simplesmente espetacular naquela pecinha que destacava ainda mais sua pele negra, os seios redondos, cheio e firmes, fazendo-os quase pular para fora daquele espaço diminuto. A parte de baixo... bem, eu semicerrei os olhos, mas tirei os óculos escuros para observar melhor. Uma mistura de embevecimento com a visão e uma irritação lá, se misturando, se infiltrando no meu cérebro, porque se a parte de cima era pequena, a de baixo, então... era um triângulo cuja única finalidade parecia ser cobrir o minimamente necessário. Ou minimamente *possível* de ser coberto. E porra, não

estava realmente cumprindo sua missão ali, concluí, cruzando os meus braços sobre o peito, todas os meus instintos alertas.

As duas estavam bem perto, agora, ambas molhadas, escorrendo os cabelos de lado, sorridentes. E nesse momento, passaram por um grupo de caras que estavam jogando futevôlei por ali. Era preciso dizer que o jogo parou para que os imbecis pudessem apreciar a vista? Um deles levou uma bolada na cara, quando não viu a bola vindo e virou-se para de costas, acompanhando o traseiro de Malu. Eu imaginei bem o que ele estava vendo. E pensando sobre isso, rangi os dentes. Se a parte de trás fosse uma indicação do que a frente mostrava.

A amiga de Malu, Stella, também estava fazendo sua parte no show, e eu ouvi os comentários dos caras, um assovio, até um “gostosa demais”, antes de me levantar com toda a calma que consegui reunir e ir caminhando em sua direção. E notei que o Carlos também tinha levantado e estava ao meu lado, na areia. Foi só quando ela já estava a uns metros de mim que o reconhecimento a fez abrir um sorriso lindo.

Os caras do jogo ainda acompanhavam as

duas, sorrindo e virando as cabeças para ver melhor, mas alguns deles nos viram e refrearam um pouco o entusiasmo, voltando ao jogo. Malu torceu o cabelo uma última vez e veio em minha direção, mordendo o lábio meio de lado; e o desejo e a atração me golpearam com força, enquanto observava ela chegava mais perto. Sua pele brilhava, cheia de gotículas de água, e eu notei os bicos dos seios durinhos pela umidade se destacando no tecido do biquíni. Com certeza aqueles imbecis haviam notado também.

— Oi, Teo. Que bom que você veio. — Ela disse, numa voz macia, quando parou próximo a mim. Eu estava lá parado, comendo-a com os olhos, os braços cruzados e as pernas separadas, olhos percorrendo seu corpo e seu rosto de modo intenso. Ela deve ter percebido meu exame meticuloso, porque engoliu em seco, desviou o olhar por um segundo, buscando a amiga e o namorado dela, então voltou a me olhar. — Que silêncio é esse? Tudo bem com você?

Respirei fundo e sorri para ela.

— Olá, Malu. Eu acabei de chegar. Estava procurando você.

— Nós estávamos pegando um sol, então

resolvemos entrar logo no mar.

— Eu vejo! — exclamei, e minha voz saiu grave. Então desviei a atenção dela e notei que uns dois caras do jogo, mais corajosos, pelo visto, ainda lançavam olhares em nossa direção. Claro, ela estava de costas para eles. Estendi a mão e a puxei para mim, devagar, e meio surpresa por essa reação, ela veio, abrindo um largo sorriso, grudando-se na camiseta fina de corrida sobre o meu peito. Abracei-a pela cintura, deixando minha mão escorregar bem de leve para a parte baixa das suas costas, mas sem tocar na sua bunda. Foi o suficiente, acho, porque os caras logo voltaram a dar sua atenção a porra do jogo que eles estavam jogando.

Malu pôs as mãos no meu peito, abaixando a cabeça. Eu entendia que ela estivesse meio surpreendida por aqueles toques em público e a minha reação ao vê-la. Eu mesmo estava, caralho, imagina ela. Apesar disso, ela não se afastou e nem me disse nada, só ficou lá, seu corpo encostado ao meu.

— Desculpa por não ter estado lá para te receber, achei que você demoraria um pouco mais. Conheceu o Carlos? — ela estava dizendo,

estreitando os olhos para mim, o queixo levantando por causa da minha altura.

— Sim, conheci, não se preocupe, eu estou bem.

— Você chegou, rápido. Estava por perto, então?

— Sim, estava. — eu queria beijá-la ali mesmo, pegá-la e devorar sua boca. Mas não era uma boa ideia, tendo em vista os seus trajes, os meus, e meu tesão furioso. — Vem! — eu chamei, puxando-a devagar pela mão em direção aonde estávamos sentados.

Claro que recebemos, ela recebeu, no caso, mais olhares, esses mais discretos, dos caras sentados ao lado. O que acontecia com esses homens que nunca tinha visto uma mulher em um maldito biquíni na praia? Que merda, pensei, meu braço passado ao redor dos ombros de Malu e nos aproximamos de onde Stella e o Carlos já estavam sentados; ela torcendo seu cabelo em uma toalha.

Eu indiquei a Malu a cadeira ao meu lado e fiz um gesto com a mão para que ela passasse à frente. Eu precisava tirar uma maldita dúvida, ou pelo menos confirmar o que eu achava. Quando ela passou por mim, eu confirmei. O biquíni, na parte

de trás, era aquilo que era chamado de fio dental: apenas um pequeno triângulo branco ficava acima do local onde as duas metades redondas e cheias da sua bunda suculenta se destacavam. E mais nada. Não tinha sido à toa que os imbecis tarados do futevôlei tinham seguido ela com os olhos. Eu apreciei a vista, mas a minha felicidade durou pouco, quando eu percebi que tinha mais gente apreciando também. Cerrei a mandíbula, fazendo uma cara de poucos amigos para os dois caras na mesa quase ao nosso lado, e eles disfarçaram bem, voltando a conversar como se não tivessem acabado de babar na sua bunda.

Que porra. Isso era normal, os caras podiam ver mulher todos os dias, em variados níveis de nudez, em casa, na rua, na praia, que iam virar e babar em uma bunda como aquela. Era instintivo. Normal. Então por que isso estava me incomodando tanto? Talvez pelo fato de que eu estava com a mulher em questão. Então, por que diabos esses caras estavam olhando para ela?

Malu sentou, começando a mexer em uma bolsa florida ao seu lado, e eu fiquei mais aliviado, sentando-me ao seu lado. Observei quando ela pegou uma toalha e começou a se enxugar, os

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos, as pernas, então, despreocupadamente, levantou-se se preparando para passar a tolha na parte de baixo das pernas. Claro que essa porra dessa posição ia deixar a sua bunda para o ar, à vista dos caras atrás de nós. Rápido, eu segurei no seu pulso, delicadamente. Ela me olhou, sem entender.

— Vem, deixa que eu faço isso para você.
— eu disse, e eu não sei direito de onde isso veio. Ela levantou uma sobrancelha, com uma cara meio engraçada.

— Me enxugar?

— Sim. Você vai deixar? — perguntei, já pegando a toalha das suas mãos, sem lhe dar muitas opções. Ela só balançou a cabeça e virou-se de costas para mim na cadeira. Antes disso, lancei um olhar aos dois caras expectantes e eles meio que se atrapalharam no que estava dizendo, quando tentaram voltar a fio da meada daquela conversa deles. Dei-lhes um olhar frio e passei a tolha nas costas de Malu, pensando, alarmado, se aqueles pedacinhos de fios sustentariam realmente tudo que precisava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10



*O jeito como você
sabe o que eu pensei que sabia*

*A batida do meu
coração pula quando
estou com você*

Crazy in Love
Beyoncé

Malu

Eu não era nenhuma ingênua, percebi assim que cheguei perto o suficiente do Teo, ali parado feito um deus nórdico muito gostoso naquela roupa de corrida, que ele poderia ter ficado levemente incomodado com os caras me secando. E eu ia fazer alguma coisa para aliviar ele? Claro que não.

Ia ficar linda e plena exatamente do jeito que eu costumava ficar na praia, exceto, é claro, que ele estava bem ali, ao meu lado. Eu queria a sua companhia e atenção, logo, não fazia sentido ficar provocando-o desnecessariamente, de maneira imatura, ou ignorando-o. E nem dava para fazer isso, pode apostar.

Era impossível. Esse cara ficava mais gostoso e lindo a cada vez que eu o olhava. De todo modo, eu não tinha perfil de uma provocadora louca nem nada, de mulheres que sentiam a necessidade premente de causar incômodo, ciúmes, o que for, em um homem, ou estar sempre me colocando em evidência de alguma forma. A não ser que fosse *necessário*, pensei, rindo comigo mesma. E eu sabia reconhecer uma ocasião desse tipo de necessidade quando ela aparecia, e ali, não

PERIGOSAS NACIONAIS

era o caso. Por enquanto.

Quando ele tinha me puxado para perto de si, na areia, eu estava perfeitamente ciente da atitude "macho marcando território", e eu não ia fingir que isso não me deixava envaidecida, excitada, até, ainda que eu soubesse que aquilo era uma merda. Ele só precisava saber, mais tarde, que tudo que ia, voltava. E eu não costumava aceitar coisas que também não eram oferecidas a mim em troca. Queria marcar território? Legal, mas se valia para mim, valia para ele.

Desse modo, eu tinha ficado presa no meio de duas sensações distintas, mas que se complementavam quando o assunto era Teo: de um lado, a deliciosa sensação de perceber que ele estava me tocando, sua pele na minha, seu corpo duro e quente prensado no meu, bem ali na praia, e de outro lado, a nítida impressão que ele estava me enviando mensagens contraditórias em relação ao nosso... lance? Acordo? Eu não sabia o que era. Mas ele estava ali, de surpresa, me tocando e se incomodando com outros caras tentando chamar a minha atenção, então, ele tinha que me dizer qual era o próximo passo a partir dali. Eu ficaria na minha.

PERIGOSAS ACHERON

Agora, permitindo que ele enxugasse minhas costas, afastasse meu cabelo e secasse minhas pernas, enquanto estávamos sentados ali, eu o fiz mais por mim mesma, porque queria a sensação das suas mãos em mim, de que queria confortá-lo em relação ao seu incômodo. Se você move as peças, a jogada é sua, querido, pensei, bebendo minha água, calmamente.

Olhei na direção de Stella, e ela estava me encarando com um sorrisinho do tipo "eu sabia", e eu imediatamente fiquei tensa. Senhor de misericórdia, não permita que essa louca fale ou faça algo que vá me constranger na frente do Teo, com essa mania que ela tinha de ver amor em tudo que é lugar. Fiz um apelo mudo para ela, que me ignorou, e se ajeitou na cadeira. Carlos tinha ido buscar água.

— Então, Teo, não é? Eu sou a Stella, acho que não fomos oficialmente apresentados. — ela disse, meiga, estendendo a mão. Eu suspirei. Teo concluiu minha sessão toalha, deixou-a em suas pernas e estendeu a mão para ela por cima da mesa, com um sorriso, retribuindo o cumprimento.

— Sim, é um prazer Stella. — ele disse, riso na voz. Ao contrário de mim, aquela maluca só

corou um pouquinho, lembrando, com certeza, da história da suruba na boate.

— Pois então. Estava por aqui por perto? — ela continuou. Eu virei na cadeira, cruzei as pernas e apertei os olhos para ela, em aviso. Ela nem me olhou.

— Estava sim. Correndo no calçadão.

— Que coincidência *né*, Malu? Justo hoje quando, depois de um milhão de anos saímos para expor nossas figuras na praia, o Teo está por aqui. — ela deu um risinho, e eu gemi. Acho que ele percebeu meu desconforto, porque virou de lado e me olhou com um sorriso, nitidamente entrando na dela. Carlos voltou, graças a Deus, e sentou, oferecendo outro côco para Stella e me estendendo um também, que eu aceitei.

— Que bom, então, que eu estava por perto. — ele disse, se virou para mim e nós nos encaramos.

— Uma cerveja, Teo? Eu não estou bebendo, mas se você quiser... — Carlos ofereceu, enlaçando Stella pelos ombros e beijando a lateral da sua cabeça. Eu senti uma pontinha, pequena, bem não solicitada, de não sei bem o quê... e descruzei as pernas, incomodada. Não era como se

eu quisesse que o cara ao meu lado estivesse me tratando como o namorado da minha amiga fazia, não era. Nós nem nos conhecíamos muito bem, a não ser no sentido bíblico. Mas... sei lá. Não pense sobre isso agora, Malu.

Teo recusou e preferiu ficar na sua água mesmo. Eu me virei de lado e o fitei, ainda não totalmente recuperada da impressão que ele me causou quando o vi ali na areia, braços cruzados e pernas afastadas, o cabelo loiro curto nas laterais e mais alto em cima, revolto pelo vento forte.

Ele vestia uma camisa sem mangas, branca, com uma marca de suor que começava a secar, bem no centro do peito amplo e musculoso, e aquela camisa destacava seus braços fortes. Teo era um homem com a medida certa de músculos, eu achava, todos bem destacados. Mas, ainda assim, nada de exagerado ou próximo ao modelo fisiculturista. Sorte a minha que ele era exatamente como eu achava uma delícia.

Para completar, ele usava um calção preto, que ia até os joelhos, de um tecido molinho. Nada muito apertado ou intencional, mas que ainda assim era um arraso. No bíceps anguloso que me dava vontade de apertar, ele tinha uma daquelas

braçadeiras de corridas em que se levava o celular. Bom, o cara corria, não se tinha um corpo daqueles ficando em casa vendo TV, não?

Eu parei de babar um pouquinho e perguntei a ele, curiosa.

— Eu tenho a impressão de que você estava dizendo algo ao telefone e eu não consegui ouvir direito. — o movimento fez com que nossas pernas se tocassem, e eu senti os pelos da sua perna roçarem na minha. Teo levou a mão a minha coxa, e fez uma carícia circular de leve, depois deu um apertozinho, me deixando ligada. Como eu já tinha percebido antes, aquele homem tinha um negócio quando me tocava que era meio inexplicável. O ar ao nosso redor parecia denso, pesado, enquanto ele me olhava, firme. Ele se curvou e falou perto do meu ouvido.

— Eu realmente tenho, mas pelo bem dos bons costumes e da ordem moral da sociedade nessa praia, eu prefiro falar sobre isso quando estivermos a sós. — ele disse, baixo, e eu sorri, compreendendo-o perfeitamente.

— Tudo bem, então.

— Quais são seus planos para depois daqui? — ele quis saber, concentrado em mim. Eu dei uma

espiada em Stella e Carlos, que estavam conversando também, em um mundinho só deles, trocando beijinhos e se tocando. Encarei-o de volta, mais uma vez percebendo como eu me sentia afundar naquelas piscinas quentes que eram seus olhos.

— Na verdade eu vou para casa, ainda tenho umas coisas para fazer mais tarde. Carlos e Stella estão indo para o apartamento dele, mas vão almoçar antes em algum lugar. — eu expliquei.

Ele parecia pensar em algo, franzindo a testa.

— Eu te levo, então.

— Bem, sim... se estiver tudo bem para você.

— Está, então eu aproveito e nós conversamos. — ele sussurrou, tocando na minha orelha, e me fazendo estremecer. Eu tinha a nítida impressão de que ele queria tudo, menos conversar. Quando olhei para Stella, ela tinha um sorrisinho nos lábios, e me deu uma piscadinha.

— Então, eu e o Carlos já vamos indo. Mudamos de ideia e vamos almoçar no seu apartamento, você vem conosco Malu, ou...? — ela deixou no ar, e eu quis matá-la. Na verdade, eu iria,

um dia. Mas eu sorri de leve.

— Tudo bem, amiga. Não se preocupe.

Ela deu um amplo sorriso e os dois começaram a se ajeitar para sair. Nos despedimos, e eles se foram. Quando olhei para o lado, Teo estava me encarando, parecendo intrigado, com os braços cruzados.

— Quantos anos você tem, Malu?

Eu estranhei a mudança brusca de assunto, mas fui junto, dando de ombros.

— Tenho 25 anos, e você?

Ele estreitou os olhos e pareceu soltar um suspiro, antes de responder.

— Trinta e oito.

Eu assenti, levemente surpresa. Não achava que ele tivesse mais que 35, apesar da idade de Julia, entre 17 e 18. Aquele homem estava em melhor forma do que eu pensei, até, lembrando das nossas sessões de sexo desenfreado em que ele decididamente provou que estava não em boa, mas em ótima forma, obrigado. Teo deve ter entendido o meu ar de surpresa de modo equivocado, porque franziu a testa.

— Isso é um problema para você, eu ser muito mais velho?

— Você está brincando comigo? Por que seria?

— São treze anos de diferença. Talvez você fosse o tipo de mulher que se incomodasse com isso, apenas.

— Realmente não. Eu tenho que admitir, nunca tinha estado com alguém com uma diferença de idade maior, mas isso não é algo que me incomode. Por quê? Incomoda a *você*? — eu joguei, me virando para mais perto dele. Seus olhos caíram para baixo, em mim, depois voltaram ao meu rosto, bem lentamente. Ele parecia estar debatendo internamente alguma questão, e isso me deixou intrigada.

— Para ser sincero, essa não é a faixa etária das mulheres com as quais costumo... me envolver. — ele fez uma pausa, antes de concluir. Eu sabia que, *envolver*, não era a palavra que ele queria usar. Na verdade, algo me dizia que eu não era também nem o tipo, nem tinha a cor das mulheres com as quais ele costumava envolver-se, o que quer que seja que esse termo signifique para ele. Eu só não sabia ainda o que essas hipóteses que eu estava imaginado significavam para mim. — Você é bem jovem. Mas estou aliviado pelo fato de que você

pelo menos tem 25, em vez de 23. — ele concluiu, num meio resmungo.

Eu sorri, e me aproximei um pouco mais, meu rosto próximo ao seu. E o cheiro dele era bom. Nossa senhora...

— Além do mais, eu não acho que a sua idade interferiu em nada do que pude ver até agora, então... está tudo bem para mim. — a minha intenção era na verdade provoca-lo um pouco sobre o lance da idade que, mesmo ele aparentando não ter, parecia estar incomodando-o de alguma forma. Mas quando eu fiz isso, seus olhos ficaram de um verde mais escuro, sérios, não divertidos, e ele olhou para a minha boca; o olhar pesado e lento.

Eu também estava afetada, muito, pela sua presença ali ao meu lado, mas ainda assim, deixaria que ele indicasse o caminho, me dissesse para onde estávamos indo a partir dali. Não fui quem foi ao seu encontro em uma praia e tinha algo para conversar.

Recuei para minha posição original, mas me mantive olhando-o nos olhos, por um tempo, até recuar. Eu tinha que admitir que por mais ousada que eu fosse, eu ainda não era páreo para ele naquele lance de ficar encarando demoradamente e

intensamente daquele jeito, sem recuar. Ele finalmente falou.

— Malu, eu poderia te deixar em casa, e nós poderíamos conversar enquanto isso. O que você acha? Ou ainda pretende ficar mais um pouco por aqui?

Pensei sobre ficar, mas realmente estava curiosa sobre o que ele queria. Peguei minha bolsa da cadeira ao lado.

— Não, estou pronta para ir assim que você estiver.

— Ótimo, vamos então. — ele fez sinal para o rapaz do atendimento e eu levantei, fazendo um coque no meu cabelo. Imediatamente Teo me lançou um olhar demorado pelo corpo todo, eu não me surpreendi com o frio na minha barriga com aquele olhar, e a sensação de quentura em outras partes do meu corpo. Busquei minha bolsa, peguei minha saída de praia e comecei a vesti-la.

Quando ele terminou com o pagamento da sua água, a minha já estava paga, claro, nós começamos a nos encaminhar para a calçada. Como daquela vez na boate, ele pôs a mão grande na parte baixa da minha costa, sempre um cavalheiro, e nos encaminhou para onde o seu carro

estava estacionado, um pouco mais à frente, do outro lado da avenida.

Assim que entramos em seu carro, eu pus o cinto e me acomodei, um pouco tensa. Não tinha ideia do que ele queria falar comigo, ou mesmo do que poderia ser dito. Será que ele não queria mais ir para cama comigo, como tinha deixado claro antes? Se fosse o caso, como eu me sentiria em relação a isso? E se não quisesse, por que tinha aparecido ali, com aquela atitude "meu território" e os toques enlouquecedores em mim? Não fazia sentido. Então, o melhor era esperar, e não pirar.

— Malu, na sexta, quando saímos da minha casa, eu disse que tinha a intenção de voltar a te ver. Nós combinamos, na verdade, que poderíamos explorar essa atração que há entre nós. — Teo começou a explicar, olhando para frente, concentrado em dirigir. Depois de uns instantes de silêncio, eu apenas assenti, muito intrigada para dizer algo. Eu sabia de tudo isso.

— Algo mudou? — eu questionei, tentando manter o tom de voz neutro.

Ele virou rapidamente.

— Não, nada mudou. Nesse momento, eu estou duro de vontade de estar dentro de você.

Desde que eu te vi, hoje, na verdade. Então, não, nada mudou.

— Então, eu não vejo...

— Contudo, — ele cortou — nós acabamos não decidindo questões práticas desse arranjo.

Eu estava tentando entender, e fitei seu perfil másculo.

— Práticas?

— Sim. Na verdade... — ele foi interrompido pelo som do seu celular tocando no console entre os bancos. Ele soltou um "que merda" e rapidamente olhou no visor, e fechou a cara para o nome que viu na tela. Eu espiei rápido, mais por instinto, e vi o nome "Amanda" piscando na tela. Fiquei na minha, mas a curiosidade sobre quem seria Amanda se instalou ali, mesmo eu sabendo que era uma bobagem minha. Eu mal o conhecia e fazer sexo com ele não me tornava nada em sua vida, na realidade.

O celular ainda ficou uns segundos tocando, parou e começou de novo, e ele pareceu decidir atender.

— Oi! — disse apenas. Ouviu um pouco e depois suspirou. — Algum problema com a Julia? — ele ouviu mais. — Então, o que você... Não. Ela

me ligaria se precisasse, Amanda. Sim, tudo bem. Sem problemas. Se não for possível, peço ao Campos para pegá-las na sua casa.

Eu ouvia, ainda que tentando ser educada e não me concentrar na conversa ao meu lado, enquanto olhava para fora pela janela.

— Ok, então. Não, não estou. É tudo? — ele continuou. Logo depois, jogou o celular ao seu lado e me fitou. — Desculpe por isso. Julia está passando o final de semana fora e eu preciso pegá-la mais tarde. — Teo explicou.

— Oh! Se você quiser eu posso pegar...

— Mais tarde, Malu, não agora, fique onde está. E qualquer coisa, eu peço ao motorista para buscá-la.

— Tudo bem com a Julia, então? — sondei.

— Sim, tudo bem. — foi só o que ele disse.

Eu assenti, notando que isso não respondia nem onde Julia estava nem quem *era* Amanda. Mas eu não tinha exatamente perguntado, também. Por hora, ia deixar aquilo.

Rapidamente, nos aproximamos do meu prédio, e quando ele parou um pouco antes, e se virou para mim, eu disse em um impulso, antes que mudasse de ideia. Dizia a mim mesma que era

porque não tínhamos terminado o assunto e eu estava curiosa. Mas era mais do que isso. Era vontade de estar com ele.

— Você quer subir um pouco? Eu tomo banho, é rápido, e então você pode me dizer que aspectos práticos são esses que deixamos de fora.

Ele sorriu de lado, e ligou o carro de novo.

— Claro, vamos lá.

Entramos no prédio em direção ao estacionamento, e logo nos dirigíamos às escadas. Sorte que nosso andar era o segundo, pensei, divertida, imaginando que aquele cara não subia muitas escadas nos prédios em que costumava entrar. Eu tinha alcançado o topo do segundo lance quando o senti me abraçar por trás, seu braço na minha cintura, apertado, e sua respiração quente no meu pescoço. Eu fechei os olhos, amolecendo junto ao seu corpo.

— O que há entre você e escadas? — perguntei, baixinho, fechando os olhos, sentindo toda a extensão do corpo dele grudado no meu.

— Você subindo por elas. — Teo respondeu, apertando sua ereção rígida e grossa, perfeitamente perceptível daquele modo, na minha bunda. Eu sorri, mas depois gemi quando ele meio

que mordeu e meio que lambeu a pele do meu pescoço. — Salgadinha, bem como eu gosto... — ele murmurou, rouco. Então, na neblina de tesão, nem percebi que alguém vinha descendo pelas escadas. Só quando Teo notou e parou, eu me recompus e me pus de lado para a pessoa passar, que percebi ser o casal que morava na porta em frente, descendo com a filhinha deles. Engoli em seco e sorri para eles, cordialmente, como se não estivesse prestes a dar um show nada familiar nas escadas. Quando eles se afastaram, eu meio que corri os últimos degraus em direção ao apartamento. Teo Stein era distração demais, concluí, ouvindo a risada baixa dele atrás de mim.



Ele me seguiu para dentro do apartamento e fechou a porta atrás de si. Como eu e Stella éramos relativamente bem organizadas, ele não iria achar nada de roupas espalhadas ou calcinhas e sutiãs pela sala, pensei. No entanto, fiquei me perguntando quantas vezes ele já tinha entrado em um apartamento tão pequeno e tão nitidamente diferente dos espaços pelos quais ele devia estar acostumado a se mover.

Aquele quarto na sua casa, na sexta, era provavelmente o equivalente à nossa sala e cozinha, no mínimo, deduzi. E isso não quer dizer que tinha vergonha do meu lugar nem nada desse tipo. Só estava, mais uma vez, me dando conta das diferenças que existiam entre mim e aquele homem que agora se movimentava lentamente para o meio da sala, observando discretamente ao redor.

Até um cego podia ver que Teodoro Stein era rico. Se eu não tivesse visto um pouco, sua casa, seu carro entregaria, ou suas roupas, ou seu relógio caríssimo... Tudo nele gritava dinheiro e sofisticação. Era tão diferente da forma que eu vivia. Isso não queria dizer que, trabalhando em uma academia em um bairro nobre da cidade, eu não pudesse topar com um cara como ele em algum momento, como realmente já aconteceu.

Alguns caras ricos gastavam um tempo me cantando nas aulas, ou pelos corredores, por lá. Às vezes algum médico mais ousado na clínica onde eu desenvolvia o projeto de terapia musical, às quartas-feiras, fazia isso também. Ainda assim, dificilmente esses caras estariam ali, agora, no local onde eu morava. Era um pouco desconfortável, para dizer o mínimo. Mas eu o convidei a entrar, eu

o trouxe para um pouco mais perto de quem eu era. Só ainda não sabia bem o que resultaria daquilo.

— Pode ficar à vontade, Teo. — eu disse, indo para cozinha, que era separada da sala por um balcão de mármore. — Você quer beber alguma coisa? Além de água, tem cerveja e refrigerante. — ofereci, com um sorriso divertido. Ele também sorriu, vindo e recostando os braços no balcão.

— Não, obrigado, eu estou bem. Então, é aqui que você mora com a sua amiga. Já estão aqui há muito tempo?

— Há uns três anos, mais ou menos. Quando eu vim para a zona sul Stella já tinha esse apartamento, então, nós passamos a dividi-lo. — expliquei, passando por ele a caminho do corredor. Iria pedir que ele aguardasse um pouco. Eu tomaria um banho e depois poderíamos conversar, mas acho que os planos de Teo eram outros. Pois ele me segurou pelo pulso, ao passar, me segurando também como o seu olhar profundo.

— Aonde você vai?

— Tomar um banho. Prometo não demorar.

— Você demoraria, se eu fosse junto. — ele ameaçou, a voz baixando para um murmúrio, me puxando mais e enlaçando minha cintura. Eu fui, e

pus as duas mãos em seu peito, sentindo seu calor através da camisa fina, seus músculos definidos e fortes.

— Eu não duvido disso, mas veja bem, Teo, esse está longe de ser o banheiro do seu quarto, e não tem uma pia tão forte quanto aquela. — eu o provoquei, enquanto ele lambia meu lábio inferior, e eu suspirei na sua boca gostosa. A sua barba roçando meu rosto e em meus lábios.

Ele mordeu de leve minha orelha e eu dei um gemidinho, perdida.

— Tem um chuveiro, nesse banheiro?

— Claro que sim. — sussurrei

— Então, acredite, vai ser um bom banho. Eu estou precisando, na verdade, estou todo suado. — ele disse, divertido. Eu fiquei na ponta dos pés e dei uma lambida em seu pescoço forte, bem devagar, rolando minha língua, como ele tinha feito comigo, sentindo seu cheiro embriagador.

— *Hum...* salgado. Delicioso. — eu disse e ele sorriu, arqueando apenas o canto dos lábios; o olhar quente preso ao meu.

— Onde fica esse banheiro?

— Calma, vou me certificar antes que você não tope com nenhuma calcinha no banheiro. Duas

PERIGOSAS NACIONAIS

mulheres, um banheiro, você sabe como é. — eu me desenlacei, e ele balançou a cabeça, mas me deixou ir.

Eu verifiquei o banheiro, de verdade, que estava ok, e voltei para sala, achando-o em pé ao lado do pequeno rack na parede, onde eu e Stella colocávamos algumas fotos nossas e de nossas famílias. Teo estava observando uma foto minha abraçada a um cara alto e negro, vestido como um policial militar, ambos rindo e felizes, com sorrisos idênticos. Eu me aproximei, silenciosa, mas ele virou, uma pergunta pairando no olhar.

— Vocês se parecem. — ele disse, apenas.

Eu balancei a cabeça, assentindo. A dor agora, antes tão crua, opressora, transformada em uma saudade quente, que me aquecia com uma sensação boa quando eu olhava para o seu sorriso lindo. Cinco anos, e eu não estava um dia mais perto de não lembrar exatamente como o som daquela risada soava, como a voz grave e alta estava sempre por perto, enquanto eu crescia.

— Meu irmão. — eu disse, um sorriso triste. Ele franziu o cenho.

— Ele... — Teo não concluiu, mas pareceu notar algo no meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim. Mauro. Ele morreu tem uns cinco anos. — como eu disse, a saudade agora não era tão opressiva quanto antes. Eu olhava para aquela foto e me sentia, se não bem, mas reconfortada, de alguma forma, por ter estado com ele por muito tempo. Por tê-lo amado tanto.

— Eu lamento. — Teo disse, sério, as mãos no bolso.

— Obrigada.

Olhamo-nos em silêncio por uns segundos, então eu estendi a mão, disposta a deixar para trás o clima que a lembrança de Mauro trazia. Era muito íntimo, muito meu, e não era algo assim que eu queria ali, agora, quando estávamos muito claramente mais a fim de algo também íntimo, mas de cunho completamente diferente. Mais seguro, menos problemático. Não era aquela parte da minha vida que ele tinha subido para ver.

Teo pegou minha mão e eu o levei pelo corredor curto em direção ao banheiro do apartamento. Quando entramos, percebi que o tamanho pequeno do banheiro fazia com que Teo ficasse maior ainda ali. Ele me puxou e me encostou na pia pequena, pondo uma mão na minha nuca e puxando meu rosto em direção ao seu,

tomando minha boca em um beijo voraz, cheio de necessidade e urgência. Não parecia que nós tínhamos nos beijado há menos de dois dias. Eu sentia um frenesi de necessidade e desespero em seu gosto, na pressão quase dolorida e doce dos seus lábios esmagando os meus.

Eu me entreguei àquele beijo, também faminta por ele, pondo meus braços em volta de seu pescoço, na ponta dos pés, apertando-me nele, todos os sentidos despertos, ligados. Teo puxou-me para cima pela cintura e eu escalei seu corpo, envolvendo sua cintura estreita. Senti, na mesma hora, o volume da sua poderosa ereção através do calção preto, fino, e me esfreguei nela, apertando-a. Nós dois gememos baixinho, nossas bocas coladas, e ele abriu os olhos e me encarou, então puxou minha saída de praia pela minha cabeça, jogando-a longe, e passou a fitar meus seios praticamente fora já do espaço do biquíni naquele momento.

— Eu estava louco para fazer isso. — grunhiu, me colocou de pé, rápido, e puxou ambos os lados do biquíni branco, quase com voracidade, expondo mais meus seios, de mamilos duros, apontando para ele. Abaixou a cabeça e puxou um deles na boca, rolando a língua molhada, chupando

forte. Fez o mesmo no outro, eu gemi, puxando seus cabelos. Ele me virou de costas, e eu apoiei as mãos na pia, virando o pescoço e pegando-o me devorando com o olhar. Até que ele puxou de uma vez uma das cordinhas laterais, mas o nó firme que eu dei não se desfez assim. Ele franziu as sobrancelhas, intrigado.

— Não é tão fácil quanto parece... — brinquei.

— *Porra*, é bom saber disso, esses fiozinhos estavam acabando com a minha sanidade. — ele resmungou, e eu não disse nada, só mordi meu lábio e puxei a calcinha do biquíni para baixo, dos dois lados, me curvando levemente, dando-lhe um pequeno show que eu achava que ele apreciaria.

— *Caralho*, mulher! — ouvi-o dizer, antes que ele pusesse as duas mãos em ambos os lados da minha bunda, e se esfregasse lá, me dando toda a extensão dura do seu pau ainda contido no calção. Senti-o afastar meu cabelo e me morder no pescoço, e eu soltei um gemido alto, dolorido de desejo, enquanto podia sentir ele tirando a camisa e o calção, atrás de mim. Me empinei para trás, buscando sua dureza, cheia de luxúria e tesão. E, então, ouvi soltar um lamento que não tinha nada

de desejo.

— *Putá que pariu*, que merda, não acredito nessa porra! — ele xingou, baixo, encostando a testa em minha cabeça. — Deixei a carteira no carro.

Na mesma hora eu imaginei o que fosse: camisinha. Virei-me, erguendo as sobrancelhas. Teo estava nu e muito duro, com o pau delicioso na mão.

— Se é camisinha o *nosso* problema, ele está resolvido. — eu disse, e abaixei-me perto da pia, sem deixar de observá-lo. Voltei de lá com uma bolsa florida, pequena, e abri-a, sorrindo, mostrando algumas camisinhas lá dentro. — *Voilà*.

Teo olhou para a bolsinha, depois para mim, e eu jurei ver um relance de irritação nos seus olhos, em vez do alívio que eu jurei que viria. Será que foi uma impressão? Ele não estava naquela de julgar por eu ter camisinhas no banheiro, não era? Porque se fosse, ele tinha uma coisa ou duas para aprender. Empurrei a bolsinha de leve no seu peito, disposta a descobrir, e ele pegou-a, nitidamente de má vontade, mas pegou.

— Uma mulher precavida, gosto disso. É sua, essa bolsa, Malu? — disse, em vez de tudo que

seu olhar indicava.

Eu ergui uma sobrancelha, e cruzei os braços sobre os seios nus.

— Também é minha sim, eu moro aqui. Duas mulheres *precavidas* moram aqui, aliás. — respondi, observando-o. Teo não disse mais nada, mas pegou um dos preservativos, sem desviar os olhos dos meus. Havia uma chama de algo neles. Seria raiva? Desejo? E rasgou de modo brusco, passando a enrolar a camisinha pelo seu cumprimento duro com certa pressa.

Eu acompanhei com os olhos, lambendo os lábios, e depois quando voltei a fitá-lo, ele puxou um punhado do meu cabelo na nuca, firme, mas sem machucar, e me beijou novamente. Eu retribuí, adorando ser devorada por sua boca exigente, antes que ele me levasse para dentro do box, ligasse o chuveiro e deixasse que a água caísse sobre nós dois, enquanto chupava meus seios e enfiava dois dedos grandes e habilidosos na minha boceta já bem molhada antes mesmo de entrarmos no chuveiro.

Teo então desligou o chuveiro, me carregou novamente e me prensou na parede. Eu enrolei novamente as pernas em sua cintura, e dessa vez,

PERIGOSAS NACIONAIS

ele pegou o seu pau rígido e enfiou lentamente em mim, entrando polegada a polegada, saindo quase completamente para depois entrar de modo mais firme, alucinante, de uma vez. Novamente. E novamente. Aumentando o ritmo das estocadas.

— Eu vou te chupar e lamber essa boceta gostosa, Malu, mas agora, eu preciso foder você, apenas assim. — ele grunhiu na minha boca, enfiando mais firmemente todo aquele pau maravilhoso em mim. Era uma loucura, pensei, expondo meu pescoço, que ele passou a morder. E combinado com as estocadas intensas, eu vi estrelas, meu orgasmo rapidamente se aproximando.

Quando eu estava bem próxima, gemendo e quase gritando, eu senti Teo enfiar um dedinho safado, ligeiro, no meu ânus, bem molhadinho. E caralho... o seu pau dentro de mim, longo e grosso, a mordida no pescoço e aquele dedo *lá*, eu fui à loucura, estremecendo em um gozo alucinante, segurando-me contra a parede, sentindo-o estremecer dentro de mim, gozando logo em seguida, seu dedo ainda enfiado em mim.

Quando eu “voltei a vida”, ele estava me olhando com um sorriso absolutamente safado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gozou com um dedinho enfiado bem gostoso... Gostou? — perguntou, me deixando escorregar por ele e tirando o dito cujo de lá. Eu franzi o cenho, virei de costas para ele e liguei o chuveiro, e o jato caiu primeiro naquela cara sorridente dele, fazendo-o engasgar de leve.

— Não sei do que você está falando. — eu disse, escondendo o meu sorriso da sua expressão presunçosa.

— Não? Eu acho que eu preciso te dar algo maior então, para você não correr o risco de não saber do que eu estou falando.

Eu me virei para ele, rolando os olhos.

— Ok, vai sonhando.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 11



*Me experimente e você verá
Você só precisa de mais
Master Of Puppets*

Teo

Assim que a água do chuveiro caiu por nossos corpos arfantes, eu observei Malu lavar os cabelos e esfregar-se com algum sabonete líquido cheiroso que ela tirou de um armário de vidro no canto. O cheiro me deu vontade de comê-la. De novo.

Por enquanto, eu vou deixar passar a questão de ela nitidamente ter enlouquecido com a minha pequena experiência com meu dedo ainda há pouco, mas eu ia voltar a isso logo que possível. Eu quase tinha ficado louco, e não ia deixar essa possibilidade passar se ela não fosse contrária à ideia. Ah, mas não ia mesmo, pensei, sorrindo comigo mesmo.

Eu tento compartilhar com ela da água, mas o espaço é pequeno, eu não sou exatamente pequeno também dentro deste box, então eu fiquei lá encostado na parede, vendo-a passar as mãos pelo corpo molhado e delicioso; aquele cheiro gostoso que eu já tinha sentido nela se espalhando pelo banheiro. Ela virou observou-me lá parado.

— Vem, eu deixo um espaço para você. Posso te esfregar, você quer? — murmurou, uma

PERIGOSAS ACHERON

verdadeira visão com a água escorrendo por seu corpo nu e saciado, um sorriso entre safado e tímido no rosto. Eu me aproximei.

— Com esse oferecimento, eu não posso recusar.

Ela me deixou sobre o jato e eu passei a me esfregar. Malu ficou me olhando nos olhos com uma expressão maliciosa, então fez um gesto com o pequeno vermelho frasco nas mãos.

— Eu posso usar isso em você? Mas aviso logo, você vai ficar com cheiro de mulher. — ela sorriu, provocante.

— E existe cheiro melhor do que esse?

Ela deu de ombros e espirrou um pouco do líquido na palma da mão e esfregou em mim, passando então a fazer círculos, ensaboando os pelos do meu peito e do meu abdômen em carícias cada vez mais ousadas. Eu gemi, sem desviar os olhos dos dela, porque era muito bom e profundamente erótico, sentir seus dedos pequenos e finos mergulharem nos meus músculos.

Atrevida, Malu mordeu aquele lábio inferior cheio e tentador, e passou a me esfregar mais embaixo, passando por meu quadril e logo alcançando meu pau, que já estava semirrígido

apreciando aquela exploração molhada e quente, e voltando a se recuperar da gozada ensandecida de minutos atrás com ela toda aberta para mim e a ponta do meu dedo entrando em sua bunda gostosa.

Eu cerrei a mandíbula e a observei ir para baixo, já adivinhando sua intenção e ficando mais duro ainda. Me firmei na parede, enquanto ela ligava o chuveiro e deixava a água cair novamente, retirando a espuma dos nossos corpos. Sem deixar de me acariciar, abaixou-se, olhando-me nos olhos enquanto pegava meu pau e, bem devagar, punha a língua para fora e dava uma lambida gostosa, fenomenal, enrolando toda aquela linguinha rápida ao redor da cabeça avermelhada e dura.

Eu sibilei, soltando um palavrão entre dentes entredentes, sem deixar de observá-la quando ela abriu a boca e abocanhou metade do meu pau, indo e voltando, em uma chupada alucinante. Não era fácil me levar todo de uma vez, e vê-la tentando era o caralho de uma visão erótica fora de série. Sempre com os olhos nos meus, Malu passou a chupar com mais intensidade, o máximo que podia, intercalando essas chupadas gostosas com lambidas cada vez mais esfomeadas, me deixando louco de tesão. Minhas bolas, que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

segurava e dava pequenas lambidas também, começaram a ficar duras em suas mãos.

Eu engolia em seco, um cantinho da minha mente que ainda funcionava, não me pergunte como, me lembrou em como eu estava prestes a gozar em tempo recorde. E isso me alarmou um pouco, já que, enquanto eu gostava de chupar uma mulher e fazer com ela gozasse rápido e forte na minha boca — e eu fodidamente me empenhava para isso —, todavia, preferia que os meus boquetes durassem mais. E os analisava sempre de olhos abertos, quase clínico, vendo a mulher me envolvendo com a boca, um certo distanciamento, um prazer comedido em que eu praticamente determinava o momento de perder o controle. Ali, tendo Malu aos meus pés, mamando no pau de forma ensandecida, o corpo molhado, as pernas abertas, eu sentia à vontade quase imperiosa de jogar minha cabeça para trás e deixar o meu controle ir para puta que pariu.

Ainda me segurei um pouco mais, pegando o meu pau impossivelmente duro pela base e apreciando com olhos semicerrados enquanto a sua língua dava lambidas longas por todo o meu eixo duro. Voltava, engolia e quase engasgava, babando.

PERIGOSAS ACHERON

Rosnei, afastando mais as pernas, sentindo o meu controle ruir aos poucos. E quando ela chupou forte, e logo depois levou uma mão a sua boceta e passou a se acariciar e gemer, enquanto tinha a boca totalmente cheia de mim, eu não aguentei mais. Sentindo-me fora do eixo, pus a mão na lateral da sua cabeça, em um aviso masculino clássico. Quando ela não parou, eu me obriguei a descerrar minha mandíbula.

— Vou gozar! — avisei, mal reconhecendo minha voz. Em vez de se afastar, ela gemeu, e me engoliu mais, sugando com força e suavidade, pegando meu pau e me masturbando junto enquanto com a outra mão se tocava e soltava sons que me deixavam desvairado. Não aguentei mais e gozei com um rugido alto, delirante, jogando minha cabeça para trás com os olhos fechados. Toda a porra do meu controle escorrendo para dentro da garganta de Malu assim como meu esperma quente, em jatos poderosos.



Eu estava meio sentado em sua cama, braços cruzados, sem camisa e usando meu calção, que milagrosamente, tinha saído enxuto daquela

PERIGOSAS ACHERON

aventura no banheiro. Malu estava de frente para um armário de roupas, usando uma calcinha preta, puxando algumas roupas de dentro. Eu estava silencioso, observando-a se vestir.

Seu quarto era pequeno e aconchegante como o resto do apartamento, com uma grande cama de casal e uma poltrona estampada em um tecido africano. Acima da cama haviam algumas prateleiras pequenas com livros, e pelo que eu podia ver daqui, eram todos relacionados a música de modo geral, terapia musical e afins.

Quando ela terminou, voltou-se e sentou na beirada da cama, pernas cruzadas em estilo borboleta e a mão no queixo, de frente para mim. Tinha vestido um vestido florido de alças finas, ou uma camisola, não dava para saber. Estava nitidamente sem sutiã, os seios cheios visíveis, os cabelos molhados postos de lado, uma expressão intrigada no rosto bonito.

— Você não parece empenhada para que conversemos. — eu disse. Ela franziu a testa.

— Como assim?

— Esse vestido tira minha concentração. — eu disse, dando de ombros. Malu sorriu, ajustou as alças e a sua posição, pondo um travesseiro no

colo. Eu fiz um não com a cabeça, mas não disse mais nada.

— Bom, sou toda ouvidos. Nós meio que desviamos do objetivo inicial de você ter subido, mas...

— Ah, minha querida, não se engane. O que nós fizemos *era* o objetivo inicial de eu ter subido.

Ela rolou os olhos, mas depois ficou séria, me encarando. Eu fui direto ao ponto.

— Malu, nós combinamos explorar essa atração, essa química que há entre nós, em uma próxima vez. — eu comecei, atento a todos as suas expressões. Concordando com a cabeça, silenciosa, ela continuava me encarando. — Nada muda em relação a isso.

— Ok, então... eu quero isso, também, se você está me perguntando.

— O negócio é que eu acredito que não tenhamos deixado todos os pontos claros, da última vez.

— E por todos os pontos, você quer dizer...

— Pelo que acaba de acontecer aqui, e acho que você pode concordar comigo, não tivemos o suficiente. Eu não tive. — assegurei, e percebi que ela desviou o olhar por meio segundo, para o

travesseiro no seu colo, parecendo embaraçada, depois retornou para mim. Continuei: — Acho que nós poderíamos levar isso adiante, enquanto nós dois quisermos, enquanto for bom, enquanto tive tesão... O que você acha?

Ela deu uma mordida no canto da boca, seus olhos não desviaram dos meus.

— Eu já havia dito que sim, não estou entendendo onde...

— A questão é: será apenas nós dois. Enquanto durar isso, somos exclusivos. — eu cortei, enfaticamente, atento a ela. Para meu espanto, Malu arregalou um pouco os olhos, com uma cara de quem estava achando tudo aquilo estranho. E eu não gostei, nem um pouco. Quando tinha sido a última vez que eu tinha falado em exclusividade para foder alguém? Eu nem lembrava. E ela reagia como se fosse algo... *estranho*?

— Deixa ver se eu entendi: nós estamos em um tipo de... de quê? De algo com exclusividade?

Eu fechei a cara, vindo para frente, mais próximo a ela na cama.

— Algum problema com isso?

— Não, é só que... o que exatamente você

está propondo, Teo?

— Você parece muito interessada nas definições precisas das coisas, Malu.

— Não, eu só estou interessada em entender. Nós somos parceiros de sexo, amigos com benefícios... enquanto durar a nossa evidente atração. Certo? — ela questionou, as sobrancelhas juntas.

— Chame do que soar melhor para você. Estamos juntos, explorando essa química sexual, enquanto isso for bom para nós dois. Sexo bom, sem complicações. E, enquanto isso durar, *exclusividade*. — frisei, e quase não estava me reconhecendo com aquela ideia meio ridícula, mas não ia abrir mão disso.

Desde que falei com Max, e estive pensando sobre a situação. Claro que me passou pela cabeça sugerir que ela não transasse com mais ninguém enquanto estivesse comigo. Isso era perfeitamente normal, até. Eu nunca fui de me importar se as minhas parceiras de cama fodiam por fora, porque era isso que elas eram, *parceiras de cama*, e eu detestava complicar as coisas.

Caso Malu dissesse que não, eu estava preparado para repensar isso, afinal, eu não via

aquilo indo para muito além de duas semanas, para ser sincero. Contudo, depois do sexo fantástico ali em seu apartamento, eu estava focado nessa questão. E foda-se que eu não entendia muito bem o porquê. Enquanto eu estivesse com ela, não haveria outros caras. Simples assim.

— Teo, eu não tenho problemas com isso. Eu te disse que no momento não estava com ninguém. Eu também acho bom, essa... isso que estamos tendo. — ela murmurou, dando de ombros, cautelosa.

— Você pode ver que eu acho mais do que *bom*. — eu disse seriamente. — Não tem por que procurarmos em outro lugar se essa experiência está sendo proveitosa para nós dois. Enquanto nós dois quisermos, estaremos explorando isso. — eu concluí, e pude ver uma expressão de desagrado passar rapidamente pelos seus olhos. Mas ela balançou a cabeça, em assentimento, apenas.

— Certo. E quem define?

— Você e suas definições... — resmunguei.

— Sim. Quem define isso de "enquanto está bom"? Ou se a experiencia ainda está sendo *boa*?

Eu a encarei detidamente, voltando a me recostar na cama.

— Ambos. Somos adultos, maduros, assim que não rolar mais, ou que desejarmos estar com outras pessoas, acabou. Um de nós dois avisa se não quisermos mais. — decidi, imaginando se é com isso que ela está preocupada. Mas Malu apenas sorri de leve, então, e eu sei que ela concordou. — Estamos de acordo, então. Eu lembro que você me disse que não estava com ninguém, não é isso?

— Sim, eu disse.

— Então, resolvido, isso não é um problema.

— Não, na verdade nós temos um problema. — ela disse, cruzando seus braços dessa vez. — O lance da *exclusividade*, enquanto exploramos isso — ela fez aspas com a mãos — é uma via de mão dupla, certo? Eu não lembro, por exemplo, de você ter me dito se estava com alguém ou não. Vai valer para você também, isso de exclusividade?

Meu cérebro trabalhou rapidamente, indo no meu "acordo" informal com Suzana Alves, mas nem pisquei.

— Claro que sim. E não, não estou com ninguém. — garanti, encolhendo os ombros de

leve. Afinal, eu realmente não tinha nenhum tipo de relacionamento com Suzana, apenas transas ocasionais que estavam cada vez mais raras. E certamente entre nós não havia nada que lembrasse nem de longe algo como sermos exclusivos um com o outro.

Eu ainda estava me debatendo internamente com aquilo, pensando aonde aquela decisão ia me levar. Eu poderia mesmo seguir com essa ideia absurda de ficar com apenas uma mulher novamente depois de tanto tempo para me livrar disso? Das complicações, das cobranças, do estresse que isso trazia? O que me confortava era que era temporário. Só enquanto esse tesão louco e esse desejo insano por Malu se fosse, e eu achasse outra mulher que me desfiasse e me intrigasse sexualmente como ela estava fazendo agora. Não era um grande sacrifício, já que aquilo não poderia durar muito, pensei. Mas enquanto durasse, ela não estaria com nenhum outro homem além de mim.

— Bem, então, resolvemos coisas práticas. Eu certamente tenho uma coisa super prática para resolver agora também. Estou faminta, você não? — ela levantou, animada. Eu olhei para ela com um sorriso, mas não pretendia ficar mais. Meus sinais

de perigo estavam gritando loucamente, desde o início dessa conversa, na verdade, desde que eu aceitei subir e transei com ela em seu banheiro. E agora me encontrava ali, sentado em sua cama em uma cena íntima, falando de ser exclusivo, algo que decididamente não se encaixava no que nós poderíamos ter, no que nós íamos *tentar* ter.

Precisava ir embora, aquilo já estava estranho o suficiente sem que eu resolvesse almoçar com ela em seu apartamento, pelo amor de Deus. Tinha que tomar muito cuidado ali ou, como já tinha pensado antes, poderia meter os pés pelas mãos e me enrolar em algo que era só sexo. Eu só queria foder mais com Malu, não precisava agir como um adolescente com tesão e dar ideias e impressões que eu não tinha intenção de verem se concretizar.

Levantei também, pegando minha camisa da cama, parando ao seu lado.

— Obrigado, mas eu preciso ir. Tenho umas coisas para fazer em casa. — respondi, e devo ter soado meio ansioso para ir embora, porque ela me pareceu levemente desconcertada, mas se recuperou rápido.

— Tudo bem, sem problemas, eu também

preciso preparar uma aula, então... — ela sorriu, eu acenei com cabeça e saímos do quarto. Na sala, eu me aproximei e peguei seu pulso, parando-a antes de chegar à porta.

— Eu te ligo. Podemos marcar algo, essa semana. Você dá aulas a noite também? Na academia?

— Dou, sim. Mas apenas na terça. O restante da semana, durante o dia, eu me divido entre a academia e a clínica. — ela informou, enquanto nós parávamos na porta.

— Clínica? Você trabalha em uma clínica?

— Sim, na São Vicente. Eu ministro oficinas de terapia musical para idosos, às quartas. — ela sorriu, e seu sorriso se iluminou. Ela parecia amar aquele tipo de trabalho, e eu podia imaginar, apesar de não ter ideia do que fosse uma terapia musical para idosos, como aquilo parecia algo encantador para ela. Lembrei que eu conhecia o dono da São Vicente, tínhamos trabalhado na ampliação do prédio deles, uns dois anos atrás, e eu conhecia pessoalmente Vicente Amaranto. Um mulherengo de primeira. Teria que ficar de olho.

— Ok, então. Eu vou te ligar e combinamos algo. Por falar nisso, suas aulas com Julia

continuam às sextas pela manhã?

— Continuam, sim. Ela fechou um pacote de dez aulas, depois ela decide se continua assim ou vai para uma turma normal.

Eu assenti e a puxei pela cintura com a intenção de dar-lhe um beijo e me despedir, quando ouvimos o seu celular tocar em cima do balcão da cozinha.

— Você me dá um minuto? — ela pediu, eu acenei e ela foi atender. Eu fiquei ali, aguardando, ainda precisava beijá-la antes de sair, afinal.

Malu olhou para a tela e franziu o cenho, murmurando algo. Eu me encostei ao batente, atento.

— Problemas? — questionei

— Não, não... eu não conheço o número, mas melhor atender, nunca se sabe. Alô? — ela disse, vindo em minha direção, e no segundo seguinte seu rosto se transformou em uma expressão de incredulidade e choque ao ouvir a voz da pessoa do outro lado da linha.

Ela me encarou, e logo seus olhos fugiram dos meus rápidos, ela virou meio de lado, pondo uma mão no pescoço. Eu era um cara bom com expressões corporais, e Malu estava gritando

desconforto e alguma outra coisa que eu não pude identificar na hora. Então fiquei alerta, por via das dúvidas.

— Bom, olá. É uma surpresa, depois desse tempo todo, sim. — ela disse para a pessoa na linha, lambendo o lábio superior.

Levantou um dedo para mim, em sinal de "um minuto", dando a entender que não iria ficar muito tempo na ligação, e franziu a testa para a pessoa do outro lado. Então, meio que sorriu de forma irônica.

— *Hum*, não. Eu realmente não quis responder, foi só isso... Olha, Adriano, será que você poderia... eu estou meio que ocupada aqui, na verdade. — Malu falou, e todos os meus instintos ficaram em alerta. *Adriano*? Eu decididamente só estaria ido embora depois daquele telefonema.

— Ok, mas, não, não realmente. Por favor. Tchau.

Ela desligou, jogou o celular no sofá e virou de frente para mim, com um sorriso meio forçado, nitidamente desconfortável. Eu precisava, com toda certeza, saber quem era aquele cara e o que ele queria.

— Pelo jeito era alguém que você conhecia,

no fim das contas. — sondei.

— Sim, era. Eu só não esperava que ele ligasse para mim, na verdade. — ela respondeu, encolhendo os ombros e voltando para perto de mim, como se disposta a encerrar o assunto. Mas não tão cedo, querida. E, com certeza, não comigo por perto, decidi.

— Alguém que você não queria que ligasse, eu posso deduzir. — eu disse, quando o que eu realmente queria dizer era: *quem caralhos é Adriano?*

Ela respirou fundo.

— É, você pode dizer que sim. Eu não queria, e nem esperava uma ligação dele.

— Sei. E eu posso saber quem era? — eu pressionei, pouco me fodendo para as regras. Ela me olhou, e não estava como geralmente estava ao meu redor, sorridente e provocativa. E isso, fodidamente, me chamou atenção. Tudo por causa do telefonema daquele cara, que eu pegaria aquele celular e ligaria de volta em dois segundos se ela não dissesse quem demônios ele era e por que a deixara chateada.

— Bem, ele... o Adriano foi meu namorado, por um tempo. — ela finalmente disse, e eu senti

uma picada de incômodo, mas tentei ignorar, racionalmente. Claro que ela tinha um ex em algum lugar. Eu tinha, todo mundo tinha. Só que mesmo assim havia uma coisa ali causando aquela pinicada na minha espinha e meus dentes arranhando levemente uns nos outros.

— E ele sabe que ele *foi*, tipo no passado, seu namorado?

Dessa vez Malu deu uma risada, parecendo voltar ao seu jeito mais comum, cruzando os braços.

— Ah, ele sabe, isso já tem uns três anos que não estamos mais juntos. — ela responde. E se eu ainda não estava puto, parabéns, essa frase acabou de me deixar oficialmente puto. Eu me aproximei e a puxei delicadamente para os meus braços, e ela veio, me encarando.

— Três anos, e ele está ligando para você? Me desculpe, mas acho que eu perdi algo aqui. — eu disse, passando o meu dedo polegar em sua mandíbula, sem deixar de fitá-la. Ela suspirou nos meus braços, incomodada.

— Para ser sincera eu também estou intrigada, mas não deveria estar surpresa. Hoje pela manhã ele mandou uma mensagem para o meu

WhatsApp, e agora ligou. Eu não sei o que ele quer depois desse tempo todo.

— Ah, mas pode apostar que *eu* sei o que ele quer. — eu disse, sarcástico, minha mandíbula tensa, mas eu tentei não demonstrar. Pelo menos eu tentei. Senti seu corpo grudar no meu, suas curvas moldando-se ao meu corpo duro, e dei uma mordidinha em sua orelha. — Por falar nisso, como esse cara tem seu número depois de três anos que vocês terminaram?

— Na verdade, não me pergunte isso, eu não sei. Eu nem uso mais o mesmo número de quando estávamos juntos... Mas talvez, sei lá, ele apenas possa conseguir.

— Como assim possa conseguir?

— Ele é policial, talvez ele consiga de alguma forma. — ela murmurou, franzindo o a testa e dando de ombros. Eu endureci, mas não a deixei ver minha expressão. Então, decididamente, o cara estava empenhado em algo, pensei. Vamos ver no que aquilo ia dar.

— Pelo que entendi, você não quer que ele ligue, ou estou errado?

Ela me olhou, uma expressão exasperada.

— Não, você não entendeu errado. Eu não

terminei exatamente de uma forma amistosa com o Adriano, então, não, não quero que ele me ligue. — disse, incisiva, e eu nem percebi que tinha prendido um pouco a minha respiração que eu soltei devagar, apertando-a mais firmemente e me curvando para buscar seus lábios, puxando um pouco seus cabelos no meu punho.

Trocamos um beijo impetuoso, algo de desejo e um pouco de irritação, esmagando nossos lábios e esfregando nossos corpos. Eu queria voltar, fazê-la montar em mim naquele sofá e fodê-la de modo intenso, como eu sei que eu já estava pronto de novo, enquanto empurrava minha dureza em sua barriga macia. Mas eu precisava estar mais no controle em relação aquela mulher. Algumas coisas estavam saindo do *script* com ela, desde a primeira vez, e isso não era algo que estava me deixando confortável. Ir com calma, era essa a ideia. Uma pena para mim que meu pau parecia não estar nem aí para nenhuma dessas ponderações absolutamente pertinentes.

Eu dei um último beijo em seus lábios carnudos e a fitei demoradamente, querendo entender mais dela do que suas expressões podiam me dar. E essa sensação não era bem-vinda, nem

desejada.

— Eu te ligo. — sussurrei, então.

— Ok! — ela sussurrou nos meus lábios.

Eu ia virar e sair, então, voltei parcialmente, vendo-a parada à porta.

— Ah, e Malu...

— Sim?

— Deixa esse cara saber que você não quer receber as ligações dele. — eu disse, virei-me e saí.



Capítulo 12



*Escute a canção aqui no meu coração
Uma melodia que comecei mas
não consegui completar
Escute a canção que vem do meu interior
Ela é só o começo para encontrar a libertação
Listen
Beyoncé*



Era segunda-feira, eu tinha aula logo cedo na academia e ainda tinha mais duas ao longo daquele dia. Seria um dia cheio, portanto, e eu deveria estar concentrada nos meus alunos, nas minhas coreografias, nas danças, mas não, estava com a mente agitada por um motivo completamente diferente: esse motivo atendia pelo nome de Teodoro Stein, e tinha revirado minha cabeça totalmente no domingo.

Quando ele disse que queria conversar na praia, eu até cogitei que ele pudesse querer mais que uma outra vez. Afinal, tinham as atitudes na praia que me deixaram confusas e eufóricas ao mesmo tempo, o que era uma porra de uma confusão porque eu não queria estar eufórica. Não, eu queria estar *blasé*, tranquila, curtindo um bom sexo, sem esperanças, sem ter que me sentir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pressionada para levar aquilo para um relacionamento. Pelo menos era o que eu achava que queria. Opa, achava não. É o que eu quero.

Mas aí ele vem com esse papo de levar adiante, de explorar nossa química incrível, de exclusividade... e começou meio que a bagunçar as coisas. Não que eu tivesse dito isso a ele, porque eu não tinha. Era só um pensamento aqui me espezinhando no fundo da minha mente. Porque eu via que era algo simples e descomplicado, tinha que ser. Mas o grande problema era que eu tinha gostado *demais* de estar com ele, de ter sexo com ele. Tipo, muito. E isso era bom, eu sei, mas tinha um potencial horrível para dar merda. Oh, acredite em mim, eu sabia disso.

A verdade mesmo, se você quer saber, era que eu não era tão experiente assim nessa coisa de sexo sem compromisso. Tudo bem, eu tinha feito isso com os últimos caras com que tinha ido para cama, depois do namoro, noivado, na verdade, com Adriano, mas não era uma experiência muito arraigada.

Eu tinha me obrigado a não me lançar de cabeça em um relacionamento, a não esperar que um cara chegasse e fizesse a minha vida fazer

PERIGOSAS ACHERON

sentido, e essas coisas imbecis que eu já tinha feito e já tinha pagado caro, quase entrando numa enrascada colossal, ao me casar com um cara desses... Então, eu deveria estar mais firme nesse lance com Teo. Não tinha muita diferença de outros que eu tinha saído uma vez duas, três no máximo, tivesse curtido e depois, por algum motivo banal, sem que ninguém criasse expectativa, nós tínhamos cada um ido para o seu lado. Era assim que as coisas eram.

Aí, chega esse cara e pronto. Eu estava com um certo receio de que, diferente das outras vezes, eu não seguisse o roteiro exatamente como ele deveria ser seguido. Mas o que me dava aquela sensação? Seria o fato de ele ter vindo com aquele lance de não termos mais ninguém enquanto estivéssemos transando? Como se isso fosse um grande problema. Eu na verdade não curtia muito a ideia de ficar variando, mesmo que fosse apenas um jogo rápido com umas saídas com um cara. Gostava de me concentrar em um de cada vez.

Não era esse o problema? Era o quê então? O fato de ele ser tão diferente dos outros caras com quem eu já tinha me relacionado? Sim. Era isso, só podia ser. Mas tinha aquele lance de exclusividade

que trazia um elemento complicado para mim. Era mais fácil se apegar assim, pode apostar que era.

Eu estava disposta a continuar nosso acordo "desinteressadamente" se achasse que eu podia ver alguém em qualquer hora (mesmo que eu não fosse fazer isso) e que ele também poderia (mesmo que no fundo, isso me incomodasse, mas ei, regras eram regras), mas assim... eu tinha um pouco de medo de escapular fora da linha traçada. Eu não tinha muito tempo assim em ser uma jovem desencanada, livre e desapegada emocionalmente. Era preciso ter mais experiência naquilo, *tá?* Mas talvez eu chegasse lá, agora.

Eu fui ao canto da sala e troquei a música, tentando ignorar aquela vozinha chata, exagerada e metida que estava dizendo que eu na verdade nunca fui "desencanada, livre e desapegada emocionalmente", não de verdade. E que esse cara podia me fazer ver isso de uma forma particularmente dolorosa. Porém eu não permitiria.

Aquela primeira aula era uma turma de dança de salão, e eu havia selecionado movimentos e exercícios que fazia referência à salsa cubana, um ritmo latino que tinha um bom jogo de movimentos corporais fluidos e sensuais, rápidos e marcantes.

Aquela turma era formada em sua maioria por mulheres que tinham como objetivo perder ou manter o peso, desestressar através de movimentos corporais ou simplesmente terem mais controle e entender o próprio corpo. As pessoas buscavam a dança pelos motivos mais diversos.

Eu voltei para a frente da turma e recomecei, pedindo atenção e organizando os movimentos de modo a me seguirem depois. Eu também precisava relaxar, me desligar um pouco dessa nova e intrigante etapa do que tinha acontecido entre mim e o Teo.

Sem falar no surgimento de Adriano, meu deus do céu, que hora. Lembrei do telefonema enquanto o Teo ainda estava lá no apartamento. Se eu soubesse que era o cretino do Adriano não tinha atendido, não mesmo.

E não pense que era por algum tipo de constrangimento em relação ao que Teo poderia achar, porque realmente podia ser (como foi) constrangedor, não, era mais porque a minha reação a ter meu ex noivo voltando do inferno não era algo que eu queria compartilhar com um cara com que eu acabei de transar e combinar que tínhamos um lance de "sexo sem compromisso". Não. Eu

provavelmente teria agido de maneira diferente se Teo não estivesse lá. Teria gritado, mandado ele se lascar e talvez até chorado de raiva, ou seja, não, não era algo para ser presenciado por seu novo companheiro de cama.

Já bastava as perguntas de Teo em relação a Adriano, e eu sabia que para quem tinha acabado de jogar a carta da exclusividade na mesa, saber que meu ex estava me ligando não era exatamente algo legal de se saber.

Outra coisa que me incomodou era o quanto ele ainda parecia reticente em falar ou dizer algo sobre ele. Como se tivesse altamente disposto a manter as coisas bem demarcadas. Tanto que eu ainda não sabia quase nada dele, e ele já sabia até que eu tinha um ex-noivo. Namorado, na verdade. Eu não tinha dito que meu relacionamento foi mais sério do que parecia porque ele não tinha nada a ver com aquilo, não vinha ao caso.

Concentrei-me de volta na minha aula, na medida do possível, e depois de uma meia hora, eu havia terminado. Despedi-me das alunas e me encaminhei para a lanchonete. Era onde eu e Stella geralmente nos encontrávamos para um suco e uma conversa antes das próximas aulas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando eu cheguei ela já estava lá, acompanhada de Bruna e Tiago, ambos professores. Bruna era uma moça legal, e vez ou outra até saía comigo e Stella. Era uma morena de cabelo curtinho, corpo sarado e lindo sorriso. Pena que o babaca ao seu lado, Tiago, não notava isso, já que Bruna arrastava um caminhão para ele. Homens.

— Olá, bom dia para vocês. — cumprimentei-os, sentando-me no lugar vazio ao lado de Bruna. Os três me cumprimentaram, e eu chamei a menina do atendimento. Stella estava chegando agora, pois suas aulas na segunda começavam depois das minhas. Bruna e Tiago tinham acabado agora, assim como eu.

— E então, semana agitada? — Bruna me perguntou. Costumávamos conversar bastante e ela sabia sobre o acréscimo das minhas horas com as aulas particulares.

— De certa forma, sim. Eu te falei que tinha mais uma aluna na sexta, não?

— Falou, sim. Mas me falem da boate na sexta. Que droga, eu deveria ter ido...

— Ah, mas deveria mesmo. — Stella sorriu. — Foi louco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Louco bom? Ou louco tipo louco mesmo? — Bruna não entendeu. Eu e Stella sorrimos.

— Louco tipo bom, mas louco de qualquer jeito... — eu expliquei. Ela e Tiago nos olharam, com caras intrigadas, e nós rimos mais.

— *Miga*, eu tive uma reviravolta com Carlos e teve gente que... — ela baixou a voz inutilmente, rindo — “saiu da seca”.

Bruna arregalou os olhos para mim, com um sorriso imenso. Tiago olhava entre nós, tentando se situar.

— Bem, eu... voltei aos negócios, se é que você me entende. — eu murmurei, e nós três rimos, divertidas, fazendo cumprimentos com os mãos abertas no ar.

— Nossa, que maravilha! Quem é o cara? Algum gostoso, aposto... — Bruna, piscou para mim e eu tive que concordar, com um suspiro dramático e depois um sorriso.

— Você nem imagina o quanto, meu Deus... — rolei os olhos e ela deu um gritinho. Tiago pigarreou e bebeu sua vitamina.

— Eu acho que eu não quero saber sobre o que vocês realmente estão falando, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Stella deu-lhe um tapinha no braço.

— Não, você não quer, meu amigo.

Bruna lhe lançou um olhar rápido, então voltou sua atenção para mim e Stella, antes de dizer:

— Fui em um jantar e acabei não podendo ir, e se arrependimento matasse... — ela fez uma careta.

Nós três olhamos para ela.

— Então o encontro não foi bom? — Stella jogou, como sempre mandando as favas a discrição que Bruna parecia querer manter com Tiago ali do lado. Eu percebi que ele se ajeitou na cadeira, olhando de rabo de olho para Bruna. Era um cara legal, moreno e magro, só era muito delicado ou estava muito desinteressado da nossa amiga.

— Foi horrível, nem me fale. O cara passou o jantar todo falando em como ele tinha conseguido uma promoção e estava ganhando o dobro. Eu fui condescendente nas primeiras duas horas. Mas quando chegou a sobremesa e ele ainda estava falando em trocar o carro, eu queria matá-lo. — ele desabafou, entre irritada e divertida.

Nós rimos, fazendo expressões idênticas de consolo em sua direção.

— Nossa, amiga, que merda. — eu disse. — Ele parecia tão interessante...

— Na verdade ele é muito interessado em si mesmo. Tenho certeza que ele nem lembra meu nome.

— Odeio isso! — Stella disse, passando a mão no braço da amiga em sinal de apoio. — Espero que pelo menos ele tenha ajudado a pagar a conta.

— Sim, ele ajudou. Nós dividimos, quer dizer. Você esqueceu que ele estava ganhando mais? — Bruna virou os olhos, bufando.

— Que babaca, Bruna. — Tiago entrou na conversa, cruzando os braços. — De onde você tirou esse sujeito?

— Daqui. Ele estava fazendo aulas de samba de gafieira comigo. — ela deu de ombros. Tiago assentiu, tomou seu suco e não disse mais nada. Eu não sabia se daquela toca ia sair coelho algum dia. Ou Bruna dava a entender que queria algo com ele logo, ou desistia de tentar fazê-lo perceber por si só.

Menos de meia hora depois, nos despedimos e fomos em direção às nossas próximas aulas. Eu percebi, à medida que o dia passava, que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava me sentindo inquieta, uma mistura de euforia e apreensão.

Em parte por causa do telefonema de Adriano, que tinha me provocado reações estranhas, me levado a pensar em coisas que eu não queria pensar, que eu não queria lembrar. Justo em um momento decisivo da minha vida, quando eu estava tentando conviver bem em uma relação com um homem que não envolvesse amor e planos para o futuro, que não viesse recheada de expectativas a serem frustradas posteriormente. Justo agora, vinha o cara por quem eu me apaixonei perdidamente aos dezenove anos, mas que já era apaixonada bem antes disso, talvez, fiz planos, entreguei minha vida como uma imbecil e construí um castelo de sonhos em torno de uma vida com um cara. Claro que esse castelo desmoronou, e eu aprendi a lição.

Era muito carma, viu? Aí quando eu estou reerguida, senhora da minha vida, aprendendo a viver a partir das minhas próprias expectativa e sonhos, aparecia um cara que estava abalando meus recentes princípios de "sexo desencanado", que estava me fazendo ansiar não só por estar na cama, no banheiro, onde fosse, com ele, mas que estava me fazendo ansiar por *ele*, simplesmente.

PERIGOSAS ACHERON

Misericórdia, eu não podia vacilar.



Quando eu cheguei em casa depois do meio dia, fui direto para um banho refrescante e depois fui preparar algo para comer. Stella tinha mais uma aula depois da minha é só então viria para casa. Eu queria relaxar e terminar de montar minha oficina da quarta-feira. Estava saindo do banho em direção à cozinha quando o interfone tocou.

— Dona Malu? É o Roger. Tem um senhor aqui que quer falar com você e preciso saber se posso deixá-lo subir. — o rapaz da portaria me informou. Por um segundo, eu imaginei que pudesse ser Teo, e meu estômago deu uma maldita cambalhota. Mas por que ele não ligou antes? Estranho.

— Oi, Roger. Qual o nome dele?

— Adriano Rezende. Posso deixar subir?

Eu murmurei um palavrão. Não acredito que ele estava ali, que tinha vindo até o meu apartamento, que tinha ignorado minhas palavras claras e em bom som ao telefone. Não, eu não queria nem tinha interesse em falar com ele. Adriano era uma parte da minha vida que eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

deixado para trás. O que ele estava fazendo ali?

Eu não tinha transformado ele em meu inimigo nem nada, só não achava que fosse me sentir bem ao seu redor novamente, depois de tudo.

— Não, Roger, não o deixe subir. — eu determinei, então, me encostei na parede, cansada. Adriano trazia lembranças dolorosas, não só por ter ferrado comigo, me traído e destruído meus sonhos, ele também era o melhor amigo, quase irmão, do meu irmão Mauro. Por isso, quando Mauro tinha sido morto, eu meio que naturalmente me ancorei nele, buscando sua ajuda, seu apoio, seu amor... e tinha sido uma merda.

Mas de qualquer modo, eu podia conceder isso a ele? Falar com ele, pelo menos? Tomei uma decisão que eu esperava não me arrepender.

— Olha, a dona Malu disse... — o porteiro estava dizendo, e eu o interrompi.

— Roger! Diga ao Adriano que ligue para o meu celular, agora. Eu vou atender. Obrigada.

— Ok, vou dizer.

Eu desliguei e fiquei esperando, mordendo meu lábio inferior. Alguns segundos depois, meu telefone tocou dentro da mochila.

— Malu! — a voz grave de Adriano chegou

aos meus ouvidos. Era uma voz conhecida, familiar para mim, que eu ouvia desde que era criança. Ainda que hoje trouxesse sensações não tão boas, já foi uma parte muito importante da minha vida. Eu sentei no sofá, sobre minhas pernas.

— Oi, Adriano, eu pensei que você tinha entendido que nós não temos mais o que conversar. — eu disse, tentando soar firme com ele, mas não mal-educada.

— Malu, não precisa ser assim... eu só quero conversar com você. Não acredito que você vai me tratar assim. — ele respondeu, em um tom persuasivo que ele sempre utilizava comigo. Bem, funcionou durante anos, mas tinha perdido seu efeito, para azar dele.

— Querido, eu estou falando com você, depois de tudo o que aconteceu. Você não acha que é, sim, uma maneira educada de te tratar?

— Malu...

E suspirei. Se eu tinha atendido, teria que pelo menos dar-lhe alguns segundos de oportunidade de falar. E eu também não queria que Adriano achasse que ainda me afetava de alguma forma. Por que porque não... pelo menos eu gostava de pensar que não, nos últimos três anos. Sim,

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele cara tinha sido o grande amor da minha vida, o melhor amigo do meu irmão, meu amigo, minha referência enquanto eu crescia, assim como Mauro.

— O que você quer, então? Eu ia almoçar e...

— Almoça comigo? — ele pediu, rápido. Eu revirei os olhos.

— Meu Deus, você não tem um pingão de noção!

— Então me deixe subir, Malu. Te peço, por favor. Eu preciso conversar com você, não teria vindo se não fosse realmente importante... por favor, Malu?

— Adriano, eu não vejo o que você poderia ter para conversar comigo... já faz tanto tempo.

Eu o ouvi suspirar.

— Eu sei. Eu sei cada dia que passou, Malu. Por isso mesmo eu preciso que você me ouça. Faz assim: você me ouve por quinze minutos, apenas isso, e depois se você decidir não falar mais comigo, eu vou entender...

— Você sabe que eu realmente não me importo se você entende ou não, não é?

— Tudo bem, se você não quiser mais falar

PERIGOSAS ACHERON

comigo depois de me ouvir apenas por esse tempo, Malu, eu te prometo, eu não te incomodo mais. Por favor? Por tudo que nós vivemos... — sua voz saiu baixinha, suplicante.

Eu fechei os olhos, e respirei fundo.

— Eu não...

— Malu, por favor. Eu só subo por dez, apenas isso, dez minutos. Não, nem preciso subir, se o que te incomoda é que eu vá ao seu apartamento, nós podemos nos falar fora. Tem algum lugar aqui por perto onde nós poderíamos conversar?

— Por falar nisso, como você me encontrou?

— Eu tenho minhas formas, Malu. Mas preciso falar sobre isso também. Eu falei com seus pais.

Aquilo me chamou atenção. Eu tinha falado com minha mãe no dia anterior, por telefone, à noite, como quase sempre fazia. Ela não tinha me dito nada sobre Adriano, nem que o tinha visto recentemente. E dona Fátima não mentiria ou omitiria isso, se tivesse reencontrado Adriano, seu afilhado e quase ex-genro, por aí.

— Como assim?

— Eu te explico tudo. Só fala comigo, por favor? — ele voltou a pedir. Eu respirei profundamente, fitando a parede a minha frente, as janelas que davam para os outros prédios. Depois de todo aquele tempo, eu nunca havia visto Adriano, nunca mais havia interagido com ele. O tempo passou, eu me recuperei, esqueci, deixei de amá-lo. Será que não estava na hora de testar minhas resoluções em relação a ele? De fechar aquele livro de uma vez por todas? Eu levantei do sofá, disposta a isso.

— Adriano, tem uma padaria aqui pertinho, de letras vermelhas, você vai ver. Em uma hora, eu estarei lá. Eu vou almoçar, depois desço para tomar um café. Esse é o tempo que você tem para me dizer o que quer que tenha para ser dito. — tomei uma decisão, já indo para cozinha.

— Tudo bem, está ótimo. Eu te espero lá. — ele disse ansiosamente. Eu disse "ok", e desliguei. Fiquei parada, fitando sem ver a cozinha, o celular na mão. Será que eu tinha tomado a decisão correta? Eu deveria mesmo ouvir o que ele tinha a dizer?

A verdade era que, a julgar pela mensagem que ele tinha enviado para o meu *WhatsApp*, no

domingo, eu mais ou menos sabia o que ele queria. No entanto, eu nunca mais tinha falado com Adriano desde que nos separamos e eu saí da cidade, humilhada e com meus sonhos destruídos. Muita coisa mudou, ele era passado, eu tinha certeza disso, e agora, talvez, eu estava mais sendo levada pelo que ele tinha significado para mim e para o meu irmão. Eu o ouviria, e acabou.

Comi uma salada e frango, calmamente, com um perverso prazer em fazê-lo esperar, pensei, com um risinho. Depois vesti uma calça jeans e uma camiseta, uma sandália rasteira, preendi meus cabelos em um rabo de cavalo e peguei apenas minha carteira e celular. Não tinha nenhum sentido eu me enfeitar ou pensar em estar bem para o Adriano.

Passava um pouquinho da hora marcada quando eu entrei pelas portas de vidro da padaria e lanchonete que ficava próxima ao meu prédio. Eu costumava tomar café ali de vez em quando, lanchar, sentar para uma vitamina. Melhor ali do que tê-lo em meu apartamento, já que eu não me sentia bem o suficiente para isso.

Olhei em volta e encontrei Adriano imediatamente, em uma mesa mais afastada, quase

ao fundo. Não pude evitar uma sensação... estranha, de tristeza, ao mesmo tempo de cansaço, sei lá. Eu me dirigi a ele, passando pelas mesas de madeira simples.

Adriano era um cara bonito. Negro, alto e com muitos músculos, chamava atenção aonde quer que fosse, e depois da farda da polícia militar, isso devia acontecer com mais frequência, tinha certeza. Tinha os cabelos quase raspados, olhos escuros e lábios cheios. Eu lembrei da época em que era apaixonada por ele, que o achava o homem mais lindo do mundo, meu herói, meu amigo. Isso tinha começado desde os meus 15 anos, talvez antes, quando ele e Mauro perambulavam pela casa e eu estava sempre na cola deles. Mas foi só mais tarde que ele foi me notar.

Quando eu me aproximei, ele levantou, passando os olhos por mim, de modo apreciativo, mas discretamente. Ele usava uma camisa preta de algodão e jeans, mas estava com um boné preto e óculos escuros. Não sorriu quando eu parei a sua frente, na verdade, tinha uma expressão triste. Eu fiquei alerta.

— Oi, Adriano.

— Malu... quanto tempo. Você... está mais

bonita ainda. — ele disse, calmamente. Eu o olhei, séria, e acenei com a cabeça, devagar.

— Obrigada. — disse apenas, sentando-me à sua frente. Ele pareceu desconcertado, porque fez menção de se aproximar, e o quê? Me abraçar? Cumprimentar com um beijo? Ele que esperasse sentado por isso.

— Malu, você não precisa ser tão formal comigo, tão fria. Tem três anos que a gente não vê, você não pode nem mesmo me deixar pegar na sua mão? — ele sentou-se também, me encarando, as sobrancelhas juntas, a expressão amargurada.

— Olha, vamos ser bem sinceros aqui. Eu não vim confraternizar com você, eu não sei de que forma você acha que eu deva agir agora, mas com certeza você não está tendo ela agora. Sim, tem três anos, eu acho. Mas... Adriano, nós não somos amigos, então...

— Mas nós éramos mais do que isso.

— Sim, e acabou. Não tem mais nada nos ligando. — eu disse, e na mesma hora me arrependi, porque eu lembrei de Mauro, e pelo olhar de dor em seu rosto, ele também lembrou. Adriano baixou a cabeça por um momento, e ficamos em silêncio.

Mauro e Adriano, amigos e quase irmãos, haviam entrado juntos para a polícia, um sonho antigo de dois jovens da periferia que precisavam mudar de vida. Menos de dois anos depois, meu irmão fora baleado em uma operação no morro, e morreu nos braços de Adriano a caminho do hospital.

Quase tudo que aconteceu na nossa vida, a partir dali, de certa forma tinha a ver com aquela tragédia. Eu e Adriano já namorávamos na época. Ele tinha sido meu primeiro amante, praticamente o único homem da minha vida, e quando Mauro se foi, as coisas precipitaram-se em torno de nós.

Eu estava me sentindo muito sozinha, devastada com a perda, e olhando para trás, hoje, percebo que forcei a barra também, mas me sentia vulnerável. Passei a moldar toda a minha vida em torno de Adriano. Ele era meu porto seguro. Ficamos noivo em menos de um ano, e logo, fizemos planos que envolviam me tornar a sua esposa, e toda a minha vida a partir dali era para atender aquelas expectativas. Nossa, como eu fui ingênua.

— Na verdade, tem sim, nós ainda somos uma família, Malu. Mesmo que você tenha fugido

de casa, e tenha me evitado por todo esse tempo, eu ainda estou aqui. — ele disse, finalmente, quando levantou a cabeça.

— Correção: eu não *fugi* de casa, eu vim em busca de uma vida diferente, da minha faculdade, dos *meus* sonhos. Você, claro, não entenderia isso. — eu não pude deixar de acrescentar com certa amargura.

Antes que ele falasse, a menina que atendia veio pegar nossos pedidos. Eu pedi um café, e ele me acompanhou. Quando ela se afastou, ele cruzou os braços e se recostou na cadeira.

— Se você prefere ver dessa forma, não vou discutir. O importante é que nós ainda temos laços que nos ligam. Sua mãe é minha madrinha, quase uma mãe para mim e você sabe disso, essas coisas não somem apenas por que você não quer lidar com isso.

— Eu sei, e ela te ama. Liga para ela, ela vai gostar de saber de você. — disse, tentando deixar o sarcasmo fora da minha voz. Não sei se consegui, a julgar pela sua expressão.

— Eu fui lá. Estive com eles.

Eu franzi minha expressão. Desde que Adriano fora embora com a garota pela qual ele

havia me traído, grávida dele, enquanto eu fazia, aos vinte e dois anos, planos e listas de casamento, eu não tinha notícias suas de volta à nossa cidade. E eu evitava mesmo saber sobre. Até que a raiva, a amargura, tudo tinha passado, e eu só não me importava mais. Era libertador.

— Que bom. Gentil da sua parte.

— Eu já disse: dona Fátima é como a minha mãe.

— Certo, então... Olha, Adriano, o que você tem para me dizer. Realmente? — eu incitei-o, olhando-o nos olhos. Ele retribuiu firmemente o meu olhar. Devagar, estendeu a mão por cima da mesa e tocou a minha. Eu afastei, lentamente e ele suspirou.

— Malu... eu me arrependo. Muito. De tudo. Da forma como as coisas aconteceram, do que eu fiz para você... do jeito que você saiu da sua casa, da sua vida. Me arrependo tanto. Acho que nunca tive a chance de te pedir perdão. — ele despejou, e eu senti, mesmo sem querer, minha garganta fechando de emoção, uma apreensão me tomando. Ele realmente não tinha pedido perdão, não dei a chance, porque fui embora e não quis mais saber. Continuei calada, olhando para um

ponto na mesa.

— Você não vai me dizer nada? — ele questionou, depois de segundos de silêncio incômodo.

— O que você espera que eu diga? Ok, se é isso, eu te perdoo. Já passou, Adriano. Estou bem agora, sinceramente.

Ele olhou, meio cético.

— Você quer dizer que não sente mais raiva de mim pelo que aconteceu? Pela nossa separação?

— Não, eu quero dizer que não faz mais diferença para mim, não me afeta mais. Eu não me importo, realmente. E nova correção: nós não nos *separamos* querido, você me traiu e foi embora com a sua namorada surpresa enquanto eu estava fazendo a lista de convidados. — acrescentei, com um sorriso frio.

Ele pareceu ter levado um tapa, recuando ante minhas palavras, mas não me importei.

— Por favor, não foi assim...

Eu ri. Porque era isso ou chorar. E chorar por ele eu tinha prometido a mim mesma: nunca mais.

— Foi? Não foi? E como foi? Não, não me diga. Adriano, olha só... o que a gente está fazendo

aqui? Cara, não faz sentido nada dessa conversa. Eu tenho tanta coisa para ...

— Malu, eu te amo. Eu te amo. Nunca deixei de te amar, na verdade. Só... estava confuso, com medo de assumir um compromisso tão jovem, sem saber se te amava ou estava apenas sendo protetor por causa de Mauro. Minha cabeça estava uma loucura e...

Ele se interrompeu quando a minha risada alta o calou. Eu parei de rir, olhei para a sua cara, séria, esperando, quando ele não riu de volta, claro, eu balancei a cabeça em choque.

— Meu Deus, você é muito, muito cara de pau... Meu Deus do céu...

— Malu, por favor. Ouça-me!

— Não, eu estou ouvindo. O que eu não estou é *acreditando que você está me dizendo isso!*

Nesse momento, nossos cafés chegaram. Eu beberiquei o meu, e Adriano continuou lá, me fitando, compenetrado.

— Eu sei que você não acredita, mas eu posso te provar que estou sendo sincero. Posso te...

— Adriano, você não pode nada. Faça-me o favor! Depois de *três anos* você acha que pode aparecer assim e dizer o quê? Que me ama? Para de

PERIGOSAS NACIONAIS

ser louco, você não me amou nem quando estávamos juntos. — eu sibilei, furiosa agora. Não queria, mas estava mesmo assim. — Você estava confuso? Com medo? Um homem de 25 anos? Que estava mantendo um namoro com sua colega de farda ao mesmo tempo em que dizia que iria se casar comigo? Você a engravidou, porra...

— Ela não teve o bebê.

— Como assim não teve?

— Não teve. A Rosa... — ele engoliu o nome, me encarando. Depois retomou: — ela não teve o bebê. Perdemos o bebê, depois de uns meses. Nós realmente não tínhamos muita coisa, nem devíamos ter nos envolvido, na verdade. Nós... nós separamos. É isso.

— E agora, por conta disso, você pensou: *pera* lá, por que eu simplesmente não ligo para Malu e vejo se ela está a fim de retomar de onde paramos? Olha só que ideia legal. — eu tirei o dinheiro da minha carteira, disposta a ir embora. — Nem toda boa vontade do mundo dá para aguentar essa sua cara de pau, Adriano.

— Espera um pouco, onde você vai?

— Era isso que você tinha para me dizer?

— Malu...

PERIGOSAS ACHERON

— Era isso?

Ele pôs as mãos no rosto, cansado.

— Eu estive pensando muito em você nos últimos meses. Em como fiz tudo errado, em como fui um imbecil e perdi você. Um homem pode errar, Malu, e se arrepender desse erro. — ele disse, baixinho. Seus olhos pareciam marejados.

Eu balancei minha cabeça, descrente do desplante dele. Não era possível, aquilo não estava acontecendo.

— Adriano, um homem pode errar, claro. E se arrepender. — eu comecei, e ele arregalou os olhos, ansioso. — Um homem. Mas não era isso que você era. Você era um moleque que me prometeu o mundo, mas ao mesmo tempo me podou quando eu queria estudar, viver, porque você me queria só para você. E depois, quando achou que era muito para você, que eu estava dependente demais, arrumou outra pessoa e me disse que sentia muito, que não podia fazer aquilo: palavras suas. Que tipo de homem faz isso?

Ele tinha abaixado a cabeça, envergonhado, eu esperava.

— Eu me arrependo tanto disso... todos os dias. Quero uma chance de poder te mostrar que

mudei, que amadureci, que você ainda é...

— A mulher da sua vida? — eu ri sem humor e ele fechou a cara. Eu suspirei. Já tinha dado. — Adriano, foi um prazer te rever. Não, não foi, você sabe que não, mas vamos fingir que sim. Esqueça esse drama sem sentido, volte para onde quer que você tenha vindo, e tenha uma boa vida. Eu certamente estou tendo.

Ele tentou segurar minha mão quando eu levantei, e eu me esquivei, rápido. Seu rosto estava tenso, seus olhos marejados e uma expressão sofrida.

— Não vá...

— Boa tarde, e por favor, não vale a pena, acredite. Não para mim, não para você. Já foi. — eu disse, e estava sendo sincera. Não tinha mais ódio dele, só não sentia mais nada.

— Me deixa te mostrar que nós podemos acontecer...

— Não, nós não podemos. E por falar nisso, como você conseguiu meu número?

Ele pareceu pensar em não dizer, então me encarou em desafio, e eu soube que ia ficar muito puta com alguém.

— Seu pai.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu rangi meus dentes, mas não disse nada. Teria minha própria palavrinha com meu pai. Virei as costas, saí do local e agradei aos céus que ele não veio atrás de mim.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 13



*A vela está queimando
Está se consumindo
Eu só preciso de alguém
Para me mostrar o caminho a seguir
Qual caminho seguir
Looking for Love
Whitesnake*



Minha semana estava começado bem, pensei, satisfeito, enquanto examinava os projetos de infraestrutura de umas obras públicas que estávamos gerenciando. Agora que Max havia chegado e nós voltamos a dividir as demandas, eu não estava tão atolado em papéis como na semana anterior.

Eu gostava muito da parte externa do meu trabalho, de estar em uma obra, de ver e observar de perto, de supervisionar e executar construções. Nos últimos dois anos, no entanto, tínhamos crescido e estávamos nos expandindo, e eu passei cada vez mais a estar no escritório, que era algo que o Max já fazia muito mais do que eu.

Quando contratamos a Suzana, as coisas tinham melhorado um pouco, porque pudemos delegar a ela etapas do trabalho que

PERIGOSAS ACHERON

necessariamente não precisávamos fazer, então, ela acabou sendo uma mistura da parte prática e da parte administrativa.

Sim, a sensação que eu tinha naquele mesmo momento era que estava tudo indo muitíssimo bem. E eu não podia negar que a situação com Malu, o nosso recente entendimento, tinha sua parcela de contribuição naquela minha euforia incomum. Eu ligaria para ela amanhã, marcaríamos de nos ver novamente, tudo estava bem. Julia também tinha voltado anormalmente tranquila depois do fim de semana com Amanda, pelo menos não tão estressada quanto costumava estar.

Tinha acabado de fechar uma das pastas quando ouvi duas batidinhas discretas na porta do meu escritório. Imaginei ser Dora, minha secretária, e sem levantar a cabeça pedi que a pessoa entrasse. Mas era Suzana, com um sorriso simpático no rosto.

— Bom dia, Teo.

— Bom dia, Suzana. — Recostei-me para trás na cadeira, fazendo um gesto para que ela entrasse e se acomodasse na outra cadeira de couro em frente a da minha mesa. Eu aguardei, enquanto

a olhava. Suzana era uma bela mulher, uma engenheira competente e uma pessoa de fácil convivência. Desde que tinha chegado a empresa, tinha mostrado seu valor e seu empenho, o que não era fácil para uma mulher no mundo da engenharia civil.

Eu e Max percebemos seu talento e a contratamos. Como eu disse, ela exercia um importante papel na dinâmica da nossa empresa, além de, eventualmente, nos agradarmos mutuamente na cama. Até ali, esse acordo informal sempre tinha sido tranquilo, tanto que várias pessoas do nosso círculo sabiam desse meu tipo de "relacionamento" com ela. Alguns chegavam até a confundir o que tínhamos, mas, graças a Deus, até hoje ela própria não estava inclusa nesse grupo de pessoas.

Então, não era raro ela vir a minha sala para resolvermos questões do trabalho, ou mesmo marcamos alguma saída. No entanto, eu preferia que nada acontecesse no nosso ambiente de trabalho, eu não confiava nela a ponto de estar disposto a receber uma denúncia por assédio sexual. Suzana era um pouco mais nova do que eu, imaginava, tinha cabelos loiros curtos e lisos, olhos

castanhos e um corpo magro, com curvas nos lugares certos. Geralmente estava vestida com praticidade e elegância, o que combinava bem com a sua personalidade.

— Como andam as coisas nos projetos da prefeitura? — ela perguntou, relaxando na cadeira, cruzando as pernas.

— Ótimas, pude voltar a me dedicar a eles e acredito que até amanhã tenho os laudos técnicos de pelo menos dois dos projetos.

— Que bom, então eu já poderia adiantar os papéis para a equipe do viaduto. — ela sorriu, satisfeita. E ficamos em um momento de silêncio, eu aguardando que ela dissesse algo mais. Quando ela percebeu que eu a aguardava, clareou a garganta e cruzou as mãos sobre os joelhos. — Você tem estado meio sumido esses dias, Teo. Muito trabalho?

Ah, então era isso, eu concluí, tamborilando meu lápis na grande mesa de mogno. Suzana finalmente tinha percebido que no último mês, talvez, nós realmente não tínhamos *interagido* como de costume. Apenas profissionalmente, nada de sexo. Tinha sido um mês? Eu realmente não tinha notado que já havia se passado esse tempo

todo. Tinha estado ultimamente com outras mulheres, principalmente aleatórias, nas minhas saídas ocasionais com os caras.

Eu tinha que ser cuidadoso aqui, droga. Mesmo não tendo nada oficial com ela, eu não gostava da ideia de magoá-la de alguma forma. Há dois anos mantínhamos aquele lance, ficávamos com outras pessoas por fora, mas de modo geral estávamos de volta para um jantar e uma noite de sexo agradável uma vez ou outra. Mas talvez eu já estivesse perdendo o interesse.

— Sim, eu realmente tenho estado mais ocupado esses dias. Você sabe como as coisas estavam por aqui. — desconversei. Ela assentiu com a cabeça, não parecendo convencida, Mas sorriu, diplomática.

— Claro que sim. Se quiser espairar, relaxar um pouco, tenho ingressos para essa companhia de humor que você gosta... podíamos ir vê-la e depois jantar. O que você acha?

Putá merda. Ela não estava forçando nada, estava sendo natural, porque era assim que éramos. Quando eu não tinha nada, ela convidava, eu ia, ou o contrário, quando eu queria companhia na cama e uma boa conversa eu a chamava para sair. Era

assim que era, por mais que eu fodesse com uma ou outra por fora, Suzana estava sempre por ali.

Se tinha alguém desconfortável ali, era eu. Porque agora tinha a Malu, pelo menos por enquanto, e a minha própria decisão de exclusividade. Claro que eu tinha pensado nisso não porque estivesse ansioso para ser um ferrolho e foder apenas uma mulher, eu não era louco. Tinha mais sido motivado pela ideia desagradável de ter que compartilhar Malu com outro cara enquanto estivéssemos naquilo. Eu pigarreei.

— Claro, tudo bem. Vou ver como organizo minha agenda e te digo.

— Podia ser na sexta, se você quiser... — ela deu de ombros, mas percebi a ansiedade em sua expressão. E agora, caralho? Eu não sei se estava pronto para dar um basta no meu "ajuste" com Suzana, tão controlado, tão previsível, por algo que eu tinha começado a três, quatro dias com Malu. Por outro lado, não estava disposto a deixar Malu ir sem ver até aonde o meu desejo por ela iria, e não podia permitir, também, que aquilo com Suzana pusesse essa possibilidade em risco. Eu estava fodido.

— Eu tenho um compromisso na sexta,

Suze. Pode ficar para outro dia? — eu disse, sem entrar em maiores detalhes.

Suzana me olhou, meio desconfiada e surpresa, e eu podia entender. Não era comum eu me esquivar de uma saída tranquila com ela — leia-se noite de sexo, que era o que sempre acontecia. Mas ela era uma mulher inteligente e crescida, podia lidar com aquilo. Pelo menos eu achava que sim.

— Tudo bem, então. Me deixe saber quando você estiver disponível.

— Ok, pode deixar.

Ela levantou-se, e se aproximou da porta. Lá, parou, e virou-se para me lançar um último olhar, antes de puxar a alça de alumínio.

— Teo...

— Sim?

— Você lembra do que combinamos, não? Quando um dos dois estivesse em algo que poderia ser sério, ou que valesse a pena... você sabe, nós diríamos. Eu não quero estar na posição de ter que implorar por atenção...

Eu a encarei, então balancei a cabeça.

— Sim, eu lembro. Mas não há nada sério acontecendo, Suzana. — dei de ombros,

despreocupadamente. — Provavelmente na próxima semana eu já terei conseguido me organizar e nós podemos marcar algo.

Ela concordou com a cabeça, deu um pequeno sorriso e saiu. Eu suspirei, girando na cadeira. Não podia me lamentar por aquilo, eu mesmo tinha pedido para voltar a ficar com Malu, para "explorarmos" nossa atração vulcânica, então precisava fazer essas acomodações em relação às outras mulheres. Como eu estava prevendo, aquele lance com Malu não iria muito longe, então eu poderia retomar minha vida com os seus acordos e resoluções de costume.

Perto do meio dia, eu estava respondendo a alguns e-mails, quando o meu celular tocou na mesa. Peguei-o e vi que era uma chamada de Marcos.

— Diga lá, Marcola. — atendi, sorrindo, referindo-me a ele pelo seu apelido de infância, que eu Diego tínhamos colocado, quando ele estava sempre atrás de nós querendo atenção mas era muito pequeno para que nós o tolerássemos.

— Meus ovos. Você vai sair para almoçar, ou ainda está na correria de ter que comer por aí mesmo?

Eu espiei meu relógio, e movi a cadeira para trás.

— Por quê? Você está me convidando para almoçar?

— Sim, porra, vamos experimentar esse restaurante novo que o Ricardo sugeriu. Encontraremos ele lá, e aí?

— Beleza, chego lá em meia hora. Qual o endereço?

— Te mando por mensagem, mas não é longe daí.

Não era raro nós comermos em algum lugar que o fresco do Ricardo, louco por gastronomia como ele era, escolhia de vez em quando. Nas últimas duas semanas, não pude fazer isso com Max fora, mas eu tinha tempo hoje, com tudo bem adiantado. Bom que eu não tinha nenhuma reunião logo depois do almoço.

Levantei-me, guardei minha carteira, celular, peguei as chaves do carro e me encaminhei para a antessala do meu escritório. Dora, a senhora ágil e organizada que resolvia minhas coisas por aqui, estava ao computador, digitando ainda, e me cumprimentou ao me ver passar.

— Dora, eu vou almoçar fora, mas confirme

minha reunião com os engenheiros às 16h. — avisei, me encaminhando em direção ao escritório de Max. Quando eu bati na porta e o ouvi me permitir entrar, encontrei-o sentado atrás de sua mesa de vidro, e Marisa sentada à sua frente.

— Ei, cara e aí? — Max virou-se em sua cadeira, sorrindo.

— Ei, Max. Marisa, tudo bem? Linda como sempre. — cumprimentei a namorada de Max, quando ela levantou-se para me receber. Marisa era baixinha e curvilínea, com os longos cabelos negros quase sempre amarrados em um rabo de cavalo e o sorriso tímido no rosto redondo que tinha encantado meu amigo desde o primeiro minuto. Ela se envergonhava com facilidade, principalmente quando alguém a elogiava, eu adorava provocá-la com isso.

— Oi, Teo, como está?

— Tudo bem. Max, eu ia te convidar para almoçar comigo, Marcos e Ricardo, mas vejo que sua companhia do almoço é melhor que a nossa.

Ele sorriu, com aquela sua cara idiota de apaixonado, e quase reviro os olhos, mas me controlei.

— Sim, nós vamos sair também. Mas valeu,

deixa para a próxima. — ele disse, e eu duvidei, mas acenei para os dois e saí. Em poucos minutos, entrava no meu carro e me dirigia ao encontro de Ricardo e Marcos.



O local que o Ricardo escolheu, *Giraz's Restaurant*, não estava tão cheio como eu imaginei, e eu estacionei e me encaminhei para a entrada. Rapidamente localizei os caras em uma mesa mais ao fundo, em um amplo espaço que se abria para algo tipo um jardim bem agradável. Eu não sabia como aquele cara ainda encontrava tempo para estar sempre inteirado sobre novos restaurantes naquela cidade, com o ritmo de trabalho louco que ele tinha. Menos mal que quando eu precisava levar uma mulher para impressionar em um local legal, bastava ligar para ele e Ricardo tinha todas as dicas.

Ambos me avistaram e acenaram, e eu fui ao encontro deles.

— E então, é a primeira experiência ou você já tem uma nota do local? — eu quis saber, me dirigindo ao Ricardo, alguns minutos depois. Ele estava bebendo um vinho, e Marcos estava na água.

Quando o garçom veio pegar nossos pedidos, eu acompanhei Marcos. Ainda tinha uma reunião naquele dia, afinal.

— Não, vou saber agora. É novo, assim que eu gosto. Vamos ver. — ele sorriu e bateu um dedo sobre o *menu*, animado. — Estávamos te esperando para pedir. Como sempre, você demorou.

O garçom chegou e ele pediu para nós três o prato que queria experimentar. Eu não me importei, aquele puto geralmente tinha um bom gosto para comida. Ignorei-o, então me virei para Marcos.

— E então, achei que você estivesse ocupado com as mudanças na empresa.

Ele passou a mão no cabelo, soando cansado.

— E estou, mas se eu não sair um pouco, vou enlouquecer. Papai está foda! — reclamou, referindo-se ao grande Otávio Avellar de Barros, dono de uma imensa fortuna, que apesar da fama e das atitudes de *playboy* do filho mais novo, resolveu que ele seria o seu sucessor como um grande empresário, já que o mais velho, Diego, enveredou pelo caminho da justiça e não queria saber de comandar as empresas da família. E a filha caçula estava fora do país, estudando artes.

— Eu posso imaginar. — eu ri, dando-lhe um tapinha nos ombros, sorridente. Ricardo me encarou, desconfiado, então abriu aquele costumeiro sorriso debochado.

— Não sei não, tem alguém muito feliz por aqui, rindo à toa, não acha, Marcos? Carne nova no pedaço, eu aposto.

Eu ergui uma sobrancelha para ele, e me concentrei no meu *menu*. Marcos, então, veio para cima, alertado pelo comentário do idiota.

— Opa, isso mesmo, Ricardo, bem lembrado. Cara, e aquela deusa da boate? Comeu? — ele virou para mim. Os dois, agora, me observavam, atentos, e eu dei de ombros.

— Digamos que eu consegui o telefone que eu disse que conseguiria naquela noite. — eu disse, apenas, sem entrar em maiores detalhes. Ricardo se curvou para frente, sorrindo.

— Comeu, sim, conheço você, Teozinho. É tudo aquilo mesmo? — ele perguntou, baixo, fazendo uma expressão maliciosa. Eu lancei um olhar vazio em sua direção, e me recostei na cadeira.

— Vai te lascar Ricardo! Desde quando eu fico contando sobre as mulheres com as quais eu

saio? — rosnei.

Os dois me olharam, divertidos.

— Como é que é? — Marcos reagiu primeiro — Não fode, cara. Você pode não entrar em *detalhes*, mas nunca se importou em nos dizer se valia a pena ou não. Ou se ia comer de novo. — riu.

Ricardo cruzou os braços.

— E inclusive, vez ou outra, não se importava se um de nós pegássemos depois de você, não era? — sugeriu. Eu apertei a mandíbula com a insinuação, mas não ia deixá-los me desorientar, como fizeram com Diego na boate. Eu não estava falando com eles sobre Malu na cama, fodam-se os dois.

— Qual a de vocês, é falta de mulher?

— Não desconversa. Onde você a conheceu? Qual o nome dela mesmo? — Marcos tentou lembrar.

— Malu. — grunhi para ele, que riu.

— Maluzinha. Lembrei. Ela é professora de Ju, não foi isso que você disse? Cara, nem as professoras da sua filha estão a salvo com você! Para de ser um tarado desse jeito! — Ricardo zombou, provocativo.

— Falou o cara que fodeu até a irmã da namorada. — eu rebati, com um sorriso.

— Ei, golpe baixo. Ex-namorada já, na época. O que eu podia fazer? — deu de ombros, e nós três rimos.

— Mas não desconversa. — Marcos insistiu. — Ela é ou não é o que a embalagem mostra? Gostosa demais, hein?

Eu virei para encará-lo, de cenho franzido, e ele estava sorrindo com todos os dentes à mostra.

— Mas não é para o seu bico, imbecil.

— Nem para o seu! — Ricardo disse, rápido.

— O que você quer dizer com isso? — eu inquiri, sério, agora. Ele deu de ombros.

— Ora, Teo, vai me dizer que a Malu é o tipo de mulher que você costuma pegar?

Eu continuei sem achar a menor graça, cruzei meus braços sobre o peito, encarando-o.

— Desenvolva esse seu argumento aí, cara. Não estou entendendo.

Marcos apontou um dedo para mim.

— Ele tem razão, suas mulheres são geralmente umas *ladys* cheias de *finesse*, frescura, na verdade. Olha aí a Amanda e a Suzana, que não

PERIGOSAS NACIONAIS

nos deixam mentir. — ele disse. — Eu por exemplo, não lembro sequer de você já ter ficado com alguma mulher fora do seu círculo de damas da sociedade, e nunca te vi com uma mulher negra na vida, por exemplo. Eu já fiquei. Ricardo também, você sabe.

— Nunca ouvi tanta besteira na vida. — eu resmunguei, puto. — Claro que eu já transei com negras antes, seus imbecis. Eu não faço uma lista para vocês das mulheres que vão para minha cama.

— O quê? Ainda assim, vai dizer que a Malu é o seu habitual? — Ricardo provocou.

— Eu nunca disse que tinha um *habitual*, o que quer que você entenda com isso. — continuei resmungando para eles.

— Bom, eu não estou dizendo que ela não é gata, porque ela é. Só acho que talvez, ela combinaria mais comigo do que com você. — ele deu uma piscadinha. — Você não se importaria de dar-nos o seu número depois que você...

— Vai se foder, Ricardo. — eu cortei.

— Ei, calma, eu não disse agora, depois que você terminar com ela.

— Não tem essa porra de depois, entendeu?

Marcos me deu um tapinha nas costas.

PERIGOSAS ACHERON

— Calma, olha o coração, primo. Mas de todo modo, não é como se você fosse passar muito tempo com ela, mesmo, por mais linda que ela seja. Quando você dispensá-la, como costuma fazer com todas depois de uns dias, ela estará de bobeira por aí e podemos topa com ela, você sabe... — ele riu, malicioso.

Eu encarei aqueles dois filhos de uma puta, meus olhos soltando chispas.

— Esqueçam essa porra, eu já disse que não vai rolar isso de depois. Mesmo que eu não esteja mais com ela, vocês estarão *proibidos* de sequer chegar perto da Malu. — eu rosnei, e eles foram desfazendo os sorrisos. Foda-se. Eu precisava deixar isso claro, não queria me expor a eles, mas não havia essa possibilidade de eles acharem, mesmo que de brincadeira, que eles poderiam procurar Malu um dia, mesmo depois que nós não estivéssemos mais juntos. O simples pensamento me causava um mal-estar.

Ricardo voltou a se recostar na cadeira, e cruzou os braços, com uma expressão atenta. Ele era pior assim do que no modo provocador e malicioso. Assim, ele era perigoso para arrancar coisas que você não queria dizer, eu o conhecia

bem.

— *Opa*, temos um acordo de cavalheiros aqui que nunca esteve na pauta em todos esses anos que somos amigos, ou estou errado?

Marcos deu um assovio baixo.

— Não que eu me lembre. Aliás, o que eu me lembro, é de nós fodendo as mesmas mulheres sem problema algum. Algum dia rolou isso de "você não pode pegar quem eu já peguei"? Não lembro disso.

— Qual a porra do problema de vocês? Eu estou dizendo agora. E é sério. — acrescentei, aponte o dedo entre os dois.

— Não duvido que seja sério. — Ricardo sorriu levemente — Mas deixe-me entender aqui: você foi para cama com ela, não vai vê-la mais, e ainda assim, nada dos amigos jogarem suas próprias redes depois. Ok. Eu aceito isso, só não entendo.

— Eu entendo. — Marcos riu. — Ele não vai foder nem sair de cima. Não quer mais, mas não vai deixar ninguém pegar depois.

— Quem caralhos disse que eu não quero mais? Vocês são duas putas do caralho, que merda. Arranjem mulheres para vocês. — eu rugi,

entredentes.

— Como assim? Você foi à fonte e quer retornar?

Eu nem olhei para ele, lancei um olhar ao meu relógio e vi que já estava na hora de voltar, mesmo que a comida nem tivesse chegado ainda.

Ouvi a risada de Marcos ao meu lado.

— Você não está entendendo mesmo, Ricardo. Ele já *foi* novamente à fonte, e pelo jeito, está disposto a retornar ainda mais uma vez. Senhoras e senhores, fujam para as colinas.

Eu continuei sem dizer nada, e bebi mais um gole da minha água.

Ricardo franziu a testa.

— É sério, Teodoro? Repetir figurinha nunca foi o seu estilo.

— Eu quero saber de onde vocês tiram todas essas verdades que acham que sabem sobre mim. — murmurei, irônico.

— Está certo, então, qual é? Defina aí para gente. — Ricardo pediu. — Ela é intocável, mesmo que seja daqui a dez anos, beleza. Mesmo que você não queira mais, ou você ainda está com ela, contrariando todas as expectativas?

— Cara, deixa de ser um zé mané, eu não

sou você. Eu não tenho isso de não repetir se a foda foi boa...

— Então foi boa, você admite.

— ... e além do mais — eu grunhi, como se ele não tivesse me interrompido — eu não disse nada sobre não querer mais.

Marcos veio para frente na mesa, abismado.

— Você está me dizendo que está indo para um relacionamento sério com ela? É isso? O divorciado comedor?

Balancei a cabeça, mas não pude evitar sorrir daquele imbecil.

— Relacionamento, não, eu não iria tão longe. É apenas sexo. — ergui uma sobrancelha.

Eles se entreolharam.

— Você pode ter isso com qualquer uma. Na verdade, você tem com a Suzana. — Ricardo disse, falsamente solícito.

— Estou variando.

— Sei, então, é aquele típico acordo que você já tem com a Suzana: foder de vez em quando e cada um para o seu lado. Bom, eu aprecio isso. Se está bom, não tem porque não repetir. — Marcos encolheu seus ombros largos, e ergueu seu copo de água para mim em um brinde que eu ignorei. Ele

riu.

— Não é esse tipo de acordo. — o que estava havendo comigo para ficar abrindo a boca para aqueles amigos da onça desgraçados? Os encarei, sério. — Enquanto estiver bom para nós dois, vamos nos curtir. Apenas nós dois, é isso.

A expressão na cara de Ricardo, que estava diretamente à minha frente, era impagável.

— Você está falando de namoro? É isso que estou ouvindo?

— Estou falando de sexo, eu já disse.

— Sexo exclusivo? — dessa vez foi Marcos, murmurando, surpreendido. Eu devia saber, eles me conheciam bem demais, apesar do que eu digo, e se eu tinha ficado surpreso com a minha decisão de exclusividade, as expressões nos rostos daqueles dois me fizeram perceber o quanto aquilo não era meu habitual, como Ricardo disse.

— Sexo exclusivo. — soltei, e fiz um gesto de pouco caso, para os dois. — Quando a gente não quiser mais, cada um vai para o seu lado. Prático, simples e prazeroso. Descomplicado.

— E ainda assim, quando você não estiver mais com ela...

— Se você voltar a sugerir isso, eu vou

começar a achar que você não está me entendendo, Ricardo. — eu rosnei para ele, baixo. Ele riu e, como na boate, levantou as mãos para mim.

— Estou, sim, cara. Estou assustado com você, mas estou entendendo agora.

— Então, não é só o Diego que virou escravo de boceta, afinal. — Marcos disse e ambos riram. Me recusei a comentar aquela asneira.

— E por falar em Diego? Tem notícias dele? — eu quis saber, desviando o assunto de Malu e de mim. Já bastava daquilo.

Marcos deu um sorriso de canto de boca.

— Desde sexta, só falamos por telefone. Mas o que sei é que ele está ficando ensandecido com a cabelo de fogo. Nunca o vi assim.

Ricardo sorriu, bebericando seu vinho.

— Ele foi pego de jeito, posso garantir isso.

— O cara está assustador. Aquela mulher deu mesmo uma chave de boceta nele, se é que ele pelo menos já comeu. — Marcos debochou — Todo certinho do jeito que ele é, não deve ter coragem de "violar uma relação respeitosa de trabalho". — riu, imitando a voz do irmão.

— Não subestima o cara. — Ricardo apontou o dedo para ele, mas sorria como se

soubesse mais do que estava dizendo.

— De qualquer jeito, eu vou saber logo o que está acontecendo com ele. Vamos nos ver em um jantar familiar em casa amanhã. Belinha está chegando hoje de Nova York, eu já tinha dito a vocês? Vamos recepcioná-la.

— Que notícia boa, cara, que bom que ela está de volta. — Izabel, irmã adotiva caçula de Marcos e Diego, carinhosamente chamada por todos nós de Belinha desde criança, havia ido passar um tempo estudando e em um tipo de "viagem relaxante" que os muito ricos podiam fazer de vez em quando, nos Estados Unidos. E ia aproveitar para estudar artes, que ela gostava, assim como a mãe. Muito mais nova do que os caras e com um jeito quieto e angelical, era quase incompreensível que a família tivesse permitido que ela ficasse um ano fora, sozinha, em uma das maiores metrópoles do mundo.

— Pois é, terminou o seu ano sabático, ou algo assim. Agora pelo menos ela vai poder dividir comigo a pressão que o papai joga em cima de mim todos os dias. Diego parece ter escapado. — Marcos gemeu, depois riu.

Ricardo, estranhamente calado até então,

arqueou uma sobrancelha.

— Iza veio para ficar, ou só veio para as férias mesmo?

— Pelo que entendi, para ficar. Até ela resolver que quer ir para algum outro lugar, novamente. Parece que papai foi amaldiçoado com filhos que não querem nem saber do seu “império”.

— Talvez ela tenha voltado para entrar nos negócios da família, de alguma forma. — eu sugeri, mas não acreditava nisso. Izabel não tinha um único fio de cabelo que sugerisse que ela fosse administrar ou trabalhar nas várias empresas dos Avellar de Barros.

— Pode ser, vamos ver o que ela vai fazer. De qualquer modo, ela vai ser cobrada, pode apostar. Se não for para entrar nos negócios, vai ser para fazer um casamento que o papai ache vantajoso para os negócios. Só espero que ela não aceite isso. — Marcos disse, e dessa vez falava sério.

Ricardo colocou os cotovelos na mesa, se aproximando.

— A Iza casando? Você surtou, Marcos? Quantos anos ela tem? 18 anos, não? 19?

Marcos e eu o olhamos, incrédulos.

— Quem surtou foi você, parceiro. Izabel já tem praticamente 21 anos. — Marcos retrucou.

— Sério? Eu ainda acho que ela está por aí andando com aquele rabo de cavalo e o aparelho nos dentes. — Ricardo sorriu, meio condescendente. Marcos lançou lhe um olhar intrigado.

— Pode apostar que não. Ela estava até namorando um cara em Nova York, inclusive. Da mesma escola de Artes que ela frequentava lá.

Ricardo semicerrou os olhos escuros, e pareceu estar entre chocado e irritado.

— Mas que *porra*...? E você diz isso assim? Vocês não sabem nem quem é o cara que está ficando com a irmã de vocês? Que tipo de irmãos vocês são?

Assim que ele terminou de falar, pareceu se dar conta do que tinha dito e do quão estranho aquilo pareceu aos nossos ouvidos, que o encarávamos meio estupefatos.

— Ô, calma lá, parceiro. — Marcos reagiu, cenho franzido, mas sorria, na defensiva. — Você ouviu a parte que eu disse que ela tinha quase 21 anos? E que ela estava em Nova York? É meio difícil tomar conta da vida da nossa caçula ela

estando fora do Brasil. Sem falar que, cara, eu não gosto da ideia de algum cara pegando a minha irmãzinha, mas ela não é mais um bebê, é foda, mas é verdade. E... que merda você tem com isso?

— Nada, cara. Eu já disse, na minha cabeça, a Iza ainda é uma menina, só isso. — Ricardo murmurou, dando de ombros. Eu, silencioso, fitava Ricardo, que não disse mais nada, apenas girou sua bebida no copo e depois tomou um grande gole. Marcos podia não ter notado nada, mas eu conhecia Ricardo melhor, e ele tinha ficado irritado. Muito.

Para um cara sempre com uma piada e sorridente como ele era, aquela carranca não era normal. Teria algo a ver com Iza? Não. Impossível. Ricardo e ela quase não mantinham contato, até porque a diferença de idade entre os dois era absurda. Ricardo já era um homem feito quando Belinha ainda era pouco mais que uma adolescente, e sempre tinha agido como um irmão mais velho em relação a ela, assim como Diego, Marcos e eu. Qual era a dele, então?

— Ei, Ricardo, nosso almoço está vindo. Que tipo de vinho você, grande *chef*, sugere para acompanharmos esse peixe? — Marcos perguntou para Ricardo que continuou calado, meio

catatônico. — Ei idiota! Você está surdo?

Ele nos olhou como se estivesse longe em pensamentos, e depois pegou sua carta de vinhos, mas parecia não estar mais no mesmo ânimo do início do almoço. Bom, pelo menos aquilo tinha servido para tirar aquele sorriso idiota de provocador da sua cara. Depois eu poderia até sondar aquilo melhor.



Capítulo 14



*É assim que as coisas são
E talvez nunca irão mudar
Mas eu decidi mostrar a minha força
Fall in Line
Christina Aguilera*



Eu tinha acabado de dispensar a turma das dezoito horas quando meu celular tocou na mochila. Peguei-o ansiosa, e fui recompensada com o nome Teo na tela do aparelho. Sorri, tentando ignorar o meu coração acelerado, convencendo-me que era por causa da aula intensa de segundos antes. Ok, engane-se, querida. Atendi.

— Oi...

— Ei, moça. Tudo bem? — Teo disse, lentamente, aquela sua voz entre macia e quente penetrando por minha pele. Eu já disse que adorava a voz dele? Não? Pois é, só uma coisa a mais que aquele homem tinha de bom.

— Tudo bem sim, e você? — eu segurei o celular entre o ouvido e ombro, pondo minhas coisas na mochila, encaminhando-me para a saída da sala.

— Melhor agora. É impressão minha ou você está ofegante?

— Estou sim, acabo de sair da aula. — eu expliquei, ficando de fora da sala e me recostando na parede.

— Ofegante, e suada, imagino. — ele sussurrou, a voz baixando de maneira sexy. E eu senti uma palpitação, muito consciente da maneira como meu corpo reagia a ele, à sua voz, ao seu corpo quando estávamos juntos.

— Pode-se dizer que sim. Foi uma aula muito *intensa*. — provoquei, também sussurrando para ele. Estava um silêncio quase total onde ele estava, mas então eu ouvi um barulho como se ele estivesse se mexendo em uma cadeira.

— Porra, não diz isso assim... Você acaba de me deixar com uma ereção maior ainda, no meu escritório, antes do final do expediente. — ele informou, a voz ficando mais grave. — Sendo que eu já estava ficando duro só de te imaginar suada e ofegante. Isso é uma maldade.

Eu dei uma risada baixa, maliciosa.

— Então, tenho que avisá-lo que agora estou indo diretamente para o banho... para que você não me imagine mais suada. E ofegante.

— *Putá merda!* Você não está ajudando. — ele rosnou para mim, e eu podia sentir meus mamilos endurecendo junto com uma gostosa sensação de umidade entre minhas pernas. Eu estava ficando molhada só de insinuar coisas sexuais ao telefone e saber que ele estava duro do outro lado da linha? Aparentemente sim.

— Ah, desculpe, mas a intenção não era ajudar mesmo. — eu rebati, ousada. Como eu disse, eu não era exatamente tímida, mas algo me deixava mais maluca quando eu estava perto dele, e minhas inibições ficavam em um jogo de indo e voltando. Porém eu estava me tornando mais audaciosa quando sentia que Teo deixava claro que me desejava.

— Então você não se sente nem um pouco culpada por me deixar com o pau explodindo de duro, agora que eu *sei* que você vai pro banho? Você vai me pagar por essa maldade, Malu, esteja certa disso.

Eu não me controlei e ri, balançando a cabeça.

— Desculpa, novamente. — pedi, sem um pinga de remorso, me sentindo muito quente e muito úmida, também. Acho até que tinha

começado a suar mais.

Alguns alunos começaram a passar para a sala que eu desocupeí, eu os cumprimentei com a cabeça, me certificando que minha camiseta, mesmo com o top por baixo, não estava deixando meus “faróis visivelmente acesos”.

— Você também não está me ajudando aqui, estou no *meu* local de trabalho com os mamilos duros e, deixe-me ver, uma certa umidade que acho que não tem muito a ver com suor não, sabe? — eu disse, bem baixinho, e então ouvi que ele literalmente gemeu, e soltou um "caralho" com aquela voz grave. Afetada, eu também passei minha língua pelos lábios, depois os mordi, excitada demais.

— Eu estou a ponto de colocar meu pau para fora aqui, na minha mesa, e bater uma punheta em homenagem a isso. — Teo disse, muito rouco e ligeiramente ofegante. Um grupo maior de alunos passou por mim, conversando, alguns me cumprimentaram, e eu me ajeitei, não querendo que eles vissem minha cara de louca e excitada. Então comecei a andar pelo corredor em direção aos vestiários e banheiros da academia.

— Ok então. Eu vou parar. Não quero ser

culpada por essa ação imoral em seu ambiente de trabalho. — ironizei, sorridente.

— Certo, então. Você é uma menina malvada, mas eu vou saber lidar com isso. — ele rebateu, e percebi o sorriso em sua voz. — Além de ir tomar banho e proporcionar as melhores imagens das minhas próximas horas, o que você vai fazer agora? Alguma aula, ainda?

— Não, acabei por aqui hoje. O plano é passar no supermercado, e depois ir para casa.

— Então que tal alterar esses planos e jantar comigo? — ele perguntou, surpreendendo-me. Eu alcancei os vestiários e me sentei no banco, começando a tirar meus tênis.

— Jantar? Tudo bem, eu só teria que ir em casa antes, pode ser?

— Tudo bem. Que tal então eu passar aí, daqui há... meia hora, digamos, pegar você? Você faz as suas compras, e depois eu te levo em casa para se trocar e então saímos? Parece um bom plano para você?

Eu tirei minha camiseta, fazendo malabarismos com o telefone.

— Parece um ótimo plano para mim. Ah, e Teo, deixa eu te perguntar... Você está conectado no

WhatsApp agora?

— Estou, sim. Por quê?

— Por nada. Te espero então na porta da academia, em meia hora?

— Ok.

Quando a chamada se encerrou, eu procurei no meu aplicativo o seu contato. Nos últimos dias, tinha me martirizado olhando para a foto de perfil de Teo, meus dedos coçando para mandar uma mensagem, mas não tinha feito. Apenas observei sua foto, que era uma imagem dele, de óculos escuros e um boné preto, a barba mais cheia do que estava agora, um sorriso discreto nos lábios, como se aquela foto tivesse sido tirada quando ele corria.

E minha nossa, aquela imagem devia vir com aviso de perigo, era quente, era letal, e ele só mostrava o rosto. Agora, eu me sentia viva e audaz, além de excitada, e como estava milagrosamente sozinha naquele momento, vi que ele estava mesmo *on line*. Então tirei uma rápida selfie, mostrando um pouco do meu colo no meu top vermelho, deixando os meus mamilos duros que marcavam a malha bem destacados na foto. Antes que eu perdesse a coragem e a ousadia, toquei em enviar, e fiquei ali, parada, o coração rimbombando no peito,

pensando se não tinha sido ousadia *demais*. Afinal, ele não tinha mandado mensagem por ali para mim. E se ele, sei lá, não gostasse?

Meu Deus, para que eu fui fazer isso? Estava quase apagando a foto, quando vi a informação que ele estava digitando, e eu esperei, atenta, mordendo os lábios em apreensão. Logo depois, apareceu a mensagem dele *"Não me faça ignorar todos os sinais de trânsito e entrar aí, te encontrar, morder e lambe esses mamilos e depois te foder duro nesse banheiro, Malu"*.

Eu sorri, aliviada com a resposta, e as imagens conjuradas pela mensagem me fazendo ficar ainda mais excitada. Eu respondi para ele *"Só para você ver que não é o único afetado, aqui"*.

Demorou uns segundos, então ele respondeu *"Saindo agora"*. Eu então guardei o celular, comecei a tirar o restante das minhas roupas, guardei a mochila no meu armário e fui para o banheiro com um imenso sorriso no meu rosto.



Eu tinha tomado banho e trocado de roupa da academia suada por um short jeans curto,
PERIGOSAS ACHERON

sandália rasteirinha e uma camiseta de alças finas, branca. Aquele era geralmente, o meu estilo. Eu gostava de roupas confortáveis e sandálias baixas, ainda que vez ou outra usasse um salto, para sair, em apresentações, às vezes nas danças de salão. Porém ir até o supermercado de salto, minha amiga, não rolava.

Meus cabelos estavam molhados e eu os deixei soltos, e apenas passei um hidratante na pele e pus um pouco de perfume, bem discretamente. Como eu ainda tinha tempo, passei antes na lanchonete e pedi uma vitamina, avistando Tiago, meu colega, e Mateus, que era instrutor, um cara legal e sorridente que estava sempre fazendo piada e nos proporcionando boas gargalhadas nos momentos de distração fora das aulas.

— Olá, meninos, ainda têm aula hoje? — os saudei, sentando-me com eles. Stella tinha o dia de quarta de folga, e tinha aproveitado para ir na casa dos pais, já que sua irmã havia tido outro bebê, por isso ela havia levado o carro. Viria a calhar que eu teria uma carona para o supermercado e depois para casa, pensei.

— Ainda, Malu. E você? Já de saída, pelo visto. — Tiago respondeu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Graças a Deus, tive a última turma agora. — me virei e acenei para a menina loirinha que atendia. Fiz meu pedido e sorri para eles.

— Eu também estou de saída, só parei para bater um papo com Tiago. — Mateus explicou, retribuindo meu sorriso. Mateus era um rapaz alto e bem bonito, com um sorriso constante e um corpo magro, uns dois anos mais novo do que eu, eu achava. Assim que cheguei por aqui, ele tinha tentado algo, mas eu meio que o achei com cara de menino demais, com aquela *vibe* "garoto da porta ao lado" que me fizeram imediatamente colocá-lo na categoria de caras legais, amigos, assim como Tiago. Graças a Deus, porque depois eu soube que Bruna gostava dele.

Passamos uns bons cinco minutos conversando trivialidades, e terminei minha vitamina, então olhei para o relógio e vi que faltavam uns três minutos para a meia hora em que eu devia encontrar Teo. Ansiosa, me levantei e me despedi dos caras.

— Você está saindo, Malu? Vamos, eu te acompanho, terminei aqui também. — Mateus me disse, e eu acenei positivamente.

— Tudo bem, vamos lá.

PERIGOSAS ACHERON

Saímos em direção às portas da academia, falando sobre as novas turmas que iriam abrir, já que na parte de trás, a academia estava em expansão e os donos já tinham manifestado interesse em ampliar as salas.

Assim que alcancei a saída, com Mateus andando um pouco atrás de mim, ele me tocou no ombro, para que eu me virasse.

— Malu, eu estou de carro, você quer uma carona para casa? Eu posso... — ele estava dizendo, e antes que eu pudesse dizer que não precisava, que tinha carona, senti uma mão nas minhas costas, entre as minhas omoplatas, uma presença quente atrás de mim, e a voz de Teo em direção a Mateus.

— Obrigado cara, mas ela já tem carona para casa.

Eu me virei, surpreendida, porque não o tinha visto se aproximar, um sorriso no meu rosto. Teo não estava sorrindo, no entanto, nem me olhando. Ele fixava o olhar diretamente em Mateus, a expressão séria. O instrutor arqueou uma sobrancelha, talvez se perguntando quem era e de onde esse homem tinha saído, mas acenou em concordância com a cabeça.

— Tudo bem, então.

Eu olhei entre eles, então me lembrei dos meus modos.

— Ah, Teo, esse é o Mateus, um colega aqui da academia. Mateus, esse é o Teo. — eu disse, simplesmente, porque afinal, eu ia dizer que ela era o quê? Um colega de sexo? Teo finalmente abaixou o rosto e me fitou, ainda sem um sorriso, depois voltou a olhar para Mateus. Não estendeu a mão. Mateus sim, e sorriu para ele, simpático, e Teo a pegou, rápido, dando-lhe um aceno de queixo.

— É um prazer te conhecer, Teo. Então, boa noite para vocês. — ele disse, e se afastou em direção ao estacionamento da frente.

Eu me virei para Teo, sentindo o cheiro gostoso do seu perfume, leve e picante, mais uma vez notando como ele era alto em comparação a mim, que atingia o seu peito, no máximo.

Ele estava usando uma camisa preta de botões, com as mangas compridas enroladas até os antebraços e uma calça jeans também preta. Resumo da ópera: estava lindo e gostoso como de costume. Quando eu ia me acostumar com a visão daquele homem? Nunca, eu esperava.

— Ei, eu ainda ia te procurar. — eu disse,

PERIGOSAS NACIONAIS

ajustando minha mochila nas costas. Teo ainda ficou uns dois segundos em silêncio, olhos verdes intensos grudados em mim, então suspirou e pôs a mão atrás da minha nuca.

— Olá, moça, eu já estava aqui te esperando. — ele informou, baixo, e eu percebi uma certa tensão nele. Aproximei-me mais, seu calor me puxando, me atraindo, seu cheiro me consumindo.

— Que bom, eu também estava esperando por você.

— Certo. Seus colegas aqui são sempre tão solícitos assim? — ele perguntou, a voz macia, fazendo círculos na minha nuca. Eu apertei os olhos para ele.

— Nem sempre, mas o Mateus é um cara legal. — eu disse, dando de ombros.

— Sim, deve ser por isso que ele estava andando atrás de você, quase tropeçando nas próprias pernas. — ele resmungou, e fez aquela cara, com os olhos fechados e as sobrancelhas juntas, que me dava uma moleza nas pernas de tão quente que era. Eu sorri, balançando minha cabeça para ele.

— Não implica, ele só quis ser gentil.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu imagino que sim. Vamos, então?

— Vamos.

Caminhamos para o seu carro, parado em uma vaga quase imediatamente na frente das portas de vidro. Teo abriu a porta para mim, eu entrei e me acomodei. Ele sentou-se ao volante, então virou-se para me encarar.

— Só para te avisar, eu vim de lá até aqui com o meu pau pulsando nas calças, por causa daquela foto, e do telefonema também. Você vai pagar pela maldade, Malu. — ele prometeu, pondo o cinto, lentamente. Eu destravei o meu e me aproximei dele.

— Posso conferir? — eu disse, olhando para baixo no volume na frente da sua calça, muito visível e apetitoso. Vi suas narinas fremirem quando o ar passou por elas, quando ele inspirou profundamente, antes de dizer naquela voz deliciosa e rascante:

— Vem cá. — ele disse, e me puxou pelo braço. Logo minha boca estava sendo deliciosamente tomada pela sua em um beijo abrasador. Senti a língua experiente de Teo enfiar-se na minha boca, buscando a minha, chupando-a forte, e suas mãos buscarem meu pescoço, me

prendendo pela nuca, como ele gostava de fazer. Eu sentia meu estômago pular quando ele fazia aquilo.

O beijo esquentou tanto que, quando eu gemi audivelmente, ele mordeu meu lábio. Teo grunhiu e me levantou, pondo-me sentada em seu colo, as pernas abertas dos lados da sua cintura estreita. Senti o volume do seu pau duro diretamente no meio das minhas pernas abertas e o meu short jeans minúsculo fazia muito pouco para esconder o volume me pressionando, me deixando louca. Eu sentei mais firmemente, amassando seu pau, e ele grunhiu de novo na minha boca; sem deixar de me beijar.

Teo segurou os dois lados do meu rosto com suas mãos enormes, dando uma mordida de leve no lóbulo da minha orelha, e depois uma lambida no meu pescoço. Eu sibilei, doida de tesão, me esfregando nele.

— Esse shortinho, também não está ajudando nada... — ele sussurrou, levantando de leve e quadril e se pressionando contra mim. Nós gememos, perdidos na luxúria quente e cálida de nossos corpos. Eu não consegui dizer nada, perdida no beijo tórrido, olhos fechados e, então, senti as mãos de Teo irem para meus quadris e apertarem a

minha carne, puxando as beiradas do short.

— Caralho, eu quero *comer* você aqui mesmo. — ele abriu os olhos e me fitou, interrompendo o beijo, então abaixou as alças da minha blusa, as duas de uma vez, levando o sutiã tomara que caia junto, expondo meus seios pesados e cheios ao frio do ar condicionado do carro, os bicos já duros. — Deliciosa, *puta que pariu...*

Ele abaixou a cabeça e usou os dentes para puxar um bico, uma dorzinha leve e gostosa, depois pegou o meu seio e envolveu a língua em torno do mamilo, passando a lambê-lo em círculos e a sugar com força. Eu vi estrelas, gemendo feito louca. Nunca um cara tinha explorado com tanta perfeição assim aquela minha sensibilidade grande nos seios. E com Teo ali, nos meus seios, eu estava à beira de me desmanchar, ficando muito molhada, eu tinha certeza.

— Por favor... — eu murmurei, passando a intensificar os meus movimentos em cima do seu pau.

— Meu Deus, não me faça te foder aqui Malu, por favor. — ele chiou, pondo a cabeça entre meus seios e fechando os olhos, respirando pesadamente. Eu agarrei seus cabelos lisos e

macios, levantei o seu rosto e beijei seu queixo, sua barba macia. Ele voltou a me beijar, e suas mãos foram para dentro dos meus shorts, entrando por minha calcinha, e logo, seu dedo alcançou minha boceta totalmente molhada, escorregadia, e ele me penetrou.

— Melada demais, como eu gosto. — sussurrou na minha boca, e logo juntou outro dedo ao primeiro. Eu gemi, ensandecida, e Teo passou a usar o polegar para fazer movimentos circulares no meu clitóris inchado, os dois dedos se movendo dentro de mim. E para me deixar mais delirante ainda, puxou um mamilo na boca, chupando forte.

— Ah, Teo... Oh, meu Deus... *ahhhhh*.

Eu estava à beira do orgasmo, minha boceta pulsando em seus dedos, e eu passei a movimentar e contrair meus músculos vaginais, algo que eu fazia muito raramente com um companheiro de cama, que era usar minhas técnicas de *pompoarismo*, mas tinha feito isso com Teo desde a primeira vez. Ele sentiu e intensificou os movimentos em mim, entrando e saindo, seus dedos me fodendo e o outro pressionando e circulando meu clitóris inchado, sua boca puxando meu mamilo. Então ele envolveu meus cabelos em

sua mão e puxou meu pescoço para trás, passando para o outro seio.

— Vai gozar nos meus dedos? Vai apertar meus dedos com essa sua boceta quente e apertada para caralho? — ele dizia, entre as chupadas. — Diz para mim que vai, eu quero sentir.

— Vou... — eu engasguei — Ah, vou gozar...

Ele deu uma mordida no meu mamilo, e eu não aguentei. Gozei, estremecendo nos seus dedos, “engolindo-os”, e Teo me segurou e me beijou, abafando meus gritos e gemidos com a sua boca.

Quando os espasmos pararam e meu gozo findou, eu caí mole sobre o seu peito, meu rosto em seu pescoço quente. Senti seu cheiro e suspirei, inebriada. Teo passou as mãos no meu cabelo, me acalmando, enquanto tirava a mão de mim. Abri os olhos a tempo de vê-lo cheirar e depois lambe os próprios dedos molhados da minha umidade do meu gozo, sem desviar os olhos dos meus, lentamente, secando um por um. Meu Deus, este homem vai me matar. Com a respiração pesada e o corpo feito mingau, eu sorri para ele, minha testa encostada na sua.

— Nossa ... — eu disse, apenas. O que mais

eu poderia dizer?

— Isso que você faz é arte do pompoarismo, não é? — ele inquiriu, eu só acenei com a cabeça. — Me deixa desvairado, por pouco eu não gozei aqui na minha calça. Puta merda...sentir sua boceta se contraindo e apertando desse jeito, caralho. No meu pau, então, é enlouquecedor.

— Eu não sou nenhuma especialista, na verdade, estou aprendendo, praticando com você. Posso usá-lo como cobaia para praticar e melhorar minha performance? — eu sussurrei em seu ouvido, e senti ele se contrair embaixo de mim, impossivelmente duro.

— Sempre. Por favor. Todas as malditas vezes. — ele gemeu.

Eu o beijei de leve nos lábios, sentindo meu gosto nele. Teo me olhava, em silêncio e eu fiquei subitamente consciente que ele tinha me feito gozar, em seu colo, com os dedos, e agora estávamos agarrados nos olhando, incapazes de nos separar. Eu engoli em seco, e fechei os olhos. *Eu* estava me sentindo incapaz de sair do seu colo, para ser sincera.

Teo me beijou no pescoço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos, ou eu vou perder o meu controle que está por um fio e toda essa academia vai ver esse carro balançando enquanto eu fodo você nesse banco.

Eu levei um susto, só agora me dando conta de onde estávamos. Minha nossa, eu estava na frente da academia onde eu trabalho, gozando no colo de uma cara com os seus dedos profundamente enfiados em mim. Quem era essa louca e onde tinha posto o meu corpo e a minha mente original? Misericórdia. Olhei rápido para as janelas, alarmadas.

— Os vidros são fumês, ninguém viu a gente. Agora eu não garanto que não tenham nos ouvido.

Eu praticamente pulei do colo dele de volta para o banco do carona, ajeitando minhas roupas, fechando meus shorts.

— Que loucura. — eu murmurei, uma risada nervosa. Ouvi a risada de Teo, e o encarei.

— Você me fez esquecer onde eu estava. — eu reclamei, com fingida seriedade. Ele ergueu uma sobrancelha loira para mim.

— Ótimo, estamos quites, pois você me fez sair da empresa às 18 horas com o pau duro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Podemos ir?

Eu sorri, e confirmei com a cabeça.

— Onde você pretende ir? — ele perguntou, pondo o carro em movimento.

— Tem um supermercado a três quadras daqui; eu costumo ir lá.

— Acho que eu sei onde é.

Nós ficamos em um silêncio confortável, e ele ligou o som do carro, em uma música gostosa, calma, em que uma cantora da MPB, de voz melodiosa, cantava "*Com açúcar, com afeto*". Eu já tinha ouvido a música, claro, na voz de Chico, mas não tinha certeza se eu sabia quem estava cantando ali.

— Que linda. Quem está cantando? — eu perguntei, por fim.

— Nara Leão. — ele disse, quando outra música dela começava. — Talvez seja a voz mais linda da música brasileira.

— Sua cantora preferida, então?

— Sim, mas eu também aprecio a Etta James. A paixão por ela vem dos meus pais, eu meio que continuei a admiração familiar.

— É o que você gosta, MPB? E o que mais? — eu sondei.

PERIGOSAS ACHERON

— Além de rock progressivo, música clássica, jazz, enfim, você não vai encontrar uma lógica muito grande no meu gosto musical. Ele depende do meu dia.

— Hum, ecletismo em pessoa. Mas acho que somos todos, não?

— E você, além do rapper “alguma coisa” que eu não lembro o nome, do seu celular, do que você gosta?

Eu sorri da sua implicância.

— É, Drake. E sim, eu também não tenho um estilo muito definido. Mas digamos que eu estou quase sempre indo para músicas mais dançantes, mesmo que seja só para ouvir. Ossos do ofício, eu acho. Então, eu vou de Drake, Rihanna, Beyoncé, a samba de raiz, etc... Uma bagunça boa.

Teo confirmou com a cabeça e me lançou um olhar relaxado.



Nós chegamos ao supermercado. Eu tinha umas compras da semana para fazer, então, rapidamente me encaminhei para os carrinhos, Teo em meu encalço. Pensei que ele fosse ficar no carro me esperando ou algo assim, e fiquei contente que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele resolveu me acompanhar.

Fui ao setor de hortifrútis, já que estávamos sem frutas e legumes em casa, que era boa parte da base da nossa alimentação. De forma rápida, eu ia colocando algumas coisas no carrinho, Teo alguns passos atrás de mim, calado, me observando em silêncio.

No setor de biscoitos, eu abaixei para ver uns que nós gostávamos, e logo em seguida, senti a mão de Teo aportar no meu quadril. Levantei, fitei-o, e ele estava olhando com uma cara fechada para um cara logo ao nosso lado, que também estava acompanhado de uma mulher grávida. Teo estava, vez por outra, fazendo aquela carranca para alguém. Às vezes para mim. E se eu fosse tentar descobrir o motivo por cada vez que ela aparecia, ficaria maluca; e eu desconfiava que ele fazia muito isso. Ignorei-o deliberadamente.

Quando íamos para o caixa, eu me virei para ele.

— Estou preocupada, acho que nós demoramos mais do que o esperado, no carro, agora aqui... e esse jantar?

Ele me fitou com o cenho franzido, então sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mudanças de planos, que tal?

— Como assim?

— Vamos para sua casa, eu faço um jantar para nós dois. Melhor do que tentar encontrar agora, sem reserva, um bom restaurante. Eu sugeri um jantar, mas foi por impulso. Só queria te ver, mas já que estamos aqui, posso muito bem fazer o jantar para nós dois. O que você acha?

Eu o fitei, boquiaberta.

— Você vai fazer o jantar? Você sabe cozinhar? — repeti, como uma boba. Ele me puxou de encontro ao peito, sorrindo.

— Estou ofendido com sua incredulidade, mas sim, eu cozinho. Não sou nenhum *chef*, mas sei me virar bem. — ele deu de ombros. Eu acenei com a cabeça, não acreditando também naquela modéstia.

— Nossa, *super sim*. De jeito nenhum que eu ia recusar um oferecimento tão maravilhoso, tendo em vista que eu cozinho o básico do básico, só para não morrer de fome, e Stella consegue ser pior ainda. Mudanças de planos, então, aqui vamos nós!

— Por falar nisso, ela está no apartamento?

— Não, Stella foi passar o dia na casa dos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pais em Botafogo, a sua sobrinha nasceu. Volta amanhã, apenas. — eu disse, sugestivamente. Ele deu um sorriso lento, e me pressionou nos braços mais ainda mais.

— Perfeito. Então aguarde que eu vou pegar algumas coisas que eu vou precisar para o jantar e já volto.

— Isso não dá? Tem frangos, carne, legumes...

— Não, preciso de outras coisas, mas fica tranquila, volto já.

Ele saiu, rápido, e eu me afastei da fila, disposta a esperá-lo. Como eu estava me sentindo com aquela noite que estava saindo totalmente dos rumos? Não sei. Não queria nem analisar aquilo agora. A única coisa que eu sabia, era que estava me sentindo *bem*, até relaxada com ele.

O arranjo de jantarmos em casa tinha saído melhor do que eu esperava, e apesar do eu contentamento com a situação, eu me recusava a ver aquilo como mais do que parecia realmente. Novamente me surpreendendo, o que parece que era o seu objetivo nessa noite, Teo voltou em menos de dez minutos com uma cesta contendo alguns produtos.

PERIGOSAS ACHERON

Quando ele chegou perto, eu identifiquei vinho branco, arroz, queijos. E aquilo ali era camarão? Minha nossa, parecia que o homem cozinhava mesmo. Era até assustador, porque com aquela aparência, aquela voz, sendo um deus do sexo, e ainda cozinhava? Eu corria um sério risco de gostar *tipo muito*, desse acordo com esse homem. Desse homem, ponto, meu cérebro sacana me lembrou. Mas eu decidi ignorar esse perigo mais real e imediato ainda.

— Esqueci de perguntar. Você come camarão?

— Não tanto quanto eu gostaria, pode apostar.

— Perfeito.

De volta à fila, eu virei, ainda com um sorriso no rosto, quando notei duas mulheres à nossa frente, conversando em voz baixa, mas uma delas me deu um olhar, desviando depois os olhos rapidamente. Cochichou novamente com a outra, elas sorriram desdenhosas, mas não voltaram a me encarar. Ah, não acredito, poupem-me.

Eram ambas brancas, magras, altas e estavam bem vestidas. Eu revirei meus olhos e as ignorei. Minutos depois, elas estavam passando

suas compras no caixa, e logo seria a nossa vez, quando Teo pegou a minha cesta junto com a sua e fez menção de tirar a carteira do bolso de trás da calça. Eu o toquei no braço, de leve.

— Nem pensar, eu pago as minhas compras, Teo. — disse, baixinho, para não chamar atenção, mas em um tom firme.

— Não é um problema, Malu. Eu já vou pagar essas, não custa nada, na verdade. — ele argumentou, franzindo a testa.

— Não, por favor, eu agradeço. Mas pago as minhas próprias compras, obrigada. — eu resisti, pondo a mão no seu peito, com carinho, para contê-lo. Ele fez uma cara fechada, que eu ignorei, e bem nesse momento, eu ouvi um sussurro um pouco mais alto vindo de uma das mulheres à nossa frente, as mesmas que eu desconfiava que estavam falando de mim, momentos antes. Era algo como "com certeza, amante", e "vagabunda", mas eu não tinha certeza, foi muito rápido e eu não podia jurar que tinha sido isso.

Meus instintos em alerta, eu virei-me para frente novamente, devagar, e as encontrei me olhando, para logo depois as duas desviarem os olhos de modo apressado, quase amedrontadas, e

passaram a ficar aparentemente concentradas nas suas respectivas compras. Elas estavam falando de mim? Aquelas idiotas estavam falando de mim? Me chamando de vagabunda e dizendo que eu era o quê? Amante de Teo?

Cerrando meus dentes, eu fui um pouco mais para frente, disposta a tentar ouvir algo que confirmasse minhas suspeitas, mas felizmente, ou infelizmente, ambas continuaram concentradas, sem dar um pio. Eu não sabia se era comigo, e esperava que não fosse, sinceramente. Continuei imóvel, mas estava tensa, tanto que não vi que tomando meu silêncio por aceitação, Teo, sem se dar conta do meu pequeno drama, colocou as nossas coisas juntas na esteira, de modo que eu não estava mais distinguindo o que eu tinha colocado e o que era dele. E a caixa, uma senhora com um sorriso simpático, ia passando de maneira rápida. Eu suspirei.

— Teo, você fez isso? Eu disse que não precisava. — reclamei, com mais irritação do que pretendia. Tinha ficado chateada com a desconfiança que aquelas duas escrotas estavam descaradamente falando de mim, tomando-me por amante dele, e agora ele pagava minhas compras

sem me consultar?

— Ei, calma aí. Você não vai fazer uma cena por algo tão bobo, não é? — ele disse, baixo, no meu ouvido.

— Não precisava, e você só fez sem me consultar.

Claro que com aquela voz, a caixa escutou o que ele disse e sorriu para Teo, embevecida. E quem podia culpá-la?

— Querida, deixe o rapaz ser um cavalheiro, eles estão tão raros hoje em dia. — ela disse para mim. Eu olhei para ele de olhos semicerrados, mal sabia ele que eu estive muito perto de mostrar a ele que eu não gostava, mas sabia fazer uma cena quando precisava, bem ali, com aquelas duas. Eu retribuí, ajustando minhas mochilas nas costas, e acenei com a cabeça para ele. Sim, ele estava sendo legal, mas eu precisava deixá-lo entender que ele não estava comprando nada para mim, enquanto nosso lance, seja lá o que fosse, durasse.

— Ok, mas isso não vai se repetir. — murmurei, tentando fechar a cara para ele, que sorriu, condescendente, e tirou o cartão da carteira, passando-o à senhora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nessa hora, eu olhei para as duas que iam saindo, desconfiada ainda, e elas definitivamente me olharam com desprezo, expressões de nojo nos rostos. E o pior era que eu não estava surpresa com aquilo. Zangada, frustrada, sim, mas aquilo acontecia de vez em quando. Pessoas da laia daquelas duas me olhavam como se eu estivesse maculando locais como aqueles, como se aquele não fosse o meu lugar. E agora, como me viam com um homem branco, aquelas babacas estavam deduzindo que eu era uma vagabunda? Respirei fundo e não olhei mais para elas. Que se fodessem, com suas especulações e sussurros asquerosos, nem era mulheres o suficiente para me dizerem em alto e bom som.

Teo já estava com as sacolas nas mãos, alheio ao que se passava comigo, quando nós nos dirigimos à saída. Ainda bem que não vi as duas babacas em lugar nenhum perto de nós. Menos mal, eu estava indo para casa, com um homem lindo, que ia cozinhar algo com camarão, e se eu pudesse escolher iria me dar pelo menos mais um ou dois orgasmos maravilhosos. E não seriam aquelas imbecis que estragariam a minha noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15



*Oh, quando você sorri para mim,
você sabe exatamente o que faz
Querida, não finja que você não
sabe que é verdade
Porque você vê quando eu olho para você
Everything
Michael Bublé*

Teo

Malu não me conhecia muito bem, ainda, então não poderia saber que pouquíssimas coisas passavam por mim sem que eu percebesse. Se eu não tivesse visto a atitude ordinária daquelas duas no caixa em direção a ela eu com certeza perceberia pela tensão repentina em seu corpo próximo ao meu. Eu realmente não ouvi nada vindo delas, mas quando levantei a cabeça, percebi os olhares em nossa direção e o modo como Malu ficou, inquieta, tentando entender o que elas diziam.

Uma das duas, um pouco antes enquanto estávamos nos corredores e Malu estava distraída com as compras, havia me encarando de modo enfático, nitidamente me secando, e depois sorriu, deixando-me notar seu evidente interesse. Então percebeu que eu estava acompanhado e fez uma expressão de animosidade em direção a Malu. Claro, quando chegamos ao caixa, eu notei as duas, e quando confirmei que elas estavam com aqueles olhares de desdém em direção a Malu, a puxei para o meu peito, e olhei para elas com um olhar gelado. Logo as duas começaram a desviar a vista e prestar atenção no que estavam fazendo. Era só o que

PERIGOSAS ACHERON

faltava, pensei, depois de colocar as compras no banco de trás do carro e assumir o volante.

Aquela noite estava novamente saindo da rota, e eu precisava parar com aquilo se quisesse manter o nível das coisas simples, descomplicadas. Eu estava louco para ter sexo com Malu, e agora, de repente, eu estava saindo do supermercado às 19h com ingredientes para fazer um jantar na sua casa. Em que momento apenas ter sexo se transformou naquele programa doméstico? E o pior que foi tudo ideia minha.

Acho que quando comecei a falar com ela ao telefone e iniciamos aquele papo insinuante que tinha me deixado em ponto de bala, meu cérebro foi virando mingau e eu só queria estar dentro dela. Com ela. Quando recebi a foto daqueles seios magníficos com os biquinhos duros, já estava guardando minhas coisas e saindo em disparada para encontrar com Malu. Era uma necessidade quase dolorosa, que me deixava aturdido com o quanto eu a queria. E eu não lembrava de ter estado tão sexualmente atraído por uma mulher assim em um longo tempo...

Então, quando eu a vi vindo em minha direção pelas portas de vidro, apreciei a aparência

apetitosa, linda com um shortinho curto, muito curto, notei, e uma blusa branca de alcinhas que destacava de maneira evidente seus seios cheios e redondos e a cintura fina, os quadris largos. Ela sorria, e eu sorri, encantado com a visão, até perceber que havia um cara alto e magro atrás dela, que ria também. Mas que estava nitidamente de olho na bunda de Malu, tanto que quando ela abriu a porta, ele quase tropeçou.

Eu cerrei minha mandíbula e fui ao encontro deles, pegando o momento em que o cara oferecia uma carona. Fiquei pensando em como Malu não devia ser assediada naquele local, com as roupas que ela usava para trabalhar e com a forma como se movia. *Putá que pariu*, cara, e quando ela dançava? Eu não tinha parado para realmente pensar nisso, e não gostei das imagens que estavam pensando pela minha mente.

Controlei-me e engoli a vontade de rosnar feito um animal para o imbecil que achava que me enganava com aquele sorrisinho amigável para ela, e o cumprimentei. Só se eu não fosse um homem para achar que era apenas gentileza que movia um cara a oferecer uma carona a uma mulher linda como ela em uma academia. *Me engana que*

eu gosto, parceiro.

Junte o estado de excitação que eu já estava e alie isso ao fato de pensar em outro homem tendo-a, imagina o que causava em mim. Eu estive prestes a ter sexo com ela dentro do meu carro, feito um adolescente com tesão. Senti-la gozar, fazê-la perder o controle era muito bom, e eu sentia-me selvagem, instável, quando tocava o corpo de Malu. Talvez, percebi, duraria mais do que uma ou duas semanas para meu corpo achar que já tivera o bastante dela, decidi, voltando atrás na minha conjectura de antes.

Agora, vendo-a ali calada ao meu lado no carro, pensei se a cena das mulheres no supermercado tinha-a afetado mais do que eu achava. Eu não havia dito nada que tinha percebido e botado as duas para correr com o meu olhar, e nem ela havia dito nada, também, então deixei para lá.

— Está tudo bem com você? — perguntei, pondo outra vez o som do carro para tocar.

Ela virou, sorrindo de leve.

— Sim, tudo bem, eu só me distraí.

— Preocupada com alguma coisa?

— Não, tudo tranquilo. Ansiosa para provar

uma certa comida, apenas. — ela desconversou, me dando uma piscadela, e eu deixei passar. Era óbvio que ela não queria falar sobre isso, e não seria eu a incitá-la.

Não demorou muito e estávamos chegando ao seu prédio. Tiramos as coisas do carro e subimos, e eu lembrei imediatamente da última vez que estive aqui, quão bom tinha sido. Assim que entramos, eu a segui para o balcão da cozinha, depositando as coisas por lá. Malu foi ao quarto, voltando descalça e com um coque no cabelo, enquanto eu já tirava as compras e começava a me movimentar.

— Pronto, vamos lá, eu serei a sua ajudante. — ela disse, e eu percebi que, pelo menos aparentemente, Malu tinha deixado o episódio do supermercado para trás. Ótimo.

— Não mesmo, moça. Apenas me dê as diretrizes aqui, diga onde eu encontro o que preciso, e abra esse vinho para nós. Quero te ver sentada bem ali enquanto eu trabalho. — eu disse, indicando com o queixo as banquetas próximas ao balcão.

Malu me olhou entre surpresa e divertida.

— Sério? Não está mais aqui quem ofereceu

ajuda. E, *ah*, você é mandão demais. — ela reclamou, revirando os olhos.

— Você não tem ideia do quanto, querida. Não gosta quando eu fico mandão? — provoquei, arregaçando as minhas mangas e começando a preparar o camarão para o risoto que eu iria fazer. Era simples, rápido, saboroso, e ia super bem com o *Chardonnay* que eu havia encontrado do supermercado. Não era exatamente o que eu queria, mas teria que servir, assim em cima da hora.

Malu me lançou um olhar provocador.

— Depende do local...

— Ei, eu estou cozinhando, nada de me fazer perder a concentração. — fingi repreendê-la. Ela levantou as palmas das mãos, dando de ombros.

Eu estava me sentindo bem, com ela ali, me olhando com olhos pesados, sem nenhuma maquiagem, aquela roupa simples deixando-a mais linda do que muitas mulheres que eu já tinha visto com vestidos de grifes e intensamente maquiadas.

Nós sorrimos um para o outro, e ela me mostrou onde encontrar tudo. Logo em seguida, ela pegou um dos vinhos que eu trouxe, dispôs em duas taças e nos serviu, indo sentar-se na banquetta, como eu havia dito. Ergui os olhos e a fitei com ar

irônico. Ela revirou os olhos e bebericou seu vinho, lentamente.

Como era um prato rápido, que eu já tinha feito dezenas de vezes antes, em pouco tempo eu terminava os processos, e dessa vez permiti que Malu me auxiliasse na hora de pôr a mesa. Eu estava bebendo um gole da minha própria taça quando meu celular tocou no bolso da calça. Alcancei-o e peguei a chamada de Julia. Malu me olhou, curiosa, mas logo abaixou a cabeça novamente e ajeitou alguns copos na mesa.

— Ei, filhota. Diga lá.

— Oi, pai, tudo legal? Só achei que você iria direto para casa, mas vai demorar um pouco? D. Amélia me disse que o senhor ainda não tinha chegado.

Eu olhei para Malu, e nossos olhos se encontraram.

— Acho que sim, filha. Vou demorar um pouco.

— Tudo bem, então. Eu saí da escola e vim aqui no cinema com um pessoal, mas não demoramos. Estarei em casa rapidinho.

— Certo. E quem é "um pessoal"?

— Ah, pai... a Paty, a Mônica e outros

PERIGOSAS NACIONAIS

colegas que você não conhece. Estamos em um grupo grande, não se preocupe. A mãe da Mônica vem buscá-la e vou de carona com ela, *tá*? Não precisa se preocupar.

— Ok, Julia. Você me diz isso agora que já está aí... — resmunguei.

— Pai, não pira. É só um cinema.

— *Tá* ok, mocinha. — eu sorri, a contragosto. — Ligue-me assim que estiver saindo daí. Talvez eu chegue em casa antes.

— Hum. E onde você está?

— Vou jantar agora... com uma amiga. — acrescentei, sem entrar em detalhes com Julia, observando Malu. Ela não levantou a cabeça, foi ao armário e pegou dois pratos, trazendo-os para mesa.

— *Seeei...* a Suzana é? — ela fez um muxoxo. Não sei por qual motivo, mas Julia simplesmente não simpatizava muito com Suzana. Eu só deixava aquilo para lá, não era importante.

— Julia...

— Certo, esquece que eu perguntei. Beleza, pai, te ligo quando estiver chegando.

— Eu pensei ter dito saindo

— *Afffff*. Beijos, pai, te amo.

— Te amo, princesa.

PERIGOSAS ACHERON

Quando eu guardei o celular, sorrindo, e levantei a cabeça, Malu me encarava com um singelo sorriso no rosto. Eu a fitei, semicerrando os olhos, e ela desviou os olhos para mesa, o momento passando.

— Era a Julia. — eu disse, apenas, querendo me desfazer daquele momento estranho entre nós. Ela só assentiu, e fez um gesto para que nós nos acomodássemos.

— Estou com água na boca... cheira muito bem, viu? — Malu disse, fechando os olhos e aspirando o aroma com um suspiro.

— Vamos ver então, se eu consigo agradar seu paladar?

Ela me olhou e mordeu o lábio.

— Pelo que me lembro, meu paladar apreciou muito o seu *gosto*. — ela disse, e depois riu.

— Ok, depois não reclame se eu adiar o jantar e te levar para me *provar* de novo. Depois que eu tiver meu gosto de você novamente, é claro.

— Eu não reclamaria.

— É?

— Vamos ao jantar, Teo, esqueça meu atrevimento. Estou faminta. — ela sorriu, enquanto

eu terminava de nos servir. Assim que provou a primeira colher do risoto, Malu gemeu, apreciativa, e eu gostei muito do som, por motivos diferentes do que apenas um agrado aos meus dotes culinários.

— Nossa, Teo... muito bom. Você está aprovado.

— Ah, eu estava sendo julgado aqui?

— Com certeza. Passou com louvor, simplesmente delicioso. — ela elogiou novamente, feliz. E só então eu comecei a apreciar o meu prato.



Malu teimou em lavar as louças do jantar quando terminamos, e eu deixei, porque realmente eu cozinhava, mas lavar louça já estava muito além das minhas atividades preferidas. Enquanto ela lavava, rapidamente, eu tomei mais uma taça de vinho, recostado à parede da cozinha, observando-a.

Finalmente, eu estava apreciando devidamente aquele shortinho que ela estava usando, em toda a sua plenitude. Eu podia imaginar bem os pensamentos gentis e amigáveis que aquele cara estava tendo, na saída da academia. E de cada um que tinha olhado para ela naqueles trajes. Que

PERIGOSAS ACHERON

porra, eu não podia ir por aí ou então ia pirar. Não, eu não podia.

Deixei a taça sobre o balcão e fui lentamente até ela, de costas na pia. Pus as mãos em sua cintura e encostei todo o meu corpo nela, prensando-a delicadamente. Malu parou, apoiando a cabeça no meu peito, e eu aproveitei e passei a língua em sua orelha, depois mordi seu lóbulo. Ela soltou um suspiro alto, e se moldou mais a mim, fechando a torneira.

Já sentindo meu corpo reagir à proximidade da sua bunda pressionada em mim, eu subi as mãos, explorando-a, e atingi seus seios, que apertei e amassei em círculos lentos, firmemente. Ouvi-a gemer dessa vez, e a virei em meus braços. Malu estava com os olhos escuros meio fechados, me olhando por entre os longos cílios, os lábios entreabertos, a respiração saindo ofegante. Eu fiquei mais ligado ao ver como a afetava.

Sem dizer nada, busquei a sua boca gostosa, beijando-a quase com desespero, movendo minhas mãos para sua bunda. E sem desgrudar minha boca da sua, puxei-a, e com o impulso, Malu subiu em mim, cruzando as pernas na minha cintura, e eu soltei um longo gemido ao senti-la deliciosamente

pressionada contra meu pau já duro como uma rocha dentro do meu jeans.

Carreguei-a, mordi levemente seu pescoço e sua mandíbula, e a pus sentada sobre o balcão, que era alto, mas servia exatamente aos meus propósitos. Estava empenhado em puxar sua blusa pela cabeça, quando ouvimos o interfone tocar alto, no silêncio do apartamento.

— *Putá merda...* — grunhi, lambendo sua clavícula, enquanto Malu ia abrindo os botões da minha camisa.

— Ah, não... — ela lamentou, e recostou a testa na minha. — Que merda.

O interfone tocou de novo, e ela franziu o cenho.

— Não imagino quem seja, Stella não virá hoje, e mesmo que fosse ela, ela simplesmente entraria. — Malu suspirou. Eu a fitei.

— Você não está esperando ninguém, então?

— Claro que não. De todo modo, melhor atender. — eu me afastei, frustrado, descendo-a para que ela alcançasse o outro lado e pudesse atender ao interfone. Quando ela fez isso, eu me encostei ao balcão, prestando atenção.

— Oi. — ela disse. Ouviu um pouco — Sim, seu Pedro, olá, boa noite. O quê? — Malu pareceu ligeiramente alarmada, seus olhos foram em mim, depois se afastaram. Ela franziu os lábios em uma expressão de desgosto, ouviu, e depois disse, bem séria: — Não, de modo algum, ele não tem permissão para subir, seu Pedro. Sim, obrigada, de qualquer forma. Não, incômodo algum, boa noite também.

Eu já estava com todos os músculos tensos, e tinha cruzado os braços sobre o peito. Não precisava nem perguntar para saber exatamente que merda de situação era aquela. Estreitei meus olhos para ela, que tinha desligado e mordeu o lábio, um tique nervoso que eu já tinha observado que ela tinha.

— Quem era? — eu inquirei, minha voz mais dura do que seria recomendado. Malu soltou uma respiração, e veio para perto de mim.

— Você não vai acreditar.

— Me teste, então.

— Era o Adriano. Queria subir, mas o seu Pedro não permitiu, claro, eu já tinha deixado ordens para não permitirem a entrada dele no prédio. — ela explicou, soando chateada, e eu

gostei de ouvir isso.

— Esse cara está realmente passando dos limites aqui, não? Se você já deixou claro que não quer mais nada com ele, não o vê, não atende os seus telefonemas, então... — eu parei, quando notei o seu olhar meio inquieto quando eu disse isso, e quando desviou os olhos dos meus, depressa. — *Não é?*

— Sim, eu deixei claro a última vez que nos vimos que eu não...

— A última vez... que foi? — eu questionei, entredentes, já antecipando que eu não iria gostar nada daquela resposta. Malu levantou o queixo, desafiadora, e me olhou.

— Eu conversei com ele na segunda. Quis deixar as coisas claras entre nós.

— Na segunda.

— Sim.

— Por telefone?

— Bom, ele veio aqui, queria conversar. Eu não permiti que ele subisse, então, fomos até a padaria ali na esquina e nós... — ela começou, e eu senti meus músculos ficarem mais tensos ainda, se isso fosse possível. Uma onda enorme de irritação e algo mais assustador ainda foi me consumindo

muito rápido: ciúmes, possessividade, sentimentos de merda que eu não costumava sentir pelas mulheres com quem mantinha relações sexuais, porque era isso que Malu era, nada mais, pensei, inflamado, raivoso.

Então por que demônios ouvir aquilo estava causando uma onda de raiva sem precedentes em mim?

— Você saiu para se encontrar com o seu ex, um cara que você aparentemente não queria ver, nem ouvir, nem falar. Desculpe, mas eu não acho a coerência disso aqui. — eu fui propositalmente sarcástico.

— Se você parar de me interromper, eu posso te dizer e...

— Que porra, é claro que ele acha que pode vir agora aqui na sua casa, se você está saindo para vê-lo. — eu cortei de novo, passando as mãos pelos meus cabelos, puto de raiva.

Malu me encarava de olhos muito abertos, surpresa, e eu senti a irritação dela também. Se antes ela parecia um pouco acuada e envergonhada, até, agora estava ficando meio exasperada com a minha atitude. Foda-se.

— Não que eu precise te dar explicações

sobre essa situação, Teo, mas...

— Não precisa o *caralho*! Você concordou com o que teríamos, aceitou os termos, então não me venha com essa de que eu não *preciso* saber. Que porra você foi fazer em um encontro com esse cara? — eu perdi a linha. *Putá que pariu*, eu sabia que não devia estar indo por aquele caminho, mas não conseguia evitar. Pelo menos mantive minha voz baixa, porque nem que eu quisesse conseguiria falar alto com meus dentes quase trincados uns nos outros como estavam.

Malu pareceu chocada de início, mas então abaixou os olhos, por uns segundos, e quando levantou a cabeça para mim, parecia ter outra postura.

— Ok, você tem razão, Teo. Eu concordei com o que teríamos, apesar de não saber *exatamente* o que temos. — ela sibilou, então suspirou.

— O fato de estarmos em uma relação *exclusiva* te diz alguma coisa? — sibilei de volta.

Malu mordeu o lábio.

— Tudo bem, eu vou te explicar o que aconteceu. Você pode ouvir? Sem me interromper e sem me fulminar com seus olhos? — ela pediu,

cruzando os braços sobre os seios também. Ela estava de sutiã, apenas, e o efeito foi tentador. Mas eu desviei os olhos, me concentrando na questão em aberto, mas crucial agora.

— Eu não estou fulminando você. Você vai saber quando isso acontecer. — eu rosnei, e não perdi o *quando* que saiu tão naturalmente, em vez do *se* que eu deveria dizer. — Tudo bem, diga-me o que aconteceu.

Malu se afastou e foi para sala, e eu a segui. Sentamos no sofá, e ela encolheu as pernas debaixo de si.

— Teo, o Adriano veio aqui, como eu disse, porque queria falar comigo, me implorou para ...

— Ah, eu não duvido.

— ... *que porra*, você prometeu não me interromper. — ela reclamou. Eu travei os dentes, sem deixar de encará-la, *fulminando-a*, mas em silêncio. — Como eu estava dizendo, eu acabei achando melhor acabar de uma vez por todas com isso, ouvir o que ele tinha para dizer, enfrentá-lo. Eu não o via desde que tínhamos terminado e eu ... — ela engoliu em seco, parecia que ia dizer uma coisa, mas se interrompeu. Eu ia voltar aquilo, depois. — Bom, eu não o via há três anos. Não que

tivéssemos coisas pendentes, mas o fato de ele ter sido quem foi e...

— E quem, *porra*, ele foi?

Dessa vez ela não reclamou porque eu a interrompi.

— Ele era o melhor amigo do meu irmão, nós crescemos juntos, ele é quase um filho para a minha mãe. Eu senti que deveria pelo menos ouvi-lo, em consideração ao que ele tinha sido. — ela explicou, e foda-se se aquilo fazia algum sentido para mim. Não fazia nenhum. — Bom, como não queria ele aqui no apartamento, sugeri que o encontraria na padaria, era mais formal. O certo é que o Adriano tinha uma história com boa parte da minha família, ele me viu crescer, era alguém da nossa convivência, fora meus pais, que ainda me conectavam a uma parte do que eu tinha vivido com ele... de todo modo, foi um erro, eu não devia ter ido encontrá-lo. Ele pode ter entendido de forma totalmente diferente do que eu pretendia, mesmo que eu tenha deixado claro, *porque deixei*, que não estava mais interessada no que ele tivesse para dizer, no futuro.

Respirei fundo, tentando me acalmar. Eu não ia saber o que queria, porque eu queria algo,

agindo como um louco daquele jeito. Precisava me acalmar.

— E o que era?

— O quê? — ela murmurou, meio perdida.

— O que ele queria? — eu perguntei, como se não soubesse exatamente. Eu sabia o que aquele desgraçado queria. Ah, como sabia, esse babaca devia...

— Ele disse que me amava. E que queria uma nova chance para nós dois.

Espera, o quê? Eu a encarei, aturdido, como se tivesse levado um soco no peito. Dizer que não estava esperando por aquilo era uma metáfora. Eu me movi no sofá, desconfortável, observando-a detidamente, buscando... o quê? Como ela se sentia em relação a isso? Mas isso definitivamente não era da minha conta, estava na alçada dos sentimentos, e qualquer que tenha sido a porra que ela tivesse vivido com ele, não dizia respeito a mim. Era isso. Então por que aquela raiva? Aquela irritação e aquela vontade de socar um cara que eu nem conhecia? Tentei me acalmar de novo. Contei até dez mentalmente. Malu, vendo que eu não disse nada, continuou.

— Era isso... então, não, eu não dei a

entender que ele poderia voltar, se era isso que você estava insinuando antes. — ela voltou à irritação.

— O que você disse a ele? — eu não queria saber. Então por que *caralhos* do fundo dos infernos eu estava perguntando aquela porra?

Ela deu de ombros.

— Que não. Eu não tenho a menor vontade de voltar a viver nada com ele, Teo.

Eu assenti. Mas sabe quando você está afundado na merda e em vez de sair, você vai mais fundo, e se desgraça todo? Era o que estava acontecendo ali, porque definitivamente um ser idiota se apoderou do meu corpo. Só isso explicava aquela merda que eu estava fazendo: me metendo em aspectos que eu não deveria da vida de uma mulher com quem eu estava apenas para curtir assuntos de natureza sexual. Porra, então era isso. O sexo era tão fenomenal que estava nublando minha cabeça, minhas determinações. Eu estava sendo comandado por meu pau, era o que faltava. Inferno.

— Esse cara, você disse que conhece ele a vida toda... foi amigo do seu irmão. Isso quer dizer que ele foi o seu primeiro namorado ou algo assim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Ele foi o meu primeiro...

— Namorado?

Ela engoliu em seco.

— Meu primeiro tudo, *entende?*

Putá que pariu, eu não queria ouvir aquela merda. Levantei, fui até o vinho e servi uma quantia generosa. Pena que era vinho, pois eu adoraria uma coisa mais forte agora, tipo um uísque puro sem gelo. Quando olhei de novo para Malu, ela estava me olhando com uma expressão meio chateada.

— Teo, vamos esquecer isso? Adriano é passado, nós estávamos tão bem aqui.

— Ele foi sua “primeira vez” então.

Ela revirou os olhos para mim como Julia fazia.

— E isso importa? Eu perguntei quem foi a sua primeira vez?

Eu bebi todo o vinho de uma vez.

— Não. Eu só quero saber, por favor.

— *Tá* ok. Sim, se você quer saber, ele foi, Teo. Agora podemos esquecer esse assunto? — ela disse, exasperada, me seguindo para a cozinha. — Eu não entendo o que isso tem a ver conosco.

— Você ainda vai se encontrar com ele?

PERIGOSAS ACHERON

Porque isso tem a ver conosco. — eu continuava muito puto. E não estava mais interessado em analisar o porquê de eu estava assim. Foda-se.

Malu me olhou, se aproximou e colou seu corpo ao meu, entrelaçando os braços no meu pescoço, ficando nas pontas dos pés.

— Não. Eu não vou. — ela disse, apenas.

— Não, você não vai. — eu rosnei, beijando-a com força, com raiva, soltando os seus cabelos daquele coque e abrindo o fecho do seu sutiã, ao mesmo tempo em que a puxava para mim e a fazia me escalar, como estávamos antes. Punindo-a por aquela atitude em relação ao ex, eu a segurei forte, e fui levando-a para o quarto, sem parar de beijá-la, esfomeado. Malu afastou-se e respirou pesadamente na minha boca, seus olhos lindos meio assustados com o meu ímpeto.

A pus na cama, e comecei a tirar minha camisa rapidamente, sem deixar de fitá-la. Eu tinha consciência da minha atitude de homem das cavernas. Eu continuava com raiva e com o maxilar tenso, e não dizia nada. Não dizia uma palavra. Malu tirou os shorts, e ficou de calcinha, no meio da cama, me olhando, entre surpresa e excitada, os mamilos duros, os lábios inchados dos meus beijos

PERIGOSAS NACIONAIS

quase brutos. Assim que tirei a camisa, passei a tirar a calça, e logo depois a boxer branca que eu usava. Ela passou os olhos pelo meu corpo, detendo-se no meu pau duro e muito ereto, que saltou quando eu tirei a cueca, e lambeu os lábios.

Eu subi na cama, já tendo uma camisinha na mão, que eu havia tirado do meu bolso traseiro. Preselei Malu na cama, meu corpo sobre o seu, segurando meu peso nos antebraços, minha testa colada a sua, ouvindo o rugido alto do meu coração. Encarei-a nos olhos e me afastei brevemente para colocar a camisinha no meu pau, sem desviar os olhos dos dela.

Eu iria fazer tudo que eu gostava, dar prazer a ela como nunca, chupá-la, lambê-la, sugá-la, mas agora eu só precisava estar dentro dela. Profundamente. Como um cara ensandecido. Malu parecia entender minha necessidade, porque arqueou o quadril, em direção ao meu pau e cruzou as pernas nas minhas costas. Eu entrei nela, longamente, adorando o seu calor apertado, a umidade deslizando que eu encontrei. Preenchi-a completamente, até estar todo envolto dela, depois saí e voltei a entrar, arfando. Malu gemeu na minha boca, quase choramingando.

PERIGOSAS ACHERON

— Teo ... — ela arfou também, abrindo mais as pernas. Eu as peguei, enfiei os meus braços por baixo das suas pernas e expus toda para mim, e arremeti novamente, sentindo-a me apertar.

— Minha.. Você é minha, *caralho*... — eu entrava e saía do calor molhado que era a sua boceta, arremetendo forte, os olhos bem abertos, encarando-a. Malu jogou a cabeça para trás, me acompanhando na intensidade das estocadas, segurando os seios e estimulando os bicos, enlouquecida. Só então me dei conta do que eu dizia. Eu tinha dito aquilo? Sim, eu disse. E em vez de ficar aterrorizado, eu a segurei pelos cabelos e a fiz me olhar de novo fixamente e repeti: — *Você. É. Minha.*



Capítulo 16



*Minha vida começou a mudar
Na noite em que eu te conheci
Eu tinha pouco que perder
E a coisa seguiu assim
Me Enamore
Shakira*

Malu

"*Você é Minha*". Como este homem bagunça a minha cabeça desse jeito? Estando dentro de mim, me olhando dessa forma, e praticamente rosnando uma merda dessas? Se eu tinha gostado? Eu tinha gozado assim que ele terminou de dizer aquilo. O problema não era esse, o grande problema era que aquilo destoava do que aparentemente estávamos tendo, ali. Sexo sem compromisso? Ok. E daí pulávamos para o modo homem das cavernas e "você é minha", sem escalas?

Enquanto eu passava as mãos nos pelos macios do peito de Teo, levantei a cabeça e tentei encontrar seu olhar. Depois que tínhamos feito um sexo como sempre enlouquecedor, ficamos parados, recuperando o fôlego, e eu notei que o silêncio tinha se instalado. Não aquele silêncio bom, calmo, mas um silêncio inquietante, carregado e meio alarmante, para mim, após aquelas palavras ditas por ele.

Será que eu estava dimensionando de uma maneira muito maior aquilo? Estava dividida entre perguntar diretamente ou deixar para lá, mas não

PERIGOSAS ACHERON

precisei, porque a próxima coisa que ele fez foi dar um beijo nos meus cabelos e se afastar um pouco.

— Malu. — ele chamou, sentando na cama. Eu sentei também, fazendo um aceno com a cabeça. Mas não podia deixar passar, eu ia ficar louca se deixasse isso para lá.

— Teo, eu só... assim, tem alguma coisa diferente aqui? Você definitivamente está me deixando um pouco confusa.

Ele me encarou, e parecia muito sério. Eu senti um certo frio.

— Não, não tem nada de diferente. Por que você acha isso?

— Sei lá... — Talvez porque você agiu como se fosse mais do que o meu "*caso para sexo*" e disse que eu era *sua* eu estou dando uma de idiota porque meu coração quase salta pela boca quando você disse isso. Então, talvez, apenas talvez, tenha algo de diferente aqui? Ou ainda estamos nos mesmos termos? Mas claro que eu não disse nada disso. Não ia me envergonhar aqui. O que eu disse foi: — Se está tudo bem, então, ok.

Ele cruzou os braços, e eu apreciei a visão dele com o cabelo revolto, o peito nu e os músculos em evidência. A expressão de Teo era fechada, um

pouco sombria.

— Olha, está tudo certo, nada muda entre a gente. Eu só quero que fique claro que eu não compartilho. Não estou compartilhando você com quem quer que seja, *ex-namorado* ou não. E sim, enquanto eu estou com você, *você é minha*. — ele enfatizou.

Pronto, aí estava a minha resposta. Nada de romantizar sexo, Malu, para de ser boba. Ainda bem que eu tinha me reservado e não disse nada. Nós nos encaramos por alguns segundos, até que eu rompi o silêncio.

— Isso vale para você também. E não foi uma pergunta, caso você não tenha entendido.

Teo sorriu, lentamente, balançando a cabeça.

— Ok, madame, não estaremos com outras pessoas enquanto estivermos juntos.

Eu assenti, ainda um pouco incomodada com algo que eu não sabia bem o que era. Talvez tivesse a ver com ele, sim, mas eu desconfiava que tinha muito mais a ver comigo mesma. Algo dito no calor do sexo não deveria mexer tanto assim com alguém que tinha concordado em ter apenas aquilo, não era? Forcei um sorriso, então.

— Você nunca me disse com o que trabalha. Aliás, você não me diz muita coisa para quem está sabendo muito sobre mim. — eu disse, desafiadora. Aquilo, pelo menos, eu poderia dizer. Ele fez um gesto de assentimento e se recostou na cabeceira da cama. Pelo menos ele não estava correndo como se suas calças estivessem pegando fogo, como da última vez.

— Eu sou engenheiro civil, e tenho uma construtora, a Stein & Monte, em sociedade com um velho amigo dos tempos de faculdade, Max Monte.

Então era como Carlos havia dito, e eu percebi o quanto aquele cara estava em um nível socioeconômico diferente, e acima do meu. Só se eu não estivesse no Estado do Rio de Janeiro para não ter ouvido falar de uma das maiores construtoras do Estado, com *outdoors*, placas, e propagandas por quase todo canto. Se eu tinha alguma dúvida que ele rico, não tinha mais.

E aquilo meio que me desanimou um pouco, para ser sincera, era um abismo social imenso, e isso porque eu não estava falando do étnico. Mas, por enquanto, aquelas ponderações eram vazias. Não havia realmente nada entre a

gente que justificasse esses meus incômodos.

— Então, você me disse que era divorciado. É da mãe da Julia? — eu perguntei, de supetão. Se ele ficou incomodado, não aparentou.

— Sim, nos divorcíamos há uns dois anos, um pouco mais, talvez, e dividimos a guarda da Julia. Não existe muito mais do que isso. — Eu assenti, mas queria perguntar muito mais. Se ele não tinha um relacionamento sério, como disse que não tinha, o que a ex significava na sua vida? Mas eu não perguntei mais, e quando ele percebeu, retomou: — E você, além de ensinar na academia, me disse que trabalha em uma clínica também, não é?

— Sim, eu já tinha o trabalho na São Vicente e em outro hospital, quando a Stella me indicou para essa vaga na academia. Eu vi que era uma ótima oportunidade de estar mais perto de casa e, de todo modo, é menos instável do que trabalhar por contrato.

— Você sempre quis dançar? Quer dizer, essa sempre foi a sua escolha profissional?

— Eu costumo dizer que nunca tive muita opção. — eu ri. — Eu cresci em meio à dança. Minha mãe era passista de escola de samba, foi

madrinha de bateria no tempo dela, então... dançar sempre foi algo no meu sangue. Eu só investi profissionalmente em algo que eu já gostava muito.

— Sua mãe também dança? Nossa... — ele deu um assovio longo, e eu dei um tapinha em seu peito.

— Costumava dançar, mas não nos últimos anos, sabe como é... e eu pretendo investir mais ainda na minha carreira. Tenho a intenção de fazer uma pós na área até o final do ano.

— Que ótimo Malu, e tenho certeza que você vai conseguir. A vida como professora de academia, então, é algo passageiro? — ele inquiriu, franzindo as sobrancelhas.

— Bom, eu não diria passageiro, mas não é algo que eu queria fazer para o resto da vida. Estou focada também em estudar para concursos públicos, mas enquanto isso, colégios particulares são bons, eventualmente. Mas não é a mesma coisa que algo mais estável.

— Entendo. Só uma curiosidade... Suas aulas na academia costumam ser como as que você dá para Julia ou são turmas mais cheias?

— Claro que não. Na verdade, as aulas como as que eu dou para Julia são a exceção,

minhas turmas costumam ser cheias, graças a Deus.

Teo coçou a barba, parecendo pensar na minha resposta, intrigado.

— Eu imagino que essas turmas são formadas na maioria por mulheres, certo? Geralmente as mulheres gostam mais dessas coisas de dançar em academia, não?

Eu dei uma risada e ele me encarou, fechando a cara.

— O que foi?

— Teo, claro que não são só mulheres. Eu dou aulas de dança de salão. São mulheres, são casais, são homens, adolescentes...

— *Homens?*

— Sim, sabe homens? Como você?

— Não existe homens como eu, Malu.

— Meu Deus como você é modesto. — eu rolei meus olhos, rindo daquele arroubo de arrogância, mas ele estava sério.

— Aposto que esses caras devem lotar mesmo as suas aulas... — insinuou, estreitando os olhos para mim.

— Você está sugerindo que as pessoas procuram as minhas aulas por motivos diferentes do que as minhas habilidades profissionais? —

PERIGOSAS NACIONAIS

arqueei uma sobrancelha para ele, fingindo irritação, porque eu realmente estava com vontade de rir da sua cara zangada. Como ele era lindo, meu Deus.

— Não, não as *pessoas*. Os *homens*, vai por mim, e são justamente suas *habilidades* que chamam atenção, não duvide disso. O que um cara sozinho quer em uma aula de dança de salão? — ele resmungou, e eu não aguentei e ri.

— Mas que bobagem machista e preconceituosa, Teo! Você acha que homens não pensam em aprender a dançar?

Ele me olhou com uma cara de "realmente?" o cenho franzido, e não disse nada. Eu suspirei, divertida.

— Bom, boa parte dos caras que vão lá estão interessados *sim*, em aprender a dançar. Muitos homens querem levar a esposa para jantar, sair para dançar, impressionar uma mulher em uma festa, em uma boate, sei lá. — frisei a palavra *boate* e ele balançou a cabeça, seus lábios de curvando nos cantos em um quase sorriso. — E esse número tem crescido nos últimos anos. Os homens estão ficando menos *preconceituosos* em relação à dança, viu? Vai dizer que você não dança...

PERIGOSAS ACHERON

— Querida, eu danço, em alguns eventos. E quando vou às boates, até *danço* também, se é que se pode chamar de dança o que eu faço. Mas pode apostar, *dançar* é última coisa que vai passar pela minha cabeça quando eu vou para pista com uma mulher. E pela cabeça dela também, eu lhe asseguro. — ele fez uma expressão maliciosa. E deliciosa.

— É mesmo?

— Sim, e acredite, caras de verdade não querem aprender a dançar. É só desculpa para pegar mulher. Esses das suas aulas menos ainda.

— Machistaaa... — entoei, fazendo menção de me levantar da cama, ele me puxou e me pôs sentada em seu colo, de frente. Eu ri.

— Agora, se *você* me ensinar do jeito certo, talvez eu mude minha postura machista e aprecie a dança... — ele me puxou e sussurrou no meu ouvido, juntando todo o meu cabelo para trás com as duas mãos, me fazendo arrepiar toda.

— Não sei porque, mas acho que você não está interessado na dança de verdade, então, não sei se sua postura vai ... mudar. — eu disse meio engasgando no final quando ele meio mordeu, meio lambeu meu pescoço. Me ajustei em cima dele,

sentindo sua dureza na minha bunda, e Teo puxou com mais força meu pescoço para trás, pelo meu cabelo, no rabo de cavalo que ele estava fazendo com uma mão, e voltou a morder o espaço entre meu ombro e o pescoço, me fazendo gemer de modo dolorido.

— O quê? — ele grunhiu para mim.

— O que o quê? — eu repeti, olhos fechados, perdida na sensação alucinante de ter ele lambendo com força, dando mordidas leves e voltando a lambar devagar aquele local.

— O que você dizia? — eu podia sentir seu sorriso no meu pescoço, me provocando.

— Não faço a menor ideia. — confessei, gemendo ao senti-lo usar a outra mão para massagear meus seios já excitados, e puxar de leve um bico.

— Dança aqui, para começar. Em cima de mim, rebola para mim, pode ser? — ele propôs, com voz grossa de tesão, e então me beijou forte, de modo intenso. Eu passei a massagear sua ereção, indo para frente e para trás, minha umidade deixando-o mais duro. E então lembrei, apesar de imersa nas brumas da necessidade de tê-lo dentro de mim, que não tínhamos uma camisinha ali. E eu

estava prestes a pegá-lo simplesmente e sentar nele, de tão *necessitada* que estava por senti-lo dentro de mim.

Teo pareceu lembrar disso ao mesmo que eu, porque com os olhos entrecerrados, parou a sessão de deliciosa tortura a que me submetia, respirando fundo e de modo entrecortado.

— Preciso de uma camisinha. — ele murmurou, parecendo atormentado com a mesma visão que eu, de simplesmente entrar em mim. Eu engoli em seco, porque aquilo era loucura em alto grau. Insanidade. Eu me curvei e lambi seus lábios de leve.

— Vou pegar no banheiro. — sugeri, e saí para buscar antes que ele dissesse algo. Voltei, abri a bolsa e entreguei uma camisinha ao Teo. Ele, porém, já estava com uma nas mãos, uma sobancelha loira arqueada para mim.

— Essas merdas me apertam, eu trouxe as minhas.

— Você é inacreditável...

— Você já comprovou que eu não estou exagerando, não é? Você mesma pôs uma dessas em mim. Vem aqui, deixa eu refrescar sua memória. — ele me puxou pelo braço, indo sentar-

se novamente recostado na minha cama. Eu montei nele, depressa, beijando-o, enfiando os meus dedos em seus cabelos loiros macios, saboreando a leve aspereza da sua barba no meu rosto, no meu pescoço, nos meus seios, quando ele passou a puxar os bicos com lábios e com os dentes.

Logo, eu me afastei um pouco, e peguei a camisinha que ele tinha deixado de lado no colchão, abrindo-a. Teo me observava, e cruzou os braços atrás da cabeça enquanto eu pegava sua ereção dura, grossa e longa, pulsando nas minhas mãos. Ele cerrou os dentes quando eu passei a massageá-lo em todo o seu comprimento, espalhando um pouco da umidade ao longo da sua espessura. Lentamente, desenrolei a camisinha pelo seu pau, cobrindo-o.

— Viu? Bem melhor: serve. — ele murmurou, provocador. Eu quis tirar aquele sorrisinho convencido da sua cara, e maldosamente, passei minha perna por ele e virei, ficando de costas. Quando Teo percebeu minha intenção, rapidamente descruzou os braços e veio para frente, pondo as duas mãos nos meus quadris e apertando de leve minha cintura e minha bunda.

— Malu, Malu, você está brincando com

fogo ficando assim pra mim. — ele disse, no meu ouvido, a voz baixa e grave, e novamente juntou meus cabelos em uma mão. Eu lhe lancei um sorrisinho por cima do meu ombro, levantei um pouco e, segurando em seu pau, senti bem devagar, sentindo-o entrar todo em mim, me deixando preenchida e alucinada. Ouvi quando ele praguejou, e me apertou, espalmando a sua mão livre de um lado da minha bunda, seus dedos marcando minha carne. Eu curvei um pouquinho mais para frente, tendo a certeza de dar-lhe uma visão privilegiada de nossos corpos conectados. Ele pareceu apreciar.

— *Putá que pariu, caralho...* você é muito gostosa... — ele grunhia, e eu peguei seu olhar quente, luxurioso, não exatamente olhando para o meu rosto.

— Você não queria que eu rebolasse? Vou te mostrar como é que se rebola. — eu disse, e passei a rebolar, meio quicando, e a me mover em círculos em seu pau duro, enquanto ele me mantinha firmemente presa pelo cabelo. Logo, eu passei a me tocar, circulando meu clitóris duro, intensificando o meu prazer, o que aquela posição permitia de uma maneira maravilhosa. Enquanto

rebolava nele e o cavalgava de costas, senti as estocadas de Teo cada vez mais firmes em mim, me consumindo, me fazendo, em pouco minutos, sentir que estava me fragmentando em milhares pedaços.



Mais de uma hora depois, Teo tinha ido embora, prometendo que nos veríamos na sexta ou no sábado e que me ligaria para dar os detalhes. Eu permaneci na cama, minhas pernas ainda bambas da nossa última sessão, e então lembrei de algo e resolvi ligar para a minha mãe.

Depois de alguns poucos toques, eu ouvi a voz macia e baixa de d. Fátima, a mulher mais corajosa e incrível do mundo, que tinha passado por uma infância e adolescência de sofrimento, mas tinha se tornado uma mulher linda, forte, e que ainda assim, só tinha palavras boas e incentivadoras para quem quer que fosse. Eu me sentia muito sortuda em tê-la como mãe, e apesar de saber que estava tentando trilhar o meu caminho e buscar os meus sonhos, sentia um pouco de culpa todos os dias por deixá-la. Ainda mais depois do que aconteceu com o Mauro.

— Oi, filha.

— Ei, *mamusca*, tudo bem?

— Sim, tudo tranquilo aqui, e por aí? Está tendo tempo de descansar, não é? — ela veio logo perguntando. Eu sorri internamente, porque minha mãe imaginava que eu estava sempre a ponto de ter um colapso de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Eu não estava realmente descansando agora há pouco, mas com certeza estava me divertindo, pensei, suspirando e me abraçando ao meu travesseiro macio.

— Sim, mãe. Estou.

— Hum-hum, eu sei. Não venha me enganar. — ela resmungou, e eu sorri.

— Não estou te enganando, mãe. Verdade. Na sexta fui até uma boate com a Stella, e domingo à praia. Não se preocupe, agora que estou com as aulas em horários melhores na academia, e apenas na clínica, eu tenho mais tempo.

— Ah, que bom. Na sua idade, só trabalhar e não se distrair não faz bem, minha filha. Em idade nenhuma, se quer saber.

— Olha quem fala, a mulher que acorda às cinco horas e só dorme depois que o último grãozinho de pó não está mais na casa. — reclamei, e ela sorriu, dessa vez.

— É diferente.

Ficamos em silêncio, e eu podia sentir ela aguardando, esperando, e aquilo me doía porque eu fazia muito por ela. Muito mais por ela.

— E o papai, como está?

— Está aqui, vendo TV. — ela disse, com a voz mais alta, alegre, e eu sabia que era para ele poder ouvir, para ele saber que eu tinha perguntado. Eu engoli um bolo de frustração e tristeza. Não era como se não o amasse, mas nossa relação, que nunca tinha sido as mil maravilhas ao longo da vida, tinha realmente degradingolado total depois da morte de Mauro. E mais ainda, se é que era possível, depois de tudo que aconteceu com Adriano.

Meu pai era um homem rude, ríspido, que não demonstrava sentimentos, e aquilo afetou e muito a forma como eu e meu irmão lidávamos com ele. Para mim foi mais fácil, durante um tempo, mas para Mauro, sempre tinha sido doloroso. Assim como eu, meu irmão tinha "puxado" à nossa mãe, sempre sorridente, amável e carinhosa. E isso o colocava em uma linha de fogo direta contra o meu pai.

Muita gente, inclusive eu, não entendia

como uma mulher tão doce podia viver com um homem agressivo, controlador a ponto de ter dominado toda a sua vida e a dos filhos do modo como ele queria, sem dar espaço para nada que não fosse do seu agrado. A escolha da profissão de Mauro, policial como meu pai, era uma forma de mudar de vida, para quem vinha da pobreza. Mas no caso dele, especificamente, tinha muito da necessidade que ele sentia em agradar, em ouvir papai dizer que se orgulhava dele. Então, imagine como eu me sentia sobre ele ter morrido em função daquilo.

Quando Mauro morreu, uma represa que eu nem sabia que estava lá, enchendo, cada dia, explodiu. Eu passei a deixar claro para o meu pai como eu me sentia e, ironicamente, caí na lábia de um homem muito parecido com ele, o Adriano, o filho que ele não tinha tido, o cara que ele aprovava para ser meu marido. Talvez isso explicasse o fato de eu ter caído de cabeça em um relacionamento com Adriano, para tentar salvar o que ainda restava da minha relação super desgastada com seu Santiago.

Quando tudo veio abaixo, eu não podia ficar naquela, principalmente por minha mãe que eu

amava mais do que tudo. Meu pai achava que a culpa de Adriano ter me traído e engravidado outra mulher, era *minha*, já que eu não queria ainda um filho mal tendo completado 21 anos de idade e queria casar antes; *e por querer me meter nessa palhaçada de dança*, como ele dizia. Eu estava sofrendo, envergonhada dos amigos, dos vizinhos, da cidade toda, e meu pai bradava todo dia que a culpada era eu.

O Adriano, coitado, só estava reagindo ao que eu tinha feito, ele dizia. Por isso, eu não queria nunca mais um relacionamento em que um cara achasse que poderia mandar em mim, que pensasse que eu deveria fazer apenas o que ele queria. Sem levar em conta minhas escolhas, meus desejos, que me podasse ao ponto de me anular. Não mesmo.

Resumindo, em casa era um clima que eu não suportava mais. Veio a calhar que a faculdade que eu queria era fora da cidade, e minha mãe, de forma surpreendente, se colocou, talvez pela primeira vez na vida, contra ele, o enfrentou e praticamente fez minhas malas, me incentivando a vir estudar e a dar um novo rumo para minha vida. Eu sempre tinha vontade de chorar quando lembrava daquele dia. Eu queria vencer muito, por

PERIGOSAS NACIONAIS

mim, e por ela mais ainda. Todos os meses, eu mandava um dinheiro para a minha mãe, não era muito, mas eu a fiz prometer que não diria sobre aquele dinheiro a ele, e esperava sinceramente que ela estivesse cumprindo o nosso acordo.

— Que bom, mãe, eu queria saber como a senhora estava, se estava tudo bem. Mas também queria saber algo. — eu comecei, me sentando e abraçando meus joelhos.

— Sim, filha, diga.

— Mãe, o Adriano esteve aí na casa de vocês recentemente?

Silêncio. Eu soltei o ar com força.

— Malu... — ela começou.

— Mãe, por que você não me disse? Por quê?

— Filha, eu não queria que você soubesse que ele esteve aqui, não queria que você sequer lembrasse que o Adriano existe. Por que eu iria te dizer isso? — ela afirmou, com aquela força na voz que quase não parecia ela. Uma leoa quando se tratava de defender os seus. Eu engoli o aperto na garganta. Claro que era isso, aquela era a minha mãe.

— Eu sei, mãezinha. Eu entendo.

PERIGOSAS ACHERON

— Como você soube que ele veio aqui? Não me diga...

— Mãe, o Adriano me ligou. — eu ouvi o seu ofego, e continuei. — Na verdade, ele me procurou no meu apartamento. Veio aqui, mãe, a senhora acredita?

— O quê? Mas que atrevimento. Eu amo o Adriano, filha, você sabe, ele é como um filho para mim. — ela disse baixinho, e tenho certeza que nós duas nos lembramos de Mauro. — Mas eu amo mais você, e aquele rapaz te fez sofrer muito, foi cruel. Não quero você voltando a sofrer por causa dele, por isso não te disse nada. Então, como ele...

— O papai deu o meu número. — eu disse, tentando tirar o máximo possível da indignação e sensação de traição da minha voz. Eu estava sempre pisando em ovos, naquela questão da minha mãe e do meu pai, e por isso demorei a dizer a ela sobre o que papai tinha feito.

Na hora da raiva, pensei em simplesmente ligar para ele e dizer umas verdades sobre aquela sua atitude. Depois, percebi que tudo que eu dissesse, fizesse daqui, poderia de alguma forma afetá-la lá; fazer com que eles brigassem. E eu não queria aquilo. Com todos os defeitos, e apesar

deles, inclusive, minha mãe o amava muito. Eu não queria trazer infelicidade a ela, ou sequer pensar na macabra possibilidade de ela ter que escolher entre meu pai e eu. Nunca.

— O Santiago não tinha esse direito! — ela sussurrou, com raiva.

— Mãe, deixa. Não fala nada aí, não agora. Não quero trazer problemas.

— Não, dessa vez eu vou conversar com ele. Claro que ele não pode fazer isso, minha gente...

— Eu sei, mãe. Também fiquei com muita raiva.

— Malu, eu vou falar com o Santiago, não se preocupe. Não diga nada a ele. — ela pediu. — Eu falo com ele. Talvez ele achasse que estivesse fazendo o bem quando...

— Não, não diga isso. Não, mãe. Não faça isso. A senhora sabe a opinião de papai sobre Adriano, ele acha que ele é a melhor coisa para minha vida, o que de melhor eu posso encontrar, mas isso não justifica ele achar que pode contrariar o meu desejo de não querer saber dele.

— Eu... sim, filha, eu sei. É verdade. Me deixe falar com ele.

O que eu podia fazer?

— Tudo bem, mamãe. Eu só não liguei para ele porquê de alguma forma, pensei que isso pudesse causar uma briga entre vocês.

— Esqueça isso. Seu pai já não é mais como era, filha. Acredite em mim, ele mudou.

Eu não acreditava, mas não diria a ela.

— Ok.

— Mas então... o que o Adriano queria?

Eu lembrei da pergunta de Teo, da expressão estranha em seu rosto quando eu disse que o Adriano queria voltar. Será que ele...

— Malu, o que ele queria? — minha mãe me trouxe de volta à terra.

— Idiotice. Pedir perdão, dizer que ainda me ama, que cometeu um erro, *blá blá blá*. Coisas que não me dizem respeito, mais.

— Sei... ele te contou do bebê? — ela sussurrou, bem devagar. Minha mãe sabia que de tudo, da traição, de tudo, aquilo tinha realmente me destruído. Saber que ele tinha engravidado alguém, justamente o que disse que queria comigo, um filho. Por que diabos mesmo eu tinha aceitado sequer falar com aquele imbecil?

— Sim, contou. Está tudo bem, mãezinha,

não há a menor chance de eu voltar a ter algo com o Adriano; a menor, acredite. Já passou, ainda me dá raiva, claro, mas já passou.

— Que bom, meu amor. Se você ainda quisesse algo, claro que eu ia ficar do seu lado, mas ...

— Mãe, nem em sonho, o Adriano já era.

— Hum... sei. Então, tem algum rapaz bonito na área, é por isso que você está tão certa assim?

Bonito, não, mãe, lindo, gostoso, cheiroso, bom de cama. Bom não: um espetáculo na cama. Eu ri para mim mesma. Claro que eu não ia dizer isto a ela, e Teo não era exatamente um "rapaz" e muito menos era algo parecido com um namorado.

— Eu conheci alguém, mãe. E sim, ele é muito bonito *maaaasss*... — eu me adiantei ao seu gritinho de euforia, tentando controlar o meu próprio sorriso idiota, tentando lembrar-me que eu e Teo éramos somente duas pessoas que se atraíam muito sexualmente e que resolveram transar enquanto isso estivesse bem para ambos. Apenas isso.

— Como ele é, minha filha? Bonito já sei, ele é um homem bom? Faz você feliz? — ela

estava eufórica. E eu meio que me arrependi de ter contado. Minha mãe não entenderia aquele tipo de ajuste que eu e Teo estávamos tendo. Verdade seja dita, nem eu mesma estava entendendo. Porque quando ela perguntou, agora, eu fui dizendo mentalmente *sim* para todas as suas perguntas. O que era uma loucura, pensei, segurando meu pescoço. Aquele lance com Teo não era algo que ela entenderia, de jeito nenhum. Resolvi ser o mais sincera possível, naquelas circunstâncias.

— Mãe, nós não estamos namorando nem nada, é só... — engoli em seco. — ... é só algo breve. Não temos um compromisso oficial, estamos apenas nos divertindo.

— Você quer dizer que é só sexo? — ela sussurrou.

— Mãe! — eu não pude evitar e sorri, fingindo estar horrorizada. Ela bufou.

— Me poupe, Maria Luiza. Você acha que eu não sei o que é isso? Bom, eu só sei que sexo, minha filha, nem sempre quer dizer amor, mas, de uma coisa eu sei: quando ele vem junto com um sentimento forte, *ah*, não tem como fugir disso.

— Não é assim, mãe, nós não somos assim, não tem isso. — eu murmurei, e odiei a sensação de

desapontamento que me atingiu.

— Não? Como é o nome dele? Você se sente bem com ele? É bom? — ela deu uma risadinha. Minha mãe deu uma risadinha. *Oh céus!* Ela nunca tinha sido uma mãe muito aberta nesse sentido, meio envergonhada, e agora estava perguntando se Teo era bom de cama. Eu ri.

— Mãe, o nome dele é Teo. Teodoro Stein, e sim, eu me sinto bem com ele, hum, na cama. Nós nos damos *muito* bem. — concluí, mordendo o lábio.

— Hum, então, meio caminho andado né, filha? Se dar bem na cama é fundamental. Gostei do nome. Quando vou conhecê-lo?

— Quem é você e o que fez com minha mãe?!

— Você gosta dele? Me diga, quando vou conhecê-lo?

— Mãe, você ouviu o que eu disse? Você está pior que a Stella. — fingi irritação com ela — Nós não estamos namorando, é só sexo. — eu murmurei, já que ela tinha aberto a porteira.

— *Tá*, é só sexo. Sexo bom né? Mas você não respondeu à minha pergunta, a outra.

— Que outra, d. Fátima?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu, quando você vinha com o caju...

— Eu sei, eu sei. — interrompi, sorrindo.

Depois suspirei, e fiquei mais séria — Eu o acho um cara legal, sim, mãe. Em outras circunstâncias, talvez... enfim, nós somos muito diferentes, sabe? Isso me assusta um pouco, eu não vejo como nossos mundos se ajustariam.

— Diferente como?

— Ah, rico, branco, alguns anos mais velho do que eu, divorciado, já deixou claro que não quer muito mais do que temos, o que é quase nada.

— Você diz essas coisas como se fossem defeitos dele: rico, branco, divorciado... o que é que tem, Malu?

— Mãe, a vida real não é um conto de fadas, eu sou bem ciente disso. Na vida real, homens ricos como o Teo geralmente não ficam com mulheres que não são do ambiente deles, que não se ajustam no mundo deles, todo dia. Uma coisa é sexo, outra bem diferente é manter um relacionamento, eu tenho o “pé no chão”, a senhora esqueceu?

— Tem razão, não todo dia, mesmo.

— O quê?

— Nem todo dia, homens como esse seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Teo costumam ficar com mulheres lindas, batalhadoras, inteligentes como você, mas de vez em quando, eles fazem. E você gosta dele, então...

— Eu não disse isso.

— Não, mas não precisa, minha filha. Eu entendi que você gosta dele. Ah, e me avise com antecedência quando irei conhecê-lo.

Mães, pensei, balançando a cabeça em descrença, sorriso.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17



*Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer
Can't help falling In love
Elvis Presley*

Teo

Eu tinha me excedido, era plenamente consciente disso assim que abandonei o apartamento de Malu, naquela noite. E ter consciência disso, ainda assim, não era suficiente para que eu retirasse ou mudasse nada do que eu tinha feito. Ou dito. Que porra que eu estava fazendo?

Percebi que ela tinha ficado intrigada com a intensidade da minha reação, por isso tinha tratado de amenizar as coisas, simplificar e não dar ideias contrárias ao que eu queria. Esperava ter conseguido, porque aquilo não ia se repetir.

Eu preciso, sem sombra de dúvidas, me controlar mais. Quem estava fazendo tudo diferente da proposição inicial era eu, pois Malu estava seguindo o barco de acordo com o programado. Eu, o imbecil comandado pelo pau, é que estava saindo dos trilhos daquela situação ali. Mas só em pensar nela com outro cara, enquanto estava comigo, ou até mesmo depois, se eu fosse sincero, me deixava louco. Pensar nela com aquele ex me deixava puto em um nível absurdo. Eu precisava tomar o controle daquela merda de situação antes que

ficasse difícil de me desvincular depois. Antes que aquilo viesse me chutar na bunda depois.

Agora, na minha cozinha, vestindo apenas um calção de corrida, tomando meu café preto e olhando para fora, pelas portas de vidro, eu pensava sobre isso quando Julia entrou, cantarolando.

— Ei, pai, bom dia!

Eu me virei para ela, surpreendido, a xícara a meio caminho da boca.

— Bom dia. Você está bem?

Ela foi em direção ao suco que eu já tinha deixado preparado para nós, já que aquele era um dia que d. Amélia não aparecia por ali logo cedo. Ela torceu os lábios em um sorriso para mim, servindo-se.

— Eu levanto cedo de vez em quando, *tá* pai? E você sabe, tenho aula de dança agora pela manhã, esqueceu?

Aquilo chamou a minha atenção, obviamente. Pus minha xícara na lavadora e cruzei os braços, me recostando na ilha.

— Ah, eu lembro sim, com certeza.

— Então você me leva ou...

— Eu te levo. — disse, rápido. Rápido demais, pelo olhar meio estreitado que Julia me

deu. — Fica no meu caminho, de todo modo.

— Ok, hoje começa um pouco mais cedo, por isso eu já estou de pé. — ela informou, comendo sua omelete.

— Então, não demore, por favor. E eu só vou tomar um banho rápido e me vestir.

— Não, já estou pronta. Preciso estar lá às 8 horas. Houve algum tipo de contratempo e a Malu não vai poder me dar aula particular hoje, me mandou mensagem. Estarei em uma turma normal dela, para não perder meu progresso.

Eu já estava quase fora da cozinha quando me virei para ela, intrigado.

— Uma turma normal? Como assim?

— Uma turma normal, com vários alunos juntos, e não uma aula particular. Como eu não quero perder meu ritmo, vou estar com eles hoje.

Ou seja, uma ótima oportunidade de ver a Malu em ação e tirar algumas pulguinhas de trás da minha orelha, pensei. Ou então, encher ainda mais. Acenei com a cabeça para minha filha e fui me preparar.

— Pai, preciso te falar uma coisa. — Julia disse, calmamente, quando já estávamos no meu carro, em direção à academia. Eu virei para ela

devagar, ainda bem que estávamos parados em um sinal vermelho.

— É algo que vai me fazer ter que matar alguém?

— O quê? Não! Pai... — ela girou os olhos e nós dois sorrimos.

— Mas pode ser algo que vai me fazer pelo menos ter que quebrar o nariz de alguém? Porque se for, eu sugiro que você me conte quando eu chegar em casa, hoje à noite, e não agora. Tenho um encontro tenso com o secretário de saneamento hoje à tarde e preciso de toda a paciência e concentração que puder arrumar.

Julia riu.

— Não, seu bobo, não precisa matar e bater em ninguém. Eu só quero avisar que vou sair com as meninas hoje.

— Sair? Sair para onde?

— Sair, pai. Eu, Paty e Mônica. Estamos querendo ir em uma inauguração de uma loja de quadrinhos que abriu perto do shopping, e depois vamos comer em algum lugar. Tudo bem?

Eu voltei a dirigir. Claro que eu sabia que eventualmente, Julia teria que sair, se aventurar, namorar ... por mais que essas coisas me fizessem

ter um princípio de taquicardia só de imaginar. Eu tinha uma sorte imensa de minha filha ser tão centrada e responsável, e não queria cerceá-la muito.

Em alguns meses ela faria 18 anos, e com 18 anos, meu bom Deus... muita gente estava fazendo loucuras. Eu, então, nem se fala. Tudo isso, no entanto, não era razão para que eu não ficasse apreensivo em ter minha menina no mundo, em um país como o que vivíamos. Ela poderia ter 50 anos, ainda seria o meu bebê.

— E aí, pai?

— Tudo bem, Ju. Me diga onde é essa loja, a que horas você vai voltar e com quem, o mais importante de tudo. Posso pedir ao...

— Não, pai! — ela quase deu um pulo e eu a observei de olhos franzidos. Então, deu de ombros, e olhou para fora pela janela. — Era só o que me faltava ser levada de um lado para o outro de motorista. Já basta que eu vou para escola todo dia assim. Por favor, não...

— Julia, você pode ir com seus amigos, ok. Mas a sua segurança não entra em discussão, está ouvindo? Ou você volta com alguém que vem te trazer em casa, eu pego você, ou Campos pega

PERIGOSAS NACIONAIS

você. Escolha uma. — eu disse, firme. Não fazia concessões à sua segurança, de jeito nenhum.

— Tá ok. Se você pedir ao Campos que me busque, eu posso ficar um pouco mais? — ela me olhou com aquela expressão que tinha a intenção de me fazer amolecer totalmente, seus olhos verdes tão idênticos aos meus cheios de súplica. — É um acordo, e você gosta de acordos.

Eu suspirei, pesadamente.

— Mais tarde tipo que horas?

— Ah, pai. Tipo mais tarde, você sabe. Depois de meia noite, 1 hora...

Minha cabeça girou mais rápido do que eu achei que seria possível e ela se encolheu, fazendo uma careta.

— Você só pode estar brincando.

— Pai, que mal tem se eu estiver lá em uma lanchonete sentada, tranquilamente, até 12 horas ou um pouco mais, e o Campos me pegar lá? Me diz? — Julia começou a se impacientar, cruzando os braços, e eu senti um suor meio frio na testa. Meu bom Deus, uma hora aquilo ia acontecer, não era? Ela tinha 17 anos, voltei a lembrar, estava custando na verdade. Isso, no entanto, não queria dizer que era fácil. Vamos com calma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, Julia, eu gosto de acordos. Vamos fazer um. — disse, com cuidado, mas com firmeza na voz. Ela me espiou de lado.

— Não é um acordo se você estipula todas as regras e eu tenho que obedecer cegamente — ela levantou uma sobrancelha, com ousadia. Mas que diabos... de onde tinha saído aquela teimosia assim de repente?

— Eis as regras...

— Eu sabia... — ela rolou os olhos, resmungando.

— Mocinha.

— Diga lá. — ela me imitou, e eu quase sorri. Quase.

— Você vai a essa inauguração com seus amigos, depois vai lanchar, e você vai ligar ou mandar uma mensagem e dizer aonde está. Meia noite, Campos estará lá para te pegar.

— Meia noite e meia. — ela murmurou, sorrindo. Franzi o cenho para ela. — Pai, eu não tenho 12 anos. Meia noite e meia é uma hora perfeitamente normal para uma garota de 17 anos estar na rua.

— Não a *minha* garota.

— Pai, meu Deus como você é ciumento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sou ciumento, sou só um homem cuidadoso, é diferente.

— *Super diferente...*

— Você está de TPM ou algo assim, não é?
— eu arrisquei, e ela deu uma gargalhada.

— Não pai, não estou.

— Beleza, só está querendo me atormentar, então. Temos um acordo?

— Temos. Doze e meia, não é?

— Boa tentativa.

Ela sorriu, e nós nos aproximamos da academia. Como era mais cedo que da última vez, e eu não tinha nenhuma reunião agendada pela parte da manhã, eu estava mais tranquilo. Julia e eu saímos e nos encaminhamos para o interior da academia.

A mesma menina estava no balcão, e seus olhos brilharam quando me viram, interessados. Ela deu um sorriso, e pôs a caneta que tinha na boca, os lábios de batom muito vermelho sugando a tampa. Eu entendi o oferecimento, retribuí o sorriso e dei-lhe bom dia, e imagino se ela ficou levemente decepcionada. Se fosse em outras circunstâncias, talvez eu até pensasse no seu caso, porém não estava mais interessado, obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

Segui Julia por um corredor diferente daquele que fomos da última vez, e logo chegamos a uma sala. Nesse momento, meu celular tocou e eu fiz um gesto para que ela fosse, ela me soprou um beijo, entrando na sala; eu lhe dei uma piscadela e voltei uns passos para atender.

Era Marcos.

— Diga lá.

— Ei, alemão, estou precisando de um favor teu, cara. — ele foi logo dizendo, e estava muito ofegante. Eu podia ouvir os sons da corrida dele na esteira.

— Marcos, você me liga às... — eu dei uma espiada no relógio, franzindo meu cenho. — 8 horas da manhã para falar com essa voz ofegante no meu ouvido, cara? Não me faça vomitar aqui.

Ele riu.

— Isso é porque você não viu como eu estou aqui.

— Visão do inferno. Mas vamos lá, me diga o que você quer.

— Onde você está?

— Na academia, vim deixar Julia.

— Bom, é o seguinte, a senhora que vinha fazer a limpeza aqui, dona Esmeralda, precisou

viajar para ficar com a filha, cara, e me deixou na mão. Ela já tinha avisado, na verdade, eu meio que esqueci.

— Sei. E você quer que eu faça o quê? Vista um avental e vá limpar a sua bagunça?

— Não, eu sei que você apreciaria isso, mas não. Estava pensando na senhora que faz sua limpeza, qual o nome dela mesmo?

— D. Amélia? Ela esteve doente o ano passado, e nós diminuímos o seu ritmo, os dias que ela vem. Na verdade, ela nem faz limpeza, só a nossa comida, agora, então, não sei. Mas posso ver isso para você, sim.

— Pois eu te agradeço. Eu até pensei em ligar para uma agência, mas, só em pensar nesse processo todo, entrevistas e tudo, já me dá uma gastura.

— Certo, então. Ela está lá em casa hoje, mais tarde. Assim que tiver algo, te ligo.

— Valeu, então.

Quando eu desliguei, ouvi imediatamente que a aula dentro da sala tinha começado, porque ouvi nitidamente um samba, mais rápido e empolgante. Como boa parte das paredes da sala eram de vidro, eu só precisei cruzar os braços e

prestar atenção ao que acontecia dentro. E o que vi, me deixou fodidamnete dividido entre a apreciação tipicamente masculina por uma linda mulher dançando, mulher essa com a qual eu partilhava a cama, no momento. E na mesma medida, um embrulho no estômago em notar que eu não era o único que devia estar babando em Malu dançando samba na frente daquela turma.

A turma era formada por casais, que estavam acompanhando os seus movimentos, atentos. Ela estava linda, com um tipo de camiseta cor de rosa colada e uma sainha impossivelmente curta, que eu, aliviado, percebi quando ela deu um giro particularmente incrementado e levantou a perna para trás, que havia um shortinho embaixo mais curto ainda. De sandálias com saltinhos, como as outras mulheres, e um coque no alto da cabeça, parecia concentrada e empolgada. E eu já tinha dito linda?

Ela mexia o corpo no ritmo inebriante da música, fazendo passos marcados. E, eu me senti totalmente hipnotizado por seus gestos, pela ondulação dos seus movimentos precisos e ainda assim incrivelmente sensuais, fascinantes. Estava começando a ficar realmente, fisicamente

empolgado com a sua visão ali. Malu parou, e falava com a turma, agora, explicando outros passos. Eu movi os olhos em volta, à procura de Julia, e a notei sentada no outro extremo da sala, junto com outras 5 ou 6 pessoas. Ela me viu, arregalou os olhos, talvez por ainda me ver ali. Eu lhe dei uma piscadela e sorri.

E quando finalmente retomei minha atenção em Malu, disposto a ficar mais uns minutinhos apreciando aquela visão motivadora e inspiradora para a minha manhã, o sorriso que eu mantinha escorregou do meu rosto lentamente quando eu a vi, agarrada a um cara que estava antes bem na frente, com outra mulher. Ela falava, apontava para seus movimentos, e então, pediu que uma menina ao lado soltasse a música que tinha parado.

E eles dois começaram a dançar, sincronizadamente, as mãos do homem negro, alto e robusto, um pouco abaixo do meio das suas costas, suas mãos juntas, uma das suas mãos nos ombros do cara. E ela sorria. Aquilo subindo por minha espinha era o quê mesmo? Eu não sabia, mas não era bom. Continuei lá, olhando, enquanto eles dançavam. Não tão colados, mas seus corpos se tocando, em vários momentos, a dança vibrante

ficando mais animada e os movimentos de ambos mais simultâneos, intensos. Eu até poderia achar bom o espetáculo, como o restante da turma, parada, estava achando, a julgar pelas suas expressões. No entanto, eu estava muito ocupado sentindo minha mandíbula apertar, ainda mais agora que, de alguma forma, o cacete daquela música mudou, e o cara praticamente jogou-a por cima da sua coxa e a virou, e ela ficou sentada momentaneamente na sua perna, antes de ambos voltarem às suas posições, ofegantes e sorridentes. A turma rompeu em aplausos, e eu me questionei, puto, que caralhos de aluno era aquele que sabia dançar tanto quanto ela ali.

Como uma estátua, continuei lá, dentes cerrados, me perguntando onde estava a minha firme resolução de mais cedo de não exagerar, de não criar situações que pudessem voltar e me morder na bunda, depois. Respira, cara. Era só o trabalho dela, segura sua onda.

Malu deu um giro na direção da porta e me viu lá, e estacou, surpresa, seus olhos me digitalizando, rápido. Eu permaneci parado, em silêncio, olhando-a. Então ela sorriu, de leve, e eu engoli a irritação de vez e dei-lhe um aceno de

cabeça de leve e um sorriso também. Ela estava levemente suada e muito apetitosa naquela roupa. Então, como o diabo era moleque, e para meu completo emputecimento, o babaca com quem ela estava dançando tocou-a na cintura. E quando ela virou, ele passou o polegar em seu rosto, na testa, como se a limpá-la, ali. Se minha mandíbula tinha estado tensa antes, agora meus dentes quase quebraram. Pus minhas mãos no bolso da minha calça jeans, e apertei-as em punhos.

Malu se afastou educadamente dele, disse algo, depois, fez um gesto como se pedisse um intervalo, e a turma meio se dispersou, entre toalhinhas e goles em garrafas de água. Ela então veio caminhando em minha direção, e quando chegou perto, pude sentir seu cheiro gostoso e observar sua expressão afogueada, seus olhos brilhando.

— Teo, o que você está fazendo aqui? — ela questionou, mas sorria, parecendo feliz em me ver. Antes de responder, eu lancei um olhar à sala. Algumas pessoas olhavam para nós, meio curiosas, e entre elas, estava o cara, observando-nos detidamente. Sustentei o seu olhar, firmemente, até que ele desviou o seu e pegou um tipo de

garrafinha e bebeu.

Malu, claro, percebeu a direção do meu olhar, e quando eu voltei a encará-la, ela tinha perdido um pouco do sorriso.

— Teo?

— Oi, Malu. — eu disse, mas minha voz parecia rouca e grave. E eu lutava para controlar minha reação ao cara tocando-a intimamente daquele jeito, justo quando eu estava naquele esforço de me recriminar por estar sendo tão territorial quando na verdade eu não deveria. — Vim trazer a Julia e resolvi aproveitar para apreciar você dançando.

Ela pareceu gostar do que ouviu, e eu vi seus lábios curvarem-se novamente e seus olhos ampliarem-se um pouco com a minha declaração.

— Ah, que bom. Nossa, eu fico feliz. Você...

— Quem é o cara?

Ela não fingiu que não sabia do que eu estava falando, e eu apreciei isso.

— Ele é professor aqui também, Teo. E, às vezes, dependendo do tipo de dança, como o samba de gafieira hoje, dois professores se juntam na mesma aula.

— E por se juntar você quer dizer...?

Malu franziu as sobrancelhas, e eu sabia que estava adentrando onde eu disse que não iria, mas não conseguia me controlar.

— Dar aulas na mesma sala, auxiliarem as aulas uns dos outros. *Isso* quer dizer se juntar.

— *Isso* inclui toques aleatórios na professora?

— Teo...

— Desculpe, eu só achei estranho. Ou *isso* é normal? — eu sibilei, abaixando-me levemente para falar em seu ouvido. Definitivamente tínhamos chamado a atenção da turma, e alguns fingiam que não estavam nos observando. Malu respirou fundo, e vi que ela se irritou. Bem-vinda ao jogo, eu estava fodidamente irritado também.

— Não, não inclui. Mas eu sei colocá-lo seu no lugar.

Eu não disse nada, e olhei para sala novamente. O cara estava totalmente concentrado na nossa conversa, e o encarei de novo. Encarei não, mandei um recado com o meu olhar, e ele novamente desviou o seu.

— Teo, para. Esse é o meu local de trabalho, *eu* sei lidar com o que surgir aqui. E ele

não é um problema.

— Não, pelo jeito ele apenas quer que eu o considere um problema. — rosnei, baixo.

— Não faça isso, não aqui. Eu não sou uma mocinha indefesa, não vou aceitar isso. — ela também disse, zangada.

— Sinto muito por ficar puto com outro cara tocando em você. — eu grunhi para ela.

— Teo, olha só, deixa eu te dizer, não pense você que pode vir e se achar no direito de um monte de coisas sobre mim. Eu também vou começar a achar que tenho sobre você, então, comece a lidar com isso, em breve, Sr. Stein.

Eu a olhei, levemente surpreendido. Ela não desfez a cara de zangada, o que a deixou mais linda ainda.

— Eu disse que não estava com ninguém. — eu só reafirmei, encolhendo meus ombros.

— Eu também disse que não, então, não venha surtar com cada besteira que você vê.

— Besteira? — cerrei os olhos para ela, a palavra saindo num silvo.

— Eu preciso voltar agora, mas acho que precisamos conversar e estabelecer umas coisas também, já que você parece pronto para um monte

de cobranças a meu respeito.

— Eu te disse, estamos juntos. Você é minha.

— Você parece um neandertal, não me venha com esse papo.

— Que seja. — rebati.

— Não é tão simples assim, fique sabendo.

— É simples e claro.

— Então se *prepare* para receber de volta o que você está jogando na mesa. Eu te avisei. — ela sussurrou, e já ia dar a volta e me deixar ali plantado quando quase dá um encontrão em Julia, que tinha chegado e nós olhava, surpresa, os olhos rápidos correndo de mim para sua professora. *Merda*. Eu estava tão focado na situação fodida de vê-la com aquele cara, que por um momento esqueci que minha filha estava sentada dentro daquela sala.

— Pai? Você ainda está aí... Malu? Algum problema?

Para minha surpresa, foi Malu que respondeu, um sorriso rápido se desenhando na cara enfezada que ela tinha feito para mim, antes. Minha mente ainda estava focada no que ela disse, mas me obriguei a olhar minha filha e dei um

aceno.

— Não Julia, problema nenhum. Eu estava explicando para o seu pai sobre a mudança de horário, e aproveitei para dizer para ele que você não estará nas aulas que eu vou dar *hoje* à noite no lugar da Soraia, não é Sr. Stein?

Mas que *caralhos*...? Nós não tínhamos combinado que íamos nos ver hoje, agora ela estava dizendo que ia dar aula e não me encontrar? Cerrei os olhos, e apenas, novamente, assenti. Não confiava na minha capacidade de não soltar um punhado de palavrões, ou mesmo arrancar Malu dali e dar umas palmadas naquela sua bunda. Eu estava quase fervendo.

— Oh, é mesmo, eu soube. A Soraia sofreu um acidente não foi? Nada grave, espero. Você vai substituí-la hoje à noite? — Julia estava dizendo.

— Não, nada grave, mas ela não pode apoiar o pé. Eu *aceitei* substituí-la hoje.

Era impressão minha ou ela tinha destacado o *aceitei*? Fitei-a.

— Entendo. Pai? — Julia virou-se para mim, com aquela expressão sua típica de exasperação. — Eu vou ficar bem. Daqui vou para casa direto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok, princesa.

— Bom, vamos? — Malu me lançou um olhar desafiador e juntou o braço ao de Julia. — Foi novamente um prazer, Sr. Stein. Venha sempre que quiser *apreciar* uma boa aula.

Ela estava me provocando.

E dito isso, saiu caminhando, rebolando, com minha filha ao lado. Eu me virei imediatamente, sentindo fumaça sair do meu ouvido, mas não querendo mais ficar ali e ver aquelas aulas com aquele imbecil tocando nela. E como assim ela não iria me ver hoje?

Eu tinha que ir trabalhar, depois ligaria para ela e tiraria aquela história a limpo. Mas, por enquanto, a minha vontade de, ou socar aquele cara ou arrastar Malu daquele lugar e puni-la de formas que nós dois apreciaríamos, era muito grande para que eu corresse o risco de permanecer lá. Virei-me e saí caminhando, pensando que aquele tinha sido o dia que ambas as mulheres na minha vida, no momento, tinham tirado para testar meus limites.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18



Não faça isso
Baby, eu não sei
Eu ainda não conheço meu coração
I don't know
Pink



Eu poderia ter ferrado tudo agindo daquela forma, pensei, ao final da minha última aula naquela manhã. Sim, eu poderia, mas Teo estava me deixando louca com aquelas suas mensagens dúbias, e eu já estava suficientemente confusa com meus próprios sentimentos. Não, sentimentos não, não havia *sentimentos*. Com minhas expectativas? Sim, era isso. Com minhas expectativas em relação à forma como estávamos levando aquilo. Se era só sexo, eu não deveria estar me sentindo assim, e nem ele deveria estar agindo como se eu fosse mais do isso para ele.

Que droga! O que estava saindo do plano inicial, afinal? A forma como eu me sentia quando estava com ele? Talvez. Era uma intensidade que me inquietava em um nível inimaginável. E isso estava me assustando, estava me assustando tanto,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente hoje, quando o vi ali na academia, e ele disse que tinha ido para me ver dançar.

Meu coração tinha dado um pulo tão louco que eu temi que ele pudesse ter ouvido o barulho. *Meu Deus*, onde eu estava me metendo? Não era para ser assim. E para piorar a minha situação, ele me deixava mais perdida a cada vez que agia com aquela possessividade em relação a mim. Mas o pior, o pior mesmo? Era que isso não estava me deixando com tanta raiva quanto eu deveria sentir, tanta quanto era *apropriado* que eu sentisse, afinal, era o que eu tinha prometido a mim mesma: não deixar que outro homem entrasse no meu coração e passasse a controlar a minha vida. Ir ao meu local de trabalho e ficar indignado com uma situação que eu poderia lidar? Ok, baby, mas eu estava sendo sincera, ele teria que esperar que eu agisse da mesma forma em relação a ele. Muito justo.

Mas... estava tudo muito errado ali, ele não estava tentando entrar no meu coração, e nem eu estava deixando, era só na minha calcinha que ele tinha que entrar. Somente. Não era? Então, por que estava agindo daquela forma? E por que *eu* estava me sentindo tão desorientada em razão de um lance que eu tinha entrado com a plena certeza de que

poderia lidar? Não misturar sexo com o coração. Era simples, nada deveria dar *errado*.

Quando o tinha desafiado daquela forma, na porta da sala de aula, eu estava mais zangada comigo mesma do que com ele, essa era a realidade. Frustrada porque estava começando a achar que para um parceiro de sexo maravilhoso, vê-lo ali, em toda a sua altura, braços cruzados sobre aquele peito amplo e magnífico, e o sorriso que ele me deu quando eu o vi parado lá, fez com que eu momentaneamente esquecesse as bases do que nós tínhamos e me pegasse *feliz*, animada por apenas vê-lo lá.

Então, o idiota do Roberto tinha me tocado no rosto e a carranca de Teo se materializou em uma rapidez assustadora. Eu tinha dito ao Roberto que ele, por favor, mantivesse as mãos para si próprio, e tinha ido ao encontro de Teo. Quando percebi que ele estava puto com a cena dentro da sala, também fiquei chateada porque ele não estava *facilitando*. Eu estava há um passo de me sentir exatamente igual a ele, e ele não estava ajudando, agindo assim.

Se eu imaginava se ele estava realmente falando a verdade quando dizia que não tinha

ninguém? Claro que eu imaginava. Se eu imaginava qual relação ele mantinha com a *ex-esposa*? Óbvio que eu pensava sobre isso também. Mas eu ficava na minha porque as *regras* que nós tínhamos estabelecido não permitiam esse tipo de questionamento, todavia, se ele se sentia à vontade para me questionar, criticar e cobrar comportamentos e atitudes. Então eu também poderia jogar esse jogo.

Com minhas resoluções tomadas, eu comecei a organizar minhas coisas na mochila quando notei que Julia tinha se aproximado de mim, meio envergonhada.

— Ei, Malu...

— Oi, querida. — eu a observei, admirada com a semelhança entre seu pai e ela, aqueles olhos verdes-mar intensos, com cílios longos. Me questionei, mais uma vez, como seria sua mãe. Devia ser uma mulher linda, imaginei.

— Peço desculpas pelo meu pai, ele é assim, às vezes. — ela disse, e eu a olhei, espantada por uns dois segundos, então lembrei que ela devia estar se referindo ao fato da minha pequena mentira de mais cedo, quando eu disse que estava repassando a ele as informações sobre as aulas e

que ela não estaria em uma à noite. Será que ela tinha acreditado? Espero que sim, meu Deus.

— Ah, sim, não se preocupe com isso, eu entendo. — murmurei.

— Meu pai é o melhor pai do mundo, mas às vezes tende a ser muito mandão e ciumento, nossa, você não imagina. — ela sorriu.

— Eu sei bem.

— Você sabe?

Quando me dei conta do que disse, olhei para Julia rápido, e ela estava me olhando com os olhos meio cerrados, de um jeito tão parecido com ele que eu engoli em seco. E me corrigi, rápido.

— Quer dizer, eu imagino. Ter uma filha linda como você, coitado, ele deve se sentir ciumento o todo. — desconversei, enquanto nos encaminhávamos para a porta. Ele deu de ombros.

— Bom, não o tempo todo, mas ele tem suas crises. Hoje, por exemplo, eu disse que ia sair com umas amigas, comer, tivemos que fazer um acordo. — ela riu, e eu sorri, discretamente. Sei bem desses acordos dele. Acordos que ele próprio não seguia, lembrei.

— Mas conseguiu convencê-lo? — eu quis saber, uma súbita vontade de falar sobre ele,

mesmo que eu precisasse estar meio que usando sua filha para isso. Que coisa feia, Malu, me recriminei.

— Ah, mais ou menos. Ele deixou, mas o segurança vai me buscar. — ela bufou.

— Sêrio? — eu ri.

— Oh, pode apostar. O Campos é um pouco de tudo, de segurança, de motorista. E se eu não me cuidar, papai vai querer sempre que ele esteja na minha cola. Você já está indo? Queria tomar um suco, tenho um tempo ainda antes de ir para casa, me acompanha? — ela disse. Eu não me surpreendi, a Julia era uma menina doce e super educada, e na escola, quando eu ensinava dança para sua turma, era sempre um das que vinham falar comigo, se interessavam em saber mais sobre os movimentos, as aulas que tínhamos tido, tudo.

Decidi aceitar e prolongar minha conversa com ela. Também não estava com pressa e só precisaria voltar para a academia por volta das 18 horas, para substituir a Soraia. Na lanchonete, pedimos ambas suco de ameixa e aguardamos.

— E então, já que você se deu esse trabalho todo de enfrentar a fera, o que vai fazer a noite? — eu quis saber. Julia me olhou meio de lado, e sorriu

para mim com cumplicidade.

— Eu e as meninas, Monica e Paty, você lembra? Pois, então. Vamos à uma inauguração de uma loja de quadrinhos que abriu aqui perto, depois lanchar.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Nossa, mas esse é um programa muito tranquilo. Por que o Teo... seu pai, se oporia a isso?

— Bom, talvez se ele soubesse que não irão *apenas* as meninas, ele se oporia. — ela murmurou, encolhendo um ombro, uma expressão entre uma careta e uma risada. Eu a olhei, então sorri, não pude aguentar. Adolescentes eram adolescentes, por mais fofas que fossem. E adolescentes com pais durões como o Teo, tinham que ser mais engenhosas ainda.

— Sei, mas quem mais vai estar presente?

Ela corou um pouco, eu notei, atenta.

— Hum, você conhece, os meninos que estão sempre conosco. O Rafael, o Arthur, irmão da Paty. Ninguém diferente.

Eu assenti. Teo, meu querido, prepare-se, sua princesa parece que definitivamente tinha notado os garotos. E pela forma como ela falou de Arthur, irmão da Paty, eu podia imaginar. Pelo que

eu lembrava, o Arthur não era um dos meninos da sua sala, seria de outra?

— Lembro do Rafael, da sala de vocês, não? Arthur... Arthur não lembro, ele estuda no Alpha? — sondei, como quem não quer nada. Ela me olhou, e começou a mexer no longo rabo de cavalo loiro, inquieta. *Bingo*.

— Na verdade não, ele é o irmão mais velho da Paty. Não costuma estar muito conosco, mas a Paty convidou e ele resolveu ir com a gente para leva-la de volta para casa. Esse tipo de coisa que irmãos mais velhos fazem.

— Hum, imagino. Mas ele não é tão mais velho assim, né?

Ela abriu mais os olhos, levemente.

— Não, ele tem 19 anos, não tão mais velho que eu. Mas como ele já dirige, nós vamos sair com ele de casa. Da casa da Paty, eu quero dizer.

Meu Deus do céu, estava cada vez melhor. Ou pior. Eu pigarreie.

— E seu pai, se soubesse disso, que o Arthur é quem vai levar vocês e que estará por lá, ele ficaria meio chateado, não? Eu imagino, claro.

Ela respirou fundo, e soltou o ar, com um olhar cansado.

— Eu não menti para ele, apenas não dei *tooodas* as informações, é diferente. E ele ainda me deixaria ir, só ficaria um pouco mais paranoico. E nós realmente vamos apenas à inauguração e depois à uma lanchonete próxima, eu inclusive vou ligar para o papai para dizer onde é, e o Campos vai me pegar.

— Ah, então vai ficar tudo bem. O Arthur é um rapaz responsável, dirigindo, quero dizer.

— Sim, eu imagino que sim. Ele está fazendo Direito, na federal, e é todo certinho. — ela desdenhou, mas pude perceber que seus olhos se iluminaram ao falara dele. — A Paty me disse que ele é um nerd total, adora quadrinhos, mas quase não gosta de sair de casa, por isso mesmo ela está até estranhando ele ter aceitado em ir com a gente. — Julia me confessou, e eu acenei com a cabeça em concordância. Menos mal. Pelo visto, Teo não teria que lidar com um *bad boy* corrompendo sua menina, então, ele já estava no lucro, ali.

— Talvez tenha algo a ver com a companhia o fato de ele ter aceitado ir junto com vocês. — eu dei de ombros, observando a sua reação. Julia ficou um pouquinho vermelha. Era

fofo, e eu sorri.

— Não sei não, ele já tinha recusado antes a sair com a gente. — ela me pareceu meio insegura. Não era a primeira vez que eu percebia aquela insegurança na Julia, algo que eu não entendia, tendo em vista a sua aparência, além do fato de ser sociável, educada, bem-humorada. Mas era a adolescência, afinal, não era?

— Se você vai com as amigas, tem um garoto responsável ao volante, depois volta para casa com o motorista do seu pai, imagino que vai ficar tudo bem. Seu pai poderia ter insistido em ele próprio em pegar você, já pensou? Seria mais difícil ainda omitir algumas partes. — Eu sorri, complacente, quando os nossos sucos chegaram.

— Ah, mas ele sugeriu, claro que eu não quis. — ela riu — De todo modo, eu não quero atrapalhá-lo, sei que meu pai costuma sair na sexta à noite com os meus tios, Ricardo e Marcos, ou então para algum encontro com a Suzana. Prefiro não atrapalhar os seus planos.

Eu estava com o suco a meio caminho da boca e congelei, olhando para a expressão despreocupada de Julia, que estava bebericando seu suco e olhando para mim. Eu senti como se uma

bola de chumbo tivesse descido de repente, fazendo peso no meu estômago. Lentamente, depusitei o copo na mesa e me ajutei, cruzando minhas pernas e limpando minha garganta. Foda-se se eu ia usar uma garota para saber de informações sobre o seu pai, mas eu iria. Era isso mesmo que eu ia fazer, não dava para ignorar uma informação daquelas assim. Antes que eu pensasse direito sobre o que deveria dizer, como começar a perguntar o que eu queria saber, ou algo do tipo, a pergunta já tinha saído dos meus lábios, abruptamente.

— *Suzana?*

Julia me olhou, mas se achou a pergunta estranha vindo de mim, não demonstrou.

— É, é tipo uma namorada que meu pai tem. Não que eles sejam tão firmes ou algo assim, mas eles já estão há um tempinho juntos... ela trabalha no escritório com ele.

Como assim ele tinha um tipo de namorada? Maldito hipócrita desgraçado! Eu engoli em seco, e esperava que a minha expressão não tivesse externando toda a fúria que estava me consumindo naquele momento. Mantenha a calma, Malu. Respira. Limpei novamente a garganta. Se eu tinha começado, ia terminar.

— Mesmo? Eu.. — fiz uma pausa quando notei minha voz meio esganiçada. Julia me olhou. Suspirei e continuei, tentando tomar o suco, para disfarçar. — Eu achei que seus pais ainda fossem casados, Ju.

— Não, não são. Tem mais de dois anos que eles se separaram, apesar de a minha mãe achar que ainda estão juntos. — ela rolou os olhos. O quê? Como assim? E eu vi que nunca ia conseguir tomar aquele suco. Botei o copo de volta na mesa. Aquilo só melhorava. Então, tinha a *namorada*, *quase namorada* ou o caralho que fosse, do escritório. Do escritório! E aquele... aquele dissimulado vinha ao meu trabalho cobrar ciúmes por conta de uma dança e um toque no rosto. E o que mais temos? Uma ex que pelo jeito ainda transitava pela sua vida. contei até dez, mentalmente, tentando manter controlada minha irritação.

Podia ser só a interpretação de Julia das coisas. Claro que podia, mas ali era uma adolescente, quase uma mulher de 18 anos, e não uma criancinha interpretando errado a vida sexual do pai. Ele podia não estar mais com a mulher do escritório? Podia. Ainda assim, não tinha me dito nada sobre isso, enquanto cobrava informações da

minha vida e me vinha com papo de "você é minha". Eu definitivamente precisava esclarecer algumas coisas com ele. Se é que ele ainda fosse me procurar depois da forma como eu tinha lidado com ele mais cedo naquela manhã.

Eu não poderia simplesmente ficar tentando arrancar informações da sua filha. Ele mesmo ia ter que me dizer pessoalmente, na minha cara, quem diabos era Suzana, porque eu não sabia nada sobre ela e em que pé estavam as coisas com a sua ex. Já que ele me arrancou coisas sobre o Adriano, nada mais justo do que me falar sobre isso também. Eu não faria nada disso se ele não estivesse me cobrando. Como eu disse, toma lá dá cá, agora.

Depois de mais 15 minutos, Julia precisou ir. Eu a beijei, recomendei que tomasse cuidado e ligasse para o pai se tivesse qualquer problema, desejei um ótimo programa, e depois me encaminhei para casa. Assim que chegasse, eu tinha uma ligação a fazer.



Não precisei ligar para o Teo. Eu tinha acabado de cumprimentar Stella, na cozinha, e entrar no meu quarto, quando o meu celular tocou e

PERIGOSAS ACHERON

era ele. Joguei minha bolsa, sentei na cama e atendi, me obrigando a respirar fundo. Não era uma conversa para telefone, eu sempre gostei de ter as conversas mais importantes cara a cara. E aquela seria uma conversa, hiper, mega, ultra interessante.

— Olá.

— Oi Malu, tudo bem? Podemos conversar sobre seus planos para hoje à noite, agora? — ele foi logo dizendo, e eu percebi a irritação na sua voz. Quase o mandei ir se ferrar e perguntei logo o que eu queria saber, mas precisava fazer as coisas com calma, pensando racionalmente. Eu ia dizer o quê? Ah, eu descobri umas coisas conversando com sua filha hoje, você se importaria de confirmar para mim? Pois é. Não. Então, vamos com calma.

— Podemos, sim.

— Então, como você me *avisou* pela manhã, não vamos poder nos ver hoje.

— Eu não disse que não poderia te ver hoje Teo, na verdade, não tive a oportunidade de dizer, mas vou precisar substituir uma professora em uma aula hoje às 18h30, mas só estarei lá por 1 hora. — informei, tentando manter a voz firme.

— Ótimo, então. Posso te pegar lá?

— Melhor não, agradeço, mas estou de

carro hoje, vou direto para casa e você me pega lá.

Eu quase podia ouvi-lo bufar, mas não me importei. Estava muito irritada também, sentindo-me enganada, mesmo que talvez não devesse me sentir, mas estava.

— Eu posso te buscar em casa. A que horas? — ele estava falando meio entredentes? Ótimo para ele.

— Pode ser às oito e meia? Está bem para você? Espero não ter que te tirar de nenhum compromisso. — eu acrescentei, sem poder resistir, e me amaldiçoei internamente. Merda! Sua boca grande! Por que eu estava dizendo isso assim ao telefone? Suspirei.

— O quê? Do que você está falando? — ele revidou, parecendo intrigado.

— Nada, esquece. Eu estarei pronta às 20h30. Só por curiosidade, aonde iremos? — inquiri, precisava saber para me vestir a contento.

— Eu estava pensando em ver um pub novo, com cervejaria artesanal, aqui mesmo em Copacabana, mas se você tiver outra sugestão...

— Não, tudo bem, está ótimo para mim.

Silêncio. Então ele retomou.

— Está tudo bem com você, Malu? — ele

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou, meio ressabiado.

— Está, sim. Às oito e meia, então?

— Ok, oito e meia, então.

Quando eu desliguei sem dizer nada, respirei fundo e caí na cama, olhando para cima, perdida em pensamentos. Momentos depois, Stella deu uma batidinha na porta do meu quarto, e eu pedi que ela entrasse. Ela pôs a cabeça para dentro, sorrindo.

— Ei, garota, pronta para almoçar? Resolvi me aventurar novamente.

— Deus nos proteja! — murmurei.

— Ihhh, que foi? Mal-humorada? Minha comida não é tão ruim assim... quando se está com fome. Vamos lá.

Eu sorri para ela, e levantei em direção ao banheiro.

— Me dê dez minutos e já te acompanho lá.

Após meu banho, fui encontrar Stella na cozinha, já servindo nosso almoço. Dificilmente comíamos na cozinha quando estávamos as duas, e fomos para a sala, cada um para seu sofá preferido. Ela tinha feito um stroganoff de carne, ou pelo menos tinha tentando, e eu me servi com parcimônia, até ver se o resultado estava comível.

PERIGOSAS ACHERON

Eu e Stella éramos péssimas cozinheiras.

— E então? Você vai ter que ir para academia hoje à noite, não? Nada de uma noite de meninas. — Stella começou.

— Pois é, mas é só uma zumba. Devo terminar por volta de 7 e meia, ainda bem.

— Se quiser sair, quando chegar... ou podemos ver um filme e pedir pizzas. Nunca mais comi pizza.

— Hum... então, eu acabei não te falando, mas eu vou sair com o Teo hoje.

Stella arregalou os olhos, e deu um sorriso enorme.

— Como é que é? Você está nessa fase de "sair com o Teo" e não me diz nada? Sinto como se tivesse perdido uns quinze anos dessa história, já. — ela apontou sua colher para mim, mastigando.

— Bem, nós realmente nos demos bem, amiga. Na cama, quero dizer, e aparentemente fora dela também. É uma loucura, você não imagina... — eu rolei os olhos, me abanando, e nós rimos. Era bom descontrair um pouco com Stella, antes que aquela tensão me deixasse mais chateada e nervosa.

— Oh, eu imagino sim... não se preocupe. — ela também se abanou, revirando os olhos para

mim.

— Deixa o Carlos se inteirar disso...

— Nem me fale. Ele está super ciumento agora, e ele não era assim.

— Medo da história da suruba, ainda?

Nós rimos.

— Mas me diga, vocês estão se dando bem na cama... maravilha. E resolveram testar as águas fora dos limites da cama também? Adoro. — ela deu uma piscadinha, provocativa.

Eu mordi meu lábio, não podendo evitar o que quer que seja que tenha meio que se revirado meu estômago. Eu só não esperava que fossem borboletas.

— Nós concordamos em seguir adiante, enquanto estivermos bem um com outro. Mas é só sexo, Stella. Foi isso que combinamos. — eu continuei comendo, tentando me distrair.

— Mas...

— Mas o quê?

— Tem um *mas* aí amiga, está escrito na sua cara, acredite.

— Amiga, eu estou plenamente consciente do que é. Racionalmente, eu sei que as chances de dar em algo para além de sexo são, sei lá, baixas.

Quase inexistentes? Não sei também. O problema é que enquanto era isso, apenas, estava fácil de levar. Mas, o problema é que eu estou apreciando tipo *muito*, tipo *loucamente*, ter sexo com ele. E se fosse só isso, beleza, dava-se um jeito, mas não... — bufei, deixando minha comida de lado, e segurando minha cabeça nas mãos, o queixo em meus joelhos.

Stella sorria, mas também estava com uma expressão apreensiva.

— Ai amiga, não me diga que você está de quatro assim em o quê... uma semana? Meu Deus, é mais sério do que eu pensei.

— Não exagera Stella, ninguém está falando dos seus sonhos cor de rosa aqui, te controla. Estou dizendo, vê se você me entende. — respirei fundo, para me concentrar. Se alguém poderia me entender, naquilo, era ela. Mesmo com nossas diferenças em relação a amor e relacionamentos, ela era minha melhor amiga, quase irmã. — Achei que estivesse preparada para isso de sexo sem compromisso e ficar de boa, que não me afetaria, que poderia ir para cama dar um beijinho e tchau, e seguir. O problema é: não sei mais se estou fazendo isso, ou mesmo se sequer comecei a fazer isso algum dia.

— Com ele.

Eu estreitei meus olhos para ela.

— Como assim? Claro que é com ele, Stella. Você não está prestando atenção?

— Ah, eu estou prestando toda atenção do mundo. Desde o início, desde quando eu vi vocês dois na praia juntos. Mas vamos lá, deixa eu te explicar o que eu quero dizer: Malu, você ficou com aquele cara lá na clínica, o enfermeiro, lembra? Isso foi o quê, o ano passado? — eu confirmei, imaginando aonde ela queria chegar com aquela conversa. — Pois bem, vocês chegaram a sair por 3 meses, não foi? Bom, e teve aquele outro, Raul, algo assim, que você chegou a ir em uns 4, 5 encontros, estou certa? Isso deu uns 2 meses também?

Eu dei de ombros. Eu já sabia aonde ela queria chegar. A dor e a delícia de ter que falar com Stella quando ela queria provar um ponto, sai de baixo. Mas era isso que eu queria, não era? Sinceridade. Alguém que me ajudasse a pensar e esclarecer minhas ideias. Confirmei sobre o Raul, um frequentador da academia com quem eu tinha ficado, no início desse ano. Achara até que estava curtindo algo bacana com ele, mas de repente,

parecia que estava faltando algo, nós encontramos desculpas para não nos vermos mais, e foi isso. Acabou.

— Foi, Stella, prossiga...

— Olhe para esse quadro, Malu. Foram caras que você fez isso, sim. Sexo sem compromisso. Você estava decidida, você fez sexo, você saiu, se divertiu, *por meses* e acabou. E você não ficou nem metade confusa e alarmada quando esses caras estavam em sua vida, ou quando se foram. Mas você está agora, com o Teo. Você não vê isso? Não é que você está fazendo diferente de antes. É que, bem, tem homens que chegam é *bum*, não há o que se faça. — ela concluiu, baixinho, e eu percebi que não estava falando apenas para mim, ou de mim. Mordi meu lábio.

— Amiga, eu até posso entender isso que você está dizendo, mas tem um outro lado importante nessa equação que não dá para ignorar: ele. Teo não é o cara que está procurando algo mais, ele deixou isso claro. E nem eu sei se ele é o cara que eu poderia jogar minhas reservas para cima e querer algo mais também, entende?

— Entendo, que pena. Isso quer dizer que ao contrário de você, ele deve estar bem tranquilo,

seguindo à risca esse acordo que vocês fizeram. Afinal, te levar para sair, você dormir na casa dele, é super o que vocês combinaram de início, não é?

Eu fechei os olhos e me recostei no sofá.

— Sarcasmo não combina com você.

— Então me responde. É assim?

— Não, não é, amiga. *Ele*, tanto quanto minhas reações a ele, talvez seja o grande problema.

Resumidamente, eu contei à Stella a situação com Adriano, desde o início, a reação de Teo, o quanto eu tinha ficado abalada com a questão de ele dizer que não me compartilharia, que estava se sentindo possessivo em relação a mim, o quanto eu achei que aquilo era uma idiotice. E como estava, de todo modo, sentindo minhas partes internas em polvorosa quando ele dizia algo remotamente parecido com isso.

Contei, também, sobre mais cedo na academia, quando ele tinha ficado e sua reação à babaquice de Roberto. E em como eu tinha reagido, por ele, por sua postura mandona e ciumenta, sim, mas também por mim, porque estava incomodada com o quanto eu estava *afetada* por ele.

— Percebeu meu dilema?

Stella me olhava, balançando a cabeça, incrédula.

— Meu pai do céu, vocês dois são uns imbecis. — murmurou.

— O quê?

— Vocês e ele, dois desavisados. Vocês estão, sem mais nem menos, caídos um pelo outro, os quatro pneus arriados, e olha... — ela apontou um dedo para mim, muito séria. — Só não vou dizer mais, porque você vai negar e correr como o diabo foge da cruz.

— Stella, eu estou precisando de ajuda aqui.

— Ei, eu estou ajudando. Dizendo que você está mais fascinada, empolgada, rendida, eu posso continuar com os termos? Porque tem outro que eu quero usar, mas você não vai gostar. E sim, dizer tudo isso, é ajudar, sim.

— Mas o pior de tudo é que eu avisei hoje para ele, que se ele continuasse com aquelas cenas eu também iria me achar no direito de cobrar coisas dele. E que eu não era uma menina para que ele mandasse em mim quando quisesse...

— Não gosta dele mandão, amiga, jura? — Stella me provocou, sorrindo, sugestiva.

— Eu *adoooooo* ele mandão, pode apostar,

em determinados contextos, que você sabe muito bem quais são. Mas isso não quer dizer que ele vai simplesmente mandar em mim em todos os outros aspectos da minha vida. Já passei por isso, você sabe. Não vou permitir.

— Claro, você tem razão, mas se você já avisou, é um novo patamar. Cobre dele, sim, você está certíssima.

— Ah, e eu arrumei dois bons motivos para cobrar dele, você não vai imaginar. — eu senti a irritação voltar com força total. — Ao final da aula de hoje, eu fui conversando com a Julia, fomos tomar um suco.

— *Huuuum*, madrasta e enteada tomando suco na lanchonete, que fofo.

— Você vai começar? — a repreendi, tentando não sorrir das suas besteiras.

— Me calei.

— Sim, a gente estava conversando sobre uma saída dela hoje à noite, o quanto o Teo é ciumento, e meio pirado com a sua segurança, essas coisas. Aí ela solta que achou que talvez, ele não fosse levá-la ao compromisso porquê de vez em quando saía com uma tal de Suzana, que era "meio que uma namorada dele".

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como é que é? — Stella deu um pulo, olhos arregalados. — E aí, você perguntou para ele não foi?

— Tem mais. Ele realmente está divorciado da sua mãe, mas, palavras da própria Julia, a mãe meio que "achava o contrário", ou algo assim. Que merda eu posso deduzir disso?

— Amiga, liga para ele agora. Vamos!

Ela levantou do sofá, atrás do meu celular. Ou do seu.

— Eu já liguei, amiga, mas não vou ter esse tipo de conversa pelo telefone. E nem dizer que foi a filha que me disse, estou preparando algo para hoje à noite, mas pode apostar que eu vou saber. — eu sussurrei, entredentes.

— Esse sacana não disse nada até agora sobre a ex e nem sobre essa outa aí? — Stella também estava puta. Eu a conhecia e sabia como ela era ciumenta. E eu, achei que eu não fosse? Muito, pelo menos, e isso estava me assustando porque só em pensar nisso, Teo com outra mulher, sentia uma raiva imensa e uma dor me consumindo. Mais do que isso, era um sentimento de *posse* redimensionado, não era nada parecido com o que eu tive antes.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não disse. Bom, disse que era divorciado porque eu perguntei, e que não estava seriamente com ninguém. Para além disso, nada mais. Eu tenho que praticamente arrancar as coisas dele, mas ele quer que eu seja um livro aberto. Isso está mudando hoje.

— Pode ser que no caso da tal do escritório, ele tenha, sei lá, terminado, e a filha não ficou sabendo? — Stella especulou, indo lavar sua vasilha.

— Já me perguntei isso, mas esse não é o ponto. O ponto é: por que ele acha que deve saber tudo sobre mim, sobre o Adriano, dizer que não compartilha, essa merda toda, e decide simplesmente *esquecer* que tem, ou tinha, algo com uma mulher no trabalho dele? Quer dizer, não deve ter sido há mil anos, se não a Julia não mencionaria isso assim, agora. E ela disse mais, que eles estavam juntos há um tempo. — sentia a bÍlis subindo por minha garganta.

— Quanto tempo?

— Não sei, mas vou saber. Hoje.

— Tira essa história a limpo mesmo. Todinha. E se precisar de mim, estou aqui, já sabe.

— Não se preocupe amiga, eu vou tirar. Teo

PERIGOSAS NACIONAIS

pediu guerra, ele vai ter *guerra*.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19



*Deixe-me dizer-lhe agora
Eu tenho um sentimento, eu me
sinto tão estranho
Tudo em mim parece ter mudado
Something's Got A Hold on Me
Etta James*



Eu tinha passado o dia inteiro ocupado com as atribuições de praxe na empresa, mas entre uma coisa e outra, eu parava para pensar sobre o que tinha acontecido na academia pela manhã. E por mais que eu tentasse, ao final de cada uma dessas vezes eu terminava extremamente inquieto e puto com a situação toda. Não porque eu estivesse zangado com Malu ou algo assim, porque não estava. Para ser sincero, eu tinha achado muito engraçado aquela sua valentia em achar que estava me ameaçando ao cobrar coisas de mim que ela percebia que eu estava cobrando dela.

Sorri comigo mesmo, batendo com meu lápis na mesa. Não, o que estava me deixando com raiva era imaginar o motivo de ela ter ficado zangada comigo reclamando daquele cara, que eu já sabia quem era, claro. Porque assim que estava

PERIGOSAS ACHERON

saindo da academia, tive uma ideia, e com só um sorriso e um pouquinho de charme, eu perguntei à menina da recepção quem era o professor que estava acompanhando a Malu na sala de samba, porque eu achava que teria aulas lá com ele e algumas balelas assim. Ela ficou bem animada e me cedeu o nome do cara. Teria cedido outras coisas também, mas eu fingi que não percebi.

Desse modo, eu sabia que ela queria conversar sobre a forma como eu estava lidando com tudo, e eu não podia negar que estava driblando as regras. Ok, fodam-se todas as malditas as regras, estava decidido. Enquanto eu sentisse tesão e quisesse ficar com essa mulher, era assim que iria ser.

No entanto, quando liguei para ela no meu horário do almoço, percebi sua ligeira tensão, a voz estranha, a irritação. Malu estava diferente, e não foi apenas o fato de ela não querer que eu a pegasse no trabalho, sua voz também estava me dizendo tudo. E então a minha raiva tinha ido às alturas: era por causa daquele imbecil? Eu não podia acreditar. Em relação ao ex, ela parecia ter entendido a minha reação, e estava com raiva por causa *daquilo*?

Quando a tarde chegou, infelizmente, não

trouxe nada para aliviar o meu estresse, apenas o intensificou, com a reunião com o secretário que não resolvia nada e estava simplesmente atrasando o nosso trabalho com montanhas de burocracia. Para finalizar tudo com chave de ouro, Max entrou pela minha sala às 16 horas, com a expressão carregada, e um e-mail impresso nas mãos, e logo atrás dele, Suzana entrou, me cumprimentou, toda no modo profissional. O que foi muito bom, porque eu tinha simplesmente ignorado a promessa de remarcar minha agenda para encaixar a nossa saída e ela, estranhamente, não tinha dito nada. Ambos sentaram-se à minha frente.

— Teo, precisamos rever a logística da viagem à Curitiba. Nós tínhamos decidido que iríamos os dois ver o projeto de compra da Galvão e Filhos, certo? — Max começou, coçando o pescoço como ele sempre fazia quando estava com problemas. — Acontece que o dia da reunião na sede da empresa com os proprietários é no mesmo dia da reunião sobre a obra do viaduto. Um de nós dois precisa ficar aqui e resolver isso.

Eu afaguei a minha barba, pensativo.

— Sim, mas isso é em vinte dias em Curitiba, não? Podemos remarcar aqui com o

governador, se é que ele vem.

— Na verdade, ele já confirmou. — Suzana mexeu no seu tablet, e logo depois confirmou com um aceno. — E nós já tínhamos remarcado a primeira reunião por causa da viagem do Max, seria muito ruim remarcamos novamente. É o governo, afinal.

Max assentiu.

— Concordo. E no caso de Curitiba, você é o cara dos fechamentos dessas transações de compras, eu não saberia o que fazer. Acho você terá que ir ver essa questão no Paraná.

Eu respirei fundo. Odiava quando essas merdas aconteciam e saíam do programado, era por isso que eu estava tão fodido na minha situação com Malu. Porque eu tinha programado uma coisa, estabelecido as regras, e agora estava trilhando um caminho diferente do que eu mesmo sempre tinha estabelecido com... Espera aí, Max estava falando sobre trabalho. *Putá que pariu*, que porra eu estava fazendo pensando na minha situação com Malu bem no meio de uma questão importante da empresa?

— Teo? — Suzana chamou, com um sorrisinho. — Você está aqui conosco?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, podem continuar. Peço desculpas.

— Bom, como eu estava dizendo... — Max me deu uma olhada especulativa e eu cruzei meus braços no peito, encarando-o de volta com expressão séria. — Você precisa ir, e eu toco a reunião com o governo aqui.

— Max, você sabe que eu vou precisar de suporte com as questões práticas do negócio que... — eu comecei, e logo fomos interrompidos por Suzana.

— Eu posso ir com você, Teo. Quer dizer, ajudei a estruturar o acordo, e acredito que posso auxiliá-lo. O que vocês acham?

Eu e Max trocamos um rápido olhar antes que eu a encarasse. Ela não estava mentindo. Como nossa engenheira assistente, Suzana estava sempre por dentro das questões mais complexas da empresa, e realmente havia ajudado a dar os últimos reparos naquela questão em específico. Uma das reuniões em que discutíamos exatamente aquilo tinha terminado em um jantar e uma transa agradável em um motel, mais tarde. Tinha certeza que ela estava lembrando disso naquele exato momento, pela forma como me olhou. *Putá merda*. Max pigarreou e também cruzou os braços.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, tem a questão de que também precisaríamos de você aqui, Suzana, para ver a logística das reuniões com os engenheiros dos projetos.

— Eu sei Max, mas você não acha que a aquisição da Galvão também é algo que precisa ser decidido o quanto antes? Não passaríamos mais de dois dias lá, e posso reorganizar as reuniões com os engenheiros, se você quiser.

Max concordou com a cabeça, e me encarou.

— Teo? — inquiriu.

Eu teria que resolver aquela merda, era o que Max queria dizer com aquela expressão. O que era certo ali: a Suzana era uma profissional competente da nossa empresa, trabalhava diretamente comigo e Max. E realmente sabia muito da nossa tentativa de aquisição da empresa menor, que fazia parte dos nossos planos, já em execução, de uma expansão pelo Brasil. Aquela compra era fundamental. Então, em termos precisos, não havia nada que invalidasse a sua sugestão de me acompanhar, na verdade, isso até seria sugerido por mim ou Max, ou por ela própria, como agora. O problema era outro.

PERIGOSAS ACHERON

Na minha atual situação, uma viagem de dois, três dias para outro Estado com a mulher com quem eu tinha um tipo de "relacionamento", "acordo", a merda que fosse, quando eu estava justamente em momento desses com *outra mulher* tinha um enorme potencial para dar merda. Mas o que eu poderia fazer? Dizer ali, na minha sala, que ela não poderia me acompanhar? Profissionalmente falando, qual razão eu tinha para dizer não?

Suzana tinha perdido o sorriso, nesses segundos de silêncio meu, e eu vi o momento exato em que ela notou que eu não exultei com a possibilidade de uma viagem que poderia ter duas finalidades para ambos: negócios e prazer. Ela engoliu em seco, e olhou para o seu aparelho, sobre suas pernas cruzadas. Merda.

— Seria a solução mais adequada, sim. Nós resolvemos lá com os Galvão e voltamos rapidamente para fechar os acordos aqui com os projetos restantes. Vou pedir a Dora que comece a organizar as coisas, então. — eu falei, de modo prático, e vi quando ela se recusou a levantar a cabeça para me olhar. Eu teria que lidar com aquilo o quanto antes, ou alguma merda poderia vir dali.

— Está resolvido então, preparem-se. E

Suzana, por favor, dê uma adiantada na questão das reuniões para fecharmos os projetos com o Banco, sim? Quando vocês voltarem, já estará adiantado. — Max levantou, não sem antes me lançar outro olhar agudo, e sair.

Eu havia dito a ele no dia anterior que ainda estava "saindo" com a Malu, e ele balançou a cabeça e riu. E claro, não perdeu a oportunidade de me lembrar que, fora a própria Suzana, não era algo que eu fazia com frequência, manter a mesma mulher. E agora ele estava vendo aquela situação no mínimo estranha com Suzana, e eu sei o que o seu olhar me dizia quando ele saiu da minha sala: *vire-se, meu caro*.

Assim que Max fechou a porta, Suzana finalmente levantou o rosto e me encarou. Ela estava me avaliando, séria, e depois deu um sorriso lento, como se soubesse de algo profundo. Eu me recostei na minha cadeira de couro, e tamborilei os dedos na mesa de mogno, encarando-a de volta. Ficamos assim, em silêncio, nos fitando, até que ela resolveu falar.

— Teo, Teo... então aconteceu, não é?

— Eu não sei do que você está falando.

— Ah, você sabe, sim, mas como você não

quer dizer. Eu posso fazer um pequeno exercício de especulação?

Eu encolhi os ombros e fiz um gesto a mão como se a mandasse prosseguir.

— Por favor, então.

— Bem, aconteceu o que você disse que, caso acontecesse, iria me dizer, iria me informar, para que eu não tivesse que passar exatamente por essa situação que passei agora. — ela disse, baixo, e eu percebi que ela não estava tão leve assim. Sua voz estava levemente alterada, mas ainda baixa.

— E que situação, exatamente, você passou agora, Suzana? A viagem está decidida, não? — eu precisava ser cauteloso. Não necessariamente por questões pessoais, já que a possibilidade de não estar mais sexualmente envolvido com Suzana não me afetava, eu percebi. A questão era: ela era uma amiga, uma mulher inteligente, que trabalhava comigo e Max. A forma como eu resolvesse aquilo podia foddidamente respingar ali, na empresa, ainda que eu esperasse que não. Éramos suficientemente maduros para isso.

— Ora, Teo, por favor, você fez uma cara como se estivesse indo para prisão perpétua quando sugeri que fosse junto com você.

— Eu tenho certeza que não fiz isso.

— Claro que sim, e me deixou em uma posição chata porque eu não vi isso vindo. Não, na verdade eu vi, sim. — ela também se recostou em sua cadeira, balançando a cabeça com um sorriso irônico. — Você não me procurou mais e está elegante mas decididamente, recusando meus convites. Meu Deus, eu me tornei esse tipo de mulher?

— Você está sendo dramática, eu te disse que deixaria saber quando fosse possível. Isso nunca pareceu te incomodar antes. — eu retruquei. Ela me lançou um olhar frio.

— Você não está sendo justo, Teodoro. Encontrou alguém que não quer te dividir com outra, é isso, e não sabe como me dizer? Bem, meu caro, você prometeu. — Suzana sibilou para mim, pela primeira vez realmente com raiva.

— Eu prometi que quando não estivesse mais interessado em ter qualquer coisa com você, eu diria. É isso que me lembro de ter prometido, Suzana.

— Não, havia outra promessa implícita Teo, e você sabe. Quando você, ou eu, encontrássemos alguém que valesse a pena, simplesmente não

manteríamos mais esse acordo entre nós. Diga-me, é o que aconteceu? Quem é ela?

— Nada aconteceu.

— Você finalmente foi fisgado e não quer admitir? — ela riu, com desdém.

— Você tem consciência que mesmo com o que nós tínhamos... — ela levantou uma sobrancelha com a minha escolha de palavra no passado, e eu murmurei um palavrão. Não era assim que eu queria levar aquilo. — Mesmo com o nosso acordo, eu eventualmente transo com outras mulheres, não é?

— Claro que sim, meu querido. E isso nunca foi motivo para que você me evitasse. Por isso que eu *sei* que tem algo diferente aí. Ela te pediu que não transasse com ninguém mais? Ela sabe sobre mim? Então, estamos parando por aqui? — quando eu continuei a fitá-la, em silêncio, ela arregalou os olhos, e levou uma mão à boca e riu. — Minha nossa, eu não acredito! Ela não sabe desse seu acordo comigo, e *você* é que não quer dividir essa mulher com ninguém, por isso está sendo fiel também, não é?

Eu dei um sorriso para ela.

— Como adivinha, você é uma ótima

engenheira, Suzana.

— Claro que é isso, eu te conheço, Teo. Se eu não tivesse levando um pé na bunda bem aqui, estaria achando isso muito mais engraçado, acredite. Teodoro Stein está com uma única mulher, e não disse a ela sobre mim. Você quase sempre diz. Eu sou o seu "afasta casamenteiras", você já me disse isso.

— Suzana, você tem algum ponto ao qual queira chegar?

— É isso, se você não disse sobre mim, é porque tem algo diferente aí. — ela levantou, passando as mãos pelo terninho azul claro que usava.

— Não tem nada diferente. Não tem ninguém.

— Certo, então, vamos jantar hoje na minha casa. Eu faço a comida. Às 8?

Eu finalmente levantei também, o cenho franzido.

— Eu te disse que tinha um compromisso, então fica para a próxima.

— É com ela, sua mulher misteriosa. Teo, você até mesmo me falava sobre algumas delas, me dê mais crédito aqui.

Abri a porta para ela, cuidadosamente.

— Se eu não te disse, então, por que você simplesmente não admite que não há ninguém?

Antes que eu abrisse a porta para ela, Suzana pôs uma mão no meu peito, e aproximando-se, depositou um beijo leve nos meus lábios.

— Ok, então. Se não há ninguém importante, devo concluir que nosso... trato continua valendo?

Era uma armadilha, eu deveria ter percebido. Com a minha resolução de não falar nada sobre Malu, eu não poderia, agora, dizer que nosso acordo estava desfeito, já que eu realmente tinha feito essa promessa, ou o nome qualquer que aquilo tenha, para ela, uns dois anos atrás. Se um de nós encontrasse alguém que valesse o nosso tempo, acabaríamos tudo. Claro que quando eu tinha prometido aquilo, a possibilidade de algo assim realmente acontecer, para mim, era nula. Então, era meio que uma promessa sem sentido. Eu concordei mais porque achava que ela, uma mulher jovem e bonita, uma hora ou outra iria encontrar um cara legal e investir em um relacionamento de verdade, coisa que ela não estaria tendo comigo, e aquilo sempre soou lógico e coerente para mim. Mas ela

ainda não havia feito isso, e eu também não vi motivos para encerrar um ajuste satisfatório.

Eu era um homem, tinha uma mulher ali com quem eu fodia, e que não se importava que eu fizesse a mesma coisa com outras mulheres de vez em quando. Você vê o problema nisso? Eu certamente não via nenhum.

Cruzei os braços e pensei rapidamente sobre aquilo. Se eu fosse sincero comigo mesmo, admitiria que quando eu tinha dito à Malu que queria exclusividade, estava mais pensando em não vê-la com outro cara. De jeito nenhum. Eu nem pensei muito na situação com Suzana, pois nunca achei que aquilo fosse de certa forma, um problema. Eu dava, no máximo, uma semana ou duas para aquele impulso assombroso que eu tinha em estar com Malu esfriasse, e então tudo voltaria ao normal e eu não precisaria tomar decisão nenhuma em relação a Suzana.

Mas a porra da questão, agora era: eu não estava mais confortável em delimitar um prazo para estar com Malu, a cada vez que eu tinha sexo com ela, eu queria voltar para mais e mais. E como eu mesmo tinha vindo com aquela ideia de exclusividade, não via mais como eu poderia

manter aquela situação com Suzana enquanto estivesse com Malu. Uma das duas não ia apreciar muito, e eu estava começando a achar que seria Malu.

E outra coisa me deixou um pouco desassossegado também, ali parado na porta, olhando para aquela linda mulher que eu conhecia há uns quatro anos e com quem eu mantinha um relacionamento profissional e até mesmo o que poderia ser chamado de uma amizade. Eu pensei na possibilidade de não ter mais sexo com Suzana, e logo depois, em não ter, pelo menos por agora, com Malu. E o que você acha que me deixou mais perturbado? Isso mesmo. Eu não ia abrir mão de Malu. E baseado naquela constatação, eu tomei a minha decisão. Podia não ser muito racional, ou coerente, mas como eu já tinha estabelecido, eu era um homem que estava sendo governado pelo meu pau. Só isso explicava o que eu iria fazer.

— Suze, vamos fazer assim, não é uma conversa para o escritório, mas eu realmente preciso falar com você.

Ela retirou a mão do meu peito, lentamente, observando meu rosto. Tinha uma expressão de choque, mas tentou disfarçar com um sorriso

polido.

— Eu sabia. Queria parabenizar essa mulher, sinceramente.

— Não é uma conversa para o escritório.
— repeti, apenas.

Ela levou a mão ao meu rosto e afagou um pouco, então, virou-se, abriu a porta e saiu. Eu respirei fundo, e voltei para minha mesa. Definitivamente, um dia para testar meus limites. E olha que esse dia ainda não tinha acabado.



Às oito e meia eu estava me identificando na portaria do prédio de Malu. O porteiro, um senhor de meia idade com um grande bigode, sorriu simpático e permitiu a minha entrada.

Ricardo tinha me recomendado esse *pub* que eu levaria Malu, e como as recomendações dele eram sempre certas. Eu tinha pensando que esse seria um bom lugar para levá-la e desanuviar o clima. Cheguei à porta do seu apartamento e bati de leve, aguardando.

Quem abriu a porta foi a amiga, Stella.

— Ah, olá Teo. Entre. A Malu está já está
PERIGOSAS ACHERON

vindo. — ela afastou-se e eu entrei.

— Oi, Stella, boa noite. Obrigada. Vou aguardar.

Menos de três minutos depois, eu ouvi os passos de alguém se aproximando e levantei minha cabeça para ver Malu entrar na sala. E minha respiração ficou engatada, com a visão dela, meu corpo passando a reagir ao que meus olhos iam captando. Malu usava um tipo de blusa colada, de mangas compridas, como se fosse o que as mulheres chamavam de *collant*, branco, com um decote simples, redondo, mas o tecido colante destacava nitidamente seus seios cheios, uma visão e tanto em contraste com a cintura mais fina.

Vestia também um short estampado com flores, curto, mas não tanto, em um modelo parecido com uma saia, o que destacava muito a sua cintura. Os seus cabelos tinham sido recolhidos de apenas um lado, e desciam soltos, os cachos livres, por apenas um ombro. Suas pernas lindas estavam mais destacadas pelo comprimento, ou falta disso, do short, e pela sandália alta que ela usava. Em síntese, ela estava deslumbrante, e eu levantei-me aproximando-me, uma ânsia por tocá-la me consumindo.

Só então notei que ela não sorria daquele jeito amplo e resplandecente que eu tinha me acostumado sempre que ela me via, mas tinha um sorriso contido no rosto maquiado discretamente.

— Oi, espero não ter deixado esperado muito. — Malu disse, baixo, me encontrando no meio da sala.

— Você tem aquelas bolsas onde leva batom para retoque, não? — eu perguntei, segurando-a pelo pescoço, minha voz baixando a medida que eu me aproximei dela e fui intoxicado pelo seu cheiro. Ela franziu o cenho.

— Sim, eu tenho, por quê?

— Você vai precisar retocar agora. — informei-a e a puxei de encontro ao meu corpo já excitado, tomando sua boca, avidamente. Enquanto aprofundava o beijo, devorando seus lábios e inserindo minha língua em sua boca receptiva, passei os braços por suas costas e a fiz colar-se mais a mim, gemendo roucamente quando ela levantou os braços, também me puxou pelos cabelos e pescoço, e pressionou-se freneticamente contra meu pau endurecido por trás do meu zíper.

Tive uma breve consciência de que minhas mãos tocaram pele nua em suas costas, o que não

fazia sentido, e entre curioso e impaciente de desejo, virei-a em meus braços, ouvindo o ofego surpreso de Malu, e satisfiz minha curiosidade. Tinha que ter uma pegadinha, toda roupa que ela usava tinha uma maldita pegadinha, pensei, ao ver que mesmo sendo de mangas compridas e comportado na frente, aquela blusa estranha praticamente não existia na parte de trás. Suas costas estavam nuas, macias, e a blusa, na lateral, sumia dentro do short que, como sempre, delineava sua bunda perfeita, parecendo mais empinada e redonda do que nunca. Pressionei minha ereção contra ela, e mordi de leve a lateral do seu pescoço adorável enquanto ao mesmo tempo subia minhas mãos da sua cintura para os seus seios, e os massageando devagar.

Malu expôs o pescoço e gemeu.

— Moça, você torna difícil que eu queira sair de casa com você assim... — sussurrei em seu ouvido. Para meu espanto, em vez de reagir com a ousadia e sensualidade de costume, eu senti seu corpo enrijecer um pouco de encontro ao meu, tenso. Ela virou-se em meus braços e me deu um sorriso que, eu percebi, era meio forçado, ajeitando os cabelos.

— Mas hoje não ficaremos em casa. Quero sair com você. — ela disse, levantando o queixo em desafio. Eu apertei os olhos, ainda tentando entender as mais recentes reações de Malu, desde aquela manhã. E quando me vinha à cabeça que poderia ser por causa daquele cara, minha raiva começava a subir. Então, eu esperava descobrir exatamente o que estava acontecendo com ela.

— Nós vamos sair, Malu. Assim que você estiver pronta.

Ela assentiu.

— Só me deixa ir ao banheiro por um minuto. — ela murmurou, e saiu da sala. Eu passei a mão nos cabelos, confuso e irritado. Eu realmente não sugeriria que ficássemos em casa, mesmo que fosse exatamente que eu tinha vontade de fazer, para ser sincero. Quando Malu retornou, eu fiz um gesto para que ela passasse à frente, o que ela fez, e dessa vez estava trazendo junto uma bolsinha de alça. Eu saí atrás dela, fascinado com o seu leve rebolado.

Entramos no meu carro e rumamos para o *pub*, onde chegamos alguns minutos depois. O local era muito bom, um ambiente amplo, com mesas de madeira e luminárias rústicas, e estava

relativamente cheio, mesmo porque ainda era cedo. Entramos, e a levei para uma das mesas mais ao canto, não deixando de notar os olhares que ela recebia, indo a minha frente.

Alguns minutos de silêncio depois, eu tinha chegado ao meu limite.

— Vamos lá, Malu. Me diga qual o problema? — inquiri, afagando minha barba e a fitando atentamente. Ela olhou-me, desviou os olhos, e depois retornou para me olhar.

— Por que você acha que há um problema?

— Não sei, talvez porque eu sou um cara observador. E mesmo que não fosse, você está praticamente gritando tensão. E você não é assim.

Ela ficou calada, e bebeu um gole da sua cerveja.

— Tem alguma coisa a ver com o que aconteceu na academia pela manhã? — insisti, apertando meus dentes, mas querendo saber logo o que estava me atormentando desde cedo.

— De alguma forma sim, Teo. Eu disse a você que precisávamos conversar sobre o que estávamos fazendo, de verdade.

— Nós estamos *juntos*. O que é complicado de entender?

— Teo, por favor, você acha mesmo que está tudo simples e claro aqui? Você vem e me diz que quer sexo, que o que temos é um acordo, ou algo assim. Então você insiste em estar a par de fatos da minha vida, de pessoas da minha vida, de situações na minha vida, sem oferecer praticamente nada em troca. — Malu despejou, com voz baixa, mas percebi a tensão em sua mandíbula bem desenhada.

Então era aquilo. Mas ela ainda não tinha terminado, e que bom que eu escolhi uma mesa mais de canto. Não que ela estivesse chamando atenção nem nada, mas sua postura corporal estava começando a indicar sua profunda irritação.

— ... sem falar que você se acha no direito de ficar incomodado com...

— Homens te tocando? Sim. E isso não vai mudar. — cortei, puto. — Isso tudo é por causa daquele imbecil que estava dançando com você, o tal do Roberto? — eu cruzei meus braços e me recostei, falando baixinho e aparentemente calmo. Mas por dentro, eu estava em ebulição, minha aura relaxada só sendo traída pela tensão em meus ombros e pelo aperto na minha mandíbula.

Ela rolou os olhos

— Óbvio que não, você não entende que...
Peraí, como você sabe o nome dele?

— Atenha-se às questões práticas, Malu. —
instruí-a, e ela bufou.

— Eu não acredito...

— Você não viu nada.

— É por causa *desse* tipo de coisa que precisamos conversar. Você está me deixando literalmente confusa sobre o que você quer. Você não está agindo como um cara que quer algo casual, e eu não gosto de ficar confusa sobre essas coisas, então, me diga o *que você quer*? — ela pontuou cada palavra, devagar, me encarando firmemente, os olhos brilhando de determinação, e *puta merda* se alguma vez ela esteve mais linda do que agora, com aquele fogo nos olhos.

Eu tinha a resposta para aquilo. Pus os cotovelos sobre a mesa e aproximei-me do seu rosto, já que ela já estava naquela posição desde que começara a falar.

— O que eu quero? Você. Eu quero você.
— também pontuei cada palavra, minha voz saindo rouca, a intensidade do nosso olhar trancado um no outro me assustou por um segundo. O que eu estava fazendo? Quando tinha sido a última vez que eu

tinha dito aquilo para uma mulher? Não lembrava.

Malu engoliu em seco, e percebi que ela notou o ar crepitando ao nosso redor, as faíscas voando. Baixei meus olhos para sua boca, e continuei descendo com meu olhar abrasador por seus seios, sentindo uma poderosa ereção se construir na minha calça.

Ela estava respirando rápido, os seios subindo e descendo. Passou a língua nos lábios e eu acompanhei o movimento, querendo morder e chupar aquele lábio também. Toda ela.

— Se é isso, comece a me dar o que você quer de mim. Não aceito nada menos. — ela finalmente falou, com voz enrouquecida, determinada, também. Eu queria arrancá-la dali e fodê-la duramente, até que nos dois perdêssemos a noção do mundo. Por toda a noite.

— Eu concordo com isso.

Malu afastou-se, e percebi que cruzou as pernas. Demorei meus olhos em suas coxas, e depois subi, devagar. Saber que eu a afetava aquele nível, com o olhar apenas, me deixava mais consciente da dimensão da minha atração sexual por ela.

— Ah, concorda? Ótimo. Porque saber

coisas a meu respeito e omitir informações sobre sua vida não se encaixa mais nesses novos termos que estamos negociando agora.

Eu senti os pelos no meu pescoço se eriçando com o tom falsamente macio da sua voz. Também me recostei na cadeira, e bebi um gole da minha cerveja.

— E com isso, você quer dizer? — instei-a, estreitando meus olhos em sua direção.

— Lembra do meu “toma lá, dá cá”? Pois é. Se você quer exclusividade, sinceridade, tem que me dar exatamente isso. E Teo, eu também não compartilho. — ela sussurrou entredentes, e meu pau endureceu ainda mais. Como isso era possível, eu não sabia. Me ajustei na cadeira, respirando pesado, mas junto com a luxúria poderosa, um sino começou a soar, longe, na minha consciência.

— É bom sabe disso, acredite. Então, ambos não compartilhamos.

— E somo sinceros. — ela completou, e eu vi que ali tinha coisa. *Put a que pariu.*

— Certo.

— E por sinceros, eu quero dizer: se eu te conto coisas sobre a minha vida, melhor, se você exige que eu te conte coisas sobre minha vida e

meu relacionamento anterior, espera-se que você também retribua isso. Ou estou errada?

Caralho.

— Sim, espera-se. Você está certa. — eu estava literalmente, ganhando tempo, minha mente processando tudo a mil por segundos, tentando arrumar as coisas na minha cabeça. Só se eu fosse imbecil para não sacar aonde aquela conversa ia chegar, só não sabia como ela tinha... E claro, como eu disse, aquele dia fodido do caralho ainda não tinha terminado. Eu fechei os olhos por um segundo, porque exatamente naquela hora, meu celular, que eu nem tenho o costume de deixar em cima da mesa, vibrou no modo silencioso, e o nome brilhando na tela não era outro que não o de Suzana.

Que porra do caralho que era aquilo? Paralisado, olhei para o aparelho, e depois olhei para Malu, que tinha os olhos fixos na tela do meu celular. Lentamente, ela pôs as duas mãos cruzadas sob o queixo, e me encarou, eu pude sentir a mudança em sua expressão e confirmei minhas suspeitas. Puta merda do cacete. Ela sabia.

— Você não vai atender? — questionou, docemente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, é alguém do escritório. Tenho certeza que pode esperar até segunda-feira.

— Hum... Será? Porque olha, continua tocando, talvez seja algo importante para ela te ligar às... — ela conferiu seu celular e eu praguejei, em segundos, todos os palavrões que eu tinha conhecimento. — ... nove e meia da noite, não deve ser um assunto de trabalho. Atende.

— Eu tenho certeza que pode esperar. — repeti, e o cacete do telefone continuou lá, vibrando.

— Ok, escuta aqui, Teo, apesar de dançar, eu não tenho talento para a interpretação. Você vai me dizer quem é Suzana? — Malu cruzou os braços.

— Ela trabalha comigo, Malu. Nada importante.

— Então, são assuntos de trabalho que ela quer tratar agora?

— Eu não sei, mas sei que eu estou aqui com você e não tenho o menor interesse em atender a um telefonema dela agora. — eu fiz uma carranca. Malu me olhou em silêncio por alguns segundos.

— Quem é Suzana?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu respirei fundo.

— Como você soube quem é Suzana? Porque você sabe. — retruquei, passando as mãos na minha cabeça.

— Não, eu não sei, eu estou bem aqui esperando você me dizer, assim como você me perguntou do Adriano, e olha, prometo não te interromper. — ela sorriu. Era um sorriso maldoso. E continuava lindo, ainda assim.

— Ok. Vamos lá.

— Estou aguardando.

Eu quase sorri, porque a despeito da sua atitude leve e quase descuidada, eu podia sentir sua raiva saindo em ondas. Mas eu não era louco de sorrir agora, nem fodendo.

— Malu, eu tive um tipo de... — eu quase disse “acordo”, quase, mas, sabiamente resolvi procurar um termo melhor. Pigarreei. — Bom, eu e a Suzana, que trabalha lá na empresa, tínhamos um tipo de ajuste. Nós tínhamos sexo quando era conveniente, sem amarras, sem nenhum tipo de compromisso. Isso, no entanto, não nos impedia de ficar com outras pessoas, por exemplo. Era isso.

— Sei. Esse *ajuste* é bem parecido com o que nós temos. Entendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A porra que é. No nosso caso, nós não estamos tendo sexo com outras pessoas. — rosnei para ela.

Ela me ignorou, e fez um gesto com a mão.

— Continue.

— É isso.

— É isso? Então, essa mulher, Suzana, soube que você tem um novo *acordo* e vocês terminaram? Por que você não está mais com ela, não é? O lance da exclusividade. — ela estava muito puta. Que diabos... Então, eu soube.

— Foi a Julia? Como a Julia acabou te contando sobre a Suzana? — eu quis saber, atento.

— Eu já te disse, não sei sobre a Suzana, como eu poderia saber, se você não me contou?

— Não subestime minha inteligência, Malu.

— Nem você a minha. E me diga: esse ajuste de vocês ainda está valendo?

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 20



*É a maneira que você sabe
o que eu achava que sabia
É a batida que meu coração
pula quando estou com você*
Crazy In Love
Beyonce



Por algum tipo de coincidência bizarra, eu não precisei perguntar diretamente nem dizer com todas as letras como eu tinha ficado sabendo sobre Suzana. Apesar de que, em algum momento, eu teria que fazer isso, mas não era essa agora a questão central.

No celular de Teo, como um lembrete em neon da forma como eu me sentia por dentro, o nome da mulher surgir na tela bem no momento em que eu estava começando o que eu chamei internamente de "renegociação dos termos do acordo". *Meus* termos do acordo, daquela vez. Obrigada, de nada.

Eu havia me preparado psicologicamente para aquela conversa com Teo, desde aquela interação com ele aquela manhã, e a conversa posterior com Stella. Tinha depois colocado, ou

pelo menos tentado colocar, minhas sensações, sentimentos e certas angústias em foco, para tentar entender o que eu estava sentindo exatamente ao pensar na possibilidade de Teo estivesse com outra pessoa ao mesmo tempo que comigo, mesmo que tenha sido ele a falar de exclusividade.

Se Teo tivesse seguindo exatamente o que ele próprio havia estabelecido, tudo bem. Mas não, ele estava o tempo todo mudando as coisas e me deixando sem saber com o que lidar. Era casual, esporádico, informal? Ok, vamos lá. Entretanto, não era o que estava acontecendo. Eu sentia na minha pele e em outros locais mais íntimos também, vamos ser sincera, a sua possessividade, seus ciúmes, suas cobranças; e olha que estávamos a pouquíssimo tempo juntos. Eu também estava começando a me sentir assim, queria saber mais do que apenas como era o seu corpo.

Desse modo, me preparei para "batalha" que teria com ele aquela noite, onde eu expressaria minhas insatisfações com os sinais confusos que ele estava emitindo. E diria também, que eu queria ter o mesmo direito dele de fazer perguntas, exigir, saber, se ele continuasse daquela forma. Mas, mais do que tudo, eu queria tirar a limpo aquela história

da "quase namorada" do escritório que tinha me deixado louca.

A história da ex-mulher, que de acordo com opinião da própria filha ainda achava que o casamento existia, podia não ser exatamente culpa sua, então, eu iria com calma aqui e depois tiraria minhas próprias conclusões. Alguns ex enchiam o saco mesmo. Quem sou eu para falar, não é mesmo? De qualquer jeito, eu só ficaria de olho naquilo. Mas, por enquanto, repensei, eu não ia questioná-lo. Agora, a do escritório, ele não ia escapar.

Senti o sangue subir para minha cabeça no momento em que vi esse nome que estava me atormentando, lá no seu celular, pois eram as minhas suspeitas se confirmando. Isso, de certo modo, me assustou, a intensidade dos ciúmes que eu senti me corroendo, aquela sensação horrível que era uma mistura de frio no estômago e o calor da raiva se espalhando. Mas havia também a insegurança. Como essa mulher seria? O que significava para ele? Eu me recriminei porque não deveria estar me importando naquele nível, mas não consegui evitar.

Eu nunca pensei em mim mesma como uma

mulher *muito* ciumenta. Claro que eu sentia ciúmes, isso era normal. Eu namorei durante uns três anos um cara com o Adriano, por exemplo, bonito e charmoso, que foi meu primeiro amante, meu primeiro namorado sério, e sentia ciúmes dele. Mas aquela sensação que eu senti agora mesmo desnorteou como eu não esperava que fosse fazer, em um tempo tão curto.

Então, agora, sentada neste local lindo que eu nem tinha devidamente apreciado, bebendo esta cerveja que deve ser maravilhosa, mas que eu nem estava sentindo o sabor direito, e olhando em seus olhos verdes crepitantes, eu fiz uma pergunta fundamental para a qual eu estava doida para saber a resposta dele.

— Nem você subestime a minha. E me diga: esse ajuste de vocês ainda está valendo?

Teo não moveu um músculo, continuou me olhando daquele modo que fazia minhas entranhas se contorcerem, que me dava vontade apenas de pular no seu colo, beijá-lo, agarrá-lo com força e pedir que ele suprisse aquele fogo que consumia, aquela ânsia de senti-lo em mim. Mas respirei fundo e tentei afastar aqueles pensamentos que me distraíam. Foco, Malu. Ele pegou seu copo, olhou

no fundo por uns segundos, bebeu lentamente, como se considerasse a minha pergunta. E, enquanto isso, meu pulso estava acelerado e eu senti um frio subindo por minha espinha.

Se ele dissesse que sim, que não abriria mão de uma pessoa que conhecia antes de mim ou qualquer coisa do gênero, ou perguntasse se poderia ficar com as duas, eu lamentaria. Mas me levantaria, agradeceria pelos bons momentos e iria embora. Melhor agora do que mais tarde, quando eu já estivesse mais envolvida por ele.

— Não, Malu, não está mais valendo. Eu não transei com mais ninguém desde que fomos para a cama juntos. — ele informou, com voz grave, o cenho franzido, como se estranhasse ouvir sua própria voz dizendo aquilo.

Eu continuei o encarando, sentindo um novo tipo de calor por dentro ao ouvir aquilo, *mas não era suficiente*. Eu ia seguir, por enquanto, uma linha parecida com a que ele tinha seguido comigo no caso de Adriano.

— Ok. E ela *sabe* disso?

Senti o seu hesitar, de novo, e novo tombo no meu peito. Apertei meus dentes juntos e voltei a apoiar meus braços na mesa, mão no queixo,

esperando, meu coração retumbando alto em meus ouvidos.

— Ela vai saber, o quanto antes, agora.

— Como é que é? — eu subi um pouco o tom, depois fechei meus olhos, respirei fundo, e voltei a fitá-lo, notando que ele tinha ficado mais ereto na cadeira, expressão atenta. Baixei a voz de novo. — Deixa ver se eu entendi: enquanto você ditava regras de exclusividade para mim, ainda está mantendo alguém...

— Não estou mantendo ninguém. — ele passou a mãos entre os cabelos, exasperado. — Eu nem mesmo estava... me relacionando com a Suzana há umas duas semanas antes de te conhecer, Malu. Como eu te disse, nós só ficávamos eventualmente, e quando eu fiquei com você, não havia motivos para que eu fosse prestar contas disso para ela.

— Mas então, por que você estava querendo um lance exclusivo comigo se nem mesmo tinha se resolvido as coisas com ela? — eu revidei, cortante.

— Vou ser sincero com você.

— Eu te agradeceria por isso.

— Malu, escuta. Quando eu te conheci, fui sincero ao dizer que não queria mais do que uma

noite. É geralmente assim que as coisas funcionam comigo. Depois... bom, eu vi que não tive o suficiente de você, de nós, mas realmente não pensei que fosse tanto; não a ponto de ter que precisar reorganizar minha situação com Suzana. Foi apenas isso.

— Trocando em miúdos se não desse certo comigo, ou você não quisesse mais, estava tudo bem, ela ainda estaria lá, à mão, não é?

— Era assim que funcionava com a gente, não me culpe por uma situação que eu não criei sozinho. Ela não é uma criança, estava ciente de tudo, aceitou o que eu oferecia.

Coisa que eu não vou fazer, meu caro, pensei.

— Quanto tempo vocês estão nisso, nesse trato de sexo sem compromisso? — aquilo eu também precisava saber.

Ele novamente pareceu hesitar, mas soltou o ar dos pulmões.

— Uns dois anos, eu acho, nunca contei. Por que isso é importante?

— *Dois anos?!*

— Algo assim, foi logo depois que me divorciei. Isso importa?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, é um bocado de tempo, não é? Já que não é um relacionamento convencional.

— É justamente por isso, eu acho, que durou todo esse *tempo*. Não tinha nada que fosse remotamente convencional entre nós. Só dois adultos que faziam o que queriam de vez em quando sem nenhum tipo de obrigação. Eu nunca pensei nisso como um relacionamento de verdade.

— Sei... a mesma coisa que você acha que estamos fazendo, aqui. — eu retruquei, e não pude evitar a amargura e o sarcasmo frio no meu tom. Um cantinho do meu cérebro, ainda são, dizia para eu ter cuidado, não me expor muito, deixá-lo perceber como estava me afetando. Outra vozinha, gritando mais intensamente, dizia para eu botar tudo para fora, que ele lidasse com isso e foda-se.

— Eu já disse que não. — Teo retrucou, firme. — O que temos é outra coisa. Não sou muito bom com rótulos, com definições, mas pode ter certeza que não é a mesma coisa. Eu não vou te dividir com ninguém, você já disse que também não vai aceitar outras mulheres. Está bom para mim, então, é totalmente diferente. Que merda, eu nem sei por que estamos falando disso, Suzana não é um problema, eu já disse que quero *você*.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela não é um problema? Ela está te ligando numa sexta à noite, ela trabalha com você, no seu escritório, você *ia*... — disse a palavra com um sarcasmo intenso — para cama com ela, então, para mim, isso é a definição de um problema, para quem quer algo diferente.

Teo também aproximou-se novamente de mim, a mandíbula tensa.

— Eu vou te dizer uma coisa, preste atenção: eu não estou mais ligando para regras, prazos, ou qualquer outra coisa que ponha limites no que nós temos. Então, *não*, eu não tenho mais um "acordo" com Suzana, e nem com nenhuma outra mulher enquanto estivermos juntos. Será apenas nós dois.

Eu cruzei minhas pernas para o outro lado, aparentando calma, mas estava elétrica por dentro.

— Certo, então, só vou repetir mais uma perguntinha que eu acho que você não ouviu, da primeira vez: ela *sabe* que não está mais com você?

Ele balançou a cabeça e depois sorriu, como se não pudesse evitar, e eu lhe enviei um olhar gelado.

— Do que você está rindo?

— Se você soubesse como fica linda assim

ciumenta. — ele disse, alargando o sorriso que me deixava com as pernas bambas, cruzando os braços sobre o peito. Eu o fitei, incrédula.

— Você está *rindo* de mim? Desculpe, mas você não vai me distrair. — eu avisei, a voz firme, ou eu esperava, porque por dentro aquele sorriso me fez derreter um pouquinho. Um pouquinho só. Foco de novo, Malu, pensei. Não acabamos ainda.

Ele suspirou.

— Olha, eu só não disse isso hoje a ela porque estávamos no ambiente de trabalho e tínhamos outras coisas para resolver, mas pretendo ter uma conversa com ela o mais rápido possível e deixar as coisas claras. Pode ser por telefone, inclusive.

— Então por que você não quis atender agora?

— Você queria que eu fizesse isso aqui, agora?

— Não, isso é realmente um problema seu. — eu suspirei, cansada. — Mas eu espero que você resolva, já que estamos sendo exclusivos e tudo.

— Eu não tenho nada para falar com ela que não possa esperar, já disse, e Malu... — ele chamou, quando percebeu minha raiva. Eu

precisava me conter mais. Não gosto da ideia de ser uma pessoa controladora, não queria aquilo para mim, não queria controlar ninguém, também. O que eu estava exigindo, sim, era que ele seguisse o "código de conduta" que estava impondo a mim. Era isso, ou nada feito.

— Oi.

— Eu sou todo seu. — Teo assegurou, com aquela voz rouca que deixava minha boceta em chamas (eu ignorei conscientemente o pulo que o imbecil intrometido do meu coração deu). Meu primeiro pensamento foi: por quanto tempo? Mas deixei isso de mão.

As tais regras entre a gente tinham mudado, mas ainda era algo em que eu precisava manter certas partes do meu corpo preservadas, tais como o meu coração intrometido, por exemplo. Porque aquele homem tinha um potencial bombástico para arrasar corações desavisados, e eu não podia vacilar com o meu. As coisas não estavam naquele nível. Bebi mais um gole da minha cerveja.

— E qual o local apropriado você acha que deve ter essa conversa com ela, já não é o escritório? — eu disse, docemente, debochada. Ele torceu os lábios, despreocupadamente.

— Não sei, uma padaria, talvez?

— O quê?

— Eu estou brincando, Malu. E eu vou sim ter uma conversa com ela o quanto antes.

Eu agora senti um pouco do incômodo que ele sentiu ao saber que eu tinha ido falar com Adriano. Ele sorriu, então, abertamente, com minha reação a sua provocação. Estreitei meus olhos para ele, mas fiquei em silêncio, séria, o encarando. Depois não resisti e sorri para ele também. Por enquanto, estávamos na mesma página.

Teo pegou o meu pulso por cima da mesa e se aproximou mais, fazendo círculos na minha pele quente.

— Estamos entendidos? Não tem mais Suzana, eu vou me certificar disso. Nem Adriano, ou Roberto, ou qualquer outro cara que por acaso cruze seu caminho. Podemos curtir a nossa noite de forma agradável, agora?

— Teo. — chamei-o. Ele arqueou uma sobrancelha para mim, e eu continuei: — Eu não sou uma boba, não esqueça disso, e não vou aceitar termos como esse que você tem, *tinha*, com essa mulher. Não vou criticá-la, cada um sabe de si, mas comigo isso não estará acontecendo. Você acordou

o dragão, saiba lidar com ele, agora. — sussurrei, e ele sorriu, maliciosamente.

— Vou adorar domar esse dragão. — retribuiu, continuando com as carícias na minha mão. Eu mordi meu lábio, olhando com verdadeira luxúria para ele.

— Se você diz... pode ser que ele dome você, no final.

Ele se recostou, um desafio no olhar, e eu não desviei os meus olhos dos seus, apreciando-o devidamente. Em vez das habituais camisas de botões, com mangas que ele eventualmente enrolava nos antebraços, hoje Teo estava usando uma camisa toda preta de algodão, também de mangas compridas. O detalhe era que essa se moldava a cada músculo da parte superior do seu corpo de forma pecaminosa. Sua calça jeans também era preta, ajustada as suas pernas longas e fortes, mas não colada, e isso, aliada à sua altura impressionante, seu rosto anguloso, másculo, com cabelos louros e aquela barba, era um conjunto impressionante.

Hoje, quando entramos no pub, um grupo de mulheres sentadas próximas a uma torre de cerveja, sorridentes, quase babaram nele, algumas

discretamente, outras nem tanto. Eu tinha consciência da beleza arrasadora de Teo.

— Agora que chegamos a um consenso sobre o que está acontecendo aqui e resolvemos o que você queria saber... — Teo começou.

— Ah, mas eu vou voltar a esse ponto, fique sabendo. Ele não está totalmente resolvido. — eu interrompi, delicadamente. Ele acenou com a cabeça.

— Ok, é justo. Bem, como eu dizia, me responda você agora uma questão: como a Julia acabou te falando da Suzana? Nem se incomode em negar que foi ela, por favor.

— Ela não teve a intenção. — defendi, automaticamente.

— Não? Que interessante. Você perguntou, então?

Eu estreitei meus olhos para ele.

— Não, eu não perguntei. Você acha que eu perguntaria isso diretamente a sua filha? — a irritação me pinicou, com aquela sua sugestão. Ele estava sério.

— Eu não quero tirar nenhuma conclusão precipitada, por isso estou te perguntando.

Eu suspirei. Ele estava sendo coerente.

— Eu não sei se você sabe, mas eu já mantinha uma certa afeição com a sua filha, desde que dei aulas para ela na escola. Por isso também ela me seguiu na academia. — expliquei, e ele assentiu, a expressão mais relaxada. — Então, não sempre, mas às vezes nós trocamos algumas palavras ao final das aulas, tomamos um suco. Ela estava me falando da saída de hoje, com as meninas, quando sem querer tocou no assunto. Foi isso.

Ele fez uma cara de quem não tinha entendido a conexão. Eu suspirei.

— Ela disse que talvez você não fosse buscá-la porque tinha um compromisso. E que talvez fosse com essa Suzana. — sibilei o nome, mesmo sem querer. — Foi assim que eu soube.

— Certo, eu tinha um compromisso. E era com você, veja só.

— Satisfeito? Eu não estava usando sua filha para chegar até você, se é isso que você está preocupado.

Ele me olhou em avaliativo silêncio, então disse:

— Eu só precisava saber, não estava te acusando de nada. Isso... essa merda de tentarem

chegar até mim pela Julia, já aconteceu antes. Só estou me certificando.

— Ok, então.

— Ela te falou que ia sair hoje, foi?

Eu me remexi na cadeira, atenta.

— Sim, bem rapidamente. Apenas me disse como o pai era ciumento e mandão, e claro, eu não faço ideia do porquê ela diria algo assim sobre você. — desviei, habilmente. Ele deu uma risada breve, e meu Deus aquele homem sorrindo deveria vir com aviso de perigo sim definitivamente.

— Eu não sou um cara ciumento, de jeito nenhum. Só gosto de proteger o que é meu.

— Nossa, super diferente, e o nome disso é possessividade, aliás.

— Pode ser, mas é o que faço. — ele assegurou, e eu não tinha dúvidas disso

Conversamos mais um pouco, descontraidamente. Logo depois um cover de uma banda de rock começou a se apresentar, e apreciámos a música entre uma troca ou outra de carícias leves. Não era o meu estilo preferido de música, mas eu sabia apreciar, ainda mais em boa companhia. Eu observei, fascinada, quando em algumas canções, Teo acompanhou, cantando junto

baixinho.

Depois de algum tempo, eu percebi que precisava ir ao banheiro, já havia bebido mais do que imaginava.

— Você me dá licença? Preciso ir ao banheiro.

Os banheiros ficavam na outra extremidade, e eu me encaminhei para lá. Quando voltei, Teo estava falando ao telefone, e eu fiquei curiosa, mas silenciosamente me sentei à sua frente e retomei minha bebida. Os petiscos que ele tinha pedido quando chegamos já estavam na mesa, e eu me servi um pouco.

— Ah, cara, isso eu não sei, não vou ficar resolvendo suas pendengas domésticas. Ela disse que não poderia, mas que a filha dela está procurando um trabalho e que poderia estar na sua casa amanhã pela manhã para que você pudesse entrevistá-la, ver se ela serve para você, o que for. — ele estava dizendo. Encarou-me e pediu um minuto. Eu acenei, e olhei em volta.

— Porra, Marcos, como eu vou saber? Eu não conheço a filha dela, mas se d. Amélia diz que ela é capaz de limpar seu apartamento, é porque ela é. *Aaaaah, meu pau.* — ele disse, baixo, irritado, eu

não pude evitar sorrir. — Cara, acorda cedo, recebe a mulher às 8 horas e pronto, ou então liga para ela e pede para te procurar só na segunda, sei lá. Não foi você que disse que estava com pressa? — ele ouviu, então bufou. — Eu imagino, sendo o babaca bagunceiro que você é. Faz assim, o nome dela é Alice, e dona Amélia me deu o contato. Vou te enviar e você se resolve. Era só o que me faltava... — pausa, então ele sorriu e me olhou. — Sim, e você está atrapalhando. Valeu.

Quando ele desligou, soltou um suspiro frustrado.

— Marcos, achando que nós ainda temos dez anos de idade e eu vou resolver problemas para ele. — resmungou. Eu achei legal o fato de que mesmo xingando e querendo sempre se livrar dos amigos, ele não escondia o carinho que sentia por eles. Mesmo que fosse um carinho bruto, notei, sorrindo.

— Eles são seus amigos há muito tempo, os caras da boate? Marcos é um deles, não é? — Eu perguntei, realmente interessada. Ele me fitou, depois cruzou os braços.

— Marcos e Diego são filhos da tia Abigail, irmã da minha mãe, então fomos todos criados

juntos depois que os meus pais morreram. Como eu e Diego somos os mais velhos, frequentamos a universidade quase ao mesmo tempo, enquanto Marcos ainda estava no ensino médio... ele sempre foi o mais novo enchendo o nosso saco. Eu sempre fui muito ligado a Diego, mas depois de um tempo, eu acabei sendo mais próximo a Marcos, também.

— E por quê?

— Bem, por nossas personalidades, talvez. Diego é um cara mais sério, fechado, e Marcos é o oposto disso, mas eu me dou muito bem com os dois.

— E o dono da boate?

— O que tem ele?

— É seu amigo, também, não é? — dei de ombros, diante de sua expressão meio mal-humorada.

— Ricardo também se aproximou mais da gente da universidade, mas já era um velho conhecido nosso então, meio que formamos um grupo desde essa época. — ele bebeu sua cerveja.

— Sei, o Diego eu não lembro de ter visto na boate.

— Diego estava meio ocupado na hora. — ele sorriu como se fosse uma piada interna, e eu

deixei para lá.

— Marcos é aquele de cabelos pretos e olhos azuis, não? O que estava no bar da boate conosco quando Stella chegou?

Ele estreitou os olhos.

— Boa memória pros detalhes, você tem.

— Hum, acho que sim. — eu pisquei para ele, e ele fechou a cara.

— Não me provoque, moça.

Fiz uma expressão inocente para ele, e Teo aproximou-se por baixo da mesa, espalmou a mão grande e quente na minha coxa direita desnuda e apertou de leve, enterrando os dedos na minha carne. Sua palma era quente. Então, ele deslizou mais para cima, e depois para baixo, e eu senti aquela carícia em várias outras partes do meu corpo. Ele estava sério, e quem visse de longe, não imaginaria o que ele estava fazendo comigo ali.

Como estávamos sentados perto, eu me inclinei em sua direção e ele intensificou o contato, subindo mais pela entrada do meu short. Minha respiração engatou e eu engoli em seco, olhando discretamente em volta, mas ninguém parecia reparar em nós.

— Teo... — avisei, amolecida com a

carícia, começando a ficar meio ofegante.

— Nunca mais... — ele se aproximou mais ainda, e deu uma mordidinha no lóbulo da minha orelha. Eu dei um gemidinho. — Diga na minha frente que reparou dessa forma em outro cara.

— As pessoas vão ver. — eu sussurrei, quando senti a sua mão nas minhas costas nuas, afagando minha pele.

— Não vão. E Malu, essa sua blusa... quando você está de costas, parece que você só está usando o short na parte de trás. É tentadora.... — ele murmurou com a respiração quente roçando minha orelha, minha bochecha. Fechei os olhos de leve. Quanto tempo fazia mesmo que não tínhamos transado? Um dia, dois? Parecia uma eternidade.

— É um *body*. — eu sussurrei, bobamente, e ele fez uma cara de quem não fazia ideia do que eu estava falando.

— Sei. Eu quero morder e lamber suas costas agora, então, parabéns pela escolha do *body*. — mais sussurros no meu ouvido, mas círculos quentes nas minhas costas. Eu estava excitada, úmida, então, quis pagar na mesma moeda. Estiquei minha mão e toquei diretamente em sua ereção, que eu sabia que estaria em ponto de bala ali. E não me

decepcionei. O volume era de dar água na boca, e deu mesmo. Apertei de leve, pegando a extensão dura que estava marcada no jeans, moldando o seu tamanho com os meus dedos. Teo grunhiu baixo no meu ouvido.

— *Caralho*, não faz isso...

— Então não me deixe molhada e excitada bem aqui, também. — respondi, atrevidamente, e ele sorriu, me dando um olhar absolutamente erótico.

— Você está molhada... *Putá merda*. Malu, se você quiser ficar mais ainda nós podemos, mas...

— Teo. — dessa vez fui eu que falei em seu ouvido, e aproveitei e passei a língua por ele, bem devagar. — Quer saber o que eu *realmente* queria agora?

Ele estreitou os olhos e esperou. Eu massageei de leve sua potente ereção, traçando o contorno delicioso com minha palma. Ouvi ele soltar um som gutural. — Eu queria *isso tudo* dentro de mim. Bem fundo, bem forte. — completei, num sussurro rouco. E me afastei, com uma expressão perfeitamente inocente, olhando ao redor.

A sua respiração acelerou mais ainda, seu

pomo de Adão subiu e desceu em um movimento que eu achei incrivelmente sexy.

— Só me dá um tempo para... você sabe, eu não ficar constrangido aqui, ao levantar, e estamos saindo daqui. — ele murmurou, e deu um beijo no meu pescoço. — Então, comporte-se.



Quando saímos do pub percebi que estávamos tomando um caminho diferente da minha casa.

— Aonde estamos indo?

— A um flat. Aluguei para que possamos ter mais privacidade hoje, mas se você preferir ir para minha casa... — Teo respondeu, tranquilo. Eu pensei sobre isso, e resolvi que não queria lidar com aquilo assim.

— Hum, pelo menos hoje não. Não quero que a sua filha saiba assim que eu... que nós, bom, eu falei com ela hoje, tivemos uma conversa sobre você, e do nada ela topa comigo na sua casa? Não, não vou me sentir confortável com isso.

— Ok, eu entendo, mas fora isso, não há nada que me impeça de te levar para minha casa, certo? — ele me olhou, firme, e eu assenti.

Logo estávamos chegando a um hotel muito elegante, no qual certamente eu nunca tinha entrado, no máximo passado na porta. Eu não vou mentir que não me senti um pouco estranha, deslocada, pensei se minha roupa estava adequada. Depois respirei fundo, enquanto ele pegava o cartão, e tentei deixar esses pensamentos incômodos para trás.

Novamente, quando um casal vestido elegantemente já estava dentro do elevador e nós estávamos entrando, eu senti-me levemente incomodada com o olhar frio que a mulher me deu, digitalizando-me de cima a baixo com evidente desgosto, mas Teo segurava a minha mão, então eu me aproximei mais dele e pus a mão em seu peito, levantando meu queixo de leve para ela. Nada de me sentir inadequada, assegurei a mim mesma. O homem, por outro lado, me olhou abertamente, apreciativamente, mas rápido, e logo passou a fixar a parede a sua frente com interesse rígido, e eu imagino que tenha topado com o olhar verde de Teo por cima da minha cabeça. Sorri.

Chegamos ao andar e ele abriu o quarto. O local era lindo, decorado com elegância, amplo, e da sala eu pude ver uma grande varanda com uma

vista maravilhosa e o que eu imaginava que fosse uma piscina. Encantada, mas não querendo dar uma de bocó, virei-me e o encontrei recostado à porta, braços cruzados, observando-me, uma expressão séria que me desconcertou por um segundo.

— O que foi?

— Por que você terminou com o seu ex?

Surpreendida pela pergunta, eu cruzei os braços, momentaneamente perdida.

— É sobre isso que você quer falar agora, jura? — eu desviei, rolando os olhos para ele. Teo não sorriu, só aproximou-se, lentamente, como um felino, muito alto e loiro e gostoso, e eu perdi a concentração em qualquer coisa que não fosse ele se aproximando. Bem perto de mim, ele pôs as duas mãos na minha cintura, me encarando, seu peito forte colado ao meu. Ainda precisei levantar o queixo para olhá-la, mas não muito, com as plataformas que eu usava.

— Não, só uma curiosidade mórbida que me bateu agora. Você vai responder?

— Ele me traiu. — disparei, rápido, antes de pensar muito. Talvez fosse bom ele saber daquilo, afinal. Teo apenas assentiu, se ficou surpreso ou queria saber mais, não demonstrou.

Então, eu resolvi, não sei por que cargas d'água, revelar mais. — Quando estávamos prestes a nos casar.

Agora ele arregalou um pouco os olhos, e eu senti um pouco de tensão em seu corpo forte, nas mãos que me apertaram um pouquinho mais na cintura.

— Você ia *casar* com esse cara? — ele finalmente disse, como se fosse uma ideia absurda.

Eu dei de ombros.

— Sim, ia. Era meu namorado, meu noivo, eu o amava e...

— Besteira. — ele grunhiu, e tomou a minha boca com um beijo abrasador, que ele sabia que me derreteria toda. Enlacei-o pelo pescoço, me ajustando nele, e dei acesso a sua língua habilidosa, que passou a se mover de modo erótico, junto com a minha. Teo chupou levemente a minha língua, eu gemi, e depois senti-o mordendo meus lábios enquanto apertava a minha bunda com as duas mãos grandes e quentes espalmadas, me pressionando contra seu corpo musculoso. Já podia sentir seu pau rígido na minha barriga, e nossos beijos estavam me deixando sem fôlego.

Quando ele se afastou brevemente, encarou-

me com o olhar pesado, repleto de desejo, sem tirar-me do círculo dos seus braços.

— Que bom, então, que ele foi um imbecil. — disse, e eu já tinha até esquecido que ele estava falando do mala do Adriano. Os beijos de Teo tinham aquele poder sobre mim, notei, tiravam o meu eixo.

— Sim — eu confirmei apenas, tocando seus lábios com meu polegar. Rápido, ele deu uma mordida na ponta do meu dedo, eu gritei, e depois ri. Nós dois rimos, e aquele momento, rápido, me deu uma sensação estranha, de algo bom, mas perigoso, insidioso, justamente por que não era o que nenhum de nós dois estava delineando, a longo prazo.

Teo, então, pôs a mão no bolso da calça e tirou o celular, me fazendo um gesto que precisava fazer aquela ligação, e o momento se foi. Ele apontou a varanda para mim e eu me dirigi lentamente para lá, não que eu quisesse ouvir o seu telefonema nem nada, eu só estava apreciando a mobília elegante e as cores neutras do lugar, claro.

A varanda era maravilhosa e havia mesmo uma piscina. Que maravilha, pensei, ouvindo a sua voz grossa chegar até a mim, quando ele veio se

aproximando de onde eu estava.

... — Ok, então. Na lanchonete. Você tem um tempinho, ainda, querida. — ele estava dizendo, um sorriso na voz. — Julia, o que nós combinamos? — ele ouviu um pouco mais, eu me virei e notei que ele tinha o celular preso entre o ombro e o pescoço, trazia duas taças de vinho nas mãos e me estendeu uma.

Eu aceitei e beberiquei. Meu Deus, eu precisava dizer ao Teo sobre a minha baixa tolerância à bebida alcoólica. Ele continuava falando ao telefone.

— Não importa onde eu estou, eu que sou o adulto aqui, certo? — ele sorriu, falando com a filha, certamente. Então ficou muito sério, de repente, seu olhar quente me varrendo, ali sentada, e tomou um generoso gole da sua própria taça de vinho. — Não, eu provavelmente não vou voltar para casa hoje.



Capítulo 21



*Fluxo continuo, pensamentos
chegam como borboletas
Even Flow
Pearl Jam*



Os adultos pensavam que eram muito espertos. Eu ria sozinha a caminho de casa, naquela manhã, assim que saí da academia e da conversa muito proveitosa com Malu, na lanchonete. Quer dizer, eu já era quase oficialmente uma adulta, mas, enquanto isso...

O que eu não era mesmo era boba, ainda que o querido do meu pai achasse que eu ainda fosse um bebê aos 17 anos. Que eu não perceberia, por exemplo, como ele havia ficado com uma cara de quem tinha acabado de ser nocauteado assim que viu a Malu pela primeira vez. Coitado, ele achava mesmo que eu não percebia essas coisas? As cantadas que ele dava por aí, as mulheres sempre caindo ao redor dele aonde quer que ele fosse, os telefonemas e quando ele não voltava para casa, enfim. Eu sacava tudo, ou quase.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela primeira vez que notei o interesse dele, achei normal, porque o meu pai é homem e tal, e várias mulheres — e meninas, infelizmente, porque eu tinha uma penca de colegas que só faltavam desmaiar quando o conheciam — davam em cima dele, e ele também “ficava” muito por aí. Então, foi natural a sacada boa que ele havia dado na Malu. Eu era tão boa observadora quanto ele, sorte a minha que o meu “paizuxo” ainda não tinha se dado conta que tinha passado bem mais do que apenas a sua poderosa genética toda para mim, sorri, pegando e ajustando meus fones de ouvido.

Ainda assim, eu só tinha me dado conta *mesmo* de que algo estava, ou pelo menos ia acontecer, quando os vi do lado de fora da sala de dança. Eles esqueceram que eu estava lá? Observei, fascinada, meu pai de braços cruzados, uma cara de quem estava puto da vida, olhando para Malu. Eu já tinha percebido que ele não tinha ido embora, tinha ficado parado lá observando-a dançar, e depois assistindo a sua dança com o professor Roberto. Eu fiquei pasma. Meu pai estava zangado com a cena da dança! Como assim?!

Mais atenta ainda, notei quando Malu terminou, o Roberto tocou nela, porque ele sempre

estava fazendo isso, dando em cima dela de forma nem tão sutil, aquele idiota, e depois ela foi falar com meu pai. Por que ela iria falar com ele se eles mal tinham trocado duas palavras quando eu os apresentei? Aí tinha coisa.

Cada vez mais surpresa e, porque não, admirada, eu vi a breve conversa, mas não me aproximei logo, fiquei lá notando a sua tensão, de costas, e a carranca que o meu pai fazia, tão zangado como quando eu, raramente, aprontava algo ou desafiava ele. Então, sem conseguir mais vencer minha curiosidade, fui ao encontro deles e perguntei o que estava acontecendo. Malu veio com aquele papo de que ele tinha perguntado pela dança, ela tinha explicado sobre a mudança de horários *blá blá blá*. Conversa. Eu quase reviro os olhos para ela, pedindo paciência. Eu não tinha nascido ontem, meu pai nem sabia dessa mudança de horário da noite. E aquela cara de zangada que ela também não conseguia disfarçar? Bingo. Ali definitivamente tinha algo, e eu precisava, então, tirar a prova definitiva.

Quando nossa aula terminou, eu ainda estava com aquela sensação de que estava prestes a descobrir algo, ou confirmar, então fiz um convite

para ela me acompanhar em um suco, na lanchonete.

A primeira coisa que eu fiz foi jogar um verde sobre o fato do senhor Stein, vulgo meu pai, ser um cara mandão e ciumento. E Malu caiu logo de primeira! Como ela podia saber que ele era ciumento? Fiquei tão eufórica, me senti a verdadeira Lois Lane descobrindo o Clark Kent. Ou o Batman, em uma das suas missões descobrindo tudo por aí. Se você ainda não percebeu, eu sou uma verdadeira nerd, sempre fui. Mas besta, ah, não, isso eu não sou não.

Quando a conversa prosseguiu eu já estava fazendo mil planos, tentando entender, saber onde eles tinham se topado por aí fora da academia, mas o mais importante, eu gostei da ideia dos dois terem ficado juntos, ou o que quer que eles realmente tenham feito, pensei, com uma risada maliciosa. Meu pai estava sempre ficando com mulheres aleatórias por aí, fora a Suzana, aquela do escritório, que estava sempre tentando ser oficial. Ah, eu sabia, ele achava que não, mas eu notava, nas poucas vezes em que a encontrei, percebi.

Uma vez, em uma festa de final de ano, em um hotel super chic, eu fui como acompanhante do

meu pai. Isso já tinha uns dois anos, foi logo assim que ele e minha mãe oficialmente se separaram. A Suzana estava lá, e pelo seu olhar, eu vi que ela queria estar na nossa mesa, queria ocupar o lugar que eu estava ocupando. Mas o meu pai, *ah*, o meu pai era um cara que parecia não se importar muito com as mulheres com quem ele ficava.

Então eu vi isso hoje com a Malu e *opa...* tinha que ficar ligada. Quem sabe até dar uma força? Bom, por que não? A Malu era linda, eu gostava de conversar com ela, era pé no chão, engraçada, estava sempre me dando conselhos legais desde que comecei nessa história de dançar. Ela parecia ser alguém legal para ele.

Conversei com ela sobre a minha saída com as meninas e até falei do Arthur. Bom, o Arthur... ai ai. Mesmo que meu pai parecesse achar que eu ainda não estava ainda interessada em meninos, eu estava. Certo, não exatamente em *meninos*, o Arthur, apesar de ter apenas 19 anos, era totalmente diferente dos meninos da escola. Era sério, estudioso, entendia das coisas que eu gostava, e o melhor de tudo, quando eu olhava para ele, sentia umas coisas estranhas que eu nunca senti com nenhum carinha antes.

Se você está curiosa, vou logo adiantando, sim, eu sou virgem. *Ainda*, que fique claro, mas apenas porque eu realmente não tinha encontrado ninguém que me fizesse querer dar o próximo passo. Eu quase não tinha ficado com muitos meninos, alguns apenas, e tinha rolado uns beijinhos, uma mão boba aqui e ali, mas nada muito empolgante. Eu preferia meus heróis e meus jogos de vídeo game, já que os meninos que eu conhecia eram uns babacas que só queriam sexo.

O Arthur, no entanto, desde a primeira vez que eu o vi, fiquei encantada. E aí, eu vi a sua namorada e meu mundo caiu... Ela era linda, morena, cabelos pretos como o dele, corpo maravilhoso, toda maquiada e definitivamente não se parecia com uma nerd acanhada e sem sal como eu. Ela parecia mesmo uma mulher. Eu me resignei e fiquei na minha, afinal, não ia me meter com um cara que tinha namorada, mesmo que eu achasse que estava apaixonada por ele, porque certeza mesmo eu não tinha.

Então, entra a Malu na minha história. Nas aulas, ela estava sempre dizendo sobre como a dança era uma forma de nos expressarmos com o corpo, como nos dava segurança sobre nossos

movimentos, melhorava nossa autoestima, nos fazia ter mais consciência de quem nós éramos. Era isso, pensei! Eu precisava me mover como ela, ter a sua segurança, ser mais feminina, e assim eu ia fazer o Arthur me notar. Então passei a praticar mais e vim parar nas suas aulas nessa academia. Eu não tinha dito a ela que essa era a verdadeira razão para que eu tivesse procurado a dança, ou o tanto que ela própria, e suas palavras nas aulas, me influenciaram a tentar ser diferente, a sentir que eu não era a desengonçada que minha mãe achava que eu era.

Eu sabia que eu bonita. Ah, linda, vai, eu tenho espelho em casa, e como disse, eu pareço com meu pai, e se ele é lindo, eu também era. Mas ser bonita e sentir-se bonita, estar segura disso, saber usar isso no dia a dia, eram coisas diferentes. Eu me escondi durante esse tempo todo em uma fachada de menina que não estava nem aí para aparência, para maquiagens, para beleza, principalmente para ser diferente da minha mãe, porque eu não queria agradar meninos com minha aparência.

Quando eu vi o tipo de menina que o Arthur estava, no entanto, eu percebi que ele nunca iria me

notar. Bem, aí ele terminou o namoro, a Paty me confidenciou, tinha passado para o curso de Direito e ia começar uma nova fase na vida. Ok, eu também iria, então, eu resolvi ousar um pouquinho.

Praticamente implorei a Paty que o convidasse para a inauguração da loja, e ele, por incrível que pareça, aceitou. Então, eu tive uma ideia maravilhosa. Em vez de sair de casa, porque meu pai ia me levar ou pedir para o Campos fazer isso, Deus me livre, eu decidi levar uma mochila com minhas coisas e me arrumar lá na casa dela. Eu tinha dito essas coisas para a Malu, e vi que ela tentou sondar mais, se preocupou. Quis saber se o Arthur era responsável e tudo. Foi fofo.

Viu só como eu achava fácil me abrir com ela? Não era para todas as minhas amigas que eu falava que estava interessada no Arthur. Além de Paty, que não conseguia entender o que eu via no chato do seu irmão — palavras dela — só a Mônica sabia. Naquela noite, eu ia me vestir ligeiramente diferente do que eu costumava fazer.

Mas na lanchonete, eu estava realmente dando voltas, conversando, querendo chegar no *xis* da questão, ou seja, a hora que eu, acidentalmente falaria da Suzana e veria a sua reação. E Meu Deus

do céu! Eu quase cuspo meu suco quando olhei para cara da Malu. Queria rir, mas não podia, e fiquei lá vendo os seus olhos quase saltarem antes de ela disfarçar novamente, mas então ela perguntou, realmente perguntou, *Suzana*? Quem ia perguntar assim com aquele tom, sobre uma pessoa que não conhecia e era uma quase namorada de um cara que você também não conhecia?

Como eu disse, adultos... Foi como tirar pirulito de criança. Eu não estava fazendo inferno, só queria que ela soubesse que tinha alguém na área, e se meu pai não tivesse dito, que ela descobrisse de alguma forma. Porque homem, eu sabia, era um bicho que não prestava, e mesmo sendo meu “paizuxo” que eu amava mais do que tudo no mundo, era homem, né? A gente tinha que se unir.

Aí você me pergunta, você não tem ciúmes do seu pai? Claro que sim. E isso muda o fato de que ele transa ou vai transar com metade da cidade se der na sua telha? Não. Ali, pelo menos, era uma mulher que eu conhecia, que eu conheço antes dele na verdade, e que eu gostava e admirava. Não era melhor do que uma qualquer que ele encontrasse por aí e que de repente passasse a querer ser minha

mãe? Credo. E papai tinha uma tendência a gostar dessas mulheres engomadinhas e cheias de frescuras, que provavelmente iam querer encher o meu saco. Então, no fim das contas, eu estava só dando uma mãozinha, de leve, para ele ficar com alguém diferente, mais perto da minha idade, *ei*, isso era legal!

E eu aproveitei e joguei uma informaçãozinha sobre minha mãe, só para ela ficar ligada. Minha mãe, Amanda, a mulher que só se importava com ela própria e com meu pai. Que provavelmente só me queria na sua casa para aproveitar a oportunidade de falar com ele, de ligar para ele, de estar ainda perto dele. O seu mundo ainda girava em torno do meu pai, essa que era a verdade.

Eu estava na casa dela às vezes, eu via isso. A minha mãe nunca estava com ninguém, nunca saía com ninguém, e estava sempre falando com aquelas amigas ao telefone como se ainda fosse a sua esposa. O meu pai não percebia aquilo?!

Eu sabia que papai fazia de tudo para melhorar o meu relacionamento com a minha mãe. Para que eu quisesse estar com ela, para que a gente se aproximasse mais. O problema era que não havia

relacionamento, não havia nada. Ela ficava sorridente e no modo mamãe carinhosa só enquanto estava perto dele, depois ficava me perguntando tudo sobre aonde ele ia, com quem estava, o que tinha feito. Claro que eu não dizia nada e ela ficava zangada comigo, me acusava de não querer ajudar a ter a nossa família de volta e por aí vai. Eu disse a ela, no final de semana, que minha família estava completa, pois eu morava com meu pai. Óbvio que ela soltou fogo pelas narinas, e aí, meu final de semana só não foi um inferno completo porque eu tinha a minha melhor amiga comigo.

Ah, e por que eu não contava para o meu pai o que acontecia na casa da mamãe? Eu contava. Já contei algumas vezes, ele reclamava com ela pela forma como ela lidava comigo, ela choramingava e dizia que ia mudar, aí voltava a insistir em estar próxima a mim, e tudo voltava de novo. Era triste, saber que eu só era um instrumento para chegar no meu pai, usada pela minha própria mãe. Já me machucou mais, antes, já doeu muito mais, agora eu meio que aguentava para que *ele* não se sentisse mal, também. Porque eu via o seu esforço e queria mostrar para ele que eu estava tentando. Eu o amava tanto, tanto, que não queria

que meu pai achasse que eu estava sofrendo se ela não viesse mais me buscar. Então, eu ia lá e aguentava, por ele.

Mas minha mãe era difícil, sempre havia sido. Eu cresci aguardando ansiosamente a hora que meu pai chegasse e eu pudesse pular nele, sentir seu cheiro, ser abraçada com força. Quando ele me chamava de princesa e me colocava nos braços, o dia inteiro de solidão, de lágrimas, de saudades dele, valia a pena. O dia inteiro de rígidas regras de etiqueta para uma menina de 5 anos, como não poder brincar nunca para que eu não me sujasse, de não poder pular para que o cabelo não bagunçasse. Só quando ele chegava eu me sentia viva, gritava, pulava, não queria nunca o largar. E eu sentia, não sei como, mas *sentia* o olhar da minha mãe, lá, querendo aquilo para ela própria, me recriminando com o olhar por ter a atenção dele para mim.

Só quando eu cresci mais eu passei a perceber ainda mais essas coisas, e a sofrer. Eu sofri. Eu chorava porque ouvia minhas amigas falarem do carinho, do afeto, da cumplicidade de ter uma mãe que te abraçava, beijava, que te *amava*... E não uma que te olhava com rancor, que

não perdia nunca a oportunidade de te deixar ver o quão inadequada você era, que seu cabelo estava sempre desarrumado, que suas roupas eram um desastre, que suas escolhas de amigas, de hobbies, de livros, de tudo, era um lixo. E o pior de tudo, eu acho que passei a gostar de tudo que a desagradava com um afinco ainda maior. Era besteira? Não sei, mas desde os doze, treze anos eu fazia o que eu queria, quando meu pai concordava, claro, e tudo isso, era radicalmente oposto ao que ela considerava bom ou adequado.

Eu sei que as mães, de modo geral, brigam, querem que os filhos sejam algo que eles às vezes não querem, mas a minha mãe não era assim. Não. Ela simplesmente não lembrava que eu existia, não me tocava, não perguntava do meu dia, não se importava. A não ser, claro, que o meu pai estivesse perto ou que isso fosse algo que pudesse chamar a atenção dele para ela. Aí ela queria ser uma boa mãe, me pintar, alisar meus cabelos, me fazer usar saltos e vestidos como os seus. Acho que o fato de eu parecer tanto fisicamente ao meu pai era outro problema para ela. Na verdade, não só fisicamente, eu sentia com meu pai uma conexão que não existia com minha mãe. Sim, isso era

horrível de dizer, mas acredite, era pior ainda de sentir.

Eu sentia, à medida que eu ia crescendo, o abismo entre eles. A minha mãe estava sempre lá, linda, elegante, tentando agradar, o jantar à perfeição, o apartamento mais luxuoso do prédio, ricamente decorado, nada fora do lugar. Perfeita. Eu me sentava à mesa sentindo-me doente com minhas camisetas de banda, meus jeans desgastados e meu cabelo em um coque. E eu via como ela me olhava, eu sentia a frieza e algo mais que me dava até medo de tentar descobrir, mas eu tentava ignorar. Nessas ocasiões, eu e meu pai mantínhamos uma conversa enquanto ela ficava lá, rígida. E quando eu espiava, ela me olhava com algo que parecia fúria, rancor. Era como se odiasse não ser o centro das suas atenções e me culpasse por isso.

A partir disso, eu passei a cada vez mais estar longe, mesmo quando meu pai estava junto com ela. Eu via como eles brigavam e não queria, *não queria*, ser a responsável por isso. Não queria que eles se separassem, não por minha culpa. Então, para que ele não brigasse com ela pela forma como ela lidava comigo, eu me trancava, me

refugiava nas minhas revistas, nos meus cds, nas minhas coleções de livros. E fingia que estava tudo bem.

Mesmo quando ele perguntava, ao abrir a porta e entrar no meu quarto ao chegar, eu dizia que estava tudo ótimo, que minha mãe tinha sido legal, que tudo estava bem. Eu acho que ele não acreditava muito, porque franzia a testa, mas não dizia nada, só me beijava na cabeça, me abraçava e dizia que me amava, que eu era sua princesa. E então, eu percebi que ele também não era feliz. Que minha mãe não era realmente capaz de *deixar* alguém próximo a ela ser feliz.

O estopim de tudo foi quando eu ia completar 15 anos. Eu não queria nada, pelo menos não uma festa grandiosa que minha mãe queria preparar, com valsa, vestido de princesa, milhares de convidados, e eu ali no centro de tudo. Só em pensar nisso minhas mãos suavam e meu coração batia como louco, mas ainda assim ela continuou programando tudo.

Então, um dia, meu pai perguntou o que eu queria, e disse que eu poderia escolher outra coisa, caso não quisesse uma festa grande. E eu escolhi. Disse que queria uma ida à *San Diego Comic Con*,

a principal feira de cultura pop dos Estados Unidos, onde amantes de várias artes como quadrinhos e cinema, se reuniam, onde filmes eram lançados e você podia ver os atores, os autores, meu Deus, era o sonho. *Meu sonho*. Meu pai sorriu e disse que eu não poderia ter escolhido presente melhor, e que nós iríamos.

Quando eu olhei para minha mãe, ela estava me olhando com tanta raiva que eu engasguei, chocada. Ela não aguentou dessa vez, sua fachada na frente do meu pai ruiu, ela gritou que eu estava fazendo de propósito, apenas para contrariá-la, que todos os seus amigos já sabiam que nós faríamos uma grande festa, que ela já tinha encomendado o vestido, que eu tinha o prazer de destruir os seus sonhos. *Os sonhos dela!* Eu acho que eu e meu pai percebemos ao mesmo tempo a insanidade daquilo, perplexos. Não demorou muito, um dia, ele veio ao meu quarto e disse que estava pedindo o divórcio, que sentia muito, mas que achava que estava fazendo o melhor para mim e para ele.

Eu sabia que meu pai tinha aguentado muito aquele casamento, mais por minha causa, e me dilacerou que eu, tentando poupá-lo ao dizer muitas coisas que a minha mãe dizia ou fazia, na verdade

PERIGOSAS NACIONAIS

estava fazendo com que ele ficasse mais tempo preso em um casamento que ele não queria mais. Eu então disse que entendia, mas só pedia uma única coisa: que ele me levasse, que por tudo quer fosse mais sagrado, que ele não me deixasse lá com ela. Foi a primeira vez que eu vi meu pai chorar. Em silêncio, ele me abraçou quase me sufocando, e eu senti que ele fazia um esforço enorme para não derramar mais lágrimas, apenas aquela única que eu presenciei, e depois me disse, murmurando em meus cabelos, que ele nunca me deixaria, não havia ninguém na terra que pudesse afastá-lo de mim. Esse era o meu pai. Naquela noite, mais tarde, eu ouvi coisas sendo quebradas no quarto deles, choro, gritos histéricos da minha mãe, e chorei até adormecer, exausta.

Quando voltamos da Califórnia, depois do meu aniversário, eu e meu pai, já que minha mãe havia se recusado a ir a algo tão pouco fino e elegante como uma reunião de gente esquisita, como ela chamava, eles se divorciaram oficialmente e eu fui morar com ele. Era tão errado, estranho, maldoso e egoísta se eu dissesse que foi uma das coisas mais felizes que me aconteceram em muitos anos? Pois é, mas foi isso mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu não estava a par de todos os detalhes, meu pai me poupou de alguns, mas como você já percebeu, eu sou uma boa investigadora, então eu soube que ela abriu mão da minha guarda, mas não de visitas, e meu pai concordou com a condição de que ela procurasse ajuda profissional, que não estaria me deixando chegar perto dela se ela não buscasse entender o porquê de agir daquela forma em relação a mim.

Claro que ela não aceitava, dizia que não tinha nada de errado com a forma como nos relacionávamos, que era apenas algo normal entre mãe e filha, duas gerações diferentes que entravam em confronto de vez em quando. Como meu pai não cedeu, ela realmente passou a consultar um terapeuta, e veja só, ela melhorou, passou a conversar mais comigo, saímos para comprar coisas — ela roupas e sapatos, eu livros e quadrinhos — almoçamos juntas às vezes. E eu via no rosto do meu pai a felicidade por isso estar acontecendo, felicidade por mim.

Mas eu não compartilhava mais tanto assim com ele meus medos, não mais, porque eu não acreditava naquela mudança. Sim, no início eu cheguei a pensar que sim, mas nos últimos seis

meses, eu estava cada vez mais convencida que ela só tinha feito aquilo porque, se não me visse, me procurasse, não poderia vê-lo, estar com ele de alguma forma. E eu não queria decepcioná-lo dizendo isso ou correndo feito uma criancinha para dizer que ela tinha voltado a me pressionar. Eu ia fazer 18 anos, tinha que lidar com a minha mãe eu mesma. Às vezes, eu achava que a mulher que o meu pai via, a socialite elegante, bonita, educada, escondia uma faceta doentia que só se revelava em relação a mim, sua filha. Era uma merda, e não, eu não a queria de volta na vida do meu pai, vamos ser sinceras.

E isso nos traz de volta a ele e Malu. Porque estava havendo um *ele e Malu*, isso eu podia apostar. Então, se eu tinha que torcer, me intrometer, sei lá, seria para que ele tivesse um pouco de algo diferente da minha mãe e daquela Suzana, que era tão parecida com ela. Que ele tivesse um sopro de alegria e vida como eu percebia em Malu, nem que fosse por um breve momento, porque meu pai era um daquela caras pegadores que não assumiam compromisso com ninguém, só queriam sexo. Eu sabia disso também, mas... quem sabe? Se a sua reação a Malu, e a

própria reação dela ao meu pai fosse um indicativo, quem sabe, não é mesmo?



Capítulo 22



*Eu tentei tanto não ceder
Eu disse para mim mesmo que
este caso nunca iria bem
Mas porque eu deveria resistir,
quando, querida, eu sei bem
Que eu tenho você sob minha pele
I've Got You Under my Skin
Frank Sinatra*

Teo

Eu estava oficialmente fodido, pois com Malu olhando para mim, ali naquele *pub*, eu tinha concordado com tudo que eu tinha prometido a mim mesmo não fazer nos últimos anos, desde que me separei de Amanda: ou seja, ter uma única mulher na minha vida, uma que poderia ter ideias erradas sobre chegar ao altar, em algum momento, principalmente uma que estava, de alguma forma, próxima à minha filha, e que poderia, em um piscar de olhos achar que tínhamos um compromisso maior do que eu estava oferecendo.

Na verdade, era pior, porque poderia ser uma que acalentasse secretamente coisas como sentimentos, amor, e tudo o mais que eu não estava disposto. Resumo da ópera, por causa daquela atração sexual alucinante, eu estava alterando os meus códigos de conduta com as mulheres de maneira impensável há mais de dois anos. E quer saber? O mais louco de tudo era que eu ia seguir com aquilo com a maior tranquilidade possível.

Regras podiam ser mudadas o tempo todo, nós chegamos a um entendimento promissor sobre outros parceiros, que não estavam existindo

enquanto estivéssemos juntos, então, ia ficar tudo bem. Não era como se de repente eu não pudesse, ou soubesse ficar com uma única mulher, mesmo tendo tido, desde o divórcio, um verdadeiro horror a compromisso. Justamente por ter passado tanto tempo com uma única mulher, e ter tido uma experiência detestável nos anos finais, tudo que eu menos queria era me amarrar novamente. Mas ter uma companhia agradável, um sexo fenomenal e tudo o mais? Eu podia lidar com aquilo. Então, estava tudo sob controle.

Eu tinha, mais cedo naquela noite, ligado para alugar um *flat* no mesmo local que o Marcos tinha o seu. Era um lugar elegante, com uma vista legal e proporcionava uma privacidade ótima, já que nós precisaríamos disso com tudo que estava passando na minha mente em fazer com ela naquela noite. Malu ficou ali observando o lugar e eu fiquei encostado à porta, olhando para ela. Queria cada parte do corpo dela para mim, de uma maneira que fazia o meu sangue ferver só em pensar.

Eu realmente tirei o atraso, como Ricardo costumava dizer, quando me separei. Fiz sexo com um número realmente significativo, para dizer o mínimo, de mulheres. Além de Suzana e da própria

Amanda, eu não tinha, contudo, me sentido assim nenhuma vez. Com Malu, o sexo era além da minha compreensão. Como um cara relaxava isso por causa de regras bestas? Não eu.

Ali, parado, olhando-a, eu lembrei abruptamente de algo, e perguntei por que ela e o ex tinham se separado. Quando ela disse que ele a havia traído, eu confirmei o que eu já achava. Pela conversa que tive com Malu hoje, eu percebi que ela não era o tipo de mulher que aceitava traição, pensei, todavia, quando ela disse que estava *noiva* do cara, que ia se casar, eu levei um pequeno susto, não sei exatamente por quê. E ouvi-la dizer que tinha amado o cara também não me caiu bem, talvez porque eu estava tão imune a amor e essas merdas todas nos últimos tempos, que ouvir que o que ela achava que era amor não tinha se concretizado, me deu uma certa impaciência.

Assim que ela foi para a varanda aberta do quarto, eu fiz uma ligação que já deveria ter feito. Olhei para o relógio e liguei para Julia, que atendeu ao segundo toque, e eu imediatamente ouvi várias vozes ao seu lado, de meninas, e fiquei mais aliviado. Estava quase na hora do Campos buscá-la, eu já havia mandado mensagem para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E aí, princesa, divertindo-se? — eu perguntei, indo para o bar na parte mais alta do quarto e começando a servir duas taças de vinho.

— Ei, pai, sim, muito. Comprei umas duas revistas, a loja é maravilhosa, vou vir sempre aqui.

— Hum, que bom. Por duas revistas, você quer dizer quantas mesmo?

— Umas doze, você já sabe, não é? — ela riu, e eu acompanhei.

— Espero que com o seu dinheiro.

— Certo, com o meu dinheiro, que está no crédito daquele cartão com o *seu nome* que eu trouxe. — ela cantarolou, atrevida. Eu fiz um som de desgosto e ela sorriu.

— Ok, depois vamos conversar sobre gastar o seu dinheiro e também *o meu*. Você está aonde agora, mocinha?

— Perto da loja, na lanchonete que eu te disse que estaria.

— Ok, na lanchonete. Você tem um tempinho ainda, querida.

— Ai, pai, você me ligou mesmo para me dizer quanto tempo eu ainda tenho para ficar fora? Não acredito nisso. — ela bufou, irritada.

— Julia, o que nós combinamos?

PERIGOSAS ACHERON

— Tá ok, eu mando daqui a pouco uma mensagem para o Campos, não se preocupe. Nós já estamos quase terminando por aqui mesmo. Mas, o irmão da Paty vai levá-la para casa, eu poderia ir com eles, e você não teria que incomodar o Campos com isso. — ela sugeriu, e eu nem me dei ao trabalho de responder. Ela notou, e retomou. — E você, meu “paizuxo” lindo, aonde está? Aposto que em muito boa companhia não? Você pode, não é? — ela provocou.

Eu sorri da sua curiosidade e da provocação.

— Não importa aonde estou. E eu sou o adulto aqui, esqueceu?

— Tudo bem, espero que ela seja uma pessoa legal. E você, pretende voltar que horas para casa? Só para saber.

Eu já tinha chegado à varanda. e encontrei Malu sentada, confortável ao redor da mesa que tinha ali, perto da piscina. Entreguei uma taça a ela, demorando-me em olhá-la, meus pensamentos luxuriosos já a todo vapor ao vê-la perto daquela piscina. Obriguei-me a prestar atenção ao que Julia havia perguntado, bebendo um gole do meu vinho, e então, apresentei indiretamente meus planos para

as duas. Esperava que Malu estivesse de acordo com eles.

— Não, eu provavelmente não irei voltar para casa hoje.

Malu me olhou, um pouco surpresa, e mordeu o lábio, como costumava fazer. Julia soltou uma risadinha.

— Não vai me dizer quem é?

— Não vou, sua curiosa. E me mande mensagem assim que chegar em casa. — eu comandeí. Ela se despediu com um beijo, e eu desliguei. Olhei para Malu, e fui me sentar ao seu lado. Ela deu apenas um ligeiro gole na sua bebida, e eu estranhei.

— Não está gostando do vinho?

— Não é isso, Teo. É que, bom, eu não sou exatamente muito forte para bebida, sabe? E já tomei a cerveja, então...

Eu peguei a taça das suas mãos e apoiei na mesa, puxando-a de leve em minha direção. Ela saiu da sua cadeira, devagar, e eu a incitei a sentar no meu colo, de frente. Malu veio, e sentou-se em mim, e eu imediatamente agarrei seus quadris, fazendo-a subir um pouco mais e acomodar-se sob minha ereção.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não beba, então. Eu vou precisar de você muito sóbria, consciente e participativa, aqui. — eu disse em seu ouvido, e me afastei para observar sua reação. Ela sorriu, olhando para baixo, pondo as duas mãos no meu peito.

— Tarde demais para isso: você pode me ter consciente e participativa, mas sóbria eu não garanto estar totalmente. — ela brincou, começando a passar as mãos em movimentos insinuantes no meu peito. Semicerrei os olhos para ela, movendo-me de forma a fazê-la sentir o quão duro eu estava por ela.

— Eu posso lidar com isso. Você tem planos para amanhã cedo? — quis saber, imagens loucas de horas de sexo passando pela minha cabeça em rápida sucessão. Ela não ajudou ao fazer aqueles movimentos em cima de mim, indo para frente e para trás. Todo o sangue do meu cérebro começou a correr rapidamente para baixo, e minha mente pareceu ficar oca. Tive que me concentrar com afinco no que ela estava dizendo.

— Não, eu não tenho planos para logo cedo. Você tem planos para mim? — sussurrou no meu ouvido e eu não a deixei afastar-se, segurando em sua nuca com uma das mãos.

PERIGOSAS ACHERON

— Muitos. E pecaminosos. — sussurrei de volta, rouco, tomando sua boca em outro beijo ardente, provando sua língua e mordiscando seus lábios. Malu gemeu, puxando meus cabelos.

— É uma promessa? — ela me murmurou contra minha boca, e eu sorri, devidamente desafiado.

— Sim. E você sabe como eu sou bom em cumpri-las.

Comecei a puxar aquela peça branca enlouquecedora, que eu já havia esquecido totalmente o nome, pelos seus braços, e ela me ajudou, saindo da roupa, deixando-a amontoada em sua cintura. Ela estava sem um sutiã, e seus seios ficaram a minha mercê, saborosos, os bicos duros enrugados pelo vento que corria ali fora. Inclinei-me e abocanhei um deles, e ela gemeu alto. Rolei minha língua em movimentos fortes, sugando o mamilo delicioso, e então, o outro, chupando-a em doses iguais de leveza e força. Segurei seus seios nas mãos e passei a arranhar meu dentes por eles e então fazer um movimentos de sucção no interior da minha boca, o que a fez gemer mais alto, se esfregando em mim.

— Eu tenho uma teoria, sabe? — eu grunhi,

entre uma lambida e outra. — Acho que posso fazê-la gozar em pouquíssimo tempo chupando seus seios fodendo sua boceta molhada com meus dedos, o que você acha?

Malu abriu os olhos e me olhou como se estivesse drogada, desejo expresso por todo o seu rosto, marcando suas feições. Ela tinha usado maquiagem hoje, eu notei, mais do que o costume, e estava mais bonita ainda com os olhos escuros e aquele batom rosado.

— Por favor... prove essa teoria. — ela implorou, puxando meus cabelos e empurrando minha cabeça de volta para os seus seios. Eu ri e a levantei do meu colo só por um momento, e nós dois rapidamente tiramos o seu short florido, e eu notei que aquela era uma peça inteira, como um maiô. Que interessante.

Quando Malu ficou em pé na minha frente para deslizar a peça para o chão, notei que a calcinha que ela usava nem devia ser considerada uma calcinha, devia ser considerada um atentado à sanidade masculina. À minha, para ser mais preciso. Era minúscula, branca, com tirinhas finas, e maldosa como eu estava me acostumando a perceber que Malu era, ela virou de costas para

descer a peça. Eu engoli rapidamente, vindo mais para frente para acompanhar, esfregando meu pau absolutamente rígido na minha calça. Era um fio dental, e ela deslizou pelas pernas bem devagar, o rosto virado para trás por cima do ombro para atestar meu tormento. E foi um tormento, porque assim que a peça chegou aos seus tornozelos ela se curvou mais ainda, eu tive uma visão sensacional das dobras da sua boceta nua no meio das suas pernas. *Cristo*.

Malu voltou-se e veio sentar de novo no meu colo, totalmente nua, os cabelos soltos nos ombros e seios.

— Disposto a provar sua teoria?

— Vamos ver. — recomecei a sugar seus mamilos intensamente, fazendo círculos com a língua e dando mordidas, então, voltando e sugando forte, um e outro. Sem mais demora, levei minhas mãos entre suas pernas e a encontrei quente e molhada, lisa, meu dedo deslizando em sua umidade. Rosnei profundamente em meu peito, juntando outro dedo ao primeiro, e Malu rebolou, jogando a cabeça para trás.

Disposto a realmente provar minha teoria, para o seu deleite e o meu, lambi com força um

mamilo e o prendi na minha boca, e ao mesmo tempo usei o meu dedo polegar para circular seu clitóris durinho e molhado, se destacando em sua carne úmida, enquanto a fodia com meus dedos.

— Ah por favor... *Ahhhhh*. — Malu gemia, alucinada, e eu intensifiquei o manuseio na sua boceta molhada enquanto alternava as chupadas em seus seios. Não precisei demorar muito para provar que sim, ela poderia gozar daquela forma, e bem rápido, graças a Deus. Porque eu estava a ponto de bala, e se não entrasse nela logo, iria enlouquecer.

Ela pressionou mais meus cabelos, puxando-os, e eu puxei um bico durinho entre os dentes, massageando seu ponto mais sensível interiormente, em movimentos circulares. Nossas respirações estavam pesadas, o ar denso de sexo e luxúria, e para minha satisfação, e dela, obviamente, Malu começou a gozar, estremecendo, e eu a olhei, fascinado.

Quando ela parou de tremer, eu me levantei da cadeira, trazendo-a junto comigo, as pernas agora enroladas ao redor da minha cintura.

— Bom, você provou seu ponto. — ela murmurou, com voz saciada, pesada, o rosto escondido no meu pescoço. Agarrei ambos os lados

da sua bunda e apertei, caminhando com ela em direção à sala.

— Isso, e agora eu quero provar você.

Na sala, a pus no sofá preto. Ele tinha um encosto alto, almofadado, e serviria exatamente para o que eu tinha em mente. Quando eu fiz menção de retirar a minha camisa, Malu levantou.

— Deixa que eu faço isso...

Ela puxou a peça pela minha cabeça e eu ajudei levantando os braços. Quando eu fiquei com o peito nu, ela se aproximou mais e começou a beijar meus músculos, passando as mãos, acariciando e distribuindo beijos em meus pelos. Era inebriante. Segurei sua cabeça, e ela ficou na ponta dos pés e lambeu meu pescoço, esfregando os bicos ainda sensíveis e endurecidos dos seios no meu peito. Logo, enquanto acariciava meus músculos abdominais, que se enrijeceram sob o seu toque, Malu deu uma mordidinha na minha orelha, como eu costumava fazer com ela, e lambeu meu lóbulo. Eu gemi, doido de tesão, e não podia aguentar mais.

Beijando-a insanamente, fui abrindo minha calça, louco para estar fora das minhas roupas, e percebi que ela também ajudava, puxando minha

calça e minha boxer para baixo. Meu pau, duro, saltou livre, e Malu imediatamente o segurou, lambendo meu peito e bombeando ele para mim de forma intensa, como eu gostava. Surpreendendo-me, ela virou-se e me deu um empurrãozinho em direção ao sofá, e eu caí sentado, sorrindo para ela.

— Não era bem isso que eu tinha em mente agora. — eu disse, vendo-a se aproximar de mim lentamente e ajoelhar-se no meio das minhas pernas. Meu coração retumbou no peito, prevendo o que ela faria, e toda a diversão foi embora.

— Pois é então vai ser o que eu tenho em mente para você agora, lide com isso. — ela revidou, altivamente, segurou meu pau com as duas mãos e, sem desviar dos meus olhos, engoliu-o, chupando ao longo do meu comprimento rígido. Eu rugi seu nome, e afastei seus cabelos do rosto para ter uma vista melhor do espetáculo. Malu me sugou, lambeu e chupou a ponto de me deixar alucinado, sempre olhando nos meus olhos, me deixando ter consciência de quem estava no comando ali, mesmo que fosse ela a estar ajoelhada. E eu cedi, deixando-me levar pelo impacto de ter aquela mulher dando as cartas em um jogo que eu mestre. Mas eu não iria gozar em

sua boca, não mesmo, pelo menos por enquanto.

— Vem, depois eu aprecio melhor essa sua boca gulosa. — Sem lhe dar tempo de pensar em outra coisa, a pus de quatro no sofá, e ela agarrou-se ao respaldar alto, em uma posição que a deixava exatamente no ponto para mim. Malu segurou-se, e virou a cabeça para me ver, seus olhos com pupilas dilatadas, levemente ofegante, a bunda deliciosa para cima, empinada, me dando uma visão espetacular da sua boceta e de outros locais que eu estava literalmente louco para apreciar. Mas aquilo era com calma, eu sabia como chegar lá.

Apertei as bochechas da sua bunda, alisei, dei um tapinha de leve, e então, inseri dois dedos nela, espalhando sua umidade. Malu gemeu meu nome, curvando o pescoço e se empinando mais.

— Por favor... — ela murmurava.

— Por favor o quê?

— Eu quero você.

— Como você me quer? Me diz. — eu perguntei, bombeando meu pau impossivelmente duro e olhando para ela, fazendo círculos em seu clitóris.

— Oh, meu Deus... dentro de mim, por favor. — ela implorou. Eu também não podia mais

esperar, abaixei-me e peguei uma camisinha do bolso da calça, me encapei rapidamente e então, cerrando os dentes, empurrei em sua boceta pulsante, úmida e apertada. Preso nas sensações de estar profundamente dentro dela, segurei sua bunda de ambos os lados, abrindo-a mais para mim, deslizando nela duramente, os sons dos nossos corpos batendo, conectados. O cheiro, nossos ofegos, gemidos, contribuindo para criar uma experiência intensamente erótica. Eu não lembrava de algo igual.

Ligado demais naquela experiência, eu peguei-a pela cintura, puxei-a, e sentei no sofá com ela no meu colo.

— Senta no meu pau. — ordenei. Malu mordeu o lábio, virou de costas e sentou em mim, segurando meu pau pela base e encaixando-me nela. *Caralho*. Eu ofeguei, segurando em sua cintura, a visão da sua bunda, dos cabelos em suas costas, e do meu pau sumindo nela, quando ela se curvava, era avassaladora. Passei a segurar seus seios, por trás, massageá-los e circular meus dedos por seus mamilos. Malu gemia cada vez mais alto, e os sons também estavam me levando à loucura.

— Ai... que tesão... — ela sussurrava,

levantando os cabelos e subindo e descendo no meu pau. Então, apenas para me enlouquecer ainda mais, passou a apertar e massagear-me com seus músculos internos, e a sensação era como se sua boceta estivesse literalmente me engolindo. Eu não ia durar muito mais assim. Estiquei minha mão e pressionei seu clitóris em movimentos circulares. Precisava dela gozando junto comigo, precisava daquilo. Passei a estocar e a manuseá-la com habilidade, e me inclinei também e mordi seu ombro, seu pescoço. Ela começou a me apertar mais e a ficar mais ofegante ainda.

— Quero você gozando para mim. Bem gostoso, apertando meu pau e me deixando louco. — eu incitei em seu ouvido, aumentando a intensidade dos círculos em sua carne trêmula, sentindo o meu pau profundamente enterrado nela.

— Eu vou... me faz gozar nesse pau delicioso, por favor, Teo...

— Gostosa do caralho, aperta meu pau, goza pra mim... — minha voz estava rascante, e quando ela fez exatamente o que eu comandeí, eu pressionei mais seu clitóris, minhas arremetidas aumentando. Sentia-a gozar ao mesmo tempo que meu pau pulsava dentro dela, e eu soltava um

rugido quase animalesco, mordendo seu ombro, a sensação de estar marcando-a como minha.

Fiquei ali, respirando pesado, ainda sentindo os espasmos da sua boceta ao redor do meu pau, o gosto da sua pele na minha boca, e sem conseguir divisar no horizonte um momento em que eu estaria cansado daquilo, em que eu não fosse querer mais. Me recostei no encosto, trazendo-a junto, ambos suados e silenciosos.



Assim que consegui sentir minha respiração se estabilizar, acariciei os cabelos de Malu que estavam espalhados no meu peito.

— O que você acha de um banho?

— Perfeito. — ela ronronou.

— Vem, vamos provar essa piscina. — eu me levantei, puxando-a junto comigo. Descartei a camisinha, e ofereci minha mão a ela.

— Assim, nus?

— E você sabe um jeito melhor de tomar banho de piscina? Eu desconheço. — afirmei, levando-a comigo. Em segundos, nós dois estávamos na água, o que era um bálsamo já que eu estava quente e acalorado depois daquela sessão de

PERIGOSAS ACHERON

sexo no sofá. Não que tinha terminado, eu só precisava de uns minutos para retomar as minhas atividades, pensei, sorrindo para ela.

— Nossa, que delícia essa água. — ela disse, assim que voltou à tona. Estava sorridente e relaxada, e era assim que eu gostava de vê-la, percebi, e não do modo como estava me tratando mais cedo.

Mas claro que eu mereci. E por um segundo, me veio à mente a questão da história da viagem para Curitiba, e eu quase gemi de frustração. Explicar aquilo ia ser outra rodada de tensão, e eu precisava fazer algo. Mas eu tinha tempo, não ia pensar nisso agora. Me aproximei dela e enlacei sua cintura dentro da água. A piscina não era muito funda, pelo menos para mim, mas Malu estava com a água acima dos seios. Quando eu me aproximei, ela se segurou em mim.

— Ótima ideia, assim, eu não fico correndo o risco de sumir na água, aqui. — ela riu, os braços ao redor do meu pescoço e os seios pressionados no meu peito.

— Não comigo aqui perto, pode apostar.

— Hum, um super-herói... adoro. — ela deu um beijo no meu queixo, e eu sorri.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu dou pro gasto.

— Ah, tenha certeza disso. Muito mais que o gasto. — Malu brincou, usando os pelos no meu peito para fazer desenhos imaginários.

A água estava boa, meu corpo estava colado no seu, estávamos nus, e os minutos de recuperação que eu precisava, pelo visto, seriam em uma quantidade menor do que eu havia imaginado.

— Teo...

— Hum? — eu estava beijando aquela área sensível atrás da sua orelha. Ela estremeceu

— Você pretende mesmo dormir aqui hoje?

Eu me afastei apenas para olhá-la.

— Em algum momento, nos meus planos, *nós* vamos dormir sim. Por quê?

Ela sorriu, e me deu um tapinha no peito.

— Nada. Pensei que...

— Que eu estava brincando? Não, não estava. Você disse que não tinha um compromisso pela manhã, então, eu deduzo que não seria um problema para você.

— Não é, eu só queria confirmar.

— Bom. — voltei a mordiscar a sua pele molhada e quente. Malu se agarrou mais a mim. Sem pensar direito, levantei-a e ela montou em

PERIGOSAS ACHERON

mim, as pernas me cercando, firmes, em volta da minha cintura. Eu já estava novamente duro, dentro da água, minha cabeça dando voltas com uma ideia estúpida e ao mesmo tempo maravilhosa, que estava me rondando desde quase a primeira vez, mas eu a enterrei, achando-a absurda no primeiro momento. Mas ali, talvez agora, não fosse mais tão estranha. Eu realmente estava cogitando aquilo?

— Malu, posso te perguntar uma coisa?

Ela suspirou, e beijou meus lábios de leve, seus olhos escuros fixos nos meus.

— Claro, o que foi?

— Nós decidimos que vamos levar isso adiante, o que nós temos aqui. Bom, eu preciso saber: você usa algum tipo de método anticoncepcional? — perguntei aquilo que, se eu fosse sincero, estava martelando minha cabeça desde cedo naquele dia. Eu estava louco. Muito.

Ela hesitou, então franziu o nariz.

— Sim, eu sempre usei pílula. — ela estreitou os olhos — Por que você está perguntando?

— Porque eu quero gozar dentro de você, todas as fodidas vezes. Quero tanto que meu cérebro vai explodir se eu continuar pensando

nisso. — eu disse, pegando o seu queixo e fazendo-a me encarar. — E preciso saber se você está em algum controle de natalidade.

Ela arregalou os olhos ligeiramente.

— Bem, eu estou, mas essa é uma questão complexa, não é?

— Por quê?

— Eu sei lá... temos que ter uma confiança no outro. Posso confiar em você?

— Eu estou limpo. Mesmo quando casado, bem, nos últimos anos, eu não estava desprotegido, e depois, sempre usei camisinha. — eu avisei, rápido. — Posso fazer exames e mostrar para você, se quiser.

Ela me encarou, parecendo tomar uma decisão.

— Não, não estou duvidando de você, Teo. Apenas durante um tempo enquanto ainda estava com o Adriano, não usei. Tanto que fui fazer vários exames quando descobri que ele me traiu, mas depois disso eu sempre...

— Tudo bem. Ok. — eu interrompi, rápido. A imagem dela transando antes de mim, com ou sem camisinha, me causava uma síncope. Eu sei, eu sou um idiota machista, ela tinha uma vida antes de

mim, eu já havia sido casado, mas foda-se, eu não queria imaginar essa merda, mesmo assim. E também não queria ouvir sobre isso, ponto final. — Você *está* usando a pílula então, não?

— Sim, estou. — ela murmurou, dando de ombros, sem nenhuma hesitação, agora. Eu era um cara desconfiado, que só transava com camisinha, e agora estava sugerindo a uma mulher que eu conhecera outro dia para transar *sem* camisinha. Eu precisava encontrar minha racionalidade no fundo do poço que a luxúria havia me jogado, pode apostar.

— E você quer? Confia em mim para isso? — em vez disso, eu estava perguntando a ela, ansiosamente.

— Você também teria que confiar que eu estou limpa, não é?

— Sim. Eu teria que confiar. — *Eu teria que confiar!* Eu não estava me reconhecendo.

— Porque se você não estiver à vontade, tudo bem.

— Mesmo? — ela sorriu, e levantou uma sobrancelha, duvidando.

— Não, na verdade. Eu vou ficar louco, uivar para lua, mas vou sobreviver.

Ela riu, e me beijou de leve, rapidamente.

— Não podemos deixar isso acontecer, então.

— Ótimo. — eu a beijei novamente, demoradamente, excitado, eufórico, segurando-a pelo bunda e começando a sair da piscina com ela agarrada a mim, ouvindo sua risada no meu ouvido. Rapidamente, caminhei pela ampla sala e fui em direção à cama enorme no meio quarto. Depositei-a lá e cobri seu corpo com o meu, apoiando-me em meus antebraços ao lado da sua cabeça. Malu sentiu meu pau roçando sua barriga, e me encarou, aturdida.

— Espera aí, mas é agora? Eu pensei que você estava falando futuramente...

— Nada de futuramente. — rosnei, mordiscando sua mandíbula.

— Meu Deus, vamos mesmo fazer isso?

— O quê, sexo? — eu sorri em sua boca, me esfregando nela. Ela virou os olhos para mim. — Eu sei, mas vamos, sim. Você não pode voltar atrás.

— Na verdade eu posso sim, se eu quis... — ela começou o desafio, e eu suguei um mamilo lentamente, ela interrompeu sua frase com um

gemido. Segurei ambas as suas mãos com uma minha, acima da sua cabeça, e passei a beijá-la e sugá-la em todas as partes, seu corpo abaixo do meu, era uma visão fodidamente perfeita. Com os lábios entreabertos, os olhos fechados, ela estava maravilhosa, toda molhada.

Eu estava muito duro, e a perspectiva de entrar nela sem uma barreira, de gozar dentro dela, estava me deixando mais desesperado ainda. Sim eu ia fazer aquilo. Algo me dizia que eu podia, sim, confiar nela, e era bom que ela tenha confiado em mim, também. Se nós estávamos tendo sexo com exclusividade, aquele passo era quase natural, não tinha problema nenhum adiantar um pouco as coisas.

Ouvi o gemido baixo de Malu quando eu abri suas pernas bem amplamente e afundei a língua em sua boceta, sentindo seu gosto, devorando e lambendo sua umidade. Ela me agarrou pelos cabelos, se retorcendo, arqueando o corpo para mim. Eu queria que ela estivesse prestes a gozar antes de entrar nela, então, reforcei as lambidas, chupei e dei uma mordidinha em seu clitóris. Mais alguns movimentos da minha língua, e ela choramingava, me pedindo, implorando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não podia suportar mais, então me acomodei entre suas pernas abertas, e segurando meu próprio peso nos braços, beijei-a, deixando-a sentir o seu gosto na minha boca. Ela gemeu, e saboreou seu próprio gosto na minha língua com ardor, e eu pensei que fosse explodir de tesão.

— Abra os olhos. — eu disse a ela, minha voz ofegante.

Malu me encarou, mordendo seu lábio inferior.

— Olhe para mim quando eu estiver dentro de você. — continuei, e então, segurei meu pau, passei uma de suas pernas por cima dos meu braço, e me afundei nela, num ímpeto. Gememos juntos, quando eu mergulhei em sua umidade, e eu cerrei os dentes, me controlando, entrando e saindo dela, perdido na sensação do caralho que era aquilo.

Era sensacional, sentir sua carne quente e melada envolvendo meu pau daquela forma, apertando. Passei a intensificar meus movimentos, segurando um dos seus seios e massageando o mamilo durinho, que eu abandonei momentaneamente para passar a massagear o clitóris inchado, pulsante. Ela arqueou o pescoço e voltou a fechar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, Teo...

— Olha para mim. — eu rosnei, sentindo minhas bolas apertarem, bem como seus músculos passarem a me sugar e massagear daquela forma que ela fazia. E então, com um grito alto, ela gozou, arranhando meus ombros. Só então eu me permitir perder o controle totalmente, e não aguentei mais, e vendo os seus olhos abertos, travados nos meus, eu cerrei minha mandíbula e, olhar preso ao dela, gozei intensamente, meu pau pulsando, enchendo-a com meu esperma. E foda-se se alguma vez tinha sido tão bom assim.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 23



*Lembra daquelas paredes que construí?
Bem, elas estão desmoronando.*

[...]

*É como se eu estivesse despertando
Todas as regras que eu tinha você
está quebrando*

*É o risco que eu estou correndo
Eu nunca vou te calar*

[...]

Halo

Beyoncé

Malu

Você sabe quando faz uma coisa realmente, mas realmente louca, quando assim que essa coisa acaba você está literalmente assustada com as repercussões que ela pode ter. E aquela vozinha lá no fundo dizendo "eu te avisei que essa não era uma boa ideia" ficava martelando na sua cabeça. Pena, vozinha da razão, que o desejo tinha uma voz mais alta e mais forte que a sua, porque quando Teo disse que queria *gozar dentro de mim*, a primeira coisa que escapuliu do meu cérebro e foi parar não sei aonde, foi a razão.

E mesmo eu ouvindo-a gritar desesperada lá do fundo "mulher, não faz isso", quem disse que eu dei ouvidos? Não, o desejo estava lá, forte, dolorido, avassalador, dizendo: "se joga, você só tem uma vida". Bom, eu me joguei. Ainda estava sentindo os espasmos do orgasmo alucinante de agora há pouco, bem como sentindo também o líquido quente de Teo, que tinha escorrido um pouco de mim e agora estava umedecendo as minhas coxas.

Eu continuava deitada, de lado, meu corpo mole e completamente saciado, olhos fechados.

Mas não estava com sono. Sentia-a me acesa, mesmo que meu corpo estivesse sentindo os efeitos da atividade intensa das sessões de sexo, dos orgasmos arrebatadores. Abri meus olhos lentamente quando senti o peso do corpo masculino na cama ao meu lado. Teo havia, mais cedo, levantado para ir ao banheiro, depois da última vez. Ele me olhou, detidamente, e afastou um pouco do cabelo do meu rosto. Eu sorri.

— Oi... — eu murmurei.

Ele sorriu um pouco, mas não disse nada, depois, passou a mão grande pelo meu quadril, descendo, e abriu de leve os meus joelhos. Intrigada, eu observei ele fixar os olhos entre as minhas pernas, uma expressão crua, possessiva, em suas feições másculas, e quando notei de verdade o que ele poderia, devia estar olhando: seu esperma entre minhas pernas, *oh meu...* — não sei por que, fiquei extremamente embaraçada.

Quer dizer, eu já tinha feito praticamente tudo com aquele homem, não havia um local no meu corpo que ele ainda não tivesse visto, mas a expressão em seu rosto ao observar seu esperma umedecendo minhas coxas, grudando, me deixou profundamente vulnerável, exposta de uma maneira

que era mais do que física, e como eu disse, a sensação de estar assustada voltou.

Pressionei meus joelhos juntos, e ele fez uma carranca, mas não voltou a abri-los. Nós dois percebemos o que tinha se passado, mas nenhum dos dois disse nada. Teo levantou novamente, completamente nu, o corpo de músculos rígidos perfeito, e estendeu a mão para mim.

— Você aguenta levantar daí? — ele disse, com presunção divertida na voz grave. Eu torci meu lábio para ele, e sentei-me na cama, juntando meus cabelos em um coque.

— Não se ache tanto, eu tenho um ótimo condicionamento físico tá?

— Você está com fome? Porque eu estou faminto.

— Sim, também estou.

— Ótimo, vá tomar um banho enquanto eu peço algo para gente. — ele saiu andando em direção ao centro do quarto, e eu admirei seu traseiro durinho, as costas mais largas que se afunilavam nos quadris mais estreitos, as pernas longas e musculosas. Ele era um visão mesmo, suspirei, começando a ir para o banheiro, ignorando que ele estava sendo mandão mais uma vez, para

variar.

— Você tem preferência por algo, Malu? — ouvi sua voz, pouco antes de entrar no banheiro maravilhoso.

— Não, fique à vontade! — gritei, entrando no box imenso, que sozinho era o tamanho do meu banheiro todo. Apreciei a água quentinha no meu corpo, relaxando ainda mais. Os vários jatos que saiam de locais diferentes dentro do box eram uma experiência diferente de banho, pensei, divertida. Minutos depois, Teo ainda não havia me encontrado no banho, então, eu resolvi sair, me enrolando em um roupão confortável e felpudo.

Um pouco curiosa, fui à sua procura. Teo estava um pouco curvado sob uma amurada lateral da varanda, olhando para fora, para a noite, uma toalha enrolada em volta da cintura estreita. Ele tinha entrado no banheiro então, pegado a toalha e eu não tinha percebido? Por que não se juntou a mim? E, finalmente, por que ele estava tão calado parecendo pensativo ali? Algum tipo de arrependimento? Essas perguntas se embolavam em minha cabeça de modo sucessivo, frenético, enquanto eu o espiava, calada, engolindo em seco.

E mesmo que a voz da razão — *ah, você*

finalmente voltou? — estivesse me dizendo que eu não deveria estar apreensiva por essas coisas, afinal, praticamente tudo que acontecera até ali fora por conta das suas escolhas, e da minha anuência, eu não podia evitar estar ligeiramente incômoda.

Fui até a uma poltrona de canto e me sentei, recolhendo minhas pernas embaixo de mim, ainda silenciosa. De algum modo, ele deve ter ouvido algo, pois virou-se e lançou sobre mim aquele seu olhar intenso, que me deixava inquieta em níveis que eu não queria examinar agora, principalmente agora.

— A comida já está prestes a chegar. — ele avisou, aproximando-se. Foda-se a comida, pensei, tentando detectar algo na sua expressão. Teo chegou perto de mim, curvou-se nos braços da poltrona e me deu um beijo nos lábios, rápido, mas forte. Talvez nada estivesse acontecendo, era só eu pirando e deixando as minhas próprias inseguranças e medos em relação àquela situação com ele afetar algo simples. Tentei sorrir para ele, que se jogou na outra poltrona.

Eu reparei então que ele realmente tinha tomado banho. Seu cheiro limpo, seu cabelo úmido, me deixaram saber que havia outro banheiro em

alguma parte dali e ele não tinha entrado comigo. Tudo bem, vamos com calma, ele não era obrigado a tomar banho comigo, que besteira, ele já até tinha feito isso outras vezes. Mas ele não foi dessa vez, e de repente estava lá olhando a noite, pensativo? Não era estranho? Meu Deus, Malu, não surta mulher!

Tentei me repreender, mas aquela sensaçãozinha, aquela pinicada, ficou lá, me atormentando, enquanto olhava para ele.

— Que bom. O que você pediu? — eu tentei empurrar aquela sensação para debaixo do tapete. Teo passou as mãos nos cabelos molhados. Ele parecia tão gostoso ali apenas de toalha, o peito nu com aqueles pelos úmidos levemente emaranhados.

— Peixe, já está muito tarde para algo mais pesado. Tudo bem para você?

— Adoro peixe. Adoraria mais se soubesse preparar, mas tudo bem. — brinquei. Lá estava eu novamente, tentando desanuviar o que eu nem sabia se estava ou não anuviado com atitudes leves quando eu não me sentia assim. Era um problema que eu tinha, quando ficava nervosa, insegura, às vezes falava muito ou ficava "engraçada". Teo não

pareceu perceber nada, deu um sorriso de canto de boca.

— Sério? Você não sabe cozinhar mesmo? Achei que não fosse verdade.

— Não, é sério. Por que eu saberia? — eu o incitei, e como tinha prendido os cabelos molhados em um coque, afrouxei e comecei a balançar-los para que secassem naturalmente.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Espera aí, essa é uma daquelas “perguntas-armadilhas” que o cara responde e nem sabe que está se metendo em uma enrascada, não é? — ele disse, estreitando os olhos para mim.

Eu sorri, mais leve. Talvez estivesse tudo bem, afinal.

— Não, seu desconfiado. Por que você acha difícil acreditar que eu não sei cozinhar?

— Não sei, talvez do mesmo modo que você achou difícil acreditar que eu sou um bom cozinheiro, modéstia à parte. — ele encolheu os ombros.

— *Touché.*

— Me saí bem, então. — ele murmurou, suspirando dramaticamente.

— Pois é. Eu não sei cozinhar, mas se a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida dependesse disso, eu me viraria. Sei fazer o básico, apenas.

— Sei...

— Está duvidando de mim?

— Claro que não. Escuta, se você quiser usar secador, essas coisas, acho que tem no banheiro. — ele disse, vendo-me continuar a secar e apertar meus cachos de baixo para cima.

— Eu vi, mas aquele tipo de secador não serve para mim. Na verdade, alteram o formato dos cachos do meu cabelo, entende?

Téo franziu o cenho.

— Existe um tipo específico de secador para cabelos cacheados, é isso? — o interesse dele era engraçado, e eu sorri.

— Sim, graças a Deus existe, mas nem sempre existiu. De todo modo, eles não têm um aqui e nem eu não esperaria que tivessem. — sussurrei, rolando os olhos. Pensei que Teo fosse deixar para lá, mas ele continuou a me encarar, sério.

— Por que você diz isso? Se existe o tipo de secador para o seu tipo de cabelo, e de milhares de mulheres no Brasil que tem cabelo como os seus, porque ...

PERIGOSAS ACHERON

A forma como eu o estava olhando, com um jeito como se dissesse "fala sério", fez ele se interromper. Franziu os lábios e assentiu em concordância.

— Entendi.

— Teo, só muito recentemente, tipo, antes de ontem, praticamente, produtos específicos para o nosso tipo de cabelo passaram a estar disponíveis no mercado, algo para um público específico, entende? Você acha mesmo que difusores estariam espalhados por aí em hotéis de luxo como esse?

Ele me olhava fixamente, então balançou a cabeça.

— Isso é foda, um absurdo, tendo em vista a quantidade de mulheres que sempre precisaram desses produtos.

— Para você ver, mas, como eu disse, já foi pior. De mais longe já viemos.

— Só para constar, eu acho o seu cabelo lindo, como tudo o mais em você. — ele disse, calmamente, como se não fosse grande coisa, depois de um segundo de silêncio, e mais uma vez, não sei por que cargas d'água, o meu coração deu um triplo salto mortal tão louco que eu pensei que ele fosse sair pela minha boca. Engoli em seco, por

via das dúvidas. Esse homem dizia coisas mais loucas e eróticas, e absurdamente desconcertantes para mim na hora do sexo, e eu ficava daquela forma porque ele dizia que eu era linda, que achava meu cabelo lindo?

— Obrigada. — murmurei. Ele sorriu como se soubesse que tinha me desconcertado. Achei difícil manter os olhos nos seus, e continuei com a minha atividade de secar os cabelos, ouvindo o retumbar da minha pulsação no ouvido.

Pela minha visão periférica, vi o Teo levantar-se do sofá e caminhar em direção ao telefone, e eu fiquei curiosa porque não tinha ouvido a campainha soar, e achava que a comida tivesse chegado. Observei-o.

Teo deixou tocar, e depois que alguém atendeu, eu o ouvir dizer, embasbacada.

— Olá, boa noite. Eu gostaria de falar com o gerente, por favor. Sim, da cobertura, Teodoro Stein. Eu aguardo. — ele apoiou-se na bancada, e me pegou olhando para ele curiosa, paralisada. Esperou, depois de uns segundos, ele deu um sorriso educado quando a pessoa do outro lado atendeu. — Ei, Sérgio, boa noite, tudo bem, cara? Sim, sim, tudo a contento. Não, mas já deve estar

chegando, está dentro do prazo, obrigado. Ok. Sim, há algo que você pode fazer por mim, sim.

Eu engoli em seco, e ele deixou de me olhar. Parecia ele próprio um pouco incomodado, e franziu as sobrancelhas.

— Eu gostaria de pedir que você providencie um... — ele virou para mim, inquisitivo. — Como é mesmo o nome, Malu? — eu estava boquiaberta. Fechei mais a boca e balbuciei:

— Difusor.

— Difusor. — ele repetiu para o gerente ao telefone. — Isso mesmo, aparentemente, vocês não disponibilizaram aqui, e a minha acompanhante está precisando de um destes. Sim, que bom que você sabe. Claro, não se preocupe. Isso, vou aguardar virem deixar, então. Ótimo, obrigado.

Quando ele desligou, e voltou para o sofá, eu fiquei lá, olhando para ele, presa num misto de sensações que não deveriam estar lá. Era uma mistura de encantamento e medo.

— Teo, não precisava, eu não quis...

— Precisava. E não foi grande coisa, eles deveriam ter um desses, não deveriam? — ele rebateu, com a testa franzida para mim. Eu lambi

meus lábios, e tentei sorrir.

— Bom, sim...

— Então, tudo resolvido.

Eu assenti. Eu entendia, que em seu mundo eram assim que a maioria das coisas eram resolvidas, com uma palavra, um telefonema, mas não era assim para mim.

— Obrigada. — murmurei, e algo quente se espalhou por meu peito, indevidamente, mesmo que eu não quisesse. Como ele disse, não era grande coisa, mas eu me sentia meio entorpecida pelo seu gesto. — Ainda assim, foi atencioso da sua parte.

— Provavelmente, da próxima vez, eles terão um à disposição.

Assim que ele acabou de dizer isso, a campainha soou e ele levantou, rápido.

— É a comida, e eu estou quase desmaiando de fome. — ele resmungou, mal-humorado, e foi atender à porta. Eu fiquei ali, com um sorriso no rosto, sabendo que realmente era uma coisa boba, ainda que atenciosa. Nada demais, então, o porquê eu me sentia ligeiramente tocada, eu não sabia.

Seria mais fácil se ele não fosse, além de ótimo na cama, um cara tão atencioso como ele

era? Mais fácil o quê, exatamente? Mais fácil não confundir as coisas? Mais fácil não... eu me enrolei mais no roupão, a sensação de me sentir ligeiramente assustada, retornando com força total.



Nós comemos lá fora, ambos de roupão de banho, sentindo a brisa leve da noite. A comida era excelente, e eu aceitei uma taça de vinho para acompanhar o peixe. Minutos antes, um funcionário do hotel havia vindo trazer um grande e vermelho difusor para mim, eu recebi, agradei, ele pediu sinceras desculpas pelo inconveniente e se foi. Teo observou tudo calado, e enquanto ele colocava a mesa, eu fui secar meu cabelo.

Ele ainda me parecia estranhamente calado, sério, ou talvez fosse apenas impressão minha. De todo modo, eu não quis chamar atenção para isso.

— Gostou? É um dos coringas do cardápio do restaurante daqui. — ele disse, quando terminamos, se recostando na cadeira, tomando um gole da sua bebida.

— *Hummm*, delicioso mesmo. Você costuma vir aqui, frequentemente? — eu disse, mais para puxar conversa, mas quando me dei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conta do que podia parecer, e de como ele estreitou os olhos levemente nos cantos, beberiquei meu vinho, desviando os olhos dos seus.

— Sim, eu conheço o local já há algum tempo. O Marcos tem um *flat* aqui também.

— Ok.

— Malu?

— Hum?

— Você quer perguntar se eu costumo trazer alguém aqui?

— Não, não foi isso, eu só estava puxando assunto, eu achei que você está muito estranho desde que saímos da cama e... — como eu disse, às vezes quando eu fico tensa, começo a falar demais. O filtro entre o meu cérebro e a minha boca falha e acontece coisas assim. Não é sempre, mas acontecia, e estava acontecendo demais quando eu estava perto de Teo. *Putá merda*. Ele fez uma expressão intrigada, e pôs sua taça na mesa.

— Eu estou estranho? Por que você acha isso?

Eu respirei fundo.

— Quer saber? Não é nada disso, esquece. Eu não quis dizer que...

— Malu. — ele rosnou, e eu o fitei, atenta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei, só achei que você tinha ficado muito calado, mas eu nem queria falar disso. É uma bobagem, eu sei. — suspirei, irritada comigo mesma. Não deveria ter tocado nessa merda desse assunto.

— Fique tranquila, está tudo bem. — ele disse, apenas, e por algum motivo, tranquila foi a última coisa que eu fiquei. Concordei com a cabeça e fiz a imitação de um sorriso em sua direção.

— Certo. — eu disse, enfim. Então lembrei que precisava ao menos avisar Stella que eu não voltaria para casa, para que ela não se preocupasse.

— Teo, preciso fazer uma ligação. Você viu a minha bolsa?

— Está sobre o aparador. Para quem você precisa ligar agora? — ele franziu a testa.

— Preciso avisar a Stella que estou aqui e não vou voltar para casa. — eu disse, caminhando para onde ele disse que minha bolsa estava. Lá, peguei meu celular e sentei no sofá para fazer a ligação.

Antes que eu pudesse disar, vi que havia muitas mensagens do *WhatsApp*, e como ela poderia ter mandando mensagens, abri.

Realmente, como Stella sabia onde eu

estaria, não quis ligar, mas deixou mensagem perguntando como estavam as coisas e se eu voltaria. Eu sorri, ela sempre parecia saber das coisas. Respondi, então vi que algumas das mensagens eram de outro número desconhecido. Meio que imaginando quem era novamente, abri. Era um outro número, mas era o Adriano, me dizendo que eu precisava dar uma chance a ele de mostrar que tinha mudado, que ainda podia ser o homem que eu queria que ele fosse, que precisava me provar que o que tínhamos, que o nosso amor era mais forte do que tudo.

Eu balancei a cabeça de leve, recusando-me a acreditar que ele ainda pudesse estar insistindo. Qual o sentido daquilo? Estava absorta na questão quando senti a sombra de Teo e levantei os olhos para vê-lo sentar próximo a mim no sofá, braços cruzados no peito e postura relaxada.

Mas sabe quando a pessoa está relaxada demais, tão relaxada que você sabe que aquilo era tudo que ela menos estava?

— Avisou?

— Sim, avisei. — travei o celular e pus sobre o sofá. O olhar dele acompanhou o gesto, mas ele não disse nada, e nem eu. Não havia nada

para ser dito, no meu entender. Ele estendeu a mão em um gesto mudo para que eu fosse ao seu encontro, e quando eu me aproximei, me puxou-me para o seu colo, fixou aquelas piscinas esverdeadas no meu rosto e afastou uma mecha do meu cabelo, lentamente.

— Você realmente está bem com a questão de fazermos sexo sem proteção? — ele perguntou, e eu fiquei levemente surpresa. Não imaginava que ele ainda fosse querer tocar nesse assunto, já que tínhamos resolvido que sim. Passei a mão no seu rosto, afagando sua barba.

— Bom, eu disse que sim, e é meio tarde para isso, não é?

— Não, não é. Se você não estiver bem com isso, não faremos mais.

— Mas você quer.

— Sim, eu quero. Agora que eu tive isso, não vejo outra forma de fazer sexo com você, mas como eu disse, vou sobreviver se você achar que é demais. — ele deu de ombros, mas parecia tenso. Seria algo relacionado aquilo, então? Era por isso que ele estava estranho? Mas o que...

— Teo, se eu realmente não quisesse, não teríamos feito desta forma. Você me disse para

escolher, e eu escolhi.

— Certo, só queria que você estivesse bem ciente disso. — ele murmurou, e afundou o rosto entre o meu pescoço e ombro, parecendo inalar meu cheiro.

— E eu espero que *você* esteja bem ciente disso também. — eu sussurrei para ele, fechado meus olhos com a carícia. Ele voltou a me encarar.

— O que você quer dizer?

— Ora, querendo ou não, estamos confiando em apenas um método, a pílula, e não em pílula e camisinha. — eu disse o óbvio, mas ele pareceu entender.

— A probabilidade é muito pequena, de um acidente assim ocorrer. — ele disse.

— Mas não inexistente, e você teria que confiar em mim. Mas não se preocupe, eu tenho uma vida inteira pela frente, também não me anima a perspectiva de "um acidente assim ocorrer". — eu disse, usando as palavras que ele tinha usado, dando de ombros. Ele fechou a cara, muito sério.

— Sei. Você não pretende ter filhos tão cedo, é isso? — ele me beijou, de leve, na mandíbula, e continuou espalhando beijos.

— Pretendo sim, mas como te disse, meus

planos de maternidade incluem um relacionamento sólido, então, pode confiar em mim.

Teo definitivamente ficou tenso e parou os beijinhos. Eu olhei para ele.

— Ah, você tem planos românticos, então. — ele disse, e seu tom era irônico, o que me irritou um pouco.

— Claro que eu tenho, por que você parece surpreso?

— Talvez porque você pareceu muito bem com a perspectiva do que nós estamos fazendo, desde o início, então você poderia ser uma jovem mulher descrente em coisas como amor verdadeiro e tudo o mais.

— Hum, sei, e você é um desses, pelo que vejo. Dos descrentes do amor verdadeiro e de tudo o mais. — eu o imitei. Ele deu de ombros.

— Não, eu sou dos que já estiveram lá, não acharam grande coisa, e não pretendem voltar.

Eu assenti, sentindo um peso no meu peito em ouvir aquilo. Eu sabia, claro, que Teo era aquele tipo de homem, mesmo que ele nunca tivesse dito de modo tão claro quanto agora. Tudo que estaria acontecendo era isso, sexo casual, exclusivo, mas casual. Minha nossa, ele estava me

avisando! Estava me dando a dica do "não espere mais do que isso, baby". Bem, eu também precisava deixar claro que ele não teria o que temer comigo.

— Ok, eu posso compreender, mesmo. Também já estive em um "amor verdadeiro" que não deu muito certo, então... a gente não fica muito a fim de ter de novo disso, eu sei. — desdenhei.

— Pode-se dizer que sim. Mas você é muito jovem para esse tipo de postura, não? Eu esperaria isso de alguém mais “calejado”.

— Como você?

— Bom, sim. Quando você nasceu, Malu, eu já estava tendo experiências por aí. — ele sorriu, cínico.

— Isso não tem nada a ver.

— Esse seu ex noivo deixou uma impressão e tanto, não? — ele parecia tenso novamente, agarrando minha nuca e acariciando-a.

— Deixe-me te explicar, melhor. Não é que eu não tenha "planos românticos", como você diz, eu acredito em amor e quero construir uma família, um dia, mesmo com tudo o que aconteceu com o Adriano. Eu só acho que ficar muito obcecada com isso, vendo amor em tudo e em cada pessoa que

passa pela nossa vida, sei lá... é desgastante. Então, eu estou bem com o modo como as coisas estão.

Por enquanto.

Teo me observava muito atento, como se me estudasse, e eu estava começando a ficar novamente tensa, nervosa. Precisava segurar minha língua.

— Interessante. Você já teve um noivo, já esteve as portas do casamento, e agora quer o quê? Curtir a vida? É isso?

— Talvez. Se você quer saber, eu já tive um pouco dessa decepção da "busca por esse amor verdadeiro", então, vou ficar quieta aqui no meu canto. Pode ser que ele apareça, pode ser que não.

— Mas você ainda vai sair novamente nessa busca, pelo que entendi.

— Não sei, pode ser, mas não agora. Então, entende por que eu digo que meus planos de maternidade agora são carta fora do baralho? Quero ter filhos com um cara que eu ame, talvez até casada, mas não agora. — pronto, abri a boca enorme e disse o que não deveria dizer.

Eu estava ali naquela conversa em tom casual como se precisasse convencer ele que eu não estaria vendo sinos tocarem e ouvindo marcha

nupcial quando olhasse para ele. Porque eu não estava. Não estava. Não queria que ele pensasse que eu estava fazendo planos de levá-lo ao altar, porque pelo que entendi, era sobre aquilo que ele estava falando. Me avisando, de alguma forma.

Teo tinha uma expressão enigmática, e eu gostaria de saber o que passava pela sua mente, depois da minha súbita revelação.

— Entendo. Então, somos perfeitos um para o outro, não é? — ele finalmente disse, um traço de sarcasmo na voz. Eu sorri para ele, mas senti um bolo de angústia se formar na minha garganta. Que conversa era aquela meu Deus do céu?



Capítulo 24

*Na madrugada uma balada soul
Um som assim meio rock in roll
Oh oh oh oh
Só me serve para lembrar você
Contra o Tempo
Rita Ribeiro*

Teo

Depois que fizemos um sexo mais calmo, e nem por isso menos intenso, no sofá, e após aquela conversa que ainda estava me causando urticária só em lembrar, Malu e eu fomos para cama.

Não, nem me pergunte se eu era acostumado a *dormir* com as mulheres com quem me envolvia depois do divórcio, porque eu não era. Nem com Suzana, eu nunca fazia esse tipo de merda. Nunca. Mas, eu estava fazendo agora porque quando você quebrava umas regras por aí, não fazia o menor sentido ficar mantendo outras, pode acreditar. Se era para foder com tudo, foda logo, e depois aguento as consequências.

E eu estava meio ressabiado com as consequências. E não era só em transar sem camisinha, não, eu estava relativamente seguro de que estaria tudo bem, até ela mesma vir com a história de falhas nos métodos e tudo o mais. Eu precisava me informar mais sobre aquilo, decididamente.

O que também estava me consumindo, antes daquela conversa, era a sensação de intimidade e prazer que eu sentia com ela, do louco anseio de

PERIGOSAS ACHERON

protegê-la, de tornar tudo mais fácil para Malu. Coisas que não deviam estar presentes em um relacionamento como o nosso, cujas bases eram perfeitamente assentadas em questões físicas, de pele, de sexo. E era eu quem estava complicando as coisas. Sim, eu reconhecia isso. Eu estava forçando os limites com pequenas coisas, e estava ficando mesmo *preocupado*.

Mas o que tinha feito de verdade um sino de alerta soar feito um louco no meu cérebro, foi quando — ao sair do banheiro, assim que tínhamos transado na cama eu havia gozado dentro dela — eu vi a minha porra escorrendo dela, aquela boceta gostosa toda úmida das suas secreções, mas ainda mais molhada da *minha*, meu esperma grudado nas suas coxas tinha sido uma visão poderosa demais para conter o homem das cavernas que havia em mim.

Havia sentido um rugido animalesco se formar dentro do meu peito, como se a estivesse marcando, tornando-a minha da forma mais primal e menos civilizada que existia. E eu era um homem civilizado, então, onde aquilo me deixava? Cara, isso era fodido de tantas e diferentes formas que não dava nem para começar a contar. Porque não

era para ser assim.

E eu vi, nos seus olhos, o embaraço, e alguma outra coisa que eu não soube discernir naquele momento, mas que me deixou ainda mais tenso. Aquilo me abalou um pouco, eu pedi a comida e resolvi tomar banho sozinho, no banheiro de fora ao lado da piscina. Não tinha nada a ver com ela, eu havia insistido naquilo, só estava encucado com o andamento da carruagem.

Não era o que eu queria, eu não estava mesmo procurando um relacionamento, e estava menos ainda procurando uma mulher fixa, depois de tudo. Minha vida era maravilhosa do que jeito que estava, e mesmo que eu tivesse aberto um precedente inimaginável para mim, com Malu, não significava que eu fosse dar mais passos a partir dali. Então, ela estava certa quando achou que estava estranho.

Eu estava mais do que estranho, eu estava Tateando novamente e tentando encontrar as razões que tinham me feito, para início de conversa, elencar todos aqueles princípios para os meus envolvimento, para que eu não precisasse mais lidar com a parte complicada e corriqueira, engessante, de estar com alguém. Eu precisaria em

algum momento dar um passo atrás com Malu, para que as coisas não complicassem? Provavelmente sim.

Então ela veio com aquele papo de que a maternidade não estava em seus planos, de que no futuro queria estar sim em um "relacionamento sólido". Não que eu estivesse pensando em maternidade e Malu na mesma frase. Não era isso, de jeito nenhum. Era que aquela conversa da pílula tinha levado a isso e... ela acabara me revelando coisas que deveriam ter me deixado mais tranquilo, relaxado. Eu estava seguro em relação a sua dignidade quanto ao controle de natalidade, ela não queria um compromisso sério nesse momento da vida, não se via sendo mãe tão cedo, e sim, pretendia ter uma família, com um cara que ela amasse e tudo o mais. Futuramente. Não agora, não comigo. Pronto, tudo perfeito,

Era isso que eu esperava ouvir, era para eu estar soltando fogos de artifícios com essa confissão, não? Então por que, *por que diabos* eu tinha ficado em um nível de irritação tão fodidamente grande ao ouvir aquilo? Por que aquela história estava me descendo tão amarga? *Era. A. Porra. Do. Que. Eu. Queria. Ouvir!* O

sonho de todo macho que estava fugindo de uma mulher com sonhos românticos que pudessem levá-lo à força, quer dizer, ao casamento. Eu tinha achado o santo Graal, era um felizardo: uma mulher gostosa, receptiva na cama, que me deixava alucinado e que, veja bem, *não* estava interessada em me prender.

Então por que eu estava puto em vez de estar feliz? Eu estava virando um caso de terapia, só podia ser isso. Mas vamos com calma: era porque eu me sentia possessivo em relação a ela, neste momento, e não estava engolindo bem que outro cara fosse para cama com ela depois de mim. Porque outros iriam, claro, isso era normal, afinal, eu não estaria com ela para sempre. Depois de mim outros caras transariam com ela. Tranquilo. Cerrei os dentes.

Eu estava nesse momento, então, perfeitamente acordado, já tinha tirado um cochilo antes, e agora sentia Malu respirar pausadamente, em paz, o rosto colado ao meu peito, seus cabelos espalhados por meus braços e peito, os seios macios esmagados na minha costela. Ela estava *grudada* em mim, uma perna jogada na minha cintura, pressionando, mesmo sem querer, meu pau,

o calor delicioso da sua boceta no meu quadril. Resultado: eu estava duro como uma rocha, e dormir com o pau duro era um bocado complicado, acredite em mim.

Mas nós tínhamos nos excedido um pouco se contássemos todas vezes que havíamos transado naquela noite, o que não quer dizer que meu amigo ali embaixo não estivesse disposto a dar o ar da sua graça. É você que estava me metendo nesse enrascada, seu imbecil, e eu estou caindo feito um pato, agindo como um adolescente que nunca tinha visto uma boceta na vida, resmunguei. Pronto, eu estava conversando com meu pau, agora.

Eu não dormia com uma mulher agarrada a mim há muito tempo, tinha esquecido essa sensação de ter braços e pernas jogados em mim, e olha, nesse momento eu tinha ambos jogados em mim. Pensando bem, eu nunca tive. Casado com Amanda, mesmo no início, nós dormíamos próximos, mas de modo geral era cada um do seu lado. Malu me transformou em um travesseiro aqui, um travesseiro com um pau explodindo, diga-se de passagem.

Eu sei, o problema era todo meu que queria ter sexo com ela logo ao acordar, algo que quis

desde a primeira vez, e por isso resolvi dormir com ela neste flat. O problema era que Malu era uma pessoa agitada no sono, e literalmente estava colada em mim, e eu não sabia se dormia ou prestava atenção nela se enroscando e gemendo. E ela dormia *nua*, ou seja, o sono e o cansaço estavam lutando com o tesão bravamente aqui. Depois de mais uns minutos, sendo finalmente vencido pelo cansaço de uma performance sexual extenuante, eu coloquei uma das minhas mãos nas suas costas e deixei o sono me levar.



A primeira coisa que me despertou pela manhã foi o fato de que o meu braço direito estava meio dormente porque tinha uma cabeça pousada nele. A segunda coisa foi um monte de cabelo espalhado no meu rosto e entrando na minha boca. A terceira foi uma bunda gostosa roçando no meu pau, ótimo. A quarta coisa era que eu estava com um braço firmemente preso ao redor de uma cintura feminina, e a quinta, e mais surpreendente de todas, era que eu tinha dormido mesmo com alguém grudado em mim.

Sorri, sentindo o cheiro do cabelo de Malu e

PERIGOSAS ACHERON

procurando seu pescoço, enquanto subia as mãos pelo seu corpo e agarrava um dos seus seios, massageando, pegando os mamilos entre os dedos, e esfregando minha ereção em sua bunda. Sim, tinha valido a pena cada porra de segundo ter sido um travesseiro humano para acordar daquela forma. Ouvi Malu resmungar algo no sono e tentar sair do meu aperto.

— Não mesmo, você passou a noite toda me deixando louco, seja se jogando em mim, deixando meu pau duro. Agora não vai dormir mais não... — eu disse a ela, minha voz rouca do sono e de tesão. Ela roçou de novo no meu pau, e tentou sair novamente, fazendo sons ininteligíveis. Ora, temos uma dorminhoca aqui.

Intensifiquei o toque em seus seios e minha mão na sua cintura desceu, e passei a manuseá-la, meus dedos procurando sua entrada quente, em movimentos circulares. Logo, ouvi um meio resmungo e meio gemido, e ela se pressionou mais e abriu as pernas. Eu fiquei meio desvairado. Mordi seu ombro de leve, sem parar as carícias. Malu pareceu despertar aos poucos, murmurou algo e se esfregou mais em mim.

— Bom dia. — eu sussurrei para ela.

— *Hummm...* bom dia. — ela gemeu quando eu levantei sua perna e enfiei um dedo nela, meu pau rígido colado na sua bunda.

— Teo... — ela disse, em tom de advertência, e eu sorri, meu rosto enfiado em seu ombro e em seus cabelos.

— Só estou testando, calma...

— *Tá*, me engana que eu gosto. — Malu sorriu, e depois gemeu novamente quando eu entrei nela com vigor, assim que percebi que ela estava molhada o suficiente para mim. Era uma posição que a deixava inteiramente a minha mercê, eu segurei sua perna e passei a arremeter com intensidade, ela me acompanhando nos impulsos vigorosos, e eu aproveitei, finalmente descobrindo como era acordar e ter sexo com ela pela manhã. Não era nem perto o que eu imaginei, porque era muito melhor.

Muito mais tarde, por volta das 11 horas da manhã, eu e Malu estávamos descendo. Havíamos tomado banho, desfrutado de um bom café, e depois nos vestimos. Eu me sentia revigorado, relaxado, mas ao mesmo tempo inquieto, como quando você tem uma coisa te incomodando e não sabe exatamente *o que é*, mas sabe que ela está lá,

te cutucando.

No elevador, Malu estava quieta, e bocejou.

— Cansada? — eu murmurei em seu ouvido, tentando esconder um sorriso.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Teo, eu estou até meio ardida, você sabe. — ela cochichou no meu ouvido, porque tínhamos companhia. Eu sorri abertamente, e quando as portas se abriram, eu a escoltei para fora. Já estávamos quase próximos ao meu carro quando meu celular tocou. Era Marcos.

— Cara, você tem certeza que não está apaixonado por mim ou algo assim? Não é possível. — eu fui logo dizendo ao atender.

Depois de uns três segundos de silêncio, ele falou com voz abafada.

— Diz aí, Teo. É algum tipo de piada de vocês, não é? Sua e de Ricardo? Tipo teste de resistência ou algo assim? — ele disse, soando divertido. Eu franzi meu cenho, observando Malu ajustar seu cinto de segurança ao meu lado.

— Como é? Do que você está falando?

— Da garota que você mandou para minha casa.

— Eu não *mandei* garota alguma para sua

casa Marcos, você acha... espera um pouco, você está falando da filha da dona Amélia? Alice, não é? — eu não estava entendendo aquele cara.

— Sim. *Alice*.

— E qual a porra do seu problema? Não era o que você queria, uma diarista?

Uma respiração profunda do outro lado.

— Cara, uma coisa é encontrar uma diarista, outra é você ter me enviado uma *armadilha de satanás* para dentro do meu apartamento, entendeu?

— Calma aí. Eu não entendi. Ela não é boa?

— pigarreei no meu punho fechado. — Você não a aprovou ou o quê?

— Ah, cara, ela é boa. Muito boa. Esse é o caralho do problema aqui. E não me diga que você não sabia disso.

— Claro que não, eu só sei que ela é filha da dona Amélia. Te passei o contato e só, nem sei quem ela é.

— Porra, cara. Assim fica difícil me manter um homem digno, sabe? Eu já estava tentando por uma semana.

— Marcos, você, hum... — eu dei uma espiada em Malu, que tinha tirado um espelho da bolsa e estava se observando nele. — Você não tem

PERIGOSAS NACIONAIS

controle a ponto de não querer comer... — outra espiada em Malu. — Sério mesmo?

— Isso é porque você não a viu.

— E como é? Descreve-a para mim — eu sorri, divertido.

— Vai te lascar.

— Tá ok. Dispense-a, então.

— Claro que eu não vou fazer uma porra dessas. *Tá* louco? Eu sei lidar com armadilhas de satanás, pode ficar tranquilo. — ele riu — Posso até me divertir no processo.

— Se você diz. Valeu, então. E me deixa informado, acho até que quero ver essa armadilha de satanás aí. — eu disse, rindo para provocá-lo, e vi os olhos de Malu voarem para mim, rápidos. Veja só, ela não estava concentrada no maldito espelhinho?

— Ei, vamos bater um papo e ver o jogo amanhã? Aqui ou na sua casa? — Marcos estava dizendo.

— Tanto faz. Chama o Ricardo e o Diego, e aí a gente decide.

— Beleza. Te chamo depois.

— Não tenho a menor dúvida disso. — desliguei, sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Malu guardou o espelho e me deu um sorrisinho inocente. Eu pisquei para ela liguei o carro e saímos do estacionamento do apart-hotel.

— Então, o que você vai fazer no restante do fim de semana? — eu quis saber, a despeito de ter chegado à conclusão que precisava manter o foco e manejar na empolgação em relação a ela.

— Estudar. Acabei não fazendo muito isso durante a semana, e estou com algumas coisas atrasadas. Mas quem sabe ver um filme com Stella, também. Ainda não sei.

— Sei. No cinema?

— Ah, não. A gente gosta mesmo de fazer uma sessão de televisão e sorvete, ou alguma outra guloseima do tipo. Mas vamos ver. — ela deu de ombros.

Eu fiz um gesto de assentimento e voltei a atenção à direção. Mesmo querendo levar as coisas de modo menos intenso para que elas não se complicassem depois, ainda queria saber o que ela faria, para onde iria e com quem estaria. Apertei meus dedos ao volante, frustrado, e liguei o som do carro baixinho, e a voz de David Bowie soou, relaxante.

— Teo, quero te pedir um favor. — ouvi a

voz de Malu, depois de um momento de silêncio. Virei-me para ela, e assenti, instando-a a continuar. — Não diga nada à Julia, por favor. Quer dizer, ela não tem culpa alguma por ter soltado algo sobre você e a Suzana. — o nome saiu desdenhoso dos seus lábios.

Eu estreitei meus olhos. Porra, havia mesmo aquilo para resolver. Suzana. Malu tinha uma expressão contrita, preocupada.

— Malu, eu não vou brigar com a Julia, pode deixa. — garanti. Brigar não, mas falar com ela, sim. Mas ia deixar aquilo quieto, não queria que ela se preocupasse com aquilo agora.

— Ela não tem a menor culpa se você estava começando alguma coisa com uma e ainda tem outra colada por aí. — Malu disse, com voz cortante, falsamente tranquila, eu notei.

— Nós não já discutimos isso?

— Sim, e eu estou no aguardo do seu posicionamento sobre isso, só para constar. — ela piscou para mim, depois limpou uma sujeirinha inexistente da barra dos shorts. Como eu disse, precisava resolver aquilo o quanto antes.

— Malu, eu já disse, vou deixar claro que o que eu tinha com a Suzana chegou ao fim, e vou te

deixar saber disso, não se preocupe.

— Não estou preocupada.

— Ok. — eu sorri.

Nos aproximamos da entrada do seu prédio, e havia mais um carro à nossa frente, entrando na vaga de visitante. Eu esperei que o motorista manobrasse, ele estacionou em uma vaga, e então, desceu, ficando ao lado do carro. Era um homem alto e forte, negro, usando uma camisa branca e jeans. Eu já estava mudando minha atenção dele para movimentar o carro quando ouvi o ofego de Malu ao meu lado: ela estava com o olhar meio apavorado fixo no cara em questão.

Só por isso eu já estaria incomodado, mas a forma inquieta com que ela estava olhando para ele era um indicador de maior alerta naquele momento. Será que era *quem* eu achava que era? Vamos nos certificar, então, pensei. Olhei pelo retrovisor, não vinha mais ninguém, e puxei o freio de mão. Malu virou para mim, alarmada.

— O que você... vamos entrar, Teo. — ela disse, a voz tensa, mas tentou encobrir com um sorriso casual.

— Quem é aquele cara?

Ela deu de ombros.

— Que cara?

— Malu, você vai descobrir que isso é perda de tempo comigo, tentar me enganar. Vou reformular a pergunta: aquele cara parado ali é o seu ex noivo? O tal do Adriano?

Ela engoliu em seco, não pôde evitar, e eu tive a minha resposta, minha mandíbula tensionando, e precisei tentar me controlar, respirando fundo.

— É ele, sim, mas... escuta, Teo, ignora ele. Eu estou ignorando.

— Está?

— Vamos entrar, ele pode nem estar aí por minha causa. Um monte de gente mora aí. — assim que ela disse isso, deve ter visto que foi a coisa errada a ser dita, pela forma como seu rosto reagiu a minha expressão de ferocidade.

— Você acha? Esse cara está te perseguindo, isso sim. — eu disse, com uma calma assustadora. Quem me conhecia sabia que aquela calma era pior do que quando eu explodia.

— Teo, não. Não está. Espera aí. — ela estendeu a mão tentando segurar meu braço e me deu um olhar de puro horror quando eu abri a porta. Eu estava calmo, claro, só ia deixar algumas coisas

claras porque aquele cara podia ainda não ter entendido as coisas direito.

Percebi por minha visão periférica Malu saindo meio estabanada do carro, os olhos arregalados para mim. O que ela estava achando que ia acontecer? Eu só ia me apresentar, nada mais do que isso. O tal do Adriano me viu se aproximar e me deu um olhar de cima a baixo, atento. Ele era policial, Malu tinha me dito, não era? Que bom para ele. Eu não tinha medo da polícia, por exemplo.

Agora, perto dele, notei que ele era tão alto quanto eu, talvez uns poucos centímetros mais baixo, apenas. Em segundos, digitalizei tudo nele, e quando lembrei que aquele cara fora o primeiro homem dela, que tinha tirado sua virgindade, que fora seu primeiro namorado, noivo e o caralho a quatro, a fúria que eu estava tentando, veja bem, *tentando bravamente* manter controlada, ameaçou explodir na forma do meu punho na sua cara.

No segundo seguinte Malu estava do meu lado, e eu vi quando ele a notou, absorvendo rapidamente sua aparência, a postura corporal reagindo a sua presença. *E ele já teve a Malu.* Aquilo me enfurecia em um nível absurdo. Filho de

uma puta desgraçado. Cerrei meu dentes e cruzei os braços no peito bem na hora que Malu, não sei por que, ficou na minha frente, colando seu corpo ao meu.

— Adriano. — ela disse, rápido, ofegante.
— O que você está fazendo aqui?

Ele olhou para mim, deve ter notado a minha expressão fria, e depois para ela.

— Malu, eu... — ele ia começar, mas eu afastei delicadamente Malu da minha frente e estendi uma mão para ele. Eu não era um cara mal-educado, eu ia apenas me apresentar, mesmo que todos os meus poros pedissem que eu desse um soco nele.

— E aí, cara, tudo bem? Malu não nos apresentou ainda, mas eu sou o Teo. — eu disse, pausadamente. Adriano compreendeu tudo na mesma hora, e seus olhos buscaram novamente os seus. O que vi ali me deixou apreensivo, inquieto, porque não foi raiva, possessividade, foi medo, tristeza, arrependimento. Algo frio subiu por minha espinha com a constatação. Ele franziu o rosto, e olhou para a minha mão estendida.

— Olá, Teo. Você parece estar em vantagem, então, eu não o conhecia. — ele disse, e

apertou a minha mão, firme. Eu senti a indireta e fiquei mais puto ainda. Ela não tinha dito que estava comigo?

— Não tivemos oportunidade, mas Malu me falou sobre você.

— Falou?

— Teo... — Malu chamou, muito tensa, novamente colando o corpo no meu, e eu adorei a expressão meio sofrida que ele fez. Foda-se, seu babaca.

— Ah, falou, sim. Você veio para algum tipo de visita?

— Adriano. — Malu atalhou, nervosamente. — O que você quer? Eu já disse que não queria falar com você.

— Você sabe o que eu quero. — ele disse, e eu senti o sangue subir. Quando ele voltou os olhos para mim, eu novamente afastei Malu da minha frente, que não quis sair. Puta que pariu, que mulher teimosa do caralho. Eu estava ficando nervoso com ela ali entre mim e ele. Peguei em seus ombros e a afastei novamente, devagar, e os olhos dele seguiram meu movimento sobre ela.

— Cara, vamos esclarecer algumas coisas bem relevantes aqui. — eu comecei, minha voz

macia, controlada, *civilizada*. — Eu também sei muito bem o que você quer, e... não vai rolar. E gostaria muito mesmo, que você parasse de incomodar a Malu, eu fui claro?

A muito custo, eu estava controlando o meu temperamento. Malu estava ali entre nós, eu estava na entrada do seu prédio, e afinal, nós podíamos resolver aquilo sem apelar para nenhum tipo de violência, mesmo que meu corpo estivesse *implorando* para que ele desse algum sinal de que estava disposto a ser violento. Me obriguei a respirar fundo. Adriano olhou para mim, em silêncio, depois para ela, e eu quis arrancar aquela expressão sofrida e condoída do seu rosto, como se estivesse *implorando* a ela, demonstrando que estava sofrendo.

— Meu chapa, *eu* não tenho nada para discutir com você. — ele disse para mim, por fim, mas parecia abatido. E eu fiquei com mais raiva ainda porque queria que ele estivesse com raiva, queria que ele brigasse, que me afrontasse. Mas aquele jeito de cachorro na chuva com o qual ele estava olhando para ela estava fazendo todos os pelos do meu corpo se eriçarem em atenção. E um pouco de apreensão, também. Veio à minha mente

Malu dizendo que queria formar uma família, que tinha planos românticos futuramente com um cara que a *amasse*.

— Você tem, sim. Ela está comigo. — eu rosnei para ele, minha calma me abandonando aos poucos.

— *Você dois, podem parar!* — Malu finalmente pareceu sair do transe que ela estava. Eu respirei fundo e achava que estava demorando, pelo que já conhecia dela. — Eu estou aqui, não fiquem aí falando como se eu fosse uma bola que vocês querem brincar, *tá* legal?

— Malu, você não me disse que já tinha outra pessoa na sua vida. — ele disse, parecendo cansado, a voz grave.

— Agora que você já sabe, desapareça. — eu rebati, minha voz mal saindo.

— Teo, por favor. — Malu murmurou, virando-se para me olhar, zangada. Zangada comigo?! Aquele embuste do caralho estava ali parado na minha frente, eu estava agindo como um lorde, e ela estava zangada *comigo*? Apertei meus punhos e o encarei por cima da sua cabeça, mandando uma mensagem silenciosa de que nos veríamos em outras circunstâncias — quando ela

não estivesse presente — se ele não fosse para casa do caralho imediatamente.

Ela voltou-se novamente, mas percebi que ainda estava colada a mim. Passei o braço por sua cintura e a puxei mais de encontro ao meu corpo. Vamos ver como você ia reagir agora, meu camarada, pensei. Ele olhou, demoradamente, depois subiu o olhar e a encarou.

— Se eu soubesse, já teria me retirado, você sabe. — ele disse, parecendo um pouco zangado agora. E eu fiquei tenso, alerta.

— Você está sabendo agora. — foi Malu que disse, antes que eu pudesse dizer algo. — Eu disse a você que o que quer que você estivesse oferecendo, eu não queria mais, Adriano. Pensei que tivesse ficado claro. Isso aqui, agora, não precisaria acontecer.

Mas sua voz não era emputecida como a minha, parecia cansada, e até ligeiramente triste ao falar com ele. Minha raiva voltou. Ela estava com *pena* dele?

— É isso, então? É ele que você quer? — ele perguntou, passando a me ignorar. Meu braço ao redor da sua cintura apertou mais, estava tenso, todos os meus músculos rígidos. Eu não percebi,

até aquele momento, o quanto aquela sua reposta me afetava. Ela estava comigo, mas o que responderia para o ex que dizia que ainda a amava? Me obriguei a ficar calado, mesmo porque minha mandíbula estava quase travada e eu não ia conseguir falar. Perfurei-o com o olhar, mas ele olhava diretamente para Malu.

— Sim, Adriano. Eu estou com o Teo, como você pode ver. — ela finalmente disse, mas meu alívio não foi total. Aquela hesitação breve, que ele não deve ter notado, eu percebi na sua voz. Ele acenou positivamente, mas parecia mais triste do que com raiva. Não a toque, eu pedi, em silêncio, quando notei a expressão amorosa no seu rosto. Se você a *tocar*...

— Ok, Malu. Eu entendo.

— Adeus, Adriano.

— Adeus. — Adriano enfim deu-me um olhar de quem parecia reconhecer a derrota, mas aquilo não me deixou aplacado, pelo contrário, me deixou mais tenso ainda. Antes de virar-se e entrar em seu carro, ele voltou-se para nós. — Ah, eu vou ver dona Fátima amanhã, mando lembranças suas.

Afastei-a do carro junto comigo, e o observei partir. Minha respiração era pesada,

aquele tipo de raiva contida que um cara precisava descontar com os punhos. Bem, como aquele idiota não aceitou meu convite implícito, eu teria que descontar no meu saco de boxe em casa.

— Teo... *Teo!* Você pode me soltar agora.

— Malu disse quando eu devo não ter ouvido da primeira vez, a voz baixa, novamente. Soltei-a, e a encarei. Ela pôs uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Eu poderia ter resolvido isso.

— Não. Se eu estou com você, você não poderia ter resolvido sozinha. — eu disse, minha voz dura. Suspirei e passei a mão pela nuca, a tensão ainda não me abandonando.

Ela estreitou os olhos para mim.

— Eu pensei que você iria... enfim, não precisava ser tão ameaçador. — ela suspirou. — Você viu que ele não tinha a intenção de te desafiar.

— Eu quero que se foda a intenção dele, Malu. Aliás... — eu engoli. Meu Deus que caralho eu estava quase tremendo de raiva. Nunca fui assim. *Que merda era aquela?* — Dona Fátima é a sua mãe?

Ela me olhou, surpresa e claramente

intrigada com a minha mudança brusca de rumo da conversa. Bem-vinda ao clube dos que não entendiam mais como funcionava a porra da cabeça de Teodoro Stein, pensei, sarcástico.

— É, sim. Por quê?

— Por nada, era só que eu não *sabia*. —
apontei o carro, e ela rolou os olhos e se encaminhou para lá, me seguindo. — E me diz outra coisa, ele entrou novamente em contato com você depois daquela vez?

Eu entrei no carro, dei partida e comecei a entrar no prédio. Bom que o porteiro não me parou. Ia ter uma palavrinha com ele sobre quem podia e não podia entrar ali, claro, sem que Malu soubesse, ela iria se rebelar contra aquilo. Notei, então, que ela não respondeu logo a minha pergunta, olhando para fora da janela, e apertei o volante, xingando entredentes. Eu estava entrando em um mundo paralelo ou aquela mulher estava revirando a minha vida de modo inimaginável.



Capítulo 25



Lute contra o sentimento (lute contra o sentimento)

Deixo-o sozinho (deixo-o sozinho)

Porque se não for amor

*Não é o bastante para deixar
meu lar feliz (meu lar feliz)*

Don't Cha

The Pussycat Dolls

Malu

Eu estava sentindo-me ligeiramente triste. Não porque o Adriano ainda significava algo para mim ou que eu ainda sentisse alguma coisa por ele. Não. Era uma sensação que tinha mais a ver com Teo do que com o Adriano, olha só que merda isso. Ainda assim, eu estava tentando me entender.

Quando o Adriano havia perguntado se era isso que eu queria, se era ele quem eu queria, percebi que de verdade ali estava se encerrando um ciclo da minha vida. E não havia outra resposta possível àquela pergunta a não ser *sim*. Eu estava em situação em que havia um homem que estava partindo, que já fora parte importante da minha existência, mas que havia me feito sofrer muito, e o outro, bem ali, ao meu lado, me segurando, mas que ainda assim eu não podia dizer que era o novo elemento desse novo ciclo. E nem poderia garantir que não me faria sofrer *mais ainda*. Como eu poderia saber? Era tudo muito recente, imprevisível, eu, nós na verdade, estávamos pisando em ovos ainda.

Não havia como negar, estávamos tentando assentar os alicerces de algo que tinha começado de
PERIGOSAS ACHERON

um jeito e estava ainda se moldando em formas que eu não conhecia, em coisas que eu não sabia, e sinceramente, eu tinha até medo de analisar profundamente.

Então eu estava me jogando, vivendo. Porque eu queria, porque eu podia, desfrutando de algo que estava me fazendo bem. Mas até quando me faria bem? Eu não sabia, contudo, era corajosa o suficiente para não ignorar sinais de problemas sérios, e se eu os visse chegando, eu reagiria, me protegeria. Não ia cometer um erro colossal desses outra vez, justamente para não afundar, justo como eu tinha feito com o Adriano.

— Você não está bem, nem adianta eu perguntar isso, então eu vou direto para próxima pergunta. Por que você não está bem? — Teo questionou, assim que entramos. Ele recostou-se na porta e cruzou os braços sobre o peito, me analisando, escrutinando minhas reações à sua pergunta. Sua voz era calma, baixa, quase reconfortante, o que era estranho comparado com a fúria contida que ele tinha demonstrado lá embaixo agora há pouco.

Minha nossa, que coisa! Eu quase tive um ataque cardíaco quando vi o Teo saindo do carro e

indo na direção do Adriano. Passou tanta coisa louca na minha cabeça, que eu não sabia se eu estava mais doida pelo desprazer do Adriano em estar ali, insistindo, me atormentando, ou pela possibilidade de o Teo partir para cima dele, já que eu sabia que era isso que ele estava com vontade de fazer.

Caso aqueles dois homens resolvessem partir para a porrada bem ali, meu Jesus, eu não ia poder fazer nada, mas mesmo assim, fiquei lá na frente do Teo, colada nele, tentando apelar para o seu bom senso. E se o Adriano estivesse, sei lá, armado? Um terror profundo se apoderou de mim naquela hora. Eu sentia no corpo duro e tenso do Teo como ele estava incomodado, com raiva da presença do Adriano. Agora, ali na privacidade do apartamento, eu olhei para ele.

— Essa pergunta é mais importante do que a anterior que você me fez? Porque eu ainda não respondi àquela. — eu fui corajosa o suficiente para perguntar para ele. Levantei o meu queixo, uma emoção desconhecida me consumindo. Ele tinha me perguntado se eu tinha voltado a falar com o Adriano, depois do primeiro episódio, pergunta um. Agora queria saber por que eu não "estava bem"

com a aparente saída dele da minha vida, pergunta dois. Esperei ele se decidir. Teo ficou segundos em silêncio, então passou uma mão nos cabelos, bagunçando-os, meio exasperado. Se comigo ou com a situação toda, eu não sabia.

— Responda a segunda pergunta. — ele incitou, eu acenei com a cabeça e sentei, enquanto tirava minhas sandálias, devagar.

— Teo, eu só estou cansada disso tudo, ter o Adriano de volta do inferno na minha vida não é legal. E me bate uma tristeza, sim, por tudo... eu o conhecia bem demais, nós vivemos algo, eu o conheço há muito tempo, só isso.

Ele fez que sim com a cabeça, como se entendesse. Mas então voltou às perguntas.

— Mas não tristeza pelo que poderia ter sido, com ele?

Eu levantei a cabeça e o fitei, estranhado a pergunta. Estávamos de volta às perguntas complexas sobre sentimentos e anseios? Que seja, então.

— Não pelo que poderia ter sido. Eu quero o futuro, não o passado. — disse baixinho, e senti meu coração dar um pulo quando me dei conta do que havia dito, da forma que ele poderia ter

interpretado aquilo. Merda, merda, merda.

Silêncio.

Quando levantei a cabeça, ele tinha acabado de parar bem na minha frente, me levantou pelos braços e segurou meu queixo, encarando-me firme. Fiquei perdida na profundidade verde do seu olhar.

— Se você não quer o passado, é aqui que estamos. Concentre-se em mim, no agora. — ele murmurou, e devorou minha boca em um beijo intenso, segurando minha cabeça com suas mãos grandes, me mantendo no lugar. Aprofundou o beijo, curvando-se um pouquinho, e como não podia deixar de ser, eu derreti, recebendo sua língua, devolvendo as carícias, sugando seu lábio.

Mas uma sensação diferente tomou conta de mim, e não era apenas física. Eu sentia aquele beijo em lugares que eu não deveria sentir, locais mais secretos e insondados, mas ainda assim, não podia me impedir de sentir. Nossos lábios juntos demoraram menos do que eu queria, no entanto, e ele parou, dando um beijo na minha testa, mas sem me soltar.

— Eu recebi mensagens dele, mas não respondi. Eram de um outro número, já que o primeiro eu bloqueei. — eu disse, por fim, a cabeça

PERIGOSAS NACIONAIS

quase grudada em seu peito, aspirando o seu cheiro gostoso impregnado na camisa preta.

Teo fez carinho no meu pescoço, carícias lentas, envolventes, e eu fechei meus olhos.

— Você vai me dizer, se ele te procurar de novo? — ele perguntou, finalmente. Eu levantei os olhos para ele, e acenei.

— Bom.

— E, Teo... você vai me dizer, se a Suzana te procurar?

Ele estreitou os olhos para mim, e então balançou a cabeça.

— Vou, mas eu vou procurá-la primeiro, você sabe. Preciso conversar com ela.

Olhei para a depressão da sua garganta forte, e não respondi logo. Jesus, eu estava virando uma louca ciumenta mesmo.

— Sobre nós, sobre isso que preciso falar com ela. — ele murmurou, a boca pressionada na minha testa, fazendo círculos quentes nas minhas costas agora. Humm. Estava delicioso. Reprimi um bocejo.

— Bom. — eu respondi. Claro que eu entendia.

— Nós nos falamos, então. E Malu...

PERIGOSAS ACHERON

— Hum? — eu estava dando um beijinho no seu peito, por cima da camisa, meus olhos fechados, um topor delicioso tomando conta de mim. Eu estava cansada, sim. Antes de responder, bocejei, sem poder evitar, e ele sorriu, finalmente, um sorriso pequeno de canto de boca. Como ele era lindo, meu Deus.

— Vou te deixar descansar.

— Ok. — eu disse, e passei os braços em volta do meu próprio corpo, me abraçando, quando ele se afastou de mim. Teo me deu uma piscada e saiu, fechando a porta atrás de si, e eu me senti triste, de novo. E mais uma vez, não tinha nada a ver com o Adriano, e mais com o fato de que ele não tinha dito quando íamos nos ver novamente, pela primeira vez. Não seja patética, Malu, me recriminei, indo para o meu quarto, mas não adiantou nada.



Dormi a tarde inteira, em uma moleza super gostosa no corpo, e só acordei com a Stella batendo na porta do quarto, de leve. Ela enfiou a cabeça para dentro.

— Minha nossa, você vai engatar o dia com
PERIGOSAS ACHERON

a noite é? E nossa sessão de filme?

Eu me estiquei toda na cama, sorrindo, sentindo em alguns locais da minha pele uma dorzinha ligeira, resultado da intensidade das mãos de Teo. Stella entrou, e sentou-se ao meu lado na cama.

— Nossa, que pele linda, que sorriso maravilhoso, que...

— Sim, eu transei horrores não precisa ficar jogando verde. — eu a interrompi, e nós duas rimos, batendo as mãos no ar como duas adolescentes.

— Me conta. E a história lá da tal do escritório? — ela pediu, ansiosa.

— Pois é. É uma mulher com quem ele mantém, mantinha, eu espero, um tipo de “acordo sexual”. Um caso, mas sem compromisso. Ambos ficavam com outras pessoas, por exemplo.

— Entendido, mas que coisa doida. Mas então ele explicou tudo, não? Terminou com ela?

— Prometeu-me que iria conversar com ela, mas eu não vou deixar correr solto, não. Até entendo que ele não tenha dito logo... não, não entendo estou mentindo, fiquei puta, isso sim. Mas agora que resolvemos algumas coisas, não vou

aceitar nada disso.

— É isso aí, amiga. Ai, estou tão feliz por você. Está tudo bem então? Vocês estão se entendendo de verdade? — ela me encarou, um sorriso grande, de expectativa. Estranhamente, eu não queria falar muito mais naquele momento. Ainda estava com muitas coisas se revirando aqui na minha cabeça e queria que elas se acomodassem um pouco antes que eu pudesse falar sobre elas, mesmo com Stella.

Eu estava vivendo com Teo um momento de contraste, em que estava eufórica por tudo que estava acontecendo, e ao mesmo tempo estava ressabiada com medo de me perder naquelas sensações, misturar tudo, enfim, me ferrar. Já pensou, me apaixonar por um homem que não queria nada com "questões românticas"? Que nem queria saber de amor? Deus me livre.

— Está indo, amiga. Está indo.

Ela entendeu, porque não perguntou mais nada e deu-me um abraço. Era por essas e outras que eu amava a Stella, ela sabia falar como um papagaio quando queria, mas sabia calar quando precisava.

—Vem, vamos ver uma comédia romântica

e comer sorvete!

— Num sábado à noite? Quem nos viu e quem nos vê, hein? Nós já fomos melhores que isso. — eu ri.

— Pois é, amiga, viramos duas mocinhas apaixonadas suspirando pelos nossos homens, e em casa, ainda por cima. Meu pai do céu.

— Fale por você. — resmunguei, e peguei meu celular.

— Tá bom, bonita.

Nós fomos ver *Uma Linda Mulher*, provavelmente pela quinquagésima sétima vez, mas quem estava contando? Nunca é demais ver Richard Gere no auge da beleza. Meu Deus, eu era apaixonada por ele. Pegamos nossos sorvetes, o meu de côco, o de Stella de açaí, e nos deitamos na sala, prontas para ver a história linda de Vivian nas telas.

Algum tempo depois, eu ouvi o barulhinho do *WhatsApp*, que me avisava que algumas mensagens estavam chegando. Eu já tinha checado, eram mensagens de alguns grupos que eu participava, mas vi novamente. Era uma mensagem de Teo. Rapidamente abri, ansiosa, mordendo meu lábio em expectativa. "*Quem venceu, afinal? O*

sono, os estudos, ou filme?"

Era a mensagem dele. Eu respondi, com um sorriso: *"O sono chegou na frente, o filme em segundo. E os estudos ainda nem apareceram perto da linha de chegada, mas amanhã meu dia é todo dele."* Teo estava digitando de volta, e eu aguardei, ansiosa. Logo apareceu a outra mensagem sua: *"Que inveja desses estudos, então"*. Senti meu coração aquecer e digitei de volta, corajosamente. *"O que você está fazendo?"*. *"Noite de jogos"*, foi a resposta que ele deu. Eu franzi o cenho, aguardando, ele completou. *"Maratona Xbox com Julia"*. Ri, encantada. *"Eu não saberia jogar essas coisas nem que a minha vida dependesse disso. Quem está ganhando?"*, eu digitei. Passou uns segundos, então veio a resposta: *"Eu já perdi, como sempre, e ela desistiu de mim. Está jogando sozinha agora"*. Sorri abertamente, e Stella me olhou, e quando compreendeu, fez um coraçãozinho com as duas mãos e fechou os olhos, me provocando. Eu dei um dedo médio para ela. Se Teo e Julia estavam jogando numa boa, provavelmente ele tinha cumprido sua promessa e não tinha sido muito duro com ela por ter me contado sobre a mulher do escritório.

Por falar nisso, eu estava ansiosa e curiosa sobre aquilo, ainda mais depois da cena toda com Adriano. Se ele estava pensando que eu ia esquecer daquilo, ou da minha resolução de lidar com o que a gente tinha da mesma forma que ele estava lidando, ele estava enganadinho da Silva.

Sorri internamente e digitei. *"Uma menina que ganha de um cara no vídeo game, Julia, você me orgulha"*. Ele respondeu logo: *"Acredite, ela já tem orgulho até demais disso."* Eu ri, e logo depois ele escreveu de novo: *"Qual filme você assistiu?"*. Eu olhei para TV, bem no momento em que o Edward, personagem do Richard, encontra a Vivian. *"Estou vendo um dos meus filmes favoritos, Uma Linda Mulher. Já viu?"*, acrescentei, esperando a sua resposta, que veio em instantes: *"Não, nunca vi, não é bem o meu tipo de filme, mas sei do que se trata"*. Não me surpreendia, pensei, balançando a cabeça com um bufo. Típico. Veio outra mensagem dele, em segundos: *"Eu sei que não deveria perguntar, mas o que tanto vocês veem nesse tipo de filme?"*.

Eu era uma boba mesmo por estar estranhamente eufórica por estar trocando mensagem pelo *WhatsApp* com Teo? Eu era, e no

momento, não estava nem aí. Para aquela pergunta, eu poderia responder muitas coisas: era um clássico do cinema para muita gente, para mim, principalmente, era uma linda história de amor, um conto de fadas moderno, e mais ainda, uma resposta que me veio à mente do nada, naquele momento, me causando um ligeiro estremecimento: *"Era porque era um sopro de esperança ver uma história de amor entre duas pessoas de mundo diferentes, que aparentemente tinham um acordo bem claro, que só tinha a ver com sexo, e depois ver o amor acontecer, ver a história dar certo. Ver um final feliz."*

Mas claro que eu não respondi nada daquilo, ele fugiria para as montanhas, e eu não era louca. Ignorei a nova pontada de tristeza que me veio. Eu estava de TPM? Só podia ser. Daqui a pouco eu ia ver isso, ainda mais agora, precisava ficar de olho nessas coisas. Tentei lembrar quando tinha sido a minha última menstruação, duas semanas atrás? Eu era horrível para lembrar dessas coisas.

Em vez da resposta que estava rondando minha mente, resolvi dar uma mais leve, mas verdadeira, sorri e escrevi algo que não me

provocasse aqueles sentimentos perturbadores: *"Richard Gere, lindo, maravilhoso, sem camisa, é apenas um dos bons motivos para ver esse filme, mas tem outros"*. Mordi a unha, aguardando a resposta da minha provocação. Ela demorou um pouco, e eu franzi o cenho. Logo depois, ele passou a digitar: *"Eu sabia que não deveria perguntar. mais um motivo para não ver"*, veio a resposta mal-humorada, e eu ri, totalmente esquecida do filme, de Richard Gere, de tudo. Mandeí uma carinha piscando.

Ele estava digitando de novo, e então chegou uma foto. Meu estômago fez uma cambalhota louca, e eu mordi meu lábio. Toquei na tela, devagar, e foto me fez ofegar: era uma imagem dele, na verdade do peito e do seu tronco forte, deitado na cama, sem camisa, seu rosto não aparecia, mas os pelos do peito estavam visíveis, os músculos torneados, os gominhos bem delineados até a borda de uma cueca cinza, onde as linhas mais finas dos pelos desapareciam e entravam pelo cócs... *Misericórdia*, eu sussurrei, embasbacada, quase babando na foto.

Claro, eu já tinha visto, tocado, lambido, feito tudo ali, mas receber uma foto daquelas,

diretamente para mim, era receber os dois pés do peito de uma vez só. Ele digitou logo em seguida: *"Será que essa imagem sem camisa poderia te distrair um pouco do peito de Richard Gere?"*. Eu dei uma risadinha excitada e Stella me deu uma palmada na coxa.

— Já vi que fui abandonada na minha sessão adoração a Richard Gere. — ela resmungou, comendo seu sorvete. Dei-lhe um encolher de ombros e levantei-me.

— Já volto, amiga. — eu disse, indo em direção ao meu quarto, rápido.

— Anhã, volta sim. — Stella debochou, com um bufar divertido. Eu meio que corri para o meu quarto, entrei e pulei na cama. Então rolei os olhos para o alto. Eu tinha 25 anos ou 13? Respondi à mensagem dele, devagar, com sinceridade: *"Você foi maldoso, agora. E sim, eu esqueci completamente que Richard existe."* *"Era essa a intenção, obrigado."*, veio a resposta, rápida, me fazendo rir.

Eu recostei-me na cama. *"Teo, seu celular, só você mesmo pega nele, não é?"*, eu perguntei, mordendo meu lábio. A resposta veio rápida. *"Sim, e faça logo o que você está pensando aí"*. Depois,

outra: *"E só para constar: não há a menor chance no inferno que alguém veja no meu celular o que quer que você envie"*. Num surto de coragem e excitação, eu digitei de volta para ele: *"Já que estamos no campo dos peitos nus..."*. Abaixei as alças da minha blusinha branca do pijama, lentamente, meu sangue correndo quente por minhas veias, meus mamilos já durinhos, excitados, com toda a conversa e com a imagem do seu corpo maravilhoso. Posicionei a câmera de modo a não revelar meu rosto, também, e cliquei, antes que me arrependesse. Olhei a foto, e ri. Eu nunca tinha enviado uma foto assim para alguém antes: a imagem mostrava meus seios, os bicos duros, e eu os espremi levemente, um braço passado por baixo deles.

Aguardei, ansiosa e, constatando, ficando úmida, minha respiração acelerando. Demorou um pouquinho, e eu fiquei mais ansiosa. Logo, ele estava digitando, e uma outra imagem chegou. *Oh céus...* eu cliquei, rápido dessa vez, sofregamente. A imagem era da parte mais baixa do tronco de Teo. *Bom Deus*. Era o volume formidável em sua cueca boxer, completamente delineado, e completava a visão espetacular daquele V delicioso

que aparecia, os pelinhos loiros, tanto do caminho da felicidade quanto do início das suas coxas musculosas. Eu estava apreciando, juntando minhas coxas apertadas, quando notei que tinha uma mensagem de texto sua: "*Reação à conversa e à imagem dos seus peitos. Você soube ser maldosa de volta.*" Eu sorri e levei um susto quando o celular tocou em minhas mãos.

— Não, ninguém mais vai ver isso, pode apostar. — ele disse, à guisa de saudação, a voz enrouquecida.

— Bom saber, eu nunca tinha mandado uma foto assim antes, então... — resolvi ser sincera, minha voz também saindo baixa e levemente rouca.

— Não? Ótimo. E só por curiosidade: há mais alguma outra coisa que você queira fazer comigo pela primeira vez?

Eu franzi minha testa, tentando entender, e quando a ficha caiu, eu ri.

— Meu Deus, você não desiste, não é? E não, eu realmente nunca fiz. — falei, lembrando das suas pequenas investidas em partes do meu corpo que eu não tinha coragem, *ainda*, aquela vozinha chata se meteu, de deixá-lo *entrar*. Quando eu lembrava daquele tamanho e daquela

circunferência toda, me arrepiava de medo. Medo? Claro que era, eu *hein*.

— Ah, Malu, você não imagina como acabou de me motivar ainda mais, e deixa eu te contar, eu ainda nem comecei a insistir. — ele provocou, num rosnado grave. Eu virei meus olhos, entre divertida e excitada com o tom e a promessa explícita na sua voz.

— Não vai acontecer, Teo.

— Tá ok, se você diz. Mas me diga uma coisa, você não está mais assistindo ao Richard Gere, não é? — ele deu um sorriso.

— Não, você me distraiu.

— Sinto muito. — ele disse, sem sentir coisíssima nenhuma. Principalmente pelo que disse depois: — Você está no seu quarto, então? Sozinha?

Nossa, a voz dele era poderosa ao vivo, mas ao celular, assim, também, estava fazendo desgraças comigo naquele momento.

— Sim, só com você agora.

— Perfeito. Diga-me, você ainda está com essas alcinhas abaixadas? Seus seios estão de fora agora? — ele perguntou, e eu quase gemi.

— Olha, agora que você perguntou, por

coincidência, sim, estão...

— Toque-os. — ele comandou, apenas, num rugido lento, pesado, deixando toda brincadeira de lado. Eu obedeci prontamente, sem pensar. Era uma experiência nova que eu não tinha tido coragem de fazer antes, mas confiava em Teo. Só Deus sabia o porquê, mas eu confiava. Levei uma mão aos meus seios pesados, com mamilos eretos, e massageei-os, apertando de leve os bicos. Gemi ao telefone, para ele.

— Caralho, esse seu gemido... fale, me diga o que você está fazendo.

Eu engoli em seco, muito excitada, mas um pouquinho só constrangida. Eu estava mesmo me tocando e falando com um cara ao celular. Sim, eu estava. Suspirei. Circulei os bicos duros dos meus seios sensíveis.

— Eu... eu estou apertando, de leve, os meus mamilos. Massageando meus seios... — sussurrei para ele.

— Sim, faça isso... bem de leve. Belisque um pouco. Imagine minha língua nesses biquinhos deliciosos, puxando, mordendo, chupando-os, bem forte. — ele murmurou sua voz saindo rascante. Não segurei o gemido, que saiu longo por entre

meus lábios, meus olhos fechados. Ouvi Teo soltar um palavrão, e sua própria respiração acelerar. — Agora, eu estou descendo por seu corpo, por sua barriga, beijando, lambendo, mordendo, então, toque-se, eu sei que você deve estar toda molhada. Enfie um dedinho na sua boceta, e me imagine deslizando a minha língua por ela, por toda ela. Fale. — ele comandou, grunhindo agora — Diga-me Malu, você está molhada?

Putaquepariu. Era possível ficar excitada a esse nível com ele a essa distância toda, apenas com sua voz, seus sussurros, seus comandos? Eu levei uma mão ao meio das minhas pernas, e eu estava molhada sim, muito. Meu clitóris estava inchado, e eu passei minha umidade nele, espalhando-a, soltando um lamento de desejo.

— Estou molhada... — eu disse, ofegante, sem parar os movimentos circulares na minha boceta úmida e pulsante. — Meus dedos... estou passando meus dedos na minha boceta e... ahhh, Teo....

— Isso, faça movimentos circulares, agora, bem devagar, enfie um dedo. Bem devagar. — ele disse, baixinho. — Eu estou segurando meu pau, agora, duro, estou tão duro que estou vazando um

pouco, imaginado o gosto dessa boceta na minha língua.

Eu não ia durar muito. Era demais. Enterrei os meus pés no colchão e abri mais as minhas pernas, então, enfiei meu dedo médio na minha boceta quente, ensopada, e gemi mais alto. Teo também soltou um gemido contido, e outro palavrão que soou como música aos meus ouvidos. Sua respiração também saía meio engatada.

— Malu...

— Humm.... — eu não sabia nem qual era o meu nome, eu acho, mas respondi.

— Enfia outro dedo na sua boceta. Vai. Me diz o que está fazendo agora. Preciso ouvir você.

Apertei minhas pernas, minha mão presa entre elas, a outra segurando o telefone.

— Vou enfiar outro dedo, agora. Meus dois dedos estão enfiados na minha boceta, Teo. Não vou aguentar mais... — eu gimei, e ia fazendo o que estava dizendo a ele.

— *Putá que pariu, caralho...* — veio do outro lado, e eu podia ouvir a sua respiração acelerada, meio ofegante como a minha, o som do que ele devia estar fazendo. Pegando aquele pau maravilhoso e bombeando como ele fazia como

estava comigo, duro, a cabeça avermelhada, as veias aparentes. Quase gozo com essa imagem por trás dos meus olhos, e intensifiquei os movimentos, circulando minha carne dura, usando minha intensa umidade para lubrificar mais ainda meu clitóris.

— Ah, Teo, por favor, eu não aguento mais...

— Espera, me imagina agora entrando todo em você, bem fundo, duro. Abrindo suas pernas e te comendo forte. Continue a se tocar. Rápido. Eu vou gozar dentro dessa boceta, me esvaziar até a última gota todo dentro de você, querida. — ele rosnou, e eu comecei a perder a batalha contra o orgasmo alucinante que estava chegando, mas lá no fundo da minha mente, notei o *querida* naquela sua voz excitada e grave, e aumentando o ritmo, avisei a ele:

— Eu vou gozar...

— Isso, goza para mim, querida, estou imaginando você me apertando, me sugando. Goza... eu vou gozar também, dentro de você. *Agora.*

Foi o que bastou. Ouvi ele grunhir, forte, do outro lado, e me entreguei a um orgasmo poderoso, arrebatador, que pareceu tirar-me da minha cama e

PERIGOSAS NACIONAIS

transportar-me para onde ele estava. Recostei-me na cabeceira da cama, mole, mal sentindo meus ossos, as pernas espalhadas e a respiração em ofegos rápidos, quando terminou. O que foi aquilo? Dei um pequeno pulo quando lembrei do celular, que tinha caído das minhas mãos.

— Teo?

— Estou aqui. — ele disse, a voz ainda pesada, áspera.

— Nossa, isso foi... quente. Meu Deus.

— Foi, não é?

— Estou quase desmaiada. — sussurrei, abraçando o meu travesseiro e deitando, letárgica.

— Fico feliz em saber. Posso acreditar que a imagem daquele cara sem camisa, então, foi completamente apagada da sua mente?

— Ah, sim, foi. Fique à vontade para apagar todas as imagens de outras caras sem camisa que ainda estão na minha mente. Tem muitos.

— Malu... — ele resmungou, gravemente, e eu ri. Mais feliz, agora.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 26



*Me ame uma vez
Eu não poderia falar
Me ame uma vez
É, meus joelhos enfraqueceram
Love Me Two Time
The Doors*



Praticamente assim que fechei a porta do apartamento de Malu, liguei para o Ricardo. Ele atendeu depois de vários toques.

— Ei, cara, estava dormindo. E aí?

— Uma hora dessas?

— Eu trabalho na madrugada, esqueceu?

— Ok. Quero um favor seu.

— E esse favor pode esperar eu colocar uma cueca e tomar um café?

— Informação demais, cara, por favor. Ok, vá lá. É o tempo que eu colete uma informaçãozinha aqui também e te ligo depois.

O porteiro, um senhor agradável e simples chamado Pedro, conversou brevemente comigo, a princípio, claro, temeroso em passar qualquer tipo de informação que pudesse colocá-lo em problemas, ou mesmo qualquer coisa que fosse de PERIGOSAS ACHERON

algum modo prejudicial a Malu e a Stella, que eu percebi, ele gostava e respeitava bastante.

Dei o maior número de referências a ele sobre mim, dei-lhe meu número de telefone e peguei o seu, e por fim, expliquei a situação sobre o ex de Malu. Ele ficou preocupado, e como sabia que ela própria já havia impedido a entrada desse cara outras vezes no prédio, Sr. Pedro finalmente relaxou e concordou em me dar o nome que ele tinha dado na portaria: Adriano Rezende.

Com todas as outras informações que eu já tinha, era o suficiente, então. Obviamente, eu pedi a ele que não entrasse nesses detalhes desnecessários sobre a nossa conversa, com a Malu. Como ele já havia me visto por ali mais do que uma vez, deduziu que eu poderia falar por ela, e eu aproveitei os seus modos antigos de cavalheiro para manter Malu segura e me manter informado. Sorri sozinho imaginando a fera que a Malu não ficaria ao saber disso, então era melhor poupá-la desse aborrecimento.

Liguei de volta para Ricardo assim que entrei no carro.

— Então, qual o favor?

— Marcos te falou do jogo de amanhã? Do

Espanhol?

— Sim, eu irei. No apartamento dele, não é? Vou levar cerveja. — Ricardo estava comendo algo, provavelmente o café da manhã, ao meio-dia. Causava-me tontura só em imaginar os hábitos loucos e os horários discrepantes do restante da humanidade que aquele cara cultivava.

— Vai ser lá? Ele já decidiu?

— Isso, vai ser lá. Disse que estaria apresentável, já que ele havia encontrado uma pessoa para fazer a limpeza, ou algo assim.

— Foi só isso que ele disse? Que tinha encontrado uma pessoa? — sorri,

— Foi. Por quê? Algo que eu deva saber? — Ricardo questionou, já farejando motivos para encher o saco dos amigos. Normal. Claro que Marcos não diria nada daquilo a ele.

— Provavelmente não, mas eu vou te contar assim mesmo. A filha da senhora que trabalha comigo, dona Amélia, é quem vai fazer a limpeza lá. E ele me ligou para reclamar que tinha mandado uma gostosa para o apartamento dele e que devia ser algum tipo de brincadeira minha e sua. — eu ri, e ele me acompanhou.

— O Marcos reclamando... *O Marcos?*

Você está brincando. — ele disse, incrédulo. — O que, afinal, está acontecendo com todos vocês? Mas e aí, ela é uma gostosa mesmo?

— Não sei. Não a vi, ainda.

— Vocês estão uns caras estranhos, esses tempos. E o favor, qual era?

— Eu falo com você pessoalmente amanhã sobre isso, melhor. Valeu. — Nos despedimos e desliguei, indo em direção à minha casa. Assim que cheguei, subi e fui direto para o pequeno espaço que eu havia transformado em uma academia rudimentar, ao lado do meu quarto.

Eu gostava de correr pelo condomínio, às vezes, e frequentava uma academia no bairro de vez em quando também, mas por conta da rotina havia sido mais prático instalar alguns aparelhos ali. Vesti um calção, apenas, coloquei minhas luvas e resolvi deixar extravasar o estresse no saco de boxe. Quase quarenta minutos depois, suado, adrenalina a mil e com meus músculos gritando da intensidade do exercício, finalmente fui relaxar em um banho demorado. Pus um calção e uma camiseta, pois dona Amélia estava por ali, e fui procurar minha filhota.

Julia estava no quarto, o som pelas alturas

tocando algo do AC/DC, quando eu bati porta em sua porta. Segundos depois, ela abriu, toda sorridente.

— Meu papai lindo!

Estreitei os olhos para ela, mas a abracei e beijei sua testa quando ela me abraçou apertado. Aquela história de "papai lindo" eu conhecia bem: ou ela queria fazer algo que ia me deixar puto, ou já tinha feito. Tinha que ser uma das duas coisas, e eu rezei para que fosse algo que ela ainda fosse fazer.

— Ei, filha. Fazendo o quê, além de estremecer os alicerces da casa? — sorri para ela, me recostando no umbral da sua porta, enquanto ela ia abaixar o volume do som.

O quarto de Julia, uma das partes da casa que eu havia pedido para projetar e ampliado depois de comprar a casa, era grande e bem arejado, um espaço que combinava com a quantidade de coisas que ela precisava ter ao seu alcance, desde revistas em quadrinhos a jogos de computador e livros, muitos livros. Sua cama, imensa, invariavelmente estava repleta dessas coisas.

— Até parece que eu abalaria os alicerces de algo construído por você. — ela sorriu, indo

sentar-se de pernas cruzadas na cama. Viu só? *Papai lindo* e agora bajulação gratuita. Cruzei os braços, desconfiado. Ela não poderia saber que eu *já sabia* sobre ela ter contado sobre Suzana para Malu, então, o que era?

— E como foi ontem? Divertiu-se? — sondei-a.

— Muito, foi ótimo. Encontrei minha nova loja de HQs preferida. Um verdadeiro sonho.

— Que bom, então. O Campos apareceu no horário, imagino.

— Claro que sim, pai. Nem sei quem é pior com horário, você ou ele. E você, como foi? Chegando em casa agora é? — ela deu um sorrisinho, mudando de assunto. Eu ia deixar aquilo passar, por hora.

— Sim, resolvi dormir no flat.

— Sei... posso saber com quem? — ela murmurou, fazendo uma careta como se temesse perguntar. Eu sorri, e comecei a me afastar.

— Vamos almoçar. A gente conversa depois, sua curiosa. — retruquei, sorrindo, e descí.

Dona Amélia estava pela cozinha, organizando tudo e com boa parte da mesa que ficava na varanda gourmet posta para o nosso

almoço. Maravilha. Ela sabia que aos sábados, quando Julia estava em casa, nós gostávamos de almoçar do lado de fora, mais relaxados, principalmente quando o dia estava agradável assim.

Dona Amélia era uma senhora negra, baixinha e magra, sempre dócil, um grande sorriso no rosto de ossos delicados, e eu tinha uma sorte dos diabos em tê-la comigo. Por isso mesmo, quando ela havia decidido vir apenas alguns dias, eu tinha aceitado tudo da forma como ela propunha. Nós tínhamos um acordo em que ela vinha apenas durante a manhã, três vezes na semana, ou então quando eu precisava dela. E por causa do tempo que nos conhecíamos e da sua dedicação e responsabilidade, eu tinha oferecido uma muito boa recompensa financeira, mesmo que ela tenha resistido muito em aceitar.

— Dona Amélia, bom dia. O que está cheirando divinamente bem aí? — aproximei-me das panelas, levantei uma tampa e aspirei o cheiro delicioso de frango que ela havia preparado. Então, a segurei pelos ombros e dei um beijo rápido em sua bochecha. Tínhamos intimidade para aquilo, eu a considerava muito. Ela estava comigo desde

alguns anos após o meu casamento com Amanda, e quando eu separei, veio comigo e Julia, para a completa raiva da minha ex.

— Oi, *seu* Teo. Bom dia. Fiz um frango para vocês. Chegou bem a tempo. — ela sorriu, limpando as mãos em uma toalha. Logo ela iria embora, já devia ter deixado muita coisa adiantada em relação à comida, e nunca ficava muito tempo mesmo. A limpeza pesada eu geralmente chamava uma agência e pedia alguém, e como eu era um cara organizado e que me virava bem em praticamente tudo dentro de casa, o arranjo era perfeito. Eu não era um Marcos da vida, que era a verdadeira personificação da bagunça e era incapaz de fazer uma comida nem que a sua vida dependesse disso. Por falar em Marcos... peguei uma água e me encostei ao balcão.

— Dona Amélia, como ficou a questão da sua filha lá com o Marcos? Sabe se ela foi se apresentar para ele?

— Ah, meu filho, ela foi sim. Me disse que iria agora pela manhã, logo cedo, que ali gosta de tudo cedo, aquela menina. — ela sorriu. — Estou esperando que ela me ligue para me dizer como foi.

— Ótimo, que bom então. Eu passei o seu

número para ele. Devem ter se conhecido, já. — eu disse, como quem não quer nada, escondendo um sorriso sacana. Se tinha alguém, fora o Ricardo, que gostava de atormentar os amigos, esse alguém era Marcos, e eu não via problema algum em juntar um pouco de artilharia contra ele, naquele caso em específico. Inocente, d. Amélia se virou para mim, torcendo as mãos.

— *Oh*, seu Teo, tomara que dê tudo certo. Porque na verdade, a Alice não trabalha mesmo com cuidado da casa, essas coisas... ela sabe fazer tudo, claro, e muito bem, aquela menina é um exemplo de organização, desde pequena, porque me ajudava em casa. E o senhor sabe como é, a gente tem que ensinar mesmo. Mas o que ela geralmente faz é cuidar de animais de estimação, para ajudar a pagar as mensalidades, mas trabalha em uma escola já, está quase terminando a faculdade de Pedagogia. — ela disse, com um orgulho evidente, e eu sorri para ela.

— Que maravilha, muito bom saber disso. Mas por que não daria? Ela não vai aceitar, então, é isso?

— Não, ela vai sim. Me garantiu. Mas não por muito tempo, só aceitou mesmo porque

precisamos de um dinheiro a mais agora que a Andreia, minha filha mais velha, teve o bebê, depois ela volta para o que costuma fazer.

— Por que a senhora não me disse sobre isso, sobre o bebê? Eu posso ajudar, a senhora sabe.

— De jeito nenhum, *seu* Teo. Por favor. O que o senhor me paga está longe de ser o normal, é muito mais, então, já ajuda bastante. Está tudo bem. — ela enfatizou, séria, a voz firme, fazendo um gesto com a mão. Eu balancei a cabeça, franzindo o cenho para ela, que me ignorou, claro.

— Então, eu realmente quis ajudar o seu Marcos, coitado, deve estar agoniado. — ela disse, então, no lugar de discutir minha proposta de ajuda. Eu ia falar com o Marcos, então, ver se ele podia ajudá-las indiretamente no que fosse pagar à Alice, e eu evitei demonstrar minha opinião sobre um homem crescido de 32 anos, empresário, rico como o demônio, como um coitado... mas aquela era dona Amélia, afinal.

— Mas a senhora ajudou, sim, enviando sua filha para o apartamento dele, tenha certeza disso. — garanti, com uma expressão solene no rosto, tentando me manter sério. D. Amélia suspirou um "graças a Deus".

— Tomara, *seu* Teo. Ela vai ajudar, nem que seja, por pouco tempo, a Alice é super disciplinada, séria, vai dar um jeito na vida daquele menino. — ela disse, animada, e eu finalmente ri, só concordando com a cabeça.

Quando Julia, desceu, nós nos encaminhamos para a área aberta e envidraçada. D. Amélia, como quase sempre, não quis ficar para almoçar conosco, disse que queria almoçar com a filha e a neta, e se foi. Estava falando com a filha caçula ao telefone quando saiu. Aquela história iria render.

Nos servimos e começamos a comer, enquanto Julia me contava sobre uma outra atividade de teatro que ela resolvera participar, na escola, e que envolvia dança. Provavelmente, ela dissera, eles contratariam a Malu novamente para preparar os alunos, era o mais provável, ela dissera, desinteressadamente.

Eu limpei minha garganta, e resolvi que estava na hora de conversar com ela sobre isso, afinal, em um momento ou outro enquanto estivéssemos juntos, ela acabaria sabendo. Não era grande coisa, e eu preferia falar com ela sobre isso eu mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendi. Julia, você lembra que nos apresentou naquele dia na academia, não foi? — eu iniciei a conversa, observando-a. Ela levantou a cabeça, rápido, levando uma garfada de comida à boca.

— Quem, a Malu?

— Sim.

— *Hum*, tá, lembro sim. O que é que tem ela?

— Bem, eu acabei encontrando-a novamente depois, quando sai para a boate do Ricardo, naquela sexta.

Julia me olhou, atenta, agora.

— Foi? Que interessante. E aí, ela lembrou de você?

Eu ri, porque não tinha outra coisa para fazer, e Julia sorriu também.

— Com certeza, lembrou, sim. Mas o que eu queria te dizer é que não estranhe se *encontrar* com ela por aí, ou se me vir com ela mais vezes. Nós acabamos conversando e saímos juntos, depois dali. — eu contei, de uma vez.

— Pai, essa enrolação todinha é para me dizer que você está namorando com a Malu? — ela riu, zombeteira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é exatamente um namoro, mas sim, estamos juntos. Estamos explorando, digamos.

— Legal, eu gosto da Malu. — ela sorriu, balançando a cabeça. Eu só a olhei, em silêncio.

— Mas, pai...

— Sim?

— Esse é um daqueles seus lances sem compromisso que eu sei como é, *né*? — Julia rolou os olhos, comendo sua salada.

— Você não sabe, não.

— Sei... não é como esse que você tem com a Suzana? — ela quis saber, me lançando um olhar astuto, provocativo.

— Não, não é. — eu disse, pacientemente. Então juntei meus dedos pelas pontas, fitando-a. — Por falar nisso, a senhorita acabou falando mais do que deveria para ela, não foi?

Julia levou a mão ao peito, surpresa.

— Como assim? Eu falei demais? Mas pai, como eu iria saber que vocês estavam juntos, se agora que você está me contando?

Eu continuei de olhos estreitados para ela, mas então respirei fundo.

— Ok, você não tinha como saber mesmo.

— Não é? Eu só comentei de modo

PERIGOSAS ACHERON

aleatório. Ah, então por isso ela ficou daquele jeito... — ela murmurou, e pôs um dedo na bochecha, parecendo pensativa, lembrando de algo. Voltei a comer, devagar, e ficamos uns segundos em silêncio. Quando eu vi que ela realmente não iria dizer mais nada, fui vencido.

— De que jeito? — resmunguei, curioso.

— *Hum?*

— Julia, a Malu, você acabou de dizer que ela ficou *de um jeito*, de que jeito ela ficou?

Julia deu de ombros.

— Nada demais. Como se pudesse arrancar a sua cabeça naquela hora, só isso. Quase engasgou com o seu suco.

Eu sorri

— Não duvido disso.

— Mas que bom. Como eu disse, a Malu é uma pessoa legal, já gostava bastante dela, tomara que você não faça com ela o que costuma fazer com todas essas mulheres que você pega por aí e depois manda passear. — ela disse, de modo leve, mastigando.

— Como é, mocinha?

— *Me poupa*, né, pai? Como se eu não soubesse. Mas, nesse caso, vamos ver, quem sabe?

Olhei para ela, com o cenho franzido.

— Quem sabe o quê, Julia?

— Quem sabe, talvez ela não seja como essas mulheres que você já encontrou antes. — ela piscou para mim e voltou a comer, animada. Não me dignei a responder.

Passei o restante da tarde enfiado no escritório que mantinha em casa, com todo o trabalho que eu eventualmente trazia, e no início da noite, acabei mandando uma mensagem para a Malu, achando de perguntar sobre o filme que ela disse que assistiria. Daí, seguiu-se uma das sessões mais animadas de sexo por telefone que eu tinha lembrança, se é que uma assim já havia existido.



Quando eu cheguei ao prédio de luxo que abrigava o apartamento de Marcos, passava um pouco das 14 horas. O jogo só seria às 16, mas nós havíamos combinado esse horário para beber e bater um papo antes disso. Até Diego, que raramente aparecia, havia confirmado presença no apartamento do irmão.

Quem abriu a porta assim que eu saí do
PERIGOSAS ACHERON

elevador privativo que dava acesso direto para a cobertura, foi o próprio Marcos, saudando-me com um sorriso e um gesto de mãos.

— E aí, Teo, tudo bom? Entra, Diego já está por aqui.

— Tudo bem, cara. E Ricardo? — eu perguntei, entrando e indo direto para a sua ampla cozinha, que assim como a minha, era o sonho de todo mundo que cozinhasse. Pena que eu tenho certeza que ele raramente sequer entrava ali ou sabia para o que servia a maioria das coisas de lá.

— Ele vai se atrasar um pouco mas daqui a pouco está aí. Vai beber o quê? — Marcos perguntou, juntando-se a mim e a Diego, que estava próximo ao balcão, recostado e de braços cruzados. Veio me cumprimentar quando apareci.

— E aí, Diego? Encontrou um tempinho na agenda para visitar esse seu irmão desregrado da vida? — eu sorri, trocando um abraço com ele. — Cerveja, Marcos.

— Pois é. De vez em quando alguém com juízo precisa vir dar uma olhada nele. — Diego zombou, olhando o irmão.

— Meus ovos para vocês. — Marcos resmungou, apoiando-se ao lado do irmão. — Ele

veio porque provavelmente a cabelinho vermelho deve ter dado uma trégua para ele, não é não, maninho?

Diego ajustou os óculos, mas sorriu. Parecia mais relaxado em relação ao assunto do que naquele dia na boate, notei.

— Não começa, cara. — pediu.

Marcos levantou uma mãos em sinal de paz e bebeu sua cerveja, me estendendo outra. Peguei a longneck da sua mão e me apoiei na bancada, sorrindo e tomando um generoso gole.

— As coisas parecem bem por aqui, não está achando não, Diego? — eu olhei em volta, admirando a organização da cozinha e da sala. — Parece até que outra pessoa andou pondo as coisas em ordem nesse apartamento.

Diego franziu o rosto sério por trás dos óculos, e fez o mesmo que eu, observando a sala imensa e decorada em tons neutros, com uma vista maravilhosa das grandes janelas de vidro do chão ao teto, e também pela cozinha toda negra e cromada de Marcos.

— Agora que você diz, realmente. Dona Esmeralda não tinha te dispensado, Marcos?

Marcos estava me olhando com um sorriso

de canto de boca.

— Você não vale nada, Teo. — ele disse, balançando a cabeça.

— O que foi? — desconversei. Ele olhou pro irmão.

— Sim, ela me deu um pé na bunda, mas o nosso amado primo conseguiu uma outra pessoa para vir fazer uma geral aqui para mim.

Diego me olhou.

— Eu não consegui nada. Quem enviou a salvadora dele foi dona Amélia, eu só passei o recado.

— De qualquer forma, ela veio pela manhã, organizou logo algumas coisas, já que eu ia receber vocês aqui, mas vai voltar para realmente começar, depois.

— E você aprovou a moça? — eu perguntei, com voz macia, observando-o. Ele apertou os olhos em minha direção. Diego também o olhou.

— Ela é toda *não-me-toque*, nem sei se aquela garota sabe sorrir, mas vai servir. — ele deu de ombros mais uma vez, bebendo novamente.

— Ela é jovem? A sua diarista é uma mulher jovem? Deus, espero que ela não seja bonita. — Diego finalmente entendeu minhas

insinuações, e apertou a ponte do nariz, consternado. Eu ri dos dois.

— Ah, mas ela deve ser bonita, sim. Diz aí, Marcos, como foi que você disse, "uma armadilha de satanás"? E então, vai se divertir mesmo no processo ou não?

Diego sorriu, adorando não ser o foco das piadinhas do irmão, e adorando mais ainda saber que era *ele* estava na berlinda agora.

— Armadilha de satanás? Ele disse isso? Essa é a expressão que ele usa para falar das mulheres que ele quer levar para cama, mas não deveria. Irmãozinho, você não vale as calças que veste, ela é sua funcionária.

— E a Diana é o que sua, seu babaca? E você não está a fim do mesmo jeito? — Marcos revidou, mas sem o sorrisinho de sempre. Diego pigarreou.

— Você não sabe do que está falando. — alegou, muito sério. — A Diana era assistente do escritório da Promotoria, não diretamente minha funcionária. E olha como fala.

— Certo, então posso dizer ao Ricardo que ele pode investir? Ele parece não ver problemas em comer as funcionárias.

— *O quê?! Não diga absurdos, seu idiota.*

Marcos riu, mas não disse mais nada diante da expressão tempestuosa do irmão. Eu só fiquei lá assistindo, divertido. Era como voltar na infância, ver aqueles dois brigando o tempo todo e eu tentando apaziguar. Pena que minha fase apaziguadora tinha ido embora junto com a infância, pensei. Na verdade, era sempre a mesma coisa: Diego, mais velho e sempre mais sensato e comedido, querendo colocar bom senso na cabeça do irmão imprudente, e Marcos, cinco anos mais jovem, ignorando-o solenemente. Tudo que aquela criatura não tinha era juízo. Claro, que agora, ele tinha um *pouquinho* mais, apenas.

— Enfim, espero ter ajudado com a indicação da Alice. — eu voltei à baila, erguendo uma sobrancelha para Marcos. — Dona Amélia me disse que ela é uma moça super responsável, organizada, ou seja, vocês vão se dar super bem.

Ouvi Diego dar uma risada. Marcos o ignorou e me encarou.

— Que seja, a gente quase não vai se topar mesmo, e ela, pelo visto, não tem um pinga de senso de humor.

Eu e Diego olhamos para ele.

— Certo, porque de todos os atributos de uma mulher, com certeza o que está no topo da sua lista de prioridades, é o senso de humor. — eu disse, debochado, e Diego concordou. Marcos balançou a cabeça e foi para sala, resmungando algo, e nós o seguimos.

Alguns minutos depois, enquanto nós ainda estávamos discutindo sobre a escalação de ambos os times, a campainha tocou. Marcos levantou e foi abrir.

— Deve ser o Ricardo.

Quando ele abriu, o sorriso amplo de sempre, para receber Ricardo, havia não apenas uma, mas duas pessoas na porta, e se uma era o Ricardo, a outra, definitivamente, era uma surpresa.

Eu e Diego nos entreolhamos, e depois voltamos para observar a cena. Marcos lá, parado, e Ricardo, com um sorriso enorme e aquela expressão de amante latino debochado que ele sempre tinha, com um dos braços ao redor do ombro de uma mulher negra, de cabelos cacheados abundantes, baixa, magra, mas curvilínea. E linda.

— Olha só o que encontrei no elevador, rapazes. A Alice, não é esse seu nome, querida? Ela disse que estava vindo para cobertura e me permitiu

escoltá-la até aqui. Escondendo suas amigas de nós, Marcos? — Ricardo anunciou, feliz, entrando e trazendo visitante inesperada junto.

Alice, eu notei, parecia apenas um pouco com dona Amélia. A baixa estatura, talvez, os ossos pequenos, e o cabelo cacheado, que ela trazia agora amarrado para trás em um rabo de cavalo. Ela tinha, porém, a pele mais clara que a mãe, lábios maiores, amplos, e os olhos, ao contrário de dona Amélia, eram verdes claros. Ela usava uma calça jeans e uma camiseta branca básica e, bom... ela era pequena, mas tinha mesmo todas as curvas nos lugares certos, e realmente se encaixava na descrição de Marcos de uma "armadilha de satanás", sorri, adorando aquilo.

Porém, o mais impressionante de tudo, no entanto, era que ela olhou para Ricardo e deu o maior sorriso possível, e isso sim era igual ao da mãe. Para uma mulher mal-humorada, como Marcos disse, aquele sorriso era meio discrepante, notei, tentando ver a sua expressão, e bebendo da minha cerveja, relaxado. Diego pareceu notar a mesma coisa, me olhou, piscou, e cruzou as pernas no pufe à sua frente.

— Ei, Ricardo, entra aí, cara. — disse

Marcos, cumprimentando-o, o tom muito menos efusivo do que se podia esperar. Ele fechou a porta atrás dos dois e voltou-se. Ricardo ainda tinha uma mão em torno do ombro de Alice, olhando entre Marcos e ela — Alice, o que aconteceu?

Ela olhou em volta, nos viu no sofá e deu um aceno educado, mas tímido. Então, voltou-se para encarar Marcos, que tinha as duas mãos nos quadris e uma expressão mais séria, não a cara permanentemente cínica que exibia.

— *Seu* Marcos, eu sinto muito, estou ligando para o seu celular desde mais cedo, e o senhor não atende, então resolvi vir logo.

— Marcos. Pode me chamar de Marcos, eu já disse, Alice.

— Ok, Marcos, eu deixei a minha mochila aqui, pela manhã, a que tem as minhas coisas que eu preciso para levar para faculdade. — ela explicou, em voz baixa, meio constrangida.

— Mochila? Quer dizer que você... Marcos, não vai nos apresentar mesmo à sua amiga? — Era Ricardo, sorrindo, olhando entre os dois com expressão maliciosa. Depois, viu a mim e Diego sentados e acenou com a mãos. — E aí caras, já conhecem a Alice?

Marcos fechou a cara.

— Ricardo, Diego, Teo, essa é a Alice, a filha da dona Amélia, ela está me dando uma força aqui no apartamento. — ele disse, apenas. Alice voltou a nos olhar e sorriu largamente.

— Olá, Diego, tudo bem? Teo... a minha mãe me fala muito do senhor e da Julia!

Eu levantei, um sorriso no rosto, e fui até ela, assim como Diego, que pegou sua mão e a cumprimentou, com um sorriso amplo incomum até para ele.

— Olá, Alice, é um prazer te conhecer. — ele disse, galantemente, e para espanto geral, deu-lhe um beijo no rosto. Alice ficou visivelmente tímida e baixou os cílios. Diego podia ser sério com aquele tamanho todo, os óculos e a expressão sempre meio fechada, mas era um cara bonito. Pelo menos as mulheres achavam, não eu.

Meus olhos voaram para Marcos, e o que vi, me deixou animado para cravar a faca um pouquinho mais nele. Ele parecia tentar manter uma cara entediada, seu jeito típico, mas estava visivelmente desconfortável. *Hum.*

Peguei sua pequena mão estendida e a cumprimentei também, dando-lhe um beijinho

rápido na bochecha, do outro lado.

— Alice, finalmente a conheço. E nada de me chamar de senhor. Sim, dona Amélia é a luz da minha existência, não sei o que faria sem ela. Vejo que você herdou sua beleza, pelo visto. — eu disse, docemente, e vi quando Marcos quase rola os olhos com uma cara de enfado. Ela assentiu, meio de envergonha, mas simpática, e voltou-se para o Ricardo, ao seu lado, e sendo Ricardo, ele já tinha notado tudo e já exibia um sorriso assassino, olhando entre Marcos e Alice.

— Ora, vejam só, você é a filha da dona Amélia, já ouvi sobre você hoje, Alice. Que sorte ter te encontrado lá embaixo, então, não? — ele piscou para ela. Eu tenho a impressão de ter ouvido Marcos grunhir alguma coisa, que poderia ter sido "bando de imbecis do caralho", mas não tive certeza. — Um prazer te conhecer também, Alice. Já que você vai estar por aqui, vamos nos ver de vez em quando não é mesmo?

— Eu acho que sim... — ela ia dizendo, meio perdida olhando para o seu patrão, mas ele já estava estendendo a mão em direção a ela.

— Ok, terminaram as apresentações? — foi o que ele disse, sem um pinga de humor. — Vem,

PERIGOSAS NACIONAIS

Alice, vamos pegar a sua mochila, deve estar no quarto, desculpe, eu realmente estava distraído com esses imbecis aqui e não ouvi o celular.

Ela assentiu em silêncio e o seguiu, e nós três viramos para olhar.

— É, realmente... para ter em casa, quando não é sua, é uma armadilha de satanás. — foi Diego que disse, e nós três rimos.

— Vocês viram ele todo putinho? Aposto que quer pegar e já quer nos botar para escanteio. — Ricardo disse, baixinho para gente, indo em busca de uma cerveja.

Momentos depois, Alice e Marcos vinham do quarto, ela na frente, mas parecia séria, caminhando rápido, e ele atrás, com uma cara nada boa também. Eu e Diego nos entreolhamos em silêncio, mas claro, Ricardo não podia deixar passar.

— Ei, Alice, já vai? Está muito cedo, linda. Por que não fica e assiste o jogo com a gente?

— Obrigada Ricardo, mas não posso mesmo. — ela declinou, um sorrisinho de leve, mas incomodado, as duas mãos no bolso de trás da calça. — Tchau, então, foi um prazer conhecer vocês.

PERIGOSAS ACHERON

— Alice. — a voz de Marcos, aquela voz séria de empresário fodão que eu só ouvia-o usar no escritório, chamou por ela, antes que a moça chegasse à porta. Ele abriu a porta para ela, os dois saíram e ele fechou-A com um baque. O que quer que tenha se desenrolado, eu não estava mais prestando atenção, e até Ricardo veio e se sentou perto de nós, uma cerveja nas mãos.

— Caras, como eu disse, há algo de errado com todos vocês. — ele disse, passando uma mão na barba, e bebendo. — Você. — apontou para Diego. — Surtado por causa da Diana, com todo aquele cabelo vermelho. Por sinal, ela faz um sucesso danado entre os clientes, viu?

Diego lançou-lhe aquele olhar que deveria usar no Tribunal e que eu tenho certeza que devia fazer uns caras se tremerem. Então, Ricardo apontou para mim, ignorando às adagas saindo dos olhos de Diego.

— Você, Teozinho, já disse que está fechado para balanço com a professora da Julia, a Malu.

Eu só bebi minha cerveja e também o ignorei. Ricardo falava demais, esse idiota.

— E agora. — ele continuou falando para

ninguém em particular. — O Marcos, quem diria, parece querer esconder a doce Alice só para ele. Como eu disse, vocês estão estranhos. Acho que vou ter que continuar a ser o único com as bolas soltas por aqui, porque vocês, definitivamente, estão me envergonhando, mas deixa para lá. E aí, o que você queria, Teo?

Eu pus minha cerveja na mesinha, e apoiei o cotovelo nas coxas, me inclinando em direção a ele.

— Preciso que você me bote em contato com aquele cara que de vez em quando faz umas pesquisas para você.

— Pesquisas?

— Ah, caralho, você sabe o que é, não fresca.

— Tá certo, o Oliveira. Quem você quer pesquisar, Teo? Alguma empresa concorrente? — ele provocou.

— Não, nada disso. É pessoal.

— Eu não vou gostar de ouvir essa conversa, não é? — Diego perguntou, mas nós o ignoramos.

— Vai, diz o que você quer. — disse Ricardo.

— Bom, quero que ele veja sobre um cara

que está, pelo menos estava, mas vamos ver, entrando em contato de maneira *persistente* com a Malu, contra o seu consentimento. Ela bloqueou-o pelo celular, ele arruma outros números e manda mensagem, liga, fica esperando-a na porta do seu prédio, até. — eu grunhi, ainda furioso com aquilo. — Quero saber mais do que já sei sobre ele.

Ricardo me olhou em silêncio, todo amigo e homem de negócios, agora.

— Você sabe o nome dele, tem esses números?

— Não tenho os números, mas tenho o nome dele. Adriano Rezende. E ele é policial. — eu completei, e Ricardo arqueou as sobrancelhas, uma pergunta muda. Eu cedi — Um ex insistente.

— Cara, eu não disse? Vocês não são mais os mesmos. — ele murmurou, e parecia sério.

— É, eu sabia que não ia querer ouvir essa conversa. — Diego disse de novo.

— Ninguém está fazendo nada ilegal aqui não, homem da justiça. — eu disse a ele, com um sorriso — É só uma investigaçãozinha para me deixar mais seguro, e a Malu também, claro. Ela pode confiar nele, mas eu não. Coisa simples.

— Eu entendo. — falou Ricardo, cruzando

PERIGOSAS NACIONAIS

os braços. — Vou entrar em contato com o Oliveira. Você acha que esse cara é perigoso ou algo assim?

— Acredito que não, mas como eu disse, eu sou um cara cuidadoso. Gosto de estar a par das coisas, você sabe. — recostei-me e dei de ombros. Diego levantou-se, indo buscar algo na cozinha.

— Eu teria métodos para saber dessas coisas mais rápido, se você me pedisse. — ele piscou para mim, de modo provocador. Eu e Ricardo nos entreolhamos, estupefatos.

— Eu não disse? Não conheço mais nenhum de vocês. — Ricardo murmurou, e bebeu tudo de um gole.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27



*Eu posso sentir o sol sempre
que você está perto
Toda vez que você me toca
eu me derreto toda
Love On Top
Beyoncé*

Malu

O final de semana passou voando, eu aproveitei para estudar e iniciei a minha semana normalmente. Recebi uma boa notícia vindo da escola em que Julia estudava: eles estavam chamando-me de novo para ensaiar uma apresentação com um grupo de alunos. Eu encaixei isso na minha agenda e agradei aos céus, animada. Trabalho sempre era bom.

Esta animação também estava ligada à como as coisas estavam indo com Teo. Não nos vimos nos dias seguintes, ele teve que encaixar uma série de reuniões com o sócio e eu resolvi também dar uma acelerada nos estudos, mas nos falamos ao telefone e por mensagem, e ele me garantiu que estaria falando com a Suzana naquele dia, na quarta, e então marcaríamos algo para os dois dias seguintes. O Adriano também, tinha me dado uma trégua, eu havia bloqueado o número mais recente que ele havia me mandado mensagens, e ele pareceu ter sumido do mapa naqueles dias. Menos mal.

Liguei para falar com minha mãe e percebi que ela estava um pouco tristonha, mas me disse

PERIGOSAS ACHERON

que estava se recuperando de uma gripe, no entanto, eu estava preocupada que não fosse só aquilo. Estaria ela tendo problemas com o meu pai? Fiquei preocupada, e resolvi marcar uma ida em casa para aquele fim de semana. Eu estava precisando mesmo vê-la pessoalmente, abraçá-la, falar com ela, e se tivesse que enfrentar de modo desagradável o meu pai de algum jeito, bom, era o preço a pagar.

Agora, na lanchonete da clínica e casa de repouso onde eu aplicava aulas de terapia musical para idosos, eu tomava um café forte para me alertar, antes de começar minhas atividades. O meu carro, o coitado, que já era usado quando eu comprei, usando minhas economias que seriam do casamento, havia resolvido me deixar na mão bem na hora que eu estava saindo. Eu não tinha a menor ideia do que poderia ser, só sei que ele fez um barulho estranho e não ligou, e eu perdi um tempo precioso nisso, não tomei café e acabei indo de ônibus, chegando um pouquinho atrasada. Eu cheguei em casa naquela noite mais cansada e mais tarde do que costumava e ainda peguei um pouco de chuva quando estava saindo do metrô.

Duas noites depois, eu e Teo combinamos

jantar em um lugar legal que o seu amigo, Ricardo, havia indicado. Eu perguntei logo como deveria me vestir, ele riu e disse "como você quiser". Claro que eu insisti e ele disse que o restaurante era um pouquinho mais formal. Vestir-me como eu quisesse, *tá* bom, pensei.

Levando tudo isso em conta, eu estava um pouco ansiosa, nervosa até, com medo de ser um lugar muito chique e eu não estar apresentável ou não saber como me portar. De vez em quando, aquela sensação de inadequação, de insegurança, de não pertencer ao mundo de Teo vinha e se insinuava em mim, mesmo sem eu querer.

Podia ser uma bobagem, mas quando ele me ligou na quarta à noite e disse que nós jantaríamos fora, eu comecei a deixar a Stella louca para me ensinar detalhes, quais talheres usar e aquilo tudo. Eu sabia o básico, mas sabe como é. Ela tentou me acalmar dizendo que se o Teo era tão atencioso como eu dizia que ele era, ele não iria fazer de propósito nada que fosse me constranger em um local assim. Ela estava certa, claro, eu estava surtando.

Agora, eu estava com ela dentro do meu quarto e estava mais calma e respirando fundo,

usando um vestido marrom dourado de decote em V, que ia até os joelhos, com um efeito *nude* legal na minha pele, e que se moldava ao meu corpo nos lugares certos. Eu tinha usado aquele vestido apenas uma outra vez antes, e gostava de pensar que ele me deixava elegante e sexy ao mesmo tempo. Tinha arrumado meu cabelo de modo que ele ficara preso de apenas um lado, colocado uns brincos dourados que pendiam pelo meu ombro, e usava sapatos de saltos altíssimos, aqueles para raras ocasiões.

— Você está linda, amiga. Elegante, maravilhosa, e muito fodível. — Stella elogiou, com um sorriso, dando uma voltinha em torno de mim. — O Teo vai babar em você.

— Assim espero. — eu pisquei, e rimos juntas. E justo naquele momento, a campainha tocou, avisando que ele tinha chegado, pontual como sempre. Eu ajustei uma última vez o vestido, observei-me novamente no espelho na frente do meu guarda-roupa e caminhei para sala, dando um beijinho em Stella antes, que foi se refugiar em seu quarto.

Quando abri a porta do apartamento, peguei novamente todo o impacto daquele homem em uma

camisa social azul escura de botões e manga comprida, e calça preta também. Apreciei a vista, absorvendo a sua imagem máscula mais uma vez. Teo, por sua vez, com as mãos nos bolsos da calça, olhou-me demoradamente de cima a baixo, com um olhar que fez minhas pernas bambearem e me deu vontade de pular nele e beijá-lo loucamente.

— Você está maravilhosa, mais do que nunca. — disse, então, lentamente. Eu suspirei aliviada e sorri.

— Que bom que você aprova, não vou mentir, estou um pouco nervosa com esse lugar.

— Por quê?

— Teo, digamos que não é exatamente todo dia que eu frequento um restaurante de alta gastronomia de Copacabana, não é? Eu pesquisei o nome na internet. — cochichei para ele, com uma risadinha. Ele deu uma risada, depois ficou mais sério, entrando e me puxando pelo pulso, fazendo seu corpo colar ao meu. Deu-me um beijo demorado no pescoço.

— Se você não está à vontade para ir, nós podemos ir aonde você escolher, mas vai por mim, não tem nada de mais. Você com certeza vai ser a mulher mais bonita de lá essa noite.

Eu beijei-o de leve nos lábios.

— Não, nós vamos sim, eu não sou uma covarde. — brinquei, puxando-o para fora.

O *Giraz's Restaurante* era mais impressionante ainda ao vivo e a cores, eu pensei, enquanto íamos sendo levados para a mesa que ele havia reservado. Eu olhei em frente, buscando confiança em mim mesma e no homem lindo atrás de mim, que ia guiando-me pela cintura entre as mesas quase todas ocupadas. Peguei em minha visão periférica uma imagem ou outra de pessoas bem vestidas, bebendo e conversando, mas não me fixei em nada em especial até chegarmos ao local em que o *maitre* nos indicou.

Sentei na cadeira que Teo puxou para mim é só então olhei um pouco ao redor. Ele curvou-se em minha direção, um sorriso brincalhão nos lábios.

— Eles não vão sumir, mesmo que você finja que não estão aí. — murmurou para mim. Eu ri um pouco.

— Nada passa por você, não é?

— Não se eu puder evitar. Mas Malu, sério, não tem nada de mais. Veja, são só um bando de gente pagando a mesma coisa que nós, bebendo o

que provavelmente vamos beber e conversando as mesmas coisas de sempre. Nós só viemos porque a comida é excelente, mesma razão pela qual eles também estão aí. — foi a vez de ele cochichar para mim, de modo irônico.

— Tá ok, eu estou bem, de verdade.

— Relaxe.

Quando o garçom se aproximou, Teo conduziu as coisas, e eu agradeci, preferia assim dessa vez. Ele pediu um vinho e depois discutiu as opções do menu comigo, tranquilamente. Como eu disse a ele que gostava muito de frutos do mar, Teo pediu de entrada as vieiras grelhadas com creme de abóbora e farofa de castanhas e maracujá, e o prato principal era um "peixe do dia, abobrinha e *bertalha à catalana*". Eu não sabia o que era a metade do prato, só o peixe, que eu gostava, mas confiava no seu bom gosto, pensei sorrindo comigo mesma. Não era tão difícil, ia dar tudo certo.

Beberiquei meu vinho, muito mais tranquila.

— Uma semana cheia, não? — ele disse, servindo-se também.

— Sim, a sua também? Problemas?

— Nada além do esperado. Estamos em um

momento apertado, com prazos findando para entregas de obras, então, são reuniões e mais reuniões de ajustes. Não via a hora dessa semana acabar. — ele suspirou, e eu concordei, observando-o.

— Eu imagino. Deve ser uma pressão imensa trabalhar com essas obras tão grandes assim. Você disse que tinha um sócio não é? — eu continuei, querendo saber mais dele.

— Max. Sócio e amigo de longa data. Fundamos a empresa juntos, há alguns anos.

Eu acenei.

— Mas ele não era nenhum daqueles que estavam na boate, não é?

Ele riu.

— Não, dificilmente o Max seria visto em uma boate.

— Um cara certinho, então.

— Um cara tradicional, para dizer o mínimo. — ele debochou.

Havia algo que eu estava louca para perguntar, e eu iria, se ele não falasse logo, mas continuamos lá falando de amenidades, eu contei a ele sobre o novo contrato, o dia na clínica... quando as entradas chegaram, apreciei as vieiras,

PERIGOSAS NACIONAIS

deliciosas, acompanhadas do excelente vinho. Mas estava ficando cada vez mais apreensiva e não ia deixar para depois.

— Teo, eu sei que a semana foi pesada, como você mesmo disse, mas eu preciso saber de algo, e como você não está me contando... — eu comecei, e para minha completa surpresa, ele deu uma risada baixa, descansando seus talheres e cruzando as mãos sobre a mesa, me encarando, divertido. Eu o olhei desconfiada.

— O que foi?

— Eu estava contando. Queria saber até quando você aguentaria sem me perguntar. — ele deu de ombros. Eu abri a boca, então fechei, e juro que quis bater um pouco nele. Só um pouco.

— Isso não se faz, depois não se arrependa se eu resolver revidar. — provoquei de volta, levantando uma sobrancelha, e ele deixou logo de sorrir.

— O que você quer dizer com isso?

— Nada. Vai, me diz como foi sua conversa com a Suzana. — pedi, deixando também a minha comida de lado, por enquanto. Eu quis evitar, mas não pude, o desagrado na minha voz, ao focar meus olhos nos seus.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu resolvi o que precisava ser resolvido, Malu. Como estivemos ocupados demais com questões de trabalho, aproveitei um momento e tive que conversar com ela no escritório mesmo, foi até melhor, dadas as circunstâncias.

— Dadas as circunstâncias?

— Você não acha que seria mais problemático eu marcar um jantar, um almoço, algo assim, apenas para dizer a ela que não estaríamos mais juntos? — ele arqueou os ombros, parecendo relaxado.

— Sei. E foi só isso, ela aceitou assim, numa boa? — além do desgosto, agora minha voz também pingava descrença. Ele notou, claro, e fez uma expressão cansada.

— Não, eu não disse isso. Digamos que ela teve uma coisa ou duas para me dizer, mas Malu, a Suzana é uma mulher de modo geral, experiente. Ela sabia que isso não ia durar para sempre. Só aconteceu agora, podia ser a qualquer hora.

Eu fixei meus olhos como duas fendas nele. Pois tinha uma coisa ou duas que ele não estava me contando, também. Uma mulher dispensada que agia com maturidade, coerência, um exemplo de experiência e o escambáu? Assim, tudo bonitinho?

PERIGOSAS NACIONAIS

Ok, e eu nasci ontem.

— Certo. — espetei com força uma vieira, olhando para ele. Ele olhou aquilo e depois me encarou, franzindo o rosto. — Então ficou tudo bem e ela deixou você ir assim?

— Ela nunca me teve, para começar. Não podia me prender.

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Ok, eu sei, mas como eu te disse, ela pode não ter exatamente gostado, mas não havia muito o que fazer. Malu, escuta, quando eu comecei a ficar com a Suzana, nós combinamos que assim que não fosse mais agradável, ou interessante, ou que surgisse outra pessoa, nós seríamos sinceros e estaria acabado. — ele disse, então parou quando pegou meu olhar afiado, e respirou fundo. — E não, não é a mesma coisa conosco, pelo menos não como as coisas se desenrolaram depois. Nós combinamos logo que seria só entre nós, e estamos aqui não estamos? O que importa é que não existe mais qualquer situação entre mim e ela.

Eu continuei calada olhando para ele, que bebeu mais um pouco do seu vinho, me devolvendo o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem alguma coisa que você não está me contando.

— E por que você está dizendo isso?

— Não sei, essas coisas não são assim tão simples, veja o exemplo do Adriano...

— Ela não é uma perseguidora, como esse imbecil é. Por falar nisso, ele voltou a tentar entrar em contato com você? — ele quis saber, como se não estivesse muito interessado. Eu achei estranho, mas deixei para lá.

— Não, e não mude de assunto. — eu respondi, com voz macia. Teo me deu uma olhada questionadora e eu retribui com um olhar de desafio.

— Malu, eu te garanto que as coisas foram esclarecidas e ela não será um problema.

— Por que ela estava ligando naquela sexta? — eu lembrei, de repente. Ele se recostou, dando de ombros novamente.

— Bom, ela queria provar um ponto ou algo assim. Sabia que eu estaria com você e estava me testando, apenas isso. Não vai acontecer novamente.

Eu fiquei lá olhando para ele, dividida entre "acreditar" ou continuar insistindo no assunto. No

entanto, eu sempre havia sido uma pessoa mais prudente, nesse caso, e não uma mulher super desconfiada até da própria sombra. Teria que haver indícios maiores para que eu começasse a ficar meio louca. Aí aquela vizinha chata, que eu já estava me acostumando, soprou no meu ouvido: *é, e lembra o que aconteceu? Você foi traída e só soube quando ele disse e já era motivo de piada da comunidade inteira.*

— Eu não sou o seu ex-noivo. — ele disse, com uma voz firme, parecendo ler meus pensamentos. Eu mordi meu lábio, apreensiva, mas ainda assim, iria, por hora, ficar muito atenta àquilo. Nem passaria pela minha cabeça ficar questionando o Adriano, naquela época, por exemplo. Eu não era mais a mesma, não era mais uma menina crédula e inocente.

— Se você está dizendo, tudo bem. Você *trabalha* com ela, deve conhecê-la bem. — eu disse, e ele não perdeu a ênfase no "trabalha" que eu dei. Teo olhou-me intensamente, pareceu pensar em algo, bateu os dedos de leve na mesa, mas voltou a beber, e disse apenas:

— Sim, não vai haver problema algum. E qualquer situação que por acaso surja, eu vou dar

um jeito.

Depois que o prato principal foi servido, e tal como eu imaginava, era divino, nós estávamos distraídos em uma conversa um pouco mais leve quando alguém aproximou-se da mesa. Um casal. A mulher era alta e magra, devia ter por volta 50 anos ou um pouco mais, mas estava muito bem, apenas algumas poucas rugas anunciando sua idade. Tinha com um cabelo preto curto, liso e olhos claros, e usava um vestido preto elegante. O homem, um pouco mais velho e de cabelos brancos, também estava muito bem vestido, e ostentava um sorriso afável na nossa direção. A imagem dos dois gritava riqueza de qualquer lado que você olhasse.

— Teo, quanto tempo! — ele disse, estendendo a mão quando Teo o viu e levantou-se, também sorrindo.

— Augusto, que bom te ver. Já tem um tempinho sim. Como estão as coisas?

— Desde o aniversário de Julia, acho. As coisas estão melhorando. — ele então olhou para mim, ainda sorrindo. Parecia um cara agradável, e eu sorri de volta para ele, educada. Nesse momento, Teo estava se dirigindo à mulher, que continuava lá

como uma estátua de cera, os olhos cravados em mim, eu percebia agora, e uma frieza absoluta.

— Gisele, tudo bem? — Teo disse, de modo mais contido, e ela virou-se, um sorriso enorme, encantada, e estendeu o rosto fino para que ele beijasse.

— Teodoro, meu querido. Tudo bem, que bom revê-lo.

— Sim, como vai?

— Bem, aproveitando a vida, viemos comprovar o que estão dizendo sobre esse restaurante, que é muito bom. Já tenho minhas dúvidas, no entanto. — ela disse, e ela olhava para mim, *detidamente*. Então sorriu — Não vai nos apresentar a sua acompanhante?

Eu levantei, sorrindo educada, mesmo não tenho gostado nem um pouco do tom daquela mulher. Quem era ela?

— Será um prazer. Gisele, Augusto, essa é a Malu.

— Olá, Gisele, Augusto, é um prazer.

— O prazer é nosso, querida. — o homem pegou a minha mão e deu um beijo, gentil, e olhar da mulher quase fuzila o gesto. Ela apenas acenou com a cabeça para mim, descendo os olhos pelo

meu vestido, e subindo novamente para o meu rosto. Eu também não ofereci nenhum gesto a ela, que se danasse, ficava lá me olhando com cara de entorpecido, então...

— Precisamos nos encontrar novamente, Teo. Tenho umas coisas que queria que você desse uma olhada para mim, em relação a uns novos empreendimentos, você sabe como é. — Augusto disse, tocando a mulher pelo cotovelo.

— Claro, claro, procure-me, Augusto. Você sabe que vai ser um prazer.

— Então eu te ligo. Vamos deixá-lo desfrutar do seu jantar em paz.

— Teodoro, a Julia está com você esse final de semana? Achei que a Amanda tinha dito que elas sairiam, tenho umas coisas para comprar para a minha neta e queria saber. — a Gisele disse, lançando um sorriso meigo entre Teo e eu. Pronto, essa mulher com cara de cobra venenosa era avó da Julia, então, ex sogra do Teo! Devia ter imaginado.

— Ela estará comigo, na verdade, Gisele, mas você pode ligar para ela e marcar alguma coisa, sim. Fique à vontade.

— Ótimo, então. Talvez eu lhe faça uma visita. Vou conversar com a Amanda. — ela

anunciou, e não olhava para Teo, *mas para mim*. Eu continuei olhando para ela, sem me intimidar, mas senti meu estômago embrulhar com o seu olhar. Essa mulher nitidamente estava me enviando uma mensagem.

— Vamos lá, meu amor. O Teo está em ótima companhia e o jantar está esfriando. — o avô da Julia disse, nos lançando um olhar de desculpas. Eles despediram-se, acenaram, e afastaram-se para uma mesa mais adiante da nossa. Voltamos a nos sentar, um silêncio meio incômodo depois disso. Eu dei uma espiada na direção dos ex-sogros do Teo, e a mulher ainda estava me trespessado com olhos como adagas afiadas. Voltei meu olhar para ele, que estava me encarando com atenção.

— O que foi? — perguntei, baixinho, desconfortável.

— Como você viu, ela não é uma pessoa exatamente agradável, mas não a deixe incomodá-la.

— É, eu percebi. Tive a ligeira impressão que ela não foi muito com a minha cara. — brinquei, mas estava atenta à sua reação às minhas palavras.

— Não se preocupe, ela nunca foi com a

minha também, e eu sobrevivi a isso.

— Mas pareceu-me que ela tinha você em altíssima conta, pela forma como tratou você agora.

— Bom, digamos que o afeto dela aumentou bastante, na mesma medida em que a minha conta bancária aumentou, também.

— Nossa... — murmurei, em desagrado. — Ele, no entanto, parece ser uma pessoa legal... ou não?

— Sim, muito, o motivo pelo qual a maioria das pessoas a tolera, inclusive eu.

Fiquei pensando brevemente em como seria a filha deles. Parecida com ela, com ele? Mas não ousei perguntar.

— Você teve que tolerar ela bem, né? Foi sua sogra, afinal — eu disse, em vez disso. Ele deu um sorriso de canto de boca, divertido.

— Uma experiência traumática, pode acreditar. Mas não vamos mais falar sobre Gisele, por favor.

Sorrimos e voltamos aos nossos pratos, mas meu olhar voltou de novo à mesa dos dois, e ela estava me olhando de modo gelado. Sorri para ela e levei meu garfo à boca, devagar. Ela retirou os olhos com uma expressão ultrajada.

Na saída do restaurante, enquanto nos encaminhávamos em direção ao carro de Teo, eu pensava que apesar das inseguranças de antes, havia sido uma experiência maravilhosa jantar com ele. Ao entrarmos no carro, ele quis saber o que eu faria no final de semana.

— Eu vou visitar a minha mãe, ainda não fui esses dias e preciso ver pessoalmente como ela está. — eu disse, suspirando.

— Ela está com algum problema?

— Não que ela tenha me dito, ela é assim, nunca quer me preocupar, mas ela estava gripada, meio frágil, enfim, prefiro ver pessoalmente como ela está.

— Sim, melhor mesmo, claro. E você iria quando? Amanhã?

— Ainda não sei, mas provavelmente no domingo. Eu vou pela manhã e volto à tarde.

— Não vai dormir lá, então.

— Não, eu não costumo dormir lá. — Não expliquei nada sobre a situação com o meu pai, preferia não falar sobre isso agora.

— Certo. É a mesma cidade em que o pai daquele cara mora, não é? — ele disse, baixo, concentrado no trânsito. Eu me virei para ele,

PERIGOSAS NACIONAIS

surpresa, claro que eu não ia perguntar de quem ele estava falando, eu sabia.

— E como você sabe disso, Teo?

— Eu já te disse, Malu, eu sempre procuro estar a par do que me interessa.

Eu suspirei, depois de ter tirado minhas sandálias e descansado meus pés embaixo de mim, no banco.

— É, ele mora lá, sim, próximo à casa dos meus pais. — murmurei, com um bocejo. Ele não disse nada por um tempo, parecendo, além de dirigir, concentrado nos próprios pensamentos. Depois de um momento, eu recostei minha cabeça no estofado do carro, ouvindo a música suave que ele havia botado para tocar, e acabei adormecendo.

Quando eu acordei, estávamos entrando no meu prédio, o *seu* Pedro cumprimentando efusivamente o Teo, que baixou o vidro e cumprimentou-o também de forma animada. Franzi a testa para aquilo, não me lembrava de sequer tê-los apresentado. Saímos e subimos as escadas, Teo me apoiando em seu corpo musculoso enquanto eu subia, e quando chegamos à porta do apartamento, ele me pegou pela bunda e me puxou para ele, dando uma mordidinha no meu queixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está deliciosa, eu tive que me controlar a noite toda para que você desfrutasse do local, mas estava louco de vontade de fazer isso. — ele disse no meu ouvido, então, enquanto eu colocava os braços ao redor do seu pescoço. Sorri, sentindo sua barba roçar em mim, e outra coisa mais gostosa e totalmente dura na parte de baixo da minha barriga me roçar também.

— Eu não reclamaria tanto assim se você não tivesse se controlado. — peguei sua orelha entre os dentes e ele gemeu, me apertando mais, levantando a minha bunda e grudando mais na sua ereção poderosa.

— Ah, é? Eu estava tentando ser civilizado. — ele rosnou, mordendo um pouco mais forte naquele lugar no meu pescoço que me fazia revirar os olhos e as minhas pernas fraquejarem Bem, e outros locais também se acendiam imediatamente quando ele fazia isso.

— Agradeço por isso, mas também gosto quando você fica selvagem... — eu provoquei.

— Certo, vou ter isso em mente da próxima vez. — ele disse, segurando minha nuca, e então nossas bocas se encontraram, famintas, em um beijo ávido, cheio de lascívia e necessidade.

PERIGOSAS ACHERON

— Você quer entrar? — eu sussurrei em sua boca, ansiosa, quando ele me deixou respirar finalmente.

— Sua amiga está aí, não é?

— Sim, mas no quarto dela.

— Dorme comigo? — foi o que ele disse, então.

— Você quer dormir aqui? Claro que sim.

— Não, vamos para minha casa. Leve algumas coisas para passar a noite.

— Teo... a Julia, ela já sabe?

— Sim, eu disse, não se preocupe quanto a isso. — ele disse, e afastou um pouco o tecido do vestido e lambeu minha clavícula, com aquela língua quente, o que prejudicava mais minha capacidade de pensar coerentemente.

— Humm... Ok. Espere enquanto eu pego uma mochila. — eu avisei, virando-me, enquanto esfregava-me nele, e ouvia praguejar baixinho.



Eu acordei na manhã seguinte, sentindo minha cabeça doer um pouco, o que não era tão anormal assim, pois eu tinha enxaqueca de vez em quando. Na noite anterior, eu tinha vindo dormir na PERIGOSAS ACHERON

casa do Teo, e daquela vez entramos pela sala, e eu pude notar como aquela casa realmente era imensa, linda, toda ampla e com ambientes abertos, decorada em tons terrosos e claros.

Eu tinha certeza que aquela sala era maior que o meu apartamento e de Stella. Estava tudo silencioso, e nós fomos diretamente para o quarto. O quarto *dele*, notei, ao ver alguns objetos pessoais aqui e ali, e um armário de roupas masculinas das portas abertas. Mas, eu não tive tempo de perceber muito mais, porque antes que eu virasse, Teo estava me beijando vorazmente e me carregando para cama enorme com lençóis pretos que havia no meio do quarto. Rapidamente meu sono foi embora e nós tiramos o atraso da semana inteira, de muitas e variadas formas.

Agora, abrindo os meus olhos aos poucos, percebi que o quarto tinha uma vista esplêndida de árvores lá fora, através de uma varanda: era sensacional. Minha cabeça latejou um pouco e eu me sentei na cama, ajeitando meus cabelos e sentindo minha garganta arranhar.

— Bom dia, dorminhoca. — eu ouvi a voz de Teo vindo da porta, olhei para lá e minha nossa senhora... ele usava apenas um calção preto baixo

na cintura, e estava tirando uma luva de boxe de uma das mãos. Todo úmido de suor, os cabelos meio grudados na testa e sorrindo: era a melhor visão que se poderia ter ao acordar, concluí.

— Ei, bom dia. Eu dormi muito, não é? Que horas são? — perguntei, tentando me levantar, e notei que minha voz estava mais rouca que o normal, também. Teo veio lentamente e antes que eu levantasse, pôs as duas mãos ao meu lado, na cama, o rosto bem próximo ao meu. O cheiro dele era enlouquecedor. Era oficial, eu estava me transformando em uma tarada por aquele homem.

— Não tenha tanta pressa. Ainda é cedo, eu que não sou de dormir muito e levantei para fazer algum exercício.

— Que disposição...

— Você ainda tem alguma dúvida quanto a isso?

— Não, de verdade. — sorri, maliciosa.

— Me acompanha no banho? — ele me puxou, devagar, mas eu senti uma leve dor nas costas e franzi a testa. Ele me olhou, intrigado.

— Você está bem?

— Sim, estou. Só um pouco de dor de cabeça e uma dor de leve no corpo, talvez um

resfriadozinho. Nada que um analgésico não resolva.

— Ok, você vai logo tomar um então, vem, vamos tomar um banho. — ele me carregou nos braços, em direção ao banheiro, e dei um gritinho excitado.



Eu sei que a Julia já sabia sobre nós, mas estava ainda assim sentindo-me meio apreensiva ao descer as escadas, algum tempo depois do nosso banho e de tomarmos o café no quarto. Fomos para a sala, e quando entrei, notei uma senhora negra, baixinha, que se aproximava, vinda talvez da cozinha. Quando ela me viu, fez uma expressão de agradável surpresa, eu achei, e sorriu de modo afetuoso. Seu sorriso era largo, lindo.

— Bom dia, d. Amélia. — Teo se aproximou, deu-lhe um beijo rápido na bochecha, e virou-se com uma expressão divertida para onde eu estava. — Essa moça linda parada ali é a Malu. Malu, conheça a mulher que mantém minha vida organizada por aqui, dona Amélia.

— Bom dia, dona Amélia. Tudo bem?

Ela olhou de novo para Teo, uma expressão de assentimento, e depois voltou-se para mim, estendendo a mão.

— Tudo bem, sim, Malu. Ah, e não acredite nele minha filha, esse homem é a organização em pessoa, não precisa de mim para quase nada.

Eu sorri para ela, pegando sua mão estendida.

— Nossa, como você é linda mesmo, Malu. Vai almoçar conosco, não é? — ela disse, animada. Gostei dela de imediato.

— Bom, eu realmente não sei, ainda.

— Ela vai sim, dona Amélia. É nossa convidada para o almoço. — Teo me disse, com o cenho franzido. Eu rolei os olhos para ele. Ela viu e me deu uma piscadela, dando um tapinha no meu braço.

— Você é das minhas. — cochichou para mim, e mais alto disse: — *Seu* Teo, eu estou indo, então. Está tudo certinho aí, mas se o senhor quiser eu fico e faço um almoço para vocês.

— Não se preocupe, eu me viro por aqui, tenho certeza que a senhora já deixou quase tudo pronto mesmo.

— Então fiquem com Deus. Tchau, Malu,

volte mais vezes, para conversamos melhor. — ela deu um aceno para nós e saiu. Nesse momento, eu ouvi alguém entrar na sala cantarolando, e percebi que era a Julia. Eu fiquei meio tensa, e abaixei a cabeça. Uma coisa era falar, interagir com ela em outros locais, outra coisa era ser encontrada na sua própria sala às 10 da manhã e saber que você havia dormido — bom, não só *dormido* — com o seu pai. Como ela reagiria? Iria ficar chateada por eu estar com o seu pai, por não ter dito nada quando poderia? Eu iria descobrir agora.

Julia me viu, deu uma parada e fez uma expressão alegre e surpresa que me fez respirar mais aliviada.

— Malu! Bom dia. Tudo bem? — ela veio até a mim e deu um beijinho no rosto.

— Bom dia Julia. Tudo bem, sim.

— E aí, papai?

— Bom dia, princesa. Dormiu bem?

— Muito bem. E vocês?

Eu dei uma tossidinha de leve, para não engasgar, e então sorri para ela.

— Sim, muito bem, obrigada. — sussurrei, mortificada.

— Vocês já tomaram café?

Eu desviei meus olhos rapidamente, observando com bastante atenção uma imensa pintura na parede atrás de nós. Teo respondeu, com voz tranquila.

— Já, sim, filha, tomamos no quarto. Dona Amélia deixou bolo de milho.

— Maravilha. Estou faminta. Volto já! — ela saiu em direção a cozinha, e eu olhei para o Teo, suspirando, e sentei no sofá.

— Meu Deus, que vergonha — murmurei.

— Relaxa, Malu, não tem nada de mais.

Ouvimos a voz de Julia vindo da cozinha.

—Pai, seu celular está tocando, é o tio Max!

— Droga, são só algumas informações sobre um projeto. Malu, fique à vontade, eu só vou atender no escritório e já volto. Um minuto.

— Não, pode ir. Estou bem. — eu disse, e realmente estava ficando mais relaxada. Eu estava na casa dele, a filha já sabia, ok, vamos realmente relaxar. Teo me deu um beijinho e saiu, e sozinha, eu fiquei observando o conjunto de fotos que estavam sob um aparador. Eram fotos de Julia em várias fases da infância, e eu sorri vendo uma em específico em que ela, com um sorriso enorme com uma janelinha e um Teo com o cabelo um pouco

maior do que agora e sem barba, estavam abraçados. Lindos, suspirei.

Ouvi a campainha tocar, e como estava sozinha na sala e ninguém aparecia, quando tocou pela segunda vez, eu fui atender. A mulher que estava parada lá poderia ser descrita como aquelas que podiam muito bem-estar estampando as capas de revistas de moda francesa, uma daquelas mulheres que usavam alta costura o ano inteiro, pelo visto. Parecia ter uns 30 anos, no máximo, era alta, magra, tinha um cabelo preto com um daqueles cortes assimétricos e usava um vestido branco de corte reto que ia até os joelhos, e saltos.

— Bom dia. — eu disse, de maneira hesitante, perguntando-me quem seria, mas alguma coisa estava me cutucando que eu já a tinha visto em algum lugar, só não podia lembrar de onde. Ela tirou os óculos escuros, e eu vi seus olhos claros me percorrerem de cima a baixo. Eu já havia recebido aqueles olhares antes muitas vezes, mas aquele parecia particularmente congelante. Ela não respondeu ao meu cumprimento, em vez disso passou por mim de modo altivo, entrando na sala como se fosse dona do lugar, despreocupadamente, os saltos finos ecoando no piso.

— Meu Deus, onde Teodoro anda encontrando vocês agora? Ele por acaso dispensou dona Amélia? — ela disse, em uma voz fina e modulada, virando-se então para me olhar novamente com algo parecido com nojo no rosto bem maquiado. Eu a fitei, intrigada com a observação, fechando a porta e me virando para ela.

— O quê? — eu disse olhando-a, então. Nesse momento Julia entrou na sala, com uma xícara de café e um pedaço de bolo.

— Malu, eu já estava vindo atend... — ela estancou quando olhou a visitante, surpresa estampada em seu rosto. — Mãe, o que você está fazendo aqui?

Eu senti meu estômago afundar e olhei novamente para a bela mulher parada no meio da sala, sacudindo os óculos em uma mão de modo impaciente. Aquela era a ex-mulher de Teo, e então eu concluí de onde achava que a conhecia. Eu na verdade nunca a tinha visto, mas vi esse mesmo olhar frio e desdenhoso no rosto da tal Gisele, mãe dela, na noite anterior, no restaurante.

— Vim visitar você, querida. E o Teo, onde está? Essa moça atendeu à porta, ele finalmente dispensou dona Amélia, por acaso? — ela repetiu,

franzindo as sobrancelhas bem-feitas.

Julia abriu a boca, parecendo mortificada, até suas bochechas ficaram vermelhas, e então a minha ficha caiu, me fazendo gelar dos pés à cabeça. A confusão de não saber quem ela era, e depois descobrir sua identidade, me fez não dar a devida atenção ao que ela perguntou antes, mas agora, vendo novamente o olhar que ela me deu, e a expressão chocada da filha, eu me dei conta, e minha cabeça, que estava doendo um pouco, deu uma pontada maior ainda.

Ela... *aquela mulherzinha*, estava achando que eu era a empregada da casa, que Teo havia despedido dona Amélia e que eu era a nova empregada. Apenas porque eu abri a porta naquela casa, e era negra, então eu era a empregada? Não que ser empregada fosse algum tipo de vergonha, mas ela deduzira isso, que eu só podia ser algum tipo de serviçal da casa, apenas porque eu abri a porta para ela? Ela nem me conhecia, pensei, revoltada.

— Mãe! — Julia começou, num tom de repreensão, e quase não ouvi, o sangue estava subindo para minha cabeça de maneira vertiginosa. Eu respirei fundo e me aproximei, saindo da porta,

obrigando-me a me acalmar um pouco e agir com mais prudência, a levar em conta onde eu estava.

— O que foi, querida? — ela disse, indo ao encontro da filha, e dando um beijinho soprado em seu rosto. Julia estava tensa e me deu um olhar preocupado. Eu contei até dez mentalmente, meu Deus, eu não acreditava que aquilo estivesse acontecendo bem ali. Aquela mulher asquerosa era a mãe da Julia, e eu não poderia simplesmente fazer o que estava passando pela minha cabeça naquele momento, nem dizer o que eu queria dizer a ela bem ali, com a filha nos olhando. Calma, Malu, raciocina.

— Você está sendo grosseira e... precipitada. — Julia estava dizendo, num tom de voz mortificado. — Essa é a Malu e ela não trabalha aqui.

— Ah, não? — ela virou, com um sorriso doce que parecia ser educado, mas cada traço do seu rosto denotava desprezo e falso arrependimento. — Oh, me desculpe querida, achei que você fosse a moça da limpeza que o Teo chama de vez em quando, sabe? A casa está precisando mesmo. Lamento muito.

— Mãe, eu não acredito que você disse

isso!

— Não, eu não sou a moça da limpeza. Por que você deduziria isso, sem me conhecer? — eu disse bem devagar, tentando soar firme, mas minha voz, já meio rouca por causa da garganta, saiu meio rascante, instável.

Eu estava pedindo aos deuses que me dessem paciência, eu estava dentro da casa de Teo, aquela era a mãe da Julia, eu fiquei repetindo como um mantra, fitando-a sem desviar os meus olhos dos seus. Controle-se e veja até onde ela vai, eu precisava que ela dissesse algo mais, que fosse mais enfática no que estava insinuando.

— Eu cometi um erro, não é mesmo? Pensei que já tinha te visto por aqui. Peço desculpas. — ela sorriu, levando as mãos ao colar que tinha no pescoço.

Aquilo era tudo menos um pedido de desculpas, e eu cerrei minha mandíbula, bem no momento em que Teo entrava na sala, olhando para o celular, de cenho franzido, então levantou a cabeça e nos viu, as três paradas lá. Eu, perto da porta, meu corpo tenso e rígido de raiva e humilhação, tentando me controlar. Julia olhando para a mãe de maneira tensa, também, e a ex

mulher, que agora exibia uma expressão cândida, indo ao seu encontro.

— Amanda? — ele disse, parecendo surpreso ao olhar para ela.

— Meu amor, tudo bem? Resolvi fazer uma visita. — ela disse, chegando perto de Teo, pondo a mão espalmada em seu peito e beijando-o no rosto.



Capítulo 28



Venha, venha

Venha, venha

Agora, me toque, amor

Você não vê que eu não tenho medo?

Touch Me

The Doors

Teo

A presença de Amanda àquele horário em minha casa, sem que ela tivesse que pegar Julia nem nada, era irritante, mas não de todo estranha. Ela fazia aquilo de vez em quando, dizendo que não conseguira ligar ou estava passando por perto.

O cenário que eu encontrei na sala, no entanto, tinha algo diferente. Tinha todo o potencial de uma dor de cabeça do caralho, a julgar pela expressão que eu identifiquei logo no rosto de Malu, parada perto da porta, rígida e com o olhar fumegante na direção da minha ex, que nesse momento, claro, veio em minha direção e cumprimentou-me com um beijo no rosto, como ela sempre fazia.

Mas tinha algo mais lá, algo anterior, não só pela postura de Malu, mas pela forma como Julia estava olhando entre mim, a mãe e ela, vermelha, e engolindo em seco, mas, principalmente, pela última frase de Amanda que eu peguei antes da cena começar a fazer sentido para mim "*peço desculpas*". *Putá que pariu*, o que estava acontecendo ali? De imediato, pensei que fosse algo com Julia, que Amanda estava mais uma vez

atormentando a nossa filha, mas lancei um outro olhar para Malu e ela desviou os olhos dos meus, mas o que eu vi, a raiva contida, o incômodo, me fez olhar rápido para Amanda, desconfiado, cruzando os braços.

— Oi Amanda, o que aconteceu para você estar aqui assim? — eu perguntei, tentando soar educado como sempre, mas minha voz saiu mais dura do que o habitual, pois a forma como Julia e Malu estavam estava me deixando meio agoniado. Antes que ela respondesse, Julia veio na minha direção.

— Pai, eu peço licença, mas depois quero falar com você. — murmurou. Foi com a Malu, deduzi, uma tensão diferente tomando conta de mim quando Julia me deu um olhar significativo e saiu rápido da sala. Amanda tinha uma expressão plácida no rosto, mas estava torcendo as mãos de leve, como se estivesse um pouco incomodada.

— Teo, eu tinha marcado com a minha mãe para sair com a Julia mas acabei não...— ela estava dizendo, mas eu perdi o restante quando meu olhar seguiu Malu quando ela veio rapidamente, o desconforto marcado em cada traço do seu rosto, e ia passar por nós dois, murmurando um "com

licença" e encaminhando-se às escadas. Não senhora, pensei, segurando em seu pulso com firmeza quando ela passou bem ao meu lado, interrompendo sua saída.

— Não. Você vai ficar me dizer o que está acontecendo aqui. — eu comandeí, em voz baixa, e quando ela me olhou, eu pude ver além da raiva contida, um constrangimento enorme, seu corpo retesado. Dei um olhar na direção de Amanda, um que ela conhecia bem, pois desviou os olhos. — E você também.

Malu tentou soltar-se, virando o rosto para o outro lado, e eu peguei o olhar abismado de Amanda, olhando minha mão presa ao pulso de Malu.

— Teo, me deixe ir *agora*, por favor. — Malu disse, entredentes, baixinho. Então, respirou fundo, parecendo se controlar mais, e me olhou nos olhos. — Acredite em mim, vai ser melhor.

Aquilo me alarmou um pouco, e eu fuzilei Amanda, ainda sem soltar Malu.

— *O que aconteceu?* — eu rosnei, mas meu olhar estava fixo em Amanda. Ela fez uma expressão de lamento, os olhos indo do meu rosto para Malu ao meu lado, para minha mão

segurando-a.

— Meu amor... — Amanda começou, e eu vi quando Malu lançou a ela um olhar que poderia queimá-la viva. *Cacete* — ... foi um grande mal-entendido, apenas, essa moça...

— Malu, eu não fui devidamente apresentada a você ainda, *senhora*, mas o meu nome é *Malu*. Não *empregada* ou *moça da limpeza*, ok? Refira-se a mim pelo meu nome. — Malu disse quase sussurrando na direção de Amanda, cada sílaba bem marcada, a voz controlada, mas os olhos soltando chispas, e nessa hora, o fato de eu estar segurando-a pelo pulso foi uma ótima ideia, pensei, enquanto o que ela disse entrava na minha cabeça. *Putá que pariu*, não. Eu sabia o quanto Amanda era esnobe, eu vivi com ela, e sendo filha de quem era isso não devia me surpreender, mas aquilo era novidade pra mim.

— *O quê?! —* eu rugi baixo na direção de Amanda, e ela estreitou os olhos. — Que caralhos você achou que estava dizendo?

Amanda fez uma cara como se eu a tivesse insultado profundamente, ela sempre detestou que eu xingasse, sempre tentou aparar as arestas do homem que não era tão civilizado assim, de acordo

com ela. Que se foda. Olhou também para Malu com uma expressão de ultraje, talvez não acreditando que ela tivesse realmente dito aquilo, que tivesse coragem de dirigir-se a ela naquele tom.

— Teo, eu já disse, foi apenas um mal-entendido, eu não sabia quem ela era e... claro que eu não tive a intenção, qualquer um poderia cometer esse engano.

— *Que engano?* — minha voz era baixa, calma, ou seja, tudo que eu não estava. E ela sabia disso, porque engoliu em seco, mas continuou com um olhar presunçoso.

— Eu pensei que ela... a Malu, fosse alguém que estivesse trabalhando aqui, apenas isso.

Malu deu uma risada sarcástica, balançando a cabeça.

— Ok, Teo, eu preciso sair daqui.

— Eu não sabia quem ela era, na verdade, continuo sem saber. — Amanda argumentou, altiva. — Como eu poderia saber que ela não era, sei lá, parente da dona Amélia? Por favor, não é?

— E então você chegou à lógica conclusão que ela fazia a limpeza para mim? — eu perguntei, mal acreditando no absurdo daquilo, minhas palavras pesando no silêncio que se seguiu, e eu

imaginei o impacto daquela merda que Malu teve que ouvir na primeira vez que realmente estava na minha casa. — Baseada em que, Amanda?

— Meu Deus, eu já disse... o que há de tão estranho nisso, Teodoro? Eu já até pedi desculpas, não foi?

— Um tipo de erro muito comum no seu mundo, não? — Malu revidou, com uma calma que até me surpreendeu, visto a tensão que ela estava demonstrando. Amanda a encarou, mas não disse nada. — Quer saber, eu não tenho por que ficar aqui ouvindo isso, Teo...

Eu olhei para a expressão de Amanda, sentindo uma fúria me consumir, era a mesma expressão de quando eu dizia que ela não poderia se comportar como fazia em relação a nossa filha, e ela achava que era normal. Que nada estava errado. Só que ali, era mais do que um erro, como ela dizia, eu não poderia permitir que ela tratasse Malu daquela forma, na verdade, eu não ia permitir que ninguém a tratasse daquela forma enquanto estivéssemos juntos, mesmo que ela dissesse que poderia se proteger e resolver as suas coisas sozinha. Eu não permitiria, e não a soltei.

Apontei um dedo na direção de Amanda, e

ela cerrou os lábios, arregalando levemente os olhos.

— Teodoro, você não precisa me destratar por causa disso...

— Deixe-me ver se entendi. — eu a cortei, falando bem devagar. — Você chega na *minha* casa, encontra a Malu aqui e acha que pode deduzir quem ela é... quais os critérios que você usou para isso, Amanda, me diga, o que te levou a pensar que a Malu só poderia ser alguém que trabalhasse para mim? Algo que ela disse? Algo nela indica isso? Me faça entender o que te levou a esse erro.

Amanda ficou em silêncio, ela não era besta, mas eu vi quando ela olhou Malu de cima a baixo, lentamente. E não gostei daquele olhar. Ok, bastava daquela porra.

— Bem, deixa eu fazer as devidas apresentações, então, já que você não a conhece. — eu disse, tomando a minha decisão. Não era grande coisa, rótulos que não faziam a menor diferença, mas se ajudassem a minha ex-mulher a compreender a situação ali, vamos lá. Puxei o corpo tenso de Malu para o lado do meu, e a segurei pela cintura. Ela continuava arisca, mas controlada. — Malu, esta, como você já deve ter

percebido, é Amanda, mãe da Julia. Amanda, quero que você conheça Malu, que é professora, e minha *namorada*.

Eu não poderia dizer qual das duas mulheres ficou mais surpresa. Olhei para o rosto de Malu, ao meu lado, e ela estava olhando para mim, lábios entreabertos, mas logo se recuperou. Virou-se então, e olhou para Amanda.

— Maria Luiza, na verdade. — ela informou, docemente.

Amanda, por outro lado, fez uma expressão chocada, como eu poucas vezes vi em seu rosto em todos os anos que vivemos juntos. Parecia quase afrontada pela minha declaração. Seus olhos voaram para o meu braço rodeando a cintura de Malu, depois para o meu rosto, e então para a mulher ao meu lado. Seu choque, no entanto, durou pouco, logo aquela fisionomia fria tomou seu rosto e ela sorriu, mas era um sorriso sem nenhum humor.

— Ora, é um prazer então conhecer sua *namorada*, Teodoro. — ela disse a palavra saindo de modo sarcástico — Lamento profundamente pelo engano. Malu, não é?

Malu não disse uma palavra, só continuou

olhando para ela. Eu entendia perfeitamente, continuar falando ou tocar em Amanda naquele momento era exigir demais dela.

— Sim Amanda, eu também lamento profundamente pelo seu erro, mas agora você já está ciente de quem a Malu é, tenho certeza que não voltará a cometê-lo. — eu disse, lentamente. Ela balançou a cabeça, concordando.

— Tudo bem, volto a lamentar por isso. — ela voltou a dar seu sorriso que não chegava aos olhos, aquele sorriso educado que era como uma máscara para encobrir o que ela sentia. — Eu só não esperava encontrar uma das suas *namoradas aqui*.

— É porque não havia nenhuma antes para que eu trouxesse. — eu respondi, devagar, e ela engoliu em seco novamente, e assentiu. Quer saber, me cansei daquela merda. Eu não ia cair em provocações ou troca de informações desnecessárias de Amanda, não se eu quisesse manter um mínimo de cordialidade com ela, em função de Julia. Nada do que ela dissesse realmente me afetava, então, eu só precisava ficar atento para que ela não virasse suas garras na direção da minha filha, e pelo visto, agora, de Malu também — Ok, e

você queria falar com a Julia, não era?

— Era sim, mas essa conversa pode esperar, não tem problema. Dê um beijo na Julia por mim, eu volto outra hora. — ela prometeu, de olho em Malu, deu meia volta e saiu pisando duro. Ao meu lado, Malu passou as mãos no cabelo, e soltou o ar lentamente. Virei-a de frente para mim, observando-a com olhos semicerrados.

— Malu, eu sinto muito que você tenha que ter passado por isso na minha casa. Sinceramente. — eu disse, de modo grave. Ela sacudiu a cabeça, ainda sem falar, e engoliu em seco. Segurei seu queixo — Ei...

Ela levantou os olhos para mim.

— Ela não vale a pena. Se valesse, eu ainda estaria casado com ela. — garanti.

— Teo, eu já passei por situações assim outras vezes, pode acreditar.

— Eu sei, e isso me deixa tão puto que você não imagina. — mergulhei as duas mãos nas laterais da sua cabeça, mantendo seu rosto erguido para mim.

— E te digo uma coisa com toda a sinceridade: eu não sou esse exemplo de controle todo quando encontro gente da laia, que dizer,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando pessoas como sua ex-esposa têm esse tipo de atitude comigo. Eu deixo claro o que elas são, porque eu sei o nome disso: racismo. Velado, encoberto de "oh, foi só um erro", mas racismo ainda assim. — ela respirou fundo, e continuou: — Eu só não queria ter que te deixar em uma posição complicada com a sua filha, é a sua mãe, afinal. E eu também não queria que a Julia, sei lá, me visse...

Eu ergui uma sobrancelha para ela.

— Visse o quê?

— Ah sei lá, arrastando a mãe dela pelo cabelo aqui na sua sala? — ela disse, baixinho, espiando para ver se não havia ninguém. Eu dei uma risada alta, e beijei-a.

— Você faria isso?

— Você ficaria zangado comigo se eu fizesse?

— Pensando bem, eu acho que não.

Malu voltou a ficar séria.

— Eu não faria isso, mas iria botá-la no lugar dela, com certeza. A sua sorte foi que ela estava bem aqui, na sua casa, com você e a filha dela por perto. E não, eu não recorreria à violência nunca, mas que dá vontade, isso dá, nossa que raiva...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei, vamos esquecer Amanda, ela não está acostumada a ser contrariada, e por conta de Julia, acha que ainda tem algum tipo de influência sobre mim, mas não tem.

— Não? Engraçado, eu achei exatamente o contrário, com essa atitude dela de dona da casa e esses beijinhos cordiais. — ela disse, num ímpeto, e depois suspirou. — Eu não vou dizer como você deve conduzir seu relacionamento com sua ex-esposa, Teo, vocês têm uma filha e você sabe como lidar com isso, mas...

— Mas... — eu incitei-a continuar, curioso.

— Talvez o fato de ela ainda chamá-lo de *meu amor*... — ela sibilou, me encarando de maneira firme — Dê a ela algumas ideias erradas sobre muita coisa.

Eu franzi as sobrancelhas.

— Isso é totalmente irrelevante para mim.

— Ok, mas talvez não seja para ela. E outra coisa, você não gostaria, eu acho, se eu encontrasse meus ex-namorados por aí e os cumprimentasse com abraços e beijinhos, não é? Melhor ainda, que eles saíssem me chamando de *meu amor* quando me encontrassem.

— Ex-namorados?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teo, você não acha que apenas o Adriano foi meu namorado, não é?

— Esquece. Você tem razão, eu não gostaria, eu odiaria, para ser sincero. — eu suspirei. Claro que ela tinha razão, se eu visse uma merda daquela... ela estava certa, só não havia uma razão antes para que eu sequer pensasse muito sobre as atitudes de Amanda em torno de mim, mas talvez agora eu devesse.

Malu saiu dos meus braços e sentou-se, e eu sentei-me próximo, passando as mãos no meu pescoço.

— Olha, eu não posso ser responsável pela forma como Amanda se sente, mas posso me responsabilizar pela maneira como ela deve se comportar com você. — eu disse, ainda me sentindo muito mal pelo que tinha acabado de acontecer ali. — Malu, eu sei que você poderia ter reagido de uma forma diferente, e sei também que você pensou na Julia e em toda uma situação que poderia ter vindo da forma como você resolvesse lidar com isso... concordo que essa foi sim uma atitude preconceituosa da Amanda apesar de realmente nunca ter visto nada parecido com isso enquanto eu vivi com ela.

PERIGOSAS ACHERON

— Algo que me diz que tem muita coisa que a Amanda parece fazer quando você não está vendo. Além disso, quantas mulheres negras como eu ela encontra em casas como a sua, a não ser em posições subalternas? — Malu deu de ombros — Que raciocínio podre dessa mulher.

Eu balancei a cabeça, pensando naquilo. Se ela soubesse como estava próxima da verdade sobre Amanda, mas eu não queria expor nada aquilo agora, não assim, muito da forma como Amanda era tinha a ver com Julia, e eu não queria falar sobre coisas que eu achava que eram da alçada apenas da minha filha, por enquanto.

Malu deve ter achado que tinha dito mais do que devia, porque mordeu o lábio e fez um gesto com as mãos.

— Eu sinto muito, como eu te disse, não tenho o direito de me meter nesse assunto, a não ser, é claro que ela me ofenda, me humilhe, como fez hoje... aí eu não vou permitir mesmo, seja ela quem for.

— Não precisa pedir desculpas, eu entendo o que você disse, tanto que preferi que você ficasse e dissesse na frente dela o que tinha ocorrido, não foi? — eu me recostei, respirando fundo — Bom,

Amanda tem um certo histórico, vamos dizer assim, e pelo que conheci de você, a probabilidade de ela ter sido ofendida de alguma forma era quase nula.

Malu assentiu, devagar. Eu levantei e fiz um gesto para que ela viesse junto.

— Vem, vou preparar o almoço, você me ajuda?

Ela sorriu, ainda não de todo relaxada, mas levantando-se e me acompanhando. Na cozinha, eu fui para o freezer e ela ficou encostada ao balcão, calada.

— Teo, você não precisava dizer aquilo. — ela falou, baixo, mas me encarando. Eu fui até ela, então.

— Aquilo, o quê?

— Você não precisava ter dito a ela que eu era sua namorada apenas para... — ela calou.

— Apenas para quê? — cruzei meus braços sobre o peito. Ela mordeu o lábio.

— Dizer que eu sou sua namorada, nós dois sabemos que...

— Nós dois sabemos? Eu não sei você, mas o que eu sei eu vou te dizer agora. — eu a segurei pela cintura e a sentei sobre o balcão, surpreendendo-a. Abri suas pernas e me enfiei entre

elas, pondo as mãos espalmadas em suas coxas. — O que eu sei e você também precisa saber, é que eu não diria ou faria nada que eu realmente não quisesse falar ou fazer. Eu nunca pensei muito sobre essas definições depois que me separei, mas... que merda, era só uma questão de tempo, não era, até nós termos que definir essa situação de modo a não gerar mais dúvidas sobre o que nós somos? Então, você é a minha namorada, certo? Simples.

Malu concordou com a cabeça, séria.

— Ok, então, estamos namorando.

— Sim, parece que sim, não é? — dei um beijinho no vale entre os seus seios, aspirando seu cheiro ali.

— Então Teo, deixa eu te dizer, eu não vou permitir que a ex-mulher do meu *namorado* me destrata aqui na sua casa, nunca mais. Eu sei que ela é a mãe da sua filha, e nisso eu não vou interferir de jeito nenhum. Foi justamente por causa da Julia que eu tentei ao máximo não arrasar com a beleza dela na mesma hora.

— Certo, é justo, nada de ex entre a gente, eu concordo. — murmurei, e busquei sua boca, beijando-a enquanto subia minhas mãos por suas coxas, levantando o seu vestido curto e florido no

processo. Malu agarrou-se ao meu cabelo, devolvendo o beijo de modo intenso, e eu abaixei a alça do seu vestido, expondo um seio redondo e apetitoso que eu abocanhei o mamilo durinho. Ela gemeu.

— Teo, não... a Julia está na casa. — ela subiu a alça do vestido tentador.

— Ela não vai descer agora... — eu beijei seu pescoço, sua orelha, perdido no seu cheiro e no seu gosto.

— Mesmo assim, não... já pensou?

Eu sorri e ajustei a outra alça que eu estava baixando, pondo-a no lugar.

— Tudo bem, vamos lá preparar o almoço, já que eu não posso matar minha fome de você agora.



Quando o almoço ficou pronto, Julia finalmente desceu. Eu sabia que a minha filha estava constrangida pela atitude da mãe, mesmo que ela não devesse ficar, então, quando ela nos encontrou para o almoço, pediu desculpas a Malu, como eu sabia que ela faria. E ela ainda iria falar

PERIGOSAS ACHERON

comigo, mais tarde. Julia tinha muito pouca influência da mãe, ou quase nenhuma à medida que crescia, e eu sei que aquilo tipo de situação deixou uma imagem da mãe ainda pior do que a que ela já tinha. Não havia muito que eu pudesse fazer em relação aquilo, porém.

Logo após o almoço, Malu estava conosco vendo um filme quando começou a sentir a garganta arder e ter um pouco de dificuldade para engolir. Eu achei melhor que ela visse um médico, mas ela teimou que tinha remédio em casa e que assim que chegasse tomaria um, junto com um chá de alguma coisa, que ela já era acostumada a tomar, e ficaria bem. Em menos de meia hora, estava dormindo encolhida no sofá ao meu lado, enquanto Julia estava esparramada no tapete a nossa frente.

Mais uma vez, eu não programei com antecedência trazê-la a minha casa e nem pedir que ela ficasse por mais tempo, mas eu estava começando a entender que muita coisa do que eu programava desde que a conheci, parecia não parecia sair exatamente como o plano inicial. Assumir para a Amanda que ela era minha namorada, por exemplo, não me pareceu algo tão complicado, na hora. No fundo, eu sabia que

Amanda achava que poderia ter acesso indefinido à filha e a mim, por tabela. Mas não foi por causa daquilo que eu resolvi dar um nome ao que tinha com Malu, era só que parecia imbecilidade estar em algo que se parecia com um namoro, e não o chamar daquilo, e àquela situação de merda de mais cedo me fez ver aquilo com mais clareza.

Aquilo me lembrou também o que eu havia discutido na quarta com a Suzana, pensei, ajustando a almofada debaixo da cabeça de Malu e me levantando em direção à varanda.

Suzana havia entrado na minha sala, quase ao final do expediente naquela quarta, para fechar uns últimos acertos sobre a reunião da entrega do viaduto, da próxima semana. Antes que ela pudesse virar-se e sair, eu a chamei.

— Precisamos conversar. — eu disse, e ela estacou, próximo à porta. Quando voltou-se, tinha uma expressão meio divertida no rosto.

— Bem, vamos lá à conversa que em que você vai admitir que finalmente encontrou alguém por quem vale a pena ser monogâmico. — ela sentou-se e cruzou as pernas. — E vai me dizer claramente que eu tenho que parar de bancar a idiota e tentar manter algo que já não existia mais

há meses. Vamos lá.

— Suzana, eu fui casado por 15 anos, e nos últimos, mesmo o meu casamento sendo uma merda, você sabe, eu nunca traí a Amanda. — encolhi meus ombros. — Tenho experiência com relacionamentos monogâmicos quando entro em um. E não considero você uma idiota em hipótese alguma.

— Ok, mas eu estava referindo aos últimos dois anos.

— Eu não estava em um relacionamento.

— E agora, está?

Eu a fitei, então fechei o meu notebook aberto à minha frente.

— Por mais que eu goste e respeite você, realmente não quero discutir o nível do meu envolvimento atual, se você não se importar.

— Ou seja, está envolvido, mas não quer admiti. — ela riu, então, balançou a cabeça como se lamentasse algo. — Teo, eu tive um tempinho para pensar, sabe? Desde aquela nossa conversinha. Eu não vou dizer que o chute não está doendo, porque está, quando um homem como você resolve chutar alguém, dói.

— Suzana, não...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, me deixa continuar. Eu sempre soube que o que a gente tinha era sexo, mesmo que em alguns momentos, sei lá... eu sou uma mulher, a gente especula, imagina, mas eu vi que você nunca realmente demonstrou que poderia sair algo a mais disso.

Eu continuei em silêncio, afagando minha barba. Não poderia contradizê-la quanto a isso, realmente nunca pensei que nosso caso fosse para algo mais, mas ela ainda tinha mais para dizer.

— Nos últimos meses, então... você praticamente não tinha mais interesse em mim, ou seja, a gente estava levando algo que nem fazia mais sentido. — ela respirou fundo e me deu um olhar atento. — Teo, eu realmente gosto de você, pensei até que pudesse estar apaixonada, por um tempo.

Eu franzi as sobrancelhas, alarmado com aquela declaração, e ela sorriu.

— Calma, não precisa surtar. Eu pensei, sim, uns meses atrás, mas foi justo quando você se afastou e eu vi que eu perderia meu tempo e sofreria. Então, comecei também a procurar em outros lugares, você sabe...

— Eu sei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é, eu ainda estou muito chateada por você não ter dito logo que estava com alguém e ter me deixado bancar a idiota tentando te jogar na minha cama novamente. Foi o que combinamos, e você ficou aí dando voltas.

— Suzana, você queria que eu ficasse com a Malu em uma noite e na outra já viesse te dizer que encontrei a mulher da minha vida e que não ficaríamos mais juntos? — eu ironizei. — Você acha que é assim que as coisas funcionam?

— Malu, então, esse é o nome da mulher que está fazendo você rever todos os seus conceitos sobre relacionamentos. — ela debochou — Estou impressionada, com inveja, sentindo-me uma fracassada por não ter conseguido o mesmo com você. Mas estou impressionada, não vou mentir.

— Não estou revendo todos os meus conceitos.

— Ah, não? Deixe-me ver. — ela contou nos dedos. — Um: não está ficando com outras mulheres. Comigo, você ficava com mais de três, no mesmo mês, ao mesmo tempo, ou não? Não me olhe assim, eu sei. Dois: está aqui me dispensando por causa dela. O que é isso se não rever os conceitos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez eu queira experimentar, ter uma nova experiência, apenas. É só um patamar mais acima do que eu costumava fazer. Como eu te disse, uma única mulher não é exatamente um problema para mim.

— Teo, você corria de estar com uma *única* mulher como quem corre de uma doença, por favor, né?

— Não vou discutir isso com você.

— É pior do que eu pensei, sabe?

— O quê?

— Você. Sabe por que eu liguei na sexta para você? — ela sorriu, maldosamente.

— Não, mas aposto que você vai me dar o prazer de descobrir.

— Ah, mas eu vou. Eu fiquei aqui pensando com meus botões: quantas vezes eu não já liguei no meio dos seus encontros, não intencionalmente, claro, mas às vezes, sim... quantas vezes você me atendeu, inclusive para fugir de alguma mulher falante demais, grudenta demais, você lembra dessas coisas? Você sempre atendia.

Eu bati minha caneta na mesa.

— E? — induzia-a continuar com aquela besteira.

PERIGOSAS ACHERON

— E você não atendeu, dessa vez.

— Não, eu não atendi. Isso prova exatamente o quê?

— Pois é, você não atendeu. — ela levantou-se devagar, com um suspiro. — Mas não sou eu quem vai dizer a você porque você não atendeu, você sabe exatamente o porquê.

— Meu Deus, era tudo que eu precisava, outro Max aqui no escritório... *puta que pariu*.

— Olha, é por causa dessas coisas que eu até gosto de você, eu já disse, mas queria ver você engolir cada asneira que você disse nos últimos anos. Ah, como eu queria. Sobre amor, sobre relacionamentos, sobre mulheres... queria mesmo.

— Que maduro da sua parte. — eu disse, apenas, com um sorriso condescendente.

— Dê-me um desconto, eu acabo de ser dispensada aqui.

Eu não refutei, era a mais pura verdade.

— Eu percebi sim que foi uma dispensa. Elegante, respeitosa, mas uma dispensa ainda assim. Bom, eu tenho muito trabalho a fazer ainda, e tenho meu orgulho, então estamos conversados. — ela disse, levantando-se e dirigindo-se à porta, então voltou-se. — Teo, deixa eu te perguntar uma

coisa?

— Diga, Suzana.

— Sua Malu, ela sabe que você estará viajando com a sua ex "parceira de sexo" que trabalha para você? — ela provocou, e eu me sentei mais ereto na cadeira, xingando em pensamento, ao lembrar daquilo, mas não disse nada. Ela fez um gesto de descrença.

— Nossa, você precisava ver a sua cara agora, Teo. Queria mesmo dar os parabéns a essa Malu.

— Nós trabalhamos juntos, isso não tem nada a ver com a minha vida pessoal, eu sei separar as coisas. — eu respondi, apenas.

— É claro. Boa sorte tentando explicar isso a ela.

E ela saiu.

Agora, recostando-me na varanda, olhando para fora, pensei sobre o que Suzana disse. Eu estava mesmo revendo meus conceitos, e a mulher encolhida no meu sofá, nesse momento, era um belo exemplo disso. Mas estava tudo bem, decidi. Eu queria a Malu para mim, estava certo disso, não tinha interesse em ficar com outra mulher enquanto estivesse com ela. Era um namoro, então, ponto

final.

Quanto àquela viagem, eu iria conversar com o Max, correndo o risco de ter que ouvi-lo encher o meu saco e até recriminar-me por ter que alterar uma decisão do trabalho por conta de questões pessoais, mas se eu realmente quisesse, eu faria isso, correndo o risco de melindrar Suzana ainda mais. Foda, mas fazer o quê? Eu teria que ir, isso era inegociável, e se não tivesse jeito e ela realmente fosse comigo, conforme eu disse à Malu, eu daria um jeito. Quartos separados existiam para isso, claro. Quando chegasse a hora eu lidaria com aquela situação.

Estava voltando para dentro quando o meu celular tocou, onde o tinha deixado na sala. Malu se remexeu mas não acordou. Era Marcos, e eu atendi já sorrindo, voltando para cozinha.

— Ei, cara, diga lá.

— E aí, Teo, tudo bem? Tenho um convite especial para você.

— Convite? Para ir ao seu apartamento novamente? Eu topo, se sua *ajudante* estiver aí com você. — eu disse, baixinho, dando uma espiada em direção a sala, para Malu. — E convido os rapazes também.

— Bando de fodidos idiotas, todos vocês, agindo como um bando de *don juans* pra cima da menina, ela não gosta desse tipo de investida. Cara, por falar nisso, você não tinha uma mulher até outro dia? A professora, o que foi, já cansou?

— Não que interesse a você, mas eu tenho, sim. Só que eu não sou cego, a sua diarista é realmente... como foi que você disse, mesmo?

— Vai te foder, Teo. E por que você está sussurrando?

— Não estou sussurrando.

— Esqueçam a Alice, eu já disse, ela é muito séria, muito jovem, não está acostumada a esses modos de conquistadores de vocês.

— Como é? — eu ri alto. — Marcos, você viu o sorriso que ela estava dando para nós? Para o Ricardo em especial, se eu não me engano ela já até chegou sorrindo e com ele, seu idiota.

— Teo, você vai ouvir sobre a porra do convite que eu liguei para te contar? Se não, me avisa que eu tenho mais o que fazer. — ele cortou, indignado.

— *Tá* ok, calma. Mas fala, do que se trata?

— A mamãe está organizando uma festa, uma espécie de boas-vindas à Belinha, no próximo

sábado, vai ser na casa deles por volta das oito da noite. Poucas pessoas, segundo ela, apenas os mais próximos, isso quer dizer que você pode esperar umas cem pessoas, você sabe. — ele resmungou, e eu sorri.

— Claro, eu irei, e sinalize mais uma acompanhante, também.

— Sério? Claro, com todo o prazer. — ele riu — Deixe-me ligar para o Diego agora, porque a mamãe acha que ele é super ocupado e eu, que controlo as empresas da família, não tenho o que fazer.

Nós dois rimos.

— O Ricardo não vai, acabou de me dizer. — Marcos informou.

— Não? E por quê? Ele não pode deixar essas boates em um único sábado? — eu estranhei.

— Na verdade não sei, ele apenas disse que estaria ocupado. Belinha vai ficar chateada com ele, caso ele realmente não vá. Ela está super empolgada com esse jantar, além de ser o seu retorno ao Brasil, vai usar para apresentar o namorado que veio de Nova York com ela. — mais um resmungo irritado da parte dele.

— Ela trouxe um cara de Nova York com

ela? A Belinha, sério? — cruzei os braços, interessado.

— Não exatamente, o rapaz é do Brasil, eles se conheceram por lá e voltaram juntos, mas... me parece que ela está mesmo com ele. Um palerma, se você quer saber a minha opinião. Ah, e Teo, a Izabel não é mais aquela menininha, cara. Ela mudou muito, está confiante, e muito mais linda do que ela já era. — havia uma nítida nota de orgulho e afeto na voz de Marcos. Mesmo não sendo irmã biológica deles, Izabel sempre havia sido a menina dos olhos de Otávio, Diego e de Marcos, além da filha querida de tia Abigail, que queria uma menina e já não podia engravidar.

— Fico feliz em saber, o exterior fez bem a ela, então. Marcos, o Ricardo vai perder a oportunidade de implicar com a Iza por conta do namorado? Logo ele que adorava espezinhá-la por qualquer coisa? Ele já sabe disso?

— Sabe sim, eu disse a ele, mas ele disse que não tinha interesse nisso, estava com um mau humor do caralho com alguma coisa na contabilidade da boate, ou algo desse tipo.

— Sei... então, tudo bem. A gente se vê por lá.

Quando Marcos desligou, eu lembrei daquela reação e aquela expressão no rosto de Ricardo no restaurante. Deus, permita que o que eu estava desconfiando fosse verdade, não existia ninguém no mundo que eu queria ver perder aquele sorriso idiota e provocador do caralho mais do que o Ricardo.



Capítulo 29



*Pois toda vez que pareço me apaixonar
Crash, bum, bang
Crio coragem, mas daí bato com
a cara na parede
Crash, bum, bang
Crash, Bum, Bang
Roxette*

Malu

Quando eu cheguei da casa do Teo no sábado, estava praticamente encolhendo de frio, e tive febre. À tarde, ainda na sua casa, tinha ficado com uma moleza e a garganta arranhando mais. A merda daquela chuva que eu peguei, foi isso. Teo fez questão de vir me trazer, claro, e me fez prometer que se sentisse algo, ligaria. Eu prometi, mas óbvio que não ia chamá-lo por causa de uma febrezinha e uma dor de garganta de nada. Então, como passei a noite com uma febre que de pequena não tinha nada, eu e Stella fomos à emergência pela manhã. Bela forma de passar o domingo.

Era uma infecção de garganta, como eu imaginava, então a médica receitou uns antibióticos para tomar por 7 dias, muita água e repouso. Eu ia ficar em casa de molho por uns dois dias, no mínimo. Claro, o Teo ficou puto porque eu não avisei que estava doente e não disse que tinha ido para emergência de Uber, como se eu estivesse às portas da morte e fosse chamá-lo por causa disso. Ele chegou na minha casa depois do expediente, no dia seguinte, com uma cara fechada e prometendo me dar umas palmadas na bunda assim que eu

PERIGOSAS ACHERON

ficasse boa. E olha, eu esperava ficar boa logo, pensando bem... De todo modo, acabei não podendo ir na casa da minha mãe, infelizmente, mas para minha alegria, dona Fátima veio ficar comigo na segunda-feira, então, eu estava sendo mimada e paparicada pela minha mãe e recebendo a atenção de um homem gostoso, atencioso e lindo que, olha só, coincidia de ser meu *namorado*.

Eu mordi o lábio, tentando esconder o sorriso, ao lembrar daquilo. Aquele sábado tinha começado muito bem na casa de Teo, depois eu tinha entrado em uma montanha russa louca de emoções: aquela ex-mulher asquerosa e depois o Teo me apresentando como sua namorada. Dizer que eu tinha ficado surpresa era pouco, e enquanto aquela mulherzinha estava ali me olhando com desprezo escorrendo pelos poros, a minha cabeça dava voltas, e eu realmente pensei sobre como ele iria me apresentar, quem ele diria que eu era?

Bom, para quem não estava esperando nada mais do que uma noite, depois duas ou mais, nós já estávamos indo além do esperado, sorri comigo mesma, ajustando meu travesseiro. A febre tinha passado, por hora, e eu estava me sentindo ligeiramente melhor. Estava quase resvalando para

o sono novamente quando ouvi uma batidinha na porta, e como Stella estava na academia, devia ser a minha mãe.

— Entra, mãe. — eu murmurei. A rouquidão também tinha melhorado, ainda bem. Minha mãe entrou, sorrindo, e logo atrás dela Teo surgiu, usando uma camisa branca, de terno, gravata azul, e as mangas enroladas nos antebraços.

— Malu, eu encontrei esse moço bonito ali fora, você conhece ele? — mamãe estava dizendo, de modo provocativo, claro, sorrindo e olhando para Teo. Eu sentei na cama, surpreendida, pois ele não tinha me dito que viria, e sai ajeitando meu cabelo e passando a mão na minha camisola velhinha, um vestido cheio de coraçãozinho, de alcinhas, que já tinha visto dias muito melhores. Meu Deus do céu eu não acredito que ele tinha vindo assim e eu estava naquele estado, largada naquela cama...

— Teo... — balbuciei, sorrindo e vendo o olhar astuto da minha mãe. Ela nem para vir me avisar antes, para eu dar uma arrumada, né?

— Malu, como você está? — ele disse, com o cenho levemente franzido, observando-me.

— Melhorando, obrigada. Eu não sabia que

você viria, Teo...

— Resolvi fazer uma surpresa. Dona Fátima me recebeu e nós conversamos um pouquinho ali fora e, claro, eu provei um café maravilhoso que ela fez para mim. — ele explicou, dando uma piscada cúmplice e sedutora para minha mãe, que pareceu se derreter um pouquinho.

— Já nós nos apresentamos, filha, não se preocupe. Olha só o que ele trouxe para você. — ela veio até a mim, e então eu reparei que nas mãos, minha mãe tinha um buquê de flores brancas, acho que eram lírios, e agora olhava para Teo com uma expressão embevecida. Bem, dona Fátima, bem-vinda ao meu mundo, pensei, notando, encantada, que era a primeira vez que eu recebia flores. Minha nossa, era mesmo! Eu nunca liguei para aquilo, mas... realmente nunca tinha recebido antes. Eu sorri, apreciando o aroma daquelas flores maravilhosas.

— Lindas. — sussurrei, olhando para ele, que tinha encostado-se à parede do quarto, observando-nos.

— Eu vou pôr na água Malu, e deixar o Teo fazer a visita dele direito. — mamãe informou, dando-me um beijo na testa e saindo logo em

seguida. Teo sorriu para ela, abriu a porta e ela se foi rapidamente. Eu teria que enfrentar uma verdadeira cruzada de perguntas depois, já até imaginava.

— Você está conquistando a minha mãe ou é impressão minha?

— Impressão sua, claro. Eu só cheguei, me apresentei, dei as flores e nós conversamos um pouco. E tomei café, obviamente. — ele encolheu os ombros largos, mas aquela cara dele não me enganou.

— Flores para a minha mãe? — apertei os olhos.

— Claro, eu trouxe para ela também. Você me disse ontem que ela estaria aqui. — Teo aproximou-se para sentar na cama ao meu lado.

— Muito atencioso da sua parte, obrigada. — eu sussurrei, inclinando-me e encostando meu nariz em seu pescoço. Seu cheiro era delicioso, sua pele quente. Beije-o de leve ali, e suspirei. — Obrigada pelas flores, são divinas. E amei.

— Por nada, querida. Você está mesmo melhor? — ele segurou-me pelo queixo e me observou detidamente, o cenho franzido de preocupação.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou sim, e estaria ainda mais se tivesse vestida em outra coisa mais bonitinha e tivesse me arrumado. — revelei, e ele sorriu, deixando cair os olhos pelo meu corpo. Passou a mão de leve na minha coxa por cima do lençol, em círculos lentos.

— Pois eu achei essa muito boa, se quer saber.

— Pensando bem essa está ótima, eu estou doente mesmo, e você não vai pensar em nada indecoroso me vendo vestida nisso aqui.

Dessa vez Teo deu uma risada baixa.

— Malu, tem horas que você é tão inocente... você acha mesmo que uma camisola de algodão vai fazer eu não ter tesão por você? — ele aproximou a boca do meu ouvido, segurou minha mão e levou para a frente da sua calça preta social, então sussurrou: — Sente aqui.

Oh céus, ele estava ficando duro. Eu apertei de leve e ele deu um gemido baixo.

— Não mocinha, você não pode e eu não quero manchar minha imagem de bom moço com sua mãe, rasgando essa camisolinha fofa e comendo a filha dela doente em cima dessa cama. — ele disse, e tirou minha mão do seu pau endurecendo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah é? Então você está mesmo dando uma de conquistador.

— Talvez. Mas me diga, você não teve mais febre, está tomando os remédios direito? Eu ainda não esqueci daquelas palmadas que você me deve. — ele fez aquela cara zangada para mim, que só me dava vontade de beijá-lo e desfazer aquele franzido na sua testa.

— Novas promessas, Sr. Stein? Mas sim, estou praticamente curada. Não tenho febre e minha garganta não dói mais. Provavelmente já teria voltado ao trabalho se minha mãe não estivesse aqui. Tomei mais chá esses dias do que em toda a minha vida.

Ele sorriu.

— Ela é muito simpática, e posso ver de onde vem sua beleza toda.

— Você disse isso a ela, não foi?

— Claro, que tipo de conquistador eu seria se não dissesse isso a ela?

Rimos, e eu o encarei. E ficamos assim por uns segundos, olhos nos olhos, até que meu coração começou a bater feito louco e eu desviei os meus olhos, aquele momento enigmático passando. Teo pigarreou e se aproximou, tocando meu queixo.

PERIGOSAS ACHERON

— Malu, será que até sábado você está melhor?

— Claro que sim, como eu te disse, já estou curada, só preciso continuar com os remédios mesmo que a febre e a dor passem, ordens médicas.

— Ótimo, então. Tem uma festa na casa dos meus tios, no sábado à noite, o Marcos me convidou, a irmã mais nova dos dois, Iza, chegou ao Brasil eles estão recepcionando-a com um jantar. Gostaria de saber se você quer ir comigo.

— Uma festa? Sim, claro. Mas me diz uma coisa, o Marcos é rico, não é?

— Não, querida, o Marcos não é rico. — ele disse, eu suspirei mais aliviada, então ele retomou: — O Marcos é milionário, ou mais que isso, não dá para saber. Mas lá não é a casa dele, é a casa dos pais, e eles são mais ricos ainda.

— Meu Deus, Teo, você sabe mesmo confortar alguém. — resmunguei, rolando os olhos para ele, que cruzou os braços sobre o peito largo.

— Mas por que você quer saber disso?

— Com certeza não é para tentar a sorte com ele. — eu disse, sorrindo, mas ele não sorriu, me olhou com os olhos apertados, e eu dei-lhe um tapinha no peito. — Teo, deixa de besteira. Eu

estou perguntando porque preciso saber o que vestir, que tipo de roupa usar, essas coisas...

Ele assentiu, relaxando.

— Você tem ciúmes dos seus amigos, é isso? — eu o provoquei, e pensei que ele ia dizer que não era ciumento. Mas o que ele disse foi:

— Eu preciso mesmo responder a isso?

— Hum, melhor não se dar ao trabalho, eu imagino. Deixa para lá.



No sábado, eu estava ansiosa esperando a chegada de Teo. Tinha ficado completamente curada, graças a Deus, e até tinha perdido uns dois quilinhos com aquilo, de só sopinha, canja de dona Fátima e muito líquido, o que era sempre bom, não era?

Eu tinha comprado um vestido especialmente para a ocasião, mesmo que depois, enquanto nos falávamos pelo celular, Teo tenha sugerido que poderia comprar algo para que eu usasse. Eu recusei enfaticamente, e disse que não se preocupasse, que eu teria bom gosto para escolher algo apropriado. Ele reclamou que não se tratava

PERIGOSAS ACHERON

daquilo e me chamou de mulher teimosa, era apenas porque o convite tinha partido dele, enfim, eu não dei o braço a torcer.

Eu não gastava muito com roupas, bem, não tanto assim, e eu nem podia, mas ainda podia me dar ao luxo de comprar um vestido para aquela festa. Tinha custado uma grana, eu quase choro lágrimas de sangue na hora de passar o cartão e dividir de variadíssimas vezes, porém, valeu a pena. Cada maldito centavo.

Ele era cor de vinho, uma cor que eu adorava, de um tecido que se ajustava ao meu corpo de modo maravilhoso. Não tinha um decote grande, era bem comportado até, possuía mangas longas, a cintura bem marcada e descia até os meus joelhos, a única coisa mais sexy nele, porque eu não estava indo para uma igreja, afinal, era uma fenda na perna, que subia até a minha coxa, mas ainda assim de modo não muito revelador, na minha opinião. Completei o *look* com as minhas sandálias altíssimas em um tom de marrom dourado, deixei meus cabelos soltos e fiz uma *make* caprichada, com a ajuda de Stella. Finalizei com brincos compridos e delicados, no mesmo tom da sandália. Pronto. Estava me sentindo muito bem.

Minha mãe tinha ido embora, depois de mais uns dois dias, e me deixado sem as suas sopas de galinha, seus mimos e suas toneladas de chás caseiros. Claro que ela tinha arrancado quase tudo de mim em relação a Teo, a quem ela definiu como "um homem de verdade e não esses meninos que se via por aí". Eu ri, entretanto, pensando que ela não sabia o quanto ele era um homem de verdade, Nossa Senhora... em todos os sentidos mesmo.

Eu já estava parada na sala, aguardando, quando Teo foi anunciado e fui abrir, louca de vontade de vê-lo. É, eu não ia mesmo deixar de me impactar com ele, estava decidido, pensei, enquanto nos olhávamos parados à porta. Teo estava usando um terno preto totalmente ajustado ao seu corpo, com camisa branca e gravata cinza prateada. O traje caía como uma luva, destacando seu corpo forte e longo, os músculos evidentes, mas ainda assim o deixando extremamente elegante. Ele estava matador. Enquanto eu o secava, ele olhava de volta para mim, as mãos nos bolsos da calça do terno, a expressão atenta, sobrancelhas franzidas... espera, sobrancelhas franzidas?

— Oi... — murmurei, aguardando, parada à sua frente, um sorriso hesitante, agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu.

— Sim?

— Você está estonteante. Maravilhosa. — ele disse então, com voz grave, depois de mais uns segundos, mas não sorriu. Levou uma mão a nuca e massageou, continuando a me olhar em silêncio, ainda muito sério.

— Obrigada? — eu disse, meio intrigada agora. Estava maravilhosa, mas... porque ele estava parecendo bravo então? Nada feliz?

— Que porra. — ele grunhiu, depois de um segundo, apertando o espaço entre os olhos, ainda parado lá. — Você está linda.

— Teo, você está me deixando confusa aqui. — eu ri, sem entender nada.

— Que caralho, esse vestido... foi o que você comprou?

— Sim, foi. Você gostou?

— Adorei. É perfeito. Você está ótima nele. — ele dizia, e deu um sorriso sem humor. — O problema...

— O problema... — eu fiz um gesto com a mão, convidando-o a continuar já cruzando meus braços depois sobre os seios, aguardando o veredicto.

PERIGOSAS ACHERON

— A porra do problema é que cada filho da puta presente nessa festa vai ver e achar exatamente a mesma coisa que eu estou achando agora, eu sei. — ele rosnou, finalmente entrando e me pegando pelos ombros, já que eu estava de braços firmemente cruzados.

— E? — eu torci a boca para ele.

— Malu, por favor, você não pode esperar que isso não passe pela minha cabeça. Que porra, essa fenda... ela não abre muito quando você anda, não é? — ele disse, fazendo uma careta como se estivesse sofrendo. Eu queria resistir bravamente, mas não consegui, e dei uma risada na sua cara.

— Não sei, ainda não andei por aí com ele. — disse, dando de ombros. — Vamos descobrir quando eu fizer isso.

— Malu. — ele chamou em tom de aviso, fez a famosa carranca, e eu dei um beijo nele, rápido, ignorando-o.

— Teo, eu não acredito nisso, é só um vestido, e é super comportado, na verdade.

— Por favor, não me deixe nunca ver um vestido que você considera ousado, eu terei um ataque cardíaco, com certeza.

— Ah, que bobagem. É só uma fendazinha

de leve, para dar uma vida no *look*.

Ele franziu o cenho, então pareceu lembrar de algo, e me olhou, meio alarmado.

— Me diz uma coisa: esse vestido... ele está completo atrás, não está? Por favor, me diga que está.

Eu gargalhei agora, e lancei meus braços em volta do seu pescoço, beijando-o, e ele me beijou de volta, sorrindo contra a minha boca.



Realmente os donos daquela casa só poderiam ser milionários, deduzi. A casa de Teo era enorme, linda, uma mansão de verdade, mas aquela casa ali, era insanamente maior e também diferente. Enquanto a casa de Teo era grande e moderna, ali predominava um aspecto clássico, suntuoso, de dinheiro antigo, notei, impressionada.

Quando nós chegamos, várias pessoas já estavam dirigindo-se à entrada da casa, adentrando ao imenso jardim todo iluminado e preparado para o jantar. Tendas estavam armadas, enormes, com mesas compridas ostentando provavelmente iguarias gastronômicas e variados tipos de bebidas. Eu e Teo fomos nos aproximando, ele com a mão

PERIGOSAS ACHERON

colada na parte baixa da minha costa, muito próximo de mim. Algumas pessoas vieram cumprimentá-lo muito rapidamente, ele falou com elas, acenou para outras, e as que pareciam mais próximas, ele apresentou-me como sua namorada. Ao chegarmos a parte de dentro, próximo à piscina, que era onde realmente parecia que a festa estava sendo realizada, o cenário de luxo e riqueza era maior ainda. Teo pegou uma taça da bandeja de um garçom que passava, e bebericou. Eu fiquei olhando para ele, aguardando.

— Você não acha que vai beber, acha? — ele disse, olhando para longe. Realmente, eu nem gostava tanto de beber assim, mas aquele seu jeito... me dava nos nervos *argh*, dava vontade de fazer só para contrariar aquela sua postura de mandão. Claro que eu não ia fazer isso, era a minha saúde, afinal, e ele estava certo.

— Você poderia ao menos perguntar se eu queria. — teimei, no entanto.

— Para quê? Você não vai beber, está tomando antibiótico, lembra? — ele disse, com voz macia, curvando-se e dando-me um beijo no pescoço, e eu bufei.

Logo um homem começou a se aproximar

nós dois, vindo do outro lado da casa, em passos largos e seguros. E minha santa mãe de Deus! Ele era alto, forte, cabelos pretos e uma postura elegante, e ainda por cima usava um óculos de grau que lhe dava um ar de intelectual, o que combinado com o terno preto que ele usava, era uma imagem impactante. Lindo de morrer. Era nessas horas que fazia uma falta uma amiga para gente cochichar sobre *boys* gatos, pensei, abaixando a vista e dando um sorrisinho discreto. Ele era lindo, sim, mas ainda assim, o meu Teo era muito mais, com toda certeza.

— Diego. — Teo estendeu a mão quando ele chegou perto de nós e eles cumprimentaram-se amigavelmente.

— Teo, que bom te ver.

— Também, parceiro. Onde estão todos?

— Já falou com papai e mamãe? Eles já estão por aí, aparecem a qualquer momento. — o homem chamado Diego informou. Percebi que ele falava pausadamente e de modo quase monótono.

— Não, acabamos de chegar, mas vou já falar com eles.

Diego estava me olhando agora com um sorriso discreto.

— Teo, sua educação está cada vez mais preocupante, meu caro.

— Diego, está é Malu. Malu, esse cara super preocupado com a minha educação aqui é o Diego, e meu primo, irmão de Marcos.

— Boa noite. É um prazer finalmente conhecer você, Malu — ele disse.

— Boa noite, Diego. É um prazer, também. — eu pensei sobre esse "finalmente", mas fiquei quieta, e olhei discretamente para Teo, que olhava para Diego com um olhar de aviso. Este apenas ajeitou a gravata e sorriu de volta para ele.

— Onde estão Marcos e Iza? — Teo perguntou, puxando-me levemente para perto de si.

— Iza está circulando, você já a encontra. Marcos estava lá dentro, ainda, mas já deve aparecer.

Eu recostei-me em seu peito, olhando em volta enquanto eles entravam em uma conversa amena sobre governo, política e entrega de obras na cidade. Havia homens e mulheres servindo, passeando entre os convidados com bandejas com bebidas e aperitivos. As mulheres usavam vestidos elegantes, sorridentes, bebericando champanhe, e os homens estavam todos de terno conversando

entre si de modo despreocupado. Quando um outro homem, este um senhor mais velho, veio falar com Teo e Diego, eu afastei-me um pouco, observando a enorme piscina toda iluminada.

Eu, Teo e Diego, logo depois fomos caminhando em direção ao outro lado da casa, quando uma mulher negra, muito bonita, veio praticamente desfilando em nossa direção. Era a única que eu havia visto ali, até agora, além de mim e de uma outra menina muito bonita usando a roupa de garçonne, que havia passado por mim mais cedo, endereçando-me um sorriso simpático.

Olhei para essa mulher que vinha agora ao nosso encontro, embasbacada pela sua beleza e, também, porque ela exalava aquela áurea de riqueza e poder que parecia permear todos ali. Ela era alta, muito jovem, notei agora, usava um vestido dourado com estampas étnicas e saltos altíssimos, os cabelos pretos, longos e cacheados e volumosos estavam soltos pelos ombros nus. Mais próxima de nós, abriu um sorriso enorme de covinhas e levou a mão ao coração ao ver Teo, um olhar amoroso no rosto. Eu fiquei alerta, e como estava meio abraçada a ele, apertei só um pouquinho mais sua cintura.

— Teo! — ela disse, abrindo os braços para ele. Mas eu percebi logo a expressão de extremo carinho que ela exibia no olhar.

— Belinha, que saudades, minha querida. Você está sensacional. — ele disse, em uma voz levemente surpresa, mas cheia de afeto, como eu já o vi falando com Julia, por exemplo. Soltei-o e eles abraçaram-se apertado, demoradamente. Vi que ela fechou os olhos com força e parecia emocionada com o abraço.

— Nossa, que saudades mesmo, Teo. Agora que eu estou vendo todos vocês aqui, fico pensando em como conseguir ficar longe tanto tempo assim. — ela riu, e realmente enxugou o cantinho dos olhos, ao olhar para ela e depois para Diego.

— Quem vê pensa que esse cara aqui é seu irmão, e não eu. — Diego disse, em um tom mal-humorado, mas brincalhão, pondo as mãos no bolso da calça.

— Não seja um chato Diego, eu já te abracei e apertei à exaustão, irmão. O ciumento aqui é Marcos, não você, *tá*? — ela retribuiu o sorriso grande e carinhoso, então fixou os olhos em mim, arregalando-os um pouco, e olhou para Teo, que tinha voltado a me abraçar.

— Minha nossa, quem é esta deusa? Amei o vestido, amiga. — ela disse, e eu sorri, gostando quase que imediatamente dela, agora que eu já sabia quem ela era. — Desculpe meus modos querida, é a emoção de estar revendo minha família novamente assim de pertinho.

Todos sorriram, e Teo olhou-me e fez um gesto em direção à moça.

— Izabel, quero que conheça Malu, minha namorada. Malu, Iza é a irmã mais nova de Marcos e Diego, e minha também, pode-se se dizer. — Teo disse, dando uma piscadinha para ela. Izabel o olhou surpresa, pegou minhas duas mãos e apertou de leve, uma expressão de contentamento no rosto, e seu sorriso aumentou.

— Olá Malu, tudo bem? Que linda, você. — ela deu-me um beijinho no rosto. — Teo, meus parabéns! Agora sim, viu? — ela também piscou para ele, que apenas sorriu, em silêncio.

Alguns passos atrás de Iza, vinha aproximando-se um rapaz, jovem também, alto e magro, com cabelos castanhos claros e olhos verdes, muito elegante em um terno azul escuro. Ele chegou e nos deu um aceno educado.

Iza o olhou e sorriu.

— Ah, deixa eu apresentar para vocês o Erik. Erik, esse é o meu irmão Diego, esses são Teo, meu primo e irmão de coração, e essa é Malu, sua namorada. O Erik é meu namorado. — Ela explicou, com um sorriso afetuoso, mas rápido. Nós cumprimentamos o rapaz, que apertou nossas mãos e voltou a ficar em silêncio enquanto algumas conversas começavam a nossa volta. Eu olhei para Iza, vendo que ela tinha se distraído procurando com os olhos alguém no meio das pessoas que já lotavam a área externa da casa.

— Vocês viram o Marcos? — ela voltou a atenção para nós, então, quando pareceu não achar quem procurava, e pegou uma taça de champanhe de um rapaz que passava, bebendo um longo gole. — Ele está zangado comigo.

— Zangado, o Marcos? Por quê? É raro ouvir a palavra zanga e Marcos na mesma frase. — Teo disse a ela.

— Mas não ultimamente. — Diego informou, recusando o oferecimento da bebida.

Iza fez um trejeito debochado com os lábios bem pintados.

— Chatice dele. Eu fui ao seu apartamento no meio da semana, afinal, ele quase nunca está

disponível, e encontrei a menina que estava limpando o apartamento, Alice, uma fofa, linda. Então, conversa vai, conversa vem, eu resolvi perguntar se ela não queria vir trabalhar hoje na festa, eu pagaria muito bem, claro, e eu *estava* mesmo procurando pessoal para trabalhar hoje, então, era perfeito. Ela me ajudava, eu a ajudava — ela deu de ombros. — Ela aceitou, mas o imbecil do meu irmão por algum motivo não gostou muito.

Teo e Diego entreolharam-se e sorriram.

— Você acha? Mas por que será? — Teo questionou então, sério, mas eu conhecia aquele seu arquear de sobrancelhas. Ele estava divertindo-se. Iza, no entanto, pareceu não notar.

— Não faço ideia, talvez por ele gostar de mandar na vida dos outros? Eu que o diga. Eu disse a ele que ele não poderia dizer à menina onde ela pode ou não pode ir quando não está trabalhando na casa dele, veja que absurdo! Então, ele me disse que ela ficaria na cozinha, que era melhor, mas *eu* achei melhor que ela ficasse passeando aqui por fora com as bandejas, linda do jeito que ela é, vai que arruma alguém interessante por aqui, não é? — ela sorriu, animada.

Teo e Diego realmente riram abertamente

agora, e Iza franziu o rosto para eles. Um casal mais velho estava aproximando-se de nós agora. A mulher era de uma beleza quase angelical, loira e elegante, com enormes olhos verdes, que eu achei muito parecidos com os de Teo e Julia. O homem de cabelos grisalhos... bom, devia arrasar quarteirão quando era mais novo, viu? Era alto, forte, os cabelos pretos ainda abundantes permeados de fios cinzentos, e olhos profundamente azuis. Diego era praticamente uma cópia sua, percebi, a não ser pelos óculos.

— Bem, só assim para eu ver você, não é, Teo? — a mulher disse, em um tom de repreensão, mas com um belo sorriso, oferecendo o rosto para ele beijar.

— Tia, pretendo me redimir disso, acredite. Otávio, boa noite. — ele cumprimentou o homem grisalho então, com um aperto de mão firme, que ele retribuiu, sorrindo também. — Como vai?

— Teodoro meu rapaz, quanto tempo. Você devia ter vindo ao jantar da semana passada, quando Iza chegou. — ele disse, abraçando a filha pelos ombros e beijando seus cabelos carinhosamente. Ela murmurou "papai" e aconchegou a cabeça em seu peito, fechando os

olhos. Aquela cena ali fez bater uma ligeira tristeza por não ter aquilo com meu próprio pai, aquela conexão, aquele carinho tão natural, mas ignorei rápido a sensação e sorri para os recém-chegados.

— Eu tive uns contratempos na empresa, muito trabalho acumulado, mas agora estou mais tranquilo. Tia Abigail, Otávio, quero apresentar vocês à minha namorada, Malu. Querida, esses são meus tios, de quem já lhe falei.

— Oi Malu, encantada, querida. Na verdade, eu gosto de pensar que sou a mãe desse moço, para todos os efeitos. — ela disse, dando um tapinha carinhoso no seu peito, então se aproximou e cochichou no meu ouvido. — Menina, você está de parabéns, e ele também, pelo que vejo, você não imagina como eu estou surpresa e feliz, mas depois conversamos mais. — ela sussurrou, então afastou-se como se não tivesse dito nada e sorriu, candidamente, na direção de Teo. Ele estreitou os olhos para ela, depois para mim, e eu o ignorei, tentando esconder meu sorriso.

— Tia... — ele disse, naquele tom grave de aviso que usava comigo. Ela fez um gesto de desdém com a mão para ele.

— Comigo não, Teo. Funcionaria se eu não

tivesse trocado suas fraldas, talvez.

Todo mundo sorriu, e bem nesse momento Marcos aproximou-se do grupo, vindo do outro lado da casa. Estava também muito bonito e elegante em um terno preto, os cabelos ligeiramente maiores do que eu tinha visto na boate, a sombra de uma barba, e um copo de bebida nas mãos.

— Até que enfim, você por acaso agora trabalha na minha cozinha, Marcos? — a mãe dele disse, depois que ele cumprimentou a todos, deu um beijinho nela e tapinhas nas costas do pai.

— Não começa, mãe. Eu só estou fazendo o que você pediu, certificando-me que tudo está bem. — ele resmungou, então olhou em nossa direção. — E aí, Teo, nada de apresentações?

— Você já conhece a Malu. — Teo resmungou de volta para ele, e ignorou-o, bebendo da sua taça. Ele sorriu, aproximou-se e pegou a minha mão, dando-me um beijo no rosto.

— Malu, tudo bem, lembra de mim?

— Lembro sim, Marcos. — eu sorri para ele.

— Você está linda.

— Obrigada.

— Marcos, você por acaso não quer outra bebida? Ouvi dizer que a Alice está por aí servindo, quer que eu vá procurá-la? — Teo disse de maneira solícita, e eu percebi que ele estava deliberadamente provocando o primo. Abaixei minha cabeça e sorri.

— Não, obrigado. — Marcos disse, apenas, sombrio.

— Ainda chateado comigo, maninho? Não devia, eu só estou ajudando. — Iza disse, alegre.

— Muito. — Marcos rosnou, olhando ao redor.

— Bom, vamos dar uma volta e receber nossos convidados. Crianças, comportem-se. Malu, belo vestido, não fique muito tempo parada aí com uma fenda dessas, circule, querida. — Abigail disse, e então ela e o marido foram afastando-se para falar com outro grupo mais à frente.

— Meu Deus, eu tinha esquecido como ela é. Não é à toa que o Marcos é desse jeito. — resmungou, abraçando-me pela cintura.

— O quê? — Marcos disse distraidamente, ao ouvir seu nome, mas sua atenção estava voltada para algo mais ao longe, à sua esquerda. Lá, a moça bonita que eu vi mais cedo e que sorriu para mim

estava servindo um grupo de homens, com uma bandeja nas mãos, e parecia sorrir para eles de maneira encantada. — Deem-me licença um instante, por favor. — ele pediu, e foi naquela direção, calmamente.

Nossa, pela sua cara, não parecia muito feliz e eu juntei dois mais dois e vi que ali tinha, e pelo jeito Iza também tinha chegado a mesma conclusão, pela forma como estava olhando com um sorriso satisfeito para o irmão afastando-se.

Esse sorriso, no entanto, foi transformando-se aos poucos em uma expressão diferente, uma mistura de surpresa, ansiedade e algo mais, e ela engoliu em seco, levantando o queixo e ajustando a postura de maneira evidente. Eu era uma mulher, e conhecia bem aquela postura ali, *baby*. Era uma que a gente fazia quando via um homem que nos interessava: arrumar os cabelos discretamente, empinar os seios discretamente também. O interessante, nesse caso, era que o seu namorado estava bem ao seu lado em uma conversa com Diego, então...

Eu virei meu rosto devagar e olhei na direção do seu olhar, que estava fixado para além de Marcos, Alice e o grupo de homens perto da

piscina. Estava travado no homem que vinha entrando, andando de maneira calma, sensual, já trazendo uma bebida nas mãos. Ele era alto, mais alto que qualquer um dos três agora perto de nós, e usava um terno preto ajustado ao corpo forte e gravata vinho. Seu cabelo era muito preto e ligeiramente mais comprido, uma mecha caindo descuidada na testa, e sua pele era bronzeada. Outro terremoto em forma de homem, em resumo. E era o dono da boate, lembrei subitamente, o outro amigo de Teo, Ricardo. Interessante, pensei, espiando Iza, que tinha desviado os olhos agora e estava sorrindo na direção do namorado, como se não tivesse visto Ricardo chegando. Eu me solidarizei com ela em silêncio, e apertei os braços de Teo ao redor da minha cintura.

— Olha só quem está aqui. E aí, cara? — Teo disse, assim que Ricardo estava próximo o suficiente do nosso grupo.

— Beleza, Teo. Diego, tudo bem?

Eles cumprimentaram-se com abraços e tapinhas nas costas, como sempre. Então ele olhou para mim e sorriu.

— Malu, prazer em te rever. Tão linda quanto eu me lembro. — ele disse, um sorriso

matador na minha direção.

— O prazer é meu, Ricardo.

— Conheceu o namorado da Iza, Rico? — Teo disse, as mãos no bolso agora, olhando de modo atento para Ricardo. Ele virou-se então, e seus olhos foram para Iza parada ao lado de Erik, as mãos do rapaz em torno da sua cintura. Iza encarou-o e deu um sorriso contido, muito diferente do que vinha exibindo até então para todos nós.

— Iza. — Ricardo disse, apenas, lançando-lhe um olhar de cima a baixo, lento, então, curvou-se um pouco e deu-lhe um rápido beijo na testa, virando-se de volta para nós, muito sério.

— Ricardo. — ela murmurou, a voz quase formal. — Que bom ver você.

— Achei que você tivesse dito que estaria ocupado. — Diego questionou o recém-chegado.

— Reorganizei minha agenda. — ele respondeu, com um sorriso cínico. — Marcos ficou frescando, sabe como ele é.

— Ricardo, que cabeça a minha, eu acho que realmente não te apresentei o Erik, ainda. — Iza disse, depois do silêncio que se seguiu. Eu podia perceber o clima estranho, pesado. — Erik, este é Ricardo. Ricardo, este é o Erik, meu

namorado.

Ricardo ainda passou uns dois segundos parecendo ignorar a sua voz, recusando-se a ouvir a informação, talvez? Então, com o maxilar rígido e parecendo meio exasperado, ele voltou-se, e o seu olhar escuro poderia certamente ter congelado o coitado do Erik no lugar.

— E aí, cara? — disse ele para Erik, com um aceno que queixo, sem estender a mão.

— Olá, Ricardo, a Iza já me falou de você. — Erik resolveu usar justo aquele momento para demonstrar que sabia falar, com sua voz jovem e o sotaque americano evidente. Vi o medo passar no rosto se Iza, rapidamente.

— Foi mesmo? — Ricardo pareceu dar um pouco de atenção ao rapaz, os olhos atentos agora fixados nele.

— Sim, eu achei que você também fosse irmão da Iza. — Erik disse, com um sorriso amistoso para o homem muito sério e forte olhando para ele.

— Erik, meu querido, você deve ter entendido errado, o Ricardo aqui sempre me tratou assim, mas certamente não é meu irmão. — Iza disse, por fim, lançando a Ricardo um olhar direto e

PERIGOSAS NACIONAIS

que me pareceu quase desafiador. Bem, aquela festa estava ficando muito melhor do que eu pensei que seria.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 30



Leve-me à magia do momento
Em uma noite de glória
Wind Of Change
Scorpions

Teo

A festa realmente teve potencial para ficar mais interessante à medida que a noite foi passando, eu deduzi, ao ver Iza e Erik sentados em uma mesa a alguns metros de distância, sorrindo e trocando olhares ao longo da noite.

Ricardo, ao meu lado, estava com um humor do cão, de vez em quando soltando uns grunhidos ininteligíveis e descontando, ainda bem, apenas no copo de uísque que tinha nas mãos, e não no pobre rapaz que estava ao lado de Iza e que, provavelmente, não sabia o risco que estava correndo com um adepto do boxe olhando daquela forma para insana para ele. Eu sabia que havia alguma coisa ali, e depois da declaração nada sutil de Iza, ela tinha pedido licença e arrastado Erik de perto de nós. Diego observou tudo calado, mas não me pareceu exatamente de todo surpreso. Veja bem, um cara que vivia mal-humorado era algo normal quando ficava com raiva, mas um cara sorridente e brincalhão, quando ficava com raiva, era realmente de lascar. Eu até dei uma maneirada com Ricardo, em consideração à situação.

A noite de Marcos também pareceu ficar

PERIGOSAS ACHERON

mais empolgante de se ver, quando Ângela, uma modelo mineira com quem ele às vezes "se distraía", palavras dele, não minhas, chegou ao jantar e ficou na sua cola durante boa parte da noite. E se eu não me enganava, Alice rapidamente encontrou homens interessados cada vez mais no que ela estava servindo nas bandejas à medida que a noite se estendia. Já Diego, que até então estava observando tudo com aquela sua expressão indiferente e controlada, recebeu um telefonema um pouco depois e praticamente voou da festa.

— O que você disse? — eu perguntei a Ricardo, quando o ouvi resmungar algo ao meu lado pela milésima vez. Afinal, eu não era tão caridoso assim.

— Vai te foder, Teo. — ele disse, em voz baixa, em consideração a Malu que até então estava sentada em uma mesa próxima de nós. Eu sorri, virei-me, procurando-a por perto, mas ela não estava em parte alguma. Levemente intrigado, comecei a procurá-la com os olhos entre o número cada vez maior de pessoas próximas à piscina e à mesa do jantar.

— Ricardo, você viu a Malu?

Ele não respondeu de imediato, procurou

com os olhos também, então, bebeu mais um gole da sua bebida.

— Vá procurar sua mulher, Teo. — Eu não precisava mesmo do conselho, porque já estava caminhando entre as pessoas, atento, então encontrei Abigail e um grupo pequeno de mulheres, rindo e conversando animadamente.

— Abigail, você viu a Malu? — perguntei a ela quando me aproximei do grupo.

— Seu filho, Abi? Você nunca nos apresentou a este. — uma mulher de meia idade, morena e bonita, perguntou, lançando-me um olhar de cima a baixo que não deixava qualquer dúvida quanto ao seu interesse. Eu fingi que não percebi, mesmo que sua pergunta não fosse de todo estranha, no entanto. Fisicamente, eu me parecia mais com Abigail, loira e de olhos verdes, do que seus filhos biológicos morenos de olhos azuis. Minha mãe, Andréa, era sua irmã mais velha.

— Sim, e esqueça minha querida, este já é comprometido. E Teo, ela passou aqui sim, deve ter ido ao banheiro. — Abigail me soprou um beijo, eu fiz um aceno educado para todas e caminhei na direção lateral da casa, mais rápido.

Não precisei ir muito longe. Malu vinha

caminhando exatamente na minha direção, mas ainda não havia me visto. Seu caminhar era acentuado por causa dos saltos, e aquela fenda realmente não era tão comportada assim quanto ela disse que seria, afinal. Mas o que me fez ferver e travar minha mandíbula não foi nada disso, foi o cara que vinha acompanhando-a, Alfredo Telles, um advogado conhecido meu, e por coincidência, marido de uma das mulheres que estavam conversando com tia Abigail naquele exato instante.

Malu estava dizendo algo a ele, e eu percebi imediatamente que ela parecia estar pouco à vontade, ao contrário de Alfredo que sorria, sedutor, e em vez de olhar para cima, parecia que tinha perdido algo abaixo da linha da cintura de Malu. Eu conhecia bem Alfredo, éramos quase da mesma idade, e mesmo com seu casamento, eu topava muito com ele por aí, sempre acompanhado de belas mulheres que não a sua, claro. Mas não a minha mulher, meu camarada.

— ... — realmente, não, obrigada. Como eu te disse, estou acompanhada. — Malu disse, com um sorriso educado para ele, e quando virou-se, encontrou-me parado no caminho deles, os braços

cruzados sobre o peito e as pernas afastadas.

— Ela está comigo. — eu disse, alto, em tom cortante, os olhos cravados em Alfredo. Ele parou, e olhou-me surpreso, o sorriso sumindo um pouco do rosto.

— Olá, Teodoro, quanto tempo.

— Alfredo. — eu rosnei, sem mover-me um milímetro sequer. Dei um olhar de soslaio para Malu, e ela olhava para mim com expressão que dizia "não, Teo". *Não, o caralho.*

— Então esta bela moça é sua acompanhante, eu lamento, meu caro, encontrei-a vindo sozinha e me dispus a...

— Não, ela não é minha acompanhante. — eu interrompi a balela educada e condescendente dele. — Ela é a minha namorada. Pode deixar que eu acompanho-a daqui, agradeço a sua gentileza, Telles, mas ela não é mais necessária.

Alfredo pôs a mão sobre o queixo barbeado e balançou a cabeça, parecendo impressionado com o que eu havia dito. Provavelmente estava lembrando de uma ou duas conversas nossas sobre mulheres em mesas de bar ou em alguma festa por aí. Passado, cara, pensei.

— Claro, não há de quê, então. Boa noite

para vocês.

Não me dei ao trabalho de responder. Ele fez um aceno elegante, virou-se, acenou para uma Malu um pouco desconcertada e saiu caminhando. Continuei lá parado trincando os dentes, enquanto ela se aproximava e segurava as laterais do meu pescoço.

— O que Alfredo realmente estava oferecendo? — eu finalmente disse, depois de respirar fundo.

Malu franziu os lábios, e olhou para a minha gravata.

— Teo, ele apenas...

— Não minta para mim, Malu. — eu murmurei, colocando as mãos em sua cintura. — Conheço bem aquele cara.

— De verdade Teo, ele só ofereceu companhia, perguntou meu nome, eu estava dizendo a ele que não precisava.

— Por que não disse a ele que estava comigo?

— Eu ia dizer, mas não deu tempo, você chegou antes. — ela franziu o cenho. — Teo, ele não chegou realmente a me dizer nada, sei lá, desrespeitoso. Se ele tivesse....

— Se ele tivesse, pode apostar que ele não estaria caminhando calmamente agora, como ele está fazendo ali. — eu afirmei, a voz baixa e calma. Ela sorriu, mas balançou a cabeça, recriminando-me.

— Então, eu não direi nada a você.

Eu peguei seu pulso, já que ela estava com a mão em meu peito agora, brincando com minha gravata, e a olhei de modo duro.

— Nunca faça isso, por favor.

— Certo, Teo, então qualquer besteira que acontecer eu vou lá e te digo, para que você reaja exatamente dessa forma. Eu não faço essas coisas, ok?

— Não importa, eu sempre quero saber, e não se preocupe, eu sei domar minhas reações, por mais difícil que seja acreditar nisso. Dê-me o benefício da dúvida, Malu. Então, eu vou te perguntar de novo: — eu sibilei, muito sério, e ficando muito puto também. — O que exatamente o Alfredo te disse?

Ela suspirou, e voltou a botar a mão no meu peito.

— Estou te dizendo, apenas isso. Não acredita em mim?

Eu semicerrei os olhos para ela, por uns segundos, então soltei minha respiração vagarosamente.

— Sim, eu acredito. Você sabe que sim.

— Ótimo, então vamos voltar para onde estávamos.

— Você foi ao banheiro?

— Sim, você estava conversando com o Ricardo e eu apenas fui. Perguntei a Abigail e ela me disse como chegar aqui.

Eu assenti. O que eu queria dizer era " não se afaste de mim sozinha", mas eu sabia que aquilo era ridículo, primitivo e arcaico. Claro que uma mulher poderia ir ao banheiro sozinha, mesmo que no caminho ela encontrasse caras casados escrotos que estivessem caçando uma foda eventual. Merda. Pensei como externar isso e suspirei.

— Prometa-me uma coisa, então: se for um lugar que você não conhece, e você estiver comigo, não saia simplesmente sozinha, certo? Ou então pelo menos me diga aonde está indo. Não é o caso daqui, mas um lugar estranho. Pode ser?

Ela respirou fundo, olhando-me seriamente, então, concordou com a cabeça.

— Tudo bem, nessas condições, eu aviso

você.

Puxei-a para mais perto e enterrei meu rosto em seus cabelos. Seu cheiro era bom, e fechei os olhos. Malu me enlaçou pelo pescoço, se apertando contra mim.

— Essa fenda não é comportada. — eu resmunguei, e senti a sua risada baixa contra o meu pescoço.

— Teo, esquece essa fenda.

— Como, se você anda, senta, e eu vejo os olhares que acompanham isso, além do meu?

— E eu sou cega? Não vejo os olhares que você está recebendo de algumas mulheres aqui, até daquela lambisgóia que está grudada no Marcos?

— Não vi nada disso.

— Tá bom, você nunca vê. — ela rolou os olhos, e eu a beijei.

— Malu, vamos voltar, ou eu vou ter que relembrar os tempos de adolescente aqui nessa casa... — sussurrei, rindo, sentindo minha ereção começar a pressionar minha calça. — Se você não está contando os dias sem sexo, pode apostar que eu estou.

Ela riu, maldosamente.

— Uma semana não é tanto tempo assim,

Teo. Não seja um exagerado.

— Quando eu finalmente pegar você, você vai ver como posso ser exagerado. — prometi, pegando-a pela mão e a levando para onde estávamos antes. Ao passarmos perto de um grupo, vi Alfredo abraçado à esposa, rindo de algo que ela tinha dito, e lancei a ele um olhar fulminante e desafiador, esperando que ele compreendesse que poderíamos ter uma conversa de homens, depois. Mas ele teve a decência de desviar os olhos, então eu segui em frente, indo para onde Ricardo ainda estava; Malu atrás de mim daquela vez.

O que eu poderia dizer? Meu sentimento de posse e os ciúmes que incendiavam-me em relação a Malu eram inegáveis. Queria-a para mim de uma forma que estava começando a me assustar, porque a parte física eu já sabia, desde o início, foi exatamente isso que levou-me a continuar com ela, mas aquela sensação de que ela era minha de maneiras além daquela, estavam me deixando ligeiramente perturbado.

Depois de uns minutos, lembrei de algo e olhei no relógio que já passava de meia-noite. Julia, Paty e outra amiga haviam marcado de ir ao cinema ao saírem da bendita loja de quadrinhos, e como ela

PERIGOSAS NACIONAIS

já havia marcado com Iza de saírem e comerem algo, eu concordei que ela fosse e mais uma vez voltasse esse horário. Mas eu precisava verificar, claro.

Seu telefone tocou várias vezes antes que ela atendesse.

— Ei, pai!

— Oi, Julia. Como estão as coisas por aí, filhota?

— Tudo bem, estamos conversando e depois vamos embora. A mãe da Paty já disse que está a caminho, ela vai nos levar para casa, eu te avisei, pai.

— Sim avisou, mas eu gosto de confirmar.

— Como está a festa aí? — ela quis saber.

Eu olhei para Ricardo, e sorri.

— Ótima.

— Sei, ótima... — ela ironizou, eu sorri, então fiquei parado e ouvi uma voz ao seu lado.

— Julia, tem algum rapaz aí com vocês?

— O quê, pai?

— Eu ouvi uma voz masculina aí do lado. Tem?

Ela riu.

— Pai, você é uma graça. Tem homens no

PERIGOSAS ACHERON

mundo, sabe? De vez em quando eu até topo com eles em lanchonetes, lojas de quadrinhos, essas coisas....

— Certo, banque a esperta comigo, mocinha.

— Affff, foi só alguém passando.

— Bom, não demore, eu não vou demorar aqui, tá ok?

— Tá ok, já estamos indo.

— Não quer que eu passe aí na volta daqui?

— Cruzar a cidade inteira? Claro que não precisa, já estou chegando.

Nos despedimos e eu desliguei. O bom humor de Ricardo, ao meu lado, parece ter voltado, porque ele me encarava e sorria, divertido.

— O que foi? — eu o questionei.

— Eu não queria estar na sua pele. Uma filha, e agora pelo que estou vendo, uma namorada. É isso mesmo? — ele sussurrou, já que Malu estava perto, entretida agora em uma conversa com Abigail. Eu encolhi os ombros.

— É isso aí, de vez em quando a gente muda o que planejou. Acontece.

— Sei, está mais para um cara fodão que virou um maldito ferrolho. — Ele desdenhou,

sacudindo a cabeça. Eu sorri, olhando Malu conversar agora com Iza, que viera juntar-se a elas. Não se via o Erik em parte alguma. Ricardo pareceu ter perdido momentaneamente o foco da conversa comigo, olhando para Iza atentamente, e eu fingi que não percebi. Quando ele se voltou, eu só ergui uma sobrancelha para ele.

— Você talvez não demore a descobrir como é a sensação.

Ele resolveu ignorar-me sobre aquele assunto, como eu sabia que ele faria.

— Preocupado que Abigail desfie o rosário da sua vida pregressa e Malu corra para as montanhas? — foi o que ele disse, em vez disso.

— Não, cara. Mais fácil ela discutir com Malu as cores para as flores do nosso casamento. Conheço Abigail. E outra, eu não tenho nada a esconder.

— Como eu disse, virou um ferrolho, só entra e sai de um único... *local*.

— Eu já tenho certa experiência nisso, seu idiota, esqueceu?

— Deus me livre. — ele murmurou, estremecendo de leve, e nós dois sorrimos.

Um pouco mais de meia hora depois, eu e

Malu nos despedimos de todos. Abigail me fez prometer levá-la para almoçar um domingo, Iza marcou uma saída com ela e até a Alice, que estava por ali, foi apresentada a Malu por Iza e prometeram marcar uma saída.

Eu estava achando a festa ótima, foi muito bom encontrar todo mundo, mas eu estava simplesmente ficando louco para ficar a sós com Malu. Uma semana inteira, cara, isso não era nada legal, era um tormento. E aquele vestido, principalmente quando ela sentou e achou de cruzar as pernas, ao falar com Iza e Abigail, não ajudou em nada na minha situação. Espiei de lado, mas Ricardo parecia perdido no decote de Iza e não em Malu, e eu relaxei. Por hora, porque aquilo ia dar uma merda sem tamanho depois, isso sim.

Eu havia roubado beijos, óbvio, e passei a maior parte da noite abraçado ou agarrado a Malu de alguma forma, claro que eu não iria dar a oportunidade de ela circular sozinha com aquele vestido em uma festa daquela comigo por ali, ainda mais depois daquele babaca do Alfredo. Nem fodendo.

Quando chegamos ao carro, eu a encostei na porta e coleí meu corpo ao seu, afastando seu

cabelo e beijando-a na lateral do pescoço, lentamente. Malu abraçou-me de volta e ofereceu a boca para o meu beijo. Beije-a como um faminto, explorando seus lábios, puxando-os de leve e sugando sua língua. Quando ela gemeu meu nome, eu passei a mão na lateral da sua coxa exposta pelo vestido, subindo...

— Vamos. — eu interrompi o beijo e a levei pela mão para o carro. Malu sorriu um pouco, e entrou. Aquilo não era suficiente, eu queria muito mais, e dirigia para casa como um homem perseguido, afrouxando o nó da minha gravata. Malu me olhou de lado, cruzando as pernas.

— Teo, vá devagar. Está com pressa para o quê?

— Vou te mostrar o porquê daqui a pouco.

— Ok, mas precisamos chegar vivos para isso, não é? Eu acho essencial. Estamos indo para sua casa? — ela perguntou, por fim, quando percebeu o caminho que eu tomava. Eu só a olhei e diminuí a velocidade, que não estava realmente alta. De qualquer jeito, quando chegamos em casa, foi em tempo recorde.

— Teo, eu nem trouxe roupa de casa para ficar aqui... — ela reclamou, baixinho, quando eu

abri a porta do passageiro para ela.

— Não se preocupe, você não vai precisar de roupas mesmo. — avisei, levando-a pela mão para a porta de casa. Percebi a presença silenciosa de Campos vindo da lateral, da sua ronda ao redor da imensa área verde ao redor da casa.

— Julia já está em casa?

— Tem mais de meia hora, Teo. — ele respondeu. Acenei com a cabeça e subi com Malu, seus saltos ecoando no piso das escadas da frente da minha casa. Assim que a porta se fechou atrás de nós, eu virei-me e a beijei novamente, rápido.

— Que tal me pagar hoje aquelas palmadas, hein? — sugeri, com voz rouca, enquanto nós subíamos para o meu quarto.

— Teo, calma... — ela riu e deu um gritinho quando em vez de diminuir o passo, passei os braços por suas costas e pernas e a levantei do chão.

— Assim é mais rápido. — informei. Malu afundou a cabeça no meu pescoço, dando-me beijos lentos que só aumentavam o meu desejo de despi-la e mergulhar nela. Todo. A pus no chão e fechei a porta, olhando para ela parada lá, com um sorriso maldoso, cheio de desejo. Quando aproximei-me

dela, Malu pôs a mão no meu peito, parando o meu movimento.

— Espera aí.

— O quê?

— Calma Teo, quero fazer algo para você.
— ela disse, um brilho travesso no olhar que foi direto para o meu pau já duro. Eu parei então, deixando as suas palavras penetrarem no nevoeiro de tesão em que eu estava.

— O que você vai me dar? — perguntei, esperançoso.

Ela ficou me olhando, então quando entendeu o que eu quis insinuar, rolou os olhos e sorriu.

— Meu Deus, você não existe.

— Vem cá, vem.

— Espera, é sério. Você tem algum aparelho de som aqui? Se não tiver, uso meu celular. — ela falou, com um sorrisinho. Eu entendi, e minha animação subiu a níveis estratosféricos. Ela ia dançar para mim.

— Não sei, eu acho que sim. — minha mente não estava funcionando suficientemente naquele momento para que eu lembrasse o que tinha naquele quarto, além da cama. A cama eu seu

que estava lá. A poltrona também servia.

— Tudo bem, vou usar o meu celular. —
ela riu, deve ter visto a minha cara de confusão e desejo. Olhou ao redor do quarto, encontrou a poltrona preta que ficava do outro lado da cama e apontou para ela.

— Senta lá e fique quietinho, ok?

Eu semicerrei meus olhos para ela, sempre relutante em entregar o controle, mas algo me dizia que ia valer a pena, como sempre com Malu. Dirigi-me devagar até a dita poltrona e sentei. Ainda usava meu terno, apenas minha gravata estava solta, afrouxada no colarinho. Recostei-me, indolente. E esperei. Malu observou-me atentamente, e quando me viu sentado lá, veio caminhando devagar em minha direção, os saltos que ela usava deixando seu andar mais sexy ainda, cadenciado, o movimento dos seus quadris hipnotizando-me.

Mais próxima, mas ainda a uma distância "segura" das minhas mãos, ela tirou o celular de uma bolsinha de mão que estivera o tempo todo no carro. Eu não conseguia desviar os olhos seus, concentrado no menor dos seus movimentos, que eram todos lentos e intencionalmente produzidos

para me deixar fascinado por ela.

— Posso te oferecer uma bebida? — ela murmurou. Eu só concordei com a cabeça, e ela foi caminhando devagar em direção ao pequeno bar de parede que eu tinha ali dentro, e meus olhos voaram para sua bunda, na forma como ela estava espetacular naquele vestido, o seu ligeiro balanço, imaginando que tipo de calcinha ela estava usando... Malu então, girou a cabeça e me olhou por cima do ombro, pegando meu olhar em seu traseiro. Sorriu, e baixou os cílios. Eu estava absolutamente duro.

Quando ela voltou com a bebida, que eu não sabia qual era e também não interessava, ela entregou a mim, e afastou-se novamente. Ficou parada a poucos metros, pegou o celular e em poucos toques uma música saiu do aparelho. Era uma daquelas músicas que eu já tinha ouvido antes, mas não sabia identificar, inclusive nas boates de Ricardo. Possuía um ritmo sensual, dançante, uma batida tão hipnotizante quanto os seus movimentos.

— Que música é essa? — perguntei, antes de levar a minha bebida à boca e tomar um gole. Ela tinha trazido meu uísque certo. Muito bom. Malu talvez não achou que eu fosse perguntar a

música, porque hesitou um pouquinho, mas então respondeu.

— *Drunk In Love*, da Beyoncé.

Eu fiz que sim, mas não fazia ideia, apesar de que Beyoncé eu certamente sabia quem era.

— Posso tocar em você? — questionei.

— Não.

— Mas certamente posso *me* tocar, não é?

Seus olhos foram para o volume evidente na minha calça.

— Por favor, fique à vontade.

— Ok.

— E não faça mais perguntas. — ela sussurrou, perto de mim, com um sorriso malicioso. Eu sorri, fiz um gesto de assentimento e me recostei mais ainda. A música continuava, e Malu, desinibida, começou a mover-se de modo sensual, seu corpo cheio de curvas acompanhando a batida da música. Eu bebi novamente, observando quando ela começou a retirar o nó lateral que prendia o vestido. A música e os movimentos dela enchiam o meu cérebro, fazendo-me respirar mais rápido, meus olhos travados nela.

Quando ela soltou o vestido e o abriu pela frente, eu soltei o ar com força, me ajustando na

poltrona. *Putá que pariu*, se eu imaginasse que ela estava daquele jeito dentro daquele vestido, minha resolução de não deixar ninguém perto dela estaria mais firme ainda. Malu usava uma dessas peças rendadas, branca, que eram amarradas na frente, e faziam a cintura parecer menor, empurrando os seios de modo que eles pareciam maiores ainda. Embaixo, uma calcinha pequena também branca e cintas-ligas nas pernas. *Porra*. Eu lambi os lábios e levei minha mão livre ao meu pau pulsando, meu pulso acelerado, e o diabo da música ainda mais intensa fazendo com que ela se movesse mais rápido e ondulasse o corpo de maneira enlouquecedora.

Quis puxá-la, beijá-la e afundar-me duramente no seu corpo, mas sabia que isso era proibido, então abri minha calça, sem tirar meus olhos dos seus, puxei meu pau duro e pulsando para fora e comecei a acariciar-me devagar, em toda a minha extensão, bombeando com firmeza, sentindo o pré-sêmen umedecer meus dedos, meus olhos sem perder um movimento seu. Vi quando Malu pegou meu movimento e passou a língua nos lábios, então sorriu, virou-se, expondo a bunda na minha direção, e desceu bem devagar, segurando-se

nas pernas abertas, traseiro no ar, voltado para mim em uma posição que era a porra de um sonho.

— *Caralhooo...* — eu rosnei, virando a cabeça de lado e apreciando a calcinha sumir entre os globos redondos e deliciosos da sua bunda. Ela virou o pescoço e me olhou, um sorriso perverso, e balançou a bunda ainda mais. Intensifiquei os movimentos no meu pau que parecia que ia explodir de tão duro na minha mão. Dançando e me alucinando, Malu virou-se novamente e foi abrindo aquela peça, devagarzinho até que os seus seios estavam livres, e vê-la dançando com o balanço deles soltos quase me levou à loucura.

Mas ainda assim não foi páreo para o que o que ela fez depois, repetindo o movimento de antes, de costas, foi tirando a calcinha devagar, deslizando-a por suas pernas afastadas. Ela estava nua e eu podia vislumbrar sua boceta dali. Eu levantei de um ímpeto, pondo o copo na mesinha de cabeceira e indo em sua direção.

— Porra, isso é tortura, Malu.

— Teo, não... eu ainda não terminei.

— Ah, terminou sim. Eu estou há uma semana sem você. — eu rugi, pegando-a e a levando para cama. — Eu adorei o strip-tease, a

dança, mas literalmente vou explodir se não foder você agora, entende?

Olhei-a de modo feroz, apoiei meus cotovelos na cama e a beijei com furor, tomando sua boca de maneira desesperada. Desci por seu pescoço e chupei seus seios, circulando minha língua por ambos os mamilos e os puxando com os lábios e os dentes, enquanto eu e Malu tentávamos tirar a minha camisa. Alguns botões se espalharam, quando ela puxou de uma vez, abrindo-a e passando as mãos por meu peito. Mordi sua mandíbula, de leve, seu pescoço, peguei um dos mamilos novamente entre os dentes, e depois o outro, alternando lambidas e pequenas mordidas, e ela gemeu alto, puxando-me para os seus seios, agarrando meus cabelos.

— Não posso esperar, não dessa vez... quero esvaziar todo o meu esperma em você, Malu. — gemi, usando os meus braços para passar por baixo das suas pernas, abrindo-a em uma posição que a expunha toda debaixo de mim, suas pernas totalmente afastadas, e me coloquei entre elas, meu pau roçando sua boceta úmida, deslizando.

— Sim, faça isso... sim, por favor. — Malu gemia, enlouquecida, movendo-se debaixo de mim,

tão aflita quanto eu.

— Você me quer? Quer meu pau todo enterrado dentro de você, bem fundo?

— Sim. Todo, por favor... agora, *ahhhhhh*...

Eu pus sua perna no meu ombro, levantando sua bunda do colchão, e a penetrei em uma estocada firme, profundamente. Nós dois soltamos gemidos engasgados, e eu sibilei, cerrando meus dentes, perdido no seu calor úmido. Abri meus olhos e a encarei, então, sem que ela esperasse, dei-lhe uma palmada na bunda, a mão aberta, mas não muito forte, ao mesmo tempo em que saía e entrava da sua boceta molhada e quente, em movimentos rápidos e vigorosos. Malu ofegou, a respiração saindo rápida, os olhos fechados, a cabeça jogada para trás.

Dei outra palmada e ela pulou de leve, apertando meu pau daquele jeito que me deixava ensandecido.

— Não precisam ser todas agora. — eu disse, afagando a carne macia onde eu tinha batido. Minhas estocadas aumentaram, eu estava perdendo o controle. Pus sua outra perna por cima do meu ombro, e a posição, aliada à expressão de puro desejo no rosto contraído de Malu, estavam me

enlouquecendo.

— Teo, ah, meu Deus.... — ela choramingava, e eu abaixei a cabeça e peguei um mamilo duro nos lábios e chupei, enquanto inseria uma mão entre nossos corpos e a massageava em movimentos circulares, intensos, bem onde nossos corpos se conectavam. Eu também não ia aguentar muito mais, e quando senti que ela estava se desfazendo, os primeiros espasmos tomando conta do seu corpo, seus dedos agarrando e puxando meus cabelos, eu esperei que ela gozasse, me apertando, depois fui junto, sentindo seus tremores no pau, e então gozei, me derramando dentro dela de maneira arrebatadora, intensa, um rugido saindo do meu peito.

Ficamos buscando o ar e nossas respirações entrecortadas, minha testa encostada na dela. Abaixei suas pernas, mas ficamos assim por vários segundos, imóveis e silenciosos, a não ser por nossas respirações ainda ofegantes.

— Não tenho mais ossos... — Malu disse, depois de uns segundos, e eu sorri, mordendo sua orelha.

— Tem certeza?

— Hum. Hum. Nunca mais fico de pé.

— Por enquanto, não tem problema, pode ficar deitada. — eu sorri, e ela me bateu no peito, com carinho. — Deixe-me sair de cima de você... para falar a verdade, também não sinto todos os meus ossos.

Virei-me de lado, saindo de dentro dela e a puxando para cima do meu peito. Malu se agarrou a mim imediatamente, e ficou assim, quieta, até que eu que eu senti sua respiração se normalizar e ela adormecer.



Capítulo 31



*Não vou reprimi-la,
esta paixão aqui dentro
Não posso fugir de mim
mesma, não tem onde me esconder*
I Have Nothing
Whitney Houston

Malu

Teo realmente mostrou-me como podia ser exagerado, e além do mais, ele sempre cumpria as suas promessas, graças a Deus, pensei, com um sorriso satisfeito, saindo da aula na segunda-feira. Eu tinha dormido lá no sábado e tínhamos recuperado bem o tempo perdido. Digamos que a gente só realmente saiu do quarto no fim da tarde. Aquele homem tinha um quê de insaciável, e eu estremecia só de lembrar o quanto gostava disso.

Eu precisava mesmo voltar para casa, pois tinha passado o dia vestida em uma camisa sua, azul, e sem calcinha... o que contribuiu muito para que a gente não saísse do quarto, eu admito. Era ciclo vicioso. Havia escolhido essa entre as roupas dele porque parecia-se muito com aquela que ele vestia na primeira vez em que ficamos juntos, na boate, podia até ser a mesma. À noite ele veio me deixar em casa, ainda vestida na tal camisa e em uma bermuda branca e comprida que ele usava para treinar boxe, pois segundo ele podíamos encontrar com alguém na escada e eu estava só de blusa. Enfim, chatice.

— Nossa, sorriso de quem viu passarinho

verde. — a voz divertida de Stella, que tinha uma aula que coincidia com a minha naquela manhã, alcançou-me assim que cheguei à porta.

— Não exatamente verde, mas sim, eu vi.

— Bem, pelo tamanho do Teo, eu imagino que ali não tenha nada de exatamente "inho", né não, amiga? — ela cochichou, maliciosa, e eu ri.

— Se você está pensando que eu vou falar sobre o tamanho do pau do Teo, pode esquecer. — eu sussurrei de volta. — Vamos dizer que eu estou satisfeita. Tipo muito. Tipo enormemente... *Oh céus.*

Stella me deu uma cotovelada de leve.

— Danada... não precisa, essa sua cara aí *tá* dizendo tudo.

Nós rimos juntas, entrando na lanchonete.

— Meninas felizes... qual o motivo? — Roberto perguntou, assim que nos viu. Nós olhamos uma para a outra e caímos na gargalhada, indo em direção a uma das mesas desocupadas, e claro que ele veio nos fazer companhia, mesmo que não o tenhamos convidado.

— Então, qual o motivo das risadinhas, Malu? — ele perguntou, colocando os cotovelos sobre a mesa e me encarando.

— O que você acha, Roberto? — Stella respondeu antes que eu falasse qualquer coisa, com cara e voz entediada. Ela nunca gostou muito dele, e se eu a tivesse ouvido, nunca nem teria sequer ficado com ele. Roberto recostou-se na cadeira, lançando um olhar na direção dela, e depois me encarando de volta.

— Não sei, talvez tenha a ver com aquele cara branco que estava aqui no outro dia? Aquele que estava me fuzilando com os olhos?

— Tem, sim. — eu disse, apenas, levantando uma sobrancelha para ele.

— Quem diria, não pensei que você gostasse de homens brancos. — ele disse, com desdém fazendo um gesto para ser atendido. Pronto, agora eu vi, pensei.

— Eu gosto de homens, Roberto. Ponto. — disse a ele, e Stella deu uma risadinha e murmurou "e de pau" sem que ele ouvisse. Ela também estava muito felizinha para o meu gosto.

— Muito bem. É sério? Pela cara dele, parece que é. — ele insistiu, e eu vi mais uma oportunidade de deixar Roberto finalmente no lugar dele.

— Sim, é sério, sim.

Ele fez um gesto com a cabeça e não disse mais nada. Logo, eu e Stella começamos a conversar sobre o restante das nossas aulas e sobre o planejamento da nossa semana, quando nossos sucos detox chegaram. Roberto, depois de conversar uma coisa ou outra conosco, finalmente se despediu e foi embora.

— Pronto, agora será que ele se toca que você não quer nada com ele? — Stella disse, quando ficamos sozinhas.

— Acho que sim. Antes disso, eu já tinha deixado claro, ele só fingia que não tinha entendido... Mas, agora que tem outro macho na parada, capaz que ele entenda. Impressionante. — bufei.

— Verdade. Quer dizer que é sério, não é? Eu não disse que tinha mais do que vocês dois estavam vendo aí? Eu sou foda mesmo.

— Como se você não dissesse sempre isso, Stella.

— Nem vem, quando você ficou com o Raul, que era gato e tudo, eu não te disse isso. Nem com o enfermeiro que eu não lembro o nome agora. E nem com o Roberto, na verdade eu te avisei que ele tinha cara de caçamba de lixo e você foi mesmo

assim. — ela apontou o dedo para mim, porque ela era dessas, mas eu merecia. Encolhi os ombros e Stella continuou: — Pois então, está rolando um namoro e finais de semana na casa dele... estamos evoluindo aí, Malu.

— É, eu te contei sobre a cobra da sua ex não foi? Nesse dia ele resolveu dizer que nós namorávamos, mesmo que ele não tenha me dito antes. — sorri, bebericando o suco.

— Sim, quando eu imagino isso... que ódio dessa mulher, viu?

— Você acha que eu não queria dizer o diabo para ela? Mas do jeito que foi, foi melhor. Precisava ter visto a cara dela, amiga.

— Será que ela resolveu se afastar de vez?

— Não sei, mas tenho a impressão que não. Ela entrou como se a casa ainda fosse dela, isso me incomodou.

— Sim, você disse que ela tinha cara de quem se achava dona do lugar. Fica de olho aberto com isso, amiga, pode ser a mãe da garota, mas não tem essa de mandar na casa dele, não.

— Vou ficar sim. E não vou deixá-la me destratar de jeito nenhum.

— Isso aí. Graças a Deus que ex de Carlos

PERIGOSAS NACIONAIS

nem no Brasil mora, e o meu ex embuste nem sei mais por onde anda.

— Mas e aí, e o Carlos? Está na cidade?

— Está sim, ele não viaja a trabalho essa semana, vamos marcar algo legal para fazer. — seus olhos brilharam.

— Já o Teo tem uma viagem a trabalho amanhã, vai para Curitiba resolver sobre a compra de uma outra construtora. — eu disse, rolando meu suco com o canudo.

— Eita, que chata essas viagens, mas fazer o quê, *né*? Ele demora muito?

— Não, deve estar de volta na noite seguinte, no mais tardar, pelo que disse. — suspirei, tentando evitar o tom lamentoso da minha voz. Era só uma viagem rápida de negócios, e nos falaríamos por telefone. Na volta, ele tinha prometido que faríamos um programa maravilhoso no fim de semana, e não apenas ficar no quarto fazendo sexo, se bem que esse tipo de programa também tinha seu apelo, se você pensasse bem.

— Ah, vai ser rápido, então. Que tal aproveitamos esses dois dias de meninas solteiras e irmos fazer algo à noite? Uma noite de meninas? — Stella sugeriu, piscando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você tem em mente?

— Sei lá, ouvir uma música? Beber uma cervejinha, só para relaxar. O Carlos está na cidade, mas está tão atolado com um julgamento aí, quero deixá-lo trabalhar um pouco, também. — ela riu.

— Pode ser na quarta, então. Só estarei amanhã na clínica pela manhã e não tenho aula aqui.

— Ótimo.

— Então Malu, nem te contei, mas dei uma vacilada monstruosa esses dias. — ela olhou em volta, e murmurou depois, quando viu que podia falar tranquilamente. Eu arregalei os olhos.

— Vacilada? Como assim?

— Amiga, transei sem camisinha com o Carlos, você sabe como é, num lance fixo nem sempre a gente está lembrando da camisinha, né? — ela confidenciou, com uma careta. Eu assenti, com uma cara que ela imediatamente pegou o significado. — Você também??

— Pode apostar. Só no começo que não, mas nessas últimas vezes, sempre sem camisinha. — eu sussurrei — Mas eu estou tomando pílulas, estou atenta.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, eu também estou, mas tem que ficar mesmo, porque de vez em quando esses métodos "puft" e quando vemos, já era. Eu acabei tomando uma pílula do dia seguinte, porque você sabe como eu esqueço de vez em quando de tomar no horário certo e tal, isso quando eu lembro de tomar.

Senti uma picada de alarme soar no meu cérebro, e dei um gole no restante do meu suco.

— Mas eu estou tomando direitinho... — eu disse para ela e para aquela vozinha de alarme no meu cérebro. Eu transei apenas com o Adriano sem camisinha, desde que tive a primeira vez com ele, e usava a mesma pílula anticoncepcional até hoje. Depois que terminamos, fui fazer todos os exames, afinal eu não sabia com quem ele andava e pensava que ele era fiel, e então nunca mais fiz sexo desprotegida.

Stella assentiu, mexendo na bolsa, porque já estava quase na hora de voltamos para próxima aula.

— Então tá tudo bem, se não tiver nada para cortar o efeito, amiga, *tá* tudo bem. — ela disse, e dessa vez eu senti uma sensação fria no meu peito. Espera aí...

— Cortar o efeito? — repeti, em uma voz

baixa. Stella levantou a cabeça onde procurava algo e me olhou.

— Sim, você sabe. Tem uns remédios aí que cortam o efei... — Stella estava dizendo, mas eu mal ouvi, meu cérebro a mil. — Malu, o que foi, amiga?

— Tipo antibióticos? Será que... *ah meu Jesus*. Não. — levei a mão à boca, olhando para ela com cara de pânico. Stella arregalou os olhos também, vendo onde o meu raciocínio estava chegando.

— Calma Malu, também não é assim, quer dizer... *Tá* falando da sua infecção de garganta?

— Amiga, eu já ouvi falar sobre isso, será mesmo? Eu passei 8 dias, *8 dias*, tomando antibióticos e transei feito uma louca sem camisinha no sábado... Stella, não estou sentindo as minhas pernas — eu gemi, alarmada de verdade agora.

— Como eu disse, calma. Vamos pensar, não é assim também, você não esqueceu de tomar nem nada, não é? — ela tentou me acalmar, mas sua expressão era apreensiva.

— Não, quer dizer... eu passo um pouquinho da hora, às vezes, mas nada sério. E o de

sábado como eu estava lá sem os remédios eu só tomei ontem, mas... que merda.

— Fica tranquila, vamos nos informar disso direito. Melhor. Não há de ser nada.

— Sim, não quero uma gravidez assim de um relacionamento tão recente e que eu nem sei no que vai dar. E tenho certeza que ele também não quer. — sussurrei, respirando fundo.

Eu tinha muita vontade de ser mãe, muita, desde sempre. Mas também queria outras coisas da vida. Quando planejava meu casamento com Adriano, isso era uma das coisas sobre a qual falávamos, a gente discutia até nomes para os nossos filhos. Por isso eu fiquei tão devastada quando soube que a mulher com a qual ele me traiu tinha engravidado de. Isso, talvez, foi a cravada de faca final no meu coração. Por isso eu não podia perdoar nunca tudo que ele tinha feito, ou seja, se com um cara que você conhecia a vida toda era uma coisa a se pensar, imagina com um que até outro dia nem mesmo queria um relacionamento? Gravidez não planejada a uma altura daquelas do campeonato? Misericórdia, meu Deus.

— Claro, eu entendo perfeitamente, mas não deixar de tomar em um único dia assim

também não quer dizer nada. Vai ficar tudo bem. — Stella sorriu corajosamente e eu massageei minhas têmporas. Não dava para passar com o carro na frente dos bois, de jeito nenhum. Eu ia conversar com o Teo sobre aquilo, mas antes de mais nada, eu ia conversar com o meu ginecologista, pensei.

— Vou marcar uma consulta e tirar minhas dúvidas, deve estar tudo certo. — eu sorri, mas engoli em seco. Ela assentiu, apertando minha mão, e nos levantamos. Eu já estava pegando meu celular e buscando o número do consultório do Dr. Paulo.



Marquei minha consulta para a próxima sexta à tarde, não tinha como ser antes, e até lá, eu ia evitar simplesmente pirar. E não ia para internet procurar nada, se não eu iria realmente surtar. Fomos para casa juntas, ao final da nossa aula, e eu estava saindo do banho quando o meu celular tocou em cima da cama. Era o Teo. Minha mente, não tive como evitar, foi logo na questão do sexo sem camisinha e anticoncepcional sem efeito, ou seja, uma bomba.

— Ei...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi Malu, tudo bem?

Eu deitei na cama, uma toalha em volta do meu corpo.

— Tudo bem, e com você? E os preparativos para a viagem?

Ele demorou uns segundos para responder, mexendo em uns papéis, pelo barulho que eu ouvi pelo telefone.

— Tudo certo. — disse, apenas, depois de uns segundos.

— Você pega o voo às 6 horas, não é?

— Isso, temos. Tenho reunião lá logo pela tarde e outras duas na manhã seguinte, então é melhor chegar cedo. Você já está em casa?

— Acabei de chegar, estava saindo do banho.

— E como foi o seu dia? Realmente recuperada?

Mais uma vez aquilo vinha na minha cabeça. Limpei a garganta, mas o friozinho na minha barriga estava lá.

— Sim, estou bem. Teo...

— Sim?

— Eu queria conversar algo com você.

Ele ficou em silêncio por uns segundos na

PERIGOSAS ACHERON

linha.

— Conversar sobre o quê?

— Bom, não é nada demais, é só... olha, faz assim, quando você voltar a gente conversa, não é melhor? Você vai sair cedo amanhã, já é noite.

— Malu, você acha que você vai me dizer isso assim e depois vai me pedir para esquecer e só saber na volta? Sério?

— Droga, nem devia ter tocado no assunto. Mas realmente é apenas sobre meus anticoncepcionais, ou seja, dá para esperar você chegar, não se preocupe. — eu assegurei, com voz animada, para esconder que eu tinha feito merda e não devia ter falado isso ao telefone.

Teo estava em silêncio, e eu aguardei, receosa.

— Tá ok. — ele disse, apenas. Eu soltei a respiração que estava prendendo.

— Você já está em casa? — mudei de assunto, habilmente, eu esperava.

— Não, ainda aqui no trabalho. Preciso deixar umas coisas prontas aqui e levar uns papéis para casa, mas não vou demorar. E você, o que vai fazer?

— Comer algo, estudar um pouco, dormir,

PERIGOSAS NACIONAIS

nessa ordem.

— Me parece uma boa programação.

— Podia ser melhor.

— Podia?

— Sim... — sussurrei para ele, sorrindo.

— É, sempre pode melhorar. — ele murmurou, de volta, um sorriso na voz. Mais barulho de papéis.

— Teo, vou deixar você trabalhar.

— Você não está atrapalhando, Malu.

— Você ainda está aí, então deve estar ocupado. — eu disse, então lembrei de algo, um ligeiro incômodo me pinicando. — Você está sozinho?

— Na minha sala? Claro.

— Hum, tá bom.

— Por quê?

— Nada, só queria saber.

— Malu... certo. E você, vai fazer o que amanhã?

— Eu vou almoçar com a Iza, eu te disse não? Ela vem aqui me buscar. — avisei, animada. Tinha gostado muito dela, da sua altivez, da sua segurança caminhando por ali, da sua franqueza. Tínhamos vida diferentes, estávamos em espaços

PERIGOSAS ACHERON

distintos da sociedade, mas de alguma forma também tínhamos coisas em comum. Eu gostei muito de conversar com ela, então, ia ser um bom programa.

— Sim, você disse. A Iza é uma garota adorável, você vai se dar bem com ela.

— Sim, eu acho que sim, mesmo. Teo, deixa eu te perguntar uma coisa: a Iza, ela não é filha do pai dos rapazes não, certo?

Teo deu uma risada baixa.

— Isso já foi especulado, acredite, mas não. A Iza é filha de uma das empregadas de tia Abigail, uma mulher maravilhosa que foi uma verdadeira amiga, eu ainda lembro bem dela. Quando ela morreu, a Iza era muito pequena e eles providenciaram a sua adoção. Como você viu, é a caçula da família, mimada pelos pais e pelos irmãos.

— Sim, eu vi mesmo. E você sabe que a Abigail me convidou para visitá-la, eu te disse não foi?

— Sim, ela me disse também.

— E o que você acha?

— Como assim?

— Teo, eu não quero que você pense que eu

estou de alguma forma, sei lá, me envolvendo na sua família... não sei.

— Malu. — ele disse, naquele tom repreensível. — Isso não é um problema para mim, pode parar. E outra, você conheceu Abigail, se ela decidiu que quer que você a visite, pode apostar que a minha falta de concordância quanto a isso não faria a menor diferença. — ele resmungou, mas havia amor e carinho evidente em sua voz ao falar da tia. Eu sorri.

— Então está tudo bem.

— Eu te ligo mais tarde.

— Tudo bem. Boa noite, Teo.

— Boa noite.

Quando ele desligou, eu fiquei deitada, ainda, refletindo, é só mais tarde vesti um vestido leve de ficar em casa e fui buscar minhas coisas para estudar.



Eu senti algo leve e macio, mas que causava uma coceirinha agradável, roçar na minha costa, bem próximo ao meu ombro, subindo pelo meu pescoço. Remexi-me nas brumas do sono, e aquela sensaçãozinha passou para a minha mandíbula.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que cheiro bom, sempre me dá água na boca. — ouvi a voz grossa de Teo no meu sonho, e voltei a me mexer, apreciando o som e a sensação.

— Teo... — sussurrei.

— Ninguém mais, apenas eu. — ele disse, próximo ao meu ouvido, e eu rolei na cama, vendo que não era um sonho. Ele estava ali, mesmo, no meu quarto? Virei na cama, e Teo estava agora sentado, um sorriso no rosto, usando uma camisa verde água de algodão que combinava com os seus olhos.

— Dorminhoca. — ele acusou, olhando os livros espalhados ao meu redor na cama. Eu sentei, sorrindo.

— Eu já tinha estudado bastante antes, viu? Mas o sono me pegou. Não sabia que você viria... — eu disse, afastando umas coisas para aproximar-me dele.

— Queria te ver antes de viajar, então só resolvi aparecer. — ele deu de ombros. Inclinei-me e dei-lhe um beijinho nos lábios, feliz que ele fez isso. Teo sorriu, lindamente, e eu dei-lhe outro, pequeno. Depois outro. Teo então puxou-me e cobriu minha boca com a sua, em um beijo de verdade, e eu sorri na sua boca, indo sentar-me em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu colo. Nos fundimos em um beijo demorado, longo, nossas línguas tocando-se e movendo-se em deliciosa sincronia. Eu soltei um gemido e ele puxou um pouco meu lábio inferior com os dentes.

— Gostei de você ter vindo... — eu murmurei, enlaçando seu pescoço. Teo me olhou nos olhos, demoradamente, e eu retribui o olhar, mas fiquei levemente desconcertada.

— Que bom que estou aqui, então. — ele disse, sério. — Malu, eu queria te ver, mas também não ia conseguir viajar sem saber o que você queria dizer ao telefone e acabou não dizendo.

Eu lembrei do que era e mordi meu lábio de leve.

— Teo, eu te disse...

— Não, você não disse. É por isso também que estou aqui.

— Que horas são? — eu quis saber.

— Umas 11 horas. Eu liguei, você não atendeu, então tudo contribuiu para que eu estivesse aqui. A Stella me deixou subir, aliás. Você vai me contar agora o que era?

Eu levantei do seu colo e fui sentar-me na minha poltrona no outro canto. Teo franziu o cenho, mas não disse nada.

PERIGOSAS ACHERON

— Malu, do que se trata? Vamos lá.
Respirei fundo.

— Teo, é o seguinte: isso de fazermos sexo sem camisinha... — eu comecei, e estudei a sua reação. Sua mandíbula contraiu de leve.

— O que tem *isso*?

— Não é cem por cento seguro, você sabe.

— Nenhum método é, pelo que eu sei. Só a abstinência, e nenhum de nós dois está indo para isso, então, qual o problema?

— Então, eu tomo pílulas, eu te disse. Desde a minha primeira vez...

— Não é sobre *isso* que você quer falar, não é? — ele cortou, zangado, e eu revirei os olhos com enfado.

— Teo, hoje eu estava conversando com a Stella e tocamos em um ponto que me preocupou um pouco. Nós estamos transando sem camisinha, mas existem alguns remédios que podem cortar o efeito dos anticoncepcionais, entende? — eu disse, olhando atentamente para ele. Muito atentamente, em busca da sua reação. Ele não moveu um músculo, só ficou me encarando. — Isto é, precisamos ficar atentos a isso.

— Antibióticos. — ele murmurou, por fim,

as sobrancelhas franzidas. — Mas isso não é um tipo de lenda, ou algo assim?

— Não sei, nunca tive que perguntar, mas todo mundo diz. Eu só fiquei preocupada, passei os últimos dias sendo enchida de esperma e tomando antibióticos, então, você deve entender a minha preocupação. — eu disse, tentando dar um tom leve à conversa. Eu estava nervosa, era assim que eu reagia, que merda.

— Você está preocupada exatamente com o quê?

Eu olhei para ele, estupefata.

— Como assim com o quê? Você ouviu alguma palavra do que eu disse?

— Sim, ouvi. Você nem sabe se isso é motivo para preocupação, e está aí toda perturbada exatamente por quê?

Eu o fitei, sem entender. Respirei fundo e tentei de novo.

— Espera aí, algo não está fazendo sentido nessa conversa, Teo. Vamos reorganizar: você me ouviu dizer que os antibióticos que eu venho tomando nos últimos dias podem cortar o efeito do meu anticoncepcional? — eu destaquei cada palavra, falando lentamente. E ele ficou puto. Isso

mesmo. Fez uma carranca para mim, levantando.

— Eu entendi da primeira vez, Malu. E estou te perguntando o porquê de você está toda perturbada se nem sabe se isso é um problema! Porra!

Eu só olhava para ele, boquiaberta. Então, murmurei:

— Você tem certeza que está no seu estado normal?

Ele passou as mãos pelos cabelos, exasperado.

— Sim, eu estou. Eu acho. — ele então fechou os olhos e apertou o nariz. — Olha só, eu entendi, ok? Claro que você está falando sobre a possibilidade de uma gravidez, eu não sou estúpido.

— Teo, de jeito nenhum eu disse que você era.

— Existe essa possibilidade? Vamos ver.

Eu mordi meu lábio, concordando com a cabeça.

— Pois é, eu só queria externar ...

— Eu sei, sua *preocupação*. — ele cortou, aborrecido, me olhando meio friamente. Eu fiquei lá olhando para ele, como se ele tivesse de repente três cabeças.

— Sim Teo, minha preocupação... você não acha que uma gravidez não planejada agora é um motivo de preocupação para mim? — eu disse, baixinho, observando a sua reação, meu coração retumbando no peito com aquela conversa. — E para você também?

Teo soltou um suspiro pesado, então me olhou.

— Sim, claro que sim.

— Então por que você está irritado comigo?

— Não estou irritado com você. — ele retrucou, voltando a sentar-se na beirada da minha cama.

— Não? Desculpa, mas está parecendo.

— Não, estou ok?

Ficamos em um silêncio tenso.

— Isso vai de encontro aos seus planos, eu sei. Não estou dizendo para alterá-los nem nada. — ele disse, depois de uns segundos que para mim pareceram horas. Não respondi.

— Vamos consultar um médico, certo? Eu posso marcar uma consulta com a ginecologia da Julia e falamos com ela sobre isso. É melhor assim.

— Já marquei com o meu médico. Ele vai me receber na sexta à tarde. — eu informei,

cruzando meus braços.

— Ele?

— Sim, o Dr. Paulo. — Teo não disse nada por um momento, depois assentiu, respirando fundo. — Então, eu vou, tiro todas as minhas dúvidas e...

— Nós vamos. Pode ser?

— Você quer ir comigo?

— Isso me interessa também. Acho que seria bom se essas coisas fossem discutidas na minha presença, você não acha?

Eu assenti, incerta.

— Sim, quer dizer... eu não sei. Nunca fui com nenhum parceiro ao ginecologista, mas acredito que neste caso, não tenha problema algum. Posso ligar e perguntar.

— Faça isso.

— Você já foi antes? Com a Julia ou com a sua ex mulher?

— Não.

— *Hum...* — olhei para ele desconfiada — Teo, isso não é por que eu disse que eu tenho um ginecologista, um *homem*, não é?

— Claro que não, Malu, nem eu sou tão imbecil assim. — ele revidou, entredentes, irritado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bom, ele estava irritado demais para o meu gosto, isso sim.

— *Tá* ok, desculpe. Então, eu marco, nós vamos e podemos tirar nossas dúvidas sobre isso. Teo, e se ele disser que isso é um problema? Que nós corremos um grande risco assim? — eu questionei, baixinho. Eu estava confusa com a sua reação, e com a minha, também. — Vamos ter que voltar para os preservativos.

— Vamos ter que ouvi-lo primeiro, não é? E então nos preocupamos.

Era ironia na voz dele?

— Você não pode me culpar por me preocupar agora. É a minha vida, meus planos, é um medo real e...

— Medo? — ele disse, cortante, com a voz fria.

Eu engoli em seco.

— Sim, Teo, pelo amor de Deus, nós estamos juntos há o quê? Um mês? Até outro dia éramos apenas parceiros de cama e agora você está me recriminando por estar preocupada com uma possível gravidez?

— Não estou te recriminando.

— Não mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

Ele balançou a cabeça e então veio até a mim e estendeu a mão. Eu levantei e Teo abraçou-me apertado enquanto eu encostava a cabeça em seu peito e aspirava seu cheiro gostoso, minhas mãos em seus ombros, deliciando-me com o calor do seu corpo. Eu queria aquilo.

— Desculpa Malu, você tem razão. Eu só estou com a cabeça cheia por conta do fechamento desse negócio de amanhã, é isso.

— Eu entendo.

— Eu preciso ir, tenho que acordar muito cedo, você sabe. Mas eu te aviso quando chegar. — ele avisou, levantando meu queixo com o seu dedo para que eu o encarasse.

— Tudo bem, vai dar tudo certo lá, você vai ver.

Ele só sorriu, mas pareceu meio desconfortável. Talvez aquele negócio fosse mais tenso do que eu imaginava. Fiquei na ponta dos pés e o beijei nos lábios, de leve. E mais uma vez ele aprofundou o beijo, com ânsia, pegando-me pela bunda e me dando impulso para subir nele, cruzar as pernas ao redor da sua cintura. Nossas bocas coladas, devorando-se mutuamente.

— Você também vai trabalhar amanhã e

está tarde. Eu já vou. — disse, soltando-me finalmente quando o beijo acabou. Eu concordei, um sentimento meio estranho de que ele estava um pouco perturbado, se pela conversa da gravidez, minha reação, ou era só algo mesmo relacionado à viagem.

— Tudo bem. Boa viagem, Teo.

Ele acenou, deu-me o outro beijo demorado e se foi.



Depois da conversa com Teo na noite anterior, eu não poderia dizer que estava mais tranquila, na verdade, um conjunto de emoções conflitantes estavam tomando conta de mim, sendo que a principal delas nem era tanto a sua reação, que já era estranha o suficiente, mas a minha. Eu realmente não poderia imaginar-me engravidando de um homem que não me amasse, que não fosse para realmente constituir uma família comigo, podia ser antiquado, mas era isso que eu queria, que eu sempre quis. Eu podia querer minha carreira, ser independente, mas também queria uma família, então, engravidar em uma relação que mal começou a se estabilizar? Não era o melhor

PERIGOSAS ACHERON

caminho. Por outro lado, o meu desejo de um dia ver isso acontecer, estava me fazendo imaginar isso exatamente com Teo. Ele tinha chegado bem e havia enviado mensagem avisando. Eu respondi que já estava com saudades, e ele respondeu de volta que já tinha chegado com saudades de mim. Sorri, enlevada, consciente do perigo que meu coração estava correndo. Bem consciente, na verdade.

Iza apareceu no dia seguinte, pontualmente ao meio dia, e eu já estava arrumada esperando-a. Tinha vestido uma calça jeans, uma blusa amarela sem mangas e sandálias altas. Amarrei meu cabelo em um rabo de cavalo e pus argolas douradas. Ela chegou em um carro daqueles que eu nem sabia o nome, chiquérrimo, branco, e um sorriso imenso no rosto. Usava um vestido vermelho sem mangas, curto, com um corte elegante que se ajustava ao seu corpo curvilíneo e longo. Seus cabelos estavam presos também, em coque baixo, e ela usava óculos escuros. Linda e elegante.

— E então, Malu, tudo bem? — ela perguntou, pondo o carro em movimento.

— Tudo sim, e você? Já ajustada à vida no Rio novamente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, querida, o Rio é daqueles lugares que você pode passar mil anos fora, mas quando volta, parece que nunca saiu daqui. — ela sorriu. — Eu estava com saudades do calor, sério. Às vezes Nova York é tão frio, de todas as formas que você imagina: clima e pessoas, principalmente.

— Você passou um ano, não foi?

— Sim, um ano. Não foi tanto tempo assim, mas parece que foram séculos.

Ela ligou o som do carro e nós fomos entremeando conversas agradáveis sobre assuntos variados e ouvindo o som que tocava suavemente. Pouco tempo depois, nós estacionamos em um desses restaurantes requisitados que ficavam próximo à praia, daqueles que eu só costumava olhar ao passar, pensei, impressionada. Fizemos nossos pedidos e depois começamos a tomar o vinho leve que ela havia sugerido. Eu estava relaxada e animada com a sua companhia.

— Que bom que você aceitou almoçar comigo Malu, eu convidei a Alice também, mas ela dá aula hoje pela manhã e à tarde, e ainda tem o apartamento de Marcos. É uma lida danada a dela, tão jovem, mas tão determinada... da próxima vez ela se junta a nós.

PERIGOSAS ACHERON

— A Alice é uma linda, tão calminha, tão serena... gostei bastante dela.

— Eu também, quase de imediato. Mas ela sabe se impor quando precisa, viu? — Iza sorriu como se estivesse lembrando de algo. — Deus dê paciência para ela aguentar o Marcos naquele apartamento.

Nós rimos, e então ela ficou mais séria.

— Eu fiquei pouco tempo fora, mas ainda assim, não posso dizer que vou reencontrar uma multidão de amigos que deixei aqui. — ela deu de ombros.

— Mas é um prazer, de verdade ter vindo com você. No entanto, não posso acreditar que você não tem um montão de amigos, Iza.

Ela sorriu, balançando a cabeça.

— Pois não se deixe levar pelas aparências, Malu. O meu círculo de verdadeiros amigos é bem restrito, e a maioria está na família mesmo. A começar pela minha mãe. — ela confidenciou, com um olhar amoroso.

— A Abigail é... deslumbrante. Só o que posso dizer, não tem como conhece-la e não ser impactado por ela.

— Não é? Uma diva. — sorrimos, então ela

voltou a ficar séria e pensativa. — A melhor mãe que alguém pode ter, eu tenho uma sorte imensa. O Teo pode dizer isso também. Quando a tia Andréa, mãe dele e irmã da mamãe, já havia falecido quando eu nasci, mas eu soube que mesmo antes disso ele já passava mais tempo lá em casa do que na casa dele. Acho que por isso ele e os meninos são como irmãos, além de primos.

Eu levantei uma sobrancelha para ela.

— E esses meninos... quem são?

Ela riu, entendendo minha piada.

— Eu sei, um monte de marmanjo lindo daquele tamanho, não é? Mas peguei essa mania com mamãe, de chamá-los às vezes de meninos. Eu lembro que na escola, quando as colegas viam os meus irmãos em algum momento, lá em casa, ou em alguma festinha, todas de repente queriam ser minhas amigas.

— Posso imaginar. E isso te fez popular, então? O sucesso deles?

— Não, dificilmente. Pelo menos não pelas razões justas, vamos dizer assim. Era mais uma aproximação motivada pelo interesse neles, pode apostar.

— Posso imaginar bem isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Além do mais, eu nem sempre fui assim, Malu. — ela deu uma piscada, e bebeu seu vinho lentamente, como estivesse me provocando.

Eu a fitei, observando seu sorriso amplo.

— Assim como?

— Assim, de bem comigo mesma, com a forma como eu sou. Confiante. E ter irmãos adotivos com aparência de deuses, pode acreditar, não era fácil para a autoestima, também. — ela riu, demonstrando claramente que aquele tempo ficou para trás.

— Não posso imaginar o motivo, você é tão linda quanto eles, Iza, ou mais, até.

— Obrigada, meu bem, mas eu levei um tempo até ter consciência disso. Eu era uma adolescente tímida, retraída, sempre pelos cantos... quando resolvi sair do Brasil, também comecei um processo de mudança não só de país, entende? Mas de mim mesma.

Eu assenti.

— E você, me conta. O Teo, hein?

Eu não pude deixar de sorrir largamente.

— Pois é...

— Fiquei tão contente em te ver com ele. E namorada, nossa!

PERIGOSAS ACHERON

— Estamos nos dando bem, eu espero que dê certo.

— Vai dar, é o Teo, afinal. Porque deixa eu te dizer uma coisa, se existe uma escala de sem-vergonhice nessa família, ela é assim: Ricardo, em primeiro... ou seria o Marcos? Difícil saber. Tanto faz, deve ser seis e meia dúzia. Aí depois vem Teo e finalmente Diego.

Sorri e fiz uma leve careta, franzindo o cenho, e ela riu.

— Mas o antigo Teo, bem explicado, não o seu de agora. E o Diego, bom... o Diego acho que nem devia estar nessa escala, para ser sincera. Ele é o oposto de todos eles, sério demais, sisudo, nem sei como pode ser irmão do Marcos. Mas Ricardo e Marcos, são pragas do inferno, isso eu posso te garantir.

Nós sorrimos.

— Então tá bom, Iza. O “antigo” Teo, sei, papo de irmã, esse aí, defendendo-o.

— Não, no sério. Vou tirar o Teo, o cara foi casado por longos anos, então... vou dar um desconto para ele. Por falar nisso, você já conheceu a víbora?

Eu quase engasgo com a bebida, e a olhei

surpresa. Não esperava que ela fosse ser tão direta assim para falar sobre a ex-mulher de Teo. Pigarreei.

— Hum, eu conheci sim, a ex do Teo.

— Ex não, víbora mesmo, vamos dar nome aos bois. Então você teve o desprazer de conhecer? Ai meu Deus como eu queria ser uma mosquinha para ver isso: a cara dela vendo o Teo namorar, estar bem com alguém, depois do divórcio, e ainda por cima... — ela mordeu de leve o lábio, com expressão maliciosa. — Linda e negra como você. Acredite, eu sei do que estou falando.

Eu pensei por um momento, então, já que estávamos em processo acelerado de sinceridade e de contar coisas assim, resolvi dizer a Iza como foi o encontro com a víbora, quer dizer, com a Amanda. Quando eu terminei, Iza estava pasma, mas enfurecida.

— Ela *disse* isso?!

— Disse, e ainda alegou que foi apenas um mal-entendido, que não tinha intenção, que foi só um erro.

— Racistinha bandida, isso sim. Erro nada. Eu sempre fiquei incomodada com a forma como ela olhava para mim, como se dirigia... com aquele

olhar de desdém, de condescendência, sabe? — ela confessou, perdida em reminiscências. — Mas a impressão era que não tinha coragem de dizer nada por conta do Teo, dos meus pais, dos meninos. Acho que a minha posição meio que intimidava ela, mas isso não quer dizer que ela não tenha exatamente a mesma opinião sobre mim, mas sempre teve que morder a língua e engolir o próprio veneno.

Eu fiquei aliviada por alguém da família ter exatamente a mesma opinião que eu construí em poucos minutos sobre aquela mulher. Dava-me a certeza de que não foi um episódio isolado e eu não estava sendo maldosa ou intolerante por um “erro”. Era racismo puro e simples, todo bem maquiado e polido como o rosto daquela mulher, para que você não percebesse que ele estava ali, e achasse que ele não existia.

— É, e eu fiquei em uma situação complicada, querendo explodir, mas estando na casa dele, com a Julia lá, eu fiquei receosa de causar um estrago ainda maior, constrangê-los, a Julia não entender e ficar com raiva de mim. Tanta coisa passou na minha cabeça...

— Não, não acredito que ela ficasse. A Julia

cresceu, é uma menina tão consciente, tão racional, acho que hoje ela deve saber bem quem é a mãe. Mas coitada, que azar uma mãe daquelas. Enfim, eu entendo você, é sempre assim, a gente ainda por cima é condicionado a achar que nós é que talvez tenhamos culpa, se reagimos. — Nós duas suspiramos, em entendimento mútuo. Como eu havia dito, muitas coisas nos distanciavam, como o dinheiro, mas questões raciais ainda eram as mesmas para nós, apenas com aspectos diferentes. Iza então bebericou e sorriu, aliviando o clima. — Eu ainda não vi a Ju depois que cheguei, mas vamos fazer umas compras amanhã. E então, quando é o casamento?

Dessa vez eu quase engasgo mesmo, mas ri. Aquela garota era como um redemoinho, e a gente precisava estar atenta ao seu ritmo. Aquela capacidade de passar de um assunto a outro assim num fôlego era impressionante.

— Que casamento??

Ela riu.

— Eu sei que estou sendo apressada, mas nunca se sabe não é? Vocês são um casal tão lindo, quem sabe venha um casamento por aí.

— Estamos namorando a pouco tempo, Iza.

— eu disse, de modo condescendente.

— E o que é que tem? Eu vi como vocês olham um para o outro, e notei como o Teo estava prestes a pular e morder cada cara que teve a audácia de notar que você estava viva e respirando.

— Rimos, dessa vez, porque não parecia muito longe da realidade. — E eu queria tanto ver o Teo feliz, sabe? Muito. Ele é como o meu irmão mais velho, assim como Diego, quando eu nasci, ele já estava quase indo para faculdade, então, para mim, era aquela figura de um irmão e ao mesmo tempo de um pai amoroso e divertido.

Fiquei emocionada com o seu tom ao falar de Teo, e meu coração aqueceu ao pensar nele.

— Eu também quero que ele seja feliz. — murmurei.

— Bom, então. Que sejam ambos.

Levantamos as nossas bebidas juntas e brindamos silenciosamente. Então, eu resolvi ousar um pouquinho também.

— E Iza, se o Teo é tipo seu irmão mais velho, com o Ricardo então deve ser a mesma coisa, não? Teo me disse como ele é ligado à família de vocês, que sempre esteve por perto por causa da amizade com “os meninos”. Se não me

engano, ele é só um pouco mais novo que o próprio Diego, não é?

Ela mudou de expressão, ficando mais séria, e distraiu-se momentaneamente com a bebida. Por um momento eu pensei se não tinha ido longe demais, apesar de estarmos trocando confidências e informações como se fôssemos velhas amigas. Mas pensei se talvez o assunto Ricardo não estaria fora da pauta. Antes que eu me desculpasse pela intromissão excessiva, ela respondeu:

— O Ricardo é um idiota cego e teimoso, Malu. Nunca o vi como um irmão, apesar de ele sempre ter achado isso. Ou finge que acha, eu não sei.

— Hum...

— Olha, nosso almoço chegou. — ela disse, rápido, e eu deixei aquilo de mão, quando ela estivesse a fim, poderia me falar mais sobre isso, ou não. Por enquanto eu ia desfrutar da sua companhia maravilhosa e conversar despreocupadamente. Quando a nossa sobremesa chegou, nós já conversávamos como se nos conhecêssemos há nos, de modo leve e despreocupado. Aquele almoço tinha servido realmente para me relaxar, de verdade, e quem sabe até fazer uma nova amiga.

Nós prometemos voltar a marcar algo para muito em breve, quando ela me deixou novamente na porta do meu prédio, prometendo, dessa vez, arrastar a Alice e quem sabe até Diana para uma tarde de almoço e cinema. Ou uma saída à noite, para uma boate, Iza adorava dançar, ia muito em boates em Nova York, e ficou animada quando descobriu que eu ensinava dança. Eu concordei com o programa, nos despedimos, e ela se foi, em um furacão de vivacidade e simpatia.

Nem percebi como a tarde tinha passado rápido, já eram quase 18 horas quando finalmente tomei um banho e sentei na cama para olhar para o meu celular. Havia uma chamada perdida de Teo, de 15 minutos atrás, e eu lamentei que tinha esquecido de tirar o celular do silencioso desde quando havia chegado. Droga. Recostei-me confortavelmente na poltrona, encolhendo minhas pernas embaixo de mim, enxugando os meus cabelos, e liguei de volta para ele, aguardando enquanto chamava.

Ele finalmente atendeu e eu sorri, aquele conhecido calor no meu peito se espalhando sempre quando havia a perspectiva de ouvir a sua voz.

— Ei, Teo...

Mas a voz que atendeu o celular não era de Teo, definitivamente, notei, atenta.

— Alô. — uma voz de mulher disse, de maneira calma.

Eu franzi a testa, surpresa e intrigada, e olhei para tela do meu celular. Eu tinha ligado errado? Não, claro que não, aquele era o número dele, sim. Então porque diabos uma mulher estava atendendo?

— Alô...o Teo, por favor? — eu pedi, sentindo só um comecinho de um conhecido frio espalhar-se pelo meu estômago. Respira fundo, Malu, pensei. Deve haver uma explicação para isso.

— O Teo foi ao banheiro, querida. Quem gostaria de falar com ele? — a voz feminina respondeu, de modo desdenhoso e impaciente, percebi. O frio agora estava espalhando-se por todo o meu corpo, e eu sentei ereta na poltrona e engoli em seco o grande nó de apreensão e medo que formou-se na minha garganta. Meu coração começou a bater rápido demais, mas eu controlei a voz para perguntar.

— Aqui é a Malu, a namorada do Teo, e você, quem é?

— Eu sou a Suzana, Malu.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 32



*Confie em mim, em tudo que você faz
Tenha a fé que eu tenho em você
O amor vai nos ver, só se você confiar em mim*
Trust In Me
Etta James

Teo

Eu enxuguei as mãos rapidamente e passei-as no meu cabelo e na minha barba, observando o meu reflexo no banheiro do escritório central da Galvão e Filhos. Olhei para o meu relógio de pulso e resmunguei. Que merda, mais de 18 horas e eu ainda estava ali. Aquela reunião não deveria ter se estendido até àquele horário, já era para eu estar no hotel há horas, mas o dono e presidente da construtora, Bernardo Galvão, e o seu filho mais novo, Oton, tiveram um imprevisto familiar e atrasaram-se por horas preciosas.

De início tínhamos marcado a reunião para acontecer em uma área exclusiva do próprio hotel em que estávamos hospedados, mas depois eu resolvi que seria melhor marcar na sede da empresa deles. Eu queria dar o ar mais profissional possível àquela viagem, já que eu realmente não havia conseguido mexer uns pauzinhos para que Max viesse no meu lugar, e desse modo, Suzana teve que me acompanhar. Eram negócios, ela estava envolvida naquilo de alguma forma, e mesmo que eu não estivesse mais à vontade ao seu redor do ponto de vista pessoal, ela ainda era uma colega de PERIGOSAS ACHERON

trabalho e uma funcionária importante da empresa.

Xinguei-me internamente ao lembrar que deveria ter dito à Malu, muito antes, que ela me acompanharia naquela ida à Curitiba. Na verdade, eu até pretendia dizer aquilo ontem antes de sair do seu apartamento, mas a conversa toda sobre a possibilidade de gravidez e tudo, tinha aberto um buraco na minha mente, deixando-me atordado, principalmente porque, quando ela havia dito que tinha uma mínima chance de que aqueles tais anticoncepcionais falhassem e ela poderia acabar grávida, meu cérebro entrou em curto circuito: e não pelas razões que eu esperava. *Cacete.*

Apoiei-me na pia, lembrando da conversa da noite anterior. Eu passei o voo todo com aquela bendita conversa indo e voltando na minha mente, e de modo até um pouco mal-educado, ignorei completamente Suzana ao meu lado e suas tentativas ocasionais de manter um mínimo de conversação possível comigo. Eu não queria conversar, eu queria pensar sobre que merda eu estava sentindo, ponderar minha reação às palavras de Malu.

Eu queria que ela engravidasse, era isso? Meu Deus, claro que não. Era uma insanidade, eu

sabia disso. Mas eu não queria *mesmo*? Porque quando ela disse que estava preocupada, nitidamente amedrontada com a possibilidade, o racional era que eu a acompanhasse naquela preocupação, que ficasse até meio histérico com a mínima chance de uma merda daquela acontecer, mas na verdade vê-la ali rejeitando a ideia de um filho meu tinha causado um impacto completamente diferente do que eu esperava, do que eu deveria ter.

Lembrei-me na mesma hora da conversa de Malu no flat, sobre querer uma família, um filho de um cara que ela amasse, que estivesse apaixonada, que estivesse com ela em um relacionamento estável, duradouro, então, ela, para estar daquele jeito agora, tinha plena certeza que aquilo não estaria acontecendo comigo. Respirei pesadamente e também recordei da expressão no seu rosto quando disse que estava com medo. Puta merda, era claro que ela deveria estar, todos os planos dela estariam alterados se isso acontecesse agora, mas ainda assim me causou uma sensação incômoda, aflitiva, que dominou e suplantou o pânico que eu *deveria* estar sentindo em ter uma mulher engravidando de mim.

Uma gravidez significava um relacionamento mais estável ainda, um laço maior que qualquer papel de casamento poderia ser. E não era daquilo que você estava fugindo cara, questionei-me. Então, eu estava confuso, irritado, e desnortado de tudo que eu achei que estava certo, antes. Sentado em sua cama na noite anterior, por um momento eu a imaginei realmente com o meu filho, ou filha, e eu não quis correr. Soltei um suspiro profundo.

Bom, as negociações tinham acabado por hoje, era irrelevante para mim do ponto de vista pessoal a presença de Suzana aqui, então estava tudo bem. Eu estava doido para voltar para o meu quarto no hotel, descansar um pouco e ficar ao telefone com Malu. E se eu quisesse voltar amanhã mesmo, tinha que ser tudo em tempo intensivo, pois pretendia estar de volta à noite, no máximo, como eu havia prometido a ela.

Finalmente voltei à sala de reuniões. Em volta da enorme mesa oval, Suzana recolhia seu notebook e alguns papéis que tínhamos usado antes. Ela estava empenhada em uma conversa animada, um flerte sutil com Oton Galvão, que também estava se preparando para ir embora.

Suzana olhou-me rapidamente, depois voltou a dar um sorriso interessado na direção do homem mais jovem. Eu ignorei-a e aproximei-me com as mãos no bolso da calça.

Caso eu tivesse alguma dúvida de que Suzana realmente não despertava mais o menor interesse em mim, o que eu não tinha, aliás, ou que eu não me sentia possessivo em relação a ela, a prova estava bem ali: Suzana tinha passado a reunião praticamente inteira jogando sorrisos discretos para Oton, e mesmo tendo notado isso, o fato não causou nenhum tipo de sentimento ou reação em mim.

Por outro lado, imaginei se aquele cara estivesse a dois metros de Malu do jeito que ele estava agora, sorrindo daquela forma, e eu entrasse em uma sala... eu ficaria louco. Bem, aí estava minha resposta. Falando em Malu, eu havia ligado para ela há pouco mais de 15 minutos atrás e ela não havia atendido.

Bernardo Galvão veio ao meu encontro assim que entrei, uma expressão amigável no rosto enrugado.

— Stein, meu rapaz, acho que hoje terminamos por aqui, não?

— Sim, tudo fechado por hoje. Podemos nos encontrar amanhã pela manhã e já adiantar nossa reunião da tarde? Tenho a intenção de voltar amanhã mesmo pro Rio, se isso não for um problema para você. — informei-o.

— Claro, claro, você não estaria aqui até agora se não fosse por nosso contratempo, Stein. Vou rearranjar minha agenda para que no máximo às 15 horas amanhã nós tenhamos terminado com tudo, pode ser?

— Perfeito, eu te agradeceria muito.

— Algum belo motivo para essa pressa toda, meu caro? — ele insinuou, amigável, falando baixo na minha direção.

— Muito belo, senhor. — eu sorri largamente.

— Muito bem, então pode contar comigo. — ele piscou e afastou-se. Eu me despedi e fui em direção à mesa pegar minha pasta e o celular que havia deixado sobre ela antes de ir ao banheiro. Suzana ainda estava falando com Oton.

— ... eu acredito que sim, Oton. Adoraria, na verdade. O que você acha, Teo?

— Sobre? — eu disse, distraído, sem levantar o olhar para ela, minha atenção

concentrada no meu celular. Havia uma ligação recebida de Malu e eu estreitei os meus olhos, sem entender. Ela havia retornado enquanto eu estava no banheiro?

— Oton estava nos convidando para um jantar mais tarde, em um restaurante muito recomendado aqui, o que você acha de se juntar a nós?

— Você seria bem-vindo, Teodoro. É um local muito agradável, melhor do que jantar no hotel.

Eu os ignorei completamente e cheguei mesmo a levantar a mão para interrompê-los, pouco me importando com etiqueta naquele momento.

— Este celular tocou enquanto estive fora? — perguntei, intrigado, e depois olhei entre os dois. Oton fez uma expressão estranha e olhou para Suzana.

— Era o seu celular? — ele perguntou, como se estivesse confuso.

— Sim, este é o meu celular. — confirmei, tenso.

— Você atendeu e eu achei... — sua voz foi sumindo ao olhar para uma Suzana com os olhos ligeiramente arregalados e uma expressão

apreensiva dizia:

— Eu já ia te dizer, Teo, o seu celular tocou então... eu atendi.

Eu olhei para ela, sentindo uma pontada de alarme disparar no meu cérebro.

— Espera aí, só um instante: a Malu ligou e você atendeu ao meu celular? — questionei, com a voz baixa. Suzana estava agora nitidamente tensa, e eu me perguntei se foi algo que ela viu na forma como eu olhei para ela. Oton, sentindo a tensão no ar, afastou-se educadamente, murmurando algo que eu não ouvi e não nem remotamente interessado.

— Apenas tocou aí em cima da sua pasta, Teo. Eu já atendi ao seu telefone antes, não foi? Ela perguntou por você e eu...

— *Putá que pariu!* — eu grunhi, virando de costas para ela e passando as mãos no meu cabelo, bagunçando-os — E o que *caralho* você respondeu para ela?

Suzana engoliu em seco, cruzando os braços na frente do corpo.

— Eu só disse que você tinha ido ao banheiro e...

— Você o quê?!

— Ela perguntou por você, o que você

queria que eu dissesse?

— Mas que porra... nada, para começar, você nem deveria ter atendido a porra do *meu* celular. Que merda você estava pensando? — eu rugi, e ela cerrou os lábios, parecendo irritada agora. Era uma piada, não era?

— Teo, isso antes nunca foi um problema, eu só atendi ao seu celular e dei uma informação.

Eu parei, subitamente lembrando de algo que fez uma sensação fria de pavor subir pela minha espinha.

— Você se identificou? — eu sussurrei. Era uma sensação de medo, uma apreensão que eu não lembrava de ter sentido antes.

— Ela perguntou quem eu era, então, eu disse meu nome.

— Que caralho, Suzana! Que porra que você... — eu apertei meu nariz, baixando novamente o tom de voz. Eu estava dentro da porra de uma empresa, calma, homem. Mas meus dentes estavam travados quando eu continuei olhando para ela de modo furioso: — Quem disse que você deveria ter atendido ao meu celular?

— Eu já atendi ao seu celular antes! — ela teimou, baixinho. Olhei com fúria renovada para

ela, esquecendo qualquer condescendência que eu tinha antes.

— Antes, quando não importava quem estava do outro lado perguntando por mim. Isso mudou a partir de agora. *Ficou claro para você?*

Ela olhou-me boquiaberta. Depois olhou para o chão.

— Teo, então você está mesmo...

— Não se atreva a vir com seus joguinhos para cima de mim, Suzana. Eu relevei a sua gracinha, em consideração ao que quer que tenhamos tido, ligando para mim quando você sabia que eu estava com a Malu. Por que eu te respeitava, mas você não tinha o direito de atender ao caralho do meu celular, entendeu? — eu sibilei para ela, e vi Suzana empalidecer e tragar saliva novamente. Obriguei-me a manter a calma com ela.

— Eu sinto... desculpe-me, Teo, realmente não deveria ter feito isso, não sei o que deu em mim na hora... eu realmente sinto muito. — ela repetiu, abaixando a cabeça novamente. Respirei fundo, tentando me controlar, porque na mesma hora soube que apesar de tudo, aquela merda era culpa minha, de ninguém mais. *Putá merda do cacete.* Ignorando Suzana ao meu lado, retornei a

ligação, implorando internamente que ela atendesse. Deu fora de área, claro. Engolindo com dificuldade, afastei-me em direção à porta, mas ouvi Suzana dizer:

— Teo, desculpe-me, por favor, eu não pretendia causar um problema.

Fiquei calado, porque eu iria certamente dizer alguma merda muito feia, e saí em passos rápidos da sala com as minhas coisas na mão. Quando alcancei as portas do elevador, Oton estava parado lá e me deu um olhar constrangido. Acenei com a cabeça para ele, e esperamos juntos. Ouvi os passos dos saltos de Suzana atrás de mim, mas não me virei.

Assim que o elevador chegou, entrei, fazendo uma segunda ligação para Malu, que mais uma vez caiu na caixa postal. Eu xinguei entredentes, e quando vi Suzana parada lá, antes das portas fecharem-se, notei que ela parecia arrependida, uma expressão abatida. Mas eu não iria mais cair nessa, estivesse ela sendo sincera ou não. Ainda que aquilo fosse culpa minha, ela não deveria interferir na minha vida assim quando eu já havia posto um fim no que nós tivemos.



Mais tarde, apenas enrolado em uma toalha, fui à sacada do meu quarto no hotel, e recostado na porta de vidro, tentei ligar para Malu pela décima vez desde que eu tinha saído do prédio da Galvão. Pelo menos eu achava que era a décima vez, poderia muito bem ser pela vigésima, já que ela não havia atendido a nenhuma das minhas ligações. Agora, o celular tocava até cair na caixa postal.

Esfreguei a mão no rosto e abri o *WhatsApp*, buscando seu contato. A imagem de perfil de Malu era uma foto em que ela estava em uma praia, como se fosse o pôr-do-sol, sentada na areia, de lado, as mãos segurando os joelhos e a cabeça virada na direção contrária, seus cabelos espalhados pelo vento. Ela usava um vestido floral esvoaçante, estava linda, e eu senti meu peito apertar de modo estranho ao olhar para aquela imagem, então cliquei.

A última imagem que ela havia enviado-me estava lá, era uma foto do seu rosto sem maquiagem e com os cabelos bagunçados, deitada na cama. Foi durante a semana que ela estivera doente, nós estávamos conversando pelo aplicativo

e ela tinha enviado a imagem para provar para mim que estava horrível, quando eu questionei que isso era impossível. Um sorriso formou-se nos meus lábios e eu li minha resposta a essa foto: *"como eu disse, impossível. Você é sempre linda."*

Ela estava *on line*, agora. Que porra... eu já havia mandado um *Oi*, que foi visto e ignorado, claro. Era porque eu ia precisar de mais do que um *Oi*, pensei, respirando fundo. *"Malu, me atende, preciso falar com você"*, escrevi e enviei, esperando. Eu nunca fui muito fã de manter contato por aplicativos, e raramente usava o WhatsApp. Mesmo quando me divorciei, ficava ouvindo os comentários jocosos de Marcos de que eu era um velho e não sabia aproveitar todas as *benesses* que esse tipo de ferramenta proporcionava para pegar mulher. Eu, por outro lado, sempre preferi ligar, e agora eu estava ali aguardando feito um doido que Malu me respondesse. Nada. Entrei novamente, joguei o celular sobre a cama e me afastei para o bar. Ele tocou imediatamente, e eu corri de uma forma vergonhosa para atender, mas era Max. Rangi os dentes antes de atender.

— O que foi?

— Cara, isso que você fez não foi um som

humano. Tenta um alô, por favor.

— Max, sério cara, não é a hora. Eu estou esperando uma ligação.

— Eu também estava: uma ligação sua sobre reuniões, compra de outra empresa, negócios em outra cidade, isso te diz alguma coisa sobre o motivo da minha ligação agora?

Respirei fundo, estava sendo um idiota e irresponsável. Claro que eu deveria ter ligado para o Max para falar de negócios.

— Desculpa, Max. Vamos lá. — sentei na beira da cama e procurei concentrar-me em algo que não fosse Malu com raiva e magoada comigo. — Nos reunimos hoje com Galvão e o filho mais novo, Oton. Ambos estão completamente de acordo com a venda, ainda que o mais velho não tenha podido vir. Justamente por isso eles tiveram um imprevisto e atrasaram a reunião por umas duas horas, então, eu praticamente acabo de chegar no hotel.

— Dessa forma, então só precisamos lidar com a parte burocrática agora, imagino. Assinaturas, revisão de acordo de compra, essas coisas. Quando você voltar, vamos mandar o acordo para o Daniel dar uma olhada. — ele disse,

se referindo ao advogado que trabalhava conosco, eventualmente.

— Sim, amanhã pedi para adiantar a reunião, quero ir embora logo, agora mais do que nunca. Saio direto da reunião para o aeroporto. Com tudo que fizemos hoje, amanhã fecho os detalhes e o negócio é nosso.

Max fez um som de vitória, e eu lembrei que também deveria estar fazendo. Era a nossa carreira. Nós estávamos comprando uma empresa fora do nosso Estado, era um crescimento enorme para caras como nós, uma expansão que tinha chegado bem antes do que imaginávamos, então, eu estava feliz, absolutamente feliz, só que estava fodidamente preocupado também, nesse momento.

— Porra, Teo, muito bom. Sabia que você ia resolver isso como ninguém. E a Suzana, foi realmente de alguma ajuda?

— Ajudou, você nem imagina o quanto. — eu grunhi, ainda muito puto com ela e comigo mesmo por ter sido tão idiota.

— O que foi, cara? Ela não está aí com você, não é?

— No meu quarto? Claro que não, Max. Eu exigi que ela reservasse um quarto só para ela. Fica

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui próximo, mas não, ela definitivamente não está comigo.

Max deu uma risada baixa.

— Teo, meu amigo, estou orgulhoso de você. Sêrio.

— Vá se danar Max, já disse, não estou no clima para brincadeira agora.

— O que aconteceu?

Fechei os olhos, deitei de costas na cama e passei a mão por meu cabelo molhado.

— Você não vai acreditar na porra que aconteceu, mas ouve aí. A Malu ligou ainda há pouco para falar comigo, e advinha quem resolveu atender ao meu celular, sem que eu soubesse?

— Não.

— Sim.

— Que merda, ela atendeu o seu telefone? Ela não deveria ter feito isso, cara.

— Sim, atendeu. E agora a Malu sabe que ela está aqui comigo, mas pela forma como a Suzana disse, deve estar imaginando uma merda de uma situação que não está acontecendo, então... você imagina porque o meu humor foi para casa do caralho agora.

— Cara, que merda, mas espera um pouco...

PERIGOSAS ACHERON

não me diga que você não disse a sua namorada que ia viajar com a sua ex amante. Você não fez isso.

Eu nem respondi, e então Max a assoviou longamente.

— Gênio, você. — continuei calado, e Max pigarreou. — Olha Teo, eu sei que você não queria ir com a Suzana, mas foi o jeito, cara. É uma situação profissional, eu não poderia ir e ela estava a par do processo todo. Não é como se você tivesse programado uma viagem com ela.

— Obrigado Max, eu vou anotar cada palavra e dizer exatamente desse jeito para Malu, deve dar certo. — eu murmurei, cansado, apertando meu nariz, e ele riu alto.

— Desculpa amigão, mas eu tive um prazer perverso em te ouvir assim agora, sério. Lembra da nossa conversa na sua casa? É só sexo, eu não quero nada sério. — ele imitou minha voz, sorrindo descaradamente. — Bem, parece que temos um cara voltando atrás no que disse aqui, não?

— O que eu mais fiz foi voltar atrás no que disse desde que a conheci, Max. Mas de todo modo, obrigado pela força que você está me dando agora. — ironizei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não resisti. Mas Teo, fala com ela, explica direito, a sua Malu vai entender. Você não a traiu, e nem quer, foi um vacilo, essas merdas acontecem.

— Ela não está atendendo as ligações, nem respondendo minhas mensagens, mesmo com aquela merdinha azul aparecendo na porra daquele aplicativo.

— Entendo. Escuta, sinto muito te dizer que é pior assim, cara. Se ela tivesse atendido e gritado horrores com você, vai por mim, é menos ruim. Mas esse silêncio, em se tratando de mulheres, não é nada bom.

— Mais uma vez, valeu, obrigado. Você está me animando agora.

— Sério Teo, resolve isso. E outra: cuidado com a Suzana. Se você está minimamente interessado pela Malu, como parece, essas merdas não podem voltar a acontecer.

Eu levantei, indo para o bar. Precisava de uma bebida.

— Não irão acontecer, pode estar certo. Conversamos quando eu voltar.

Quando Max desligou, eu fui ansiosamente abrir o maldito aplicativo. Ela havia visualizado e

PERIGOSAS ACHERON

não respondeu. Caralho. Digitei: *Malu, me atende. Não é como você está imaginando, eu preciso te explicar tudo, mas fale comigo.* Tentei novamente, bebendo um gole do meu uísque puro. Novamente ignorado. *Querida, desculpe-me por não ter contado, mas não é nada do que parece. Atende e me deixa explicar, sim?*

O que eu estava fazendo, pensei, ao ver que ela mais uma vez não atendeu e nem respondeu. Bebi tudo de um gole e voltei para varanda, pensando que eu deveria ter o telefone da Stella ou de alguém próximo... não poderia ligar para Julia, minha dignidade não ia permitir, o que diabos estava acontecendo comigo? Espera aí... o Pedro, porteiro do prédio da Malu! Rapidamente peguei o seu número e comecei a ligar, pouco me importando com aquela voz que me dizia que eu estava sendo ridículo. Foda-se. Ele atendeu logo ao segundo toque.

— Olá, *seu* Pedro? É o Teo.

— Teo? Olá, tudo bem com o senhor?

— Tudo, me diga uma coisa, você pode me fazer um grande favor, amigo? Preciso muito falar com a Malu e ela não está atendendo. Você poderia interfonar para o apartamento dela e ... — eu de

repente parei, eu estava ficando *louco*? Ele ia interfonar e dizer a ela para atende o telefone, e aí? Era provável que Malu não me atendesse do mesmo jeito. Mas enquanto eu estava pensando no absurdo da situação, percebi que ele estava falando comigo.

— ... pois é, não tem dez minutos que ela saiu.

— Espera aí, calma. O que você disse?

— Eu disse que até faria esse favor sim, *seu* Teo, mas a dona Malu e a dona Stella acabaram de pegar um *Uber* aqui e saíram. Agorinha mesmo.

Era a sensação de um murro no peito. Para onde diabos ela estaria indo? Por que ela estaria saindo de casa assim numa terça à noite se ela não tinha aula nem nada? Porque ... lembrei imediatamente da nossa conversa naquela boate, quando nos conhecemos, de coisas sobre estar com raiva do namorado, sair para beber, outros caras... minha ansiedade atingiu níveis estratosféricos. *Putá que pariu*. Mas não podia ser, eu não tinha feito nada que justificasse a Malu simplesmente fizesse aquelas besteiras, tais como sair, beber, encontrar algum cara para consolá-la, provavelmente com raiva de algo que ela achava que eu tinha feito?

Isso era a porra de um desastre.

Sem nem lembrar direito o que disse, despedi-me do porteiro peguei a minha bolsa, vesti uma calça e uma camisa sem nem olhar direito quais eram, e passei a jogar o restante dos meus poucos pertences dentro dela. O voo para o Rio não levaria mais do que uma hora e meia, se eu tivesse sorte, e eu precisaria mesmo de sorte para achar um voo aquele horário, pensei, pois amanhã mesmo estaria de volta para a maldita reunião. Não importava, qualquer coisa eu ligaria para o Galvão que tive um contratempo e chegaria mais tarde. Ele iria entender. E depois eu explicaria aquela insanidade para Max.

Quando estava saindo do quarto, o celular colado ao ouvido para ligar para o aeroporto, vi a porta do quarto em frente abrir-se e Suzana aparecer, enrolada em um roupão de banho, os braços cruzados como se tivesse frio, os cabelos molhados e parecendo que estivera chorando. Ignorei-a e fui em frente.

— Teo, eu sinto muito... não me odeie por isso. — ela começou, então viu a bolsa na minha mão, a pasta de documentos, e encarou-me, espantada. — Para onde você está indo?

— Para casa. — eu disse, apenas, e vi sua expressão murchar. Chamei o elevador e aguardei.



A sorte estava do meu lado, aparentemente, e eu esperava que ela permanecesse porque eu estava precisando muito dela comigo. Sentado no avião rumo ao Rio novamente, eu havia tentado ligar para Malu, mas aquela teimosa de uma figa não atendia mesmo a porra do celular.

Na minha cabeça estava passando os cenários mais loucos e horripilantes possíveis, enquanto eu estava preso naquela poltrona de avião: Malu em algum bar, ou boate ou a merda que fosse, zangada, achando que eu estava em uma viagem romântica com Suzana, pensamentos sobre vingança e lidar com a mesma moeda o que ela pensava que eu tinha feito. Ela teria coragem de fazer algo assim? Eu remexia-me, inquieto com cada nova imagem que surgia na minha mente. E ela continuava sem atender.

Assim que cheguei ao Rio, eu decidi que a minha dignidade naquele momento estava altamente superestimada, e então liguei para Julia, enquanto procurava um táxi. Ela atendeu

PERIGOSAS ACHERON

prontamente. Menos mal.

— Ei, pai.

— Ei, filhota, você está em casa?

— Sim, estudando. E aí, como está, frio?

— Eu estou no Rio, acabo de chegar ao aeroporto.

— Mas você não iria voltar só amanhã ou depois? — ela estranhou.

— Sim, mas surgiu um problema e eu tive que voltar antes do previsto. — resmunguei.

— Um problema? Aonde? Com quem? — ela se preocupou. Se eu comecei, eu tinha que ir até o fim agora.

— Um mal-entendido, filhota, por isso preciso que você faça um favor para o papai. Ligue para a Malu e... pergunte aonde ela está agora, por favor. Agora mesmo.

Julia ficou uns segundos em silêncio, depois fez um som de lamento.

— Ah, não pai, você já fez merda? Não acredito.

— Ei, respeite-me, mocinha. E olha essa boca, Julia.

— Desculpe, mas fez sim, e está voltando por isso. Não vai me contar o que foi? Eu poderia

ajudar.

Cacete, aonde eu tinha chegado, pensei, massageando minhas têmporas, já sentindo o início de uma dor de cabeça. Não acredito que ia ter que apelar a minha filha adolescente para conseguir falar com a minha namorada. Eu, que até outro dia não queria que nenhuma namorada sequer se aproximasse muito dela. Entrando no táxi, eu disse a Julia o que tinha acontecido em Curitiba.

— Ai, que raiva dessa mulher! Eu sabia, ela nunca me enganou. Poxa pai, mas você também *hein...* isso não se faz.

— Acredite, eu já tive bastante tempo para chegar a essa conclusão. — eu resmunguei. Pronto, eu estava recebendo lição de moral de uma menina de dezessete anos. Eis a resposta sobre aonde eu tinha chegado.

— Eu se fosse a Malu estaria mesmo muito *put...* quer dizer, zangada com você.

— Julia, eu sou seu pai, esqueceu?

— Homens. — ela resmungou, e eu franzi o cenho. Depois ia perguntar o que raios ela sabia sobre homens para dar aquele veredicto, mas agora eu tinha algo mais urgente para resolver.

— Você vai ligar, filha, ou eu vou ter que

apelar para meios nada convencionais para saber onde ela está? — eu quis saber, já pensando em ligar para Ricardo. Ou Diego, lembrei.

— Calma, eu vou ligar, só um minuto. Ela não está em casa?

— Não Julia, ela não está. Apenas ligue.

Ela desligou, e eu olhei pela janela do táxi, pensativo. Tinha dito ao taxista para ir na direção da casa de Malu, mas avisei que ele poderia mudar a rota a qualquer hora. Aguardei, e minutos depois, que pareceram séculos, aliás, Julia retornou.

— Pai...

— Onde ela está?

— Hum, eu acho que você não vai gostar muito disso não hein...

— Julia. — fechei os olhos, rogando aos céus paciência. — apenas diga.

— Malu me atendeu quando eu liguei. — ela explicou. Perfeito, ou seja, ela estava mesmo puta comigo e não atendia de propósito, não era como eu quis me convencer, a caminho do aeroporto ainda em Curitiba, que era uma coincidência do caralho e que a qualquer momento ela atenderia e falaria comigo normalmente, mesmo que fosse para brigar porque eu não tinha dito nada

sobre Suzana. — E ela não está em casa mesmo, pelo barulho do lugar.

— Barulho?!

— É, ela está tipo em um bar ou algo assim, a Stella está junto. Ela só me disse porque eu enrolei que estava com um grupo de amigos e queria dar uma passada em um lugar legal. Ela resistiu, mas me disse onde era, achando que era mais seguro para mim já que ela estava lá. Nunca que a Malu iria imaginar que você ligou para própria filha e está se arrastando para...

— *Onde. Fica. Esse. Bar, Julia?* — eu grunhi, mas ela só riu. Meu Deus, eu ia ter um infarto muito antes do que eu imaginava, com aquelas duas. Julia disse, e eu não fazia ideia de onde era, mas falando com o taxista, ele informou-me que era próximo ao local onde elas moravam. Ótimo. Respirei fundo e pedi que ele acelerasse para lá.

Demorando mais do que eu gostaria, eu finalmente cheguei ao local. Era um bar pequeno, daqueles que jovens casais procuravam para beber algo tranquilamente, um som estava tocando, mas também não era nada muito estrondoso. Eu paguei ao cara, não esperei o troco, pus minha bolsa sobre

um ombro e escaneei o local com os olhos, rapidamente. Não a vi em lugar nenhum. Apreensivo, entrei e voltei a procurar. Uma menina com a camiseta do local aproximou-se perguntando se eu queria uma mesa, eu neguei. Foi quando a vi. Malu estava vindo provavelmente do banheiro, caminhando devagar entre as mesas, e eu senti um solavanco no peito, sim, eu estava fodido porque aquilo ali definitivamente não era o meu pau reagindo à sua visão.

Malu estava com os cabelos soltos, usando um vestido soltinho branco, com mangas, mas curto, eu observei, sentindo uma pontada na minha frente. Aquele vestido destacava seu corpo curvilíneo e os seios de modo impressionante, e ficava mais lindo ainda em sua pele negra. Mais de uma cabeça masculina virou quando ela passou, de modo discreto e outras nem tanto, e eu me movi inconscientemente em sua direção.

Ela chegou na mesa em que Stella estava sentada de costas para a porta. Felizmente para minha sanidade, não havia ninguém mais com elas. Quando cheguei mais perto, antes que Malu me visse, notei que seu rosto estava sem maquiagem e seus olhos estavam muito inchados. Puta que pariu.

Travei minha mandíbula, sendo tomado por um sentimento de arrependimento e tristeza que eu não estava preparado para lidar. Eu a tinha feito chorar, pensei, derrotado, chegando ao lado da mesa.

Quando ela levantou a cabeça e me viu ali, contudo, não foi tristeza que estava nos olhos dela: era fúria total depois da surpresa inicial.

— Malu...

— O que você está fazendo aqui? — ela disse, em uma voz tensa, dura, furiosa, mas baixa, que me perfurou como uma adaga. O olhar que a amiga me lançou não foi muito melhor.

— Malu, você precisa me ouvir. Vamos conversar direito. — eu segurei a parte da cima da cadeira ao seu lado. Eu ainda não a tinha visto realmente furiosa e mesmo que ela estivesse linda, eu não era nem remotamente louco de pensar em dizer aquilo agora.

— Não sente aí Teo, você não foi convidado. — Malu retrucou, sem me olhar agora. Eu notei rapidamente que sobre a mesa havia apenas garrafas de água, e respirei aliviado que ela não estivesse bebendo. No fundo da minha mente, enquanto não tivéssemos certeza das coisas, preferia que ela não bebesse.

— Malu. — repeti, de modo conciliatório.
— Se você tivesse me atendido ou respondido às minhas mensagens, saberia...

— Ah, então agora você sabe se comunicar? Explicar, contar as coisas? — ela falava entredentes. — Olha Teo, faz assim, vai embora daqui, eu não estou disposta a falar com você. Quando eu quis explicações, a verdade, você estava escondendo coisas de mim.

Alarmado, senti como se tivesse sido atingido por uma bala, suas palavras e seus olhos inchados me deixando agoniado. Eu sabia que a encontraria zangada, mas estava parecendo pior do que eu pensei. Realmente, eu nem sei mesmo o que pensei, nunca estive naquela posição antes, se me lembrava bem. Era uma merda.

— Eu posso te explicar, Malu. Não foi aquilo que... bom, que ela disse. Não foi assim, meu bem.

— Quem? A Suzana? A sua amiga do escritório? Pode dizer. — ela olhou-me de novo. Olhou, não. Trespassou-me com dardos envenenados através do olhar. Então, fechou brevemente nos olhos e pôs um dedo em uma têmpora. — Por favor, não me faça perder o

controle bem aqui. *Vá. Embora. Teo.*

Stella, até então imóvel, levantou-se devagar, lançando-me um olhar que ainda era de raiva, mas que dizia claramente “explique-se”.

— Aonde você vai? — Malu disse a ela, rápido.

— Eu vou ao banheiro, amiga. Já volto. — ela então escapuliu rapidamente. Ignorando Malu, eu sentei na cadeira que Stella abandonou, e coloquei minha bolsa na cadeira ao lado. Ela deu uma olhada rápida e depois desviou os olhos, sem me encarar. Eu tinha feito a coisa certa ao vir, pensei, com uma respiração profunda.

— Você vai me ouvir, Malu. — eu disse, firmemente. — Eu não te disse sobre a viagem... que ela iria me acompanhar porque até o último instante achei mesmo que pudesse modificar alguma coisa, que o Max pudesse ir ou que eu fosse sozinho, mas... enfim, não deu. Ouça bem, eu estava no banheiro da empresa, Malu. Estávamos em uma reunião e... — acrescentei, rápido, quando vi seu olhar esfriar ainda mais ao encontrar o meu. Surpreendendo-me, ela não me deixou continuar. Levantou-se devagar, me olhou nos olhos, e disse, quase sussurrando:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou te ouvir? Me obrigue. — e saiu andando deixando-me sentado lá, estupefato. Reagi depois de três segundos e fui atrás dela em passos rápidos. Antes que Malu alcançasse o lado de fora do bar, peguei-a pelo cotovelo e a parei.

— Malu, por favor, conversa comigo.

— *Me* solta, Teo. Você não quer um barraco aqui, nem eu, então volte para sua viagem da porra com sua amiguinha de sexo, e me deixa em paz.

Eu a puxei para o meu peito, bem na porta, mais de um par de olhos nos observando agora. Ela lutou para soltar-se e eu enlacei sua cintura, apertando contra mim. Malu moveu os braços, furiosa, mas ficou no mesmo lugar. Aproximei-me e sussurrei em seu ouvido:

— Você acha que eu estou preocupado com a porra de um escândalo aqui? Foda-se isso. Você vai sair daqui comigo andando, e vamos conversar ou eu vou te carregar agora, bem aqui, te botar nos meus ombros e te levar para casa. Você escolhe. — aproveitei e aspirei o seu cheiro, fechando meus olhos, louco de vontade de enterrar meu rosto no seu cabelo e no pescoço. Eu estava morrendo de saudades dela.

PERIGOSAS ACHERON

O corpo de Malu estava absolutamente tenso, e ela ficou mais rígida ainda quando me ouviu. Sua respiração era pesada, arfante, senti seus seios subirem e descerem rapidamente naquele vestido. Seu corpo colado ao meu daquela forma estava dando-me uma ereção instantânea. Sim, eu sei, eu era um tarado, não era hora daquilo, ela estava me odiando, mas eu não podia evitar aquela reação à sua proximidade.

— O que você decide? — eu disse, rouco.

— *Me solta e você descobre.* — ela revidou, petulantemente, sua voz raivosa abafada no meu peito. Eu não resisti e beijei seu cabelo, escondendo meu sorriso.

— Ok, então por via das dúvidas, eu vou te carregar logo. — eu decidi, e fiz menção de fazer exatamente isso. Ela virou-se nos meus braços e levantou a cabeça, encarando-me, os olhos escuros brilhando de raiva.

— Não ouse. — ela sibilou para mim.

— Você não está me dando escolha, Malu. — murmurei de volta, perdido no seu olhar. Queria tanto beijá-la que doía, e ia fazer isso em dois segundos, mas ela lutou para soltar-se novamente, com mais força dessa vez. Eu teria que soltá-la,

claro.

— Eu vou caminhar. Mas por favor, não me toque.

Caralho, aquilo doeu, porque tudo que eu queria ela tocá-la, mas assenti e a soltei bem devagar. Malu foi andando à minha frente, cabeça erguida, e eu a segui para fora, passando a mão na minha nuca. Quando chegamos do lado de fora, eu lembrei que tinha vindo de táxi, que porra. Ela parou, por fim, em uma área do lado de fora que tinha uma praça, uns bancos e mesas, bem ao lado do barzinho. Voltou-se para mim então, braços cruzados sobre os seios, a cara fechada, queixo altivo, e me olhou de modo frio.

— E então?

— Malu, eu não vou conversar aqui. — suspirei, cansado. Cansado mesmo, tinha pegado um voo cedo, tido um dia de cão em uma reunião interminável, aquela merda com a Suzana e o telefonema tinham acontecido, eu estava de volta ao Rio agora a noite, então... sentia meus músculos cansados, mas ainda teria forças para carregá-la se fosse preciso, pensei. — Vamos para casa, por favor, lá eu te explicarei tudo. Prometo.

— Casa? Eu não vou para sua casa, Teo.

Diga o que você tem que dizer aqui.

— Então para seu apartamento, que seja. Vamos conversar lá. Por favor. — eu disse, olhando-a nos olhos com pesar. — Malu, eu tenho uma boa explicação para o que aconteceu. Só me ouça.

Ela deu uma risadinha de escárnio, mordendo o lábio, mas eu vi que seus olhos estavam marejados, e quis me dar um murro por aquilo. Porra...

— Teo, se você tem uma explicação para o fato de que a mulher que você tinha dispensado estava em uma viagem com você, atendeu ao seu celular quando eu liguei, e disse que você estava no banheiro, ok, eu quero ouvir. — ela disse, por fim, em uma voz dolorida, mas engolindo em seco para não demonstrar isso. — Você mentiu para mim. Mentiu, Teo. Desde o início, a gente optou por ser sincero um com o outro. Como você vai com a Suzana nessa viagem e não me diz, quando teve todas as oportunidades para fazer isso?

— Eu sei que é difícil de acreditar, mas eu tenho uma explicação. Fui um idiota em não ter dito antes, Malu, te peço desculpas, mas não tenho mais, nem tive nada com a Suzana durante essa

viagem, e você precisa acreditar em mim. — pedi, sem deixar de fitá-la, quase desesperado, notei, verdadeiramente em pânico agora, ao ver que sua expressão não havia mudado um milímetro que fosse.

Antes que ela dissesse algo, no entanto, Stella veio rápido na nossa direção, com a minha bolsa pendurada nas mãos, mas parou alguns passos mais ao longe e só levantou a bolsa para que eu visse. Puta que pariu, cara. Eu deixei a maldita bolsa, com a pasta, com os acordos e todos os meus papéis da reunião dentro de um bar, em cima de uma fodida cadeira e sai atrás de Malu sem nem lembrar disso. Passei as mãos no rosto, fechando meus olhos. E soltei quase um gemido desesperado.

— Os acordos de compra. — eu disse, e depois acenei para Stella. Quando eu olhei para Malu, ela estava me olhando detidamente, quase curiosa, e se algo tinha mudado, o mínimo que fosse, e eu precisaria aproveitar aquilo. — Malu, ouça-me, se depois você decidir que não pode entender ou me desculpar, eu entendo. — eu disse, sem a menor intenção de fazer isso, pensei, cruzando meus braços sobre o peito. Desistir dela assim, sem mais nem menos? Isso não ia acontecer,

ela precisava me entender. Tinha que entender que eu não fiz nada.

— Por que você está aqui? Não voltaria só amanhã? — ela perguntou, com os olhos franzidos. Eu resolvi ser totalmente sincero, era só assim que eu poderia fazê-la acreditar em mim, perdoar-me por aquela merda toda. Eu tinha chegado até ali, feito coisas que não imaginava fazer, então, tinha que ir adiante.

— Eu ainda tenho uma reunião lá amanhã, mas vim direto do aeroporto para cá, Malu. Você não atendia meus telefonemas, não respondia as minhas mensagens, e eu... — parei, cerrei os dentes, mas então soltei o ar e continuei a falar: — Simplesmente vim atrás de você. Não ia conseguir ficar lá sem saber... quer dizer, eu precisava te ver, explicar essa merda toda, e para ser mais sincero ainda, certificar-me que você não estava com tanta raiva de mim a ponto de... — parei novamente, bagunçando meu cabelo, olhando para o chão. Depois voltei a olhar para ela de modo intenso.

— A ponto de quê, Teo? Vamos, *diga*. — ela incitou, com voz dura. Eu merecia, claro. E precisava falar.

— A ponto de me deixar.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 33



*Eu estou dando tudo a você
Tudo o que a alegria pode
trazer, isto eu juro
Sim, eu juro
E tudo o que eu quero de
você é uma promessa
De que você estará lá
Sim, eu quero você
Say You'll Be There
Spice Girls*

Malu

Teo estava ali parado com uma expressão atormentada dizendo-me que tinha vindo direto de outra cidade, no meio de uma viagem de negócios, para confessar que estava preocupado que eu o deixasse. Não podia negar que praticamente derreti, que aquelas palavras aqueceram o meu coração e o tinham feito bater de modo acelerado, em uma reação diferente a tudo que ele já havia dito para mim até agora.

Praticamente, porque eu não derreti, de todo. O gelo ainda estava ali. Minha primeira reação poderia ter sido pular nele e abraçá-lo apertado, beijá-lo, tirar aquela ruga de preocupação da sua testa e dizer que estava tudo bem? Poderia. Que eu não o deixaria, que acreditava nele e que entendia tudo? Poderia, também. Mas eu iria fazer isso? Não, porque ele poderia muito bem ter me traído, mentido sobre ter terminado com ela e a levado junto com ele para aquela maldita viagem!

A sensação de ter sido enganada, iludida, humilhada mais uma vez era tão opressiva que eu tinha ficado momentaneamente sem ar, paralisada. Assim que a mulher ao telefone tinha dito o seu

PERIGOSAS ACHERON

nome, eu tinha ficado lá, ouvindo, e ironicamente, a despeito de como eu era, tinha simplesmente encerrado a chamada e depois, com mãos trêmulas, desligado o aparelho. Eu poderia ter gritado, exigido falar com ele, perguntado tanta coisa... era isso que eu poderia ter feito. Mas desde o início, com o Teo, era assim, eu estava sempre meio fora do meu normal.

Depois de uns minutos, eu tinha então saído da poltrona e ido para cama. Deitei, e para meu horror — porque eu achei que o que tinha com Teo era muito recente para me deixar naquele estado — chorei copiosamente não sei por quanto tempo, até Stella entrar em me encontrar assim. E junto com o choro veio a raiva, profunda, sufocante, o sentimento de ter sido uma idiota por confiar nele. E o pior: de estar tão devastada a ponto de chorar daquele jeito. Eu não queria chorar! Mas foi só que eu fiz, por ter sido imbecil, me entregado e confiado daquela forma. Não deveria doer tanto assim, algo tão recente... não era para doer desse jeito.

Agora, naquele bar, eu engoli o bolo de emoção na minha garganta, tentando de todas as formas não chorar na sua frente. Já bastava. Não

queria expor-me daquela forma, abrir o meu coração de um modo que poderia me deixar mais desprotegida ainda do que eu já estava me sentindo. Porque, sim, eu estava envolvida de uma maneira que não queria, mas estava.

De algum modo era de um jeito que eu já esperava, porque desde o início eu tinha ficado impactada de uma forma incomum com ele. E ainda assim, nada tinha me preparado para o baque de ouvir aquela mulher atender ao seu celular. Justo ela. E tudo vinha na minha mente, ali deitada na minha cama: a chamada não atendida no *pub*, as evasivas dele ao me contar como tinha sido o "término" com ela, que ela havia aceitado tudo muito bem, e agora os dois viajando juntos!

— Você não vai dizer nada? — Teo perguntou, por fim, em uma voz cansada, baixa, vindo na minha direção. Eu levantei a mão em um gesto para que ele parasse, e ele parou, soltando o ar depois pesadamente, com uma expressão dolorida.

— Quem tem que dizer aqui é você. E diga daí mesmo.

— Malu, você vai simplesmente deixar isso... você vai acreditar no que ela disse sem me

deixar te dizer o que realmente importa?

— Sabe no que eu acredito, Teo? Acredito que uma mulher chamada Suzana, atendeu o seu celular e disse que você estava no banheiro! — eu meio que gritei, furiosa, então lembrei de onde eu estava, e que quanto mais eu me descontrolava mais eu me expunha. Respirei fundo e retomei: — Isso é a porra no que eu acredito.

— Ela fez de propósito, querida. Acredite em mim. Eu estava no banheiro do escritório, estávamos em uma reunião, Malu. Em uma porra de uma sala de reunião!

— Dane-se. Ela estava lá com você! Quem me garante que vocês não estavam mesmo em um quarto e... — a imagem me golpeou pela milésima vez e eu ofeguei, então me virei-me para deixá-lo sozinho. — Quer saber? Por que eu estou ligando para isso?

Teo correu e me segurou pelo pulso, girando-me em sua direção novamente.

— Não foi assim, Malu. Conversa comigo. — ele suplicou, baixinho, e eu quis esmurrar ele, que raiva! Eu, que nem era a favor de violência, mas queria... queria bater nele e descontar toda a minha frustração.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me solta! Não toca em mim, seu mentiroso!

Ele realmente reagiu a isso como se eu tivesse batido nele, e engoliu em seco, os olhos verdes meio assombrados com a minha reação, mas não me soltou. Eu respirava pesadamente, e olhei para o chão, tentando encontrar-me no meio daquela tempestade de emoções que me assolava. Respira, Malu, mentalizei. Eu não ia surtar ali, não ia.

— Eu te peço, apenas me dê uma chance de te dizer como as coisas aconteceram. Por favor, querida.

Aquele tom, eu não poderia ouvi-lo assim tão perto de mim. Fechei os olhos e controlei minha respiração.

— Certo. Então me solta, Teo. Eu vou te ouvir. — decidi. Devagar, ele tirou a mão do meu pulso, e afastou-se uns passos. Mesmo estando furiosa, magoada, sentindo-me enganada, eu sempre havia sido uma pessoa que prezava o diálogo, não garantia desculpá-lo ali, não enquanto ainda estivesse sentindo-me ferida daquela forma, mas ele queria conversar, se explicar? Tudo bem, vamos ver o que ele tinha para dizer.

PERIGOSAS ACHERON

Eu iria ouvi-lo, pelo menos. Outro dia eu tinha ouvido o que o imprestável do Adriano tinha para dizer, mesmo sabendo que nada do que ele dissesse me faria perdoá-lo ou mudar de ideia, e ele havia feito coisas terríveis comigo. *Tá*, eu não deveria ter ido, mas fui, então eu iria deixá-lo tentar me explicar aquilo.

O certo é que eu não estava convencida de que aquela mulher havia ido a uma viagem com ele, tão próxima, e nada havia acontecido, tendo em vista tudo que eles haviam vivido. Ele passara dois anos indo para cama com ela, ia mesmo deixar isso para trás por causa de algo tão recente comigo? A raiva estava voltando de novo, potente, e se eu iria ouvi-lo, melhor não deixar ela me consumir totalmente.

Teo pareceu suspirar aliviado, e voltou a aproximar-se um pouco mais de mim. Eu novamente fiz um gesto para que ele não me tocasse, porque com toda a raiva, a mágoa, com toda a vontade de arrancar seus cabelos, eu sabia que ele chegasse perto de mim, se me tocasse, me beijasse, falasse ao meu ouvido... a probabilidade de eu me manter firme ia reduzir drasticamente. Não queria meus sentidos embotados pelo seu

cheiro ou seu toque. Teo apertou os lábios, passou as mãos novamente nos cabelos, que já estava todo bagunçado.

— Ok, eu não vou te tocar, Malu, mas podemos pelo menos sair daqui? — ele pediu, calmamente. Eu balancei a cabeça, não confiando muito na minha capacidade de manter a voz firme. Ele assentiu, e então olhou na direção de Stella, que tinha se afastado e ia saindo novamente. — Obrigada, Stella. Estamos indo para o apartamento de vocês, meu motorista vem nos buscar, você vem conosco?

— Não Teo, podem ir, vocês dois. Eu liguei para o Carlos, ele vem me buscar. Não vou para casa agora. — ela disse, na minha direção, e eu entendi que queria nos dar privacidade. Fiz que sim para ela, que deu-me um beijo no rosto e se afastou. Quando eu olhei na direção de Teo, ele estava olhando-me intensamente.

— Malu, não me peça para não tocar em você, por favor.

— Então não minta para mim. — eu revidei, desviando meus olhos dos dele.

— Vamos sair daqui. — ele disse, depois de uns segundos. Fez um gesto, eu me adiantei e

passsei por ele, indo em direção à rua. Sentia-o bem atrás de mim, mas não me virei. Ele ficou ali ao meu lado, tenso, e eu abracei meu próprio corpo, sentindo um frio que não tinha a ver com o clima e olhando na direção contrária. Logo, um carro preto de luxo modelo sedan parou na entrada, e Teo pôs a mão, de modo automático nas minhas costas.

— Malu, vamos.

Dentro do carro, Teo não sentou no banco da frente, sentou-se ao meu lado, ocupando muito espaço e me fazendo sentir plenamente consciente do seu corpo, do seu calor ao meu lado. Virei-me e olhei pela janela, tentando ao máximo ignorar sua presença, o calor da coxa tocando na minha perna. Ficamos em um silêncio incômodo. Eu me recusava a olhar para ele, mas ouvia sua respiração pesada ao meu lado, e sua perna continuava roçando na minha, seu braço no meu. Claro que ele poderia chegar mais para lá, mas pelo jeito não ia, então decidi fingir que não estava sentindo, que não estava me afetando.

Logo chegamos ao meu prédio, e *seu* Pedro permitiu que Campos, motorista de Teo, entrasse e nos deixasse lá dentro. Quando chegamos na base das escadas para o meu apartamento, eu parei, dei

uma olhada na sua direção, rápido, meio desconfiada. Muito sério, ele fez um gesto cavalheiresco para que subisse à sua frente, e apoiou o ombro na parede, esperando.

Eu travei meus dentes, quase dizendo a ele que fosse na frente, dessa vez, mas vi que era infantilidade demais, então subi, tentando ir mais rápido, plenamente consciente dele bem atrás de mim, vendo-me subir, mas ainda assim ele não me tocou, como eu pedi. Aquela porra daquele vestido era curto mesmo, não era? Foda-se, que veja o que quiser, pensei. Nunca aqueles lances de escadas me pareceram tão longos.

Teo entrou no apartamento atrás de mim, lentamente, e sentou no sofá, os cotovelos apoiados nas coxas. Eu sentei do outro lado, pus um travesseiro nas minhas pernas e fiz um coque no meu cabelo, naquele meu tique nervoso. Como ele estava muito silencioso, eu finalmente o olhei.

— Pode começar.

— Malu, eu quero que você entenda...

— Você quer? Teo, você não tem que querer nada, eu é que quero saber por que você me enganou, se é que foi só isso que você fez.

— Não. — ele estendeu a mão espalmada,

com expressão de alarme no rosto. — Eu não te traí. Não estive nem remotamente perto disso, Malu. Eu não sou um traidor.

— E como você espera que eu acredite nisso, Teo? Como? Me diga, me mostre as evidências que eu deva acreditar em você.

— Eu nem poderia, meu Deus, eu sequer pensei em outra mulher desde que estive com você, como você espera que eu...

— Você mentiu! Cara, será que você não vê isso? Saiu com a sua ex a trabalho, você diz, e ela atende quando eu ligo? Em que mundo você acha que isso é normal, Teo?

— Não, não é, ok? É foda. É o caralho de uma situação complicada. Se você soubesse como eu me arrependo dessa merda. — ele sussurrou, abatido.

— Arrepende-se porque foi descoberto. — acusei, minha voz saindo frágil. Limpei a garganta e o fitei com desdém. — Porque se não, voltaria para casa como se nada tivesse acontecido e eu nunca saberia.

Vi aquele movimento que indicava que ele estava travando a mandíbula com força, também lutando pelo controle, e fiz uma expressão que eu

esperava, indicasse a ele que eu estava pouco me lixando para isso. Cruzei meus braços e obriguei-me a permanecer com o olhar fixo nele. Teo passou a língua no lábio inferior.

— Eu errei, ok? Fui um idiota total Malu, eu deveria ter dito a você assim que soube da viagem, mas era algo da empresa, eu fui deixando para depois, achando que poderia de alguma forma evitar que... ela fosse comigo. — notei que ele evitou dizer o nome da dita cuja. — Quando eu vim aqui na noite passada, eu pretendia te dizer depois que ouvisse o que você tinha para falar.

— Muito conveniente.

— Malu, a história da sua possível gravidez me deixou desnorteado...

— Não tem possível gravidez nenhuma. — eu cortei, firmemente, e Teo realmente arregalou os olhos agora, como se estivesse um pouco assustado. Observei seu pomo de Adão subir e descer rapidamente enquanto ele engolia em seco, encarando-me.

— Por que você está dizendo isso? — perguntou, em uma voz grave e solene.

— O foco da conversa aqui não é esse, Teo. Se você não vai me explicar sua viagem com sua

amiguinha, pode ir embora, por favor.

Ele ficou encarando-me em silêncio, como se tentasse decifrar algo na minha expressão. Como eu permaneci sem me mover e sem dizer mais nada, ele passou a mão no rosto.

— Ok. Escuta, Malu. Eu vou te dizer, presta bem atenção: eu nunca tive nada realmente sério com ela, mesmo antes de você. Agora que eu tenho você, ela significa menos que nada para mim. Eu cometi um erro de julgamento, antes de tudo. Achei que podia confiar que ela estava sendo sincera, madura, que merda, eu subestimei a situação toda, esse foi o meu maior erro.

— Você acha que foi esse o seu maior erro? — eu dei uma risada sarcástica, sem poder acreditar naquilo. — O seu maior erro Teo, é fazer exatamente o que você não quer que eu faça! Você está o tempo todo me controlando, me cobrando sinceridade, lealdade, e na primeira oportunidade está junto da mulher que você disse que não tinha mais nada, sem se dar ao trabalho de me dizer!

— Não foi assim, Malu. Ela trabalha lá! Sabia o que íamos fazer naquela reunião. Se eu a tivesse impedido de ir, estaria declarando que ela me incomodava, que eu me importava, raciocina,

eu nem mesmo estava ciente que ela estava lá comigo. — quando eu o olhei, furiosa, Teo levantou do sofá e passou ambas as mãos no cabelo, dando um suspiro cansado. Então sua voz baixou para um tom mais apelativo: — Ocupei um quarto sozinho. Nós passamos o dia todo em reunião, na verdade. Eu tinha acabado de ligar para você, levantei, fui ao banheiro e deixei essa porra desse celular em cima da mesa. Haviam duas outras pessoas conosco, meu bem, os donos da empresa que eu tinha ido comprar. Eu não estava sozinho com a Suzana.

Eu ouvi calada por um instante, deixando o que ele estava dizendo penetrar na ordem dos acontecimentos que eu mesma vinha imaginando desde o telefonema que tinha recebido.

— Deixe-me ver se entendi: ela é sua assistente e...

— Ela é não é minha assistente, nem mesmo trabalha em uma sala próxima a minha. — ele cortou, rápido. Eu o fulminei com o olhar.

— Ela teria que ir. Certo. Vocês vão juntos, hospedam-se no mesmo hotel, mas em quartos separados, tudo está muito profissional. Maravilha. Então, do nada, ela resolve atender o seu celular?

Você pensa que eu sou o quê, Teo?

— Meu Deus, mas foi exatamente assim que aconteceu Malu. Ela fez de propósito para me provocar, para atrapalhar, sei lá... eu não sei que cacete aquela mulher achou que poderia fazer, mas te garanto que ela não terá mais a oportunidade.

— Ah, ela fez de propósito? Claro que não! — retruquei, levantando e começando a andar na sala também, de um lado para o outro, muito agitada e furiosa para ficar sentada. — A mulher madura, sensata, compreensiva e o caralho a quatro, como você disse que ela era? Que transa dois anos com você, mas fica de boa quando é dispensada? Claro que não, imagina.

Teo balançou a cabeça, observando minha fúria e meu sarcasmo, em silêncio. Depois, encolheu os ombros largos.

— Eu cometi um erro idiota de julgamento, sinto muito. Errei em não te contar que eu viajaria na companhia dela. Mas você precisa acreditar que nada que não fosse estritamente profissional aconteceu entre a gente. O mais fodido disso tudo é que eu nem mesmo olhei meio segundo para a Suzana, que merda... Eu tinha acabado de ligar para você! Por que eu faria isso se estivesse na cama

com ela?

— Você está perguntando para mim? — eu ri, sem nenhum humor, tentando ignorar pontada de dor que a cena evocava na minha mente.

— Querida, eu já te disse que...

— E se fosse eu?

Ele franziu a testa.

— O quê?

— Se eu tivesse viajado com o Adriano a trabalho, me hospedasse em um quarto perto do dele, sei lá, e não te dissesse? Um ex que tem três anos que eu deixei, Teo, não uma que tem semanas que você disse que tinha terminado. E se fosse comigo?

Teo pôs as mãos nos quadris estreitos e olhou para o chão, mas não respondeu. Eu insisti.

— Se eu fizesse isso, Teo? *Hein?*

— Eu teria uma síncope. — ele finalmente disse, baixo, a voz áspera. — E provavelmente acabaria com ele.

— Você é um hipócrita mesmo!

Então eu virei-me para ele, de repente, um sino de alarme soando na minha mente.

— Quando você soube? Quando você soube que iria viajar com ela?

Ele ouviu e sentou-se de volta no sofá, olhando-me de modo cansado e passando a mão pela barba. A sua expressão me disse tudo que eu precisava saber. Fui como um foguete em direção à porta e a abri.

— Por favor, vai embora daqui, Teo. Acabou a minha paciência para ouvir você.

— Malu, não faz isso. É isso que ela quer.

— Ah, é? Agora você sabe o que ela quer? Fora, Teo!

Ele levantou, parecendo muito zangado agora, e veio em minha direção. Fechou a porta e puxou-me para o lado.

— Eu não vou embora, não até você entender que eu estou te pedindo perdão por ter sido um idiota, por ter omitido algo importante de você, por não ter dito isso antes. Eu não sou o seu ex-namorado, Malu. — ele rosnou para mim, seus olhos chispando. — Não te trai, e nem pretendo.

— Mas é tão mentiroso quanto ele!

— Que caralho, eu não menti propositadamente!

— Não importa, mentiu do mesmo jeito, sai! — feito uma imbecil, já que eu sabia que fisicamente não conseguiria empurrá-lo, mas

dominada pela raiva e sentindo meu controle por um fio, empurrei-o mesmo assim, com força, em direção à porta. Claro que ele praticamente nem saiu do lugar, em vez disso, Teo segurou meus pulsos e pôs meus braços para trás.

— Malu, para com isso, por favor. — aquele tom paciente de quem estava lidando com uma criança teimosa me enfureceu mais ainda. Fuzilei-o com os olhos e me debati de encontro ao seu peito. Teo só ficava lá me segurando.

— Não quero te ouvir mais. Sai daqui!

— Malu, me perdoa, isso não vai voltar a acontecer, eu prometo.

Eu estava ofegante, cansada de me debater contra ele. E quando Teo finalmente soltou os meus braços, eu bati no peito dele, com força. Petrificada, fiquei olhando para a camisa branca que ele usava, esticada sobre o peito, fitando o local onde eu acabara de dar um murro, e levei minha mão a boca, mortificada. Meu Deus do céu, eu bati nele! Engoli em seco e finalmente olhei para seu rosto.

Teo encarava-me de modo penetrante, seus olhos verdes quentes e brilhantes como nunca vi. Mas não era raiva que havia lá. Fiquei um pouco

apreensiva e dei um passo atrás, mas ele me pegou pelo braço e puxou-me sem muita delicadeza de encontro ao seu corpo, me fazendo bater contra ele.

— Você quer me bater? — ele questionou, com voz grossa e rouca, e passando o braço pela minha cintura, puxou-me ainda mais e buscou a minha boca para um beijo. Eu virei o rosto, desviando do seu beijo. Teo então me encarou, parecendo furioso, curvou a cabeça e mordeu meu pescoço, sua barba fazendo fricção na minha pele. Meus olhos reviraram e minhas pernas viraram geleia, mas ainda assim empurrei seu peito com as duas mãos, com força, tentando me afastar dele. Seus braços ao meu redor pareciam de aço.

— Você... me solta, Teo. Você não vai me... — ele mordeu minha orelha e passou a língua úmida por ela, fazendo-me perder momentaneamente o raciocínio. Mas eu me sustentei na raiva e na dor, e virei a cabeça de novo. — Você não vai me convencer assim!

— Você começou a me bater, não reclama. — ele rosnou, e espalmou a mão enorme na minha bunda, prensando-me contra sua evidente ereção. Misericórdia! Tentou me beijar de novo, e eu virei o rosto mais uma vez. Estávamos ofegantes, uma

confusão de mãos agitadas, corpos tensos e respirações rápidas.

— Não! — eu gritei para ele, por fim, agitada, furiosa. — Eu nem mesmo sei se você não estava beijando essa...

Teo segurou minha mandíbula, abaixou a cabeça e me deu um beijo firme, esfomeado, sua língua buscando a minha com ardor, sua mão subindo pelo meu vestido. Eu gemi contra a sua boca. Ou pode ter sido ele, eu não sabia mais, e mordi seu lábio inferior com força. Ele me olhou de olhos bem abertos, parecendo surpreso, passou a língua pelo local onde eu mordi, lentamente, sentindo o gosto, e atacou a minha boca de novo, com mais ímpeto, chupando minha língua, puxando meus cabelos com a outra mão livre, e eu me perdi no desejo, na necessidade, na saudade que sentia dele.

— A única mulher que eu quero beijar é você. Estou aqui por você, só por você. — ele moveu a língua quente e molhada pelo meu pescoço, sua barba arranhando minha pele e me arrepiando inteira. Virei os olhos, incapaz de resistir. — Como poderia sequer ter algo com ela se passei o tempo inteiro pensando em você? Louco

para voltar para você, hein? —

— Você me enganou... — eu gemi, com desejo, mas também com uma vontade de chorar arrasando meu peito. Teo parou as carícias abruptamente, mas manteve-me na mesma posição, colada nele, seu rosto enterrado entre o meu ombro e o meu pescoço, sua respiração pesada esquentando a região de modo íntimo.

— Não, Malu, eu fui um covarde, achei que se não te contasse, estaria tudo bem porque para mim era insignificante. Fui egoísta, essa é a verdade. — ele murmurou, a voz abafada.

— Não sei se confio mais em você... — eu sussurrei para ele, depois de um momento de silêncio, e Teo ficou rígido, os músculos retesados de encontro ao meu corpo.

— Eu vou fazer você voltar a confiar em mim. — ele disse, simplesmente, apertando-me de encontro ao peito. Eu não disse nada, só fechei os olhos e aspirei o seu cheiro.

— Teo...

— Sim?

— Você precisa viajar, não é? Então acho melhor você ir embora agora. — eu disse, calmamente. Ele se afastou e pegou-me pelos

ombros com uma expressão entre surpresa e magoada.

— Malu, o que eu preciso fazer para você acreditar em mim?

— Não se trata disso, sério. Você precisa ir, é seu trabalho, não é? Eu não quero atrapalhar suas coisas.

— Sim, é o meu trabalho, mas eu estou aqui, agora. Você ouviu o que eu disse? Não saio daqui até você compreender que eu errei em não ter contado isso quando eu soube, mas eu não traí você, não vou te perder por isso!

— Então me diz agora: quando você soube?

— Ah, caralho...

— Se você não me disser...

— Eu soube há vários dias, mas isso não importa agora, Malu. — ele puxou-me de novo quando eu bruscamente tentei me soltar, nova onda de raiva me consumindo ao ouvi-lo.

— Há vários dias? Há vários dias enquanto estava praticamente ameaçando homens que chegavam perto de mim, Teo?

Ele me puxou para o seu peito novamente e segurou meu rosto com a outra mão.

— Sim, porque eu sou um bastardo egoísta

e possessivo, e eu quero você. Não a Suzana, não nenhuma outra mulher, só você. Eu errei em não te falar essa merda Malu, mas foi só um erro, não uma traição, você não consegue perceber a diferença?

Eu abaixei a cabeça e suspirei.

— Talvez consiga Teo, mas não agora. Por favor, eu... minha cabeça dói, eu quero ir para cama.

— Você não está se sentindo bem?

— Não é nada demais, apenas resultado de uma noite não muito agradável, só isso. Eu quero ir me deitar, Teo.

A minha cabeça realmente doía com todo aquele estresse, e a enxaqueca não ia ser das fáceis. Teo soltou um longo suspiro e afastou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha, soltando-me bem devagar.

— Eu sinto muito, Malu.

Eu assenti, e dei um passo atrás.

— Tudo bem, Teo. Eu só preciso ficar sozinha por um momento, ok? Além do mais, de jeito nenhum eu quero que você coloque em risco os seus negócios, pode ir, estou sendo sincera. — E estava mesmo. Se ele tivesse que ir novamente para outra cidade, uma na qual eles estariam juntos de

algum modo, que fosse, mas eu não queria me despedir como uma boba, como fiz na noite anterior.

Ele ficou apenas me olhando em silêncio, então passou as mãos pela milésima vez nos cabelos e fez que sim com a cabeça. Antes que eu esquecesse a mágoa, tudo, e o abraçasse apertado, virei e fui em direção ao meu quarto. Também não queria ver quando ele saísse, e nem queria ser aquela a dizer que ele não fosse, ou algo tipo. Eu não ia fazer isso, não podia. Quem deveria decidir essas coisas era ele mesmo.

Antes de sair da sala ainda dei uma rápida olhada para a porta, talvez, sei lá, esperando que ele dissesse algo? Teo estava encostado nela, de braços cruzados, olhando-me fixamente. Bom, ele realmente já tinha dito tudo, também, a bola estava comigo agora. De verdade, eu acreditava nele? Tudo indicava eu deveria acreditar sim, e eu provavelmente faria isso, mas eu já tinha sido magoada demais antes, e naquele momento, só queria pensar um pouco, sozinha. Eu queria também, talvez, dar um gelo nele de alguma forma, pelo que ele tinha feito. Quando entrei no quarto, minha cabeça latejava. Eu troquei o vestido por um

pijama e apenas me deitei, pensando, minutos depois, que não tinha ouvido a porta bater antes de ele sair.



Eu devo ter adormecido sem nem perceber, pois a próxima coisa que me despertou foi uma batidinha na porta. Sentei na cama meio atordoada, minha mente indo imediatamente para Teo e toda a nossa discussão. No entanto, quem pôs a cabeça para dentro da frecha da porta foi Stella.

— Malu?

— Oi, amiga.

— Você estava dormindo? Eu pensei... *tá* tudo bem? — ela perguntou, abrindo um pouco a porta.

— *Tá*, sim... eu acabei pegando no sono.

— E o Teo, vai ficar daquele jeito?

— Nós discutimos, e... enfim, eu estou muito chateada ainda, mas ouvi o que ele tinha para dizer. Vamos ver como tudo vai ficar.

— Não, você não entendeu... vem aqui, Malu. — ela pediu, com um meio sorriso, puxando-me pelo braço em direção à sala. Intrigada, fui sendo guiada por Stella, e quando cheguei à sala,

PERIGOSAS ACHERON

detive-me, pasma, sentindo meu coração dar uma cambalhota com a cena que encontrei ali.

Teo estava meio sentado, meio deitado no sofá, os braços cruzados sobre o peito, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, a cabeça virada na nossa direção, apoiada no encosto do sofá, os cabelos arrepiados em todas as direções... e profundamente adormecido. Seu celular estava do lado, a mochila preta aos seus pés, observei logo. Stella tocou no meu braço, tirando-me da sensação de enlevo que me envolvia, e eu pus a mão no pescoço, sem desviar os olhos dele, ali.

— Amiga, teu coração é de pedra, não é? Eu ouvi o que ele disse lá no bar. — ela sussurrou, como que para não acordá-lo. Seus olhos brilhavam para a cena.

— Não, amiga, muito pelo contrário. Na verdade, eu vou dar um voto de confiança para ele, sim. — sussurrei para ela, com se contasse um segredo. — É só que já sapatearam tanto no meu coração, sabe? Então não é tão fácil assim só fingir que nada aconteceu e outra vez um cara não me fez de boba.

— É, eu sei. Mas deixa eu te dizer uma coisa: esse homem veio como um desesperado atrás

de você. Não joga isso fora não.

Eu voltei a olhar para ele, mas não disse nada.

— E Malu...

— Sim?

— Aproveita que ele está assim ... — ela me deu um beijo na bochecha e disse baixinho: — E bota ele na linha, *tá* legal?

Stella sorriu e foi em direção ao seu próprio quarto. Sozinha com um Teo adormecido na sala, eu me aproximei devagar e sentei, bem de leve, ao seu lado, e fiquei admirando-o em silêncio. O rosto anguloso, os traços bem marcados, os lábios bem desenhados envoltos pela barba, tão loira quanto os cabelos e as sobrancelhas. Movi a minha mão e toquei seu lábio inferior de leve com a ponta dos dedos, e Teo abriu os olhos no mesmo instante, meio atordoado, piscando algumas vezes para situar-se. Retirei a minha mão, e apenas olhei para ele.

— Eu tenho o sono leve. — ele disse, ajeitando-se no sofá para uma posição mais sentada e passando uma mão no rosto.

— Teo, eu pensei que você iria para casa, se eu soubesse... — eu não continuei. Teria feito o

quê? Desculpado ele mais rápido? Chamado ele para ir deitar comigo? Estava tão confusa com tudo que estava sentindo em relação a ele.

— Você não ouviu o que eu disse antes?

— Você disse tanta coisa antes.

— Eu disse que eu não iria embora daqui enquanto você não entendesse e me perdoasse por essa idiotice. É o que estou fazendo, ficando até você entender.

— E você acha que dormindo aqui no sofá eu vou te perdoar?

— Na verdade, eu não pretendia dormir, estava dando um tempo e ia entrar naquele quarto, Malu. Eu não desisto fácil, você vai descobrir. — ele anunciou, semicerrando os olhos para mim.

— Você não tinha que viajar?

— Eu vou, preciso ir, mas... reorganizei umas coisas antes.

— Que coisas?

Eu o vi pegar o seu celular e discar, sem tirar os olhos dos meus. Logo, alguém atendia a sua chamada.

— Max? Então, preciso que você diga à Malu o que decidimos ainda há pouco. Sim, claro. Vou passar para ela. — muito sério, Teo estendeu o

PERIGOSAS NACIONAIS

celular para mim. Eu olhei para o aparelho e depois para ele, então peguei aquele maldito celular da discórdia.

— Alô?

— Oi, Malu, boa noite. É o Max, tudo bem?
— ouvi uma voz masculina grave e macia do outro lado.

— Oi Max, tudo bem, sim. Como vai?

— Você não me conhece pessoalmente, mas espero que esse cara aí perto de você já tenha falado de mim, porque eu seguramente tenho ouvido uma coisa ou outra sobre você. — ele disse, em um tom divertido. Eu dei um sorriso de leve. Max soava como alguém legal, com aquele tom de voz melodioso.

— Sim, eu também já ouvi sobre você, Max.

— Olha, eu estou a par do que aconteceu. — ele assumiu um tom mais sério agora, mais baixo. — E lamento que esse mal-entendido decorrente da viagem tenha trazido algum problema para você e o Teo, sinceramente.

Eu quase revirei os olhos com o uso do "mal-entendido". Homens e suas manias de não dar nomes certos às merdas que faziam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De todo modo, não estou aqui para repetir tudo o que o Teo já te disse. Não precisa, te garanto ele está dizendo a verdade. Eu só queria te dizer que mais cedo chamei a Suzana de volta ao Rio, ela não é mais necessária na negociação em Curitiba, e estará de volta em um voo logo cedo amanhã, então, o Teo estará sozinho nas duas reuniões que faltam.

— Max, eu... olha, não sei o que dizer. Você não precisa...

— Mas eu sei. Deixa esse cara te mostrar que fez uma bobagem e que está arrependido, pode ser? E acredite, eu estou apreciando muito isso Malu, então, não me decepcione. — ele deu uma risada, e eu não pude resistir e sorri também. Quando olhei para o Teo, sua seriedade tinha se transformado naquela carranca ameaçadora, que eu já estava habituada. Eu o ignorei.

— Vamos ver, tudo bem?

— Malu, eu precisava ajudar nessa situação com o meu parceiro, mas além de curtir o sofrimento de um amigo querido, também preciso que esse imbecil esteja bem para fechar o nosso negócio amanhã, então... não seja muito malvada, sim?

PERIGOSAS ACHERON

Eu decidi que gostava do Max, e sorri novamente. Teo estendeu a mão e pediu o telefone, muito mais sério ainda do que antes. Eu o ignorei novamente, e ele me fuzilou com os olhos. Dane-se.

— Eu não prometo nada, Max.

— Ok, então. Pode passar para ele, eu sei que ele deve estar soltando fumaça pelo ouvido agora. Faz assim, sorri mais uma vez comigo, só para deixá-lo mais puto ainda, por favor? — ele pediu, e eu não aguentei e dei uma risada baixa.

— Acabou? — Teo disse, entredentes, para mim.

Eu sorri mais uma vez e me despedi devidamente.

— Foi um prazer Max, e obrigada.

— Fica bem Malu, e entrega esse celular, por favor, antes que ele surte. — ele riu, e eu finalmente estendi a mão e entreguei o aparelho de Teo, que continuou a conversa com o amigo.

— Muito além do que o necessário, Max, mas obrigado de qualquer jeito. — eu o ouvi dizer, e fingi observar as minhas unhas, séria, agora. — Sim, eu não duvido. Tchau, cara.

Depois que ele desligou, ficamos nos

encarando.

— E isso tudo foi exatamente o quê, Teo?

— Minha demonstração de que não hesito em lançar mão de todas as armas quando estou empenhado em algo. E eu estou só começando, Malu.



Capítulo 34



Corro contra o tempo para te ver

Eu fico louco por querer você

Contra o Tempo

Rita Ribeiro

Teo

Situações desesperadas exigiam medidas desesperadas, não era esse o ditado? Pois bem, era mais ou menos a mesma coisa que eu achava: se você fez merda, corrija. Esse sempre foi um dos meus principais lemas na vida. Eu poderia até demorar a perceber quando estava fazendo uma burrada, como quando insisti em permanecer casado com Amanda achando que estava, de alguma forma, protegendo ou ajudando a minha filha a ser mais feliz.

Foram anos lutando contra o que não podia ser corrigido, mas quando eu finalmente havia notado que estava sendo cego, obtuso, além de um péssimo pai ao colaborar, sem querer, com o sofrimento de Julia... isso me arrasou. Eu decidi me separar em uma noite, e na manhã seguinte estava dando entrada no processo de divórcio. Simples assim. Ou seja, eu era um cara intenso, e fazia tudo desse jeito.

Então, eu tinha estado atento aqueles anos, e se eu tivesse que correr atrás rapidamente após uma burrada, era isso que eu iria fazer. Vacilar, a gente vacilava o tempo todo, mas se dava para arrumar as

babaquices, ou melhor, se valia a pena correr atrás do prejuízo, bom, eu nunca tinha tido problemas com isso. Era justamente isso que eu estava fazendo ali, após Malu ter me deixado sozinho e sumido no quarto. Não que eu fosse embora, iria dar aquele tempo para ela e depois iria dar as minhas cartadas para que Malu permanecesse comigo. Eu a queria, muito, e não ia deixar uma porra daquelas ferrar com o algo que eu queria tanto.

Depois que eu desliguei o meu celular, após falar com Max, saí da porta onde estive recostado e sentei no sofá. Dei um longo suspiro e recostei minha cabeça. Claro que eu tinha ouvido um monte de gracinha atípicas antes de ele finalmente se concentrar e fazer o que eu tinha dito: que Suzana viesse embora porque o que ela poderia ter auxiliado, do ponto de vista profissional, já estava feito, então não havia mais a menor necessidade de ela permanecer lá.

Suzana poderia reclamar, debater, dizer que da perspectiva do nosso trabalho, eu não poderia agir assim, e estaria certa, então, eu precisava agir com cautela para que ela não tivesse mais o prazer de estar ao meu redor, nem mesmo na empresa.

Atender a uma ligação pessoal do seu superior hierárquico, o que em última instância era o que tanto eu quanto Max éramos dela, era extremamente antiético e pouco profissional, e Suzana estava confundido as coisas descaradamente se achava que eu iria relevar aquilo daquela vez.

Ali, olhando para o teto do apartamento das meninas, pensei no que eu estava fazendo, como estava agindo: como um louco, era a reposta. O cara que só queria foder e estava correndo de compromisso nos últimos dois anos ou mais, estava aqui agora praticamente rastejando para uma mulher não o deixar. E sabe o que eu fiz? Eu ri de mim mesmo. Balancei a minha cabeça e ri sozinho.

Porque eu gostava das coisas claras, sempre gostei, era isso que me fazia dizer a uma mulher que queria uma foda de uma noite e talvez, apenas talvez, eu ligasse para ela novamente. Mas eu também era um homem que não estava interessado nos joguinhos, nas frescuras, eu queria, mas vou fazer cena, fingir que não estava interessado, para a mulher não achar que eu estava caído. Foda-se esse tipo de merda, isso não era para mim. Se a minha atenção fosse mesmo despertada, realmente, então

eu queria e ia pra cima com tudo. E eu queria aquela mulher furiosa lá no quarto, agora.

Isso queria dizer também que eu estava frustrado, cansado, contrariado, não necessariamente nessa ordem, mas acima de tudo eu estava impressionado. Eu já tinha percebido que a Malu era geniosa, que tinha o sangue quente, se impunha, mas eu realmente não estava preparado para aquela reação toda. Destoava de tudo que eu já tinha vivido, sorri, ao lembrar.

Eu sempre fui um cara que impunha minhas vontades e fazia do meu jeito, com a minha ex mulher, isso era natural até. Amanda tinha uma personalidade que se ia se ajustando ao meu modo de conduzir as coisas, e muito tempo com ela tinha me feito naturalizar essa minha faceta. Com as outras, depois, foi a mesma coisa. Casos rápidos, fudas aleatórias em que eu não precisava estar muito ligado na personalidade de nenhuma delas, apenas meu pau conduzia as coisas, muito obrigado.

Com Malu, desde o início, eu não mudei nada do que eu era, eu sabia que a minha personalidade era dominante, mas vinha percebendo, de modo admirado, que não estava

encontrando nela uma mulher passiva, e foda-se se isso não me deixava mais excitado e interessado ainda. Era o desafio, estava fazendo-me sentir vivo, entusiasmado depois de muito tempo, talvez até como eu nunca havia me sentido antes. Então, não seria aquele vacilo que ia foder comigo, não mesmo.

Não sei quanto tempo passou, mas estranhamente eu acabei dormindo naquela posição, porque a próxima coisa que me chamou atenção foi sentir um toque suave nos meus lábios, e quando despertei, Malu estava ali olhando para mim, surpresa, eu percebi, por eu não ter ido embora. Ela realmente precisava me conhecer melhor, se achava que eu iria.

Pus em prática o que tinha combinado antes com Max, como eu havia dito, eu precisava que ela voltasse a confiar em mim, mesmo que para isso eu tivesse que fazer coisa mais ou menos excêntricas, para não dizer ridículas, como ter que pedir a Max que explicasse a ela o fato de que Suzana não iria estar mais em Curitiba quando eu chagasse lá no dia seguinte.

Óbvio que eu me arrependi no mesmo momento em que vi Malu sorrir lindamente para

Max do outro lado, e depois rir! Rir, sendo que ela havia literalmente batido em mim mais cedo. Ok, tudo bem que isso tinha atiçado o meu tesão de uma maneira furiosa e sensacional, e se estava sendo difícil manter as mãos longe dela, naquele momento foi simplesmente impossível, mas isso não vinha ao caso agora.

A verdade era que ali na minha frente, ela estava rindo para o Max como se aquele imprestável fosse o cara mais engraçado do mundo, e ele definitivamente não era. Segurei a minha onda o máximo possível, no entanto, eu sabia quando devia recuar um pouco, e afinal ela estava sorrindo. Podia não ser para mim, mas já era um bom sinal.

Quando Malu finalmente entregou-me o celular, seu sorriso sumiu, e eu rangi os dentes, mas ainda assim não disse nada. Eu sabia que teria que me esforçar um pouco mais para que Malu esquecesse aquilo, e quando eu disse a ela que não hesitava em lançar mão de tudo que fosse necessário quando estava empenhado em algo, esse algo, era justamente *ficar com ela*, eu estava sendo absolutamente sincero. Ela que esperasse. Mas antes de tudo, para fazer isso, eu precisava saber com mais detalhes que caralho aquele miserável de

merda do Adriano havia realmente feito com ela, porque eu apostaria minhas bolas que aquele jeito esquivo e aquela reação também tinham a ver com isso. Menos mal que ele estava quieto, esses dias, ou eu saberia se não estivesse.

Malu me olhou de um jeito menos agressivo do que vinha fazendo até então, e soltou um suspiro cansado, cruzando os braços sobre os seios perfeitamente delineados naquela camiseta. Meus olhos foram para lá como se atraídos por um ímã, mas depois me obriguei a olhar para o seu rosto sério novamente.

— Então, o Max pediu à Suzana que retorne... — ela começou, com um olhar atento para o meu rosto.

— Eu determinei que a Suzana retorne, o Max só informou a ela nossa decisão.

— Por quê? Por que não você?

— Porque... — eu imediatamente mudei minha resposta para a sincera, e deixei a diplomática de lado. Se eu ia começar isso, ia fazer essa porra do jeito certo. — Porque eu estou muito puto com ela e no momento não estou a fim de ouvir sua voz. Qualquer contato que eu tenha com Suzana será via empresa, e quando ela estiver no

ambiente de trabalho.

Malu ouviu aquilo calada, mas seus olhos me escrutinaram detidamente.

— Já está tarde, Teo, você não pode ficar aí.
— Malu disse, por fim. — Esse sofá é muito pequeno para você...

— E o que você sugere? — eu questionei, meus olhos perfurando-a, e levei a mão à sua nuca, fazendo uma carícia leve. Vi quando sua garganta se moveu, afetada por meu toque, e minha vontade de beijar sua boca e estar dentro dela começou a atingir níveis alarmantes. Mas eu precisava ir com calma.

— Você gosta de tentar a sorte, não é? — ela ergueu uma sobrancelha para mim, ainda séria.

— Sempre.

Malu levantou, e eu segui meu olhar por seu corpo meio exposto naquele shortinho amarelo era muito curto e a camiseta de alcinhas, sem sutiã, onde eu podia ver claramente os bicos dos seus seios marcando o tecido, e meu pau claramente começou a se manifestar contra a minha decisão de ficar quieto. Mesmo que eu estivesse me esforçando para manter o meu desejo por ela quieto, amansado, ainda que ele rugisse. Mas

estava difícil... Puta merda.

Estiquei meu braço e a puxei devagar ao meu encontro, ela veio, uma mínima relutância, mas veio, eu a pus sentada sobre mim, suas pernas em cada lado do meu quadril. Malu continuava em silêncio, como se estivesse se debatendo em questões complexas, e eu não poderia deixar ela voltar ao estado anterior da discussão. Todas as armas, lembram?

Aproximei-me e coleí minha testa na sua, segurando firmemente os lados do seu rosto nas palmas das minhas mãos, meu nariz praticamente colado ao dela, meus olhos presos nos seus.

— Eu estarei de volta antes que você possa imaginar — eu prometi, nossas respirações misturando-se. Então, me apossei de sua boca porque não podia mais esperar, em uma necessidade alarmante e desconhecida. Eu senti, claro, o hesitar leve, a resistência em sua postura, e intensifiquei o beijo, exigindo mais, minha língua penetrando sua boca, buscando-a, e ela abriu os lábios com um gemido e me permitiu explorar sua umidade. Malu moveu-se de leve sobre mim, e eu segurei seu lábio inferior com os dentes, brevemente. Ela interrompeu o beijo bem devagar,

PERIGOSAS NACIONAIS

respirando pesado, e me encarou, repetindo o meu gesto. Suas mãos no rosto, me obrigando a enxergar no fundo dos seus olhos de chocolate.

— Não deixa eu me arrepender disso, Teo...
— ela murmurou, pesarosa...

— Isso não vai acontecer. — assegurei, espalmando minhas mãos em suas coxas.

— Nem pense em me esconder coisas, em achar que pode *você* decidir o que é relevante, o que não é, eu preciso saber e *eu* decido se é relevante ou não para mim ... Você entendeu isso?
— ela continuou, mas seu tom de voz era macio, ainda que incisivo, e ela continuava afagando meu rosto e passando os dedos de leve nos pelos da minha barba. A sensação era deliciosa, tanto quanto o seu peso me pressionando e me deixando cada vez mais insanamente consciente daquele local quente e íntimo dela colado a mim. Eu estava fazendo um esforço imenso, mas me concentrei na conversa séria e importante que estava acontecendo ali, e não nas sensações abaixo da linha da cintura.

— Claro, eu prometo a você.

— Essa *também* é uma daquelas promessas que eu quero que você cumpra. Eu vou exigir que você cumpra. — ela completou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou cumprir suas exigências...

Eu segurei o seu dedo que passava pelo meu lábio nesse momento, em uma carícia, e mordi a ponta de leve, lambendo-a em seguida, sem desviar os olhos dos seus. Malu entreabriu os lábios e ofegou um pouco.

— Teo... — ela chamou, enquanto eu sugava seu dedo, forte, ainda sem desviar os olhos dos dela.

— Sim... — minha voz era um rosnado, apenas, e eu voltei a atacar o dedinho impiedosamente. Ela se retorceu sobre mim, massageando meu pau no processo, lambendo os lábios vagorosamente, a ponta da língua aparecendo e fazendo meu cérebro começar um processo de curto circuito imediato.

— Vocês está entendendo mesmo o que está prometendo aqui? — Malu insistiu, numa voz enrouquecida. Sim, aquela era uma mulher arredia, mesmo. Eu então voltei a segurar sua cabeça, como estava fazendo antes, dessa vez beijando seus dedos bem devagar.

— *Você* é que não está entendendo o que está acontecendo aqui, moça. Não percebeu que eu não digo coisas em vão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela fez que sim, e virou a cabeça de lado para beijar minha palma.

— Tudo bem, então.

— Tudo bem? — eu repeti, esquadrinhando sua expressão, observando cada traço do rosto dela, seus cabelos desfeitos que me encantavam tanto. — Vou consertar as coisas, entendeu? É *uma* das coisas que eu faço de melhor.

Ela sorriu mais largo agora, e eu vi que podia respirar um pouco mais aliviado. Um pouco, só.

— Vou levar isso em consideração... Vem, Teo, se você não vai embora, eu não posso te deixar dormir aqui.

— Eu posso dormir com você, então? — eu arrisquei, com uma expressão, eu esperava, fosse necessitada e ansiosa o suficiente para que ela dissesse sim. Ela arqueou uma sobrancelha novamente.

— E onde mais você iria dormir?

Nos levantamos, sem demora, e eu a fiz subir em mim, levando-a junto, antes que ela mudasse de ideia, suas pernas ao meu redor, seu rosto escondido no meu pescoço, enquanto eu caminhava para o quarto.

PERIGOSAS ACHERON

— A palavra-chave aqui é dormir, tá? — ela disse, assim que nos aproximávamos da porta. Eu parei bruscamente, quase chocado, e busquei seu rosto, mas ela não estava sorrindo, ao contrário, parecia séria, calma, serena, olhando para mim.

— Malu, não faz isso... — eu gemi de frustração — Como você espera que eu durma?

— Teo, Meu Deus, vamos logo para cama e para de choramingar. — ela rebateu, lançando os braços sobre o meu pescoço, sorrindo. Eu sorri e soltei o ar pesadamente, abrindo a porta.

— Você está sendo malcriada, mas eu vou relevar... por hoje, ou teria que te punir por isso.

— Você quem sabe... Talvez eu apreciasse... — ela me provocou, dando de ombros, eu a beijei novamente, sorrindo em seus lábios. — Não é grande como a sua cama, mas vai ter que servir. — ela disse, assim que entramos no seu quarto.

Eu a pus com delicadeza no centro da cama, meu corpo sobre o seu, meu peso apoiado nos meus braços.

— Acredite, vai servir muito. — eu murmurei, beijando-a novamente com ardor. Malu segurou minha cabeça e retribuiu o beijo na mesma

medida, enquanto eu devorava seus lábios, e passava as mãos por seu corpo subindo a camiseta, expondo sua pele, enquanto explorava seu pescoço e sua mandíbula com pequenos beijos, lambidas e mordidas.

Paramos um momento e eu retirei minha camisa, apressado, meus pensamentos embotados de desejo e de ânsia por ela. Eu já estava assim em Curitiba, e depois de tudo que tinha acontecido, estava mais desesperado ainda. Sem camisa, comecei a puxar sua blusa, passando-a pela sua cabeça, e os seios de Malu ficaram livres à minha apreciação. E eu os apreciei devidamente, abaixando a minha cabeça e tomando um deles na boca, sentindo a textura, puxando o bico com os dentes, e depois sugando-o. Ela puxava minha cabeça, apertando-me de encontro aos seus seios, e eu atendi a sua necessidade, revezando minha língua quente e molhada entre um e outro, motivado pelos sons que ela emitia, se juntando aos meus.

Logo, estava puxando aquele shortinho enlouquecedor pelas suas pernas, soltei um gemido gutural quando percebi que ela estava nua por baixo, sem calcinha, sua boceta deliciosa exposta

para mim.

— Que porra, Malu, eu não iria raciocinar direito se soubesse que você estava assim... — eu disse, voltando aos seus seios. Ela sorriu, olhos fechados, passando as mãos em meus ombros, em meu peito, me incentivando a continuar com as carícias que eu ia descendo cada vez mais.

Malu segurou em meus cabelos, forte, e eu abri suas pernas e me delicieei em sua umidade, em seu gosto natural que me deixava mais desvairado ainda. Lambi-a com vontade, sem pressa alguma, exercendo pressão e depois desacelerando, dependendo do modo como ela estava reagindo. E ela estava reagindo muito. Escutei-a gemer, mais baixo do que o costume, mordendo os lábios, praguejar, me puxar, passar as unhas de leve por meus ombros, ora abrindo ainda mais as pernas, ora apertando minha cabeça entre elas, puxando os lençóis. Eu continuava me fartando dela, faminto, implacável, admirando, no processo, como ela perdia o controle. Era uma visão embriagadora, mais intensa e vívida do qualquer outra.

Usando as duas mãos, levantei sua bunda ainda mais do colchão, quase toda a parte inferior do seu corpo afastada da cama, e meio sentado, eu

passei minha língua nela de cima a baixo, enfiando-a em sua boceta molhada, fundo. Malu rolou os olhos e segurou sua própria cabeça, delirante. Aproveitei e passei a lambar um pouco mais abaixo... observando a sua reação, e passei o meu dedo lá, bem devagar.

Malu abriu os olhos, rapidamente.

— Teo... — ela disse em tom de aviso, num tom enrouquecido. — Não tente tanto a sorte assim, tá bom?

Sorrindo, eu dei de ombros e abaixei o seu corpo de volta na cama, passando a língua nos meus próprios lábios enquanto olhava-a. De joelhos agora, e tendo-a deitada esparramada abaixo de mim, comecei a abrir o zíper da minha calça jeans, rápido. E na mesma hora notei mudar um pouco a expressão embevecida de tesão para uma levemente apreensiva. Parei com a mão na calça, intrigado, então lembrei ... *Ah, merda...*

— Malu...

Ela me olhou com pesar, mas também parecia confusa.

— Você acha... — ela limpou a garganta, e começou de novo — Teo, você não acha que enquanto não resolvermos aquela situação... Bom,

não deveríamos fazer sexo sem camisinha?

Eu soltei todo o ar dos meus pulmões, e segurei a ponte do meu nariz, fechando brevemente os olhos. Sim, a questão da *possível* gravidez. Por um momento, lembrei de quando estávamos na sala e ela havia dito que não havia gravidez nenhuma. Impactado, achei que ela tivesse menstruado, e por isso tinha certeza. E o sentimento de desapontamento rastejou por mim, independente da minha racionalidade. Bom, não era o caso, então, era simplesmente que ela não queria que houvesse nenhuma. Eu precisava decidir, também, que porra eu mesmo queria ou não queria, porque aquilo estava me deixando louco.

Mas quer saber? Se Malu engravidasse, eu apreciaria. Sim, me levem ao psiquiatra, mas foda-se se a perspectiva de ser pai novamente não estivesse me atraindo naquele momento.

Mas eu sabia que o que eu realmente estava começando a desejar, era problemático, muito, pelo visto. De todas as formas, estava totalmente invertido da ordem que Malu tinha estabelecido para ela. Eu parei e então deitei meu corpo sobre o seu. Ela engoliu em seco, e abaixou a vista para a minha garganta. Quando voltou a me olhar, pareceu mais

firme.

— O que você acha disso? — ela perguntou.

— Não, Malu, não pergunte o que eu acho, agora. Você não vai gostar nem concordar com a minha opinião, e eu quero respeitar a sua vontade. — eu disse, com um sorriso de lado, mas sincero, abaixando e beijando-a na fronte.

— Teo, olha no que poderia dar, é algo muito... muito... — ela buscou uma palavra, cautelosa, então calou, e retornou meu beijo, no rosto. Eu resolvi poupá-la do desconforto.

— Eu sei o que você quer dizer, o risco é grande demais, eu não posso te submeter à perspectiva de lidar com algo que você não está preparada. Vamos fazer do seu jeito. — concluí, tentando ignorar a pontada de decepção no meu peito. Mas eu sabia que estava errado, a minha vontade ali não correspondia ao que ela estava esperando da vida naquele momento.

— Se não tiver problema algum, podemos continuar... Ainda não sabemos de nada, não é? — ela sorriu, como se estivesse me consolando.

— Sim, e como eu disse, não vamos nos preocupar antecipadamente — eu queria, mas não

pude deixar de soar um pouco amargo, e eu sabia que não tinha a merda do direito de me sentir assim.

— Eu vou à consulta, e dependendo do que ele disser, a gente pode voltar a fazer sexo sem camisinha sem problema algum...

— Ok, vamos fazer desse modo, Malu. É mais seguro para você. — assenti, minha testa tocando a sua, meus olhos fechando brevemente.

— Hum, ok... — Malu, afastou um pouco do meu cabelo que então caiu na minha testa. — Teo, eu acho que ainda assim, eu quero saber a sua opinião sincera sobre isso, nós acabamos de ajustar as coisas ali fora. Você prometeu que não me esconderia nada.

— Isso não é esconder nada, meu bem, é apenas te poupar de ter que lidar com o peso do que eu quero. Por que não é justo, não é? Não foi você que disse que tinha todo um planejamento em relação a isso? Eu respeito. — eu olhei para o teto, desgostoso do rumo daquela conversa.

— Do que exatamente você está falando? A possibilidade...

— Que droga, Malu, eu não estou falando *só de possibilidade*! — Afastei uns fios do seu

cabelo do rosto. Ela queria saber? Então, que lidasse com isso. — Eu estou dizendo, com todas as letras, que se dependesse só de mim, eu estaria profundamente enterrado em você e cada gota de sêmen meu estaria te enchendo agora. Nesse instante. Se então, você engravidasse, eu pularia de felicidade feito um louco, entendeu? Mas não é assim que as coisas devem ser feitas, o que você quer e precisa também deve ser levado em conta, então... — eu fiz uma pausa, observando sua expressão de perplexidade. — Eu sei que isso é uma insanidade minha, mas é assim que eu vejo as coisas agora, nesse momento. Não era assim antes de te conhecer? Pode ser, mas agora é. O que você vai fazer com a minha opinião sincera agora?

Malu engoliu várias vezes, sem dizer nada, então passou as mãos pela meus cabelos novamente, seus olhos estavam brilhantes.

— Eu entendo, Teo. E se você acha que a ideia de ter um filho seu me desagrada, fique sabendo que não. Não foi isso que eu quis dizer, muito pelo contrário. — ela segurou meu rosto e deu um beijo muito delicado nos lábios. — Eu amaria.... — Sussurrou para mim, com um toque de emoção que me desestabilizou por um segundo, e

PERIGOSAS NACIONAIS

senti minha garganta seca. — Seria muito louco apenas... deixar acontecer assim, é tudo muito novo, intenso entre a gente, e... Um filho é algo muito, muito importante para que nós apenas partamos do que queremos agora. Nesse momento, você diz, e depois? — ela murmurou, e eu entendi. Não gostei, mas entendi.

— Não estamos indo para o depois? — eu murmurei em seu pescoço.

— Eu acho que sim... — ela murmurou de volta.

Claro, ela estava certa sobre aquilo. Mas eu já disse que não desistia fácil? Não, não desisto fácil. Eu tinha dito que iria usar todas as minhas armas para ficar com ela, e iria mesmo. Se eu quisesse aquela mulher daquela forma que eu estava me sentindo, teria que lutar para provar aquilo, e mais, teria que começar a analisar mais profundamente o que era aquela sensação que, naquele momento, me fez apenas virar de lado e a puxar em direção ao meu corpo, ainda de calça, passar o braço por sua cintura e espalmar minha mão sobre o seu corpo.

Depois de uns segundos de silêncio, eu a chamei:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Malu...

— Hum? — ela parecia estar bem acordada, só muito quieta, pensativa.

— E se você já estivesse grávida de um filho meu? Só em hipótese, claro, sei que não é possível ainda.

— Aí, você poderia dar aqueles pulos de felicidade, não é mesmo?

Eu sorri, e fechei meus olhos, realmente exausto e com sono agora.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 35



*Eu acredito em você e eu
Eu acredito que nós estaremos
apaixonados eternamente
Bem, Até onde eu posso ver
Você sempre será o único para mim
I Believe In You And Me
Whitney Houston*

Malu

Eu senti algo quente, macio e que fazia um pouquinho de cócegas, no meu pescoço, e sorri antes mesmo de abrir os olhos.

— Ei... — eu disse, finalmente abrindo-os e sendo favorecida com a visão de Teo sentado na borda da cama, meio debruçado sobre mim, passando a mão nos cabelos molhados que estavam grudados na testa, a pele ainda úmida e repleta de gotículas de água, uma toalha em volta da cintura. Que delícia de visão...

— Bom dia, fiquei com pena de acordar você. — ele disse, com um sorriso lindo. Eu estendi a mão e toquei seu peito úmido, fazendo uma carícia leve com a ponta dos dedos. Adorava tocar sua pele, seus músculos... Sentir todo ele, na verdade, pensei, fitando o verde claro dos seus olhos, e os lábios que às vezes adquiriam um lindo tom rosado que poderia parecer pouco masculino em outros caras menos másculos que Teo, mas que nele era um elemento a mais no conjunto arrasador da sua beleza.

— Humm, acabou de subir ainda mais no meu conceito... — eu finalmente disse, tentando

PERIGOSAS ACHERON

disfarçar um pouco o modo como estava olhando para ele. A verdade é que desde o dia anterior, com tudo que Teo havia dito, eu estava com os sentimentos em ebulição, cada vez menos convencida do meu discurso interno de "é apenas atração sexual que você está sentindo". Era muito mais...

— Bom saber, estou querendo começar a cobrar seriamente mais benefícios desses meus pontos ganhos — ele sorriu maliciosamente.

— Não me faça retirá-los agora, seu ego já é grande o suficiente sem os meus elogios mesmo.

— Admito, mas é apenas *uma* das coisas grandes que eu carrego por aí.

— Você, hein... — rolei meus olhos, mas acabei rindo e tocando-a no rosto. — Mas eu tenho que admitir que é verdade.

— Agradeço por isso. Você vai ter que trabalhar agora pela manhã, não é? — ele perguntou, me dando um beijo de leve e levantando-se da cama em direção a sua bolsa sobre a poltrona. Começou a pegar roupas de dentro dela.

— Sim, mas hoje é quarta, vou para a clínica. Que horas sai o seu voo?

— Às 8 horas. Tenho tempo suficiente, é cedo. Campos está vindo me pegar aqui, e vai trazer umas coisas que eu preciso de casa.

Eu assenti, em silêncio. Ele afastou a toalha e eu fui recompensada com a perfeição que era aquele homem era nu: músculos na medida certa ondulando e se contraindo com os movimentos, o peitoral forte e amplo, a cintura mais estreita, aqueles pelos descendo, ficando mais finos em direção ao... Paraíso, sorri comigo mesma. Não tinha outra forma de definir.

— Fique me olhando assim e encarando meu pau desse jeito, e eu esqueço tudo sobre ser um cavalheiro, como fiz ontem à noite... — Teo disse, demonstrando que estava prestando atenção ainda que estivesse parecendo concentrado em vestir sua cueca boxer.

Alarguei meu sorriso. Estava me sentindo boba e feliz, tão diferente de como estava ontem à noite, quando achava que ele estivesse me traindo... Bom, ele poderia ter me traído, e eu seria uma boba por duvidar disso, por acreditar nele? Pode ser. Mas talvez eu realmente estivesse sendo muito dura em relação a comparação de situações em que fui realmente enganada, mas eu era assim mesmo, e

tinha reagido de acordo com o impacto que a situação com Teo teve em mim. Isso queria dizer alguma coisa. Muita coisa, na verdade.

Dei uma espiada no despertador sobre a mesinha. Ainda era bastante cedo, teria tempo de chegar à clínica com folga, então pus meu queixo sobre os joelhos e apreciei a vista devidamente, seria um pecado não fazer isso.

— Você só usa cuecas tipo boxer? — perguntei, dando um pequeno bocejo.

— Sim, são mais confortáveis. E as mulheres parecem gostar... — ele respondeu, então parou e me olhou, com uma leve careta depois de perceber o que dissera.

— Oi? Que mulheres, Teo?

— Era essa a razão, claro. No passado. Agora, você parece gostar, não? — sorriu docemente, e eu só estreitei um olhar de aviso para ele.

— Humm. Eu com certeza gosto.

— E é isso que importa, obviamente.

Levantei e fui em direção a ele, parando a sua frente e colando meus seios em seus peito nu, adorando a fricção.

— Não esqueça disso, querido. — Enfatizei

e dei-lhe um selinho. Teo soltou um suspiro longo, me apertando mais contra ele, e então me puxou antes que eu saísse.

— Não me provoque, mulher. Eu tenho um voo para pegar, estou na pedra, portanto, me aguarde quando eu voltar... — ele sussurrou no meu ouvido. — Faminto em dobro.

— Vou providenciar que você seja alimentado a contento, então... — eu prometi, no ouvido dele, e ri.

— Porra... Queria não precisar ir e passar o dia inteiro com você nessa cama. Ou na minha. Ou em qualquer lugar, eu dispensaria uma cama, na verdade.

Não pude evitar uma risada.

— Como você disse, estará de volta logo. Vou estar te esperando... — prometi, com intensidade — Vou tomar um banho. Não demoro.

— Ótimo. Levo você ao trabalho e de lá vou para o aeroporto. — ele deu um palmada na minha bunda, quando eu ia saindo.

No banheiro, enquanto a água caía sobre o meu corpo, fiquei parada olhando a parede em frente, mas sem realmente ver. Sentia-me bem, satisfeita, mas ao mesmo tempo aquela sensação de

estar faltando algo me deixava em alerta. Talvez não faltando algo, mas como se nem tudo estivesse completo. Eu bufei. As coisas estavam indo mais rápido e diferente do que eu imaginava de início. Tenho certeza que ele também. Então... Se jogar quando você sabe que é apenas físico, é uma coisa, mas cair de cabeça no que estava se transformando muito rapidamente em algo mais intenso que isso, era impressionante mesmo. Era quase assustador, tendo em vista que eu passei anos apaixonada por Adriano, por exemplo, antes de finalmente estarmos juntos, e aquilo ali com Teo, agora, era muito rápido, desenfreado, quase vertiginoso. Respirei profundamente, fechando meus olhos.

A conversa sobre a gravidez, a muito improvável gravidez, me deixou mais ciente de que as coisas entre a gente estavam mudando muito rapidamente, de forma acelerada e ainda assim, me deixava ao mesmo tempo feliz e com medo. Feliz de estar envolvida em muito mais do que imaginava com ele, e com medo de estar indo naquilo como um trem desgovernado, e trens desgovernados não tinham um final muito legal, todo mundo sabia. Saber que ele queria um filho comigo, que ficaria feliz com uma gravidez, tinha

causado um rebuliço enorme no meu coração, e me deixado com expectativas demais no nosso relacionamento, não dava para evitar.

Eu estava mesmo com medo de engravidar? Estava, não ia mentir. Mas não era aquele medo de antes, de arruinar minha vida, de não ter ajuda, de ter que passar por alguma dificuldade para criar um filho sozinha ... não, eu sabia, bem no fundo da minha alma, que Teo era justo o tipo de homem que não me abandonaria com um filho, e mesmo que não estivéssemos juntos, no futuro, ele apoiaria de todos os modos que importavam. Todos. Não, o problema não era aquele, o problema era de ordem mais... emocional. O que significava um filho entre um casal que não havia, ainda, estabelecido coisas essenciais? Eu precisava de mais, era isso que estava me segurando.

Meu sonho sempre havia sido ser mãe, mas eu precisava de amor, também, era isso... Desliguei o chuveiro e puxei minha toalha, pensando que aquelas dúvidas minhas não poderiam ser sanadas apenas com minhas reflexões e pensamentos, e sim com conversas e atitudes de nós dois daqui por diante.

Quando voltei ao meu quarto, Teo estava

sentado sobre a cama, já todo vestido, falando ao celular. Ainda assim, enquanto falava, se mexeu, indo se recostar no apoio da cama e ficou observando a minha movimentação pelo quarto, de toalha. Eu não o deixei ver o meu sorriso.

— ... Sim, avisei-o ontem à noite mesmo. Ele está disposto a alterar esse pequeno detalhe em relação ao horário. Faremos uma só reunião, almoçamos juntos e devo ter tudo resolvido e assinado antes da tarde. Ok. Você já confirmou que ela chegou, perfeito. — eu o ouvi falar do outro lado, e imaginei que fosse com Max. E não deixei de notar que aquele "ela chegou" poderia estar se tratando de Suzana, mas não me virei, apenas tirei a minha toalha e curvei-me para pegar sutiã e calcinha na gaveta de baixo. — Hum... isso. Sim... quer dizer, não, não.

Eu me virei e ele estava com os olhos cravados em mim, estreitos, e nitidamente tentando se concentrar na conversa enquanto tinha virado um pouco a cabeça para me ver abaixada. Ele não tinha jeito mesmo ... Vesti rapidamente a minha calcinha e o sutiã, sob seu olhar atento.

— Não, Max, não. Só me distraí um pouco aqui. — Teo sorriu, com ar malicioso, e cruzou os

braços sobre o peito. — Sim, foi isso. Digamos que estou obtendo resultados positivos, mas ainda há algumas coisas a serem feitas. E não, eu não vou discutir isso com você. Tchau, te ligo assim que chegar.

Vesti uma legging preta, meus tênis é uma blusa estilo bata, branca, como eu sempre costumava usar na clínica. Depois, só vestiria o jaleco cedido por eles. Fiz uma trança lateral nos meus cabelos, e apliquei batom leve. Enquanto isso, Teo me observava em silêncio, me deixando apenas ligeiramente incomodada com o que ele poderia estar pensando ali, calado e muito concentrado.

— Bem, vamos tomar um café? — eu disse, animada, pegando minha mochila. Ele finalmente levantou, me estendendo a mão.

— Vamos, eu não sabia onde vocês tinham guardado cafeteira e tudo, e nem queria que Stella me encontrasse sozinho remexendo na cozinha de vocês logo cedo, então... — ele sorriu, enquanto saímos do quarto.

— Stella não tem aula agora, então, não vai acordar tão cedo, e nós... Temos cafeteira, mas logo cedo assim eu prefiro tomar café fora. — expliquei,

dando de ombros.

Teo bufou ao meu lado.

— Preferia ter feito o café, mas tudo bem.

— Eu teria preferido o seu, também, tem uma padaria aqui pertinho e o café lá é maravilhoso...

— A que você se encontrou com o seu ex? Essa? — ele disse, calmo, enquanto estávamos descendo, pondo uns óculos de sol no rosto.

Eu não disse nada, só soltei um pequeno bufo de exasperação, enquanto íamos em direção à entrada do prédio.

Nós tomamos café rapidamente, afinal, não queria que Teo se atrasasse para o seu voo, e logo estávamos a caminho da clínica São Vicente, com Campos ao volante. Ele já havia confirmado o conteúdo de uma valise que o motorista havia trazido, juntamente com uma capa plástica para terno. Não demorou muito, e havíamos chegado, e quando eu me virei para sair, Teo já estava lá abrindo a porta para mim, claro.

Do lado de fora do carro, assim que me pus de pé, ele me puxou para o seu corpo, e passou o nariz de leve pelo meu pescoço, em uma carícia leve que fez minha pele arrepiar, e eu aproveitei

também para me deliciar com o cheiro dele.

— Você vai passar o dia inteiro hoje por aí, não é? — ele quis saber, quando voltou a me olhar nos olhos.

— Hoje sim.

— Malu, nós ainda precisamos conversar, você sabe — Teo me disse, passando o polegar levemente pelo meu lábio inferior.

— Sim, eu sei. — murmurei, me esticando um pouco e depositando um beijo em seus lábios. Ele aproveitou, passou o braço pela minha cintura e aprofundou o beijo, no final dando uma mordidinha no meu lábio, puxando-o um pouco. Bem ali, na frente da clínica! Rápido demais, no entanto, o beijo terminou e ele mexeu na minha trança.

— Preciso ir, mas ligo para você. E atenda o celular, por favor.

— Tudo bem, e nada de deixar seu celular perto de ex rancorosas, por favor. — eu rebati, com docilidade, e retribui a piscadinha. Ele me deu um último beijo e então, se foi. Eu ainda fiquei por uns segundos ali, vendo o carro se afastar, pegando na alça da minha bolsa e já sentindo uma saudade absurda dele.

A manhã passou normalmente, comigo

envolvida nas atividades da oficina de dança, e umas 10 horas recebi uma mensagem de Teo avisando que havia chegado bem. Eu sorri, respondi que estava torcendo para que desse tudo certo, e enviei aquele *emoji* que piscava com um coraçãozinho. Era só algo banal, um símbolo de celular que todo mundo usava aleatoriamente, então, eu não precisava me preocupar quanto a interpretações estranhas... Meu pensamento foi interrompido pela sua resposta: o mesmo *emoji*, sem nada mais. Eu sorri, embevecida, e quando olhei para cima, dona Hilda, uma das senhoras que participava da oficina de música que eu tinha na clínica naquele dia, estava me observando com um sorriso largo e uma expressão engraçada no rosto.

Estávamos sempre conversando, ela era uma senhora divertida, uma das mais velhas do nosso grande grupo, e ainda assim, sempre uma das mais ativas. Eu vivia dizendo que queria ter a alegria e o entusiasmo dela quando estivesse daquela idade. Eu esperava chegar à sua idade, primeiro.

— Que coisa linda... — ela murmurou, se aproximando de mim. — Eu costumava dar muito esses sorrisos, sabe, Malu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Esses sorrisos, dona Hilda? Como assim?

— Ah, minha filha, esses aí do tipo que você deu agora: sorriso de uma pessoa apaixonada. — ela disse, e riu, deliciada. Eu franzi o cenho, espantada com as suas palavras, mas dei um sorriso.

— Dona Hilda, a senhora hein? Não invente coisas...

— Não? Desculpe, Malu, mas sabe que nós idosos, na nossa condição, temos uma certa carta branca para agirmos de modo menos formal em algumas situações, e dizer e fazer coisas que não faríamos há umas boas décadas atrás. Eu, pelo menos, aproveito muito isso — ela cochichou, e nós duas sorrimos. — Então, vai me dizer que esse olhar e esse sorriso aí não é para um homem?

Eu me movi, meio desconcertada, coisa que nunca estava com ela, e aproveitei para começar a arrumar as cadeiras que tínhamos usado naquele dia.

— É, sim, a senhora acertou, mas...

— Eu sempre acerto, minha filha. Vejo essas coisas longe. E ele, é um homem bom para você, também está apaixonado?

PERIGOSAS ACHERON

Eu abri a boca, sem nenhum som sair. Então tive que rir da cara entusiasmada que ela estava exibindo.

— Não, dona Hilda, não tem nada disso! Nós estamos apenas começando o nosso relacionamento, sabe? E sim, Teo é um ótimo cara.

— Eu sei. Apenas começando, então... nada de sexo até agora? — ela voltou a sussurrar, então olhou em volta. Quando eu a fitei com fingido horror, ela levantou ambas as mãos em um gesto de declarada inocência — Eu disse, prerrogativas de gente velha. Eu uso bastante.

Rindo, eu cruzei meus braços para ela.

— Bem, teve sim... bastante, na verdade.

Ela deu uma risada alta, e eu acompanhei.

— Ah, meus bons tempos. Eu também era boa nisso, sabe?

— Eu não duvido nem por um segundo, dona Hilda ...

— Mas você não me respondeu... Ele também está apaixonado? Já disse isso para você? — ela voltou a atacar, e eu lembrei de novo das cadeiras, movendo-as, porque o olhar que ela me lançava era astuto e conhecedor. Para que eu tinha dado corda para aquela conversa mesmo? Suspirei.

— Não tem isso ainda, dona Hilda. Como eu disse, estamos apenas começando... Claro que gostamos um do outro, nos damos bem... de todas as formas, mas ainda não estamos falando de sentimentos, nem sabemos se... Bom. É muito cedo. — concluí, como se estivesse dizendo aquilo para mim mesma. Ela balançou a cabeça.

— Eu entendo... eu e o meu falecido José, que Deus o tenha, começamos a namorar, e umas semanas depois, eu sabia que estava perdidamente apaixonada, sabe? Ele também, é claro, até o último dia da vida dele... — ela suspirou, com saudade, um sorriso triste. — Não que nós tenhamos dito isso logo de cara, mas olhando para trás, nos outros quarenta anos que ficamos juntos, quase todos os dias a gente lembrava daquilo. No início, de tudo, de quando começamos a amar um ao outro... e, bem, no fim, ele disse que não havia me dito, como o idiota medroso que ele era, mas que soube instantaneamente, ele sempre soube...

Eu pisquei e engoli o bolo de emoção na minha garganta, meus olhos queimando, parada, olhando para ela. Então, ela fez um gesto com a mão, meio escondendo também a emoção do momento, e seu olhar perdido voltou ao meu,

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhado de um sorriso valente.

— Então, minha cara, tempo é algo que não diz nada sobre se apaixonar.

Eu mordi meu lábio, tocada, mas não podia dizer a ela que diferente da sua história, de tantas décadas atrás, eu e Teo não exatamente caímos de amores um pelo outro, mas que haviam outras partes do nosso corpo, que não exatamente o coração, mais envolvidos na maneira como estávamos levamos aquilo, de início.

— Que linda sua história dona Hilda, a senhora é uma felizarda, tenha certeza, pena que não acontece assim para todo mundo, não?

— Bem, verdade, não acontece mesmo. Mas, como eu te disse, eu sei reconhecer essa carinha aí quando vejo uma... — ela sorriu, deu um tapinha carinhoso na minha bochecha, e foi se afastando, devagar, em direção à saída. Quando chegou lá, virou e me encarou. — E Malu, ele era medroso, *mas eu não era*, e disse logo.

Eu a segui com os olhos, espantada em como aquilo tudo tinha de certa forma, batido com coisas que eu estava analisando, considerando, desde a noite anterior.

PERIGOSAS ACHERON



À noite, eu tinha tomado banho e estava sentada na sala, assistindo TV, mas não conseguia me concentrar em quase nada. As conversas com Teo, a noite que tínhamos passado na cama sem que nada acontecesse, e eu sabia que não tinha sido só o cansaço dele, já podia dizer isso daquele homem àquela altura, as implicações da possibilidade de uma gravidez, e aquela conversinha insidiosa com dona Hilda, que insistia em ficar rodando na minha mente... Eu estava inquieta, para dizer o mínimo.

Teo havia ligado, mais cedo dizendo que havia chegado no Rio, e por mais que eu estivesse louca para vê-lo, entendia que ele deveria ir para casa, descansar, organizar as suas coisas para o trabalho no dia seguinte, e nós íamos nos ver, de qualquer modo, na sexta, na minha consulta. Sabia que conversaríamos, e de certa forma, era um espaço de tempo bom para que eu colocasse algumas coisas em perspectiva, tentasse entender como eu estava me sentindo em relação a tudo.

No dia seguinte, nós nos falamos por telefone, no meu intervalo entre uma aula e outra, e

mais tarde, quando eu havia chegado em casa. Ele me falou sobre a viagem, que haviam confirmado a compra da empresa, e queria me falar sobre a conversa que ele e Max haviam tido com Suzana, mas isso era pessoalmente. Por fim, havia dito que Max queria comemorar, e havia marcado um jantar no apartamento dele e da noiva, no sábado, e estava *exigindo* que Teo me levasse. Eu sorri, e concordei em ir, claro. Ele era uma das pessoas importantes na vida de Teo e eu queria mesmo conhecê-lo pessoalmente.

Na sexta, eu tinha aula com Julia, e quando cheguei à frente da academia, fiquei realmente surpresa ao encontrar Teo ao lado dela, de braços cruzados, bem na entrada, me aguardando. Nós havíamos combinado nos ver à tarde, na hora da consulta, na verdade, então, ver ele ali me deixou espantada e feliz.

— Olá, vocês, bom dia. Não estou atrasada, não é? — eu levantei meu pulso e observei meu relógio. Mas não estava.

— Não, Malu, chegamos mais cedo, mesmo, e o papai queria te ver — Julia informou, maliciosa, antes de me cumprimentar com um beijinho e sair entrando com um "te vejo lá dentro".

Eu sorri, voltando a olhar para ele mais demoradamente, então.

— Oi, bom dia, uma visita inesperada... Adorei — eu disse, ficando na ponta dos pés para beijá-lo delicadamente nos lábios. Ele espalmou as mãos nas minhas costas e me puxou para ele, e eu fui envolvida pela sensação indescritível de estar colada ao seu corpo forte, de sentir aquelas mãos no meu corpo.

— Vem aqui e me beija decentemente — ele grunhiu, antes de tomar minha boca em um beijo firme, de língua, nada apropriado para a frente da academia àquela hora da manhã.

— Teo ... — eu ofeguei, quando recuperei a respiração, rindo da sua impetuosidade. — Estamos dando um show.

— Não me importo. E bom dia, Malu. — ele deu uma olhada demorada na minha camisa branca e larguinha de algodão que expunha um ombro, e na leggings vermelha que eu usava, mas não disse nada, apenas espalmando as mãos na minha costa e me levando para dentro da academia. Na recepção, Laila, a menina que sempre estava lá pela manhã, nos encarou e seus olhos brilharam interessados quando viu Teo. Ela estufou o peito,

pondo uma mecha do cabelo liso e preto atrás da orelha. Parei e dei uma espiada nele, muito discreta, eu esperava. Teo estava com as mãos no bolso, olhando interessadamente para mim, um sorrisinho nos cantos dos lábios. Laila olhou entre nós, desconfiada, e antes de passar minha digital, eu sorri para ele.

— Querido, vai me acompanhar até a sala?
— perguntei, com doçura, pondo uma mão em seu peito. Os olhos dela quase saltaram, mas imediatamente, se desviaram para o que quer que estivesse fazendo.

— Sim, meu bem, te levo até lá. Vamos. — ele disse. Eu pedi a ela que liberasse a trava lateral, e Teo entrou atrás de mim, um sorriso largo no rosto, enquanto íamos em direção à minha aula.

— Adoro quando você marca território assim. — ele provocou, abaixando-se para falar próximo ao meu ouvido.

— Eu aprendi com você.

Ele apenas sorriu e balançou a cabeça.

— Vou te buscar em casa e vamos para a clínica, Malu. Chego às 15h, tudo bem?

— Sim, vou te esperar. — a consulta estava marcada para às 16h, não era tão longe, então,

PERIGOSAS NACIONAIS

chegaríamos em um bom horário.

— Por falar nisso, você veio dou outro lado, não veio de carro? — ele quis saber.

— Pois é, meu carro está com defeito, tem mais de uma semana, na verdade, então... Vou precisar esperar um pouco para mandar arrumar.

Teo cruzou os braços, aquela postura e a mandíbula ondulando me dizia que ele não tinha gostado nada do que tinha ouvido.

— E por que só agora eu estou sabendo disso?

— Teo, eu não achei que precisaria te dizer que o meu carro quebrou, quer dizer...

— Você deveria sim. — ele resmungou. — Malu, faz assim, não deixa de me dizer essas pequenas coisas que você acha que não tem importância, mas... Droga, isso diz respeito à sua segurança, claro que eu quero saber!

— Mas não tem problema algum, todo mundo anda de ônibus e...

— Você não é todo mundo. Custa você me dizer algo, se eu posso ajudar?

Eu cerrei meus dentes com a sugestão.

— Custa, muito. Você não vai pagar nada disso para mim, Teo. Nem vem.

PERIGOSAS ACHERON

— Puta que pariu, que mulher teimosa...

— Não vai.

— Eu posso, então, pelo menos, te oferecer uma carona? Hoje, por exemplo, posso enviar o Campos para te pegar aqui quando terminar, ele te leva para casa, e depois eu pego você para irmos à consulta? Ou também é demais para a sua dignidade? — ele disse, verdadeiramente irritado, agora. Me deu vontade de dizer que era, mas antes que eu dissesse algo, ele continuou: — Malu, eu posso, por favor, pedir ao meu motorista que não vai estar ocupado com nada para mim o dia todo, que ele te pegue aqui quando vier pegar Julia?

— Julia vai com motorista para casa hoje?

— eu estreitei os olhos para ele, desconfiada.

— Vai, ela é tão teimosa quanto você, mas hoje ela vai. Então, pode ser?

— Ok, Teo, tudo bem. — eu cedi, suspirando.

Ele ainda resmungou algo, me deu um beijo rápido, soprou um beijo e deu um aceno para a filha alongando-se lá dentro, virou-se e saiu.



Estávamos quase na porta da clínica onde
PERIGOSAS ACHERON

eu tinha consulta com o meu ginecologista quando Teo me chamou, fazendo-me acordar dos meus pensamentos conturbados. Ele havia me buscado em casa mais cedo, e percebi que fizera uma pausa no expediente para estar comigo lá.

— Sim?

— Está tudo bem? Você me parece dispersa.

— Não, só estou ansiosa, claro.

— Ok. — ele disse, apenas, mas sua expressão não era das melhores, também. Percebi que ele parecia um pouco tenso, muito sério, mas também não conversamos muito no carro até ali, que tocava uma música linda, de sua cantora favorita — ele havia me dito antes — chamada Etta James, uma cantora norte-americana de jazz e blues. Eu já sabia identificar, agora, apesar de nunca ter sido exatamente uma apreciadora da cantora, justamente por não a conhecer, com certeza. Ela tinha uma voz rascante e forte, que arrepiava e nos fazia sentir a música no mais profundo da alma. Eu tinha perguntado, e ele tinha dito que era uma música chamada *At Last*, e imediatamente eu me apaixonei por ela.

O consultório do Dr. Paulo estava

relativamente vazio naquela sexta à tarde, na clínica, então eu e Teo sentamos um lado do outro, ele passou o braço por trás da minha cadeira e ficou observando o local. Eu havia, antes, ligado para a atendente do dr. Paulo sobre a possibilidade de ter o meu namorado acompanhando na consulta, e ela havia dito que não havia problema algum, principalmente pelo fato de que era muito mais uma consulta para tirar dúvidas, eu já tinha vindo recentemente à minha consulta e feito meus exames de rotina, mesmo.

As poucas mulheres que estavam por ali olhavam para ele com uma mistura de curiosidade, apreciação, e outras com evidente desaprovação. Eu rolei meus olhos internamente e peguei o meu celular para me distrair. Não demorou muito, afinal nós havíamos realmente chegado bem antes do horário, Simone, atendente do Dr. Paulo, chamou meu nome. Eu e Teo levantamos, e eu realmente comecei a sentir meu coração bater um pouco mais rápido com o que o médico iria dizer. Assinei as fichas, agradei, e antes de entrar, dei uma olhadinha para trás. Uma senhora com uma filha adolescente nos olhava verdadeiramente horrorizada agora.

Quando entramos, o Dr. Paulo, levantou-se com um sorriso e me estendeu a mão.

— Maria Luiza, boa tarde, tudo bem?

Ele era um homem jovem, na casa dos 30, usava óculos, tinha cabelos e olhos pretos e um corpo relativamente atlético. Lembro que ele me foi indicado por Stella, que já estava com ele há muito tempo, e ela havia me recomendado porque Paulo era um ótimo médico, e no processo, podíamos apreciar a vista. Eu retribuí o cumprimento com um sorriso, então me virei para um Teo de olhos fixos no médico, mas com uma expressão relativamente neutra e muito calma.

— Dr. Paulo, tudo bem, sim. Esse é o Teo, meu namorado, eu... nós temos algumas dúvidas e eu gostaria da sua opinião.

Ele estendeu a mão para Teo, que retribui a gentileza.

— A Simone me adiantou sobre isso. É algo muito bom, e que eu recomendo, inclusive. Vamos, sente-se. Teo, você pode sentar-se também, por favor. Me conte sobre suas dúvidas, Maria Luiza. — ele ofereceu as cadeiras à frente da sua mesa, e nós nos acomodamos.

Quando eu vi que o médico estava com a

mão no queixo, me encarando, eu engoli em seco e me perguntei se foi uma boa ideia ter aceitado o Teo vir. Uma coisa era discutir sexo com seu ginecologista homem, sozinha, outra era ter outro homem, o seu, no caso, bem ali do lado, ouvindo tudo. Mas vamos lá, era melhor daquele jeito, sim.

— Bem, doutor, o caso é o seguinte: eu e o Teo resolvemos... abolir o uso da camisinha. — eu disse, ajeitando meu cabelo solto atrás da orelha, mas encarando o dr. Paulo atentamente. Ele olhou entre Teo e eu, seriamente, antes de soltar:

— Vocês estão tentando ter um filho, no caso? — ele perguntou. Eu arregalei os olhos, e lancei um olhar de lado para Teo antes de responder.

— Não! Quer dizer, não era essa a intenção, nós apenas... — eu olhei para Teo e ele fez um ar de assentimento para mim. Eu suspirei, aliviada. Ele não tinha vindo até ali para ficar calado só ouvindo, essa era a intenção daquilo tudo.

— Bom, Dr. Paulo, eu sugeri isso, baseado em confiança mútua e pelo simples prazer da questão. A Malu continua usando anticoncepcionais.

Dr. Paulo deu um sorrisinho.

— Eu entendo, Teo. Vocês estão tendo relações sexuais sem camisinha, mas a Maria Luiza continua tomando a pílula, ok. Vocês estão cientes, no entanto, da falibilidade normal de todo método contraceptivo, não é?

Eu e Teo respondemos juntos que sim.

— Nesse caso, há um risco, pequeno demais, claro, mas não inexistente, de que você engravide, principalmente se você tomar a pílula de maneira irregular. Nesse caso, as chances de engravidar crescem um pouco mais. O grande problema, na verdade, está em não ingerir a pílula na hora exata, no mesmo horário, entendeu?

Eu engoli em seco novamente.

— Sim, eu estou ciente, mas o caso realmente é mais complexo que isso, e aqui está o motivo real de estarmos aqui: há treze dias atrás, contando de hoje, sim isso, no domingo, eu tive uma infecção de garganta e passei uns dias tomando antibióticos. Eu já tinha ouvido por aí que ele pode cortar o efeito dos anticoncepcionais, então... você pode entender o porquê de estarmos aqui. Quero saber até que ponto isso é verdade, e se preciso, você sabe... fazer algum tipo de teste... — minha voz quase não sai no final, mas eu lancei um

novo olhar para Teo. Em vez de estar olhando para o médico, ela estava me olhando fixamente.

Dr. Paulo ouviu tudo com uma ruga no meio da testa, então ajustou os óculos.

— Qual antibiótico?

— Amoxicilina.

Ele fez uma careta de leve e meu coração quase sai pela boca.

— Hum, sei. Veja bem, deixa eu te explicar.

Nessa hora, senti Teo cruzar as pernas na altura dos tornozelos e se inclinar um pouco mais para frente. Eu também fitei o médico, tensa.

— Alguns antibióticos podem realmente alterar significativamente os efeitos da pílula no corpo de uma mulher, mas isso depende de um número significativo de fatores. A grande maioria dos ginecologistas, e me incluo entre estes, não acredita que por si só o uso de antibióticos de modo geral pode promover esse "corte". — ele disse, olhando entre nós dois novamente. — O que acontece é que alguns, realmente, podem alterar esse efeito, e isso ocorre principalmente quando o medicamento destrói as bactérias que fazem as reações enzimáticas, que são responsáveis por estimular a liberação e ativação do hormônio

estrogênio.

— E isso quer dizer? — Teo disse, com voz grave.

— Bom, isso quer dizer que ainda que não haja consenso sobre isso, a amoxicilina é justamente um desses antibióticos que fazem parte de uma "lista" tradicional de possíveis remédios que podem reduzir, veja bem, não significa cortar por completo, mas pode reduzir o efeito do anticoncepcional. Depende muito do anticoncepcional, do organismo de cada mulher, etc... — Eu gemi internamente, e levei a mão ao pescoço. Misericórdia. Teo também não disse nada. — Malu, você costuma tomar as suas pílulas sempre no mesmo horário e nos dias certos, então, eu não vejo um problema muito grande aqui.

— Não.

O Dr. Paulo olhou para cima, pela borda dos seus óculos.

— Não?

— Não exatamente. Não ocorre sempre, claro, mas vez ou outra, na correria eu acabo esquecendo de tomar no horário. E... outro dia mesmo eu esqueci e depois tomei atrasada...

O médico recostou-se e ficou me olhando,

depois observou Teo. Não sei o que ele viu, mas suspirou e me mandou dizer exatamente quando eu havia começado a tomar os antibióticos, quando eu havia começado a transar sem camisinha, qual o meu último ciclo, e por fim, nos disse que só por via das dúvidas, nada mais que isso, iria pedir um teste de gravidez. Mas que ficássemos tranquilos que as chances não eram tão grandes assim, tendo em vista o pouco tempo dos eventos.

Eu então olhei de soslaio para Teo, e ele estava encarando o médico com uma expressão que eu não consegui identificar, depois voltou os olhos para mim. Eu mordi meu lábio e voltei a encarar O Dr. Paulo.

— Como eu disse, o risco é muito pequeno, mas por conta da sua ovulação, vamos fazer esse teste daqui a uma semana mais ou menos, ainda há uma chance de os níveis de hormônio, caso seja positivo, não estejam em quantidade suficiente, depende do dia da fecundação, se realmente houve, mas não acredito, pelos dias que você me passa aqui. E a sua menstruação, como você diz, está prestes a acontecer, não?

Eu só pude confirmar coma cabeça.

— Então, fiquem calmos e não se

desesperem com...

— Não estou desesperado, doutor, é exatamente o contrário. Só para constar. — Teo disse, com calma, mas incisivamente, para o médico, que assentiu, e me olhou, meio intrigado.

— Claro, não quis sugerir... Enfim, de todo modo, vocês ainda precisam esperar só mais um pouquinho.

Eu voltei a assentir, já não confiava nem na minha voz nem nos meus pensamentos, e olhei para Teo novamente. Ele agora me olhava com uma expressão diferente, como se estivesse me vendo de uma outra perspectiva, e eu fiquei ligeiramente ansiosa. Mas então, ele sorriu para mim e eu relaxei.



Capítulo 36



*Meus lábios procuram os seus,
Estou com fome do seu toque
Há tanta coisa que ficou sem ser dita
É tudo o que eu posso fazer, me entregar;
no momento, só me entregar.*

One Year Of Love
Queen



Claro que o "Dr. Paulo" não poderia ser um simpático senhor de uns 65 anos, careca e com uma barriga respeitável de cerveja. Não. Ele tinha que ser um cara jovem, sorridente, e que ficava fazendo charme com aquele óculos a cada 10 segundos, pensei, coçando o meu queixo lentamente.

Não que eu pudesse estar com ciúme do ginecologista da Malu, pelo amor de Deus, isso não, já era demais até para mim. Era só mesmo uma observação da minha parte. Mesmo que aquele cara estivesse, junto comigo, tendo acesso a partes de Malu que nenhum outro homem teria... Não, eu não ia por esse caminho fodido, já tinha me decidido. Ele era só um médico... Um que podia tocar nos seus seios, que podia enfiar os dedos... Cristo santo, para com isso, cara. Que babaquice do caralho.

Mas, só uma dúvida real: o que se passava

na cabeça desses caras nessas horas em que eles estavam com as mãos ocupadas assim? Eles eram profissionais, eu sabia disso. Aquele ali também era um, claro que ele era. E alguns eram gays, como o ginecologista que Amanda frequentou por muito tempo, que segundo ela, era gay, e por sentir-se desconfortável com ele, ela havia mudado para uma mulher. Mas algo me dizia que aquele cara ali não tinha um fio de cabelo gay, então, só por precaução, não custava nada olhar bem firmemente na cara dele, só para deixa-lo esperto.

Mas à medida que Malu foi falando, explicando, de forma às vezes meio desconcertada, eu fui me afastando desses pensamentos corrosivos e me concentrando cada vez mais no que ele dizia sobre a questão dos antibióticos *versus* anticoncepcionais. Entendi de imediato que ele não estava muito preocupado com que daquilo resultasse uma gravidez, e que pelo tempo em que as relações sem camisinha tinham ocorrido, era muito pouco provável que houvesse fecundação. Isso ia depender muito do ciclo de Malu. Bom, eu tinha aprendido bastante, isso era certo.

Enquanto ele ia falando, pedindo datas, explicando coisas, eu notava a preocupação dela ao

meu lado. Eu lembro de Malu ter me dito, quando eu sugeri que nós abandonássemos a camisinha, que nenhum método era totalmente confiável, e até ter levantado a hipótese de falhas. Mas com certeza ela não estava contando com uma interferência, e como a maioria das mulheres, de acordo com o que o médico estava dizendo agora, confiavam, e com razão, na eficácia do uso da pílula, isso estava claro para mim.

Quando ele havia sugerido um teste, apenas para assegurar-se, mas que tinha quase certeza que não havia gravidez, eu senti meus músculos se contraírem, de tensão e expectativa. No entanto, por tudo que ele havia dito, eu estava saindo dali quase certo de que realmente estava tudo bem. *Bem, para quem?* Para ela. Era isso que importava, eu pensei no exato instante em que ele falava sobre o teste, e em como ele aconteceria nos próximos dias, apenas.

Não pude evitar intervir na sua fala quando ele deduziu, a julgar talvez pelas expressões de Malu, que ambos estávamos preocupados, desesperados com um resultado positivo. Idiota, se eu fosse um cara preocupado com um resultado positivo de uma gravidez provavelmente nem

estaria ali ao seu lado olhando para sua cara e ouvindo tudo interessado.

Era uma loucura minha querer um filho agora, uma ânsia que poderia estar ligada ao fato de que eu queria Malu por mais tempo comigo, que eu não estava preparado para de algum modo não tê-la mais na minha vida, então, aliado ao fato de que eu amava crianças, muito, e mesmo nem tendo noção disso antes, eu queria agora outro filho, eu tinha começado a ficar meio obcecado desde que ouvi aquilo.

Mas eu entendia Malu completamente, agora. Eu estava, com toda certeza, impondo, ainda que não conscientemente, o meu desejo sobre as suas vontades. Era frustrante para caralho, tinha me deixado com um gosto amargo de desapontamento na garganta, mas... Talvez tivesse muito a ver com o que ela tinha dito naquele dia: o tipo de relacionamento que deveria estar alinhado com a sua ideia de maternidade.

Em determinado momento, parado ali, eu meio que perdi o que ambos estavam dizendo, e olhei para Malu ao meu lado, mexendo no cabelo e conversando com o médico. Como ela ficaria grávida de um filho meu? Com toda a certeza mais

linda do que já era, isso eu podia apostar. Imaginá-la com o corpo sendo transformado lentamente, arredondando-se mais... Seria maravilhoso.

Então ela me pegou olhando para ela, e eu sorri para não a preocupar e, também, para não demonstrar o que eu estava pensando, querendo, torcendo, porque não era mesmo justo. Eu precisaria me empenhar em tê-la comigo, não queria fazê-la sentir-se amedrontada ou inclinada a isso por conta de uma gravidez. Às vezes, eu queria que o meu lado impulsivo se sobressaísse, como naquele momento... poderia carregá-la dali, agora, aproveitar e engravidá-la de uma vez, como o homem das cavernas rugindo em mim estava exigindo. Mas esse lado não levaria em conta o que ela queria, então, melhor acalmar esse monstro e focar em tentar entendê-la, para mantê-la comigo.

Estiquei a minha mão e peguei a dela, e Malu me olhou e sorriu como se soubesse exatamente o que eu estava tentando transmitir. O médico concluiu suas orientações, pediu que ela ficasse atenta a qualquer mudança hormonal ou a data da sua menstruação, que agora eu já sabia, e marcou a data para que voltássemos para o teste. Ok, eu já tinha determinado como agiria em relação

aquilo, mas não pude evitar a pequena sobrecarga de adrenalina que passou a girar no meu sangue. Mesmo que meu cérebro estivesse dizendo para eu me aquietar em relação aquilo.

Quando saímos, ainda estávamos de mãos dadas, já que eu não soltei sua mão desde que levantamos e nos despedimos do Dr. Paulo, que era bem alto na verdade. E sorria muito, na minha opinião.

Caminhamos em silêncio até o meu carro, e depois que Malu estava acomodada, eu assumi o volante.

— Você ainda precisa ir a algum lugar? — eu quis saber. Precisava dar um jeito de resolver aquela questão do carro. Claro que nenhuma das alternativas que estavam passando pela minha cabeça ela aceitaria. Merda. Aí, como a minha mente era uma porra mesmo, eu pensei em tudo que ela fazia, nas danças, em possíveis quedas, andando sozinha por aí, e se ela tivesse mesmo... Não. Eu não ia ficar louco com aquilo. Não ia mesmo. Pelo menos não por enquanto.

Ela estava mexendo no cabelo, um pouco tensa, e eu queria tirar aquela tensão de alguma forma.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não tenho mais nada para fazer hoje, na verdade.

— Ótimo. Vamos para casa, se você estiver bem, poderemos conversar.

— Sim, tudo bem. Mas você não precisa mais trabalhar ou algo assim?

— Não por hoje.

Ela balançou a cabeça em concordância, e recostou a cabeça no encosto do banco, me dando um sorriso meigo. Eu apertei sua coxa, através do vestido que ela usava, e voltei minha atenção para o trânsito, minha cabeça cheia de pensamentos conturbados, todos envolvendo Malu e o que eu esperava daquela relação, futuramente. Algo completamente diferente do que eu queria há pouco tempo.

Em casa, nos acomodamos na sala. Aquele horário, Julia ainda estava na escola e só chegaria mais tarde. Dona Amélia, que costumava vir na sexta à tarde e ir embora pela manhã, não viria naquele fim de semana, então, tínhamos a casa apenas para nós dois. Me dirigi ao aparador com algumas bebidas e peguei dois copos. Então, parei, com a garrafa no ar. Malu estava sentada, com as pernas dobradas, sem sandálias, me observando.

PERIGOSAS ACHERON

Afastei o outro copo e servi apenas um para mim, só por via das dúvidas.

Voltei e sentei, meio deitei, no sofá em frente a ela, pernas afastadas e bebericando meu uísque. Só uma dose, porque eu ia precisar.

— E então, do que a gente fala primeiro? — eu disse, sério, e ela riu, do nada, divertida. Sorri, também, e cruzei meus braços.

— Tanta coisa não é? Mas vamos pelas prioridades. — Malu disse, se recostando no "braço" do sofá, e então mudei de ideia e fui sentar-me ao seu lado. Logo, ela deitou com a cabeça no meu colo e eu fiquei mexendo em seu cabelo, rodando o conteúdo da minha bebida no copo, enfiando meus dedos por seu couro cabeludo, fazendo pequenas massagens circulares, como eu costumava fazer com Julia.

— Então, sobre a consulta... O que você achou? — ela iniciou, pondo a mão na minha coxa, e encolhendo as pernas.

— Depende. Você está falando do conteúdo da conversa em si ou do médico?

— Sobre o que ele disse, Teo. Porque eu iria querer saber sobre o... Eu simplesmente não acredito. — Malu gemeu, e pôs a mão na testa em

sinal de cansaço. Então sentou-se, me encarando.
— O que tem o Dr. Paulo, Teo?

— Nada. Eu disse alguma coisa sobre ele?

Ela cerrou os olhos, me analisando em silêncio, como eu não disse nada mesmo, voltou a deitar-se.

— Então, me diga, o que você achou do que ele disse? — ela murmurou, fazendo desenhos geométricos na minha coxa, com a ponta do dedo.

— Não tem muito o que achar, Malu. Ele foi bem claro. Praticamente não existe a chance de você estar grávida, é muito cedo, esse teste será apenas para não deixar qualquer dúvida. — eu encolhi os ombros e voltei a beber. — É isso, nada mais.

— É, parece que sim.

Ficamos em um silêncio calmo, ela fazendo aquelas formas na minha perna, eu massageando suavemente sua cabeça, até que pus o copo na mesinha ao meu lado e soltei um longo suspiro.

— Malu, te peço desculpas.

Rapidamente, ela virou, ficando agora de frente para mim, uma fisionomia intrigada no rosto.

— Desculpas, pelo que, Teo?

— Por de certo modo te pressionar com o

meu desejo meio apressado e até egoísta, de ser pai agora. Eu, no fundo não estava levando muito em conta os teus desejos, então... — eu passei as mãos nos meus cabelos. — Nós podemos voltar a usar a camisinha, sei que você vai se sentir mais segura, pelo menos até passar esses possíveis efeitos do remédio no teu organismo.

Ela ouviu o que eu disse, e baixou os olhos, os cílios escuros não me permitindo ver o que realmente se passava por eles.

— Você não precisa pedir desculpas. De verdade. Eu concordei completamente em fazer sexo sem camisinha com você, lembra? E realmente a possibilidade de engravidar usando camisinha, bem, a gente sabe que existe por aí, já ouviu falar, mas não é *real*, sabe? Parece aquelas coisas que nunca vão acontecer com você, até que haja um imprevisto, algo fora da curva, como essa questão com os antibióticos, aí sim... Eu vi que poderia ser real, e só aí me assustei.

— Eu entendo. Tinha pensado sobre isso, também.

— É, então... Não tem um culpado aqui. E quando eu digo que me assustei...

— Não, você não precisa explicar nada

disso para mim, já disse. — eu a interrompi, suavemente. — Eu compreendo. Parece que cada vez que você tem que me explicar porque não quer engravidar agora, é como se estivesse pedindo desculpas por não querer o que eu quero, e isso é foda. Não quero que você se sinta dessa forma, não quero alterar o que quer que você tenha planejado. — confessei, por fim, sentindo novamente aquelas sensação de frustração e um certo medo que vinha não sei de onde. Eu nunca me senti assim antes.

Malu ficou calada olhando para mim, e assentiu, como se entendesse e concordasse.

— Talvez a gente precise resolver questões que ainda estão... Sei lá, pendentes. Talvez nós precisamos definir coisas conosco mesmo, antes de pensarmos em termos um filho, não é? — Malu finalmente disse, depois daquele silêncio, com uma voz baixinha, me olhando. Eu engoli, e passei o dedo delicadamente por seu queixo.

— Talvez, sim. — eu disse, percebendo o tom estranhamente solene da minha própria voz, e curvei-me para beijá-la.

Saboreei seus lábios de uma maneira lenta, quase reverente, e então abri os olhos, com nossos lábios quase ainda praticamente colados, olhando-a

de olhos fechados, os lábios entreabertos esperando o meu beijo. Malu percebeu que eu não a beijava mais e abriu os olhos. Eu dei então um selinho nela e voltei a minha posição sentado.

Pigarreei para clarear minha garganta, e voltei aos movimentos circulares na sua cabeça.

— Isso quer dizer, nada de pirar com uma possível criança, não é? — eu sorri. Malu me acompanhou, abrindo um largo sorriso.

— Nada de pirar tipo não me oferecer uma bebida, tipo isso? — ela questionou, arqueando uma sobrancelha para mim. Droga, ela tinha percebido.

— Eu já te disse que eu sou um homem precavido, só isso.

— Sei...

— Vamos esperar esses exames, mas nada de ficar colocando expectativas nisso. Nesse caso, tem uma questão muito séria que você ainda não me respondeu: voltamos à fase da camisinha? — eu fiz uma careta.

— Você ouviu o Paulo, nós podemos...

— *Quem?*

— O Dr. Paulo, Teo. Quem mais?

— Certo. Continue.

Ela franziu o cenho, mas deixou aquilo de lado.

— Você o ouviu, se nós estamos em um relacionamento estável, e confiamos um no outro, não tem problema algum, contando que eu esteja ciente de tomar a pílula certinha, e que há essa ínfima mas real possibilidade de gravidez... Apenas, por enquanto, devemos evitar por conta do remédio e do que ele pode ter causado no meu organismo.

— Sim, eu entendi isso. Então, voltamos a camisinha. Tudo bem. — disse, gemendo de frustração por dentro.

— Você vai uivar para lua? — ela provocou, tocando meus lábios com a ponta dos dedos.

— Provavelmente. Malu, deixa eu te perguntar... Há quanto tempo mesmo você consulta com esse médico? Quer dizer, eu só estou curioso. — eu me defendi quando ela virou-se para me encarar com expressão de repreensão. — É um profissional de confiança, você já disse isso, só quero saber mais sobre ele.

— Ah, é, certeza que é por causa disso...

— Não é? É claro que é. — afastei seu

cabelo do rosto, em um carinho leve. — Eu gostei dele, só queria me informar mais.

— Por que eu não acredito nisso? — ela murmurou, mas parecia mais divertida que irritada.

— Por que você está inclinada a pensar sempre o pior de mim, nesse casos? Nem tudo é ciúme, eu só gosto de estar a par das coisas.

— Ok, Teo. Vou fingir que eu sou uma idiota, agora. E para saciar sua curiosidade, eu consulto com ele desde que vim para cá, uns 3 anos, acho. Ele é um ótimo médico, como você viu.

Sim, eu vi.

— E como você chegou a ele?

— Ele também é o médico da Stella.

— Hum.

— Satisfeito?

— Sim. — eu grunhi, e satisfeito era a última coisa que eu estava.

— Mas me diga você... Como foi a sua conversa com a Suzana? — Malu perguntou, levantando da minha perna e ficando ao meu lado, de pernas cruzadas, para me ver melhor. Sentei-me de frente para ela, consciente da importância daquele papo. Lembrei imediatamente da expressão de lamento, quase chorosa, de Suzana, quando eu e

Max a chamamos na sala de reuniões. Não me comoveu nem um pouco.

— Bem, como eu te disse, eu não atendi a nenhuma ligação dela, apesar de ela ter feito várias desde que havia chegado aqui.

— Ela te ligou? — Malu repetiu, parecendo enfurecida.

— Claro, queria pedir desculpas, como disse pessoalmente ontem. De qualquer modo, conduzi nossa reunião e a deixei saber que aquele tipo de comportamento não seria tolerado na empresa, se ela ainda quisesse permanecer ali.

— E ela aceitou isso assim numa boa?

Eu estava com uma sensação de *deja vú* do caralho, com aquela pergunta, e Malu devia estar ciente disso, pois notei a acidez proposital do seu questionamento. Mas daquela vez, eu não ia fazer merda, iria ser totalmente sincero e contar o que tinha para contar.

— Não, claro que ela tentou argumentar, dizer que aquilo não tinha nada a ver com o trabalho, que não podia ser punida por aquilo. Eu e Max precisamos levar isso com cautela, mas a deixamos consciente que interferir na vida pessoal do seu superior hierárquico não é o melhor

exemplo de profissionalismo.

— Mas ela deve ter alegado que você deu margem... Ou não?

— Nem poderia. — eu disse, de modo firme. — Mesmo enquanto estivemos juntos, eu nunca permiti que nada, absolutamente nada não profissional acontecesse dentro da empresa. Não sou um imbecil e ela sabe disso. O certo é que dei um ultimato a ela: qualquer ação fora do que seja esperado dela ali estritamente como funcionária, não será permitida. E para reforçar isso, ela foi realocada para um setor diferente da empresa, e não teremos mais que lidar com ela diretamente.

— Então...

Suzana parecia ter ficado devastada com a notícia, ela prezava muito a posição que havia alcançado ali, mas apenas voltou a reiterar o seu arrependimento pelo que fizera, me pedindo sinceras desculpas e prometendo que nada mais daquele tipo aconteceria, antes de levantar-se e sair da sala. Eu apenas acenei com a cabeça para ela, nem um pouco inclinado a dar qualquer sinal de que nos entenderíamos sequer como amigos no futuro. Era melhor assim.

Malu assentiu, suspirando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E do ponto de vista pessoal, ela está bem ciente de que não há mais nada entre vocês?

Eu não disse? *Deja vú.*

— Malu, eu já havia deixado isso claro antes, mesmo que ela tenha ignorado. Mas se não for suficiente, atendo o telefone e deixo claro novamente. Porque encontrar-me com ela para dizer isso, está fora de cogitação.

— Eu saquei a indireta, Teo. Bom, parece que esses ex das nossas vidas não são muito bons em entender as coisas, não é? — ela disse, com um suspiro de exasperação.

Eu a fitei, e entendi que precisava, pelo menos inicialmente com palavras, deixar outro ponto muito claro para ela.

— Só para constar: Amanda também não significa mais absolutamente nada para mim, espero que você saiba. — eu disse, observando sua postura. — Talvez, a julgar pelo que tenha acontecido aqui, eu cheguei à conclusão que me acomodei, que deixei-a muito à vontade e não fui mais enfático em determinar exatamente o seu lugar na minha vida, que é apenas como mãe da minha filha, mas agora, tenho toda a intenção de fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, estou contando com isso, Teo. — ela disse, seriamente.

E pretendia mesmo fazer exatamente aquilo. Só em pensar que Amanda poderia novamente ter aquele tipo de comportamento com Malu, eu ficava furioso.

— Você nunca mais teve notícias daquele cara, não é? — eu a sondei, examinando detidamente seu rosto. Eu já sabia muita coisa sobre ele àquela altura, mais do que ele imaginava, e o que tinha descoberto, também com a ajuda de Diego, me deixava com uma vantagem interessante caso ele voltasse a importuná-la de alguma forma.

— Não, graças a Deus!

— Bom. — eu fitei seus lábios carnudos demoradamente, e sem poder mais resistir, puxei-a delicadamente pela nuca e devorei-o. Malu veio com um gemido baixo, abrindo a boca para mim e me permitindo tomar sua língua, que eu suguei lentamente.

Ficando rapidamente mais excitado do que poderia pensar, interrompi o beijo e me pus de pé, puxando-a junto pela mão.

— Vem... — rosnei, sem poder me controlar por mais tempo, ou ia surtar. Malu veio,

rindo.

— Aonde nós vamos?

— Se você não sabe, é porque eu preciso te relembrar com bastante empenho. — eu retruquei, encaminhando-a pelas escadas rumo ao meu quarto. Julia poderia chegar a qualquer momento e eu não queria traumatizar minha filha com a visão que ela teria ao abrir a porta, se eu ficasse ali.

Mal chegamos ao meu quarto e eu comecei a beijar Malu como se realmente estivesse há semanas sem ela. Sorrindo nos meus lábios, ela ajudava abrindo a minha camisa enquanto eu descia as alças do vestido comprido e floral que ela usava.

Nossas roupas rapidamente foram parar no chão, e eu passei pelo seu corpo parcialmente despido diante do meu, com mãos, lábios e língua. E com Malu apenas de sutiã e calcinha, eu a admirei, extasiado, restando meu ímpeto momentaneamente. Como eu pude um dia pensar que chegaria o momento que eu me cansaria disto? Que não sentisse mais esse desejo estupendo por ela? Eu era realmente um idiota se achava isso, pensei, empurrando-a delicadamente na direção da cama.

Com os olhos fechados, os cabelos

espalhados, os lábios entreabertos, o corpo respondendo ao meu de uma forma como nenhuma outra mulher havia feito, ela era uma visão que eu queria para sempre na minha vida. Mas não só ali, na minha cama, e isso me abalou de um modo profundo, como havia acontecido no sofá, poucos minutos atrás, só que agora aquela constatação havia entrado na minha mente feito um furacão, me deixando ligeiramente atônito.

Então eu me abaixei e a beijei novamente, afastando as alças do seu sutiã e passando a massagear com mãos e língua os seus seios redondos e cheios que me deixavam louco. Num impulso fiquei de joelhos e comecei a abrir o zíper, mal conseguindo conter a ereção que ameaçava romper a frente da minha calça. Malu lambeu os lábios, me olhando ansiosa, o que elevava meu tesão às alturas.

Assim que consegui tirar a calça, sob o olhar atento de Malu, meio me desequilibrando na pressa, fiquei sobre ela, cobrindo-a com meu corpo, completamente, o rosto à altura do seu, nossas testas coladas.

— Lembra do que eu disse? — eu grunhi, aproveitando e fazendo um círculo com a língua,

depois de morder um pedacinho da sua orelha. Ouvi o gemido longo de Malu, e como ela moveu-se embaixo de mim, tão necessitada quanto eu, a julgar pela forma como me puxava, acariciava meu rosto, meus ombros, passava a mãos nos pelos do meu peito sofregamente.

— Ai Teo, você me diz tanta coisa... — ela tropeçou na palavras, quando eu me movi do seu pescoço exposto para os seus seios, seguindo rumo ao seu estômago.

— Retenha o essencial... Eu disse que voltaria *faminto de você*.

— Alimente-se, então. Me devore... — ela gemeu, movendo os quadris de modo insinuante, os olhos pesados de desejo nos meus — Por favor.

Espalhei beijos úmidos e lambidas leves por seu estômago, até deter-me sobre a parte baixa do seu abdômen, e então parei, espalmando minhas mãos abertas, passando a cobri-lo de beijos e, enquanto Malu acariciava os meus cabelos, não pude evitar pensar em quando realmente haveria uma parte minha ali. Uma parte nossa. E então, rapidamente afastei esses pensamentos e me concentrei em dar prazer a ela, o que significava também obter o meu próprio prazer.

Realmente faminto, espalhei as pernas de Malu e me concentrei na tarefa deliciosa que eu tinha pela frente, usando a minha língua e os meus dedos para deixá-la pronta para mim, apesar do meu quase desespero por estar dentro dela. Intensifiquei meus golpes de língua em seu clitóris, enquanto a levava rapidamente ao orgasmo, que ela alcançou segurando firme em meus cabelos, enquanto eu continuava lambendo-a, sentindo seus tremores com meus dedos e na minha língua.

Malu ainda estava com os olhos fechados, meio letárgica, e havia virado de costas na cama, em uma posição que me dava uma visão privilegiada da sua bunda no ar, do espaço entre as pernas entreabertas. Sem demora, eu saí da cama e peguei umas camisinhas que ainda restavam na mesinha de cabeceira. Bom, já que vocês estavam de volta, eu teria que comprar mais, pensei, voltando para o lado dela e estendendo o meu corpo atrás do seu. Afastei seus cabelos do pescoço e mordi seu ombro, passeando com meus lábios naquele espaço que eu sabia, era uma das suas fraquezas.

— Camisinhas na área, novamente. — murmurei, segurando seus seios, apertando os

mamilos de leve. Daquele jeito, cada parte do corpo de Malu estava colado ao meu, e meu cérebro estava conjurando tantas imagens que poderiam vir daquela posição, com a sua bunda esfregando meu pau daquela forma, que eu duvidava que ele não fosse entrar em combustão.

Malu deu um sorrisinho e virou a cabeça de lado para me dar um beijo. Beijando-a, fui descendo uma das minhas mãos pela frente do seu corpo, logo alcançando sua boceta ainda muito úmida e inchada. Enfiei um dedo nela, e gemi roucamente de puro deleite. Eu não ia suportar mais, então, me afastei de seus lábios apenas para colocar a camisinha.

Tentei não me sentir frustrado, mais foi em vão. Ainda assim, juntei os seus cabelos em meu punho, e mordisquei sua orelha.

— Levanta a perna para mim. Assim. Fica bem aberta pra eu comer você e matar a minha fome. — grunhi, em no ouvido, posicionando-me para penetrá-la por trás, o que fiz assim que Malu me obedeceu com prazer. Soltei um rosnado, entredentes, e ouvi o seu gemido ofegante quando passei a me movimentar dentro do seu calor úmido, mordiscando seu ombro, uma das mãos em seus

cabelos e a outra agora massageando seu clitóris.

Encontramos um ritmo intenso e harmonioso juntos, o barulho dos nossos corpos se chocando deixando-nos mais imersos em luxúria, o som dos nossos murmúrios e gemidos ecoando no quarto, até que comecei a sentir Malu se contorcer e estremecer novamente, e me permiti gozar logo em seguida. Eu sabia que nunca havia sido assim, eu sabia.



Capítulo 37



At Last

[Até que enfim]

"Até que enfim meu amor chegou

Meus dias solitários acabaram

E a vida é como uma canção

[...]

At Last

Etta James

Malu

O apartamento de Max ficava em um daqueles condomínios de alto padrão, em torno da orla. Quando nós saímos do elevador, no sábado à noite, eu tinha tomado uma resolução importante desde a consulta ao Dr. Paulo: eu tentaria ficar o menos histérica possível com aquele teste, porque relaxar mesmo não dava, isso era certo. E além disso, eu tinha estado examinando atentamente o quanto estava envolvida emocionalmente com Teo, e a resposta era: muito. Por várias vezes eu me peguei pensando na conversa com dona Hilda....

Agora, prestes a conhecer outras pessoas tão íntimas do seu círculo, eu me permiti sorrir com leveza em sua direção, ao caminharmos para o apartamento, sua mão espalmada nas minhas costas, guiando-me. Eu havia optado por uma roupa casual, um jeans azul, uma blusa amarela, soltinha, que eu gostava muito, e sandálias leves, já que de acordo com Teo, tanto Max quanto Marisa, sua noiva, eram pessoas mais casuais, daquele tipo de casal que gostava muito de ficar em casa, e definitivamente não ligavam muito para convenções sociais.

Teo havia comprado um vinho e um pequeno buquê de flores para a noiva do amigo. É, eu realmente tinha um cavalheiro aqui, deduzi, admirando a sua beleza máscula e simples em um jeans e camisa preta. Assim que Teo deu dois toques discretos na porta, ela não demorou ser aberta por uma mulher baixinha, morena, cheia de curvas, com cabelos negros longos e soltos e um meio sorriso tímido no rosto.

— Teo, que bom te ver... — ela disse, segurando a porta aberta e fazendo um gesto para que entrássemos. — E eu deduzo que essa seja Malu, como o Max exigiu.

Teo sorriu de volta para a sua brincadeira e curvou-se para beijá-la afetuosamente no rosto antes de entregar as flores. Ela aspirou rapidamente, com uma expressão encantada, antes de dirigir o sorriso para mim.

— Marisa, esta é Malu, minha namorada. Malu, Marisa, noiva do Max, não me pergunte porque ela fez uma besteira dessas. — ele fingiu cochichar para mim, e nós três sorrimos.

— Marisa, é um prazer te conhecer.

— E eu a você, Malu, finalmente. Tenho ouvido muito sobre você. — ela deu uma risadinha,

e fez um gesto para que a acompanhássemos, depois de retribuir o meu cumprimento. Ouvido sobre mim... Bom, isso sempre deixava uma expectativa e tanto, não era?

A sala, ampla e decorada em tons alegres e aconchegantes, parecia destoar do restante do ambiente geral do prédio que eu havia visto até ali, onde predominavam cores frias e mármore escuros. Tinha nitidamente um toque feminino por ali, e eu me perguntei se Marisa morava com Max.

Antes mesmo que nos sentássemos, um homem alto, moreno e magro, mas com músculos definidos visíveis em uma camisa de algodão verde e jeans, e um largo sorriso no rosto, apareceu, vindo da cozinha. Descalço, percebi. Olhou as flores na mão da noiva, parada perto de nós, e balançou a cabeça para Teo.

— Já bancando o galã, não é muito cedo? — ele disse, antes de cumprimentarem-se daquele jeito meio estranho que os caras faziam, com pancadas e tapinhas nas costas. Marisa riu, pediu licença e foi em direção a cozinha, provavelmente ajeitar um local para as flores. Max, eu vi, era um cara bonito de sorriso fácil, e a diferença de altura dele para a noiva era bastante evidente.

— Eu não posso evitar. — Teo desdenhou, fazendo um gesto para que eu me aproximasse, enlaçando-me pela cintura.

— Malu, esse é o Max, meu grande amigo e sócio. Max, conheça minha namorada, Malu.

Eu estendi a minha mão para ele, para que fosse apertada, mas ele a pegou delicadamente e levou-a aos lábios, beijando os nós dos meus dedos. Meu Deus do céu, de onde tinham saído aqueles homens? Estavam presos aonde que ninguém sabia? Se tivesse mais deles, solteiros, claro, não *o meu* ou aquele ali, a mulherada precisava ser avisada urgentemente!

— Malu, finalmente conheço a mulher que está girando o eixo da vida desse meu amigo aqui. Como ele disse, você é realmente linda. — ele deu uma piscada para mim e depois olhou para Teo, com uma expressão engraçada.

— Max, que bom te conhecer. Pessoalmente, no caso. — sorri para ele, lembrando da conversa inusitada ao telefone, na terça-feira. — E parabéns pelo fechamento do negócio.

— Max, você já vai começar, cara? Está cedo, também. — Teo resmungou, antes que ele dissesse algo, com uma fisionomia ameaçadora

para o amigo.

— Obrigado, minha cara, estamos muito felizes, sim. Aliás, como você tolera o mau humor dele, Malu, sério?

Antes que eu dissesse algo engraçado, Marisa voltou da cozinha, uma toalha de prato nas mãos.

— Da mesma forma que eu aguento você, querido. Amando muito, só assim. — ela sorriu, olhando entre nós dois, encantada, antes de lançar um olhar amoroso para o homem ao seu lado.

Opa... o que foi aquilo? Eu rapidamente desviei meus olhos de Max que me encarava fixamente, com aquele sorriso que parecia o de um gato brincando com um rato. Eu só não sabia se o rato era eu mesma ou Teo. Preferia que fosse ele, por via das dúvidas.

— Verdade, amor, só assim. — ele disse, pondo as mãos no bolso da calça jeans que usava e puxando a esposa pequenina para o seu lado. Ela não pareceu ter notado nada de estranho, olhando para nós dois com carinho, nem o silêncio que se fez, quebrado apenas pelo som do meu coração batendo forte nos meus ouvidos.

Ousei dar uma espiada de lado em Teo, mas

não pude absorver nada da sua expressão ao olhar para o casal de amigos, apenas seu sorriso de sempre.

— Eu trouxe para nós. — ele disse, então, quebrando o silêncio, me puxando mais e dando um beijo na minha fronte, antes de estender a mão e entregar a garrafa de bebida para Max. Este pegou o gesto de Teo, mas não disse nada, só recebeu a bebida.

— Já volto, o jantar não vai demorar, enquanto isso, fiquem à vontade, tem algumas coisas para beliscar ali na mesinha. — ele disse, afastando-se em direção à cozinha ampla e visível de onde estávamos. — Não vai demorar, não é, amor?

— Não, está quase no ponto.

— Marisa não se apresse por nossa causa, estamos bem. — Teo sorriu, parecendo relaxado, e fez um gesto para que fôssemos em direção ao sofá. Eu me perguntei o que ele teria achado da pequena gafe da noiva do amigo, ou mesmo se tinha notado. — E Max, eu espero que você tenha pelo menos ajudando-a na cozinha.

Max fez uma expressão ultrajada, de onde estava na bancada, abrindo uma garrafa de cerveja

e oferecendo outra com um gesto a Teo.

— Claro que eu ajudei. Quem você acha que lava as louças enquanto ela cozinha? — ele retrucou, encolhendo os ombros. Nós sorrimos e eu me senti relaxar ainda mais com eles. Eram realmente aquele tipo de pessoas que você ficava imediatamente à vontade.

— Isso mesmo, já é de grande ajuda. — Marisa veio em socorro do amado, movimentando-se em torno da cozinha enorme, quase desaparecendo de onde eu estava sentada.

— O Teo é um convencido. Só porque sabe cozinhar, acha que é algum tipo de divindade entre os homens, precisava vê-lo na faculdade. Você ainda vai experimentar a comida dele, Malu, não se preocupe, ele gosta de se gabar, mas reluta em cozinhar para as pessoas. — Max disse, com uma risada, voltando para a sala com sua cerveja nas mãos e entregando outra para Teo.

— Mas eu já experimentei, Max. E ele realmente cozinha muito bem. — eu pisquei para Teo, que também estava bastante descontraído ao meu lado, seu braço me contornando pelo encosto do sofá, enquanto bebia sua cerveja.

Max parou a bebida a meio caminho da

boca, olhando entre nós dois.

— Stein já cozinhou para você, então? Aproveite, ele usa muito pouco essas habilidades, só com quem vale a pena, garanto.

— Ah, pronto... era o que me faltava. — Teo apertou o nariz, fingindo irritação.

— Que bom saber, e sim, ele fez um risoto maravilhoso...

— Malu, não forneça informações adicionais ao Max, acredite, a mente dele já é prodigiosa o suficiente sem isso — Teo fez um carinho no meu braço, de leve, e eu me recostei mais nele.

Max deu uma risada alta, parecendo achar muita graça, mas estreitou os olhos para Teo em uma comunicação silenciosa.

— Ele só é um chato resmungão, Malu, mas nós o toleramos mesmo assim, não é? Por falar nisso, espero que você tenha feito como combinamos ao telefone.

Eu sorri ao lembrar.

— Mais ou menos. — admiti, encolhendo meus ombros. — Mas não vou esquecer da sugestão.

— Do que vocês estão falando? Que

sugestão, Malu? — Teo virou-se para me encarar com aquela ruguinha na testa, e depois lançar um olhar letal para o amigo sentado do outro lado.

— Nada de importante. — eu disse a ele, provocativa, e ele me deu aquele olhar de quem dizia que depois voltaríamos a isso. Max estava achando muito divertido, claro.

— Mas e você, bebe uma cerveja ou acompanha Marisa em um vinho? Posso pegar... — ele disse, prestes a virar-se. Antes que eu sequer pudesse encontrar uma desculpa educada para recusar elegantemente o oferecimento, ouvi Teo dizer, antes de pigarrear levemente.

— Melhor não, Max.

Max fitou o amigo, assentindo, mas então virou-se para mim.

— Você não bebe, Malu?

— Hum... não é isso, é que eu prefiro não beber esses dias, Max — eu disse, meio incomodada sobre seu olhar escuro perscrutador. — Estive doente até semana passada, então...

— Que bom que você já está melhor.

— Estou, sim, obrigada. — sorri, aliviada.

— Nada grave, espero. — ele continuou, olhando para Teo e depois para mim, enquanto

bebericava sua cerveja direto do gargalo. Gente, aquele homem podia muito bem ser um detetive, com aqueles olhares. Ouvi Teo resmungar algo ao meu lado, que pareceu como "maldito intrometido".

— Não, era apenas uma infecção de garganta, mas já estou totalmente curada.

— Ótimo, assim, você não vai recusar uma taça de vinho, não é? — ele deu de ombros, sentando-se à nossa frente, em vez de fazer um gesto para ir buscar o tal vinho.

— Eu...

— Ela não quer beber, Max, ok?

Ele riu, apenas.

— Ok, tenho suco, chá, nos acompanha em algumas dessas opções, Malu?

— Claro, mais tarde... eu gostaria de apenas uma água agora, por favor.

— Certo, mas sirva-se de algo enquanto não jantamos. — ele apontou uma maravilhosa tábua de frios montada perto de nós, então levantou-se e foi em direção à cozinha. Assim que ficamos sozinho na sala, eu me virei para Teo.

— É impressão minha ou ele parece que sabe tudo antes mesmo de perguntar? — sussurrei.

Teo riu, me dando um beijinho no rosto.

— Acostume-se, querida. Esse cara é um intrometido do caralho, e sim, ele tem essa mania de olhar para a gente e querer saber todos os nossos segredos, mas não o deixe intimidá-la. — Claro que Teo disse isso muito alto, e Max ouviu de onde estava.

— Me difamando, Teo? — ele disse, quando voltou da cozinha com minha água, e depois sentou-se novamente de frente para nós.

— Como se alguém precisasse fazer isso...

— Eu vou ver se a Marisa precisa de ajuda. — eu disse a ambos, dando um beijo no queixo de Teo e me levantando para ir encontrá-la. Algo me dizia que a companhia da noiva de Max ia ser menos perigosa do que a dele.

Marisa estava retirando habilmente algo de um forno embutido grande e moderno, quando eu me aproximei da cozinha. Assim que ela pôs na bancada, o que quer que fosse que cheirava divinamente bem, eu me anunciei.

— Vim oferecer minha ajuda...

Ela abriu um sorriso simpático, pedindo que eu me aproximasse mais.

— Eu agradeço, querida, mas vamos só aguardar mais um pouquinho e então já podemos

levar para a mesa, pode ser? Parece que esses filés resolveram cooperar comigo, afinal.

— Ok. Estão bonitos, e o cheiro, *humm*. — eu disse, observando os medalhões de filé dispostos à nossa frente. Marisa voltou com o refratário para o forno, ajustando a temperatura.

— Não é sempre que dá certo, então... vamos aproveitar. — ela cochichou, servindo-se de uma taça de vinho, em um suporte ao lado dela. — Eu costumo cozinhar e tomar uma taça ou duas, ajuda a relaxar...

— Acho que se eu cozinhasse, também faria isso.

— Para mim, é uma espécie de terapia... Uma das coisas que mais gosto de fazer.

— Oh, não. Eu tenho isso na dança mesmo, cozinhar não é comigo.

Nós rimos, e ela começou a encher uma segunda taça.

— Eu não estou bebendo, Marisa, mas obrigada.

— Oh, não? Quer outra coisa, pode ficar à vontade, Malu.

— Por enquanto, estou bem.

Ela bebeu um gole, e me olhou com aquele

PERIGOSAS NACIONAIS

olhar tímido, mas interessado.

— Então, você é a responsável por aquele sorriso do Teo, e pela felicidade de Max, em consequência.

— Bem, sim...

— Não precisa dizer nada, eu vi. — ela murmurou, e eu sorri com ela. — O Max tem falado comigo sobre esse namoro do Teo... está empolgado. Agora eu vejo a razão, vocês são lindos juntos, mesmo.

— Obrigada.

— Eu fiquei muito feliz, também, claro. Ainda mais agora que vocês estão aqui. O Teo é um dos mais antigos e queridos amigos do Max, e eu tenho que admitir — ela se aproximou e sussurrou para mim, em tom confidencial, girando o vinho. — ele é daquele tipo que acha que só porque ele está apaixonado e vai casar, os amigos mais próximos também têm que ir pelo mesmo caminho, é irritante, eu sei... — ela riu, o olhar cheio de amor. — E olhe, o Teo é o mais próximo de todos, viu?

Nós sorrimos juntas, e eu ajeitei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sem saber bem o que dizer para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero constrangê-la, Malu, desculpa. — ela disse, logo em seguida, parecendo preocupada — Eu peguei essa mania do Max, sinto muito. Vou parar.

Eu estendi a mão e a toquei no braço, de leve.

— Não, Marisa, por favor, está tudo bem, eu só... Eu e Teo não falamos disso, ainda, então...

— Não? Eu entendo... — ela me sondou um pouco, parecendo surpresa, em silêncio, depois continuou — Sabe, o Max me disse que o Teo, depois do divórcio, nunca apresentou alguém como namorada, ou manteve um relacionamento como está mantendo com você. Ele próprio está impressionado.

— Sério? Eu imaginava que sim, mas não tinha certeza.

— Pois é, de todo modo, eu sinto muito pelo que disse, quando vocês chegaram... é que o Max... eu vou matá-lo... — ela fez uma pequena careta, então pareceu se decidir e disse de uma vez. — O meu querido noivo me disse que o Teo viria, traria a namorada, e que eu poderia ver por mim mesma a cara de apaixonado dele, então eu só deduzi... Ai que vergonha, Malu.

PERIGOSAS ACHERON

Eu meio que engasguei com uma risada.

— Tudo bem, não precisa ficar envergonhada, foi só uma brincadeira do Max, tenho certeza.

— Não, não. Ele não estava brincando, isso eu sei... Vem, Malu, vamos nos unir a eles. — Marisa disse, como se já tivesse falado demais, mas com uma expressão amistosa no rosto, fez um gesto em minha direção, e nós fomos de mãos dadas para a sala.



Depois que todos nós ajudamos Marisa a organizar as coisas e preparar a mesa, fomos privilegiados com um jantar maravilhoso e um clima descontraído, apesar das sensações que vagavam por mim, me deixando cada vez mais consciente de Teo ao meu lado, dos seus toques constantes na minha pele, da sua voz ao meu ouvido, e até das suas risadas advindas das trocas de farpas divertidas com Max.

Era bom, também, observar o casal à nossa frente na mesa, a forma como pareciam completamente à vontade um com o outro, os sorrisos amorosos, os olhares apaixonados. Eu quis

PERIGOSAS ACHERON

muito evitar aquele sentimento que estava, por todo o jantar, se arrastando por mim, enquanto interagia com todos, sorrindo, aquela percepção latente de que eu queria exatamente isso, que eu merecia, e não poderia me contentar com nada menos.

— Malu? — Teo chamou ao meu lado, e eu notei, embaraçada, que enquanto estava divagando, tinha perdido momentaneamente o que eles falavam!

— Desculpa, gente, por favor, eu me distraí.

— Tudo bem, querida, eu só estava dizendo à Marisa que você é professora de dança particular, também.

— Eu sou um perna de pau, Malu. Não dançaria nem para salvar a minha vida, acho. — Marisa riu, apoiando a cabeça no ombro largo de Max. — Acho que vou querer ter umas aulas com você.

— Ora, pois seria um prazer, claro.

— Ótimo, vamos trocar nossos contatos, e depois falamos mais sobre isso. Sempre quis aprender, mas tenho muita vergonha...

— Jura, amor? Você não precisa dançar, já é perfeita em tudo, você sabe. — Max se pronunciou, virando-se e depositando um beijo

terno na cabeça da noiva.

— Pois eu acho muito bom, Marisa, inclusive a Malu dá aulas para Julia, apenas ela, talvez assim fosse melhor para você sentir-se mais confortável — Teo, estranhamente solícito e interessado no assunto, sorriu, olhando para Marisa, e depois para Max, de modo afável. Ambos trocaram um olhar significativo, e pela primeira vez eu vi Max lançar um olhar ameaçador na direção de Teo.

— Sério? Então, está decidido, vamos nos falando, Malu. — Marisa disse, animada, voltando à sua comida. — Obrigada, Teo.

— Disponha.

— Perfeito, acho que posso até te encaixar à noite, se for mais conveniente para você. — eu disse, animada também tanto pela perspectiva de vê-la mais vezes, porque eu realmente tinha gostado muito dela, assim como de Max, o que não era muito difícil, ambos eram maravilhosos; mas também porque, como estava empenhada em guardar dinheiro para a fazer a minha pós, ao final do ano, seria outra excelente oportunidade.

— Seria, sim, obrigada. Maravilha, não é, Max?

— Claro, maravilha, meu bem. — ele disse, com voz macia, mas por alguma razão, eu achei que não era tão maravilhoso assim para ele, o que era estranho, porque ele parecia um cara super desencanado, bem diferente do Teo, mandão e possessivo.

— Então, você pretende dedicar-se à área da dança de forma integral, Malu, eu acho muito lindo. O trabalho na clínica, deve ser uma delícia poder lidar com a recuperação, a alegria daquelas pessoas — Marisa disse, referindo-se a nossa conversa anterior, no início do jantar.

— Ah, sim. Eu estou apaixonada, utilizar a dança para fins terapêuticos está cada dia mais tomando espaço no meu coração, e estou certa de que uma pós nessa área é o certo para mim, sim. — eu concordei.

— Olha só, eu tenho uma amiga que tem um filho com síndrome de Down, e ela é dona de um Centro de Terapia de Dança, específico para crianças com a síndrome, por isso fiquei tão interessada. Com crianças, no caso, você nunca trabalhou?

— Não, a não ser com adolescentes, com aulas para espetáculos, como no caso da escola de

Julia, mas não por falta de vontade.... eu amo crianças, deve ser mais lindo ainda. — sorri, e Marisa assentiu, concordando.

— Que bom, então, vou dizer a ela que encontrei com uma futura especialista em dançaterapia. — Marisa bateu palminhas, e eu ri. Ela parecia menos tímida ao longo do jantar, talvez fossem as taças de vinho, pensei.

— É mesmo, Malu? — Max pareceu voltar a ter interesse na conversa, o sorriso fácil de volta. — Crianças também são o meu fraco e o de Marisa. Tenho uns 6 sobrinhos e não vejo a hora de ter os meus próprios... — ele virou-se para ela, e trocaram outro olhar cheio de amor e uma pitada de sensualidade.

— Mas não seis, certo, Max? — Marisa riu. Então Max olhou para mim, com aqueles inquisitivos olhos negros, e eu me remexi na cadeira, meu Deus, ele estava de volta, e pelo jeito, tanto eu quanto o Teo éramos os ratinhos agora.

— E você, Malu, pretende ter filhos?

Teo, me ajuda aqui, implorei em pensamento.

— Eu... sim, pretendo sim. — disse, com sinceridade, mas abaixando os olhos e espetando

uma batata com mais afinco do que seria necessário.

— Que legal, olha só, você sabia que na faculdade, nosso amigo Teo aqui, queria ter 5 filhos? Era o que ele dizia, não era Teo?

Eu não pude evitar olhar para ele, virando a cabeça lentamente, e ao contrário do que eu imaginei, ele sorria largamente para Max, parecendo relaxado com o assunto, o braço por cima do encosto da minha cadeira.

— Você lembra disso, cara? Nós não estávamos bêbados quando decidimos essas coisas?

— Eu acho que sim, mas eu lembro. Ainda tem esse sonho, Teo? Só faltam quatro, não é? — ele disse, e eu dei uma tossidinha porque a batata quase desceu pelo buraco errado.

Teo deu uma risada e afagou meu ombro.

— Aparentemente, sim.

— Nossa, mas isso é sério, Teo? Cinco filhos? — Marisa pareceu horrorizada, mas ria.

— Digamos que o processo de convencimento pode ser divertido. — ele riu também. — Mas sério, Marisa, hoje em dia eu posso me contentar com um pouco menos. Quatro, talvez.

— Ufa! Ainda bem, coitada de você, Malu.
— ela disse, com uma risada, e depois que percebeu o que tinha dito, pôs a mão na boca, alarmada. — Quer dizer...

— Você não sabe se a Malu não concorda com os números, amor, ela pode curtir ter quatro garotinhos correndo por aquela casa imensa, não? O que você acha, Malu?

Eu sabia que eles estavam brincando, mas com tudo que estava acontecendo, eu engoli em seco antes de sorrir, olhando para o danado do Max.

— Cinco é um número exagerado, com certeza. — eu finalmente criei coragem para entrar na brincadeira, e olhei para Teo, que me observava com uma expressão intensa, um sorriso brincando no canto dos lábios. — Mas eu estaria disposta a ser convencida com um número ligeiramente menor.

Max e Marisa riram, e Teo deu de ombros, rindo também. Eu precisava relaxar, sabe aquele ditado de que quando a pessoa sente cheiro de medo mais rápido ela vem à caça? Pois é. Max parecia ser assim, sorri para mim mesma.

— Ah, e Max, garotinhos ou *garotinhas*, tá?

Ele deu uma risada maior ainda, olhando para Teo.

— Claro, *garotinhas*, que coisa mais linda não seria um monte de mulheres na vida desse cara ciumento? Meu Deus, seria épico!

— Porra, já pensou? — Teo franziu o cenho, e eu ri, olhando para ele e com vontade de suspirar, ele desfez a expressão e tocou meu rosto com delicadeza.

Ouvi alguém pigarrear e viramo-nos para olhar Max e Marisa nos observando com sorrisos cúmplices, o dela, meio bobo, a cabeça novamente apoiada em seu ombro. O de Max, mais contundente, como se estivesse apostado e ganhado. Será, que o que ele disse à noiva era mesmo apenas uma suposição, em relação à Teo? Eu tinha que admitir, eu gostaria que não fosse, com todo o meu coração.



A semana iniciou de modo lento, pelo menos era essa a impressão que eu tinha, e eu estava vivendo um momento decisivo: ou eu faria em poucos dias um teste que me diria se eu estava esperando um filho de Teo, ou minha menstruação

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viria antes... e ela deveria ter vindo no domingo ou na segunda, então eu imediatamente liguei para o Dr. Paulo, mas ele me disse que em função do uso da medicação, e da minha própria ansiedade, um possível atraso de um dia era esperado. Sem falar que com o meu histórico de às vezes, mas não sempre, esquecer o horário certo da pílula, o ciclo não ficava tão regular. Mas que o dia do teste estava mantido.

Nossa, e isso me deixava ansiosa, apreensiva, e pela primeira vez, mais do que nunca positivamente *receptiva*... Eu sabia que nada daquilo estava nos meus desejos iniciais, mas se acontecesse, eu não poderia dizer que eu estaria com meus planos arruinados, ou que estaria sozinha nessa, então... Mas eu lutaria para ter todo o restante, tudo que eu imaginava que vinha junto com uma criança.

Naquele sábado, quando voltamos do apartamento de Max e Marisa, Teo me pediu para ir com ele para sua casa, novamente, e eu fui. Julia havia ido para a casa da mãe, mas pelo que eu tinha entendido da sua conversa com o pai, quando tomávamos café pela manhã, ela iria sair com Paty e de lá, sim, iria encontrar Amanda e a avó.

PERIGOSAS ACHERON

Nós fomos para a cama, tivemos sexo excitante e quente, como sempre era, mas também foi carinhoso, e Teo parecia mais gentil e caloroso do que nunca. No domingo, nós caminhamos pelo condomínio, voltamos, tomamos banho juntos, e depois de saborearmos um café delicioso preparado por dona Amélia, passamos a tarde no quarto, vendo filmes, mas eu confesso que dormi entre um e outro. Estava me sentindo muito cansada e sonolenta. À noite voltei para casa, a contragosto de Teo, que tinha me feito prometer ligar por qualquer coisa, e eu sabia que aquele "qualquer coisa", era a data da menstruação que, pelo jeito, ele havia memorizado.

Quando ligou perguntando e eu disse que não, ele ficou meio estático, mas eu assegurei que tinha falado com o médico e ele disse que era normal. Teo prometeu novamente não surtar, e eu prometi ligar. Já na segunda à noite, ele me pegou na academia e me levou para casa, ficando por lá até muito tarde, e saindo enquanto eu dormia.

Não quis, ainda, falar aquilo para a minha mãe, apesar de estar louca para compartilhar com ela. Não fazia sentido eu informar sobre algo que eu nem sabia se seria concretizado, não queria

causar expectativas desnecessárias nela, e pelo que eu conhecia da minha mãe, ela ficaria em êxtase, já que ela adoraria ser avó. Já para Stella, não tinha como eu não contar. Depois que ela deixou de gritar e morder a almofada, eu fui contar tudo, e minha amiga, como não podia deixar de ser, ficou encantada e preocupada em medidas iguais. Mas Stella, mais do que eu, era uma pessoa que via quase sempre o lado positivo de tudo, e achou que ficaria tudo bem, e que nem sempre as coisas tinham que acontecer em uma sequência tão definida, para dar certo. Ela torcia muito por nós, e depois daquele dia que ela o tinha encontrado no sofá, passou a ser *teamTeo* ainda mais.

Eu não era de ter muitos sintomas antes de menstruar, quase não sofria com TPM, apenas enxaquecas e uma leve sensação dolorida nos seios, além de uma vontade alucinada de comer doces, às vezes, mas fora isso, não tinha cólicas nem nada. Então, quando na terça, eu acordei com uma dorzinha leve e senti meus seios um pouco mais doloridos que o normal, eu me preparei psicologicamente para o meu ciclo, e olhando para o meu reflexo no espelho, tentei precisar meus sentimentos àquela constatação. Eu estava triste,

mas tinha que esperar.

Quando eu estava terminando de arrumar minhas coisas na bolsa, pois levaria uma roupa e tomaria banho na academia — já que Teo e eu combinamos de almoçar juntos ali perto — o interfone tocou. Estranhando o horário, Stella foi atender, enquanto eu observava.

— Oi, seu Pedro, bom dia. — Stella ouviu, depois me olhou, arqueando as sobrancelhas — Campos? O motorista do Teo?

— O Teo é demais, nossa... — eu resmunguei, balançando a cabeça e confirmando para ela. — Qual a necessidade disso?

— Sim, claro, pode permitir, seu Pedro. Ok, por nada!

— Eu não lembro de você ter me perguntado se podia. — eu a provoquei, cruzando os braços, porque se ele já estava lá, não seria má educada nem burra de mandá-lo voltar.

— E nem o Teo te perguntou, pelo visto. — ele riu, debochando de mim. — Vem, amiga, vamos logo que eu não sou besta de perder carona de motoristas particulares de caras controladores, vem!

Rindo, nós duas saímos do apartamento.

A manhã se arrastou, eu dei minhas duas aulas, mas aquele desconforto no baixo ventre estava aumentando, não era bem uma cólica, mas eu podia sentir o que estava a caminho, pois era assim todo mês, e me preparei. Stella, que sofria com cólicas terríveis, sempre dizia que eu era uma felizarda. Ao meio dia, tomei um banho, e me vesti para encontrá-lo.

Teo estava na porta quando eu saí, encostado na lateral do carro, mais bonito do que de costume, mas como isso era possível, eu não sabia. Me aproximei, sem poder evitar um sorriso largo, e lancei meus braços em torno do seu pescoço, enquanto ele me cercava em seus braços e me beijava apaixonadamente. Era sempre como se tivéssemos passado anos sem nos ver. Quando o beijo gostoso e lento acabou, ele segurou meu queixo, sondando meu rosto.

— Está tudo bem com você?

Eu pensei na cólica, e não pude evitar uma ligeira sensação de frustração ao olhar a sua expressão ansiosa, então, resolvi ser o mais sincera possível.

— Eu acordei com dor de cabeça, Teo, e... bom, estou com um pouco de cólica.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele ficou me olhando em silêncio completo por uns bons segundos, e então vi quando ele engoliu em seco, mas seus braços me apertaram mais um pouquinho.

— Então, você sabe, é o que eu costumo sentir antes de menstruar. — continuei.

— Certo, então... vamos ver, não é? Acho que só o teste pode dizer de verdade. — ele disse, e me beijou delicadamente novamente. Eu não disse nada, mas tinha certeza que em poucas horas teríamos certeza que não haveria gravidez. Ele me levou para o banco do carona e depois voltou para o seu lugar ao volante.

A viagem rápida até o restaurante foi marcada por um certo silêncio, e eu fiquei estranha, sem saber ao certo como se sentir, nem o que falar. Ao chegarmos, notei que Teo tinha feito uma reserva, e nós fomos conduzidos a uma área externa, ampla, com poucas mesas, em um ambiente claro, arejado, e imediatamente gostei muito do lugar, o que serviu para me relaxar um pouco mais. Ainda bem que o Teo parecia também gostar muito desses ambientes.

Nos acomodamos e um garçom veio pegar nossos pedidos.

PERIGOSAS ACHERON

— Você dormiu bem, Malu? — ele quis saber, buscando a minha mão por cima da mesa.

— Sim, dormi bem. Como eu te disse, só senti dor pela manhã, mas já passou. Por falar nisso, você mandou o Campos me buscar mesmo eu dizendo que não precisava, não foi?

Ele imediatamente franziu as sobrancelhas.

— Sim, você não me deixa ajudar com o carro, o que você quer que eu faça?

— Teo, não é grande coisa... eu e Stella estamos acostumadas a andar pela cidade em qualquer tipo de veículo.

— Ok, mas isso foi antes de eu ser o seu namorado. Malu, eu me preocupo com a sua segurança, é só isso. Muito. Fico louco achando que nessas idas ou vindas do trabalho, você pode se machucar, sei lá.

— Teo — eu busquei sua mão, e acariciei seus dedos longos. — Você nem sabe se eu estou grávida, relaxa... Na verdade, eu tenho quase certeza que não.

— E você acha que isso é só por causa da gravidez? Malu, eu me preocupo com você independentemente de você estar ou não esperando um filho meu, você ainda não entendeu isso, meu

amor? — ele disse, baixo, com voz grave, e eu olhei para ele, os olhos meio arregalados. Ele tinha dito aquilo apenas como um... uma forma carinhosa? Fiquei quieta, muda, meu coração saindo em um estrondo pela minha boca. Enquanto isso, seus olhos estavam fixos nos meus. Mas sua testa estava enrugada, como se ele estivesse lutando com o que quer que seja que quisesse expressar.

— Malu, eu já te disse antes... na verdade eu nem programei para dizer agora, é... *Putá que pariu*, eu sou um cara articulado, qual é? — ele murmurou, esfregou a barba e me olhou novamente, como se fosse recomeçar, o que fez: — Eu pretendia te dizer isso... em outro local, de uma forma diferente, mas... Bom, com você nunca foi como eu programei, desde o início, não é?

Ele deu uma risada baixa, usando a outra mão para cobrir as minhas, voltando a ficar sério.

Eu ainda não podia falar, só ficar olhando para ele, para aqueles olhos verdes e tão lindos... Minha respiração acelerada, sentindo seus dedos quentes moverem-se sobre os meus. Ele estava mesmo dizendo o que eu achava que ele estava...?

— O certo é que tenho pensado, esses dias, sobre em como me sinto em relação a você, em

relação a tudo, em como as coisas estão acontecendo tão rapidamente, de forma vertiginosa, até. E... eu não me sinto assim... que porra, eu nunca me senti assim, essa que é a verdade, então, meio que não tinha parâmetros, entende?

— Teo... — eu finalmente pude sussurrar. — Eu também me sinto assim em relação a você, e eu sei do que você está falando...

— Você sabe? Mesmo? — ele questionou, agora estendendo a mão e acariciando meu lábio inferior devagar. Eu fechei os olhos por um momento. — Você é tão linda. Eu não me canso de olhar para você... Eu não estava preparado, Malu, para a forma como você entrou a minha vida, então, eu meio que me sustentei no que eu sabia lidar, no sexo, mas porra, se fosse só isso, eu não estaria aqui agora, sem conseguir imaginar, de verdade, um momento em que eu não esteja com você. Não mais.

Eu encostei a cabeça na palma da mão que ele estava usando para segurar a lateral do meu rosto, sentindo meus olhos lacrimejarem. Era possível, sim. Dona Hilda tinha razão. O que mais poderia ser aquilo?

— Malu, essa história da gravidez foi

apenas o estopim para me fazer ver que isso aqui entre nós, é muito mais do que eu achava que fosse. Dane-se que tem pouco tempo, eu sei o que eu estou sentindo, e nunca houve algo igual. Vivi 15 anos com alguém, 15 anos, e... — Teo engoliu em seco, respirando pesadamente. — Eu pensei que sabia o que era estar apaixonado. Eu estava enganado.

Ele pôs um dedo sobre meus lábios, depois, passou-o sobre a minha sobrancelha, como se estivesse gravando os detalhes do meu rosto.

— Não pense, nem por um momento, que eu estou falando isso apenas por causa da possibilidade de você estar grávida. Meu Deus, eu adoraria, mas não é só por isso. — ele deslizou o dedo pela minha bochecha, esfregando a lágrima que havia caído. — É você, você que está me deixando louco e me fazendo perceber que eu não sabia o que era amor, Malu... eu não sabia mesmo.

Outras lágrimas se juntaram a essa, mas eu sorri, e dei um beijo na palma da sua mão, ainda em silêncio, ouvindo tudo que ele tinha para me dizer.

— Eu quero proteger você, quero saber dos seus sonhos, entender seus anseios, quero conhecer você, eu quero... Acordar com você na minha cama.

Na minha vida, todos os dias, Malu, eu quero você, para sempre. Tenho me sentido assim, é real, então...

— Teo...

— Sim, meu amor

— Apenas diga... — eu sorri, em meio ao pulsar acelerado do meu coração, e ele deve ter lembrado da nossa discussão sobre o telefonema, quando eu o incitei a dizer que temia me perder, porque riu também, parecendo aliviado. — Ou eu vou dizer antes e suplantar a sua iniciativa aqui.

— Eu te amo, Malu. É isso... At *Last*. — ele disse, com a voz rouca.

Meu Deus, como eu poderia não derreter com aquilo?

— Ah, Teo... Eu também te amo, meu amor. Como eu poderia não te amar? — sussurrei, emocionada, e ele sorriu para mim de uma forma que eu lembraria para sempre.

Então, como um lembrete de chamada da realidade, eu senti um pequena pontada no baixo ventre, uma sensação bem conhecida. E naquela hora, bem naquela hora, me deixou paralisada, por um momento.

— Malu, o que foi? — ele notou na mesma

PERIGOSAS NACIONAIS

hora, seu rosto assumindo uma expressão preocupada, seus olhos atentos sondando-me.

— Eu preciso ir ao banheiro, Teo. Só um instante.

Ele pareceu ter sido atingido por algo, e deve ter visto no meu próprio rosto a confirmação silenciosa, então, assentiu, e vi sua mandíbula travar de tensão. Levantei da mesa e dirigi-me ao banheiro, que ainda bem, era próximo. Trêmula e ansiosa, verifiquei e confirmei o que já estava esperando.

Quando retornei à mesa, sentindo meus músculos tensos, Teo estava já olhando na minha direção, e caminhar sob o peso do seu olhar triste, naquele momento, foi quase doloroso demais.

— E então...

— Eu... menstruei. — murmurei, quando cheguei à sua frente.

Sua garganta moveu-se rapidamente e ele fechou os olhos por uns segundos, mas então, me estendeu a mão e me fez sentar de volta, acariciando meu pulso. Eu não percebi, até aquele momento, como queria estar grávida, como queria ter o seu filho... E senti o peso de novas lágrimas formando-se em meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, não chora, meu amor. Eu te amo.
Esse é só o começo para nós dois.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 38



Você
É algo assim
É tudo para mim
É como eu sonhava
Baby
Você
Tim Maia

Teo

Eu não havia mentido quando disse que não planejava dizer que a amava ali, naquele momento, no restaurante. Quando realmente me dei conta de que não havia outra palavra para definir o que eu sentia, eu planejei um momento especial, leva-la para jantar, quem sabe para dançar... e não aquilo, de supetão.

Mas, lá estava minha impulsividade novamente, minha mania de deixar claro o que eu queria mesmo quando planejava fazer de forma diferente. E parece que com Malu, isso estava ficando ligeiramente mais evidente, desde o início. O certo era que eu não estava arrependido, eu a amava, sim, e cada vez que eu dizia isso na minha mente, parecia mais certo, mais lógico... O jantar na casa de Max, de certa forma, tinha me feito perceber isso de uma maneira mais nítida.

Agora, olhando para Malu deitada na minha cama enrolada em um roupão de banho meu, os cabelos molhados, e profundamente adormecida, eu tinha a mais absoluta certeza que era ali que ela teria que ficar. Para sempre, se dependesse de mim. Quer dizer, ainda bem que ela queria ficar, pensei,

lembrando da emoção que me dominou ao vê-la retribuindo as palavras e os sentimentos que eu tinha exposto ali. Cara, era algo realmente quase surreal, e pensar que eu achava que, por ter sido um homem casado por longos anos, sabia exatamente o que era aquela emoção. Sabia porra nenhuma, a julgar pela intensidade do que me consumia em relação a ela.

E foi justamente essa intensidade que me fez sentir como se tivesse levado um soco quando eu vi a sua expressão que me dizia exatamente que não havia gravidez. O cacete do médico havia dito, não foi? Mas eu não tinha realmente acreditado até ela confirmar, e talvez estivesse internamente empenhado em contradizê-lo, essa que era a verdade.

Queria tanto que ela estivesse esperando meu filho, ou filha, que surpreendi-me com o quanto. Eu não via mais um futuro em que Malu não fosse a mãe de um filho meu, ela queria, eu também, então, agora que estava tudo às claras, não havia mais motivos para que, quando ela estivesse pronta, nós tentássemos novamente. Empenho da minha parte, nessa questão, não iria faltar. Apesar de ter estado cautelosa, reticente, quanto a ideia de

ter engravidado, no início, eu vi em seus olhos ali, antes mesmo de ela ter ido ao banheiro, que ela preferia estar. Mesmo tendo ficado receosa, preocupada, e ela estava completamente certa. Não era a mesma coisa para ela do que seria para mim, e eu não a culpava.

Tinha realmente ficado puto no início, mas a entendi mais completamente ainda quando, na volta para casa do restaurante — onde tínhamos cancelado o almoço — nós havíamos conversado mais, e ela havia sido mais aberta comigo sobre o que sentia, seus medos, até que chegou à traição do ex-namorado, como aquilo havia deixando-a esquivada, cautelosa. Como tinha planejado ser mãe muito cedo, para depois descobrir que ele havia engravidado outra mulher e a abandonara a poucos dias do casamento.

Eu sabia que tinha mais naquela história, e algumas peças do quebra-cabeça que Malu tinha se tornado para mim tinham se encaixado, finalmente. Aquele canalha do inferno, e ainda tinha a audácia de dizer que a amava e queria voltar. Só em lembrar disso meu sangue fervia, não queria vê-lo a dois passos dela, nunca mais.

Eu havia preferido trazê-la para casa, então,

PERIGOSAS NACIONAIS

cancelar os meus compromissos na parte da tarde no escritório, e depois que comemos um pouco do que dona Amélia havia preparado, Malu tomou um banho, e eu a pus na cama, mesmo que ela tenha alegado que não estava realmente com dor.

Levantei da poltrona ao lado da cama e fui para a varanda, quando o meu telefone começou a tocar, e o nome de tia Abigail apareceu na tela. Eu já sabia do que se tratava, claro, ela não era de deixar passar em branco seus convites.

— Teo, meu filho, tudo bem?

— Tia... Tudo bem, sim. Como você está?

— Ótima! Você está ocupado, esse horário, ainda no escritório, não é?

— Na verdade, não. Estou em casa, já.

— Já? Meu Deus, quem é você e o que está fazendo com o celular do meu filho? — ela brincou, e eu sorri. Como sempre, era difícil ficar muito tempo sério em torno dela.

— Eu não sou o viciado em trabalho, você sabe, o nome dele é Diego.

— Hum, tá, vocês são todos iguais. Até parece que vão passar fome se passarem um maldito dia em casa. Mas não foi para isso que eu liguei, claro.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei.

— Você sabe?

— Sim, não é para cobrar a visita que você fez Malu prometer que faria um domingo desses?
— eu provoquei-a.

— Nossa, você me faz parecer aquelas velhas ranzinhas que ficam obrigando os filhos e as noras a virem para o almoço de fim de semana, que horror!

— Talvez, apenas, pelo fato de você não tenha oficialmente noras?

— Talvez, mas isso está prestes a ser remediado, muito em breve, acredito. — ela disse. Eu franzi as sobrancelhas, em alarme, e cruzei um braço.

— Quem, em nome de Deus, está casando e eu não estou sabendo? Marcos ou Diego?

— Teo, meu querido, nunca se sabe, eu tenho um faro bom para essas coisas, vamos aguardar? Além disso, tenho ouvido Otávio falar com Marcos sobre essa moça filha do Medeiros, que de alguma forma, ele acha que pode ser uma boa opção para o Marcos assentar, como se isso fosse possível, claro que não vai dar certo. Eu a acho... Bem, não é muito elegante o que eu acho,

enfim...

— Você está falando de uma daquelas meninas que estudaram com a Iza? — eu sabia quem era o Paulo Medeiros, amigo de longa data e parceiro de negócios de Otávio, e lembrava vagamente de umas meninas loirinhas que costumava estar por lá na mansão, suas filhas, pelo que me lembro.

— Uma dessas, a mais nova. Mas deixemos essa conversa para depois, não é? Acredito que o próprio Marcos deve tocar nesse assunto com você... Enfim, vou preparar algo aqui no domingo, e queria que você trouxesse a Malu com você.

— E como você sabe que eu ainda estou com a Malu? — eu sorri, adorando implicar com ela.

— Poupe-me que eu não iria saber disso, meu caro. Além de Iza ter almoçado com ela, Marcos me disse que você está praticamente amarrado ao pé da cama. — ela riu, aquele som alto característico dela — Então, não desconversa e trate de trazê-la. Vou fazer algo bem informal, só um almoço à beira da piscina.

— Ok, tia. Eu vou falar com ela sim... Quem mais vai estar nesse almoço, só por

curiosidade?

— Todos nós, Teo. Além de você e Malu, Marcos, Diego, Ricardo, Iza, Erik, Rui... Apenas família, você sabe. Mas todos estão liberados para trazerem acompanhantes, se quiserem.

— Certo... Então está combinado. Eu te ligo de volta só para confirmar.

— Não estou aceitando desculpas, só para adiantar.

— Ok, estou avisado.

— Tchauzinho, querido. Um beijo.

Alguns poucos minutos depois que Abigail desligou, eu senti braços macios enrolarem-se em meu peito e cintura, por trás, e o rosto de Malu grudar-se às minhas costas nuas.

— Você saiu da cama... — ela murmurou, me apertando, passando as mãos no meu peito em uma carícia gostosa.

— Eu quis deixar você mais à vontade.

— Com você por perto, eu estou sempre mais à vontade. — ela disse, a voz abafada, e eu sorri, enrolando meus próprios braços ao redor dos dela. Ainda estava fascinado por lembrar de Malu admitindo que me amava, também. Eu não podia negar que estivera apreensivo, enquanto dizia a ela

aquelas coisas, pois estava preparado para o fato de que Malu poderia não estar apaixonada por mim, mesmo que eu soubesse que ela gostava de mim e que sentia-se atraída sexualmente. Contudo, eu já tinha decidido que iria fazê-la me amar, se fosse o caso, e já estava empenhado em fazer com que ela confiasse em mim, não era? Começar uma campanha intensiva de sedução e conquista para que ela se apaixonasse, também, não seria nenhum sacrifício.

— Bom saber... Você está bem?

Ela tinha a bochecha espremida nos meus músculos.

— Digamos que estou melhor em relação a isso. Eu fiquei frustrada, no fim das contas, triste... como te disse, mesmo sem estar admitindo tão claramente, eu queria, sim. Ainda bem que você é muito mais firme que eu em admitir o que você quer... — ela confessou, baixo, um tom de melancolia na voz.

— Malu, você é a mulher mais corajosa que conheço, mas não é fácil estar diante de uma decisão dessas sem que você soubesse dos meus sentimentos, e com a situação pela qual você passou, é natural ter ficado com o pé atrás. Não se

cobre, eu não estou fazendo isso.

Senti seu suspiro longo.

— Que bom que você entende, Teo. — ela me apertou mais firmemente — Que bom que eu tenho você...

Eu peguei sua mão e a beijei.

— Eu sei, querida. Mas você sabe, eu não vou desistir de ter pelo menos uns dois bebês com você, no mínimo. Quando você quiser, claro, então, se prepare para as tentativas, que não serão poucas... Só uma coisa: não demore muito a querer meu bebê, por favor, porque eu não quero andar por aí como se fosse o avô dos meus filhos.

Malu deu uma risada.

— Isso é impossível, Teo. E não se preocupe, eu não vou demorar, quero ter uma menina linda e andar por aí como se ela fosse a minha irmã mais nova. — ela disse, me dando um beijinho no meio das costas.

Eu me virei, rapidamente, prendendo-a em meus braços, e ela deu uma nova risadinha com a minha expressão.

— Não seja má...

Ela apenas sorriu, e eu notei que estava totalmente envolvida com meu roupão, que estava

enorme nela. Eu gostava muito daquela visão, muito.

— Mas você está realmente bem... Quer dizer, fisicamente?

— Teo, eu não tenho, nada, era só um desconforto, e já passou. — eu assenti e curvei-me para beijar rapidamente seus lábios.

— Que bom, então. Você lembra do convite de Abigail para um almoço com ela no domingo?

— Claro, eu lembro sim.

— Ela ligou. Vai fazer um almoço e nos intimou a ir. Você vai comigo?

— Sim, adoraria.

— Perfeito. — murmurei, afastando só um pouco, o roupão do seu ombro e beijando-a ali. Malu suspirou, esticando-se para mim, e eu dei um beijo e uma lambida em sua garganta e descí para o pescoço. Ela estremeceu e segurou meu rosto, como se fosse me impedir, encarando meu olhar pesado de desejo. E se meu pau já estava desperto momentos antes, agora estava armando uma barraca enorme na bermuda ao ver seus olhos.

— Teo... *Hum*, não me tente... Pelo amor de Deus! — Malu disse, e fechou os olhos, mordendo o lábio inferior.

— Você não gosta que eu te toque quando está assim?

— O quê?! Não, claro que não é isso, Deus me livre! É que... — ela hesitou, depois apoiou-se em meus ombros e falou ao meu ouvido, fazendo meu pau se contorcer com o som e o teor das palavras. — Quando eu estou menstruada, muitas mulheres, na verdade... o tesão aumenta, então, não me tente muito nesses dias, eu fico subindo pelas paredes.

— Porra, não me diz isso, Malu... — grunhi em seu pescoço, e com certeza essa declaração fez meu pau ficar como uma barra de ferro, agora, só em pensar, e pressionei a evidência disso contra ela. — Você acabou de trazer à tona tudo de homem das cavernas que eu tenho... Caralho, meu cérebro está dando tilt aqui.

O sorriso de Malu era meio envergonhado, meio provocativo.

— É sério?

— Puta que pariu... Muito sério.

— Você não é o tipo de cara que tem nojo ou...?

— O quê? Claro que não. Eu sei que tem uns caras por aí que não curtem, mas meu amor, eu

decididamente não sou um deles. Na verdade... — eu abri um pouco mais seu roupão, expus um seio redondo com o mamilo durinho, e circulei-o de leve com o polegar, fazendo-a suspirar. — Se não tiver problema para você... Para mim é que não tem *nenhum*.

— Problema para mim? Acho que não... Que tal um banho agora? Você me acompanha? — ela disse, baixinho, e mesmo com a ousadia, eu sabia que ela estava meio envergonhada. Não era todo mundo que curtia sexo assim, tanto homens quanto mulheres, então, eu podia soltar fogos de artifício agora por Malu estar disposta àquela experiência.

— Mulher, você é perfeita...

— Não, meu querido, pode apostar que muitas mulheres concordariam que *você* é perfeito..

Ela deu um gritinho súbito quando eu me curvei e a carreguei no colo, rapidamente, depois riu, batendo no meu ombro.

— Que pena para elas, então, que eu não estou mais disponível, não é? — eu disse, não vendo a hora de chegar ao banheiro e mostrar a ela que certas coisas despertavam um lado mais selvagem ainda de um cara. Um que sabia

aproveitar a vida, claro.



Malu decidiu que ligaria para o seu médico para desmarcar o teste, informando-o que ela não precisaria mais fazer. O interessante é que ele disse que não, que ela fizesse, ainda assim. Era o protocolo, ele disse, e que ela ficasse atenta a qualquer coisa diferente. "Qualquer coisa diferente", eu acho que eu poderia socar aquele cara, agora. Então, primeiro não havia praticamente riscos, mas ele queria fazer o teste ainda assim, mesmo que ela tivesse menstruado, baseado principalmente em umas informações que Malu havia dado a ele por telefone mesmo, agora? O Dr. Paulo estava me deixando louco, isso sim. Enquanto ela o ouvia, pareceu ficar intrigada, mas apenas confirmou que estaria lá.

Como eu tinha uma reunião chata logo bem cedo com outros engenheiros, na quarta, eu deixei Malu na clínica, antes de ir trabalhar, e na porta, ela encontrou-se com uma simpática senhora que me olhava com um sorriso amplo. Malu apresentou-a como dona Hilda. Ela segurou a minha mão, eu dei-lhe um beijo no rosto enrugado, e então, virando-se

PERIGOSAS ACHERON

na direção de Malu, ela disse que nunca se enganava. Sorrindo, Malu disse que sim, e que eu "*já havia dito*". Ambas sorriram e olharam para mim, que fiquei lá sem entender nada, só desconfiando do que fosse.

Conforme combinado, nos dirigimos ao laboratório para Malu colher o sangue, e fomos informados que o resultado sairia em poucas horas. Naquela semana, eu estaria muito ocupado com o prosseguimento das atividades de compra da Galvão, além de prazos de entrega de algumas obras estarem em pleno andamento, o que deixava a mim e a Max com um volume de trabalho enorme. Todavia, eu pedi que ela me esperasse e que eu iria buscá-la para que fôssemos buscar juntos aquele resultado que voltou a tirar a minha concentração de quase todo o resto.

Quando finalmente concluí as coisas por volta de meio dia, saí, rápido, pois iria buscar Malu em casa, chamei o elevador e aguardei, e ao entrar notei que Suzana estava lá, sozinha, provavelmente saindo para o almoço. Entrei e apertei o botão, e só então ela levantou a cabeça e me viu. Desde que ela havia voltado antes da negociação em Curitiba, nós não tínhamos nos falado, a não ser em momentos

ocasionais em reuniões, cercados por outras pessoas da empresa, principalmente porque ela agora estava responsável por outros trâmites, e tinha que lidar muito mais com Max do que comigo. Agora, ela me olhou com cautela, apertando levemente a alça da bolsa que trazia junto a si.

— Suzana. — eu a cumprimentei, formalmente, recostando-me do outro lado do elevador, e levantando o pulso para observar as horas no meu relógio. Não queria me atrasar, e mesmo que fosse apenas uma formalidade, estava sentindo uma apreensão desmedida. Lembrei de outro teste, há 17 anos, quando eu era um cara de 21, e Amanda havia chegado em uma festa que eu estava e havia dito, chorando, que estava grávida. Agora, era algo completamente diferente, mesmo que a possibilidade de receber um resultado positivo fosse zero, como parecia, eu queria estar junto de Malu.

— Teo. — ela disse, quase inaudivelmente. O que foi, bom, porque o que eu menos tinha no momento era tempo e paciência para um bate papo. Mas a minha sorte não foi tão grande assim, porque passaram-se uns poucos segundos antes que ela

virasse de lado e me olhasse. — Teo, eu não... não podemos ficar assim. Não quero ser sua inimiga.

Eu ainda pensei em ignorá-la, mas aquela nunca tinha sido a minha forma de resolver as coisas, como se eu fosse um menino, e eu não ia começar agora.

— Suzana, eu não penso em você como inimiga. Apenas não temos mais o que falar, do ponto de vista pessoal, é diferente.

— Você me ignora como se eu fosse uma pessoa infecciosa, Teo, por favor, eu já pedi desculpas. Estou trabalhando normalmente, não vou mais te incomodar. O que mais você quer que eu faça? — ela disse, momentos antes de as portas se abrirem para o estacionamento do nosso prédio. Eu sai, e ela veio atrás, indo também em direção ao seu carro.

— Nada. — eu respirei fundo, parei, e me virei para olhá-la. Suzana tinha uma expressão atormentada, como vinha exibindo há dias. Droga. — Olha só, você cometeu um erro, eu posso ter cometido outros com você, antes disso, mas nada disso importa mais, ok? Não existe mais nada entre nós, somos colegas. Apenas, faça o seu trabalho, você é uma boa profissional, é isso que importa

para mim, para Max, para a empresa. Então, apenas faça o seu trabalho e vai ficar tudo bem. Prometo.

Ela balançou a cabeça, em concordância, parecendo ter entendido realmente, seu semblante aliviado, mas, como eu já tinha caído naquela uma vez, não estava disposto a cair novamente. Nem um pouco. Acenei com a cabeça, me virei e fui andando em direção ao meu carro.

Não tão rapidamente quanto eu queria, eu finalmente cheguei ao prédio de Malu, subi e bati à porta. Quando ela abriu, estava nitidamente ansiosa, mesmo que tentasse disfarçar com um sorriso para mim. Malu usava uma calça jeans preta e blusa de algodão branco, e tinha amarrado os cabelos em um rabo de cavalo alto. Nessas horas, ela parecia muito mais jovem do que os seus 25 anos, e eu sentia uma ligeira pontada de incômodo, ainda assim, nada que me fizesse deixá-la por algum tipo de exame de consciência por diferença de idade, no entanto.

Assim que eu entrei, Malu veio e me abraçou, e eu a abracei apertado, beijando sua cabeça, e a segurei pelos ombros, observando seu rosto, seus olhos, sondando-a.

— Está tudo bem?

— Sim... está — ela sorriu novamente, mais segura, mas ainda estava lá... e então ela mordeu o lábio bem no canto. Ok, era o sinal.

— Vamos lá, Malu, antes de sairmos daqui você vai me dizer porque está aparentemente nervosa em relação a um teste que nós sabemos que não pode...

— É porque na verdade, pode, Teo. — ela interrompeu, rindo mais amplamente agora, então, depois de segundos, ou horas, não sei, segurou minha mão e me puxou para o sofá, porque eu aparentemente tinha ficado petrificado no meio da sala. Pode? Que caralhos ela queria dizer com “*pode*”? Pode no sentido de *poder mesmo*..? Quando sentei, fiquei olhando para ela, então, passei a mão na minha barba. Depois levantei. E então sentei de novo. E Malu devia estar achando aquilo divertido, porque seu sorriso agora tinha aumentado, se é que era possível.

— Espera aí, bem calmamente, porque eu sou um cara mais velho, você vai me explicar o que você quer dizer com “*pode*”, tudo bem? — eu disse, devagar, espalmando as duas mãos para ela. Malu respirou fundo.

— Tá ok, vou te explicar, mas apenas o que

eu entendi. Os detalhes técnicos o Paulo...

— *Quem?*

— Meu Deus do céu! Você sabe quem!

— Malu, calma, não fica estressada. O Dr. Paulo, ok. Continue.

— Bom, eu não queria mais fazer o teste, não foi? Liguei e ele insistiu, você sabe. A questão é que quando eu fui à consulta, nós nos fixamos na questão do antibiótico, então, tudo que eu havia dito para ele era praticamente do domingo em que comecei a tomar os comprimidos. E eu sempre tive problemas em lembrar das datas da minha última menstruação, mesmo tomando pílula, porque eu costumava esquecer às vezes, tanto o horário como um dia inteiro, como a tonta que sou, e isso fez com...

— Malu!

— Oi.

— Você está fazendo aquilo: divagando, porque está nervosa. Esquece isso tudo aí e me diz apenas uma coisa agora, depois eu entendo todo esse processo todo: por que o *Dr. Paulo* está pedindo que você faça o teste se você já ficou menstruada? Só me diz isso, pelo amor de Deus.

Ela passou a língua nos lábios, olhos

fechados, então voltou a me encarar.

— Teo, sim, veio algo... claro que eu pensei que era a minha menstruação, mesmo com um dia ou dois de atraso. Mas podia ser por causa dos remédios. E tinha aquela dor leve, que eu não costumo sentir, você lembra? Mas, novamente...

— Malu, eu vou ter um ataque cardíaco, bem aqui, se você não me disser em *dois segundos* o que eu quero saber.

— Mas gente, como você vai entender...

— Vem, vamos buscar esse teste. Agora. Você me explica tudo no caminho. — eu levantei de súbito e comecei a pegá-la pelo pulso, e ela veio. Quando ficou de pé, ela pôs os braços em volta do meu pescoço, me parando, e eu a abracei.

— Teo, escuta, não surta não. Por isso eu não disse nada, porque eu sabia que você ia ficar assim antes de sequer falarmos com o médico. Vou te dizer claramente, presta atenção. — ela segurou o meu rosto, abaixando-o um pouco para que ela me olhasse nos olhos. — Eu sangrei, ok? Mas nos dois dias seguintes, notei que era *diferente*, e então, hoje, por exemplo, simplesmente não veio mais nada.

— *Nada?*

— Sim, o fluxo parou, era muito pouco, e isso não é o comum. Por isso quando o Dr. Paulo fez essas perguntas ao telefone, eu fiquei atenta, e vi que realmente não era o fluxo usual. Mas eu estava achando que eram os remédios que haviam alterado, enfim... Por isso, Teo, escuta bem, vamos buscar esse resultado, porque o Paulo acha que a despeito do que ele disse, *pode* haver uma chance de...

Eu a beijei antes que ela terminasse, segurando seu rosto entre minhas mãos e tocando seus lábios com adoração, sentindo o seu gosto. Quando finalmente parei, depositando beijos em seu rosto, no seu pescoço, Malu sorria.

— Eu te amo, eu já te disse isso hoje?

— Não nas últimas... — ela olhou seu relógio, fingindo pensar. — 5 horas, então, é um bom momento.

— Eu te amo, mas estou com vontade de bater na sua bunda por não ter me dito isso antes, Malu, que merda você ... Meu Deus, eu não posso nem pensar em bater em você, e se...

— Teo, você está vendo por que eu não quis dizer essas coisas que podem não ser nada, para você? Você nem ia deixar eu trabalhar ontem e

hoje, quanto mais...

Eu fiquei parado, olhando para ela, minha mente formando milhões de imagens de Malu grávida do meu filho, dançando daquela forma, se machucando, caindo. Ela tinha trabalhado esses dias. Claro, ela tinha que trabalhar. Eu engoli em seco, porque eu não podia externar aquilo agora, ou ela ia realmente achar que eu ia surtar se caso ela estivesse grávida. Porque eu não ia, claro. Eu era só era um cara preocupado, que prezava...

— Teo, você está me ouvindo? — ela tinha as sobrelancehas arqueadas, olhando para mim com atenção.

— Claro que sim. Então, é como se não fosse o antibiótico, mas caso tenha acontecido e você tenha engravidado, foi antes dos remédios? É isso mesmo?

— Eu só vou entender tudo, eu espero, lá. Mas por telefone, ele refez as contas que eu informei, e disse que sim, pode sim. Você me engravidou antes disso, praticamente desde a primeira vez.

— Eu sou foda, não sou? Porra, sabia que eu tinha que socar esse cara... — resmunguei, entredentes, mas ainda bem que Malu pareceu não

ter ouvido minha ligeira ameaça à integridade física do seu ginecologista. Ela continuou falando. — ... Então, ele acha bom fazer, só para tirar essa dúvida. Ele disse que isso pode ser uma nidação, e não a menstruação, e se for... bem, vamos pegar esse resultado, então.

Eu voltei a sentar, e passei as mãos pelos meus cabelos.

— Mas ainda assim, você deveria ter me dito. — teimei.

— Dito o quê? "Teo, olha só, sabe o meu fluxo menstrual, então, ele está assim ou assado"? Me poupe. A gente já tinha vindo de todo aquele drama e aparentemente não deu em nada, então agora, novamente? Não. Eu nem queria dizer nada até estarmos com o resultado, em mãos, mas...

Eu fiquei de pé. Ela estava certa, claro.

— Ok, vamos buscar esse teste.



Eu reforcei a atenção no trânsito, com Malu ao meu lado, tamborilando os dedos na calça jeans, olhando de vez em quando para fora, como se estivesse muito calma. Eu sei que não estava, porque se fosse julgar por mim, ela teria que estar

PERIGOSAS ACHERON

surtando. Mas eu não faria isso, eu era o homem maduro aqui, então, teria que me comportar a contento, mesmo que meus dedos estivessem pressionando o volante com força, porque cada caralho de sinal de vermelho que eu podia encontrar pelo caminho, eu estava encontrando. Que porra.

Quando finalmente alcançamos a clínica, eu mal conseguia me segurar, mas passei a agir com calma. Ajudei Malu a descer do carro, segurei sua mão e fomos em direção à entrada.

— Amor? — ela disse, balançando a cabeça e sorrindo.

— Hum?

— Você poderia andar só um pouquinho mais devagar? Estamos quase correndo.

Nós estávamos? Obriguei-me a ir mais devagar, e quando chegamos ao laboratório, precisei sentar e esperar Malu resolver os trâmites com a atendente, passando as mãos nos meus cabelos pela milésima vez. Quando ela voltou, trazia um envelope azul clarinho nas mãos, e eu decididamente senti um princípio de algo que não era normal, aquela pressão no peito não podia ser normal, mas eu foquei no seu rosto, tentando

engolir o bolo na minha garganta.

Malu veio e me pegou pelo braço, levantando-me. Eu, de repente, era um menino de 4 anos, que precisava ser levado de um canto a outro? Pelo jeito, sim, porque senão eu ficaria lá, como um peso morto. Cara, eu já era pai. Que diabos? A senhora da recepção indicou uma sala ao lado para que talvez tivéssemos um pouco mais de privacidade. Malu me encarou, o papelzinho nas duas mãos, na frente do peito, quando entramos na tal sala.

— Teo, é agora.

— Abre.

— Calma... — Malu riu, mas parecia tão nervosa quanto eu. Porque, puta que pariu, eu estava nervoso, eu tinha que admitir. Bagunçando os meus cabelos, eu a vi, com dedos trêmulos, abrir o envelope, que tinha um caralho de um outro papel dentro, dobrado, só para atentar, e então, ela leu algo. Franziu os olhos, e eu senti, nitidamente, uma pontada não só no meu peito, mas no meu estômago e na minha cabeça também. Quais eram os sintomas de um AVC? Eu não podia pensar nessas merdas agora, não quando podia estar prestes a ser pai novamente. Ela continuava calada,

lendo o papel.

— Malu, se você está tentando me matar, parabéns, está dando certo. Que porra que...

— Calma, Teo, esses numerozinhos não são assim tão fáceis. Meu Deus, vamos entrar e falar com ele, o médico está esperando. Não é melhor?

— Não dá para ver aí? Me dá aqui. — eu estendi a mão, e ela me entregou, torcendo os próprios dedos. Li rapidamente, identificando o seu nome, outros detalhes, e vi, horrorizado, que o papel estava tremendo, um pouco só, nas minhas mãos. Mas devia ser o vento do ar condicionado, pensei, tentando me concentrar. Por que todos aqueles números? Por que simplesmente não havia só: positivo ou negativo? Era com a única e a real intenção de atormentar o ser humano que já devia estar nervoso? Eu lidava com números, quantitativos, áreas, ângulos, todos os dias, e estava sendo vencido por uma tabela que eu não conseguia determinar.

— Não entendi porra nenhuma. — eu devolvi para ela e passei a mão na minha barba. — Vamos falar com ele.

Malu olhou de novo, mais concentrada agora, quieta, e então, quando levantou os olhos, eu

vi que eles estavam lacrimejando, e soltei o ar com força dos pulmões. Ela... seria verdade? Ela estava vendo aqueles números certos? Meu peito ia explodir.

— Teo, pelo que eu estou entendendo aqui, eu... estou grávida.

Eu fiquei uns dois segundo parado, olhando para ela fixamente, com o rosto limpo de qualquer maquiagem, tão jovem e tão linda, com um sorriso, uma das mãos na boca agora, e então, aquela imagem dela à minha frente foi ficando borrada, desfocada, e eu saí do meu transe e a puxei para mim, abraçando-a forte e beijando-a com loucura, com um rugido saindo do meu peito, enquanto a tirava do chão e girava com ela, mal podendo respirar.

Malu ria e chorava, os braços ao redor no meu pescoço, e eu fechei os olhos e aspirei seu cheiro, mal acreditando na sensação de que ia explodir de felicidade, o sangue zunindo nos meus ouvidos. Ficamos assim abraçados, agarrados, por um minuto, ou mais, então Malu olhou no meu rosto, e eu passei um dedo por sua bochecha e colhi uma lágrima com a ponta do dedo. Ela fez a mesma coisa, e eu beijei sua mão. Eu não podia acreditar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teo, vamos lá falar com o Dr. Paulo, ele vai explicar melhor tudo para gente.

— Malu. — eu me impressionei com a rouquidão e a emoção na minha voz, e limpei a garganta novamente para conseguir falar direito. — Eu vou entrar lá, mas não garanto não bater naquele cara se ele disser que esse teste é negativo.

Ela deu uma risada alta, em meio às lágrimas.

— Meu Deus, como eu te amo, seu bobo. Eu já vi, é só se concentrar e ver com calma os valores de referência. Eu... — ela falou baixinho no meu ouvido — Vou ser a mãe dos seus bebezinhos.

Eu segurei fortemente a emoção para não chorar eu próprio com um bebê, e a pus no chão, segurando seu rosto com delicadeza.

— De todos os quatro?

— Fora de cogitação. Vem, Teo.

Nós saímos em direção à entrada do consultório do Dr. Paulo, e a secretária dele nos cumprimentou com um sorriso largo ao ver as nossas expressões e o envelope nas mãos de Malu. Quando fomos anunciados e finalmente entramos, o Dr. Paulo nos olhou e sorriu, ajustando aqueles óculos dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ora, já vi que temos novidades, não é?

— Boa tarde, Dr. Você... só poderia confirmar para mim esse... nós acabamos de receber e... — Malu estava outra vez nervosa, e o médico pegou o envelope das suas mãos e, antes de ler, lançou-me um olhar simpático. Ok, eu ia já ia retribuir o seu cumprimento simpático, mas primeiro precisava que ele lesse aquele maldito papel. Menos de dois segundos depois, ele arqueou as sobrancelhas como se estivesse realmente surpreso, e nos encarou.

— Pois é, parabéns, papais!

Ele e Malu começaram a falar de nidação, qualitativo de HCG, semanas, sangramento de fixação no útero e outras coisas que eu queria saber, mas não naquela hora, porque no momento eu só estava concentrado no fato de que eu ia ser pai novamente, e ia ter um filho com a mulher que eu amava.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 39



Eu já te disse que eu preciso de você?

Eu já te disse que eu quero você?

Oh, se eu não disse, eu sou um tolo

Ninguém sabe disso mais do que eu

Juste Breathe

Pearl Jam

Julia

Eu estava particularmente feliz por meu pai. Nossa, muito. Após observar aquele vai-e-vem de mulheres nesses últimos anos pós-divórcio, era maravilhoso (e também um alívio) ver que ele finalmente tinha permitido que alguém entrasse na sua vida como a Malu estava fazendo.

Era maravilhoso porque eu o amava e queria que ele encontrasse alguém e voltasse a ser feliz. A razão mais profunda disso, além de eu querer seu bem-estar porque ele era meu pai, era que no fundo... Bom, nem tão lá no fundo assim, eu me sentia culpada pelo tempo que ele havia passado com minha mãe sem realmente querer mais aquilo, apenas por minha causa. Eu já tinha uns 13, 14 anos, e sabia bem que se não fosse por mim, ele não estaria mais naquele casamento. Me pergunto sempre: será que se eu não existisse, ele não já teria partido há anos? E a resposta era sim, com certeza. Ele teria.

Claro que eu nunca perguntei aquilo para ele, mas eu sabia. O meu pai era um cara muito família, prezava muito os laços familiares, eu cresci no meio da relação amorosa com vó Abigail e vó PERIGOSAS ACHERON

Otávio, e os meus tios Marcos, Diego e Ricardo (que não era tio de verdade, mas era como se fosse), e a Iza, que eu não chamava de tia simplesmente porque tínhamos uma idade próxima e eu nunca pensei nela como tia, mais como uma prima ou irmã mais velha.

Então, agora que eu o via sorrir, rir daquele jeito quando estava com a Malu pensava que ninguém estava vendo, ou quando falava ao telefone com ela, eu estava mesmo muito feliz por finalmente ver aquilo acontecendo. Meu pai tinha doado anos da sua vida pelo que achava que seria minha felicidade, e eu teria que ser muito egoísta para não querer que ele encontrasse a própria felicidade agora, vivendo novamente, apaixonando-se... Porque só um idiota não veria o que era aquilo com Malu: paixão.

Quando ele voltou feito um louco de Curitiba por ela, por exemplo, aí eu tive certeza. Que outra mulher meu pai havia feito algo sequer próximo disso? Nenhuma. Eu lembro de um episódio em particular, quando ele estava tendo um "lance" com uma advogada que havia conhecido por aí. Algo rápido, como ele sempre fazia. Ela parecia uma pessoa legal, mas queria cobrá-lo

excessivamente por exclusividade, um relacionamento mais sério... Veio até aqui em casa, bateu na porta, brigou, disse que se ele não mudasse a forma como estavam, imediatamente, ela iria voltar com o ex marido e eles nunca mais se veriam. Meu pai disse que ela fosse se acalmar em casa, que depois eles se falariam. Mais tarde, saiu com Ricardo como se nada tivesse acontecido.

Quando eu perguntei pela Bárbara — era o nome dela — na manhã seguinte, ele me disse que ela devia ter voltado com o marido, ele achava. E voltou a leitura das suas notícias no celular. Então de repente meu pai volta correndo desesperado por conta de Malu? Estava apaixonado... eu queria pular de alegria!

Estava tudo em paz, então, pensei. Era sábado, eu estava na companhia de Paty e Mônica, e depois iria encontrar a minha mãe e a minha avó para compras e um almoço. Deus me ajudasse, gemi, só imaginando esse programa. Porque se tinha alguém pior que a minha mãe, só podia ser a minha avó Gisele. Lembrando agora do episódio em que mamãe destratou e quis humilhar Malu lá em casa, eu ainda sentia a vergonha me atravessar. Eu sabia que a minha mãe era uma esnobe, muito

consciente de si como estando acima da maioria das pessoas, mas aquele tipo de comportamento tinha sido o pior que eu já tinha visto, e olha que em relação a Paty, eu já tinha visto muito comportamento arrogante por parte da minha mãe. Como meu pai tinha ficado tanto tempo com ela?

Agora, chegando para encontrar-me com elas no shopping, já tendo sabiamente me despedido das meninas, eu caminhava despreocupadamente, ouvindo *R.E.M*, outra das minhas bandas favoritas e uma das poucas divergências musicais que eu tinha com o meu pai, lembrei, sorrindo. Estava virando em direção a loja em que tinha marcado para encontrar com as duas, quando resolvi entrar em uma livraria, só para ver as novidades, não queria me atrasar e ouvir a minha avó falar por horas sobre educação, pontualidade e normas de etiqueta.

Fui direto para a seção de Hqs, concentrada no que tinha chegado e podia ser do meu interesse. Estava em busca do preço de uma, quando senti um toque no meu ombro direito, sutil. Virei-me e quase perco o fôlego quando encarei Arthur, a poucos passos de mim.

— Arthur... Tudo bem? — eu me obriguei a

parecer tranquila e não me atrapalhar com o que eu estava segurando, e dei um sorriso. Mas meu coração começou a bater descontroladamente, e eu tentei respirar fundo. Justo hoje que eu resolvi não caprichar na minha aparência, como eu tinha prometido que faria. Oh céus... Eu usava um jeans meio rasgado nas pernas, e uma camiseta do *Pearl Jam*, preta, e meus cabelos estavam soltos pelos ombros.

Na última vez nos vimos, eu usava um vestido preto de alcinhas, rodado, um pouco mais curto do que eu costumava usar, e um batom mais chamativo... e fiquei ligeiramente decepcionada por não ter conseguido chamar sua atenção como eu pretendia. Arthur esteve o tempo todo meio silencioso, me lançando olhares de lado, mas não havia dito nada nem se aproximado de mim, e eu murchei como uma flor sem água. Pensei que se eu parecesse um pouco mais com a menina que ele namorava antes, ele me notaria mais rapidamente, mas não foi o que aconteceu. Ele esteve mais distante, em vez disso, e apenas se aproximou de mim e da Paty quando fomos ao banheiro e dois rapazes vieram falar conosco, um deles me pegando pelo braço e dizendo que eu era a coisa

mais linda que ele já havia visto.

Quem eu queria que dissesse isso não havia aberto a boca a noite toda, então, eu sorri para o menino realmente bonito, mas não estava interessada de verdade. Em segundos, Arthur havia saído da mesa da lanchonete onde estávamos e estava do nosso lado, dizendo calmamente ao rapaz que eu tinha companhia e nos levando de lá. Eu exultei com a sua atitude, e até Paty ficou olhando para o irmão como se nunca o tivesse visto antes, mas voltei a murchar quando ele pareceu ficar mais sério e fechado que antes, se isso fosse possível, e quando nos sentamos, disse que era responsável por nós, como o mais velho dali. Ou seja, ele me via como uma criança? Eu quis chorar de frustração e vergonha, mas abaixei a cabeça e não disse mais nada a ele pelo resto da noite, sentindo-me ridícula de maquiagem e naquele vestido que eu nem gostava.

— Julia. — ele disse, agora, com um sorriso. Estava com as mãos no bolso da calça jeans e usava uma camisa branca e tênis. Seus cabelos pretos me pareciam um pouco maiores do que a última vez, quando estavam cortados quase rentes. — Tudo bem, sim.

— Eu, hã... você...— meu Jesus, eu estava gaguejando, logo eu. Sorri novamente, e ele sorriu para mim e apontou a revista que eu tinha nas mãos.

— Vai ler? É excelente.

Eu olhei para o *Monstro do Pântano*, do escritor e quadrinista britânico Alan Moore, e suspirei aliviada. Um assunto que eu não iria gaguejar, pelo menos, e voltei a encarar seus olhos verde-escuros.

— Eu já li, é um dos meus autores preferidos, na verdade.

— Que bom, é o gênio máximo das HQs, para mim.

— É, sim. Eu... Já tenho, estava só vendo essa nova edição, muito bonita.

Sorrimos um para o outro, e ficamos meio sem ter o que dizer, por um momento.

— Achei que estaria com Patrícia. Pensei ter ouvido ela dizer que vocês viriam ao Shopping. — ele disse, por fim, e eu pus uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, sem conseguir mais encará-lo diretamente. Ele era tão diferente dos meninos do colégio, mais sério, mais... lindo, e tinha aquele poder de me deixar muito desconcertada, mesmo

que eu não achasse que era madura ou bonita o suficiente para ele, ou qualquer coisa do tipo. Inferno.

— Não, nós nos despedimos ainda há pouco. Eu vim encontrar com a minha mãe e a minha avó para uma sessão de compras.

Ele deu um sorrisinho de lado.

— Você não parece muito feliz para uma menina que vai fazer compras. — Arthur observou, e eu sorri mais amplamente.

— É, não é o tipo de coisa que eu gosto muito de fazer. Só quando necessário. — confessei.

— Você prefere, pelo visto, entrar em livrarias e tentar comprar um clássico dos quadrinhos que você já tem, não é? — ele disse, em um tom provocativo, e eu sorri, sem poder negar.

— Bem melhor que comprar vestidos e sapatos, pelo menos eu acho. — dei de ombros, e me senti aquecer em vários locais quando ele acompanhou o movimento e depois fixou o olhar em meus lábios, então curvou-se um pouquinho e disse para mim, em voz baixa.

— Eu também acho. — e deu uma piscadinha. Eu tinha certeza que estava vermelha, droga, eu devia estar toda vermelha, porque ele

sorriu ao olhar para o meu rosto.

— Eu... — antes que eu terminasse, o som do meu celular tocando *Even Flow* do *Pearl Jam*, me interrompeu, e eu disse um palavrão entrementes. Devia ser a minha mãe.

— Você pode atender, Julia. — Arthur me disse, e se afastou um passo. Eu suspirei e peguei o celular da mochila, consciente da sua presença e do seu olhar sobre mim o tempo todo. Era a minha mãe, constatei. Levantei os olhos e vi que Arthur ainda me observava atentamente. Fiz um gesto, e ele assentiu como se me dissesse para ir adiante, passando a observar os livros e revistas a nossa frente.

— Oi...

— Julia, onde você está? Eu e sua avó estamos aqui aguardando você. Você sabe como nós detestamos atrasos. — minha mãe já estava dizendo, parecendo chateada.

— Já estou aqui no shopping, mãe. Só um minuto. — murmurei, vendo que Arthur tinha virado para me ver, e depois voltou a olhar o que estava vendo antes.

— Ótimo. Não demore. — e desligou.

Eu respirei fundo, guardando o celular na

bolsa novamente, mas botando no silencioso antes. Ele virou-se para mim.

— Não quero atrapalhar seu compromisso, Julia.

— Não se preocupe, não estou realmente atrasada. — e nem se estivesse, não ia sair dali agora para correr para os caprichos da minha mãe nem a pau. Ele sorriu, e pegou uma revista do mesmo autor que estávamos falando antes, uma reedição cara de uma das suas maiores e mais importantes obras, em capa dura. Meus olhos brilharam.

— Ah, que bom. Então, me espera só pagar isso aqui?

— Claro!

Ele fez um gesto e eu passei, caminhando a sua frente. Meu Deus do céu, como estava minha calça atrás? Era uma daquelas folgadas? Não, era uma mais justa, lembrei, soltando o ar dos pulmões, aliviada.

— Você já leu? — ouvi-o perguntar, e voltei-me para responder, parando, e claro que ele quase tromba em mim. Então, me segurou pela cintura e eu estremeci, pois assim, ele ficou muito perto e olhando bem dentro dos meus olhos. Os

seus lábios eram tão bonitos e delineados... Uma pessoa podia, tipo, entrar em erupção?

— Desculpe. — ele murmurou, afastando-se, mas a mão continuou em minha cintura. — Você já leu essa coleção?

Minha língua, onde estava? Meus neurônios, que eu me orgulhava tanto, para onde tinham ido? Só um segundo... Só um segundo, todas as sinapses iam acontecer e meu cérebro ia voltar a funcionar. Pronto.

— Eu realmente não li. E essa é uma edição linda, completa, não é? Uma aquisição e tanto. — eu disse, e me parabenizei por dizer tanta coisa, levando-se em conta o calor que eu estava sentindo, e como minha respiração estava engatada.

Arthur sorriu lentamente, e então me soltou, fazendo novamente aquele gesto para que eu seguisse adiante.

— Sim, especial de colecionador. Realmente especial.

Concordei, aquecida com o seu olhar firme, e virei-me, andando um pouco mais rápido, mexendo nas alças da minha bolsa, tocando na minha bochecha quente. Eu odiava aquilo, corar daquele jeito como se fosse uma menininha. Droga.

No caixa, que estava vazio, Arthur foi pagar a sua compra, e eu senti na bolsa o celular vibrar novamente, mas ignorei. Rapidamente, ele pagou e veio na minha direção. Como ele era lindo, nossa, tipo lindo demais. Eu não queria ser pega suspirando, então, o encarei e sorri.

Ele tinha pedido para embalar para presente, notei, vendo o embrulho em suas mãos, e fiquei momentaneamente decepcionada, pois já estava feliz em ter estado na sua companhia comprando algo que ele gostava, do seu autor favorito. Era para outra pessoa, então? Tentei evitar a sensação de frustração.

— Pronto, resolvido.

Eu ia virar-me em direção a entrada da livraria, mas ele tocou meu ombro, me fazendo parar. E parecia queimar nas partes onde ele me tocava.

— Julia...

— Sim?

— É para você. — disse, parecendo ele próprio um pouco tímido, agora, estendendo-me o embrulho com o livro que ele acabara de comprar: uma coleção em capa dura de *Watchmen*! Uma obra-prima. Mas podia muito bem ser um marca

texto, não importava, ele tinha comprado para mim! Fechei a boca que devia estar aberta em choque, e ri, olhando para ele, espantada.

— Para mim? Eu... — eu disse, como uma boba, e ele riu, passando uma mão na lateral do cabelo preto.

— Sim, para você, já que compartilhamos esse gosto. Eu já tenho uma. Pegue, é sua.

Impulsivamente, eu peguei o embrulho com o livro das suas mãos, e me movi para frente. Não sei bem o que pretendia, se abraçá-lo ou dar um beijo no rosto, mas quando me movi, ele também se moveu, e nos chocamos, e como eu era apenas um pouquinho mais baixa, ficamos muito... Muito próximos, quase pude sentir sua respiração quente no meu rosto. Então, encontrando não sei onde coragem, me estiquei e encostei meus lábios em seu rosto, mas ele virou o seu, e nossas bocas quase colidiram, quase... Mas eu pude sentir de leve nos meus lábios o calor do suspiro que ele deu.

— Obrigada. — eu sussurrei, baixando os olhos para os seus lábios, meu sangue correndo rápido nas veias. — Eu amei. Muito.

— Por nada. — ele disse, e notei que sua voz parecia mais rouca e baixa. Quando levantei os

cílios, seus olhos pareciam mais escuros ainda, concentrados nos meus lábios. Devemos ter ficado uns segundos só assim, mas podiam ser horas, então, a praga do meu celular vibrou novamente, e eu me afastei, subitamente envergonhada.

— Eu gostei muito mesmo, Arthur. Vai ficar linda na minha coleção. — eu disse, tentando retomar o controle da minha respiração acelerada.

— Linda, muito linda. — ele disse, apenas, muito sério.

Eu não soube mais o que dizer, então, segurei o presente de encontro ao peito, já que ele bem podia ouvir o meu coração batendo feito louco.

— Você precisa ir, sua mãe deve estar chateada com o seu atraso. — ele disse, voltando a pôr as mãos nos bolsos da frente da calça.

— É, eu vou. Mais uma vez, obrigada. É um presente maravilhoso.

— Ok. Julia...

— Sim?

— Quer tomar um café, ver um filme, algo assim?

Eu ia desmaiar! Mas não agora, depois, agora eu precisava dizer que sim. Simples.

— Eu adoraria.

— Ótimo, então. Eu te ligo para dizer o dia e a hora, pode ser?

— Pode, mas... Você não tem o meu celular.

— Eu tenho. Peguei com a Patrícia. — ele piscou de novo, e eu senti meu estômago retorcer e enrolar, e só pude sorrir, concordando, antes de virar-me e sair da livraria como se não estivesse andando sobre os meus próprios pés, apertando o livro no peito.



Minha mãe estava soltando fumaça pelo ouvido, mas daquele seu jeito comedido, tamborilando os dedos na perna coberta com uma calça de alfaiataria, só quem a conhecia bem sabia que ela estava profundamente irritada. Minha avó parecia que havia comido algo estragado e estava tentando não passar mal, mas era realmente apenas a sua expressão usual. Apressei o passo, indo ao encontro das duas.

— Mãe. Vovó. — cumprimentei-as, mas não deu para evitar o desânimo na minha voz. Às vezes eu me sentia mal por isso, mesmo. Eu não

PERIGOSAS ACHERON

queria me sentir assim, e em algumas ocasiões até tentava bravamente gostar e curtir a companhia delas, mas era difícil.

— Julia, o que é isso que você está usando? Meu Deus, Amanda, você vê como essa menina está? Como Teodoro *permite* que sua filha ande por aí como uma... Você deveria ter ficado com a sua filha, isso sim.

Viram? É disso que eu estou falando. E ainda não tinha nem um minuto com elas. Minha mãe fez uma expressão de desagrado, olhando-me de cima a baixo. Vovó simplesmente virou para o outro lado, como se estivesse procurando conhecidos que pudessem me ver na companhia delas. Ambas estavam, claro, como se estivessem indo, ou vindo, de um desfile de marca famosa. Sério. Eu não achava feio, na verdade, elas ficavam lindas da forma como se vestiam, combinava com elas. O problema era que eu *não era* como elas e não gostava daquelas roupas então, porque diabos elas não entendiam isso e me deixavam em paz?

— Mamãe, Julia é assim justamente por causa de Teodoro, a senhora sabe.

Eu revirei os olhos e mamãe me olhou de modo frio.

— Posso imaginar, aquele ali tem dinheiro suficiente, mas nunca deixou aqueles modos horrendos que ele tem. Deve ser a convivência com aquela mulher deselegante, a tia, esposa do Avellar de Barros, que por mais milionária que seja, nunca vai deixar o jeito de gente baixa, que é de onde ela veio. — Vovó espumou, referindo-se à tia Abigail, ajustando o colar de pérolas em volta do pescoço.

Eu senti a raiva me dominando. Porque eu podia aturar elas me criticando, na verdade, via aquilo com um profundo enfado, mas falar do meu pai e da vó Abigail? Não mesmo.

— Se vocês vieram aqui para isso, e para criticar o meu pai, eu vou embora. — disse, lançando um olhar duro entre elas. Vovó me encarou horrorizada, como se nunca pudesse esperar aquilo de mim, e mamãe me fez uma cara de repreensão.

— Julia, comporte-se.

— Então, por favor, não fale do meu pai. Ou da minha avó. — exigi, irritada, toda a minha paciência usual para elas me abandonando. Jesus, não tinha nem meia hora e eu já estava em conflito com elas. Vovó Gisele empinou o nariz daquele jeito dela, e lançou um olhar para mamãe. Elas

pareceram se comunicar em códigos, e eu suspirei.

— Tendo em vista as companhias recentes, não é de se surpreender. — vovó disse, como se não pudesse evitar. Eu ignorei, com firmeza.

— Nós não vamos comprar coisas? — eu disse, como se estivesse prestes a ir para cadeira elétrica. Queria ir logo às compras. Quanto mais rápido fosse, mais rápido terminava.

— Vamos, querida. Você está precisando. Mas, antes, vamos almoçar, você demorou demais e prefiro comer logo. Vamos, Amanda. — vovó disse, saindo na nossa frente sem ver a seguiríamos.

Por um momento, eu pensei em como havia sido a vida da minha mãe quando criança, e depois adolescente, com vovó. Devia ter sido um inferno total, mas não senti muita pena não, porque acho que em algum momento da vida, você meio que decide como quer ser. Eu podia mudar de ideia depois, mas achava aquilo. Eu fui criada com ela e não quis e nem quero ser igual, e minha mãe já teve muito tempo para isso, para mudar, se quisesse... mas preferia não fazer isso.

— Vamos, Julia. — ela me chamou, e eu a segui. Mas o encontro com Arthur, e toda a felicidade ainda estava me envolvendo, então, eu ia

tirar forças daquilo para aguentar. E eu sempre podia ver se dona Amélia não queria levar para casa uma roupa ou outra dessas vindas ao shopping com essas duas...

Nós entramos em um restaurante caro do shopping, ainda que fosse bastante cedo. Vi as duas colocarem apenas salada no prato, e me servi do que quis — o que não foi muito, já que meu estômago ainda estava afoito — já que foi-se tempo em que eu ficava com fome na frente de ambas para que elas não achassem que eu estava comendo muito, ou que fosse engordar. Era terrível.

Depois que nos acomodamos na mesa, vovó espiou meu prato.

— Querida, cuidado com esses carboidratos, sim?

Eu nem levantei a cabeça. Tinha uma salada, um bife e uma porção pequena de batatas no meu prato.

— Sim, vovó.

— Julia, onde você estava? Por que se atrasou? — mamãe perguntou. E observem que esse *atraso* não foi mais do que 10 minutos, se muito.

— Apenas encontrei um amigo na livraria.

— Na livraria, claro, onde mais. — ela retrucou. — Você não estaria com aquela sua amiga Patrícia? Não foi isso que disse?

— Sim, mas ela já foi embora. — respondi, pensando que eu entendia. Por mais amiga que Paty e Mônica fossem, nem por mim dava para passar uma manhã dessas. Eu entendia.

— Hum.

— Patrícia? Aquela filha caçula de Beth Queiroz? — vovó perguntou, interessada. Eu não sabia quem era Beth Queiroz, mas com certeza não era a mãe de Paty e de Arthur.

— Não, vó.

— Não, mãe. Essa menina é aquela que eu lhe disse... — mamãe completou, levando uma alface à boca, olhando a mãe de esguelha. — A mocinha que se veste como uma roqueira.

— Igual a mim, a senhora quer dizer?

Mamãe me ignorou.

— Mas ela é filha de quem? — vovó franziu as sobrancelhas esculpidas.

— Você não conhece. — resmunguei. Meu Deus amado.

— É, mãe, você não conhece. A família não tem muitos recursos. Ela estuda com uma bolsa

integral — Mamãe disse, como se aquilo fosse equivalente a ter uma doença contagiosa. Eu às vezes esquecia que ela se metia nas coisas da escola, fazia parte de conselho e tudo. Eu nunca agradeci tanto a Deus por ser o meu último ano. Nunca.

— Entendo. — vovó murmurou. — E essa que é sua melhor amiga, Julia?

— Minha irmã, na verdade. — eu disse, com ferocidade. Elas me olharam e voltaram a comer com expressões de desagrado.

— Seu aniversário está chegando, não é, querida? — vovó começou, e eu realmente agora senti o meu estômago se agitar por motivos completamente diferentes. Por que eu não tinha dito que estava doente, que tinha morrido, algo assim?

— Sim. — murmurei, deixando os talheres de lado. Já não havia muito apetite, agora, ele foi para o espaço total.

— Já decidiu o que quer fazer? — mamãe perguntou, com um sorriso ansioso. Eu olhei para ela, sem acreditar. Ela realmente não lembrava que aquela história de festa de aniversário tinha sido praticamente o estopim da saída de papai de casa e

do consequente divórcio deles? E agora estava ali me perguntando o que eu queria? A minha mãe era normal?

— Eu... hum, ainda não decidi.

— Não demore, não é todo dia que se faz 18 anos, é um rito de passagem muito importante e precisa ser algo especial. — vovó avisou, sorrindo. Meu Deus, elas iam se frustrar muito com o que eu estava imaginando em fazer, pensei, sem nem um pinga de remorso.

— Ok.

— Querida, você é uma das jovens mais lindas que eu conheço. Se passasse a vestir-se como alguém da sua posição, mudasse essa postura, você seria realmente a beleza de nossa cidade. Do país, na verdade. Teria qualquer herdeiro do Brasil a seus pés. — vovó sussurrou, sorrindo, sonhadora, e eu olhei para ela sem acreditar. Sério? Ela sabia que nós não éramos mais uma monarquia e não fazíamos parte de algum tipo de nobreza? O que eu estava pensando? Na cabeça de gente como elas, era exatamente assim que elas se viam. Como eu vivia mais com o meu pai, que tinha muito dinheiro do seu trabalho, sim, mas não comparado à riqueza da família da minha mãe, eu às vezes esquecia que

mamãe era a única herdeira de uma verdadeira fortuna da minha avó e do meu avô, como filha única. A fortuna delas só não era maior do que a dos meus avós Abigail e Otávio, acho que era por isso que vovó Gisele não gostava muito dela, pensei, com um sorriso malicioso.

— Julia... e seu pai, como está? Está bem?

— mamãe começou, e eu gemi, fechado meus olhos por uns segundos. Ia começar.

— Está bem, sim. Ótimo, na verdade.

— Sei. Ainda está... como direi, "namorando" aquela moça que encontrei lá naquele dia? — ela perguntou, a voz suave, sem me encarar. Vovó, por outro lado, tinha os olhos cravados em mim. Eu precisava pensar. Não ia expor a vida do meu pai para aquelas duas, mas também não poderia agir como se estivesse escondendo algo e despertar ainda mais a curiosidade delas.

— Está, sim.

Mamãe me olhou como se eu tivesse dito algo assustador, inacreditável. Minha avó largou os talheres e cruzou os dedos finos sob o queixo.

— É sério, Julia? Essa... moça, ainda anda frequentando a casa do seu pai? — ela quis saber,

já que mamãe tinha sido atingida por um raio e tinha ficado muda.

— Sim, afinal, ela é namorada dele, não é?
Silêncio na mesa.

— Curioso. — foi novamente vovó que voltou à tona. Mamãe deixou a comida e parecia ter algo engasgado na garganta. — Teodoro não parece um homem que quisesse voltar a entrar nesse tipo de relacionamento. Um namorico com alguém tão... — ela procurou uma palavra, eu a fitei, sem desviar os olhos. — Diferente.

— Pois é, né? Parece que ele gosta de *diferente*, afinal. — eu dei de ombros, com expressão ingênua. E minha mãe me olhou, parecendo insultada.

— Onde o seu pai achou essa mulher?

Alerta de perigo! Eu a fitei, e me perguntei se ela não lembrava de uma certa conversa à mesa em casa, quando falamos de Malu, e eu inclusive provoquei meu pai porque tinha percebido o interesse dele. Eu disse que Malu era minha professora de dança, não disse? Ou não? Pelo visto não. Mas se era o caso, não seria eu quem a lembraria, só por via das dúvidas.

— Não sei, mãe.

— Aposto que foi através do Ricardo, é bem o *tipo* de mulher que ele gosta. — ela quase cospe, e eu quis sair dali. Aquilo fazia mal, sinceramente.

— Que *tipo* de mulher? — insisti.

— Do tipo que não convém a um homem como ele, minha querida. Do tipo que com certeza está em busca de dinheiro e vida fácil, vindo de onde eu acho que ela veio. — vovó respondeu, com o rosto contorcido em asco. — Eu a vi no restaurante. Você precisava ter visto a falta de classe, Amanda, o vestido que ela usava... Meu Deus.

Era o suficiente para mim.

— Mãe, vó, me desculpem, eu me sinto terrivelmente mal, e não vou poder fazer compras com vocês. — eu disse, me levantando e pegando a minha mochila.

Minha avó franziu as sobrancelhas, surpresa.

— Você está doente, Julia?

— Não, mas tenho certeza que vou ficar se permanecer aqui. Ligo para vocês depois. — eu disse, e saí sem olhar para trás. Era a primeira vez que eu fazia isso, e era libertador. Porque nem com

PERIGOSAS NACIONAIS

toda a felicidade de mundo um ser humano podia ficar imune àquele veneno, e eu não queria me contaminar.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 40

Às vezes eu dou um tempo (dou um tempo)

Vou com tudo (vou com tudo)

Consigo o que é meu (Pego o que é meu)

Sou uma estrela (sou uma estrela)

Formation

Beyoncé

Malu

Tem uma promessa que o Teo fez para mim que eu desconfiava seriamente que ele não iria cumprir: a de que não iria surtar com a minha gravidez. Prometeu que ia ficar tranquilo, que já era pai, que já tinha passado por aquela experiência... e que ia ficar tudo bem. Balela. Na verdade, assim que saímos da clínica, ele... não, correção... ele já estava me enlouquecendo ali mesmo.

— Dr. Paulo, deixa ver se eu entendi. — ele disse, depois que finalmente sentou-se e cruzou os braços, quando o médico já tinha explicado *tudo!* — Você garante que esses remédios não irão causar nenhum problema ao nosso bebê, então. — eu notei que não era uma pergunta, e gemi internamente, olhando para ele com discreta expressão zangada. Que ele obviamente ignorou.

O médico já tinha explicado aquilo, eu já tinha perguntado tudo sobre isso, também. Por que diabos ele estava nesse assunto novamente?

Dr. Paulo se mexeu na cadeira, provavelmente sob o peso do olhar de Teo.

— Como eu disse, a amoxicilina é um antibiótico que é seguro para a utilização em

PERIGOSAS ACHERON

qualquer fase da gravidez. Faz parte do grupo de medicamentos do que chamamos de categoria B, isto é, o grupo de remédios que não oferece risco ou efeitos colaterais tanto à gestante quanto ao bebê. Então, dentro das garantias que a medicina me permite, sim, está tudo bem. Pode ficar tranquilo.

— Não vou ficar, mas obrigado mesmo assim. — ele murmurou, com um sorriso afável.

— Teo... — eu olhei para ele em sinal de aviso, mas o Dr. Paulo só sorriu, balançando a cabeça.

— Eu entendo a sua preocupação, sr. Stein. Os futuros pais realmente ficam ansiosos, temerosos com todos os detalhes envolvendo medicamentos e o início da gestação, mas garanto-lhe que vai ficar tudo bem.

Teo balançou a cabeça em concordância para ele. Como se dissesse: você não tem opção. Eu conhecia aquela sua cara bem ali. Suspirei.

— Vai, sim, doutor. Então, eu tenho essas requisições para todos os exames necessários, e aqui tem quando devo voltar, está tudo bem. — comecei, antes que ele resolvesse intimidar o meu médico novamente, porque era praticamente isso

que ele estava fazendo, eu não era boba. Tinha que me lembrar que as visitas dele comigo seriam absolutamente contadas a partir de agora, se ele continuasse assim, pensei, com um sorriso que não deixei ele ver.

— Sim. Alguns exames que são necessários agora, outros você fará à medida que as semanas forem avançado. Mas durante o seu acompanhamento, nós falaremos mais sobre isso. — Dr. Paulo informou. Muito bom que ele próprio faria o meu acompanhamento obstétrico, eu já o conhecia, confiava nele, seria muito melhor. Nessa fase, uma das coisas que eu mais precisava era confiança, estabilidade.

Engraçado como eu estava me sentindo agora. Não com medo, não nervosa no sentido de insegura, como eu estava antes. Apenas excitada, com uma expectativa boa. Claro que era algo novo, impactante, podia ser até visto como assustador, deixava você sem chão, mas eu também estava leve, segura, sentindo-me amada. E ter aquele homem ao meu lado com certeza tinha muito a ver com isso, mesmo que eu desconfiasse que precisava lidar de uma forma muito especial com ele por causa desse assunto.

— Certo, doutor. Eu ligo assim que tiver tudo pronto e marcamos meu retorno.

— Muito bom, Maria Luiza. Você já tem as receitas, está tudo ok. Fique bem, você tem uma saúde muito boa, um ótimo condicionamento físico, essas coisas ajudam bastante na gestação.

Eu sorri e estendi a mão para ele, sentindo uma euforia me dominar. Não via a hora de contar para minha mãe, eu sei que não foi algo planejado, mas ela ficaria feliz por mim, eu conhecia ela. Meu pai era outra coisa, mas eu não ia pensar muito nisso agora, o que a minha mãe achava, sim, era que era relevante ao extremo para mim.

— Assim espero. Então, até logo.

— Até logo.

Teo estendeu a mão e despediu-se também, e nós saímos do consultório juntos, sua mão firmemente na minha. Apertei a sua mão de volta e sorri, ainda em total arrebatamento. Eu o amava, o queria comigo, e agora trazia dentro de mim uma importante parte nossa.

Quando chegamos ao carro, ele me ajudou a sentar, e então, segurou o meu rosto e deu-me um beijo forte, mas carinhoso, indo depois para o banco do motorista e saindo do estacionamento da

clínica. De forma quase inconsciente, coloquei a mão sobre o meu ventre completamente plano, e sorri com o turbilhão de imagens que me vieram à mente. Olhei para ele de lado e o peguei lançando um olhar intenso para a minha mão

— Presta atenção no trânsito, papai. — eu disse, sorrindo relaxada, recostando-me no banco.

— Agora mais do que nunca. — ele disse, com voz solene, sem desviar os olhos da direção. Fechei os olhos e pensei em como as coisas estavam saindo do rumo que eu tinha planejado, mas estava percebendo que tudo aquilo, amá-lo, a gravidez, estava me fazendo ter novas perspectivas sobre o meu futuro. Eu ainda poderia fazer o que eu quisesse, mas agora também tinha outras prioridades na vida.

Quando o conheci, muito antes na verdade, eu estava em um momento de me desligar de tudo que sequer remetesse a relacionamentos, a sonhos, a amor, e no fundo sempre soube que era uma armadura para tentar me proteger do sofrimento pelo qual eu tinha passado com o Adriano. Teo simplesmente quebrou essa armadura, de um jeito que eu não pude mais me proteger. E não queria, na verdade. Queria viver o que estava acontecendo,

intensamente. Não ia mais deixar meus medos e angústias passadas me tirarem o que eu poderia viver agora com ele, o que eu poderia ter adiante, e nem iria permitir que ninguém fizesse isso.

— Malu...

Abri os olhos e o encarei. Notei sua tensão pela forma que estava segurando o volante, pela rigidez da musculatura dos antebraços, pela linha rígida da mandíbula. Franzi o cenho.

— O que foi?

— Lembrei da nossa discussão por causa da viagem, da Suzana... Puta que pariu, você já estava grávida. Não acredito nessa porra. — ele disse, então, com a voz baixa, atormentada.

— Sim, Teo, mas está tudo bem. Não se inquiete com isso agora.

— Que merda, como eu me arrependo disso... — continuou, como se estivesse falando para ele mesmo. Toquei seu braço com cuidado, para confortá-lo, com suavidade.

— Nós não sabíamos, ou eu não teria batido em você — eu disse, sorrindo para desanuviar o clima, e ele me lançou um olhar rápido.

— Mulher atrevida.

— Eu acho que estava meio fora de mim, já.

Os hormônios da gravidez, talvez? Nunca, nem quando briguei com o Adriano, pensei em bater nele, acredita? — eu dei risada.

— Informação desnecessária. — Teo rosnou para mim, e eu revirei os olhos.

— Teo...

— Oi.

— Para quem você vai dizer primeiro?

Ele não hesitou um segundo:

— Para a Julia.

Assenti, com um sorriso. Era por essas e outras que eu sabia que ele seria um ótimo pai, e isso me dava um conforto imenso, uma sensação de segurança que enchia meu peito de maneira sem igual, mas ao mesmo tempo estava trazendo à tona aquela vozinha... aquela, que me dizia, “ele será um ótimo pai, ele te ama... mas isso está bastando para você?” Eu me peguei olhando pela janela, pensando nisso, e respondendo a essa vozinha intrusa que sim, por enquanto, estava bastando sim, e quando isso não fosse mais o suficiente, hoje, amanhã, daqui a um mês, a um ano, eu simplesmente diria a ele como estava me sentindo. Tínhamos decidido, ao sair do restaurante quando descobrimos que não havia um bebê, que

estariamos sempre contando um ao outro sobre qualquer coisa, sobre nossos incômodos, problemas, e era isso que eu faria, sim.

— E você? — ele devolveu a pergunta.

— Minha mãe. — eu murmurei, convicta.
— Preciso ir lá. Existem certas coisas que, se você pode, têm que ser ditas pessoalmente.

— Claro, e eu irei com você.

Voltei a concordar. Era realmente uma nova fase, com novas escolhas e novas decisões, e eu era forte, sempre fui, mas contar com o apoio do homem que eu amava fazia uma diferença enorme nesse momento. Não demorou muito e Teo havia estacionado em frente a uma farmácia.

— Malu, as receitas. — ele pediu, virando-se para mim. Eu o encarei por uns segundos. — O que foi, Malu? Não me diga que você também não vai permitir que eu compre umas simples vitaminas. Você não quer que eu te pague nada, não quer que eu ajude com o seu carro, agora está fazendo essa cara aí...

— Eu não disse que não queria que você comprasse as vitaminas, Teo.

— Mas pensou. Ou não? — Teo tocou o meu rosto, passando o dedo por meu lábio, e depois

desceu a outra mão e a espalmou na minha barriga, com delicadeza. Uma mão grande com um toque delicado, e eu aprecie sua palma morna em contato com meu corpo. — Malu, olha, não é um assunto para ser discutido agora, mas vamos precisar resolver algumas coisas... Como essa aqui, você entende? Não me afaste de absolutamente nada em relação a sua gravidez, por favor.

— Teo, eu não sou uma louca, claro que eu sei que você vai querer ter toda a responsabilidade e lidar com as despesas do seu filho.

— De *vocês*. — ele reagiu, ferozmente. — Não diga isso como se fossem coisas separadas, meu amor, porque não são.

— Ok, não estou dizendo isso. Só estou pedindo, veja bem, que você lide com a minha gravidez tendo plena consciência de que eu também sou parte de qualquer decisão. Qualquer decisão, certo, Teo?

Ele fez aquela carranca para mim, mas não disse nada.

— Não tenho medo dessa sua cara assustadora, guarde para o seu filho ou filha. Estou falando sério. — e apontei o dedo para ele.

— Malu, como eu te excluiria de alguma

coisa? — ele cruzou os braços sobre o peito, desdenhoso.

— Oh, não sei. Decidindo as coisas por mim, talvez? Simplesmente concluindo coisas e só me comunicando depois? — estreitei meus olhos para ele, então suspirei. — É disso que estou falando.

— Não vou fazer nada disso.

— Certo, vamos conversar sobre isso mais tarde.

Ele aproximou-se e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Sim, não quero que você se estresse por bobagem, meu amor. As receitas, por favor?

Peguei-as da minha bolsa, entreguei-as para ele e abri a porta para sair também, o que ele provavelmente não esperava porque me olhou surpreso ao ver-me ao seu lado, mas não disse nada e fez um gesto para que eu fosse à frente.

Entramos e nos encaminhamos ao balcão, Teo atrás de mim, mas nossas mãos juntas. Observei que ele estava fazendo aquilo mais ainda ultimamente, e sorri para mim mesma. No balcão, uma atendente novinha veio com todos os dentes à mostra para ele, que estava curvado, aguardando

atendimento, até que notou-me ao seu lado e fez uma expressão mais profissional, indo buscar nossos pedidos. Dei uma ligeira beliscada na barriga dele, que me olhou entre espantado e divertido.

— O quê?

— Você fica com esse sorriso aí... desse jeito. Estou de olho em você, viu?

Teo deu uma risada, puxou-me ao seu encontro.

— Eu não fiz nada, só estou sendo educado, como sempre.

— Sei.

Eu o abracei pela cintura e aguardei. Quanto aos gastos, eu sabia que ele estava certo em assumir com despesas que eu sei que ele poderia bancar, bem mais do que eu, obviamente. Essa frescura não ia rolar comigo. Claro que no princípio incomodava ele querer pagar coisas para mim, *para mim*, bem entendido, não sendo nada meu, agora, no mínimo, ele era meu namorado e pai do meu filho, e dentro das nossas respectivas possibilidades, ambos assumiríamos as despesas com o nosso bebê.

— Pensei que você iria trabalhar agora.

— Nem que eu quisesse eu conseguiria

trabalhar agora. Quero ir para casa e curtir essa notícia como ela deve ser curtida. — Teo disse, com um amplo sorriso, dando-me uma piscada, então juntou as sobrancelhas louras. — Você tem que dar aula hoje?

— Não, só amanhã.

Teo não disse nada, estranhamente, e voltou a ficar concentrado no trânsito até que chegamos na sua casa. Mas algo me dizia que teríamos algumas conversas bem interessantes se ele continuasse com aquela mania dominadora que ele tinha. Suspirei. Íamos mesmo precisar de equilíbrio para resolver isso.



Assim que chegamos, dona Amélia nos recebeu com um grande sorriso.

— Seu Teo, o senhor aqui uma hora dessas? Dona Malu, que bom lhe ver novamente! — ela disse, e eu a beijei no rosto ao entrar.

— Dona Amélia, por favor, pode me chamar de Malu, pelo amor de Deus...

— De jeito nenhum. — ela franziu a testa, séria, como se aquilo fosse um tipo de falta de respeito se ela fizesse.

— Desiste, Malu, eu tento isso há anos. —
Teo resmungou.

Dona Amélia sorriu, fechando a porta atrás de nós.

— Não me sinto à vontade, o senhor sabe, *seu* Teo. Ah, fiz um bolinho de tapioca e café, que eu sei que o senhor adora. E a senhora, dona Malu? Gosta?

Eu amava bolo de tapioca, e a segui direto para cozinha, com Teo atrás de nós. Não estava bem na hora de um lanche, mas um bolo quentinho de tapioca não se rejeitava, não é?

— Bom, eu adoro, sim, mas acho que não vou comer. — eu disse, apoiando-me na bancada e quase salivando com o cheiro do bolo que enchia a cozinha, e ainda havia o cheiro de erva doce, junto. *Humm...*

Teo pôs as chaves sobre o balcão e virou-se para mim, atento, assim como dona Amélia, com uma expressão espantada.

— Mas por quê? Não me diga que você só vive de dieta, por favor, dona Malu! — ela parecia horrorizada, e me segurei para não sorrir.

— Por que você não pode comer? — Teo quis saber, curioso, parando.

— Não, não é isso ... eu só vou comer se a senhora, dona Amélia, me chamar de *Malu*. Todos os seus bolos e guloseimas, eu como tudo, mas me chame de Malu, combinado? — eu cochichei para ela, dando de ombros, de leve, e ela me fitou com um olhar estreito, por um momento, depois deu uma risada e foi em direção ao bolo, balançando a cabeça.

— Tá certo, *Malu*, então. Mas só por causa disso, seu pedaço vai ser enorme! E é para comer todo. Nada de rejeitar comida.

Eu olhei para Teo, dei uma piscada e movi os lábios formando a palavra "aprende", entanto ela estava de costas. Ele arqueou uma sobrancelha e veio em minha direção, enlaçando-me pela cintura e beijando meu pescoço.

— Atrevida, você, não? — ele sussurrou, e eu derreti com o tom baixo. — E a senhora, dona Amélia, bonito isso, há quanto tempo eu tento que a senhora me chame apenas de Teo e sou ignorado?

— Ah, meu filho, ela pegou justamente no meu ponto fraco. Um cafezinho, também, Malu?

— Claro, eu...

— E você *pode* tomar café? — Teo atalhou, rápido. Eu olhei para ele com os lábios franzidos, e

espiei dona Amélia dar um olhar entre nós dois com uma expressão inquisitiva. Aquele olhar que as senhoras mais velhas, às vezes tinham, como se soubessem exatamente o que a gente queria esconder?

— Posso, Teo... um pouquinho só, não vai fazer mal. — eu disse, baixo, ajeitando uma mecha inexistente atrás da minha orelha, sob o olhar atentíssimo de dona Amélia. Eu não podia exagerar, claro, mas um cafezinho não estava proibido. Ele cruzou os braços, com uma carranca.

— Eu o ouvi dizer...

— *Teeeo...* — eu cantarolei, com um sorriso fixo, querendo bater na cabeça dele com alguma coisa daquela cozinha, saindo da bancada e indo encontrar dona Amélia, que tinha um prato com um pedaço de bolo nas mãos. Para quem queria contar primeiro para a *filha*, ele estava fazendo um ótimo trabalho ali, pensei.

Dona Amélia ofereceu-me o bolo, e minha boca encheu de água só de olhar. Teo continuou lá de braços cruzados e expressão fechada, observando-me, e ele não era o único a fazer isso. Recebi um olhar como um raio-x da delicada senhora a minha frente, e ela discretamente, mas

não tanto, fixou-o nos meus seios e nos meus quadris. Lá se vai quem ia saber primeiro por aqui, pensei, pegando o prato e indo me sentar.

Comi um pedaço inteiro, rapidamente, e fiz um som de satisfação, fechando os olhos, apreciando a delícia do bolo. Então estranhando o silêncio ao meu redor, abri os olhos e os dois estavam lá parados olhando para mim. Ela com um sorriso discreto, e ele com aquela expressão de quem estava sendo contrariado. Eu o ignorei, dessa vez. Vai aprendendo, meu amor.

— Pensando bem, dona...quer dizer, Malu, não toma não. Esfriou. Depois eu faço mais. — dona Amélia disse depois de lançar um olhar discreto para Teo. Ele ia fazer aquilo com todo mundo, mesmo? Mastiguei, e o encarei firmemente.

— Posso fazer um suco para você? Rapidinho. Uma vitamina? Um chazinho verde? — dona Amélia continuou oferecendo, parecendo meio eufórica agora, movimentando-se de um lado para o outro. Por causa dela, eu sorri e aceitei.

— Pode ser, sim. Uma vitamina seria ótima, mas eu mesma posso fazer, não se preocupe.

— Não, eu faço bem rápido, só um instante.

— Obrigada — eu murmurei.

— Vou subir e tomar um banho. Já desço para provar do seu bolo. — ele garantiu à dona Amélia.

— Hum. — eu peguei meu pedaço de bolo, dei uma mordida e levantei com ele. — Já volto para tomar a vitamina, deixe só eu acompanhar o Teo rapidinho, *tá* bem? — eu disse a ela, seguindo-o. Quando estávamos longe o suficiente dela, aos pés da escada, eu olhei para ele, sibilando.

— Pronto, agora ela está me olhando de um jeito... parece a minha mãe... E fica olhando para os meus seios, Teo!

— Ela ia saber de qualquer jeito. — ele disse, despreocupadamente, fazendo-me ir à sua frente na escada — E seus seios são bons de olhar. Não só os seios, posso dizer daqui dessa posição...

— Eu estou falando sério!

— Daqui a pouco ela vai me perguntar e eu vou dizer, nada de mais.

Assim que entramos no quarto, eu sentei na cama e cruzei as pernas em estilo borboleta como costumava fazer. Ele fechou a porta e recostou-se nela de braços cruzados, sério, o olhar fixo e penetrante. Sempre ficava difícil manter a linha de pensamento e o raciocínio lógico quando ele ficava

assim, nossa...

— Teo, você não vai ficar fazendo essa cara e intimidando as pessoas sobre a minha gravidez, não é?

— *O quê?* Quando eu fiz isso?

— Ah, por favor. Você fez isso com o Paulo... E não me pergunte quem é! — atalhei, rápido — Você sabe que é o meu médico. E agora por causa de um simples café...

— Se o *seu médico* sente-se intimidado por simples perguntas, é complicado, não é? — ele encolheu os ombros largos, mas sua expressão era de ligeiro divertimento. — E quanto ao café, eu ouvi claramente ele dizer que precisava ser tomado com moderação. Toda cafeína, na verdade, e eu sempre soube disso.

— E quantos anos você acha que eu tenho, Teo? Dez? — eu perguntei, com doçura. — Uma xícara encaixa-se em “moderação”, sabia? Até duas. Não precisa ficar me controlando desse jeito.

Ele soltou uma respiração profunda, e veio caminhando até mim. Então, sentou-se ao meu lado e tocou meu queixo.

— Você está certa, Malu. Eu vou tentar não intimidar mais ninguém. Nem ser um idiota

mandão, nem tomar decisões por você, nem querer manter você aqui nessa cama deitada 24 horas por dia, até o nosso bebê nascer, tá ok? — ele disse, solenemente, e me deu um beijo na testa.

Eu fiquei uns segundos encarando-o, testando sua sinceridade.

— Você está brincando, não é? Sobre essa parte de manter-me aqui deitada na cama. — eu olhei bem naqueles seus olhos verdes.

— Claro. Uma brincadeira.

Ele não estava brincando, se pudesse realmente fazer. Bufei, depois ri. Ele que sonhasse.

— Teo, eu não estou doente, é apenas uma gravidez tá? Eu sou uma professora de dança, claro que algumas adaptações serão necessárias, mas eu vou continuar praticando essa atividade física, é o meu trabalho, vai se acostumando, além de ser algo altamente recomendado e muito bem-vindo, por sinal.

Ele me olhou por uns segundos, então, jogou-se de costas na cama e levou as duas mãos ao rosto.

— Caramba, e eu pensei que ia ter um ataque cardíaco antes. — gemeu, baixo, mas eu ouvi. Deitei-me ao seu lado e pus o rosto em seu

PERIGOSAS NACIONAIS

peito coberto pela camisa social, mexendo distraidamente nos botões.

— Meu amor, você está sendo um bobo. Dançar, na verdade, só vai trazer benefícios tanto para mim, na hora do parto, quanto para o bebê. É uma das melhores coisas que pode acontecer na gravidez. Facilita o parto normal, até.

— Eu sei disso, Malu. Escutei-o lá. Você acha que eu não sei disso?

— Então, qual o seu problema?

— É só a minha paranoia com segurança, tá? Penso tanta merda, fico com medo de algo acontecer... Mas eu vou tentar lidar com isso. Não garanto conseguir, mas vou tentar bravamente. — ele prometeu, seus dedos em meus cabelos, massageando.

— Eu entendo, Teo, mas você precisa relaxar. Eu estou grávida, também tenho medo, preocupações, isso tudo. Mas estou confiante que vai ficar tudo bem e vamos ter nosso bebê lindo e com saúde.

— Vamos, sim.

— Então, só relaxa.

— Malu, não são todas as danças que são recomendadas, não é? Aquelas em que você se joga

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por cima de companheiros de profissão, por exemplo — sua voz era baixa e rascante, irritada. — Tenho certeza que os médicos não estão falando daquilo, para uma mulher grávida.

— As coisas precisam ser adaptadas, já te disse. — ignorei a “direta” dele sobre Roberto. — A intensidade, a forma, os ritmos. Vou cuidar disso, sou uma profissional, não esquece, *tá*? E vou ter todo o acompanhamento necessário para tudo, não foi o que nós combinamos?

— Pode apostar. Veja tudo que for necessário para você, e o que não for também. Tudo. E Malu...

— Sim?

— Não hesite em nada. Se você vai precisar, faça, compre, contrate. Você está prestando atenção ao que eu estou dizendo?

Respirei fundo.

— Sim, meu amor.

— Você não está.

— Teo. Nós vamos fazer tudo o que for necessário e buscar toda a ajuda que for realmente importante, *tá* ok?

— Sim, nós vamos.

— Não se preocupe, querido, eu não vou

PERIGOSAS ACHERON

deixar você enlouquecer, e nem me enlouquecer com nada disso, o que é mais importante ainda. Prometo.

Senti a sua risada abafada pelo movimento do seu peito.

— Por falar nisso, Malu... Precisamos mesmo decidir umas coisas importantes.

Bom, lá vamos nós, pensei, mas aguardei em silêncio.

— Você sabe que algumas coisas vão mudar entre nós. — ele começou, com a voz muito séria, e meus dedos congelaram discretamente na brincadeira com os botões, mas depois eu voltei, devagar.

— Que coisas?

— Primeiro, você precisa me prometer que vai ser sensata e pensar que não é só uma questão que afeta você, mas afeta ao nosso bebê também.

Eu franzi minha sobrancelha.

— Teo, eu sempre sou sensata.

— Mas você precisa fazer uma promessa para mim.

— O que eu te prometo, e que vou cumprir de verdade, é te amar, por exemplo. — eu disse, baixinho, tendo aberto um botãozinho e agora

fazendo círculos em seus pelos com a pontinha do meu dedo indicador. — E amar nosso filho, agora.

— Que bom, meu amor, estamos de acordo, então. Eu te amo, também, você sabe.

— Sei, mas não vou reclamar se você me mostrar, sempre, todos os dias. — sussurrei, fechando minhas pálpebras e aspirando seu cheiro. Era uma sensação tão boa, inebriante.

— Eu pretendo, minha vida. Te mostrar todos os dias.... Então, chegamos aonde pretendo chegar.

— Ok... estou aguardando.

— Número um...

— Oh, céus. É uma lista!

Ele sorriu, passando agora a massagear minha nuca com seus dedos longos e quentes.

— Pois é, em primeiro lugar, o seu carro. Você não pode esperar que eu permita...

— Teo... — eu disse, em tom de aviso. — Você permite?

— Cacete, ok. Vamos reformular: você, *meu amor*, não pode achar prudente, racional e certo, andar por aí em um veículo que pode quebrar em qualquer lugar, e te deixar com um problemão nas mãos, sabe-se Deus por onde, sem a menor

necessidade disso. E grávida, Malu.

— Certo, vamos lá.

— Nem vem com esse papo de milhares de mulheres andam por aí em tapetes voadores e o escambáu. Essas milhares de mulheres não estão grávidas do meu filho, e além disso, eu posso, de forma simples e rápida, alterar isso. *Qual o problema?*

— Não é um problema, Teo. Apesar dessa sua forma distorcida de colocar as coisas, eu entendo o que você diz.

— Eu estou preocupado com sua segurança, e você está me deixando realmente louco com isso de querer andar por aí de qualquer forma e não me permitir ajudar. Como você acha que eu vou me sentir... — ele parou, com uma respiração profunda e tensa. — Principalmente agora? Sabendo que eu estou bem, andando em segurança, e você está por aí de qualquer jeito?

Eu mordi o lábio. Ele tinha razão, só estava colocando as coisas daquele seu modo homem das cavernas, claro, mas tinha razão. O orçamento do meu carro tinha dado um valor muito maior do que eu poderia pagar no momento, e ainda estava fora de combate. Nas últimas semanas, eu estava me

deslocando ora de *Uber*, de ônibus, de metrô, ou com Campos, quando Teo me surpreendia.

— Amor, eu te disse, não vou ser uma pessoa intransigente. O que você propõe? Eu posso te repassar o valor do orçamento e...

— O quê?! Você está brincando comigo? Claro que não, Malu. Eu vou comprar um carro novo para você.

Jesus, ia ser com emoção mesmo aquela conversa, pelo visto.

— Você acha mesmo necessário?

— Não. Eu acho absolutamente essencial, isso sim. Isso não é negociável.

Rolei os olhos.

— Lá vem você com esse palavreado de neandertal.

— E eles tinham esse palavreado?

— Você entendeu.

— Pois é, aquele carro não dá, Malu. Eu ando em um carro como o meu, que você conhece, meu motorista em outro carro de luxo, e eu vou consertar o caralho de um carro de segunda para a mãe do meu filho?

— Ei! — eu dei uma palmadinha em seu peito, e ele riu. — Não fala mal do meu carro. É

velho mas é meu, e tá pago, viu?

Ele ria.

— Os meus também. Os nossos, na verdade.

Eu não disse nada, e ele continuou:

— Eu já estava pensando em comprar um outro carro mesmo... Um carro grande, bom, com muito espaço, que dê para andar com crianças nele, fazer o quê?

— O seu já é assim, Teo.

— Outro.

— Para quem seria? Para Julia?

— Fora o dela. Eu já ia fazer umas alterações nessa casa mesmo, pensando bem. Ou comprar um terreno e construir outra maior... o que você acha?

— Teo, essa casa é imensa! Você está doido? Tem dois quartos fechados.

— Hum. Vamos ver.

— Eu adoro essa casa... — confessei, e adorava mesmo.

— Então, vamos ficar aqui, se você gosta dela. — ele disse. — Querida, você entende, não é? Não dá. A outra opção é: eu compro outro carro, de qualquer forma, contrato alguém para dirigir para

PERIGOSAS NACIONAIS

você, se você preferir, você quem sabe. A segunda opção é mais atrativa para mim, só para deixar claro.

Eu bufei, e ele riu.

— Claro que é, não duvido nem por um momento.

— Então, o que vai ser?

— Ok, Teo. Tudo bem, realmente, do ponto de vista da segurança, eu não vou dizer que você não está correto. Meu carro *tá* foda. Maaaas... tem uma condição: eu escolho o carro, e nada de motorista, eu dirijo, era só o que me faltava mesmo.

Ele bufou também, tenho certeza que queria alguém na minha cola como se eu fosse uma madame. Ou uma criança, mas não ia rolar. Grávida ou não.

— Fechado. Mas não me venha com esse carrinhos que parecem uma lata de sardinha, Malu. Estou te avisando.

— Meu Deus, não seja pedante, Teo.

— Pedante porra nenhuma, estou pensando na minha mulher e no meu filho, na segurança e no valor que posso pagar, só isso.

Eu levantei a cabeça e me apoiei em meu cotovelo, olhando para ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu podia escolher um carro caríssimo, só para te colocar no teu lugar. — Provoquei-o. Teo deu uma risada.

— Escolha, eu desafio você. O que você vê, querida, não é o que eu realmente tenho, do ponto de vista financeiro. Eu não sou um cara esbanjador, e sei guardar dinheiro para o que realmente importa, se você ainda não percebeu. — ele disse encarando-me seriamente, agora. Eu balancei a cabeça em descrença.

— Vamos ver, Teo. Eu vou escolher algo apropriado. Prometo.

— Já te disse, escolha uma merda qualquer e eu devolvo e escolho outro.

— Esnobe. — resmunguei, e ele ouviu e me derrubou na cama, ficando com o corpo parcialmente sobre o meu.

— Tive uma ideia. Vou convidar a Iza para ajudar você a escolher. Até lá, todo mundo já vai saber mesmo, ela vai adorar a ideia, posso apostar meus ovos nisso...

— Meu senhor, baseado no carro dela... não sei se é uma boa opção para o seu bolso, viu?

— É uma ótima opção. Segunda coisa.

— Eu pensei que tinha acabado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Segunda coisa. — ele repetiu, ignorando-me e, seu olhar sob o meu daquela posição tornava quase impossível a minha atenção ao que ele efetivamente dizia. Aquela boca, aqueles olhos, a barba, era um trabalho exaustivo de concentração em outra coisa que não fosse *ele*. Estiquei meu rosto e dei um beijo em seus lábios, de leve.

— Não me desconcentre, não vai funcionar.
— Teo reclamou. Bom, eu sabia reconhecer um desafio quando ouvia um.

— Não? — sussurrei. — Ok. Continue, então.

Ele assentiu, e me olhou, atento, e retomou a fala:

— Bem, eu estava pensando sobre...

Seus olhos caíram quando eu mordi meu lábio, e depois passei minha língua úmida pelo local. Bem devagar. Então, muito despretensiosamente, levei o meu dedo indicador à boca, e concentrada nele, sem desviar meus olhos, contornei-o com meus lábios, fechando-os em torno do dedo. Só na pontinha. E soltei um longo gemido de satisfação.

Uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

— Sobre a... o ... — Teo engoliu, sua garganta movendo-se, seus olhos quentes vidrados no meu dedo na boca.

Duas vezes. Para dentro e para fora. Passei minha língua ao redor do dedo, agora, circulando-o.

— Sobre? — incitei-o, com expressão neutra, mas minha voz tinha caído uma oitava. E minha nossa... minha calcinha já estava começando a sentir os efeitos da minha brincadeira, pela forma como ele estava me olhando, seu corpo quase sobre o meu. Aquele olhar de Teo era quase pornográfico.

— Sobre...? — ele repetiu, e eu enfiei o dedo todo na boca, sugando-o. E Teo gemeu. — Caralho... Porra, Malu. — ele ofegou, e eu senti sua dureza quase imediata na lateral do meu corpo.

— Opa, nada disso. Concentre-se. — sussurrei, tentando manter a seriedade a muito custo.

— Não dá... você sabe que não. — ele grunhiu, rouco, e devorou meus lábios, como se eu fosse uma comida e ele não comesse há dias. Do jeito que eu gostava. Chupei sua língua, e ele sugou a minha de volta, mordendo meus lábios, ao mesmo tempo em que passava uma perna entre as minhas e

me deixava plenamente ciente de onde tinha ido parar toda a sua concentração. Eu sorri em seus lábios.

— Que gostosa... e agora — ele puxou a barra da minha camiseta para cima, expondo minha barriga. — Você está com o nosso bebê aqui, puta merda... — Teo abaixou a cabeça e espalhou beijos e lambidas no meu abdômen. Suas mãos grandes espalmadas, como se estivesse reverenciando. Era sensacional, emocionante. Depois tirou a minha camisa pela cabeça, os olhos movendo-se pelos meus seios cobertos por meu sutiã rendado amarelo.

— Ah, merda... Eles já estão mais sensíveis? Estão maiores?

— Não sei... acho que não... — murmurei, rouca, fechei os olhos e sorri, mas senti que estava completamente molhada agora. E abri mais as pernas em torno dele.

— Eu vou testar.

— Era muito importante o que você tinha para me dizer, Teo?

— Hum? Não sei, mas se for, quando eu lembrar, a gente resolve ... — ele disse, sem importar-se em abrir o fecho da peça, só abaixou a

alça e expôs meu seio direito, totalmente, então pegou um bico duro na boca e sugou forte, puxando e me fez ver estrelas. E planetas...e o que mais existisse. Ele segurou o seio e lambeu mais, enquanto já ia abaixando a outra alça. Sim, acho que já estavam mais sensíveis porque: *Meu. Bom. Deus.* Eu me retorci, meus olhos virando, e eu ainda estava de calça.

— Teo, por que eu ainda estou vestida?

— Porque... — ele sugou o outro mamilo, e minhas pernas pareceram se desintegrar, e meus pés enrolaram. Eu puxei seu cabelo, minha boceta pulsando. — Se eu tirar sua calça agora, posso perder... — uma mordidinha, e novas chupadas fortes, que me faziam arfar. — ... o controle. Eu descobri que eu estou prestes a gozar só chupando seus seios, Malu. Que caralho é isso?

Apesar do que disse, Teo começou a tirar o meu jeans de modo desesperado, e eu ajudei, movendo-me enquanto abria os botões da sua camisa, rapidamente, e ajudava a abrir seu cinto e seu zíper da calça.

Quando nos livramos das nossas roupas, ele sentou-se sobre os joelhos, pairando sobre mim.

— Eu não quero você em outro lugar, Malu.

PERIGOSAS NACIONAIS

É aqui que você pertence. — disse, e eu não sei se ele estava falando da sua cama, ou da sua casa. Não importava agora. Em breve, quem sabe eu não estaria em ambas, não é mesmo?

— Então, me mostre isso. Faça isso. — murmurei, ousada, e ele sorriu, e abaixou-se para me beijar.

— Adoro quando você fica mandona.

— Ah, e Teo... você já ouviu aquilo que algumas mulheres grávidas tem a libido aumentada? — sussurrei no seu ouvido, antes de mordê-lo.

— Mais do que mulheres menstruadas?

— *Hum-Hum*. Ouvi dizer que muito mais.

— Ah, caralho... não me diga que você inclui-se nesse grupo abençoado. — Teo voltou a atacar meu mamilo sensível, faminto, chupando e lambendo. Parecia que tinha uma cordinha invisível de tesão que fazia com que a sensação fosse bater exatamente *lá*, me fazendo latejar.

— Não sei... vamos comprovar?

Ele juntou meus seios e lambeu os dois alternadamente, puxando ambos os mamilos entre os dentes, e eu gemi descontroladamente.

— Malu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Humm?

— Sabe um coisa muito boa? — ele disse, mas eu ouvi sob uma névoa de luxúria tão grande que a voz dele vinha de longe, eu era toda sensações, emoções, impacto — Eu vou gozar dentro de você, muito, intensamente, todas as vezes, sempre... — ele grunhiu, enquanto acomodava-se entre minhas pernas escancaradas... — Até eu começar a ficar com pena do nosso bebê aí dentro.

Eu ri, puxando seus cabelos.

— Nem pense nisso, ele é muito pequeno, ainda, meu amor. Você não pode machucá-lo. — garanti. — Então... me fode, Teo. Agora. Estou mandando.

Não precisei pedir duas vezes, ele posicionou-se, e sem mais demora, entrou em mim, preenchendo-me, duro, e eu senti toda a sua espessura, ouvi seu rugido de satisfação quando ele saiu quase completamente e depois voltou a arremeter. Notei como estava espalhando mais minhas pernas e estocando firme, fazendo-me gemer alto, mas não tão *duramente* como em algumas vezes, esse bobo, e o amei ainda mais.

— Mais, mais... por favor. Mais fundo.

PERIGOSAS ACHERON

Mais forte, Teo.

Teo não conseguia falar, só soltava uma grunhidos que me deixavam com mais tesão, mas me atendeu. Ah, e como atendeu. E nós ficamos naquela sincronia de corpos e gemidos, suados, até que ele esticou a mão e circulou meu clitóris já muito inchado e duro, e eu não consegui resistir muito mais. Me dissolvi em tremores e apertos, e mais alguns momentos depois, Teo fez exatamente o que havia dito. Me encheu, mordendo meu ombro e murmurando sons quase incompreensíveis. Quase. Porque depois eu ouvi "eu te amo", nitidamente.

— Eu te amo. — repeti.

— Porra, continua sendo tão bom quanto. Com “eu te amo” e tudo. — ele riu no meu ouvido, saindo logo de cima de mim e movendo-se para o lado.

— Eu diria que fica melhor ainda.

— O que você acha de eu mudar meus planos? Digo para Julia, antes, claro. Mas... digo para todo mundo que importa de uma vez para mim também, na casa de Abigail? Você se incomoda?

— Claro que não, mas quero ir antes na casa da minha mãe, questão de honra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode ter certeza, iremos juntos.

— Então, está tudo bem.

— Sim, e vamos aproveitar enquanto essa posição aqui ainda é carta *dentro* do baralho, antes da barriga exigir nossa criatividade. — ele lambeu um mamilo, e eu sorri, languidamente.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 41



*Há uma placa na parede
Mas ela quer ter certeza
Por que você sabe que às vezes
as palavras são ambíguas
Stairway To Heaven
Led Zeppelin*

Teo

Eu virei-me e olhei para Malu, enquanto abotoava a minha camisa em frente ao espelho do meu closet, no dia seguinte, ainda muito cedo. Tentei sair o mais silenciosamente possível da cama, para não incomodá-la antes do necessário, mas por algum motivo, ela acordou assim que eu me sentei. Agora, ela estava me observando, enrolada no edredom e abraçando os joelhos, ainda com expressão de sono no rosto. Eu notei, sem surpresa alguma, que a queria cada vez mais acordando exatamente daquela forma, não eventualmente, mas cotidianamente. Eu iria, como sempre, fazer algo sobre isso, sem demora.

— Por quê? — eu perguntei, intrigado, quando ela disse que precisaria passar antes em casa para poder ir para a academia. Ela tinha aula com Julia, afinal, e nada mais lógico que ela saísse logo dali, eu levaria as duas, claro.

— Eu tenho que me trocar, amor, não posso sair daqui...

— E as roupas que você tem aqui, não servem? — eu apontei o closet, virando-me para ela. Malu levantou as sobrancelhas, então riu,

divertida.

— Claro, eu tenho mesmo, esqueci que havia trazido essas para cá.

Estreitei os olhos para ela, mas não disse nada, voltando a vestir-me. Malu deu de ombros, levantando-se rapidamente e saindo da cama. Então, eu a vi oscilar de leve, e levar as mãos atrás de si como se fosse apoiar-se na cama de volta. Assustado, corri e a segurei pelos ombros antes que ela sentasse totalmente.

— O que foi? — perguntei, usando uma mão para levantar seu queixo e olhá-la nos olhos. Malu estava um pouco pálida, notei, as sobancelhas franzidas.

— Nada, foi só... uma sensação de desmaio, como se eu fosse cair. Mas já está passando. — murmurou, como se estivesse em dúvida. Sentei ao seu lado na cama.

— Enjoo?

— Não, não. Quer dizer... — ela respirou fundo, encarando-me. — Não, apenas essa tontura mesmo. Deve ser porque levantei muito rápido. Isso é normal, no início.

Eu assenti, acariciando sua bochecha. Isso ia ser comum, claro, eu sabia disso por causa de

Amanda, e o médico havia dito que tonturas e enjoos seriam comuns desde as primeiras semanas de gravidez, podendo se prolongar até mais alguns meses adiante. Malu sorriu e beijou minha mão, de lado.

— Está tudo bem, só preciso tomar cuidado com isso, me acostumar, né? E tomar um café, que estou faminta!

Eu sorri um pouco, soltando a respiração. Na verdade, eu precisava me acostumar também, eu não deveria estar tão ansioso com essas coisas, eu mesmo havia dito a ela que tinha certa experiência por obviamente já ser pai, eu não era um adolescente com a namoradinha grávida.

A porra era que quando Amanda engravidou, só depois casamos e fomos morar juntos, e ainda assim, quando ela sentia alguma coisa derivada da gravidez, eu praticamente nunca via isso acontecer, seja por não estar em casa o tempo suficiente, seja porque ela se afastava de mim sempre tonturas enjoos ou vômitos estavam envolvidos no processo. Amanda certamente não era o tipo de mulher que permitisse que o seu marido a visse menos que perfeita, muito menos vomitando no banheiro, e eu não insistia. Na época,

achava que era melhor assim. Dessa forma, algumas coisas eu realmente não sabia bem como lidar, mesmo que estivesse ciente que aconteciam. Eis a razão do meu coração saindo pela boca com a simples perspectiva de Malu cair por causa de uma tontura ou um desmaio.

Agora, eu acho que ela entendeu de forma equivocada o meu silêncio e a minha expressão fechada, porque tocou minha testa para desfazer os vincos que eu sabia que estavam lá.

— Teo, foi só uma tontura, isso vai acontecer de vez em quando, até pior, eu acho, como vômitos... então, se você não quiser ver esses shows pela manhã,

— Ei, não deduz nada disso. Olha só, deixa eu te dizer algo. — precisava esclarecer as coisas, alguns detalhes, eu havia prometido isso, e não queria que nada, nada mesmo, ficasse como não dito entre nós — Você já sabe que eu sou um cara um pouco controlador, meio exagerado com essas questões de segurança e...

— Um pouco? Meio? Sério, Teo?

— A verdade é que a minha experiência em ser pai é muito mais depois do nascimento da Julia, e olhe lá. Eu trabalhava muito, eu e Max, tentando

impulsionar nossos negócios, então, quando estava em casa, eu muito pouco tinha contato com questões cotidianas da gravidez de Amanda, entende? Enjoos, tonturas, vômitos, tudo isso. Quando eu raramente estava perto, ela, bem, não estava muito disposta a que eu presenciasse nada disso. A parte menos glamourosa de tudo, se é que se pode dizer algo assim. Eu estava muito presente para compras, para gastos... enfim, quando Julia nasceu, eu finalmente remediei isso como pude. Não sei se foi suficiente, mas...

— Foi mais do que suficiente, meu amor. A Julia te venera, e é uma pessoa linda de todas as maneiras que você veja. — ela disse, com voz calma, afagando a minha barba, e percebi seus olhos levemente úmidos. — Droga! — Ela disse, sorrindo, passando um dedo no canto no olho esquerdo.

— O que eu estou dizendo, Malu, é: não esconda nada de mim, deixe-me ter contato com tudo que você sentir, dentro dos seus limites, claro, mas com tudo que você precisar, eu quero saber se você não estiver bem, se estiver bem também. Não quero ser um estranho na sua gravidez, em nada na sua vida. Não justifica se eu pirar, eu sei. — sorri,

dando de ombros. — Mas releve um pouquinho se eu ficar como um idiota como agora, com uma simples tontura.

Ela sorriu mais largamente e enxugou o outro olho, e eu senti um bolo na garganta, então, não resisti e a beijei longamente.

— Tá bom, Teo. Vou relevar só um pouquinho. — ela sussurrou nos meus lábios.

— Vem! — eu disse, a pegando pelos ombros e pelas pernas, devagar, e a levantando nos braços, surpreendendo-a.

— Teo! Você vai se bagunçar inteiro, seu louco! — Malu riu, segurando-se nos meus ombros e pescoço.

— Fica quieta, nós temos tempo.

Levei-a para o banheiro, enquanto ela ia abrindo os botões da minha camisa, animada.



Depois, já vestidos e satisfeitos, nós descemos as escadas para o café, e eu não pude evitar, mesmo que quisesse, descer na frente e observar bem atentamente como ela descia as escadas. Eu não precisaria dizer tudo que estava passando pela minha cabeça, se não Malu

PERIGOSAS ACHERON

realmente ia rir a toda hora, ou achar que eu era louco. Bastava que eu ficasse de olho o máximo possível, e isso trouxe-me de novo àquela história de máximo de tempo possível com ela. Organizaria isso direitinho, pensei comigo mesmo.

— Vou prepara o café, você senta ali e fique quietinha, ok? — mandei, quando chegamos à cozinha. Malu havia vestido uma calça daquelas coladas, preta, uma camiseta rosa, que na minha singela opinião não era comprida o suficiente, mostrava muito bem as suas curvas, todas mesmo, inclusive aquela entre as pernas, que esse tipo de roupa deixava entrever. Eu mesmo tinha reparado bem na primeira vez que a vi. Rangi os dentes, quando notei, mas tentei me controlar, e não disse nada, voltando a me vestir depois do nosso banho.

— Ok, senhor, mas sabe o que eu estava pensando? Você poderia me ensinar a cozinhar, não poderia? — ela sugeriu, sentando e observando-me com o queixo apoiado nas mãos.

Eu ainda estava pensando naquela calça e nos olhares que ela receberia, então custei a perceber o que ela tinha dito realmente, enquanto me movimentava na cozinha para fazer omeletes e torradas.

— Teo? — ela chamou de novo. — O que você acha?

— Sobre? — virei-me.

— Hum, você está longe, não é? O que foi?

— *Nada*.

— Ou seja, *tudo*. Diga logo. — ela saiu de trás da bancada e veio em minha direção, e eu aproveitei e observei, de braços cruzados e recostado, exatamente o que eu estava ruminando. Meu Deus do céu, eu não queria stressá-la nem nada, mas estava ficando louco. Malu aproximou-se, colocou seu corpo ao meu e me encarou. — O que foi, amor?

— Nada, sério. Vamos, vou fazer nosso café, Julia está quase descendo.

Ela fez uma cara séria, e cruzou os braços.

— O que foi, Teo?

— Tá ok, mas você não vai gostar, vou logo avisando.

— Não diga...

— Essa roupa... não, *essa calça*. Porra, Malu, dá para ver tudo, quer dizer, olha sua... está toda visível aí. É uma babaquice minha, não precisa nem dizer, eu sei, mas não me peça para não reparar e pensar em quantos caras vão ficar vendo,

imaginando... que porra! — passei a mão nos olhos, exasperado.

— Hum, eu entendo... Mas parece que na primeira vez em que você me viu, pareceu gostar bastante da minha roupa, não foi?

Muito puto, virei-me de costas, colocando a cafeteira no local, com mais força do que o necessário.

— Você não ajudou, você sabe. — rosnei, travando a mandíbula.

— Não era para ajudar, Teo. — Mas ela enrolou os braços pela minha barriga, e colou o rosto na minha costa, sentindo minha tensão. — Olha só amor, é só uma roupa, eu costumo trabalhar com ela, e já fazia isso antes de te conhecer, não tem nada demais. E, além disso, tudo aqui é meu... e seu, claro. — ela deu uma risadinha — Não importa quem olhe, nem nada, tá bom?

— Continua não ajudando, amor. Você não sabe mesmo como funciona a cabeça de um cara. Senta lá, tá bom? Eu vou lidar com isso. — eu disse, com voz mais calma, respirando fundo, voltando-me e beijando-a rápido, na testa, para desfazer as linhas da testa de preocupação. — Não vou deixar de ficar puto, mas não com você, e não

espero que você entenda isso.

Ela beijou-me no queixo, depois na boca, com olhos calmos, mas não disse mais nada, e voltou para o seu lugar, rebolando naquela calça colada do caralho... meu Deus do céu, grunhi, e voltei a tentar me concentrar no café, quase queimando a minha mão com a frigideira.

— Olá, bom dia para vocês! — a voz de Julia, animada, encheu a cozinha.

— Bom dia, Julia. — Malu respondeu.

Quando me virei, ela estava dando um beijo estalado na bochecha de Malu, e depois veio em minha direção. Graças aos deuses, Julia resolveu usar uma camisa longa do Hulk e um short, menos mal, pensei, soltando o ar.

— Papai... — ela deu-me um beijo no rosto, e notei que não precisava mais se esticar tanto, como há alguns anos. Julia ficaria alta, e já estava dando mostras disso. Retribui seu beijo.

— Bom dia, meu amor. O café está quase saindo. — avisei, tendo retomado brevemente o parco controle sobre as coisas que eu estava fazendo.

— Vamos, Malu, vamos esperar esse café maravilhoso aqui sentadinhas. — Julia disse, e eu

sorri, sem me virar. Essa era uma boa hora para que eu pudesse dizer as boas novas a ela, não? Eu tinha certeza que a minha filha veria aquela novidade como uma coisa boa, mas ainda assim, não podia evitar uma leve apreensão, ela era uma adolescente que passou anos sendo a minha filha única, o centro do meu mundo, meu tudo, e agora, teria que dividir isso tudo com a mulher que eu amava e um bebê que estava à caminho.

Assim que tinha tudo preparado, ouvindo-as conversar distraidamente sobre a aula que teriam, eu comecei a pôr as coisas sobre a ilha, e elas vieram ajudar, ainda conversando coisas que eu perdi a linha de raciocínio há uns bons minutos atrás. Era bom ver como elas se davam bem, isso me deixava mais tranquilo e confiante no futuro.

Sentamos, e começamos a nos servir, e eu estava tranquilo com a alimentação de Malu, já tinha pleno controle do que estava na mesa, pensei, com um sorriso, vendo-a começar a comer. Observei que ainda tínhamos tempo de tomar um café sem correria, e lancei um olhar a Julia, que parecia sorridente e expansiva. Que bom. Só estava ligeiramente curioso do motivo, mas isso eu esperava descobrir já, ou mais tarde.

PERIGOSAS NACIONAIS

— E então, filhota, como vão as coisas na escola?

— Muito bem, acho.

— Acha?

— Sim, estão indo bem, as notas estão boas, sem problemas. — ela deu de ombros, sorrindo, levando um pãozinho à boca.

— E as provas?

— Tudo tranquilo. — mais daquele sorriso amplo que ela não estava tentando esconder. Hora de ir um pouco mais fundo, então.

— Certo. E os quadrinhos, tem ido muito à loja? — E quis saber, mastigando sem perder um movimento seu. Julia pôs uma mecha de cabelo atrás da orelha, bebendo seu suco, e eu lancei um olhar para Malu, que estava olhando para mim com um meio sorriso de quem sabia bem o que eu estava fazendo.

— Sim, gostei bastante de lá, já te disse, pai. Costumo dar uma passada quando saio da escola, com as meninas.

— Não vi mais a Paty por aqui, esses dias.

— Eu... eu tenho ido mais lá, na casa dela. E também estamos bem ocupadas por causa das provas. — ela agora rodava o conteúdo do seu suco

PERIGOSAS ACHERON

distraidamente.

Eu assenti, então, olhei para Malu, com um sinal silencioso de que eu iria contar a ela nesse momento. Malu havia, de início, achado melhor que eu contasse à Julia sozinho, que era mais privativo, nós éramos pai e filha e era um assunto delicado. Eu entendi a sua apreensão, claro, mas discordei disso. Nós iríamos dizer juntos, da forma como estávamos ali, naquele momento.

Agora, Malu me lançou um olhar meio apreensivo e cruzou as mãos sobre a mesa, olhando-me atentamente. Eu virei-me para Julia.

— Filha, eu tenho... bem, eu e Malu temos algo para contar a você. — eu disse, e Julia me olhou com olhos ligeiramente arregalados, então olhou para Malu, rápido.

— Algo? Algo tipo bom, né? — ela sorriu, continuando a alternar o olhar entre nós dois, agora um sorriso se destacando em seu rosto. Eu apoiei os meus braços na mesa, olhando para ela mais de perto.

— Algo tipo maravilhoso. — confirmei, e ela deu uma risada.

— Ah, meu Deus... — Julia olhou para uma Malu estática, mas que não podia esconder o

sorriso em seu rosto. — Fala logo, pai!

Eu ri, e então recostei-me na cadeira novamente.

— Julia, você será a irmã mais velha de um menininho ou uma menininha, muito em breve. Nós vamos ter um bebê. — informei, calmamente. Ela arregalou ainda mais os olhos verdes e cobriu a boca com uma mão, então, soltou um gritinho alto.

— O quê? É sério, pai? — riu, e olhou para Malu para confirmar. Quando Malu, mordendo o lábio inferior, confirmou com a cabeça, Julia deu um gritinho maior ainda, e levantou da cadeira, rindo.

— Nossa, jura? Eu vou poder mandar em um irmãozinho? — ela disse, rindo, vindo abraçar-me e beijar meu rosto. Eu sorri com ela, beijando seus cabelos, e sabia que a minha filha iria compartilhar a minha felicidade. E mesmo que ela, por algum motivo, demonstrasse alguma dificuldade em lidar com isso, eu estava preparado para resolver a situação com diálogo e apelar para o bom senso e a maturidade que ela sempre havia demonstrado, ainda que eu estivesse infinitamente mais aliviado que eu não iria precisar de nada disso, pelo visto.

— Ah, pai, que maravilha. — ela sentou-se no meu colo por uns instantes, como costumava fazer quando era muito menor, e escondeu a cabeça no meu pescoço. — Estou tão feliz por você. Tanto. Eu te amo tanto... — ela disse, fungando, e eu segurei seu rosto, fechando os olhos por um momento e lembrando, emocionado, de várias imagens dela crescendo ao longo dos anos. Da minha princesa linda que eu queria, e ainda quero, proteger e amar, sentindo-se agora realmente feliz por mim. E eu lembrava que a cada dia ela estava menos uma menina e mais uma mulher, e isso me deixava feliz e fodidamente assustado em doses iguais.

Engoli em seco e beijei-a novamente, segurando seu rosto com ambas as mãos, então ela sorriu para mim, em meio às lágrimas nos lindos olhos verdes.

— Eu também te amo, minha filha, e vou te amar para sempre. Você é e sempre será a minha menina, você sabe disso, não é? — murmurei, e ela concordou com a cabeça, sorrindo, emocionada, antes de me beijar novamente. Então, levantou e virou-se em direção a Malu, que assistia a tudo em silêncio e tentando limpar as lágrimas que desciam

pelo rosto ao nos observar.

— Meu Deus, vocês querem me matar. — ela disse, antes de Julia alcança-la e as duas abraçarem-se com carinho. Era muito bom ver aquilo, muito.

— Parabéns, Malu! Fico muito feliz por você e pelo meu pai. Um irmão ou irmã, vai ser demais...

— Minha querida, você não imagina como estou feliz.. Isso é muito importante para mim, acredite.

Julia disse algo baixinho ao ouvido de Malu, eu não pude escutar, mas vi quando ela concordou solenemente com a cabeça e disse:

— Você não imagina o quanto.

Julia sorriu, assentindo, então, olhou para barriga de Malu, dando uns pulinhos.

— É muito cedo, não é? Mas o que você quer, Malu? Menino ou menina? — ela quis saber, depois voltou-se para mim. — E você pai, tem preferência?

Ah, eu ia querer ouvir aquilo. Malu encolheu um ombro, voltando a sentar-se.

— Eu realmente não pensei ainda seriamente sobre isso. Mas, não sei... — Malu me

olhava provocativa — Não tenho como decidir algo, não saberia.

— Tá, mas se você tivesse que apostar, o que apostaria? — Julia insistiu, e eu ri, cruzando os braços para apreciar.

— Uma menina. Não sei por quê, talvez uma menina. — Malu disse, depois de um segundo, olhando para mim com aquele sorriso.

— *Ahá!* Eu sabia! E você, pai? Um menino para você transformar em uma cópia sua, não é?

— Seria o mais adequado, não? Alguém para me ajudar a botar as coisas em ordem por aqui, certo? — eu disse, aparentemente sério, mas sabendo o que provocaria com essa fala. É claro que ambas reclamaram, e eu ouvi coisas como "machista" e "que absurdo", e ri.

— Bem, eu queria uma menina também, Malu. Estamos juntas nessa. — Julia declarou, voltando-se a sentar-se. — Outra menina, seria o máximo! Não seria, pai?

Eu me perguntei porque as pessoas estavam decididas a me ver em agonia, mas sorri com a imagem imprecisa, mas forte, de uma outra criança, uma menina... Como ela seria? Uma mini Malu? Com cabelos cacheados e olhos como os meus,

talvez? Ou totalmente parecida com ela? Meu Deus do céu, dava-me palpitações só pensar. E se fosse um menino, pareceria mais comigo, ou com ela? Essas imagens passavam pela minha cabeça enquanto eu observava Malu sorrindo para mim do outro lado da mesa.

— Não vejo a hora de contar às meninas! Já posso espalhar, não é, pai?

— Pode sim, mas de qualquer forma, eu estou querendo anunciar no domingo.

— Por que no domingo? — Julia quis saber, intrigada.

— É quando iremos almoçar na casa de tia Abigail. Estarão todos reunidos, então, faço tudo de uma tacada só.

Ela bateu palminhas, animada.

— Ótimo. Pai... Eu posso levar, tipo, convidados? Vou falar antes com vó Abigail, claro.

— Suas amigas?

— Hum, bom, sim... A Paty, e o irmão dela, o Arthur. Posso convidá-los? — Julia perguntou, mas sem me encarar. Eu franzi o cenho.

— Acredito que sim, mas... Nunca soube que Paty tivesse um irmão. — eu disse, e lancei um olhar de esguelha para Malu que naquele momento

estava também muito concentrada em cortar sua melancia em cubos pequenos.

— Ah, é porque ele não estuda conosco, pai. — ela deu de ombros, mas continuou sem me encarar. Sabe aquela pinicada que vem, do nada, que incomoda e te faz ajustar-se na cadeira? Pois é, essa, eu estava sentindo agora.

— Sei. Então, ele é mais novo que vocês?

— Não, mais velho, na verdade... — Julia explicou, bebericando seu suco, um pouco vermelha. Cristo santo, não... Que porra... Gemi de frustração por dentro. E Malu agora me olhava com uma expressão o quê? Curiosa? Divertida? Bom, eu não estava vendo nada de remotamente divertido ali. E a imagem de outra menina agora, estava desfazendo-se na minha mente e em seu lugar um menino estava tomando forma. Porque, pensando bem, era muita coisa para um só homem. Era um menino que eu queria, pronto, estava decidido, agora. Definitivamente, um menino, se alguém quisesse saber minha opinião.

— Mais velho. Quanto mais velho? — perguntei, meus movimentos muito mais lentos agora, enquanto pegava um pãozinho.

— Pai, não sei, tipo uns dois anos, acho.

Mas por que isso é importante? Eu só vou convidá-los para almoçar, só isso. — ela parece ter se recuperado, mas o rosto ainda continuava corado.

Eu estava feliz por saber que ia ser pai novamente, tinha a mulher que eu queria na minha vida, a minha filha adolescente animada e me apoiando... Mas, pelo visto, eu teria um pouco de trabalho pela frente, porque eu ia ter que saber quem diabos era Arthur, porque de repente ele estava sendo convidado para festas de família e por que minha menina estava corando ao falar dele. Apertei minha fronte com as pontas dos dedos e terminei meu café, afinal, nós precisávamos nos apressar, agora.



Eu decididamente precisei reorganizar minha agenda para que pudesse ir com Malu à casa dos seus pais. Como precisávamos estar de volta antes do almoço no domingo, ela disse-me que preferia ir no sábado à tarde. De todo modo, não seria uma visita que duraria muito, nunca durava, segundo ela, e agora eu sabia porquê. Dias antes, Malu havia me contado, enquanto estávamos deitados juntos, todo relacionamento no mínimo problemático que

PERIGOSAS ACHERON

mantinha com o pai, e como a morte do irmão e seu relacionamento desfeito com Adriano acabou afundando isso ainda mais.

Certamente eu não a julgava por querer estar lá apenas pela mãe, enquanto dirigia com ela ao meu lado, e também não podia evitar travar a mandíbula ao pensar que tipo de pai queria a filha em uma relação com um cara que a havia tratado como aquele imbecil fez. Mas sabia que por dona Fátima, ela deveria sim, compartilhar aquele momento da sua vida pessoalmente, e eu deveria, mais do que nunca, estar junto dela.

Quando nos aproximamos do local que eu havia colocado no GPS, Malu cochilava, o rosto virado para mim. Eu a acordei devagar, tocando seu ombro. Ela estava, com certeza, muito mais sonolenta do que ela era antes, se é que isso era possível, pensei, com um sorriso, vendo-a situar-se, passando a mão no rosto.

— Nós chegamos. — ela murmurou, olhando em volta. Antes, Malu havia ligado para a sua mãe, que ficou muito surpresa e um pouco preocupada, mas ela havia dito que eu estava indo junto e que estávamos fazendo apenas uma visita. Bem, ela veria logo que tipo de visita era, pensei,

com um sorriso. Dona Fátima, como havia dito, estava em casa nos esperando, e assim que desci com Malu, de mãos dadas, ela abriu um largo sorriso, juntando as mãos à sua frente.

Assim como Malu, sua mãe era uma mulher bonita, e eu já tinha visto antes como ela era simpática e sincera, quando conversamos no apartamento. Naquela ocasião, eu acho que nunca cheguei a falar para Malu, mas dona Fátima havia me perguntado claramente, olhando em meus olhos, que sua filha estava feliz em muito tempo, e o que eu pretendia fazer para continuar a deixá-la assim. E concluiu pedindo que, por favor, eu não a fizesse sofrer. Isso depois que eu já havia entregado as flores junto com todo o meu charme. Bom, não foi tão simples como eu fiz parecer depois, ganhar todos aqueles sorrisos dela.

— Malu! Minha filha! — ela abriu os braços amplamente quando chegamos à porta, e Malu jogou-se neles, sendo apertada depois.

— Mãezinha, saudades da senhora...

As duas ficaram assim, grudadas, e eu pus as mãos no bolso da minha calça, observando-as discretamente. Quando dona Fátima abriu os olhos, encarando-me daquele jeito firme — que quase não

se esperava de uma mulher miúda e afável — eu já havia me aproximado mais de ambas.

— Você veio, que bom. — ela disse, quando a filha saiu dos seus braços, e então ela fez um gesto e eu curvei-me para beijar seu rosto e dar-lhe um abraço.

— Eu não disse que viria? Promessa é dívida comigo.

— Mais cedo do que eu pensei. — ela sorriu, fazendo trejeito com os lábios que era muito parecido com o que a própria Malu fazia. Eu sorri. Malu ficou olhando entre nós dois com a expressão desconfiada, sem entender o breve diálogo. Dona Fátima voltou a olhar para ela, seus olhos avaliando-a, detidamente.

— Vejo que todos aqueles chás e sopinhas fizeram bem mesmo para você não é, filha?

— Eu...sim, mãe, estou muito bem, mesmo.

— Eu vejo. Venham, não fiquem parados aí. O almoço já está pronto, venham para cá. — ela disse, e foi levando a filha junto. Eu as segui, chegando em um cômodo amplo e organizado, de onde vapores e cheiros maravilhosos saíam das panelas sobre um fogão simples no canto da cozinha. Eu encostei-me na parede, me

perguntando ande estaria o pai de Malu, mas não precisei esperar muito para saber.

— E o papai, onde está? — Malu perguntou. Para alguém de fora, pareceria uma curiosidade normal, de uma filha chegando em casa, mas agora que eu sabia, não pude deixar de notar o ligeiro tom de desconforto em sua voz. Dona Fátima sentou-se à mesa coberta com uma toalha muito branca, e Malu sentou-se ao seu lado, tocando suas mãos. Eu então aproximei-me e sentei do outro lado, em silêncio.

— Ele deve estar chegando, foi só resolver umas coisas lá na praia. — ela disse, alegre, e olhou de mim para Malu, em expectativa. — Podemos esperar para almoçarmos todos juntos ou...

— Mãe. — Malu interrompeu, educadamente, tocando-a no ombro. — Eu realmente não sei se iremos ficar muito tempo, depois... eu e o Teo, viemos mesmo aqui porque preciso te contar uma coisa.

— Uma coisa? — ela olhou para Malu, depois para mim. — O que foi?

Malu respirou fundo, o olhar preso no meu, então, voltou-se para a mãe.

— Mãe, eu... estou grávida. — disse, em

voz baixa. O rosto de dona Fátima ficou uns segundos imóvel, olhando para filha como se não tivesse entendido. Então, inesperadamente, ela cobriu o rosto com as duas mãos e começou a chorar. Malu a abraçou na mesma hora, apertando seus ombros e beijando-a nos cabelos, no rosto.

— Mãe, não chora, por favor. — ela disse, começando a chorar também, e eu respirei fundo, e abaixei a minha cabeça por um segundo, fascinado e ao mesmo tempo tocado por aquele momento entre mãe e filha.

— Ah, minha filha... minha menina... — Dona Fátima, enxugou os olhos, e seu sorriso era amplo. Eu soltei o ar que nem tinha me dado conta de estar prendendo, enquanto Malu levantava e a mãe a abraçava pela cintura, beijando-a na barriga como eu tinha feito tantas vezes nesses últimos dias. Segurando a cabeça da mãe, Malu me olhou, sorrindo e enxugando as lágrimas.

— Eu queria tanto que o Mauro estivesse aqui, minha filha, como ele ia ficar feliz por você. — dona Fátima disse, e Malu então desabou em um choro sobre a mãe. Eu me levantei, mas apenas a segurei pelos ombros, deixando que ambas chorassem e vivessem as emoções daquele

momento.

— Eu sei, mãe. Eu sei que ele ia ficar muito, muito feliz. — Malu disse, depois de acalmar-se mais.

Dona Fátima limpou os olhos e me encarou.

— Você, Teo, não perde tempo, não é?

— Não mesmo, senhora. — eu dei um sorriso discreto.

— Mãe!

— Malu, vergonha agora, minha filha? Deixa disso. Mas que bom que vocês estão assim, felizes, isso é muito bom. Uma criança é uma benção, meus filhos, e vocês estão sendo abençoados. — ela disse, muito convicta, e eu apenas assenti, em respeito. — Mas me diz, você está bem? Está tendo enjoos, vômitos, essas coisas? De quanto tempo você está? — a mãe quis saber, puxando-a de volta para o banco, para que ela se sentasse.

Eu voltei a me acomodar, agora, ao lado dela.

— Eu tenho sentido tonturas, mãe, e um leve enjoo hoje, por exemplo, mas nada muito sério. Estou com umas quatro semanas, pouco mais. É muito cedo, de qualquer modo. Mas no

geral, me sinto bem, além de uma azia danada e uma fome maior.

— E sono. — eu completei, e ambas sorriram.

— Pois é, e sono, então, eu estou bem.

— Eu sentia muita azia, minha filha. Do Mauro não, mas de você, nossa, parece que ia morrer. Mas você tem que comer, preciso alimentar você, deixa eu providenciar essa comida logo, que o Santiago parece que vai demorar... — Dona Fátima levantou, enérgica, e nesse momento, nós ouvimos uma voz masculina alta e grave vinda da sala.

— Já cheguei, Fátima!

Malu ficou tensa imediatamente, e Dona Fátima deu um sorriso que eu notei, era meio forçado.

— Estamos aqui na cozinha. Já boto o almoço!

— Ele sabe que eu viria, mãe? — Malu perguntou, e eu segurei sua mão, confortando-a.

— Sabe, claro, filha, como eu ia esconder? Eu só não disse nada sobre o Teo porque você disse que ele viria apresentar-se e eu achei melhor assim.

— Você está certa, dona Fátima. — eu

disse, sério.

Malu concordou com a cabeça, e olhou para mim com um meio sorriso. Ela havia dito que não pretendia contar diretamente ao pai, que de forma alguma sentia a obrigação de dar uma justificativa qualquer dos seus atos a ele, mas quando a mãe contasse, e se ele quisesse saber, ela não se importaria em contar. Eu não tinha como intrometer-me naquele assunto, só podia apoiá-la da melhor forma possível e estar lá para mantê-la bem.

— De qualquer forma, Malu, eu vim aqui, é a casa do seu pai. Preciso cumprimentá-lo. — lembrei-a do que já havíamos combinado, e ela assentiu, incomodada, mas levantou-se.

— Mãe, vamos para a sala. Vou apresentar o Teo para o meu pai. — Malu disse, num fio de voz, e nós levantamos juntos e voltamos para a sala, dona Fátima atrás de nós.

Quando chegamos à sala, eu notei duas coisas de imediato. O pai de Malu, Santiago, era um homem alto e forte, e alguns traços do seu rosto eram nitidamente iguais aos de Malu, mais do que os da mãe, por exemplo. Ele estava sentado no sofá, usando bermuda e camiseta. Sua expressão,

no entanto, alterou-se em surpresa quando notou nós três entrando, e seus olhos mais claros moveram-se intrigados por mim, Malu, já tensa, ao meu lado, e pela esposa. Mas eu registrei isso só por uns dois segundos, porque toda a minha atenção já estava focada no outro cara sentado ao lado dele, no sofá, à vontade, e na sua expressão de surpresa aturdida quando me viu. Todo o meu corpo ficou tenso imediatamente, e todos os meus sentidos ficaram em alerta. Puxei Malu para o meu lado protetoramente, antes mesmo que eu a ouvisse dizer ao meu lado, num tom abismado:

— Adriano, o que diabos você está fazendo aqui?!



Capítulo 42



*[...] Já não dá mais para viver
Um sentimento sem sentido
Eu preciso descobrir
A emoção de estar contigo
Um Dia de Domingo
Tim Maia*

Teo

O que aquele babaca do caralho estava fazendo ali? Eu não desviei os meus olhos um segundo dos dele, imóvel, notando apenas pela minha visão periférica o que acontecia ao redor. Tive que admitir que ele parecia genuinamente surpreso, e continuou sentado lá no sofá, meio confuso, então olhou para o pai de Malu, ao seu lado, como se estivesse tentando entender o que estava acontecendo.

Aquele idiota dos infernos, que por acaso seria o avô do meu filho, tinha trazido o ex-namorado para a casa achando que a filha estava sozinha?! Qual o problema daquele cara? O ódio subiu tão violento por mim que tive que pressionar os dentes uns nos outros para me controlar, enquanto continuava com o braço em torno de Malu.

Claro que o clima na sala ficou uma merda, e piorou depois da pergunta nada amigável de Malu para o miserável do seu ex sentado no sofá. Óbvio que nem por um momento eu achei que ela soubesse daquilo, mesmo que a sua cara de otário não estivesse me dizendo que era uma surpresa

para ele também. Por falar em cara, eu desviei rapidamente o olhar para o pai de Malu, e ele parecia ter engolido um sapo, agora, olhando entre mim e a filha como se estivesse tentando juntar as peças. Bom, todo mundo está surpreso com algo aqui nessa porra, então.

— Santiago, o que você... Por que você trouxe o Adriano aqui? — Dona Fátima disse, com voz tensa, passando a nossa frente e encarando os dois homens com as mãos na cintura. Malu estendeu a mão em sua direção.

— Deixa, mãe. — ela disse, então, voltou-se para o pai, que realmente parecia não poder mover-se do local. — Pai, qual a razão de você ter trazido o Adriano aqui?

Sua voz estava dura, um pouco ríspida, mas eu percebi a vulnerabilidade lá, a decepção. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Adriano finalmente levantou-se, e me olhou diretamente nos olhos, também.

— Escuta aqui, cara, eu não sabia, *tá* legal? — ele passou a mão na lateral da cabeça e fitou Santiago, parecendo em dúvida sobre o que dizer.

— Não sabia o quê? — rosnei para ele. Aquele cara, puta que pariu, estava decidido a

testar meu controle. Ele estava quieto até então, não tinha aparecido em nenhum lugar perto de Malu, de acordo com o que o amigo de Ricardo tinha me dito desde a última vez, e agora aparecia justo aqui.

Antes que ele respondesse, Malu novamente atalhou-o:

— Foi o meu pai que pediu que você viesse? — ela sibilou, mas não olhava para ele, olhava para o pai que agora estava levantando-se também. — Mas você veio, e para quê? Não já dissemos tudo, que merda você quer?

Eu segurei Malu pelo ombro e voltei seu rosto para mim.

— Meu amor, calma. — pedi, tocando em seus ombros para impedi-la de sair do lugar de qualquer jeito que fosse. Eu estava fazendo um exercício hercúleo de controle ali, na casa dos seus pais, em frente à sua mãe. A situação já era fodida apenas do jeito que estava, se um dos dois naquela sala fizesse Malu se estressar de alguma forma que pudesse prejudicar a ela ou ao nosso bebê, eu não podia permanecer ali, ou iria fazer algo que me arrependeria seriamente depois.

O pai de Malu pôs as duas mãos na frente do corpo, e respirou fundo.

— Vamos com calma, aqui, senhores.

— Santiago, mas... — a mãe de Malu começou, antes de ser interrompida rispidamente por ele.

— Cala a boca, mulher, me deixe falar aqui!

— Não fala assim com ela! — Malu sussurrou, com raiva, e eu lancei um olhar gelado e furioso em sua direção. Ele era esse tipo de cara, concluí, cada vez mais enojado. Minha vontade de levar Malu embora estava tornando-se uma prioridade absoluta, ainda mais depois que senti seu corpo tenso ao ouvir como o pai falara com a mãe. Acho que no futuro, eu e aquele cara não íamos fazer churrasco e tomar uma cerveja juntos, pelo jeito, mas eu não lamentava essa constatação.

— Santiago, não. — Adriano, para minha surpresa, tocou o braço do homem mais velho com firmeza, então olhou para a mãe de Malu. — Tia Fátima, eu sinto muito, ok? Malu, eu já tinha decidido não... Eu só vim porque o seu pai me convidou para almoçar, se eu soubesse que vocês estavam aqui, não teria vindo. Existem limites até onde um homem pode ir.

Um silêncio pesado se estabeleceu por uns segundos, enquanto Adriano olhava entre a mãe de

Malu, eu e ela. Se ele estava sendo sincero, eu não sabia, nem queria saber. Dona Fátima assentiu com a cabeça, concordando com ele.

— Pois é, Adriano, como você está vendo, nós temos visitas, e... Este é o Teo, namorado da Malu. Seria melhor se você fosse embora, meu filho. — ela disse, em uma voz simpática, mas firme. Eu pensei que de alguma forma, o pai de Malu fosse intrometer-se, mas ele tinha os olhos fixos em mim, avaliando-me em uma mistura de curiosidade e algo mais que eu não soube identificar, e ainda assim não gostei.

— Você está certa, tia. E eu e o Teo já fomos apresentados. — ele explicou, então deu um passo adiante e fitou Malu. Eu me movi também, quase inconscientemente, e a puxei mais para perto ainda. Ele notou, claro, e levantou a mão. — Independente do que você acredite, Teo, eu não sabia. E Malu, desculpa por isso, seu namorado...

— E pai do filho dela, agora. Não só namorado. — eu interrompi, e foda-se se era para aquilo sair assim, naquela hora, mas aquele imbecil, arrependido ou não, não iria sair dali sem saber que Malu era minha de todas as formas possíveis, e estava carregando o meu bebê. Ele

nunca mais a teria. Nunca.

Notei seu pai dizer um "o quê?!", mas eu ignorei, lidaria com aquele outro imbecil depois. No momento, este aqui na minha frente ficou imóvel, pasmo, quando as minhas palavras finalmente o atingiram, e ele recuou, como se fisicamente impactado, uma expressão de dor e algum caralho que eu estava pouco me fodendo para o que fosse, passou por seus olhos. Então, continue acompanhando, meu chapa, pensei, levando a minha mão para baixo e espalmando-a inteira sobre a barriga de Malu, para o caso de ainda restar alguma dúvida quanto ao que eu queria dizer.

— É isso, Adriano. Teo e Malu vão ter um bebê, vieram nos contar. — dona Fátima, minha fiel escudeira naquele momento, completou, um sorriso no rosto. Ele ainda não podia falar, apenas fez um aceno de positivo com a cabeça e depois olhou para o pai de Malu com algo parecido com raiva mortal, fixamente. Fodam-se vocês dois, pensei, deslocando meu olhar entre eles. O homem mais velho teve a decência de baixar a cabeça, em silêncio, mas não vi arrependimento em suas feições. Na verdade, ele parecia ser muito bom em

guardar suas emoções para si mesmo. Então, deduzi, Adriano realmente não sabia que nos encontraria na casa.

— Parabéns, então, para vocês... — ele disse, finalmente, a voz grave. Seu olhar encontrou o de Malu. Por que ele ainda estava ali, mesmo? Eu juro que ia esquecer minha civilidade e arrastar aquele cara de dentro daquela casa e algum caralho muito feio ia acontecer porque ele também não era um cara pequeno, o que era ótimo. Mas só em pensar em Malu no meio de uma cena daquelas, era suficiente para que eu me controlasse a todo custo. Já havia acontecido aquela merda da discussão, do estresse por causa da viagem, e ela não sabia que estava grávida. Eu não queria provocar um abalo ainda maior e pôr em risco a sua gravidez por conta de uma briga. Essas merdas aconteciam, eu estava lendo feito um condenado sobre isso.

— Obrigada. — Malu murmurou para ele, colocando ambas as suas mãos sobre a minha, e recostando-se no meu peito. Eu franzi o cenho, porque vi no rosto daquele homem uma dor que eu preferiria ignorar, o arrependimento que eu achava melhor não perceber que estava lá, mas estava, e eu conclui que nunca queria estar no lugar dele, então,

iria fazer de tudo, o resto da minha vida, para nunca ter que olhar para Malu daquela forma.

— Tia Fátima, bom ver você.

— Claro, filho. — ela murmurou, indo ao seu encontro. Adriano assentiu e saiu rápido, sendo seguido por ela até a porta, sem nos lançar nem um último olhar. Eu soltei o ar preso nos meus pulmões, e afrouxei o ranger na minha mandíbula. Senti Malu também relaxar visivelmente, a cabeça apoiada no meu peito, e sabia que tinha tomado a melhor decisão em permanecer calmo. Aparentemente, pelo menos.

Malu virou-se em meus braços, olhos fechados.

— Teo, lamento por isso.

— Mas não precisa. Você não tem porque se lamentar. — eu disse, segurando a parte de trás de sua cabeça e a beijando na testa. — Você quer ir embora?

Antes que Malu respondesse, nós ouvimos alguém pigarrear na sala, e o seu pai voltou a sentar-se. Bom, este imbecil agora, pensei.

— Eu entendi direito, Malu? Você está grávida? — ele perguntou, à queima roupa, mas sua voz não me parecia raivosa, apenas curiosa. Menos

mal, mais estresse para ela não estaria acontecendo ali. Malu voltou-se lentamente para ele, e percebi que sua mãe também estava de volta à sala.

— Sim, foi isso que vim fazer aqui, dizer à mamãe que estou grávida.

Dona Fátima, nesse momento, sentou-se no sofá ao lado do marido e apontou o outro para mim e para Malu. Relutante, ela foi, e eu a acompanhei.

— Santiago, esse é o Teodoro, namorado da nossa filha. — ela apresentou-me, as mãos cruzadas sobre as pernas. Eu fiz um aceno de queixo para ele, apenas, e ele fez um gesto de assentimento.

— Fátima, se você tivesse... — ele começou, mas para nosso assombro, não continuou, porque ela o interrompeu.

— Não, agora cale a boca você. Eu te disse que a Malu viria e ainda assim você achou que era uma boa ideia trazer o Adriano para cá? Um homem que quase destruiu a nossa filha? — sua voz era trêmula, mas ao mesmo tempo incisiva. Santiago olhou para ela, depois para mim.

— Eu não sabia, e o Adriano, você sabe, Fátima, sempre foi como...

— Não importa o que ele seja para você. — dessa vez foi Malu a interromper, cortante. — Para

PERIGOSAS NACIONAIS

mim ele não é nada mais. Se você quiser continuar recebendo o Adriano aqui, é um direito seu, tudo bem, mas não me peça para compartilhar da presença dele nessa casa, pai.

— Eu sequer sabia que você tinha um namorado. — ele rebateu, olhando para mim agora. — Talvez, se você me dissesse, isso não teria acontecido.

— O quê? E quando eu faria isso? Quando nós conversássemos como pai e filha que se amam, ao telefone? Ou quando eu viesse aqui para passear pelas praias e conversar com você? Quando eu te diria?

O homem olhou para a filha sem dizer nada, uma máscara fria no rosto. Malu suspirou e desviou seus olhos dele.

— Mãe, eu prefiro ir, a senhora entende, não é? — Malu disse, parecendo cansada.

— Claro, filha. — dona Fátima disse, mas parecia triste.

— Amor, por que você não vai tomar uma água com a sua mãe, rapidamente, e depois nós vamos? — eu sugeri. Dona Fátima me olhou meio alarmada, e Malu franziu as sobrancelhas.

— Teo, mas por que...

PERIGOSAS ACHERON

— Só um instante, prometo. Eu e seu pai só vamos nos conhecer melhor. — eu disse, olhando para ele. Santiago, estreitou os olhos para mim, como se estivesse concluindo algo, e balançou a cabeça.

— Sim, Fátima. Vão comer algo, eu acho que o Teo aqui e eu temos algumas coisas para discutir mesmo.

Malu ainda relutou, aquela expressão de "Teo, não", que eu já conhecia bem, em seu rosto, mas eu apenas dei um sorriso para tranquilizá-la. Ela suspirou e então foi em direção à cozinha com a mãe. Assim que elas saíram, eu voltei o meu olhar para ele, friamente.

— Acho que já fomos apresentados, senhor. Eu gostaria de dizer que é um prazer, mas o senhor sabe, a julgar pelo que acabou de acontecer aqui, não posso dizer isso, infelizmente.

Santiago me encarou por dois segundos em silêncio, então, deu um sorriso de canto de lábios, elevando as grossas sobrancelhas.

— Muito bem, meu rapaz, você tem colhões, eu admiro isso. — ele disse, quase divertido, mas seu olhar me “escaneava” completamente, como se estivesse buscando

respostas que sua língua ainda não tinha formulado.

— Sabe o que mais eu tenho, senhor? Uma filha. E justamente por isso, acho que devo ter essa conversa com você, não porque eu ache que sua opinião iria mudar algo aqui, mas porque espero o mesmo respeito de qualquer cara que se aproxime da minha filha. — confessei, implorando mentalmente que isso não acontecesse nos próximos dez anos, pelo menos.

— Entendo. Então, você aparece aqui, e a minha filha já está grávida. Você não me parece um juvenzinho à toa, deve entender que isso não é exatamente o que um pai gostaria de saber assim, sem mais nem menos. — ele rebateu, e eu quase ri da sua cara de pau. Se não estivesse puto, eu riria, era o pai de Malu, porém, e eu estava em sua casa. Mantenha o respeito e a paciência, pensei, comigo mesmo.

— Ela já está grávida, sim. Não há nada a se fazer quanto a isso, e essa deferência que estou tendo aqui, como lhe disse, é mais uma questão de respeito de pai para pai, e você afinal, é o pai dela. Não que eu ache que você mereça qualquer informação sobre a vida de Malu, senhor.

— Cuidado, rapaz, não vá por onde você

não sabe.

— Eu sei o suficiente para dizer que você não está exatamente preocupado com o seu bem-estar. Isto que aconteceu aqui, agora, é um bom exemplo. — eu rosnei, baixo. — Esse homem que você parece ter tanto apreço, é nada mais que um moleque, um covarde, e senhor, gostaria de lhe avisar que nunca mais, aqui ou em qualquer lugar, irei permitir que você aproxime esse cara da minha mulher.

Ele também parecia estar lutando para manter o controle, mas eu já tinha dito e não ia voltar atrás. Nos encaramos sem dizer nada por uns bons segundos, antes que ele cruzasse os braços.

— Você está me dizendo o que fazer?

— Não, eu estou lhe dizendo o que não vou aceitar que você faça. Se tiver que deixar Malu longe de você, que seja, é o que farei.

Ele me olhou em silêncio avaliativo por um segundo, então respirou fundo.

— O que você faz? Que tipo de vida está oferecendo a minha filha? A julgar pelo carro lá fora, não acho que você seja um moleque miserável. — ele finalmente disse, frio. Então, era isso. Aqueles olhares, o exame minucioso. Vindo

de outro pai qualquer, esse tipo de informação realmente era para estar na mesa, era até compreensível. Quando sua filha aparece grávida, é normal querer saber se o cara que a engravidou tem condições, financeiras inclusive, de lidar com aquela situação. Mas aquele cara, desde o início, tanto pelo que Malu havia me dito, quanto pelo que eu observei até ali, parecia não levar em conta o que a filha queria, mas sim estava empenhado em empurrá-la para uma situação desgraçada com um homem que ela não queria mais. E agora ele se acha no direito de reivindicar informações sobre as minhas garantias de vida a Malu?

— Eu estou muito longe de ser um moleque, e mais longe ainda de ser miserável, senhor, se é isso que o preocupa. Malu é uma mulher independente, trabalha, mas mesmo que ela não fizesse isso, eu posso dispor de tudo que você imaginar para que ela e o meu filho estejam confortáveis financeiramente. É disso que você está falando?

— Sim, é disso mesmo. Eu não vou fazer rodeios com você, que já você provou que acha que pode falar o que quiser aqui na minha casa. — ele apoiou os braços nas coxas, vindo mais para frente

e encarando-me firmemente. — Olha aqui, rapaz, vou ser bem sincero. Você disse que tem uma filha, ótimo, então espero que você nunca saiba que mesmo amando-a, você pode fazer tudo errado, fazer merda, porque acha que sabe o que é melhor para ela, porque acha que ela deveria levar uma vida que você considera a melhor, inclusive com um homem que você acha que seria o ideal. Não estou me desculando por ser quem sou, ou como sou, estou pouco me lixando, na verdade, mas eu amo a minha filha, sim. Não preciso que ela saiba disso, nem me importo se você acredita ou não, mas é a verdade. Então, não venha com lições de moral para cima de mim, eu sou um homem com convicções fortes sobre como uma mulher deve viver, e Malu sempre se rebelou contra isso, mas não quer dizer que eu queira o mal da minha própria filha.

— Você tem uma maneira muito interessante de demonstrar seu amor, meus parabéns.

— Não ligo para sua opinião.

— Ok, você não precisa se preocupar com ela, então, nem eu com a sua, estamos de acordo. Mas me diz uma coisa: você acha que o Adriano é

o homem ideal para a sua filha? — eu não podia deixar de perguntar aquilo, mesmo que não importasse para mim. Santiago recostou-se no sofá, parecendo confortável agora.

— Não acho mais, acabei de mudar de ideia. Para falar a verdade, acho que você vai servir. — ele disse, dando de ombros. Puta que pariu, aquele cara era um babaca mesmo, por que eu ainda continuava ali conversando com ele?

— Por que eu pareço ter mais dinheiro?

— Sim, também. Não vou negar que prefiro que a minha filha tenha um cara com dinheiro do que um que não tem, ou que tem muito pouco, mas não é só por isso. A forma como o Adriano foi embora daqui, com o rabinho entre as pernas, acaba de me mostrar que ele não é exatamente o cara que pensei que ele fosse. Pelo menos não para minha filha.

Eu ouvi aquilo, olhando bem nos seus olhos. Então, fiz um gesto com a mão em sua direção.

— É tudo um jogo para você? A felicidade da sua filha? Tudo?

— Não, mas eu gosto de pensar que existe um tipo de homem que eu quero para ela, e formo

opiniões sobre isso. Ela pode concordar ou não, mas é assim que é. — ele torceu os lábios. — Já tenho uma opinião formada sobre você, se quer saber.

— Não quero, obrigado.

— Tudo bem.

— Tenho que lhe avisar uma coisa: ele tentou antes aproximar-se dela, quando *você* lhe deu o seu número de celular, por exemplo. — eu grunhi, furioso, lembrando do que Malu havia me dito. — Mas há uma diferença enorme entre ele tentar aproximar-se dela novamente e eu permitir que ele tenha sucesso.

— Vê? É disso que estou falando: colhões. — ele deu de ombros, um sorriso.

Eu balancei a minha cabeça, incrédulo, realmente.

— Bom, não há mais nada que possamos dizer um ao outro, senhor. Nos conhecemos, e eu estou levando Malu embora. — eu disse, pronto para sair dali.

— Não tão rápido, meu jovem. Ainda há um assunto importante que um pai de uma moça e o seu namorado que a engravidou precisam conversar. — ele disse, calmamente, um sorriso

astuto no rosto.

Eu voltei a sentar, olhando para ele curiosamente. Santiago semicerrou os olhos para mim.

— Você não acha que a minha filha vai ser apenas a mãe do seu filho, não é? Pensa que oferecer seu dinheirinho é o suficiente? Que é o bastante para alguém como ela?

— Alguém como ela? — eu repeti, friamente, apertando meus punhos. Ele notou, claro. — O que você acha que quer dizer com uma porra dessas?

— O que mais você está oferecendo além da sua grana e do seu rostinho bonito?

— Eu estou oferecendo tudo, tudo que ela quiser. Mas não acho que isso seja da sua conta. Se você está falando de...

— Sim, estou falando de casamento, meu chapa. Ou ela vai ser a sua amante?

Eu me curvei para frente como ele tinha feito, sentindo meu sangue ferver, enquanto a raiva ia subindo em ondas, mas ainda mantive-me controlado.

— Não ouse... Você não sabe de porra nenhuma. O que quer que eu esteja oferecendo a

PERIGOSAS NACIONAIS

Malu, vai depender se ela vai aceitar, e você não tem uma maldita palavra sobre isso, senhor. — praticamente cuspi.

Mas ele não se alterava tão fácil, pelo jeito.

— Então você já ofereceu? Ou está ainda agindo como se fosse suficiente andar com ela por aí carregando o seu filho? Se fosse uma mulher da sua condição social, da sua cor, você não já estaria casado a uma hora dessas?

Eu dei uma risada sarcástica, sem poder evitar.

— Você é um cara engraçado: joga sua filha para o primeiro pilantra que fodeu com a vida dela, mas diz que a ama, agora vem questionar o meu relacionamento com ela. Ouça bem: a Malu é a mulher da minha vida, e vai ter tudo que ela quiser de mim, e eu espero sinceramente que ela queira, porque eu quero. Porém, me diga uma coisa: quando ele a traiu e engravidou outra mulher, ele veio aqui olhar para sua cara e dizer isso pessoalmente? Que sentia muito, ou saiu choramingando como fez agora?

Santiago ficou em silêncio por uns segundos, como se pensasse nessa pergunta. Então, ele fez um aceno simples com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu posso ter estado errado sobre o Adriano, é o máximo que você vai obter de mim.

— Não quero obter nada de você, a não ser que Malu queira, que fique claro.

Ele assentiu, sério.

— E mais uma coisa: eu ainda não pedi a Malu em casamento, mas pretendo, o mais rápido possível. — eu disse, fuzilando-o com os olhos. — Não que isso seja realmente da sua conta, eu acho.

— Ah, é sim. Lembra da história de respeito de pai para pai? É da minha conta sim, ainda que ela, e você, achem que não, mas quer saber? — ele deu um sorriso de canto de boca, mas esse sorriso não chegou aos seus olhos — Eu acho que você vai fazer a coisa certa.



Quando nós finalmente saímos da casa dos pais de Malu, dona Fátima ficou nos olhando e acenando da porta, feliz, em lágrimas, e até aquele imbecil do caralho do seu pai veio nos ver, com a cara fechada, ao lado da esposa, a mão em seu ombro. Malu parecia cansada e eu queria voltar logo para casa com ela. Ainda assim, a conversa com o seu pai ainda rolava na minha cabeça. Ele

PERIGOSAS ACHERON

realmente não fazia questão de mostrar a filha que a amava, se é que aquilo era verdade. Será que ele importava-se daquele seu jeito distorcido? Respirei fundo, enquanto a observava, de lado.

— Você está bem? — sondei-a.

— Na medida do possível, sim. Você conheceu meu pai, Teo, então... não tem como estar de todo bem. — ela deu uma risadinha triste. Eu teria, mais adiante, uma conversa com Malu e lhe diria tudo que eu e Santiago havíamos conversado. Mas não hoje, nem amanhã. Ela já tinha passado por emoções demais, na minha opinião, por isso mesmo quando ela havia insistido em saber o que nós havíamos conversado, eu disse apenas parte da conversa. Além do mais, a última parte, quando ele havia me pressionado para casar com Malu, ainda estava na minha cabeça. Não porque eu estivesse sentindo-me pressionado por ele, de qualquer jeito. Aquele cara não me pressionaria a fazer algo que eu não quisesse nem aqui e nem na China, mas justamente porque era algo que eu já estava pensando, aquele assunto ficou ali, me consumindo, martelando. Eu a amava, aquilo por si só já era um grande passo nesse sentido, e agora, com ela grávida, eu poderia dizer que estávamos

naturalmente nos encaminhando para aquilo. Eu não acreditaria se me dissessem isso há dois meses atrás, que eu iria querer casar novamente, mas aquela ideia estava ali me rondando quase todo dia, agora. Mais do que nunca, agora.



No domingo pela manhã, já passava das dez horas quando nos dirigimos para a casa de tia Abigail e Otávio. Eu mais uma vez insisti que Malu ficasse na minha casa, não a queria longe de mim parecendo tão triste como ela estava desde que tinha vindo da casa dos pais, mesmo que ela tentasse minimizar isso ou esconder com um meio sorriso. Então, só passamos lá para que ela pegasse umas roupas e itens que ia precisar para o dia seguinte, e voltamos para a minha casa, passando o restante do dia na cama, apenas aconchegados, até que eu senti que ela adormeceu nos meus braços.

Agora, a caminho da casa da minha tia, Julia ia conosco no carro, cantarolando com os seus fones no ouvido, animada, parecendo no mundo da lua. Claro que eu perguntei sobre os convidados e ela me disse que eles sairiam de casa mesmo, e que

PERIGOSAS ACHERON

Paty já sabia o endereço. Malu, ao meu lado, estava bem melhor, notei, quando ela me olhou e sorriu, colocando a mão na minha coxa coberta pela bermuda preta. Todos nós estávamos com roupas leves, e eu usava além da bermuda, um boné preto, óculos escuros e camisa branca. Julia usava um vestido rodado branco de alças finas, de onde se via os laços do biquíni vermelho, e eu fiquei atento, mas não disse nada. Malu, por outro lado, ou tinha resolvido não apreciar a piscina, ou tinha esquecido de usar uma roupa de praia, notei, intrigado. Ela tinha os cabelos soltos, e vestia um shortinho florido curto, muito curto, na minha humilde opinião, e uma blusa branca de ombros caídos, que destacavam seus seios redondos e cheios, mas não aparecia nada de laço de um biquíni por baixo. Ótimo, talvez ela tenha esquecido, e para que eu iria lembrá-la desse detalhe trivial, não é? Ela estava bem assim, para um dia na piscina, respirei aliviado.

Quando finalmente estacionei, percebi que algumas pessoas já haviam chegado, ainda que a movimentação não fosse tão grande, pois ainda era cedo. O irmão mais novo de Otávio, Rui, estava lá, parecendo entretido na beira da piscina com uma

moça loira e sorridente, usando um micro biquíni azul. Eu tinha quase certeza que muito do comportamento de Marcos vinha mais do tio, que era só alguns anos mais velho que o próprio Diego, do que do pai, por exemplo. Aquele era um caçador nato, e já estava começando os trabalhos com aquela moça que eu não sabia quem era.

Sentada sozinha, mais distante, estava uma outra garota loira, bem jovem, parecida com a primeira sob o ataque de Rui, mas esta tinha um ar tranquilo, quase apático, muito comportada em seu vestido verde, os longos cabelos loiros de lado. Ela me pareceu subitamente familiar, mas fiquei em dúvida.

Acompanhado de Julia e Malu, uma em cada mão, dirigi-me para onde já havia distinguido a figura incomparável de Abigail, usando um vestido florido e longo, com um grande chapéu de abas largas. Ela gesticulava com uma moça que estava organizando as coisas na enorme mesa contendo uma quantidade absurda de comida e bebida, postada a poucos metros da enorme piscina. Quando virou-se e nos viu, abriu um largo sorriso e veio na nossa direção.

— Teo e suas meninas! Que bom que

PERIGOSAS NACIONAIS

vieram, meus amores! — ela disse, trocando beijinhos com Julia e Malu, depois de me abraçar e beijar.

— Eu tinha uma opção? — brinquei.

— Não, realmente. — ela confirmou, olhando para Malu — Minha querida, você está maravilhosa! Teo é um homem de sorte, e seja bem-vinda novamente.

— Obrigada, Abigail — Malu sorriu, parecendo verdadeiramente feliz com a figura quase excêntrica da minha tia. Ela costumava desconcertar as pessoas, mas parece que Malu a estava tirando de letra.

— Julia, minha bebê, você está mais linda ainda. E os namorados? — ela piscou para Julia que ficou imediatamente como um tomate, sorrindo.

— Não invente coisas, tia. — eu disse, num rosnado, e lancei uma olhar firme entre Julia e Abigail, que rolou os olhos para mim, fazendo pouco caso, com um gesto de mão.

— Teo, como você é bobo. E seus amigos, Ju, não vieram com você?

— Não, tia, mas não devem demorar. — Julia disse, olhando em volta — E Iza, onde está?

PERIGOSAS ACHERON

— Iza está meio chateada, algo com Erik, que parece que não vem. Mas vá vê-la, arranque-a do quarto, por favor. — Abigail pediu, e Julia afastou-se depressa, indo em direção à casa. Os olhos verdes límpidos de Abigail ficaram indo e voltando entre mim e Malu, suas mãos juntas, um sorriso nos lábios.

— Dá vontade de morder vocês dois, de tão lindos e certos que vocês são! — ela suspirou, e eu dei uma risada, olhando para Malu, que sorria largamente também. — Acomodem-se, queridos, os meninos estão por aí, Marcos e Ricardo, no caso. Diego ainda não chegou. Malu, fique à vontade, meu amor.

— Obrigada, vou ficar, sim.

— Você pode me chamar de tia, se quiser. — ela deu uma piscada e saiu flutuando, gesticulando para o marido do outro lado do jardim.

— Tem que ter pique para acompanhá-la, não? — eu disse, e Malu riu, concordando, enquanto íamos em direção a um conjunto de mesas e cadeiras que estavam dispostas pelo jardim e ao redor da área coberta da piscina. Apesar da informação de Abigail, eu não via Ricardo e Marcos em lugar algum, mas notei que Otávio

estava entretido em uma conversa com um homem magro e grisalho, e reconheci Paulo Medeiros. Aquelas garotas loiras eram as filhas de Madeiros, lembrei, subitamente. A mais nova, então, era que o cara queria empurrar para Marcos? Seria interessante ver aquilo acontecer. Fui até eles, cumprimentei-os rapidamente e depois me acomodei com Malu em uma mesa mais distante.

Não era que eu não gostasse de Otávio, muito pelo contrário, eu não o chamava de tio por falta de costume mesmo, mas sempre mantive um relacionamento bom, agradável, com ele, tanto enquanto eu crescia quanto hoje. O marido da minha tia era um cara fechado, mas nunca havia sido uma pessoa ruim, no entanto, era apenas todo homem de negócios, mesmo nas ocasiões mais informais, e se havia algo que eu não queria discutir hoje, era negócios. Se bem que com a presença das filhas de Medeiros ali, talvez eles não estivessem tratando de negócios, afinal.

— Quer comer, algo? — eu perguntei a Malu.

— Teo, se eu não tomar cuidado, você vai contribuir para que eu engorde no mínimo uns vinte quilos nessa gravidez. — ela cochichou.

— E ainda assim, você ficaria linda e gostosa, tenho certeza. — sussurrei, dando um beijinho atrás da sua orelha.

— Ahá! Tá bom, mas só não conte com isso, *tá?*

— Olha se não é o nosso homem apaixonado! — eu ouvi a voz de Ricardo antes mesmo de vê-lo, aproximando-se de nós com passos lentos e aquele sorriso que ele achava que era sensual ou alguma merda do tipo. Junto com o sorriso, ele também exibia o peito nu, já que estava apenas de bermuda. Babaca convencido, pensei, notando que antes realmente não me incomodava com os caras em volta de mulheres que eu estava, não importava como eles estivessem vestidos, mas essa merda mudou. Lancei um olharzinho discreto para Malu, aproveitando que eu estava de óculos escuros, para saber para *onde exatamente* ela estava olhando, enquanto ele se aproximava de nós. Bom, se ela estava olhando, não me deixou perceber.

— E aí, chegou cedo, hein? — eu disse a ele, quando Ricardo sentou próximo de nós e tocamos nossas mãos fechadas em cumprimento.

— Mais ou menos. Eu estava com Marcos ontem e dormi aqui, na verdade. — ele informou,

esticando-se todo na cadeira, parecendo relaxado. — E você, Malu, tudo bem? Ainda aguentando esse chato? Quando você cansar, estou à disposição, você sabe.

— Oi, Ricardo, bom te ver — Malu riu, divertida, e eu olhei para ele, com um sorriso de lado.

— Isso não estará acontecendo, parceiro. Procure outra.

— Se você diz. — ele riu, para me provocar, dando de ombros. Parecia estar de ótimo humor, uma diferença e tanto da última vez que estivemos ali. — Já comeu? Estou morto de fome.

— Ainda não, e você só vive morto de fome, nenhuma novidade. Vai lá.

— Quer algo, Malu?

— Meu Deus, não! — ela riu, e Ricardo a olhou sem entender, mas levantou-se e foi em direção à mesa de comida.

Quase na mesma hora Marcos surgiu. Estava de óculos escuros, como eu, camiseta e bermuda, descalço, mas parecia visivelmente incomodado, os cabelos espetados para todos os lados, como se estivesse passando muito as mãos neles. Nos viu e veio direto em nossa direção, não

sem antes lançar um olhar agudo para as loirinhas, para a loirinha em especial, sentada comportadamente do outro lado.

Sentou-se pesadamente ao nosso lado, depois de me cumprimentar e dar um beijo na bochecha de Malu.

— Malu, bom dia. Como você está?

— Bem, obrigada. E você?

— Sim, e você, cara? Parece que está sempre de mau humor agora, e olha que eu sou o ranzinza e mal-humorado aqui. — eu disse, passando meu braço por trás da cadeira de Malu e aproximando-me mais dela.

— O caralho da... Desculpa, Malu. — ele interrompeu-se, com uma careta.

— Não se preocupe Marcos, eu ouço isso direto desse moço aqui, e falo um bocado de palavrão também, pode ficar tranquilo. — Malu disse, recostando a cabeça no meu braço.

— Apenas umas negociações difíceis com investidores, essa última semana. E agora, para variar, olhem para o outro lado. — ele indicou com o queixo, discretamente. Eu e Malu olhamos, mas eu já sabia do que se tratava. — Estão vendo aquela menina ali, que mais parece uma princesa da

Disney? Por algum motivo do inferno, papai acha que ela pode ser uma boa esposa para mim. Como se eu quisesse a porra de uma esposa. Cara, olha para ela, eu como essa menina no café da manhã e nem mata a minha fome. Foi mal aí, Malu, desculpa mais uma vez.

Eu dei uma risada.

— Vou fingir que não ouvi. — Malu rolou os olhos para nós dois.

— Ela me parece o tipo de mulher que Otávio acharia, como direi, adequada à sua posição social, não? Não que seja o seu tipo de qualquer modo. — observei, malicioso.

Marcos balançou a cabeça.

— Ele só me questionou sobre isso, não é como se fosse escolher uma mulher para mim, de qualquer forma, acho que ele nem tentaria. E eu não tenho um tipo, Teo.

— Exatamente por isso, talvez, ele ache que ela será ideal para você. Dócil, rica, família de prestígio, jovem, disposta a ignorar suas pequenas loucuras em nome da aliança entre duas famílias milionárias. — eu disse a ele. Malu ouviu e sussurrou "queria que fosse comigo, para ver se eu ia ignorar", e eu beijei sua cabeça, olhando

divertido para Marcos.

— Se eu quisesse me casar, não me importaria em casar com ela. Na verdade, tanto faz, mas não quero me casar com ninguém, no momento.

— Tanto faz, Marcos? — Malu parecia horrorizada, e eu esfreguei minha têmpora. Lá vai ela chocar-se com as opiniões nada convencionais e controvertidas de Marcos sobre relacionamentos e afins.

— Minha querida, casamentos em certos círculos, são apenas negócios, então, eu sei que não necessariamente terei que casar loucamente apaixonado, existem outras questões mais importantes na hora de escolher uma esposa, do que necessariamente amor, então, não me importo de verdade em fazer negócios na hora de casar, se puder continuar a minha vida do jeito que é. — ele deu de ombros, um sorriso desdenhoso. Malu olhou para ele com aquela olhos estreitados que eu conhecia bem.

— Sei. Negócios. Continuar como se fosse solteiro, mesmo estando casado. Não amar a sua esposa. É isso? Esse tipo de negócio?

— Basicamente.

— Então, qual o problema em casar-se com ela? — Malu lançou um olhar para jovem loira do outro lado. — Não é isso que ela parece significar? Negócios? Tudo isso aí que você está dizendo?

Ele tirou os óculos e lançou-lhe aquele olhar azul cínico que eu conhecia bem.

— Até pode ser, linda, calma, parece aceitar tranquilamente as coisas, pelo menos do que me lembro dela quando mais jovem, mas eu ainda tenho uns bons anos para me divertir, talvez daqui a uns oito anos, eu case com ela, ou com outra qualquer. No momento, vou mandar meu pai se fo... vou ignorá-lo.

— Alguém em vista? — eu disse, lembrando da Alice, e daquele dia no apartamento dele. Marcos pôs os óculos de volta, recostando-se na cadeira.

— Ninguém. — resmungou.

— Certo.

Ricardo voltou para o nosso lado, comendo e tomando uma cerveja.

— Que cara é essa, Marcos? A Alice ainda não está falando com você? — ele disse, mastigando. Eu virei a cabeça, intrigado, e Marcos gemeu, resmungando "filho da puta da boca

grande".

— Alice? Ela está aqui? — inquiri, e Ricardo confirmou.

— Ela e Iza não se separam mais. E ontem, resolveram ir para a *Lounge Club*. — ele informou carrancudo, referindo-se à primeira das suas duas boates.

— É, cara, a Iza voltou meio surtada, e resolveu que a Alice precisa "descobrir as coisas boas da vida". — Marcos apertou os dentes, igualmente irritado.

Malu sorriu.

— Ah, elas foram? Pensei que não iriam. A Iza me convidou, mesmo. — Eu girei minha cabeça tão rápido que quase sinto um torcicolo imediato, quando Malu disse aquilo.

— Como é? E você ia?

— Não pira, Teo, a gente chegou cansado ontem, lembra? — ela desdenhou, e eu fechei a cara.

— Eu vou estrangular a Iza. — Marcos estava grunhindo, para ninguém em particular.

— Então, a Alice está aqui. E você, Ricardo, também veio para cá ontem. — eu sondei. Mas Ricardo ignorou-me ao ouvir o que Marcos

disse sobre Iza.

— Talvez, se você e o panaca metido do Diego não fossem uns irmãos relapsos, ela não teria voltado de Nova York achando que tem que ser uma pessoa totalmente diferente da menina que saiu daqui. Ela é apenas uma menina ainda brincando de ser adulta, cacete! — ele disse, largando os talheres de lado, e balançando a cabeça. Ricardo acabou de largar um prato de comida, foi o que eu notei, depois daquela confissão inusitada.

— Que idiotice, acredito que nós não tenhamos nada a ver com a forma como Iza voltou, mas garanto que vou descobrir. — Marcos murmurou, e eu previ novamente problemas. Malu olhava tudo boquiaberta, e eu troquei um olhar divertido com ela. Era realmente bom estar naquela posição de observador.

— Talvez vocês devessem dizer essas coisas para elas, pessoalmente. Olhem ali. — Malu disse, com voz doce, e nós três seguimos seu olhar.

Da casa vinham saindo Iza, Alice e Julia... em biquínis minúsculos, notei, engolindo em seco. Iza vestia algo que não poderia ser realmente categorizado como roupa. Alice, um biquíni branco

que não era muito diferente do que Malu tinha usado na praia, outro dia, e o de Julia, apesar de não ser escandaloso, também não era algo que eu costumava ver minha filhinha usando. Que caralhos...

— Malu! Vem! — Julia gritou, acenando com a mão.

— É, Malu, piscina das meninas, amore, vem! — Iza chamou. Alice, mais tímida, apenas acenou com a mão para Malu, que levantou-se, com um sorriso, e me deu um beijo no rosto.

— Agora eu vou tomar um banho com as meninas, amor, volto já. — ela anunciou.

— Mas você não...? — e em câmera lenta, para meu completo horror e imediata taquicardia, ela tirou a blusa inocente que usava, e havia a porra de um biquíni tomara que caia por baixo. Como eu não pensei nisso? Uma peça que abraçava e apertava seus seios cheios e os deixava maiores ainda espremidos ali daquele jeito. Mas não, isso não foi o pior. O pior foi quando ela tirou o short, bem ali, a poucos passos de mim e dos caras, deixou tudo sobre a sua cadeira e foi andando, a bunda movendo-se sensualmente à medida que ela rebolava, porque ela rebolava, mesmo que achasse

PERIGOSAS NACIONAIS

que não. A parte de baixo e de trás do maldito biquíni — obrigado, Deus! — não era fio dental, mas também não era nada comportado. Era um inferno.

Boquiaberto, olhei para Marcos e Ricardo, mas eles não pareciam melhores do que eu. Tão estupefatos quanto, estavam lá sentados olhando na direção das meninas. Mas aí a coisa só piorou, porque nessa hora, bem nessa fodida hora, chegaram uns quatro caras, que foram logo recepcionados por Rui, o pilantra. Que porra que era aquela? Abigail não disse que aquele caralho de asa era uma coisa familiar?!

Dei um pulo da cadeira, literalmente, e observei que mais gente vinha chegando. Diego estava entrando acompanhado de ninguém menos do que a *Red*, que vinha segurando a mão de um garotinho de uns cinco anos.

Nem sei como consegui perceber isso, ou como não quebrei meus dentes apertando-os juntos, mas vi, mesmo assim, Paty entrar na área da piscina, acompanhada de um rapaz jovem, cabelos pretos, camisa e bermuda, e Julia ir andando na direção dos dois, toda animada... na porra de um biquíni.

PERIGOSAS ACHERON

Mas os sintomas de um ataque cardíaco começaram mesmo quando um dos caras amigo de Rui, que tinham acabado de entrar, imediatamente notou o grupo de mulheres em trajes minúsculos, porque só se eles estivessem mortos ou sem pau para não notar mesmo, e lançou um olhar embasbacado e um sorriso letal para última que ia chegando lá: a minha, no caso.

Chega dessa porra.



Capítulo 43



*Depois de ter você,
Para que querer saber
que horas são?
Se é noite ou faz calor,
Se estamos no verão,
Se o sol virá ou não,
Ou pra que é que serve
uma canção como essa?*

Depois de ter você
Adriana Calcanhoto

Malu

As meninas estavam animadas, e eu sorri, entrando no clima e indo ao encontro delas. Era bom espairer depois daquela merda toda ontem na casa da minha mãe, e melhor ainda encontrar com pessoas legais que estavam se transformando rapidamente em boas amigas. Ah, e também, era muito bom, pensei, com malícia, estar perto daquelas duas que com toda certeza estavam, de alguma forma, deixando loucos aqueles dois lindões ali do meu lado. Eu estava adorando tudo isso.

Agora, aproximando-me delas, notei um grupo de uns três ou quatro homens chegarem, falando alto, e serem recepcionados pelo cara que estava à beira da piscina com a loira de azul. Eram, de modo geral, bonitos até, exalando aquela aura de dinheiro que alguns deles pareciam exalar, mesmo em roupas casuais. Acontece que cara gato, gostoso, exalando essa mesma aura, eu tinha bem ali sentadinho, e *era meu*, então, não estava mais interessada.

— Malu, pensei que você não ia tomar um banho, ali toda quietinha ao lado do Teo. — Iza

disse, provocativa, me dando um beijo. Minha nossa, ela usava um biquíni dos deuses, dourado, pequeno e cobrindo apenas o essencial. Retribui o beijo, ao mesmo tempo em que notei Julia indo encontrar a Patrícia, da escola, e o irmão, pelo visto, o Arthur! Que menino lindo, Julinha estava de parabéns! Nossa senhora, o Teo ia pirar mesmo, coitado do meu amor, lembrei.

— Estava só descansando, mas não ia perder essa piscina por nada. — respondi, então, beijando a Alice, agora. Esta tinha os fartos cabelos cacheados soltos em uma desordem linda, e usava um biquíni pequeno e branco, deixando-a maravilhosa. O que eram aquelas mulheres, meu Deus?

— Alice, você está super gostosa, assim como Iza! — elogiei, impressionada.

— Obrigada, Malu, e que bom ver você. A Iza praticamente me obrigou a usar esse biquíni, você acredita? Onde eu estava com a cabeça para aceitar isso? — ela riu, levando a mãos os olhos.

Nesse momento, um dos caras do grupo, um moreno alto de barba por fazer, me encarou com um sorriso interessado, super interessado, notei, ao vê-lo praticamente despir-me com os olhos. Logo,

o restante do grupo de homens, ficou meio que secando as meninas também e estavam agora começando a puxar papo.

Se existia uma coisa que eu tinha em excesso, era “biquíni escândalo”. Dinheiro não, mas biquíni arrasa quarteirão, isso eu tinha! Na verdade, hoje eu resolvi colocar um dos mais discretos do meu arsenal. Meus seios estavam um pouquinho doloridos e ligeiramente mais pesados do que já eram, para uma sustentação legal em cordinhas finas, que eu amava... e nada de fio dental também, né, que eu não estava na praia, mas na casa da tia de Teo, pelo amor de Deus! Mal tive tempo de pensar essas coisas, vendo o sorriso do cara, quando ouvi a voz grave de Teo bem atrás de mim.

— Malu. — ele disse. Disse não. Deu aquela grunhida que eu mal compreendia meu nome, só sabia pelo hábito, já, na mesma hora em que o cara, animado, estava dizendo:

— Rui, seu sacana, escondendo o jogo aqui com esse papo de almoço de família, hein?

Meu Deus, pronto!

— O que te faz pensar que não seja um almoço de família, parceiro? — Era a voz de Teo,

bem no meu cabelo, ao mesmo tempo em que sentia seu braço ser passado firmemente em torno da minha cintura, e seu corpo grande colar ao meu, por trás. — Fiquei curioso, explica aí.

— Não foi o que você entendeu, eu só estava...

— Algo na minha mulher te fez chegar a essa conclusão, ou o quê? — sua voz era fria, calma, e eu fiquei ligeiramente apreensiva.

— Teo, meu amor, não precisa disso. — sussurrei, segurando seus braços tensos, afagando-os com meus dedos.

— Teo, calma aí, o Rafael está apenas brincando, não é mesmo? — Rui, eu sabia agora, aproximou-se e deu um tapinha amigável no ombro de Teo, ao mesmo tempo em que segurava o ombro do agora desconcertado Rafael, sorrindo.

— Claro, foi uma brincadeira. É um prazer, Teo. Rafael Toledo. — ele disse, rápido, e eu quase gemi de vergonha, porque Teo apenas disse, friamente:

— Ok.

Então, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo naquele pequeno grupo à beira da piscina.

Dos outros caras, dois não perceberam o

ligeiro clima e continuaram jogando charme para as meninas. Um estava tentando engatar uma conversa com Alice, mas devia ter esquecido onde eram os olhos dela, porque estava totalmente olhando para baixo, passeando em seu corpo. Mas ela não sorria, parecia incomodada com o jeito do babaca, e já estava afastando-se, com um sorriso meio forçado. O outro, um homem alto e forte, bonito, parecido com Adriano até, estava de braços cruzados, sorrindo largamente e agradecendo sua sorte enquanto quase babava em cima de Iza. Ela, sim, dava-lhe um sorriso discreto, mas não o estava afastando. Então, foi um ligeiro pandemônio, porque eu percebi, pela esquerda, Marcos chegando como um furacão e parando perto de Alice e do primeiro cara.

— Você vai me dar licença, Jefferson, mas eu tenho algo para resolver com essa mulher bem aqui. Procure outra, sim? — ele disse, entredentes, e saiu com uma Alice abismada para a parte de dentro da casa. Olha só, importando-se com Alice. Estranho para quem estava mandando tudo se foder ainda há pouco.

Do outro lado, enquanto Teo ia afastando-se comigo, lançando olhares assassinos para o tal

Rafael, eu vi Ricardo aproximando-se bem devagar, uma expressão de fúria como eu não pensava que um cara risonho como ele poderia apresentar, e parando ao lado de Iza e do seu “novo amigo”.

— Iza, preciso falar com você.

— Por quê? — ela questionou, atrevidamente.

— Você sabe, a não ser que prefira que eu fale aqui, agora.

Olhei para trás, e ela fez um sinal com a cabeça, mas acompanhou Ricardo, que eu notei que nem teve a cortesia de falar com o rapaz ao lado dela. Eu tive que rir, porque nesse momento, não acho que ele a estava vendo como a menina que achava que ela fosse, só minutos antes. Mas meu risinho deve ter sido interpretado equivocadamente.

— Qual a graça, Malu?

E lá vamos nós! Mas eu estava com um bom humor duramente cultivado, não ia deixar que os ciúmes loucos de Teo me irritassem. Na verdade, estavam me divertindo, um pouco, hoje. Só um pouquinho.

— Nada, meu amor. Achando graça dos seus amigos de boca grande. Conhece aquele ditado

sobre pagar a língua?

Ele rosnou algo incompreensível.

— Teo, para com isso, não estou te entendendo. Que tipo de comunicação de homem das cavernas é essa que você está fazendo?

— Porra, Malu. — ele falou, tensionando a mandíbula, e nós paramos. Seus olhos estavam quase fechados, franzidos ao extremo. — Que porra de biquíni é esse? Quer dizer, você estava com isso o tempo todo?

Eu ri, e ele ficou mais puto ainda. Depois olhou por sobre o meu ombro, de cara fechada, provavelmente porque entendeu que alguém, um homem, estava olhando para mim. Para a minha bunda para ser mais precisa. Claro que ninguém estava, ele só estava sendo ridículo.

— Teo, eu nunca te disse que não iria tomar um banho ou que não estava de biquíni. Você, não sei porque, deduziu isso. — dei de ombros, tocando os seus lábios cerrados com meus dedos.

— Ok, mas tinha que ser esse? Olha seus seios... estão, porra, estão pulando daí. — ele olhou, e eu cruzei os braços para que os meninos pulassem mais ainda. Ele franziu os lábios, irritado, mas também tinha aquele olhar quente que eu sabia

identificar muito bem, e que parecia estar ficando cada vez mais intenso e constante em meus seios desde que descobrimos a gravidez.

— E só para você saber, esse é o mais comportado que eu tenho. Fiz isso em sua homenagem. — menti descaradamente.

— Se isso é comportado, não quero ver os outros. Ou melhor: quero, mas quando estiver sozinho com você, não com meia dúzia de machos do caralho olhando para você assim. E esses imbecis, nunca viram uma mulher na vida? Esse idiota do Rui chamou esses caras aqui para quê?

— Meu amor, para com isso. Você quer mesmo controlar quem entra na casa da sua tia? — eu arqueei as sobrancelhas, tentando evitar que ele percebesse meu divertimento.

— Não, só não quero pegá-los olhando assim para você novamente, ou vou ter que descontar em alguém aqui a raiva de ontem.

— Tem outras mulheres aqui, Teo... Lindas, por sinal, acho que eles vão ficar devidamente distraídos.

— Que seja, mas não com a minha. Então, trate de cooperar comigo e não faça isso. — ele apontou com o queixo para os meus peitos. — Isso

dá uma vontade de... morder, chupar, segurar e... *caralho*, vou ficar com o pau duro bem aqui.

Soltei a risada que eu estava prendendo, porque não dava. Aquele homem era demais, minha nossa.

— Você é homem, não me engana não que eu sei que você também olha por aí, *tá*? — dei um tapinha na sua bochecha, de leve. — Acha que eu não percebi como você estava me olhando na boate? *Hein*?

— Sim. Eu queria te comer. Toda. Bem ali, se fosse possível. — ele disse, puxando-me para si, e ficamos abraçados no meio do jardim, olhando um nos olhos do outro. — Você notou *isso*?

— Pode apostar.

— Então, é exatamente por isso que eu fico louco quando vejo outro cara te olhando assim, porque eu sei *exatamente* o que está passando pela cabeça dele. Já estive lá.

Dei outro beijinho em seus lábios.

— Ignore.

— Sim, e vai nevar no inferno, nesse dia. — ele disse, fazendo aquela carranca que eu amava tanto, e quando íamos saindo, topamos de frente com outro casal que estava se aproximando de onde

estávamos agora. Diego, acompanhado de uma jovem lindíssima, de cabelos vermelhos que contrastavam com a sua pele negra, pararam a nossa frente. E meu Deus do céu amado, que casal aqueles dois formavam: pareciam tão radicalmente diferentes e ao mesmo tempo você podia formar imagens explosivas dos dois juntos. Notei que ela tinha belas tatuagens nas mãos, no pescoço e no ombro, em letras pequenas. Ela era impactante, para dizer o mínimo.

Diego, por outro lado, mantinha a expressão usual, muito sofisticado, ainda que estivesse de camisa de algodão que abraçava seus músculos — e ele tinha, bem, músculos demais debaixo daquelas roupas formais, pelo visto — e bermuda azul. Olha, sabe azeite e água? Poderia ser o caso, ali, à primeira vista, mas aquela mão firme dele na moça, e a forma como a olhava, me diziam que o fogo, naquele caso, talvez não estivesse apenas nos seus cabelos.

— Teo, bom dia. Malu, tudo bem? — ele nos cumprimentou, polidamente. Retribuímos o cumprimento, e ele olhou para a mulher ao seu lado.

— Quero apresentar a vocês a Diana. Diana,

esse é o meu primo Teo, e sua namorada, Malu.

Ela sorriu, e trocamos beijinhos. Teo segurou sua mão e sorriu, deixando a irritação de lado, por um momento. Lançou um olhar astuto, provocador, para Diego, rápido, eu notei, e este levantou uma sobrancelha, como se desafiando-o a dizer algo.

— Bom conhecer vocês. — Diana retribuiu os cumprimentos.

— E esse rapazinho aqui é o João Pedro — Diego sorriu de lado, mostrando o menino de lindos cabelos pretos ondulados, pele clara e olhos verdes-azulados límpidos. Sorri, olhei para Teo, e ele encarava o menino com a testa franzida, detidamente, concentrado. Olhei então para Diego, que encarava Teo, em silêncio.

— Olá, grande homem, tudo bem? — Teo finalmente disse, estendendo a mão e afagando os cabelos do menino. João só assentiu, tímido. Eu me abaixei e toquei seus cachos sedosos, olhando em seus olhos impressionantes.

— Ei, João. Tudo bem? Você é lindo, sabia? Muito.

O garoto, até então calado, sorriu novamente e olhou então entre mim e Teo, curioso,

então virou-se para a mãe, puxando sua mão para chamar atenção.

— Eles são namorados igual a senhora e o Diego, mãe? — ele perguntou, pensando que estivesse sussurrando, cobrindo a boca com a mãozinha, para horror de Diana, enquanto Teo e Diego riram abertamente.

— João, o que eu já disse sobre falar coisas assim, filho? — ela sibilou para ele, tentando esconder o seu sorriso. — E não, eu e o Diego *não somos* namorados, *eu já disse*. Somos apenas amigos, mamãe já explicou, não foi?

Diego sabia disso, que não eram namorados? A cara que ele fez não foi muito de quem concordava com a afirmação. Teo também não perdeu aquilo, mas ficou calado, as mãos nos bolsos. Parecia imerso em pensamentos profundos, olhando para o menino. João assentiu com a cabeça, solenemente, parecendo entender, mas olhou para mãe, levantando a cabeça, e disse, mais uma vez, como se estivesse contando um segredo para ela. Bem alto, no caso.

— Amigos beijam na boca, mãe?

— *Senhor...* — ela gemeu, levando a mão à testa, eu não pude aguentar e acompanhei Diego e

Teo na risada alta, daquela vez. Levantei, e aproximei-me de Teo. Diego sorria, ainda, largamente, mas então olhou adiante na área da piscina e franziu o cenho.

— Teo, você saberia me dizer o que Rui e companhia estão fazendo aqui? — disse, naquela sua voz grave e modulada de lorde inglês, usando a ponta do dedo para ajustar os óculos pretos no rosto. Teo havia me dito que ele também era professor de Direito, e aquilo combinava bem com ele. Agora, ele espalmou a mão grande no ombro de Diana, protetoramente.

— Gostaria de saber, também. — Teo grunhiu, e olhou para ele de modo significativo. — Fique esperto, você sabe bem como ele é.

Diego acenou com a cabeça e saiu, levando a mulher e o menino em direção a casa, mais adiante. Teo observou-os afastarem-se, um sorriso nos lábios, e me pegou pela mão, caminhando para o local onde nós estávamos antes.

— Ele é lindo, não é? Meu Deus!

— *O quê?! —* ele parou, e eu quase esbarro em suas costas quando ele fez isso.

— O João, Teo. O menino. Ela é linda, claro, mas ele não parece muito com ela, você não

acha?

Ele respirou fundo.

— Ah, sim. É verdade.

— Você pensou que eu estava falando do Diego.

— Não.

— Você não existe!

— E sim, o menino não parece com ela, mesmo... — ele disse, apenas. Então estacou, de súbito. — Cadê a Julia?

E lá vamos nós de novo, pensei, olhando ao redor, enquanto ele também olhava em volta, como um falcão. Logo, avistou Julia, Paty e o Arthur, sentados em uma mesa não muito longe da nossa, estavam entretidos em uma conversa animada. Julia continuava apenas de biquíni, mexendo nos cabelos, sorrindo, Paty estava bebericando um refrigerante, e Arthur... *Meu bom Jesus* parecia embasbacado olhando para Julia como se não houvesse amanhã. Deus, que Teo não percebesse isso, pedi, sabendo de antemão que isso era quase impossível, em se tratando de Teo. Tinha que apelar para outras estratégias, se quisesse ajudar.

— Amor...

— *Oi!*

— Olha só... vai com calma, tá?

— Por que está todo mundo sempre me pedindo calma? Eu nunca estou nervoso. Vem, vamos ali. — ele disse, indo exatamente naquela direção, e eu o segui, pedindo aos céus que esse rapaz não desse bola fora. Quando nos aproximamos, Julia olhou para o pai, atenta, e depois lançou uma olhadinha de lado para rapaz moreno, mordendo o lábio. Teo me enlaçou pela cintura, e deu o seu melhor sorriso para os ocupantes da mesa.

— Olá, pessoal. Paty, tudo bem, querida?

— Oi, senhor Stein. Tudo bem, sim.

— Olá, vocês. — eu disse, olhando entre Julia e Arthur. Espertamente, graças a Deus, ele se ajeitou, sentando mais reto na cadeira, e tirando os olhos de onde quer que eles estivessem antes, no corpo de Julia, mantendo-os agora em Teo, com cuidado. É bom ter mesmo, querido, pensei, mal podendo esconder meu sorriso.

— Oi, pai. Você não conhecia o Arthur, irmão da Paty, não é? — Julia adiantou-se, e eu apreciei a coragem dela, apesar das bochechas coradas, que a coitada não podia evitar.

— Não, não tive a honra. — Teo

murmurou, e lançou um olhar ao rapaz que só podia ser descrito como cortante, por uns segundos. E olha, palmas para o menino, porque ele não desviou os dele, apesar da evidente pressão. Aquele olhar de Teo poderia fazer um homem mais experiente se contorcer, que o diga o Dr. Paulo.

Arthur estendeu a sua mão, levantando-se respeitosamente, enquanto isso. Ponto para você, garoto.

— Sr. Stein, é um prazer conhecer você. — ele disse. — Obrigado por nos receber aqui.

Teo sacudiu a cabeça, olhou para mão estendida, de volta pro rosto do rapaz, e só então estendeu a sua. *Misericórdia*, ele era demais com aquilo.

— Tudo bem, fiquem à vontade. Arthur... — ele disse, com voz macia, olhos semicerrados. — Você é o irmão mais velho da Patrícia, que interessante.

Começou.

— Sim, somos apenas nós dois, senhor. — Arthur continuou de pé, parecendo agora um pouco incomodado. E Teo também de pé, comigo ao seu lado, olhava para ele fixamente. Eu vi Julia rolar os olhos, mas não disse nada. Ela conhecia bem o

próprio pai e suas estratégias intimidatórias.

— Bom. Legal que você costuma sair com as meninas. Isso acontece muito?

Julia arregalou os olhos de leve, na direção do pai, mas ele não viu porque estava com o olhar verde travado no pobre rapaz, que pôs uma mão no bolso, mas não desviou o olhar.

— Não muito, senhor Stein, eu...

— Pode chamar ele de Teo, Arthur. — Julia interferiu. Teo olhou para filha, depois voltou-se para Arthur.

— Não pode, não. Continue com o Sr. Stein, Arthur. — ele recomendou, braços cruzados, agora. "Pai, pelo amor de Deus", Julia gemeu, escondendo os olhos com as mãos. Arthur pigarreou.

— Pois é, não costumo sair muito com as meninas, apenas de vez em quando, quando elas precisam voltar para casa de carona ou algo assim...

— Ah, é mesmo? Olha que bacana. E você dirige? Quantos anos você tem? Você ainda está estudando ou trabalha? — Teo continuou, implacável.

— Eu vou iniciar o curso de Direito no próximo semestre, senhor. Tenho dezenove anos, e

dirijo sim. No momento, estou trabalhando na parte administrativa em uma consultoria jurídica, até o curso começar. — ele respondeu, sem gaguejar, outro ponto para você, seu lindo, pensei. Pelo menos comigo, com Teo, eu já não sabia.

— Ok, Arthur. Só me inteirando de quem anda com a minha filha, você sabe como é. — ele disse, por fim. — Bom saber que ela pode contar com um amigo como você por perto, não é?

Arthur olhou para Julia, em silêncio, como se pedisse uma sugestão, então, fixou seus olhos em Teo. Julia então olhou para mim como se implorando por algo, e agora parecia meio apavorada. Eu não podia deixá-la na mão, não é? Aquela conversa, qualquer que fosse, não deveria ser feita ali, mesmo. Aquele Teo, nossa... eu queria bater na cabeça dele.

— Amor, estou morta de vontade de um banho. — anunciei, abraçando os seus ombros largos, e Julia soltou o ar parecendo aliviada, a coitada. Realmente, ela não queria aquela conversa ali, e estava certa.

— Agora não, Malu. — Teo rosnou, baixo, para mim, mas ainda olhava para Arthur, aguardando. Este pareceu tomar uma decisão, e

respirou fundo.

— Na verdade, senhor Stein...

— Ótimo. Eu vou sozinha, então. — eu disse, alto, dando um beijinho em sua barba, ajustando o meu biquíni, na parte de baixo. Era tudo ou nada. Teo virou a cabeça para mim, rápido, depois olhou para Arthur de novo.

— Malu...

— Estou pegando fogo de tanto calor, amor, e já que você não vem, vou ver quem quer me fazer companhia. — eu disse, baixo, no seu ouvido, e saí caminhando, dessa vez rebolando mesmo, como ele sempre me acusava de fazer, em direção a piscina.

Um, dois... Comecei a contar.

— Que porra é essa, Malu?! — Teo me segurou pelo braço, já ao meu lado, agora. Suspirei aliviada.

— O que foi? Eu quero tomar banho. As meninas não estão aqui, quem eu deveria chamar?

— A mim, claro! Só que eu estava no meio de uma conversa interessante com aquele rapazinho. Você não poderia esperar dois minutos? — ele resmungou, puto, pegando a minha mão com firmeza. Eu rolei os olhos. Iza e Alice realmente não estavam em lugar nenhum, muito menos

Ricardo e Marcos. Nem Diego e Diana. O pequeno João estava na companhia de Abigail, do outro lado da piscina, próximo ao jardim, e ela estava dando uma risada alta, conversando com ele e o segurando no colo. Virei-me, para Teo, abraçando-o pelo torso musculoso.

— Querido, você não estava conversando, estava intimidando o coitado, que você mesmo disse, é só um amigo dela, não é?

Teo olhou para trás, na direção da mesa, com uma carranca. Julia e Arthur pareciam conversar em voz baixa, Paty estava despindo-se para entrar na piscina.

— Malu, eu já tive a idade do Arthur. E sei bem para onde aquele merdinha estava olhando quando eu cheguei. Amigo é o meu pau. — ele resmungou.

— Teo, ele parece tão fofo... Quer dizer, está ali comportado, apenas conversando.

— Querida, daquela idade ali, eu já tinha feito tanta desgraça que até Deus duvida.

— Ah, eu imagino... Com garotas da idade da Julia? — perguntei, baixinho, sentindo um prazer perverso em cravar aquele punhalzinho nele. Teo arregalou os olhos, depois fechou-os, sibilando

uma torrente de palavras.

— Meu Deus, não quero nem lembrar disso. Na verdade, eu não lembro disso. Melhor, vou voltar lá e avisar para aquele almofadinha que se ele sequer tocar na minha filhinha...

— Teo... — eu chamei, erguendo as sobancelhas. — E você acha que aqui, na casa da sua tia, à beira piscina, é o melhor local para você fazer isso? — eu segurei seu pescoço com ambas as mãos, encarando-o. Depois de uns segundos, Teo respirou fundo.

— Tem razão. Eu já disse hoje que eu te amo? — ele perguntou, me dando um beijinho nos lábios. Aliviada, eu sorri.

— Não, podia dizer agora.

— Eu te amo. Muito. Mas eu sei o que você fez ali. — ele disse, segurando meu queixo. *Ops!*

— Não tenho ideia do que você está falando.

Teo riu, e mordeu meu lábio inferior de leve.

— Não? Você estava dando uma oportunidade para o rapaz escapar. O que será que ele ia dizer? Fico me perguntando. — ele voltou a olhar para lá. Agora, Arthur estava olhando de

volta. Eu segurei o seu queixo e o fiz voltar-se para mim, rapidamente.

— Talvez ele fosse dizer que não era nada de amigo de Julia e sim o seu namorado. — eu disse, rindo baixinho, e dando de ombros.

— Julia não tem namorado, ela só tem 17 anos, Malu.

Eu dei uma risada, agora.

— Ai, você vai se iludir até quando?

— Ela não tem, eu saberia.

— Talvez você esteja próximo de descobrir se ela tem ou não, mas não aqui, você não acha?

— Ele não é só amigo? Não vai se importar com umas perguntinhas à toa.

— Amor, eles estão lá sentadinhos, conversando. Quando a Julia achar que tem que te dizer algo... Será que ela não dirá? Pelo menos eu acho, do pouco que tenho visto de vocês dois.

— Sim, ela dirá. — ele passou uma mão nos cabelos, exasperado. — Eu já te disse que quero um menino? Estou decidido agora. Nosso bebê vai ser um menino. — ele pôs a mão na minha barriga e me beijou.

— Sério? Vamos ver, então. Olha que legal. Você já tem um ali para ir testando suas

habilidades. Abigail parece estar adorando. — eu aponteí com o queixo, e Teo olhou, balançando a cabeça, e riu.

— É, parece que ela está testando mesmo.

Disposto a me acompanhar na piscina, Teo começou a tirar a roupa, rápido, desfazendo-se da bermuda e da camisa branca. Usava uma sunga preta de corte reto, discreta, e meu Deus... Meu homem era uma delícia mesmo. Ainda bem que não era branca, porque se daquele jeito já estava marcando bem o material que tinha ali dentro, imagina em uma sunga branca.

Eu nunca iria deixar de apreciar aquele seu corpo maravilhoso, os músculos tonificados, as pernas fortes, o peito bem definido... e passei a língua pelos lábios. Então lembrei de algo e dei uma olhada ao redor, encontrando a loirinha de biquíni azul que estava no meio dos caras, olhando para Teo como se fosse babar. Pode babar, meu amor. Daí mesmo, de longe, apenas, pensei, enroscando-me nele e o puxando para piscina comigo. A água estava uma maravilha, e eu aproveitei para me refrescar e ficar desfrutando do corpo de Teo, em doses iguais. Notei, depois de um momento, que Diego vinha saindo da lateral da

casa, com Diana a sua frente, parecendo irritada. Ela agora usava a parte de cima do biquíni e o shortinho, e se o de Iza era pequeno, o dela não ficava atrás. Era de um laranja vivo, e em contraste com seus cabelos vermelhos, parecia que ela estava em chamas.

As tatuagens, porque haviam mais em seu corpo, formavam um conjunto e tanto que, claro, os homens à beira da piscina também notaram, principalmente quando ela chegou onde Abigail estava com o menino, e Diana abaixou-se para ajudar o filho a tirar a roupa. Bem, a posição foi, obviamente, apreciada pelo grupo, e na mesma hora Diego, a pegou pela cintura, a pôs de pé e olhou com uma expressão assassina para os homens, passando ele mesmo a tirar a roupa do menino. Eu fiquei espantada. Então Diego, com aquele jeito todo frio, tinha sangue nas veias, afinal.

— Teo, agora sim, eu estou com fome.

— Vem, vou levar vocês para comer. — disse, e nós sorrimos.

Minutos depois, já na nossa mesa, Teo e eu comíamos tranquilamente. Julia, Arthur e Paty haviam aparecido para fazerem seus pratos e levaram para a mesa onde estavam. Arthur

observava Teo, ao mesmo tempo que era observado por ele atentamente, também. Passados alguns minutos, Diego, Diana e o pequeno João vieram juntar-se a nós. A interação entre aqueles três era no mínimo interessante, mesmo que o semblante dela estivesse um pouco tenso, agora. Iza também reapareceu, usando um shortinho, mas mantendo a parte de cima do biquíni. Ricardo vinha logo atrás, bebendo algo.

— E Alice? — eu perguntei a Iza, quando esta sentou perto de mim.

— Foi embora.

— Foi embora? Mas por quê?

— Foi com o Marcos. Na verdade — ela aproximou-se e cochichou no meu ouvido, com um sorriso malicioso — Ela foi embora... e o meu irmãozinho foi atrás.

Nós olhamos uma para outra e rimos. Iza, então, olhou para Diana, Diego e o menino.

— Nossa, que tatoos lindas, me animei para fazer as minhas, agora. — ela disse, levantando e indo em direção a Diana.

— Diana, está é a minha irmã, Izabel, de quem lhe falei. Iza, estes são Diana e o João Pedro.

— Prazer, Iza. — Diana a cumprimentou.

— Meu Deus, olha seu cabelo! Você é um estouro, colega! — Iza sorriu, dando um beijinho nela. Em horas assim, Iza parecia bastante a jovem de vinte anos que era, por mais sofisticada que fosse a maior parte do tempo. — E você, hein, se sua mamãe é linda, você é o quê? Uma pintura. Quantos anos você tem, João?

João, cercado de olhares, ficou tímido e levantou apenas os cinco dedinhos da mão direita. Teo na mesma hora olhou rápido feito um raio para Diego, que mantinha uma expressão neutra.

— Cinco anos? Que fofo. Ele é lindo, Diana!

— Obrigada, Iza. E nem sempre ele é tão quietinho assim, só está tímido agora, mas depois se solta.

Abigail surgiu, então, e sentou-se próximo à Diego, colocando as mãos em seu ombro.

— Mãe, o João não é lindo? — Iza estava encantada com o menino. Era natural, ele era mesmo uma fofura com aqueles cachinhos e olhos azuis.

— Ah, filha, com certeza. Estou apaixonada por ele, já nos conhecemos melhor, ele não fica mais tímido comigo não. — deu uma olhada para

Diana, depois piscou para João com carinho. — Conversamos bastante. — ela sorriu e olhou para Diego incisivamente, depois, deu-lhe um sonoro beijo na bochecha.

Teo e Diego ainda estavam lá naquela troca de olhares, mas logo depois Teo, pôs o seu prato de lado e deu uma batidinha no copo com a colher, chamando a atenção de todos.

— Já que estamos falando de crianças, eu tenho um comunicado importante a fazer. — ele disse, alto, e todos ali por perto começaram a aproximarem-se, a atenção focada em Teo. Bem, a atenção voltada para nós, na verdade. Notei o imediato olhar de Abigail em mim, e vi quando ela sorriu e cruzou os dedos na frente do rosto, a boca formando um "o".

— Ai meu Deus... — Iza disse, olhando para mim de olhos arregalados. Elas já desconfiaram sobre o teor daquela revelação. Teo pediu que eu levantasse, o que eu fiz, morta de vergonha, e ainda estava de biquíni! Agora sim eu estava com vergonha de estar de biquíni, e ele pedia que eu levantasse para que todos me vissem. Vai entender esse homem!

— Muito bem, quero informar que esta

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher linda aqui do meu lado, que eu amo, é bom frisar, está grávida, e eu sou o mais novo e orgulhoso papai da área! — ele disse, com um sorriso enorme, então puxou-me para perto e pôs as mãos sobre a minha barriga plana, como havia feito na casa dos meus pais. E foi uma loucura. Eu ouvi gritinhos de Iza, Abigail, e as vozes de todos ao redor nos felicitando, mas não podia distinguir muito mais porque Teo estava me beijando, e eu estava retribuindo, sorrindo, segurando seu rosto, amando-o mais ainda naquele momento. Senti lágrimas nos meus olhos enquanto ele permanecia me abraçando, beijando meu rosto.

Quando finalmente nos separamos, todos estavam em volta, levantando seus respectivos copos de bebidas em brindes, e “parabéns” eram ouvidos de todos os lados. Abigail veio na minha direção, e havia umidade em seus olhos verdes. Me abraçou forte, e eu a abracei de volta, emocionada.

— Ah, querida! É melhor do que eu pensei... Parabéns, Malu! Estou tão feliz!

— Obrigada! Estou muito feliz também.

— Faça-o feliz, menina. Ele já é todo seu. E outra coisa. — ela cochichou no meu ouvido: — Vá adiante!

PERIGOSAS ACHERON

Assenti, em dúvida se era realmente o que eu estava entendendo, e ela deu uma piscada. Logo, Iza a substituiu, me abraçando apertado, e dizendo que ia adorar ser titia. Observei Teo ser abraçado e cumprimentado por todos a nossa volta, também. Eu estava eufórica, emocionada e feliz. Olhei para Teo, ao meu lado, e ele murmurou "eu te amo" e piscou para mim.



*Só um ano de amor
É melhor que uma vida
inteira de solidão.
Um momento sentimental
em seus braços
É como uma estrela cadente
atravessando o meu coração.
One Year Of Love
Queen*

Teo

— Puta merda, cara, como você faz um anúncio desse porte quando eu não estou por perto?

— Marcos disse quando eu atendi, antes mesmo que eu dissesse *alô*. — Você vai ser pai de novo, porra! Parabéns!

Eu sorri com o entusiasmo na sua voz, girando na minha cadeira e virando-me para as janelas de vidro da minha sala. Passava do meio dia e eu ia sair para almoçar com Max, estava aguardando-o quando recebi a chamada de Marcos.

— Valeu, cara. Obrigado.

— Você é um filho da puta mesmo, engravidou a mulher para ela não correr de você, não é?

— Ela não correria. — eu garanti, sorrindo.

— Tá bom, então... Mas Teo, custava dizer isso antes? Ou então esperar eu voltar?

— Você voltou? — questionei, incisivo, pois havia conversado com Malu e ela havia me falado como e por que ele tinha ido embora mais cedo da casa dos pais.

— Não, acabei ficando em casa, mas isso não vem ao caso, seu puto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não tenho culpa se você saiu como um homem amarrado pelas bolas atrás da Alice, meu amigo.

— É o quê... Quem te disse uma merda dessa? — Marcos reagiu, indignado. — A Alice queria ir embora, *tá* legal? A garota trabalha para mim, você sabe, não poderia deixá-la sair sozinha de lá.

— Não? Engraçado, eu não lembro de você ter esse cavalheirismo todo com as suas mulheres. Se não me engano, quando elas acordam naquele matadouro que você chama de flat, você nem mesmo está mais lá para dizer bom dia. Ou estou enganado?

Ouvi ele bufar alto.

— Foi só uma atitude gentil, nada demais, eu não sou um troglodita. Aliás, estou sabendo... Confessou até estar apaixonado, meu Deus, cara, você está muito mulherzinha mesmo. — ele debochou. — Tem certeza que não está enjoando junto com a Malu?

— Para quem não estava lá, você está sabendo bem das coisas, não é?

— A Iza, quase vomitando corações, me contou essa parte. Ah, e Ricardo veio me dizer que

PERIGOSAS ACHERON

você estava chorando copiosamente nesse momento, constrangendo a todos por lá. Eu não duvido nada, você perdeu suas bolas, mesmo.

Eu dei uma risada alta daqueles imbecis.

— Vocês são umas putinhas fofoqueiras, isso sim. Você e Ricardo, no caso.

— Mas e aí? Como você está sentindo-se, prestes a ser pai pela segunda vez?

— Como um maldito cara de sorte, pode apostar.

— Mas porra, bacana, Teo, fico feliz por você. Daqui a mais uns anos, talvez, você vai ser avô, e ainda vai estar com um filho pequeno, olha só que coisa legal.

— Seu... miserável de uma figa, não diz uma porra dessas. — eu rugi, e ele riu, como o idiota que era.

— Calma, papai. Isso vai demorar muito tempo, ainda. Relaxa. Ei, essa notícia não merece uma comemoração, não? Ou suas crises de enjoos não te permitem mais sair de casa? Me disseram que a Malu tinha que literalmente empurrar você de perto dela para poder respirar.

— Ricardo é um imbecil mentiroso mesmo. Não sei como ele tinha tempo para notar essas

coisas, já que estava praticamente rosnando para qualquer cara que olhasse para Iza. — eu disse, e imediatamente fiz uma careta, aguardando a resposta do que havia dito.

— Por que ele faria isso? — Marcos perguntou, depois de dois segundos de silêncio. Para um cara que se achava esperto, às vezes Marcos era realmente obtuso, porra. Ele ainda não tinha se tocado mesmo?

— Hum... porque, você sabe, aqueles amigos de Rui estavam lá e os caras são foda. Já chegaram secando as nossas mulheres, você mesmo viu.

— É, eu vi. — ele disse, e eu percebi que contornei bem a minha mancada. — E então, que tal um encontro para bebermos e ver um jogo? Porque eu sei que é só o que você pode fazer agora, nada de saídas, baladas, foder mulheres por aí.

— Eu tenho a mulher que eu quero em casa, cara. Não preciso de nenhuma outra.

— Eu também teria sua convicção, meu chapa, se tivesse uma mulher como a Malu. — ele afirmou, com voz macia.

— O que foi que você disse?

— Relaxa, só estou testando se você ainda

tem mesmo suas bolas aí. — Marcos disse, e nós dois sorrimos. Nesse momento, Max deu uma batidinha na porta, depois enfiou a cabeça, e eu o mandei entrar com um gesto.

— Então nós marcamos algo, sim. Claro que eu quero comemorar, pode ser lá em casa.

— Uma coisa familiar, né? Estou sabendo. — ele riu. — Ótimo, então, eu te ligo.

— Ok, panaca.

Quando desliguei, Max me encarava com uma expressão atenta, o rosto franzido, e os braços cruzados.

— Eu nunca te vi sorrir tanto assim desde... bem, deixe-me pensar, eu acho que eu nunca te vi sorrir tanto assim. — ele disse, devagar. E eu, claro, sorri para ele, ajeitando-me na cadeira.

— Mesmo?

— Sim, é meio assustador, agora que observo bem. Na verdade... você só ficou assim quando a Ju nasceu. — ele concluiu, muito sério.

— Max, eu já disse antes que você me conhece muito bem, e que é, definitivamente, um dos meus melhores amigos? — eu perguntei, franzindo os olhos para ele.

— Meu Deus, agora eu estou realmente

com medo de você. Posso sair daqui?

Eu dei uma risada e ele riu junto, mas continuava me olhando como se eu tivesse enlouquecido.

— Eu vou ser pai, a Malu está grávida. — eu disse, rápido e à queima roupa. Max abriu a boca, depois fechou. — Ah, e eu estou muito apaixonado, cara. Amo aquela mulher.

Segundos de silêncio, Max continuava olhando para mim, enquanto eu sorria.

— Calma, eu estou verificando se isso realmente está acontecendo. Se eu saí mesmo da cama hoje, se vim trabalhar... — ele disse, lentamente, a mão aberta em minha direção.

— Para de drama, Max.

— Como é? Eu estou aqui do lado do meu amigo de décadas, o cara que passou a vida me chamando de molenga apaixonado, que caía de quatro por qualquer coisa com uma saia, e que não queria mais saber de relacionamentos, amor, nada, agora você está me dizendo... Espera aí! A Malu está grávida?

— Cara, você é lento — eu ri. — Eu vou ser pai, caralho!

No segundo seguinte, Max pulou da cadeira

e veio na minha direção, e eu já estava de pé para receber o seu abraço forte. Ele era um fresco, mesmo, pensei, enquanto, retribuía seu abraço.

— Porra, Teo! Sério? Parabéns, meu amigo. Que maravilha!

— Obrigado, cara. De verdade.

— Então, você vai mesmo ter seus cinco filhos! Começando, hein?

Eu ri, voltando a sentar, e ele também.

— Não sei, cara, isso é uma via de mão dupla. Só com essa gravidez eu já sinto que vou ter um ataque cardíaco a todo momento, e ela está só no começo, imagina mais vezes disso? Preciso estar vivo para criar meus filhos.

— Essa é a ideia.

— Pois é! Estou muito eufórico, eu pensei que fosse igual, mas não tem nada de igual, é completamente diferente. — eu recostei-me, balançando a cabeça, lembrando do quase afastamento, delicado, mas ainda assim afastamento, da minha então jovem esposa, da primeira vez. Malu, era tão jovem, também, mas tão confiante, tão corajosa em tudo.

— Essa sua cara de homem apaixonado, é a melhor. — Max sorriu amplamente, e eu nem me

dei ao trabalho de negar.

— É isso aí.

— Não acredito nisso, eu estava certo, então. Você estava mesmo apaixonado. Mas espera aí... você já disse isso a Malu? — ele quis saber, atento, tirando o celular do bolso da sua camisa social.

— Sim, claro. Qual a graça de admitir uma porra dessas se você ainda não disse à mulher em questão?

— Maravilha! Teo, eu te amo, meu camarada!

— Menos, Max. Até para você isso já é demais.

Ele ignorou-me e fez uma ligação que não demorou a ser atendida. Estranhando, fiquei olhando para ele, intrigado.

— Amor, ele já disse a ela, você perdeu. Quero a minha grana, e outras *cositas mas...* a gente resolve isso em casa. — ele disse, sorrindo maliciosamente, e eu alisei minha barba, observando aquilo, enquanto ele encerrava a ligação. — Ganhei 200 paus da Marisa, e outras vantagens que não vem ao caso discutir agora.

— Como é? Você apostou no sério que eu

estava apaixonado? Você é muito escroto, Max.

— Bom, saber eu já sabia, desde Curitiba, mas não tinha rolado a aposta, ainda. No jantar lá em casa, eu disse que você estava apaixonado, tão apaixonado, que não ia demorar a dizer isso a Malu... — ele explicou, na maior cara de pau. — Marisa, coitada, não conhece você tão bem quanto eu conheço, então ela disse que a Malu diria antes, porque ela sim, estava loucamente apaixonada por você.

Eu sorri como um idiota, ouvindo aquilo, então lembrei que estava na frente de Max, e franzi as sobrancelhas, voltando a ficar muito sério.

— Seu babaca. O que te levou a achar, e apostar dinheiro, que eu diria isso antes, e não Malu?

Ele deu de ombros, muito confiante.

— Simples. Você não consegue não ter o controle das coisas, não ia conseguir ficar assim sem fazer algo a respeito.

Ele me conhecia mesmo, aquele escroto.

— Bom, vamos almoçar antes que você faça eu perder minha fome com essa sessão de psicologia barata. — eu ri, e nós nos levantamos em direção a saída.

Passamos pelo hall que ficava entre o meu escritório e o dele, avisei a Dora que iria almoçar, para que ela passasse apenas as ligações de suma relevância para o meu celular — as de Malu e Julia, no caso. Inclusive, precisava de alguém para substituir provisoriamente a Dora. Seu filho mais velho e a esposa estavam tendo problemas com a filhinha deles, e ela precisava se afastar para ajudá-los em outra cidade. Malu pensou em Alice, mas precisaria falar com ela antes, claro.

Aguardamos junto às portas do elevador, e Max pôs a mão no meu ombro.

— E você debochava de mim por ter pedido para Marisa morar comigo quase assim que a conheci, não é? Agora, está aí todo apaixonado e vai ser papai.

— Eu te superei até nisso, veja bem. Não só estou apaixonado pela mulher mais linda do mundo, e vou ter um filho com ela, como, se depender de mim, a Malu será a senhora Stein em tempo recorde também. Corre, caso contrário eu caso antes de você. — desdenhei, passando a mão pela frente da minha camisa.

— Não duvido nada. Vou correr mesmo e fazer os meus filhos também, você vai ver. Talvez

eu comece hoje. — ele disse, e nós dois sorrimos.

— Você não pode me culpar, meu amigo, quando a mulher certa aparece, não há o que fazer. — eu disse, ao entrarmos no elevador, e quando viramos, Suzana estava em pé, parecendo congelada no lugar.

Ela tinha ouvido cada sílaba, a julgar pela expressão abismada que tinha. Porra, eu esperava sinceramente que ela não nutrisse nenhum sentimento por mim, porque aquilo era uma merda. Fodida merda. Max estendeu o braço para parar o elevador, e ela moveu-se, entrando ao nosso lado. Nos últimos dias, eu havia encontrado com ela sempre em alguma reunião, e realmente estávamos mantendo uma relação absolutamente profissional. Suzana nem mesmo me dirigia a palavra quando não fosse fundamental para a o trabalho dentro da empresa, e era assim que eu queria que as coisas permanecessem.

— Max, Teo, bom dia. Almoço?

— Sim, vamos almoçar. — Max disse, lançando-me um olhar que ela não viu, e que dizia "ela ouviu". Eu confirmei, assentindo, e ele fechou os olhos brevemente. Segundos de silêncio, então, ela virou-se para mim, o rosto neutro, um sorriso

discreto.

— Teo, eu ouvi sobre o bebê. Parabéns, mesmo. Fico feliz por você.

— Obrigado, Suzana. Também estou muito feliz.

Foi um alívio quando o elevador abriu na portaria do prédio, ela deu um aceno e saiu à nossa frente. Quando voltamos do almoço, mais de duas horas depois, já que Max havia chamado Marisa para ajudar a debochar de mim e acabamos nos estendendo além do horário, eu estava novamente concentrado no trabalho quando Max entrou na minha sala com uma expressão séria no rosto e um papel nas mãos. Pôs sobre a minha mesa e coçou o queixo.

Eu abri, curioso. Era um pedido de transferência, em nome de Suzana. Há uma semana, com tudo fechado em relação a nossa empresa em Curitiba, havíamos dito que um cargo parecido com o que ela mantinha aqui seria aberto lá, e nem eu nem Max pretendíamos sair do Rio. Ela estava, então, candidatando-se à vaga. Senti um certo aperto, mas eu realmente não poderia fazer nada.

— O que você acha? — ele me perguntou.

— Acho que se for o que ela quer, devemos aceitar. Competência para isso ela tem.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Eu sei, mas quanto a essa questão, só posso esperar que ela siga o seu caminho e encontre alguém que a faça realmente feliz. Eu não sou esse cara.

E esperava mesmo, sinceramente, que ela fosse feliz.



— Ela vai para Curitiba? É irônico, quase, não? — Malu disse, passando uma mão no meu peito, naquela noite, a cabeça acomodada no meu ombro.

— Não tanto, se você notar que é uma possibilidade de crescer na empresa, mais do que ela faria aqui — eu disse. Tinha contado a Malu sobre o pedido de Suzana e a nossa concordância, minha e de Max, para que ela assumisse o mesmo cargo na outra cidade. Dias depois do pedido, Max assinou sua transferência. — eu preferi assim, e ela provavelmente já tinha ido, agora. Alguns funcionários fizeram uma despedida, poucos, Suzana não era exatamente muito querida na PERIGOSAS ACHERON

empresa, e eu desconfiava que o conhecimento de que nós tínhamos algo mais que trabalho tenha contribuído para aquilo, além da sua própria personalidade e do seu jeito meio fechado. Eu e Max nos despedimos dela formalmente, agradecemos pelos anos dedicados ali no Rio, e desejamos que ela trabalhasse tão bem quanto sempre tinha feito ali conosco.

— Hum... Acho que ela realmente quis se afastar, de você, no caso, a oportunidade de crescer na empresa foi só um bônus. Eu faria o mesmo, no lugar dela.

Franzi minhas sobrancelhas.

— Como assim?

— Ora, Teo, você disse que ela ouviu você dizer que me amava, que ia ser pai, claro que é um golpe, se ela gostava de você, por isso ela preferiu sair.

— Sim, também acho. Mas o que você quer dizer com isso de que "também faria o mesmo"?

— Se eu não estivesse me sentindo bem em um lugar, ou não me sentisse correspondida ao gostar de alguém, nada melhor do que outro lugar, outra pessoa, para me distrair. É a melhor coisa a ser feita, eu acho. — Malu respondeu, continuando

a enroscar meus pelos do peito nos seus dedos.

— Outro lugar, outra pessoa, distrair-se, que raios de conversa é essa? Como foi que a gente chegou a isso? — eu quis saber.

Ela riu.

— Você começou, estava me contando que a Suzana saiu da empresa e foi para outra cidade, ora essa.

— Certo, então vamos mudar de assunto. Muito melhor.

Ela bufou e escorregou a mão mais para baixo, passando pela minha barriga e depois alcançando meu pau, que estava comportado e devidamente relaxado, agora. Mas não ficaria por muito tempo, pelo jeito, com aquelas mãozinhas dela ali, jogando-o de um lado para o outro, como ela gostava muito de fazer quando estávamos na cama conversando.

— Tudo bem. Por que você não me conta sobre essa festa da Julia? — Malu pediu, continuando a manipulação no meu pau, passando a mover a pele delicada para cima e para baixo. — Ela me disse que, ao contrário dos outros anos, queria uma festa aqui, com os amigos. Você está bem com isso, Teo?

Eu respirei fundo, uma terça parte do meu cérebro já meio que perdendo a concentração na conversa.

— Sim, a Julia tem saldo positivo comigo, eu não posso negar se a minha filha quer uma festa em seus dezoito anos, sendo que ela nunca quis antes. Era sempre um presente ou uma viagem.

— Humm... mas você sabe que não é uma festa, tipo, vestido de princesa e valsa, *né* amor? — Eu estava ficando duro, e cheirei seu cabelo, muito interessando nas ações da sua mão, distraída, enquanto me tocava.

— Eu sei... uns amigos dela em volta da piscina, durante o dia, e umas músicas a noite. Nada que eu não vá supervisionar, de qualquer jeito. Então, está tudo bem. Malu...

— Hum?

— Você sabe que está me deixando com tesão de novo, não é?

— Affff, Teo, meu Deus, eu só estou brincando, gosto de ficar brincando com ele assim, só isso, fica quieto aí.

— Amor, impossível, você já ouviu falar que pau não brinca? — eu disse em seu ouvido, com uma risada, movendo-me e ficando apenas

parcialmente em cima dela, apoiado em meus braços. Ela sorriu quando comprovou que eu não estava mentindo, e escondeu o rosto no meu pescoço. Claro que o seu corpo absolutamente nu, embaixo do meu, as pernas me envolvendo e aqueles seios macios e sensíveis esmagados no meu peito, não ajudaram em nada para que o moço ali embaixo entendesse que era uma brincadeira. Sem chance, na verdade. Abaixei a cabeça e passei a língua ao redor do seu mamilo esquerdo, e Malu gemeu, segurando minha cabeça.

— *Humm.*

— Malu... eu estou constantemente mudando de ideia.

— Sobre o quê? Vai querer uma menina agora?

— Não, quanto a isso, já estou certo. Estou na torcida por um menino.

— E eu vou dizer a sua filha, quando ela nascer, que você queria um menino em vez dela. — Malu disse, com o rosto franzido, mas pude perceber que estava brincando. Mesmo assim, aquilo me fez parar a carícia e olhar para o seu rosto. — Teo, estou brincando, meu amor.

— Eu sei, e eu também, quando digo isso,

você sabe. Pode vir, uma, duas, três meninas, eu vou aguentar. — eu disse, gemendo de frustração, e ela sorriu na minha boca, quando eu a beijei.

— Então, sobre o que você mudou de ideia? — ela disse, contorcendo-se quando eu passei para o outro seio, puxando o bico bem de leve entre os dentes e depois sugando.

— Ideia?

— Teo, você disse que tinha mudado de ideia. — repetiu, num gemido rouco, quando eu agarrei ambos os seios e alternei as lambidas e mordidinhas nele, depois suguei cada um demoradamente. Eu era tarado pelos seus seios, simplesmente, não havia outra definição possível.

— Eu disse? Desculpa, meu amor, a rapidez com que o sangue abandona o cérebro da gente e vai para o pau, diminui a capacidade de raciocínio. — expliquei, descendo pelo seu abdômen. Malu me agarrou pelos cabelos, que estavam ligeiramente maiores em cima. Eu precisava cortar, mas gostava da forma como ela segurava-os quando eu fazia exatamente o que tinha em mente agora...

— Então, esquece, concentre-se aí, por favor.

— Ah, lembrei. — eu disse, beijando

delicadamente sua barriga, espalhando beijos quentes e pequenas lambidas. — Eu ia dizer que pensei que não aguentaria várias gravidezes suas, que ia pirar, ficar louco, mas... pensando bem, nessas horas, porra, é uma maravilha.

— Várias? Você não aguentaria? Por acaso é você que vai parir, Teo?

— Cacete, repensa aí, Malu, olha esses peitos supersensíveis, e você está mais cheia de tesão do que nunca, e olha só... — eu abri suas pernas e passei minha língua *demoradamente* em sua boceta, detendo-me no clitóris já se destacando, inchadinho. Minha iguaria. — Você já parece estar prestes a gozar, e eu mal comecei... É perfeito.

Só para confirmar ainda mais minha análise, ela soltou um gemido engasgado, quando eu me deti naquele ponto, fazendo círculos firmes com a minha língua e depois sugando.

— *Ahhhh...* Que língua maravilhosa, meu amor...

— Eu sou todo maravilhoso, vou te mostrar já.

— Por favor. Rápido! — ela ofegou.

— Rápido, não.

— Teo... — Malu implorou,

choramingando, seu corpo quase levantando da cama, em agonia.

— Sabe, eu acho que vou me empenhar em te deixar mais vezes grávida, sim, depois dessa, o que você acha? — disse, com voz rascante, puxando a parte inferior do seu corpo para cima e me deliciando com ela. Toda.

— Faz o que você quiser, depois, mas agora... me faz gozar, por favor...

— Eu vou te lembrar disso, não esqueça. — sorri, e usei minha língua habilidosa como eu sabia que ela ficava enlouquecida.



Aquela semana nós passamos nos revezando entre seu apartamento e a minha casa, e eu estava ficando meio cansado daquilo. Queria Malu do meu lado ao acordar e quando fosse dormir.

Em uma manhã, visitando uma das nossas maiores obras no centro da cidade, aproveitei que um dos meus melhores mestres de obras estava lá e comecei a conversar com ele sobre algumas alterações que pretendia fazer na minha casa. Só para discutir algumas ideias mesmo.

Malu continuava dando suas aulas (adaptadas, ela garantiu, algumas coisas ela estava ajustando. Só por via das dúvidas eu fiquei umas duas... não, três vezes, por lá enquanto ela dava suas aulas, só para apreciar mesmo. Ela ia para a clínica, e eu continuava levando-a todos os dias pela manhã e indo buscá-la quando saía. Caso ela tivesse que sair antes, Campos a pegava e a levava geralmente para a minha casa, mas ela já havia marcado com Iza e iam escolher o carro o quanto antes, eu esperava.

Parte das suas coisas já estavam na minha casa mesmo, e ela estava construindo uma boa intimidade com Julia, a partir dessa convivência. Tão boa, que às vezes eu as ouvia cochichar alguma coisa e ficava de orelha em pé, e imediatamente a imagem daquele rapaz, *Arthur*, me vinha à cabeça. Mas eu não perguntei nada a Julia. Estava esperando que, como Malu disse, ela viesse me contar alguma coisa. Eu só esperava que fosse em dia um calmo, em que eu pudesse tomar antes uns dois drinques. Não, três. E um calmante. E quem sabe um cigarro, mas eu tinha parado de fumar ainda com 21 anos, foi um período breve, logo antes de Julia nascer. Mas um cigarro podia

cair bem em uma hora dessas. Ou não. O certo é que algo me dizia que eu ainda ir ver aquele *merdinha* mais do que eu queria.

No sábado, resolvemos tomar café fora, nós três, e as levei para um café bistrô. Estava indo tudo muito bem, em uma clima agradável, quando Malu pediu licença rapidamente e saiu da mesa, quase correndo. Ainda bem que o banheiro era relativamente próximo de onde estávamos, ou mal daria tempo de chegar lá. Ela vomitou tudo o que comeu. Aquela fase tinha começado, então.

Mais tarde, resolvemos fazer um passeio e eu deixaria Julia no shopping para encontrar com as amigas. Malu insistiu que estava bem, claro, que tinha passado, e podíamos deixar Julia e depois irmos para casa.

— Você está mesmo bem? — perguntei, ainda no estacionamento do shopping. Malu me olhou com um sorriso.

— Claro, meu amor, não te disse que sim?

— Então que tal comprarmos alguma coisa, já que estamos aqui?

— Quem é você e o que fez com o meu pai?
— Julia ofegou, do banco de trás, e nós três sorrimos, enquanto eu encolhia meus ombros.

— O bebê vai precisar de coisas, não vai? Em algum momento a gente vai precisar comprar, só estou sendo prático.

— Papai. Shopping. Compras. Não acredito nisso.

— Praticidade, já disse. Vamos lá.

Malu não mostrou-se incomodada com a ideia, como poderia ter feito antes, na verdade, pareceu animada com a perspectiva de comprar as primeiras coisas do nosso bebê. De mãos dadas com ela, então, entrei, e logo passamos a observar as várias lojas em busca de algo que a agradasse. Quando ela ia passando direto por uma dessas lojas grandes e caras de roupas e acessórios infantis, eu parei, olhando para ela intrigado, pois queria entrar lá, mas Malu cochichou no meu ouvido, sorrindo, que era força do hábito, "coisa de pobre", passar longe dessas lojas de grifes, caríssimas, como aquela ali. Sorrindo, eu a puxei de leve pela mão e entramos.

— Pois é exatamente nessa que nós vamos comprar, a não ser que você não queira.

— Só se eu fosse louca de não querer, *né?*
— e piscou, entrando como a deusa que era em seu vestido verde soltinho, sandálias baixas e com o

cabelo preso em um rabo de cavalo alto.

A loja realmente possuía artigos com o preço muito acima do que muitas pessoas poderiam pagar por produtos de bebê, e eu fiquei lá parado, mãos no bolso, encantado e divertido vendo Malu passear, escolher, suspirar, e então arregalar os olhos discretamente para mim, quando a garota que a acompanhava dizia o valor de determinada roupinha. Eu a achava mais linda que nunca quando estava assim divertida. Aproximei-me, peguei das suas mãos uma peça linda que ela tinha nas mãos, amarela, algo parecido com um macacãozinho, daqueles que cobriam até os pés da criança.

— Tenho uma ideia para que você não fique chocada com o valor dessas coisinhas. — disse em seu ouvido, aproveitando e a beijando por ali. — Simplesmente não pergunte ou não veja o preço.

— Ah, claro, ótima ideia. — ela disse, levando a roupinha ao peito e olhando para mim com doçura. A moça que nos atendia, olhava para nós com um sorriso meigo, parecendo também encantada.

— Você quer essa?

— Sim.

— Ótimo. O que mais?

Malu ergueu uma sobrancelha e virou-se para o outro lado da loja, como uma menina em uma loja de doces, e eu sorri, cruzando meus braços, e vendo-a desaparecer com a vendedora. Virei-me e notei uma poltrona imensa, de cor clara, e minha mente na mesma hora conjurou uma imagem que quase me pôs de joelhos: Malu sentada ali, aqueles cabelos revoltos soltos, o nosso bebê nos braços, amamentando. Estava tão concentrado nisso, embevecido, que custei a me dar conta de que aquela voz feminina ali perto era conhecida, até ouvir mais detidamente o que ela dizia:

— Por favor, mamãe. Maristela tem que se dar por satisfeita que vai ganhar algo daqui, isso sim. Desconfio que aquela criança nunca mais irá usar algo desse tipo — ela disse, com o mais breve indício de sorriso na voz. Eu nunca tinha realmente notado aquele tom maldoso, condescendente, ou tinha simplesmente fingido não ver essas coisas aquele tempo todo? Mas como Malu havia dito, certa vez, talvez eu tenha vivido com um personagem, em uma constante encenação, e a pessoa de verdade saía apenas quando eu estava longe.

Outra voz juntou-se à primeira, tão

parecida, mas ainda assim mais letal.

— Querida, pegue qualquer coisa, então. Nem sei por que você se deu ao trabalho de aceitar receber esse convite ridículo para o baby chá dessa mulher, que coisa mais tosca.

Putá que pariu, pensei, passando a mão na minha barba, e fechando os olhos. Era só o que me faltava. Justo agora, justo ali? Estava lamentando isso quando as donas das vozes apareceram bem na minha frente, vindas do outro lado da loja, e pararam.

Amanda foi a primeira a ver-me, e imediatamente sorriu. Gisele fez uma expressão de reconhecimento e piscou algumas vezes. Ambas tinham roupas de bebês nas mãos. Desde o episódio com Malu na minha casa eu não via Amanda, me dei conta agora, e se não fosse pelo fato de Julia visitar a mãe eventualmente, eu realmente não lembraria dela. Então naquele momento, uma tensão do caralho tomou conta de mim, porque eu me toquei que a qualquer hora aquelas duas encontrariam com Malu ali, e eu queria ser um homem morto se permitisse que qualquer uma delas fizesse ou dissesse algo que a chateasse, ainda mais agora. Mas, nada de pressão antecipada, decidi,

fazendo um aceno enquanto elas aproximavam-se. Vamos ver o que ia acontecer.

— Teodoro, querido, que surpresa! — Amanda chegou à minha frente e, tocando no meu braço, que eu tinha imediatamente cruzado sobre o peito, soprou um beijinho educado do lado do meu rosto.

— Olá, Amanda. Tudo bem?

— Teodoro, como tem passado? — Gisele fez a mesma coisa, e depois afastou-se para me observar detidamente. As duas eram fisicamente parecidas, e estavam, como sempre, vestidas de acordo com o que elas entendiam como elegância. Podia imaginar como minha filha sentia-se deslocada perto delas. Bom, eu acho que Julia estava sempre melhor vestida do que elas, fazer o quê?

— Estou ótimo, Gisele.

— Onde está a Julia? Está aqui com você?

— Amanda olhou além de mim, curiosa.

— Não, mas está aqui no shopping, deve estar passeando com as meninas. — informei, lacônico.

Um silêncio incômodo reinou, que eu não fiz nenhuma tentativa de quebrar, enquanto

Amanda sorria meio sem graça. Parecia ligeiramente desconfortável, coisa que ela nunca esteve na minha presença, e eu imaginei que era justamente por conta da forma como eu a havia tratado na última vez que estivemos juntos.

— Então, nunca imaginei encontrá-lo em uma loja para bebês, que coisa inusitada. — Amanda quebrou o silêncio com uma risadinha, finalmente, olhando para mim de forma atenta. — O que você poderia estar fazendo...

— Amor, olha só essa roupinha, nossa bebezinha não ficaria linda nela? — Malu apareceu nessa hora, sorrindo entusiasmada, vinda do lado contrário, segurando um vestidinho verde-claro aberto nas mãos. Quando chegou perto de mim, olhou para as duas à minha frente e parou, espantada. Imediatamente, estendi a mão a ela e a fiz continuar.

— Ficaria, sim, meu amor. — respondi, quando ela segurou minha mão e veio andando, devagar. Para minha surpresa, bem, assombro mesmo, Malu não permaneceu muito tempo em choque, ergueu o queixo e manteve o sorriso, tenso, mas manteve, e colou-se em mim, passando as mãos pela minha cintura e me abraçando. Passei

meu braço ela e me virei para Amanda e Gisele. Respirei aliviado ao ver sua postura. Claro que eu estava disposto a defendê-la, protegê-la, isso era tão natural em mim que às vezes eu perdia a noção que Malu não era uma boneca de porcelana. Apesar de jovem, era um mulher forte, que já tinha passado por muitas coisas na vida e não se rendia fácil. Eu precisava lembrar mais disso, mesmo que cada célula minha gritasse para cuidar dela como se ela precisasse sempre de mim.

Agora, eu não sabia nem por *onde* e nem por *quem* começava a analisar a expressão. Amanda, mais perto de mim, tinha o sorriso completamente congelado no rosto, olhando para Malu abraçada comigo, seus olhos cravados no vestidinho em suas mãos. Se na minha casa ela tinha ficado chocada quando eu apresentei Malu como minha namorada, agora ela parecia totalmente petrificada, segurando nas mãos uma roupinha de bebê azul, enquanto permanecia parada como uma estátua. Gisele, por outro lado, havia perdido a pose inabalável que ela sempre mantinha e estava, naquele momento, boquiaberta, olhando entre mim e Malu como se tentasse juntar as peças de um quebra cabeça confuso. E ela logo conseguiu

juntar, antes de Amanda, por sinal, porque fechou a boca, mas seus olhos se arregalaram em choque.

— Meu amor, você já conhece Amanda e sua mãe, Gisele. — eu disse, porque precisava saber se as duas ainda estavam respirando. Malu acenou, educadamente, mas não estendeu sua mão.

— Sim, eu me lembro de ambas. — ela disse, apenas, de modo diplomático. Gisele se recuperou primeiro, e olhou Malu detidamente, também.

— Olá, fomos apresentadas, sim. No *Giraz's*, não?

— Creio que sim... — Malu murmurou, como se não fosse importante, e eu curvei o lado da minha boca em uma sugestão de sorriso. Virei-me para Amanda, e ela ainda estava olhando para o vestido na mão de Malu. Gisele tocou seu braço, como se para tirá-la do transe, e ela olhou para mim, seu semblante incrédulo.

— Você... O que você está mesmo fazendo aqui, Teo? — ela perguntou, em um fio de voz. Olhei para o rosto da mulher com quem passei anos da minha vida, que tinha me dado a minha filha linda que eu amava muito. Sinceridade era o que eu daria a ela, mas de verdade, não fazia diferença. Eu

não devia nada a Amanda, além de não ter a menor intenção de esconder de ninguém a minha relação ou a gravidez de Malu.

— Compras, Amanda. — eu disse, dando de ombros, simplesmente, encarando-a. — Malu e eu vamos ter um bebê.

Gisele ofegou, levando as mãos ao seu colar, e Amanda empalideceu visivelmente. Eu sabia que Amanda não me amava nem nada do tipo, já não nos amávamos, se é que era amor o que sentíamos, muito antes da nossa separação, isso era fato. Aquela reação só podia ser explicada por algum senso de inadequação que ela mantinha, de que, talvez, mesmo com o divórcio, seria para sempre minha esposa e a mãe da minha única filha. Para alguém acostumada a ter tudo a seu modo, descobrir que as coisas não eram exatamente assim era um impacto e tanto. Bem, ela teria que conviver com isso.

— Você... isso é sério? Quer dizer... — ela balançou a cabeça, como se esperasse que a qualquer momento eu fosse dizer que era uma brincadeira. Olhou para Malu, e depois de volta para mim. Quando nos viu sérios e silenciosos, engoliu em seco.

— Amanda, querida, nós precisamos ir. — Gisele disse, recusando-se a olhar para nós dois e tentando puxar Amanda pela mão. — Vamos...

— Teo... — Amanda continuou, como se implorasse, desfazendo-se do toque da mãe. Que caralhos aquela mulher ainda queria? Eu não era seu marido há mais de dois longos anos, não tinha razão para explicar-me nem dar satisfação a ela.

Malu suspirou ao meu lado, e eu intensifiquei meu toque nela.

— Amanda, não envergonhe a si própria, e a mim, por favor — Gisele sibilou, furiosa agora. Então, deu-me um sorriso congelado, de dentes quase cerrados. — Parabéns, Teodoro. Seja feliz.

— Eu serei, sim. Obrigado, Gisele.

— Amanda! — Gisele agora pegou na mão da filha, com raiva, jogou a roupa de bebê que ela tinha nas mãos em cima da poltrona e saiu literalmente arrastando a filha da loja, como se estivessem sendo perseguidas por demônios.

— Meu Deus, que coisa. Essa mulher acha o quê, Teo? Que você ainda é marido dela? — Malu perguntou, o cenho franzido.

— Talvez sim, mas de verdade? Nem sei mais. Desisti de tentar entender ela no mesmo dia

que pedi o divórcio.

— Uma dupla e tanto, essa. Tenho pena da Julia, de verdade.

— Vamos esquecê-las, amor. Eu já esqueci.

Malu respirou fundo, e levou o vestidinho ao rosto, aspirando, voltando a ensaiar seu sorriso.

— Vem, quero te mostrar uma coisa. — ela disse, baixinho. — Várias coisas. Quero sua opinião.

Eu a segui, pensando que nunca estive tão feliz fazendo compras.



Capítulo 45



*Um instante no tempo
Quando eu sou mais do
que pensei que poderia ser
Quando todos os meus sonhos
Estão a uma batida de
coração de distância
One Moment In Time
Whitney Houston*

Malu

Dia das meninas. Aquele sábado nós finalmente tínhamos conseguido reunir todo mundo, e agora estávamos no restaurante do Hotel Louzeiros, cortesia de Iza, sentadas confortavelmente, tomando champanhe: menos, eu, claro, que tomava água ou suco.

— Um brinde à mais nova mamãe da área: Malu! — Iza disse, levantando sua taça, e todas nós tocamos nossas taças juntas em um brinde, sorrindo uma para as outras, enquanto elas me parabenizavam.

À mesa, estavam, além de mim, Iza, Alice, Stella e Diana. Stella tinha tomado café comigo, mais cedo, enquanto botávamos o papo em dia. Eu a havia convidado para passar o sábado em minha companhia, já que com nossos trabalhos, todos os exames e consultas das últimas semanas, e o fato de eu estar praticamente morando na casa de Teo, tinha feito com que nós quase não tivéssemos mais tempo de nos falar. Então, eu aproveitei que estava matando a saudade dela e resolvi unir o útil ao agradável: saímos todas juntas para um almoço.

Iza havia trazido Alice junto, já que Marcos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segundo elas, estava viajando a trabalho para São Paulo, e só chegaria à noite. De qualquer jeito, elas realmente estavam passando bastante tempo juntas, ultimamente, mas o mais surpreendente de tudo, não era a presença de Alice, e sim de Diana. Eu não sabia como a danada da Iza conseguia aquelas coisas. Naquele domingo do almoço, ela simplesmente tinha engatado uma conversa com Diana, haviam trocado telefones e *voilà*, Diana, a "amiga" do seu irmão mais velho Diego, tinha aceitado almoçar conosco.

Elas haviam chegado na casa de Teo por volta das onze horas. Eu, Stella, Julia e Teo já havíamos tomado nosso café, e enquanto ele trabalhava no escritório de casa, nós esperávamos a chegada do trio. Eu havia tido um ligeiro mal-estar e vômito pela manhã, logo depois de levantar da cama. Antes disso, estava devidamente desfrutando do homem gostoso do meu lado... mas foi levantar, aquela náusea me tomou, e eu vomitei no banheiro, com Teo segurando meus cabelos e massageando minhas costas. Claro que depois houve todo um processo de convencimento para que ele entendesse que eu estava perfeitamente bem e ia sim, sair com as meninas.

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto nos cumprimentávamos e eu apresentava Stella, ainda em casa, fiquei pensando em o quanto aquelas três que haviam chegado eram ao mesmo tempo semelhantes, mas profundamente diferentes. Iza, a menina rica e descontraída, acostumada a transitar por espaços que poucas jovens negras como ela poderiam transitar. Alice, que assim como eu, vinha de uma trajetória pobre e estava lutando para conquistar seus sonhos e melhorar de vida, e Diana, que eu não conhecia ainda muito bem, mas que demonstrava bem que entre a cor do seu cabelo e a sua personalidade haviam muitas similaridades.

— Obrigada, meninas! Um brinde, mesmo com água, está valendo!

— Está valendo, sim, querida. Você sabe que o Teo quase nos mata de raiva antes de sair de casa. — ela bufou, e as outras riram. Teo resolveu fazer uma verdadeira verificação de segurança antes que eu saísse, já que Iza havia dito a ele com todas as letras que nosso dia de meninas teria champanhe. Pronto. Eu já sabia que viria dirigindo na volta, já tínhamos combinado, mas de repente para ele o carro de Iza era muito pequeno para todas nós, então, para assombro de todos, ele

resolveu me dar as chaves do carro dele para que eu fosse e voltasse dirigindo. Era irritante e divertido ao mesmo tempo.

Como o carro que eu e Iza escolhemos no meio daquela semana para mim — um modelo SUV confortável, com espaço amplo para cadeirinhas de bebê, alto e espaçoso por dentro e, o melhor de tudo, aprovado por Teo — ainda não estava pronto, ele preferia me dar o seu, já que Campos estava viajando.

— Nossa, tem que ter paciência e firmeza ao mesmo tempo, se não, ele me deixa louca. — eu disse, suspirando, mas sem enganar ninguém. Elas me olharam e também suspiraram juntas, provocando e rindo. Acho que as taças de champanhe estavam fazendo um efeito rápido ali.

— Que amor... quando eu tiver um filho, também quero um homem que seja um amorzinho comigo. — Alice disse, sonhadora, segurando o queixo nas mãos, após dar mais um gole em sua bebida. — É tão bom poder contar com a figura paterna nessas horas, não?

— Ah, com certeza, um apoio e tanto. — eu confirmei, lembrando desses dias ao lado de Teo.

— É, admiro muito a minha mãe, sua garra,

ter criado a mim e a minha irmã sozinha, trabalhando como doméstica... nós nunca tivemos a figura de um pai. Eu quero algo diferente para mim.

Alice estava muito mais falante a cada gole que ela dava na bebida.

— Eu imagino, Alice. Fácil não é, com certeza.

— Sim, ainda mais quando você é uma moça pobre, como ela foi, e de repente se vê sozinha e grávida do patrão, rico e branco, que claro, não vai largar a esposa e assumir suas filhas. Não quero nada disso para mim. — ela reafirmou, como se estivesse longe em pensamentos, então, deu-se conta do desabafo e abaixou os olhos, dando mais um golinho na sua champanhe. Fiquei pensando naquilo. Não sabia sobre essa história de dona Amélia, que pelo jeito, tinha um reflexo importante na forma como Alice estava decidindo a sua vida e seus relacionamentos.

— Eu já decidi que terei um filho aos 32, 33 anos, não antes! — Iza afirmou, olhando em volta, para nós — Acho que é uma idade ótima para ser mãe, não é?

— Eu fui aos dezenove, o que você acha?
— Diana disse, dando de ombros e sorrindo.

Também já havia bebido umas taças e estava bem mais relaxada do que estivera no domingo na casa de Abigail, por exemplo. Ela vinha mantendo uma conversa descontraída e leve conosco, mas dava para notar o quanto ainda estava reservada em muitas coisas.

Nós olhamos para ela e fizemos as contas pela idade de João. Ela tinha a mesma idade que eu, então, mesmo que parecesse mais nova com o cabelo colorido e a atitude atrevida.

— É mesmo, Diana, olha só... E como foi para você? O pai era tão psicopata quanto o nosso Teo aqui? — Iza questionou, brincando, e eu dei um tapinha no seu braço.

Diana olhou para o fundo da sua taça e remexeu o líquido, antes de levantar os olhos e encarar Iza.

— Na verdade, o pai do João não estava comigo, quando eu estava grávida. Então, não posso dizer se ele seria tão louco quanto o Teo... Desculpa aí, Malu.

— Nossa, tão jovem e encarar uma gravidez sozinha... uma barra. Espero que tenha sido por opção sua, e não que o pai seja um daqueles que fogem e nos deixam sozinhas. — disse a ela,

pensando que mesmo aos vinte e cinco anos, como eu tinha agora, não era fácil passar por uma gravidez sem apoio, e milhares de mulheres passavam por isso pelos mais inúmeros motivos. Que bom que eu podia contar, além das minhas próprias forças, com um homem como Teo para me auxiliar.

— Não, ele não fugiu, pode-se dizer que eu fugi. Ele não sabia que eu estava grávida.

— Não? — repeti, intrigada. Ela fez que não novamente.

— Ah... você não gostava dele, era isso? — Alice quis saber, curiosa, e eu notei, naquela conversa desde mais cedo, o quanto ela era uma garota que priorizava sentimentos, paixão, amor, assim como Stella. Franzi levemente minha testa lembrando de certa conversa à beira da piscina, quando um certo cara de olhos azuis deu-me a sua definição de como encarava um relacionamento, um casamento, o que pensava sobre amor.... e ainda por cima era patrão de Alice. Nossa, eu esperava do fundo do coração que ele quebrasse a cara com aquelas suas ideias toscas, e que aquela menina doce não sofresse no processo.

— Bem, gostar definitivamente não era a

palavra, na época, para definir o que eu sentia por ele. — ela confidenciou, fechando os olhos como se estivesse tentando lembrar, e então suspirou. — Mas quem precisava gostar para ter sexo, não é?

— Eu preciso! — Alice disse, muito firme, a testa franzida. Eu esperava que ela não estivesse bêbada com aquelas poucas taças, mas quem sabe? Ela não parecia ser de beber muito, pelo visto. — Sei que parece retrógrado na sociedade de hoje, mas não me vejo indo para cama com um homem que eu não sinta nada por ele, só sexo pelo sexo, não consigo. Não mesmo. Eu tenho que pelo menos sentir alguma coisa por ele.

— Tesão é alguma coisa. Não é? — Diana olhou em volta, buscando apoio. Alice sorriu, discordando com a cabeça. — O que você acha, Malu?

— Definitivamente é algo, sim. Penso como você, Diana, mas entendo que algumas mulheres precisam realmente estar envolvidas em mais do que tesão para rolar sob lençóis. — encolhi meus ombros, dando-lhes um sorriso altivo. — Agora, quando o sexo é bom, e ainda é com o cara que você ama... Nossa, aí sim é o nirvana.

— Eu também concordo, não preciso ter

uma conexão, sei lá, emocional, para ir para cama. — Stella disse, levantando um dedo. — Maaaas... se for algo bom, minha amiga, eu quero mais. Quero amor, casamentos, filhos, tudo que vem no pacote. Me joga totalmente.

Eu olhei para ela com carinho. Sua relação com Carlos estava muito bem, também, e eu esperava que minha amiga tivesse tudo aquilo que ela estava esperando dele.

— E você vai ter. — eu disse a ela, segurando sua mão por cima da mesa.

— E você, Iza? Está tão caladinha aí, logo você. Quais os seus critérios para deixar um gostosão cair nos seus lençóis? — provoquei-a, piscando, tendo exatamente um gostosão em mente. Aquela tensão sexual entre ela e Ricardo estava explodindo, e só não percebia quem não queria. Eu me perguntava se eles estavam plenamente cientes disso, e que logo não seria mais segredo, se continuassem daquele jeito.

— Sim, você joga no meu time ou no de Malu, Diana e Stella... Veja bem, eu estou em desvantagem aqui — Alice riu com vontade. — Você gosta de estar sentimentalmente envolvida com um cara para transar ou gosta de sexo casual?

Sim, decididamente aquele champanhe estava deixando Alice alegre demais. Naquele ritmo, além de dirigir, eu teria que sair carregando algumas delas até o carro, pensei, sorrindo. Iza, estranhamente, não tinha aquele sorriso confiante no rosto, mas um meio sorriso quase envergonhado. Ela bebeu, olhando para a mesa, em vez de olhar para nós.

— Eu... bom, eu acho que... também precisaria estar apaixonada para que rolasse sexo. É isso. — ela gaguejou, o que não era seu habitual, e nós nos entreolhamos, meio confusas. Não parecia ser o estilo dela, uma garota viajada, que explorava sua sensualidade em roupas caras e decotadas, e saltos assassinos. Mas, a gente sempre se surpreendia, não?

— Precisaria? — Diana arregalou seus olhos claros mas falou baixinho. — Amiga, quanto sexo você tem, então?

Iza engoliu, e deu de ombros.

— Não muito. — admitiu, baixando os longos cílios. Stella me olhou, e eu estreitei meus olhos para ela, depois virei-me para Iza.

— Ainda bem que você tem o Erik, então, não é? Problema resolvido. — murmurei,

observando a sua reação à menção ao namorado.

— É, nesse caso, sexo apaixonado faz sentido, sim. Todo sentido. — Diana disse, sorrindo para Iza.

Mas Iza não respondeu a nenhuma de nós, de imediato. Ficou olhando para as unhas bem-feitas, como se estivesse muito interessada nelas, até que resolveu falar, soltando um suspiro profundo.

— Não sou apaixonada pelo Erik. Nunca estive, essa que é a verdade. E por falar nisso, acho que nem estamos mais juntos.

Eu cruzei minhas pernas. Desconfiava daquilo desde domingo.

— Então que diabos... desculpem-me. — Diana fez um gesto com as mãos. — Estou ainda no processo de domar meu palavreado por causa de João, mas não é fácil. Quer dizer, Iza, se você não é apaixonada pelo seu namorado e só faz sexo quando está apaixonada... não estou estendendo nada.

— Ela não faz. Simples, não é, Iza? — decifrei. Diana me olhou, as sobrancelhas franzidas, depois olhou para Iza. Stella e Alice também entraram no jogo dos olhares alarmados,

agora. Enquanto isso, Iza parecia profundamente concentrada no líquido dentro do sua taça, que estava acabando rapidamente, notei.

— Não faz? Como não... *Porra...* — Diana pareceu entender, parando, e calou-se, olhando para Iza.

Fez-se um silêncio momentâneo na mesa.

— É isso, meninas. Vocês acreditam? Pelas caras de vocês, posso ver que não... — Iza deu uma risadinha entre irônica e constrangida. — Não me olhem como se eu fosse um ET, por favor.

— Não, claro que não. — Alice disse rápido, e tocou o braço de Iza com a ponta dos dedos, em uma atitude confortadora — Eu acho, quer dizer, só estamos surpresas porque você parece tão, sei lá, tão... — Alice nos olhou, em busca de ajuda. Eu fui em seu socorro.

— Tão sensual, tão deusa do sexo desse jeito confiante e sofisticado que você tem. — eu completei, com doçura, olhando para ela. — Nunca imaginávamos..., mas você só tem vinte anos não é, Iza?

— Irei fazer 21 daqui a poucos meses. Sei que nessa idade quase todas as meninas já transaram loucamente por aí, pelo amor de Deus,

eu só já deveria ter feito a mesma coisa, eu sei.

— Ei, não tem nada demais. É uma opção sua. — Stella anuiu, muito séria. — Quando você estiver pronta, simplesmente faça, não antes.

— O pior é que eu estou, colega. Estou prontíssima, quase subindo pelas paredes de pronta. Não sei é se quem que eu quero está pronto. — ela resmungou, e bebeu novamente. Fez um gesto ao garçom para trazer mais champanhe.

— Eles estão sempre prontos. — Diana disse. — O problema deve ser outro.

— Então, os nova-iorquinos não fizeram exatamente o seu tipo, foi isso? — sondei.

— Eu sou uma garota com planos, Malu. Saí do Brasil com eles e voltei com eles, melhorados e mais ousados, mas não parece que estão dando muito certo, no entanto. Talvez eu tenha que fazer uma mudança de rota. — ela encolheu os ombros, parecendo um pouco triste, agora.

Alice estava olhando para ela calmamente, nitidamente sabia mais daquela história do que qualquer uma de nós ali, ainda que a virgindade de Iza também tenha sido surpresa para ela, eu acho.

— Tipo mudar *quem* você está aguardando

para perder a virgindade?

— Isso mesmo. Eu sou uma mulher paciente, ser virgem aos 20 anos é um exemplo disso, mas minha paciência está acabando rapidamente, então, talvez eu só dê um jeito de resolver isso por aí com alguém legal.

— Cuidado, Iza. Se você esperou até agora, simplesmente não saia por aí e transe com qualquer um, por raiva ou algo assim. — Diana disse, solene — Eu tenho que admitir, não te daria esse conselho há uns anos atrás, bem, nem eu seguiria esse conselho, essa que é a verdade, mas as coisas mudam, e posso te dizer que não é o melhor caminho. Pense melhor.

Eu fiquei ali olhando para Iza, algumas peças daquele quebra cabeça encaixando-se e outras não. Mas agora eu tinha uma boa visão geral ali.

— Iza, a Diana está certa, meu amor. Se você permaneceu assim até agora, é porque isso é importante para você, não importa as outras experiências de nenhuma de nós aqui, só o que você acha e sente, então, não faça nada por capricho, *tá?* — eu disse, imaginando mais ou menos o que ela queria dizer e xingando

mentalmente aquele imbecil do Ricardo de todos os palavrões que eu conhecia.

— Pois é, ouça a Malu... E outra coisa: essa frase, “a Diana está certa”, olha, é raríssima, não é todo dia que se ouve, vou aproveitar.

Nós ainda estávamos sorrindo disso quando o nosso almoço chegou, e assim que começamos a nos servir, Stella olhou na direção de Diana. Provavelmente a afirmação anterior dela tenha despertado a curiosidade da minha amiga, eu sabia bem como Stella era.

— O que você faz, Diana?

— No momento, eu estou trabalhando como garçonne em uma boate, a do Ricardo, mas não devo demorar lá, na verdade estou prestes a sair. Vou me dedicar integralmente ao que realmente gosto, que é fotografar. — ela explicou, levando uma garfada do frango com ervas e saladas variadas que havíamos pedido.

— Que legal. E na boate, como é?

— Paga bem, é relativamente tranquilo, temos que desviar de uns idiotas, claro, mas a segurança do local é legal, e Ricardo é um ótimo chefe.

— Pelo menos isso. Babaca. — Iza

resmungou.

— Mas você não trabalhava com o Diego? Ouvi o Teo comentar algo assim... — eu questionei.

— Na verdade não diretamente com ele, mas eu preferi sair. De qualquer modo, era algo temporário e eu não estava me dando bem naquele ambiente mesmo. — ela deu de ombros.

— Também já trabalhei em uma boate. Como stripper. — Stella disse, com uma piscadinha matreira. Alice e Iza olharam para ela fascinadas, e Diana arqueou as sobrancelhas, impressionada.

— Sério? E como era? — Alice se apoiou na mesa, interessada. — Deve ser emocionante, não?

Stella fez uma careta.

— Não é exatamente glamouroso como os filmes e os livros mostram, querida. Dá para tirar uma boa grana, sim, mas tem que saber viver, você encontra pessoas muito boas, e também muitos imbecis que podem dificultar a sua vida.

— Mas não foi por muito tempo. Consegui um dinheiro legal, fiz o que queria... e não pretendo voltar. É isso.

— Admirável. Se eu tivesse talento para

dança, talvez me arriscasse. — Diana afirmou, e nesse momento, meu celular tocou na minha bolsa ao lado da minha cadeira. Peguei-o e vi que era uma ligação de Teo. Fiz um sinal para as meninas, e atendi.

— Oi...

— Olá, meu amor. Já almoçou?

Eu sorri, e Stella fez um coraçãozinho com as mãos, me fazendo rolar os olhos para ela. As meninas sorriram, mas voltaram ao seu almoço.

— Nesse exato momento. E você? Já terminou com todos aqueles gráficos e projetos? — eu perguntei. Ele tinha ficado trancado no escritório desde cedo, só saindo para atormentar a minha vida e das meninas com todas as informações que queria sobre para onde iríamos e quem dirigiria.

— Dei uma parada, agora. Dona Amélia já foi, eu já vou almoçar. Queria saber se você já estava devidamente alimentada.

— Estou, sim, não se preocupe. Está tudo às mil maravilhas por aqui.

— Um grupo de mulheres conversando e bebendo champanhe... Realmente. Malu, elas estão mesmo bem? — ele disse, com voz grave. Nesse momento, ouvi uma voz grossa masculina falar

algo ao lado de Teo, e fiquei intrigada. A voz disse algo como "A Iza está bebendo? Agora?". Eu desconfiava de quem fosse a voz.

— Estão, sim. Você sabe que champanhe deixa as pessoas mais alegrinhas, mas está tudo sobre controle aqui. Quem está aí com você?

— Ricardo. Já que você me abandonou, eu o convidei para beber uma cerveja e bater um papo. Ele Acabou de chegar.

— Certo. Pois é, por aqui tudo bem.

— E quando saírem daí vocês vão para... — ele tentou, mas eu podia ouvir a sugestão de sorriso em sua voz.

— Boa tentativa, mas não vou dar conta dos meus passos, Teo. Por falar nisso, meu amor, quando você tem o seu "dia de jogo e cerveja com os caras", eu ligo para ficar sabendo o que você está fazendo ou para onde vai depois? — eu questionei-o, docemente, e as meninas levantaram as mãos e bateram umas nas outras em apoio, e eu ri.

— Não, mas você sabe exatamente o que eu estou fazendo, e onde estou. E eu não estou grávido. É ligeiramente diferente, não é?

— Me poupe, Teo. Mas está tudo bem, fica

tranquilo, tá? Eu vou para casa depois, as meninas, eu não sei... talvez elas resolvam dar uma esticada em um lugar legal e continuar com as bebidas, quem sabe?

Diana, Iza e Alice me olharam, sorrindo. Diana fez que não, e murmurou que tinha um compromisso depois. Iza fez um gesto de positivo e pegou na mão de Alice para fazer também. Ambas riram bastante. Ops! Agora eu já não sabia se elas estavam tão bem quanto eu achava.

— Sei, mas você vem para casa, e qualquer coisa elas saem daqui mesmo. Não que eu vá deixar Iza dirigir tendo bebido, de qualquer jeito — Teo bufou, e eu ouvi a voz de Ricardo "sair para onde?". — Espera, cara. Malu está me dizendo que as meninas talvez saiam, mas acho melhor elas virem para casa antes, já estão bebendo, e não sair direto de lá — eu ouvi a voz abafada de Teo ao telefone, conversando com Ricardo. Depois ele voltou — É isso, Malu, venha deixá-las em casa, antes.

— Meu amor...

— Oi.

— Você acha que eu posso controlar quatro mulheres se elas quiserem fazer algo diferente? —

PERIGOSAS NACIONAIS

eu disse, com um tom de enfado.

— Malu... — Teo rosnou, em tom de aviso.

— Ok, é claro que eu não vou deixá-las em qualquer canto e ir para casa de carro.

— Ok, liguei também para te lembrar da nossa reserva, hoje. É às 20 horas, não esqueça.

— Teo, como eu poderia esquecer, você está falando dessa reserva há duas semanas. Estou curiosa do que esse restaurante serve ou o quão bonito ele é.

— Talvez não tenha a ver com o restaurante, moça. — ele disse, misterioso. — Só venha para casa a tempo. Não queremos nos atrasar.

— Pode deixar. Ficarei linda para você, hoje. E não me atrasarei.

— Tudo bem. Malu. Me liga qualquer coisa aí.

— Está tudo bem, Teo.

— Tá. Te amo.

— Também te amo. — sussurrei, e desliguei.

— *Ahhhhh* gente, é tão lindo. — Alice disse, os olhos brilhando. — Eu já disse que eu acho vocês lindos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sorri para ela, desconfiada.

— Quantas taças dessa você já bebeu, Alice?

— Umas... duas. Não, cinco. Cinco, eu acho.

Diana sorriu, parecendo nem um pouco afetada pela bebida quanto as outras.

— Acho que a nossa amiga aqui não está muito acostumada a beber nada, na verdade. — ela disse.

— É, mas eu estou bem. De verdade. Não é, Iza? — e riu, escondendo o rosto mas mãos, em uma gargalhada. Misericórdia. Iza a abraçou de lado, rindo também.

— Então, essa sua sugestão é muito boa, Malu. Por que não saímos todas juntas e dançamos? Seria legal. — Iza disse, animada.

— Não foi uma sugestão, querida, era mais uma provocação. E eu não posso, tenho um jantar com Teo hoje. Ele fez reservas e está todo misterioso sobre isso.

— Com quem o João ficou, Diana? — Alice perguntou, recuperada da sua crise de riso, ao que parecia.

— Ele... está com o Diego. — ela disse,

PERIGOSAS ACHERON

concentrando-se na sua comida. Iza olhou para ela, e depois me olhou. Eu também passei a cortar meu frango com todo afinho e paciência.

— Com o Diego? Que bom amigo o Diego está me saindo, não? Levando você para reuniões de família, e agora ficando com o seu filho para você sair conosco. Estou orgulhosa do meu irmão.
— Iza disse, diversão e malícia em doses iguais na sua voz.

— Eu também acho. — disse Alice, não especificamente para ninguém. Bom, eu precisava levar aquela ali para casa.

— Por falar nisso, Diana, eu espero não estar sendo muito invasiva... — Iza começou.

— Querida, você acabou de nos dizer que é virgem. — Diana murmurou, um sorriso de canto de boca — Já passamos dessa fase.

— Realmente. Há quanto tempo você conhece o Diego?

Isso eu também queria ouvir. Diana olhou para Iza, depois lançou um olhar a todas nós na mesa como se estivesse meditando o que poderia dizer e o que não poderia.

— Há uns seis anos, acho — ela finalmente disse. Iza olhou para ela espantada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério? Interessante. Pensei que você tivesse acabado de conhece-lo. Mas Diego é tão fechado que ninguém realmente sabe o que se passa com ele. A não ser, talvez, Teo, com quem ele sempre se abria mais do que com qualquer outro.

— De qualquer modo, se vocês pretendem prolongar a diversão, infelizmente não posso hoje. Mas podemos marcar outro dia. — Diana mudou de assunto.

— Eu ainda tenho que chegar em casa, arranjar uma roupa legal, fazer algo no cabelo, maquiagem... — suspirei. De repente, pensei que tinha pouco tempo para isso tudo, e ainda estava ali. Talvez fosse melhor me apressar um pouco, afinal.

— Ei! Tive uma ideia. — era Iza — Que tal darmos continuidade ao dia das meninas ajudando Malu a ficar belíssima para esse jantar com Teo? Vamos comprar um vestido, e depois vamos para casa deles ajudá-la a arrumar-se, com a maquiagem, tudo? Eu adoro fazer isso. O que você acha, Malu?

Eu olhei para ela e quis beijá-la.

— Fabuloso. Então precisamos ir agora.
Diana?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, ainda tenho tempo. Vamos lá.

— Stella?

— Sou sua!

— Alice?

Alice estava tentando encontrar o seu aparelho celular na bolsa, e não parecia estar tendo muito êxito. Finalmente achou e atendeu.

— Oi! — ela disse, para quem quer que fosse. Então ouviu um pouco e depois franziu a testa — Não, não estou. Estou... qual é mesmo o nome daqui, Iza?

Nós olhamos para ela, curiosas.

— Louzeiros. — Iza disse.

— Liuzeiros. — Alice repetiu errado. E riu. — Sim. Ela está comigo. E Malu, Diana, e... Stella. Todas juntas. Porquê? Não. Eu não tinha mais o que fazer lá, por que estaria no seu apartamento ainda? E... o quê? Você só é meu patrão enquanto eu estou na sua casa, fora de lá você não... Claro que não! Eu não estou bêbada. E se estivesse?

Eu gemi, e Iza pôs os dedos sobre os olhos. Já sabíamos quem era do outro lado. Iza estendeu a mão.

— Alice, amor, dá aqui para eu falar com o meu irmãozinho? — Iza pediu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Alice afastou o celular de Iza.
— Nós estamos tendo um dia de meninas, qual o problema? O que você tem a ver com... Olha aqui, Sr. Avellar de Barros, acho que está na hora de você procurar outra pessoa para arrumar a sua bagunça, ok?

Quando ela desligou, e sorriu para nós, Iza cobriu o rosto com as mãos.

— Agora o Marcos me mata, com certeza.

— Também acho que sim, mas antes disso, eu vou precisar de você, então, vamos lá. Quero estar deslumbrante para hoje à noite, e todas vocês vão me ajudar. — eu disse, sentindo uma ligeira euforia com a perspectiva desse jantar tão misterioso de Teo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 46

*Eu poderia ficar acordado
Só pra te ouvir respirar
Te ver sorrir enquanto dorme
Enquanto estás longe e sonhando
I Don't Want to Miss a Thing
Aerosmith*

Teo

— Você é um filho da mãe, hein? Agindo como se fosse normal esse bando de mulher sair meio bêbada para rodar na noite. Qual é a tua, Teo?

— Ricardo disse, puto, as mãos nos quadris, assim que desliguei o telefone. Ergui minhas sobrancelhas para ele e peguei meu prato para servir-me.

— Vai te foder, Ricardo. O que você queria que eu dissesse: "Malu, venha para casa agora"?

— Algo assim, não? Não era isso que você fazia antes?

Eu olhei para ele, sorri e continuei botando a minha comida. Ricardo foi para o armário e pegou um prato para servir-se também, balançando a cabeça, irritado.

— Cara, já se vê que você não sabe muita coisa sobre mulheres como Malu, mesmo. Talvez eu devesse fazer isso, mas as chances de ela mandar eu me ferrar e fazer o contrário seriam enormes. — eu dei uma risada, e abri o freezer para pegar uma cerveja, encaminhando-me depois para a parte de fora da minha cozinha. — Já ouviu falar em estratégia? Às vezes é bem melhor do que o conflito.

— Não, mas eu já ouvi falar em homem que perde suas bolas e passa a ser um fresco do caralho, isso sim. — ele rebateu, seguindo-me, o prato absurdamente cheio de comida. Eu olhei para Ricardo, depois para o prato, impressionado. Sabia que ele era um tarado por exercício físico, praticava boxe com mais afinco do que eu, fez isso por quase a vida toda. Muito mais jovem, tinha lutado algumas vezes. Inclusive foi por causa dele que eu passei a apreciar esse tipo de atividade, mas, ainda assim era difícil entender como ele não era gordo com a quantidade de comida que aquele ser humano ingeria.

— Tá ok, e como você lidaria com isso, seu imbecil? Malu é a única sóbria, ela tem que trazer as meninas para casa, e só então *aqui*, é que você pode impedir a Iza bêbada de sair, que é isso que você quer. — eu tomei um gole da minha cerveja, já sentado na minha cadeira longa. — Eu, por exemplo, tenho que lidar com todas as outras, entendeu? Não vou deixar Alice, Stella e nem a Diana saírem daqui bêbadas.

Ricardo me olhou, zangado, e pôs o capacete preto daquele monstro Harley Davidson que ele chamava de motocicleta, em cima da mesa,

sentou, e começou a comer.

— Quem está falando em impedir Iza de sair? Eu estava falando de todas as...

— Ricardo. — eu interrompi.

— Que é?

— Não faça eu te dar um soco, por favor. Qual é, cara? Para cima de mim? Eu não sou o desatento do Marcos, porque Diego também já sacou, eu te garanto isso. Você está permanentemente puto com qualquer coisa que a Iza faça ou com qualquer um que se aproxime dela. Que merda significa isso?

Ele fez uma cara irritada para mim, olhou para o chão, por um momento, bebeu sua cerveja, e depois voltou a me encarar.

— Você sabe o que ela significa...

— Besteira. A Iza não é uma menina. — aponte o dedo para ele. — E você já percebeu isso, o problema é: o que você vai fazer a respeito? Ficar rosnando feito um urso em torno dela até Marcos perceber? Você sabe que ele ainda não percebeu porque sequer cogita a possibilidade de você se interessar por ela. Ou vai deixá-la em paz?

— Não é tão simples como você imagina. — ele disse, como se estivesse zangado, olhando

adiante na mata além dos muros da minha casa.

— Não, não é. É uma merda. E quando Marcos souber, é bom que você saiba que ele não vai levar isso muito bem. Com Diego você pode argumentar, mas com Marcos...

Ricardo passou as mãos no rosto, exasperado. Eu continuei:

— Justo Marcos que sabe bem quem você é, inclusive está bem familiarizado com suas manias e preferências no que diz respeito às mulheres. Você acha que ele vai te deixar perto da irmãzinha dele? — eu murmurei, sem olhar para ele, e beberiquei minha cerveja. — Em resumo, você está fodido, é isso.

— Na verdade, eu não tenho que fazer nada a respeito, Teo. Só preciso ignorar essa merda. Iza não é para mim, de nenhuma forma. Não vou ter um problema com Marcos por causa disso.

— Ou com Otávio. — lembrei-o. Ele me encarou, os olhos estreitos.

— Por que você acha que Otávio, hipoteticamente, se eu quisesse algo com a Iza, não iria me aprovar?

— Sério mesmo, Ricardo?

— Sim, me ilumine. Estou no escuro aqui.

Respirei fundo.

— Você já ouviu os papos de tia Abigail sobre o tipo de homem que ele quer para caçula dele? Ricardo, Iza é uma herdeira, cara, claro que ele vai ficar em cima de quem quer que se aproxime dela.

— Eu não sou um caça fortunas. Acho que está bem claro, isso, não?

— E também não é um pretendente. Ah, desculpe. Hipoteticamente, você quer dizer.

Ele ignorou-me. Ricardo era muito bom nisso, em manter silêncio obstinado quando não queria ceder, ou quando não queria irritar-se ainda mais.

— Ele não gostou do namorado que ela trouxe, você sabia disso? — informei-o como quem não queria nada. Ele me lançou um olhar de lado. — Erik, se bem me lembro.

— Não sei. E isso tudo não importa para mim, Teo.

— Claro que não.

— Além do mais... foda-se o que Otávio quer. Ela deveria escolher quem ela quisesse, não ele.

— Sim, e você acha que eu discordo disso?

Ela vai escolher quem ela quiser, sim. E quem a quiser. — completei, dando de ombros. — O que não é o seu caso, não é?

Ele sorriu, sem humor nenhum.

— Isso é uma loucura, cara... Só preciso ignorar isso. — ele murmurou, com a voz grave.

— Se você diz, ok. Boa sorte na sua tentativa.

Nós ficamos em um silêncio quebrado apenas pelos sons ocasionais dos talheres nos nossos pratos. Então, Ricardo virou novamente a cabeça na minha direção.

— Sua filha vai fazer 18 anos, não é? O que você acharia se ela se envolvesse com um cara de 35 anos? — Ricardo perguntou, ainda comendo. Eu parei meu garfo no ar, e olhei para ele, calmamente.

— Você quer, de verdade, levar um soco, não é? — questionei, curioso.

— Pois é isso aí.. Eu vi a Iza muito nova ainda, Teo. Você sabe que caralho de fodida é essa situação? — ele gemeu, frustrado, levantando. Andou de um lado para o outro, e depois sentou novamente.

Eu entendia, claro, e não queria estar na sua pele. Me atormentei, ainda que por poucas vezes,

PERIGOSAS NACIONAIS

em relação a diferença de idade entre mim e Malu, e ela não tinha 20 anos e eu não a vi quando mais nova, como Ricardo tinha visto Iza. Mas depois cheguei à conclusão de que era muito pior ficar sem ela. Não queria mesmo nem imaginar aquilo. Coloquei o meu prato de lado e me virei na sua direção.

— Tudo vai depender do que você quer com ela, eu acho: é apenas sexo? — eu perguntei, seriamente — E presta bem atenção no que você vai dizer, porque eu sou seu amigo, mas considero a Iza a minha irmã, também.

Ricardo mastigou em silêncio por um segundo ou dois, sem me encarar, pensativo. Então, cravou os olhos escuros nos meus.

— Eu nunca transei com a Iza, Teo. — ele disse, mandíbula cerrada agora. Eu analisei aquilo.

— Mas quer, não é?

Silêncio.

— É, Ricardo... Você está fodido.

— Eu estou precisando de uma companhia feminina, é isso. Para desestressar e me fazer voltar para o meu normal. — ele disse, por fim. Eu olhei para ele, ligeiramente desconfiado de que aquilo não ia dar certo, mas dei de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

— O seu normal de uma mulher por noite? Ou mesmo duas?

— Eu sou um cara solteiro. — ele deu de ombros, defendendo-se.

— Sim, você é.

Meu celular tocou no bolso da minha bermuda, nesse momento. Peguei rápido, achando que era Malu, mas era Marcos. Olhei para Ricardo e lhe mostrei a tela com o nome de Marcos, em um sorriso debochado, ele me deu o dedo médio e abaixou a cabeça para comer.

— Diz aí, Marcos.

— Teo, a Alice já está aí com a Malu? — Marcos perguntou.

— Qual a porra do problema de vocês? Já não me basta ter que lidar com a minha própria mulher, agora vocês querem me responsabilizar pelas de vocês?

Respirei fundo. Qual ao problema daqueles caras, meu Deus?

— Claro que não... Escuta, a Alice está completamente bêbada, só isso, e ela não bebe, Teo. — Marcos grunhiu — Você pelo menos sabe onde elas estão?

— Eu sei, sim. E você, sabe? — eu ri,

porque não tinha outra coisa a ser feita. — Onde você está que não sabe por onde Alice anda, já que está tão preocupado?

— Estou em São Paulo, mas chego à noite. Só me diz se a Alice está aí, Teo. — ele pediu, cansado. — Eu me sinto responsável por ela, ok? Só isso. Tivemos umas discussões e...

— Você discutiu com uma garota que trabalha para você, e não mandou ela embora, está, ao contrário, querendo que eu dê conta dela. É isso mesmo?

— Você sabe ou não sabe onde ela está?

— Marcos, elas ainda estão juntas. Malu vai trazê-la para casa, fica tranquilo que daqui ela não sai enquanto não estiver bem, é isso que você queria ouvir? Por que você não ligou para ela?

— Liguei. Ela acabou de me dizer que não trabalha mais para mim e desligou o telefone.

Eu ri, sem poder evitar, mesmo que recentemente eu tenha passado por uma situação de merda estando em outra cidade e Malu sem querer me atender. Paciência, com ele era engraçado.

— Pois é, cara, relaxa. É só champanhe e elas estão em um restaurante. Além do mais, Malu terá que trazê-las para cá porque eu vou sair com a

minha mulher à noite, então, sugiro que vocês venham tomar de conta das de vocês antes que eu saia de casa. — avisei, com um sorriso maldoso.

— Você está todo tranqüilinho porque Malu está grávida, não vai beber, e fica aí posando de senhor do controle e da calma. Quem não te conhece é que te compra, Teodoro. — Marcos bufou. — E o que você quer dizer com vocês? Diego sabe que Diana está com elas?

Olhei para Ricardo, que tinha uma expressão neutra, olhando para sua garrafa quase vazia de cerveja, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, como eu estava. Marcos estava deduzindo que eu estava falando de Diego, e não de Ricardo.

— Não sei se ele sabe. Mas era só o que me faltava, ele ligar também para saber de Diana. — resmunguei.

— Olha, se elas estão bem, ok. Só não deixa a Alice sair daí até eu chegar, pode ser? Só preciso falar com ela.

Eu balancei minha cabeça, incrédulo, e pensei em algo. Era assim que eu ficava? Será que eu era ridículo desse jeito como aqueles dois, nitidamente interessados e se arrastando, mas

fingindo que estavam no controle da situação? Puta que pariu. Eu não acreditava nisso.

— Resolver questões trabalhistas, não é?

— Ah, porra, Teo, não enche.

— Eu vou ligar para minha mulher, que atende ao celular quando eu ligo, e saber por onde elas estão agora, tá? Me liga de volta se quiser saber da sua funcionária.

— Babaca — ele resmungou, e desligou.

— Alice está bêbada? — Ricardo riu, parecendo ter encontrado um pouco do seu divertimento costumeiro. Mas eu não tinha um bom coração, então...

— Assim como a Iza. Só espero que a Malu consiga convencê-las a realmente vir para casa... E não ir direto para algum bar, ou boate, como Malu me disse que elas queriam fazer. Não deve ser uma boa ideia. — fingi preocupação, voltando a comer.

Silêncio.

Escondi meu sorriso e fiz uma ligação para Malu, relaxado. Um toque. Dois. Três... Sentando-me reto na cadeira, ouvi o quarto e o quinto toque, sentindo uma apreensão subir por minha espinha. Por que ela simplesmente não atendia? Chamou até cair na caixa postal, e ela não atendeu. Franzi o

cenho e liguei novamente. Nada. E nova ligação. Nada.

— O que foi? Sua mulher que sempre atende ao telefone quando você liga resolveu não atender agora? — Ricardo disse, com um sorriso debochado. Nem olhei na sua direção. Chamou, e chamou, e ela não atendeu. Mais uma vez. E nada.

— Mas que caralho! — rugi, levantando. — Por que ela não atende?

Ricardo sentou-se e apoiou os braços nas coxas, observando-me ligar de novo, sem traços de brincadeira em seu rosto, agora.

— Ela deve apenas estar conversando distraída, Teo.

Balancei a cabeça em concordância, mas fiz uma nova tentativa... que chamou até cair na caixa postal. Estava tudo bem, ela realmente só devia ter, sei lá, ido ao banheiro ou deixado a bolsa com uma das meninas. Ia aguardar até ligar de novo. Voltei a sentar-me, o celular na mão.

— O que você fez com aquelas informações? — Ricardo perguntou, depois de um tempo. Eu olhei de lado para ele, e voltei a me recostar, respirando fundo. Sabia o que ele estava perguntando.

— Nada, ainda que outro dia eu tenha topado com ele quando o imbecil esteve na casa dos pais de Malu no mesmo dia em que eu fui lá.

— Cacete, sério isso? Ele foi com você lá? E você arrebentou a cara dele, espero. — ele disse, cruzando os braços.

— Ricardo, pode apostar que eu queria poucas coisas no mundo mais do que isso naquele momento. Mas no topo dessas coisas que eu queria, estava o bem-estar de Malu e do nosso filho. — eu disse, lembrando da cara de pau de Adriano na ocasião, e como tinha me controlado para não agir como um louco e partir para cima dele. — Então, se eu o enfrentasse e nós brigássemos, e Malu passasse mal? Perdesse meu filho? Não valia a pena.

— É... tem razão.

— Então, pelo menos você está mais tranquilo em relação a ele, não?

— Tranquilo, não, mas não estou agoniado como antes. Diego me disse que na investigação contra ele e os outros por causa da morte do Mauro, nada ficou provado, claro, ainda que o chefe da operação tenha sido responsabilizado pela forma inconsequente de agir que gerou todas aquelas

PERIGOSAS NACIONAIS

mortes. O Adriano inclusive, passou um tempo em tratamento por conta da morte do irmão de Malu, chegou a ser afastado. — respirei fundo — Enfim, nada disso vale a pena ser remexido, não quero causar uma nova onda de dor em Malu tocando nesse assunto, ou admitindo que fui fuçar na vida dele, me informar sobre isso para saber quem ele realmente era e com quem eu estava lidando.

— Você está certo. O cara estava ligando feito um lunático de números diferentes e esperando ela na frente do seu prédio.

— Pois é, só queria estar a par de qualquer coisa que sequer apontasse na direção que ele poderia ser perigoso para ela, ou se ele poderia tornar-se um maldito perseguidor. Como nada sugere isso, vou deixar isso quieto.

— Mas Oliveira ainda está em campo para você?

— Claro, só para dar uma espiada nele de vez em quando, nada muito recorrente. Ele voltou a ficar na dele.

Ricardo assentiu.

— Claro, eu faria a mesma coisa. Não, faria diferente: eu quebraria a cara dele e depois o investigaria.

PERIGOSAS ACHERON

Eu ri, porque sabia que era verdade.

— Que pena para mim que Malu estava sempre na minha frente quando eu o encontrava. — eu cruzei minhas mãos atrás da nuca.

— Ou você está ficando mole. — Ricardo debochou, sorrindo. Eu dei de ombros, nem um pouco preocupado. Então, resolvi ligar novamente. Não atendeu. Nova onda de apreensão me dominando. Tocou. E tocou. E liguei mais duas vezes. E nada.

— Puta que pariu, eu vou atrás dela. — eu disse levantando de súbito e entrando na casa, e Ricardo levantou também, pegando o seu capacete na mesma hora.

— Ainda não atende? — ele quis saber, sem incomodar-se em esconder sua preocupação agora.

— Não. Onde eu estava com a porra da cabeça para estar batendo papo aqui e Malu estar com as amigas, todas bebendo e só ela com a responsabilidade ...? Meu Deus, e se ela se machucar por aí e... esse lance se ser tranquilo não dá para mim. — deduzi, indo em direção ao aparador pegar as chaves do meu carro. Caralho. Ela tinha levado meu carro. Ia ligar para aquela boceta daquela concessionária para saber que porra

eles estavam fazendo que ainda não haviam entregado o carro de Malu.

Desci para buscar as chaves do outro carro na garagem... quando o celular tocou e era Malu. Rápido, parei na escada e atendi.

— Oi, amor. — ouvi sua voz, e uma bolha de alívio foi se espalhando pelo meu peito, me fazendo respirar melhor. Puta merda. — Eu só agora vi as suas... Oito... hum, não, dez chamadas, desculpa. Espero não ter te preocupado.

Eu cerrei a mandíbula e apoiei-me no corrimão da escada que descia para garagem. Ricardo estava mais acima, me olhando em expectativa.

— Não, imagina se eu ia ficar preocupado, Malu. — eu disse, baixo. — Eu ligo 10 vezes. Dez caralho de vezes enquanto você está com um batalhão de mulher bebendo, e você não atende. Por que eu ficaria preocupado? Logo eu?

— Oh, meu amor. Sinto muito mesmo. Eu estava provando roupas, e minha bolsa estava distante, acabei me distraindo.

— Tudo bem, meu amor. — suspirei. — Onde você está agora?

— Agora? Num shopping aqui perto do

hotel. Estou comprando um vestido para o nosso jantar de hoje. — ela murmurou, sorrindo, me fazendo derreter instantaneamente. Subi as escadas novamente. — E você?

— Ah, nada. Sentado calma e confortavelmente com Ricardo conversando e esperando você voltar, querida.

O sacana do Ricardo riu alto ao meu lado, e eu lhe lancei um olhar ameaçador.

— Tá bom, estou gostando de ver, Teo. Não devemos demorar, tá? Te ligo depois.

— Malu, me diz uma coisa: como elas estão? Por algum fodido motivo, nós fomos nomeados os guardiões do bem-estar de todas aí. — fingi exasperação. Malu riu.

— Bem, a Alice realmente está... como direi, mais soltinha, mas nada grave. Já bebeu um suco, água, está melhor. Iza e Stella estão bem, também, e Diana, pelo visto, parece precisar de mais do que champanhe para derrubá-la — Malu sorriu, e eu ouvi gritinhos entusiasmados ao redor dela. Eram de Iza ou de Alice?

Voltei a sentar, e Ricardo continuava de pé me olhando com a sobrancelha franzida, uma cerveja nas mãos, como se estivesse aguardando

uma informação daquela ligação de Malu para partir, já que continuava com o capacete na mão.

— Ok, Malu. Estão todas bem. — eu informei, olhando para Ricardo, que relaxou. — Mas pelo amor de Deus não deixa de me atender. E você já sabe: traga todas para cá.

— Tá ok, combinado. Estamos quase terminando a sessão de compras de lingerie... Também estou escolhendo uma, bem, como direi, bem interessante para hoje à noite.

Eu engoli em seco.

— Vocês estão comprando lingerie? — repeti, e Ricardo ouviu, claro, ficando imediatamente alerta.

— Ah, sim. Todas nós. Lingerie quente... A minha é vermelha... — ela sussurrou, e aquela voz ao telefone, rouquinha, junto com a imagem dela em qualquer peça íntima, vermelha então, fez com que meu pau começasse a se manifestar na minha bermuda, e como eu estava sem cueca...

Olhei para Ricardo. Ótimo. Agora vou ficar de pau duro com outro cara bem aqui do meu lado, só o que faltava mesmo. Dei uma tossidinha, limpando a garganta.

— Então, por favor não demora, minha

vida. — minha voz saiu rouca mesmo assim. —
Para que a gente possa testar essa compra, tá?

Malu riu.

— Pode deixar, não demoramos não. Iza, você sabe, é a que está demorando mais, quer levar toda a loja.

Eu estreitei meus olhos. Opa, oportunidade de sacanear Ricardo? Eu não podia perder.

— É mesmo, amor? E por que a Iza está comprando tanta lingerie assim? Algo especial?

Ricardo, que estava agora com a garrafa de cerveja na boca, engasgou com o líquido e saiu cuspendo tudo, quase me molhando de cerveja. Eu fiz um esforço sobre-humano para não rir. Ele limpou a boca com a costa da mão e olhou para mim com os olhos ligeiramente arregalados.

— Ah, ela diz que tem uma ocasião especial, sim. Mas não deu detalhes. — Malu disse, sorridente. — Talvez hoje. Quem sabe?

— Interessante. Então, parece que além da gente, a Iza também terá uma ocasião especial hoje, para estar comprando tanta coisa assim.

Eu observei Ricardo. Ele foi até a borda da varanda, olhou para fora, por um momento, então voltou, novamente, olhando para mim. Parecia um

cão enjaulado.

— Vamos ver. Tchau, amor. Vou continuar aqui daqui a pouco chego. — Malu despediu-se, eu desliguei e olhei para Ricardo inocentemente.

— Senta aí. Vamos tomar mais umas duas. Elas não vão demorar, estão apenas...

— Eu ouvi. Comprando lingerie. — era um rosnado feroz. Levantei uma sobrancelha.

— Isso. Parece que além de Malu, outras das meninas têm uma ocasião especial hoje e...

— Onde elas estão? — ele cortou.

— Eu já disse...

— Teo, não me faça te socar na tua própria casa, porra. Onde elas estão? Quer saber, não precisa, eu descubro. — ele disse, já saindo, ajustando o capacete. Eu ri, e continuei sentado, cruzando meus braços atrás da cabeça.

— No shopping ao lado do Hotel Louzeiros, seu idiota teimoso. — disse alto, e ele deve ter ouvido, mas não respondeu nada. Ouvi segundos depois só o rugido alto da moto quando ele saiu.



Passava das horas da tarde quando a minha Range estacionou na alameda em frente à casa. Isso

PERIGOSAS ACHERON

porque uma hora antes, elas não iam demorar e estavam terminando, já. Abri a porta e Malu desceu, algumas sacolas de compras, sorridente. Ela estava usando um vestido comprido e florido, de alcinhas, e tinha seus cabelos presos. Tinha sido de manhã que eu a tinha visto pela última vez? Pareciam dias.

Logo depois desceram Stella, do banco do carona, e Alice e Diana, de trás. Nem sinal de Iza. Caralho, eu esperava que Ricardo soubesse o que estava fazendo. Marcos havia ligado antes e eu tinha dito que elas já estavam a caminho de casa, mas claro que eu não disse a ele nada sobre Alice comprando *lingerie*. Por que eu faria uma coisa dessas com o cara em outra cidade? Não é? Coisa de gente babaca. Mas eu fiz, claro. Conteí tudo, e ele não deu um pio. Só disse para eu não deixá-la sair de lá até ele chegar, e desligou.

— Enfim, chegamos! — Malu disse, subindo os poucos degraus e vindo me encontrar. Eu a abracei e segurei seu rosto.

— Senti saudades. — murmurei, beijando-a.

— Também. — ela retribuiu o beijo, e nós ouvimos palminhas animadas. Olhei para além de

Malu, e Alice estava nos olhando embevecida, as mãos juntas. Eu sorri para ela.

— Que amor! — ela disse.

Diana segurou a mão dela e veio subindo também, junto com Stella. As três pareciam leves, mas só Alice parecia realmente alegrinha, como Malu havia dito.

— Vamos, meninas, venham. Teo, vamos transformar o quarto em um salão de beleza agora, tá? — Malu disse, fazendo sinal para as três virem. Eu assenti, segurando sua mão.

— E Iza? — perguntei, mas claro que eu já tinha uma vaga ideia do motivo da sua ausência.

— Bom, Ricardo apareceu lá. — Malu ergueu as sobrancelhas para mim. — E o resto, você deve imaginar. Eles não estão aí, não é?

— Definitivamente, não. Ele disse que ia voltar para cá?

— Não, ele não disse nada, na verdade. E nem ela. — elas se entreolharam, em silêncio, e logo depois entraram atrás de mim e de Malu, subindo todas para o meu quarto.

Eu me peguei observando Diana por um momento, antes de fechar a porta. Cada vez que eu a via, ficava mais intrigado em como as coisas

podiam ser imprevisíveis. Se eu tivesse que apontar, em um grupo de mulheres, uma que se encaixaria com Diego, ou que ele pudesse escolher, eu erraria feio, porque nunca imaginaria ela. Não que ela não fosse linda, porque ela realmente era, era só surpreendente.

Eu fui para o andar de cima também, e entrei no quarto onde eu havia trazido Malu pela primeira vez aqui em casa. Deitei na cama, abri a gaveta, olhei dentro, e fechei de novo, satisfeito. Resolvi fazer uma ligação para Julia. Era o aniversário do seu avô, e ela tinha saído desde cedo para ir passar o dia em uma chácara deles, já que mesmo tendo problemas com a avó, o pai de Amanda era uma pessoa diferente, e muito apegado a única neta. Julia estava bem, na companhia do avô, apesar da evidente tensão de Amanda e da avó, que ela me disse, queriam dar um jeito de fazer perguntas sobre a minha vida e de Malu, e queriam mais detalhes da gravidez. Claro que Julia não faria nada que elas queriam, e eu a aconselhei a dizer às duas que, caso elas tivessem interesse em saber mais sobre a minha vida, que ligassem e perguntassem diretamente para mim. Deu certo, Julia me disse.

O restante da tarde passou mais rápido do que eu imaginei, e depois do cochilo que resolvi tirar, desci para a cozinha e fui fazer um lanche. Passavam das 18 horas agora, e em algum momento Malu tinha saído daquele quarto para comer alguma coisa. Voltei pelas escadas e bati na porta, disposto a verificar.

O rosto e o cabelo vermelho de Diana apareceram, e ela sorriu para mim, abrindo mais a porta.

— Teo? — a voz de Malu veio da cama. — Pode entrar.

Eu entrei, meio desconfiado, e recostei-me de braços cruzados no umbral da porta aberta. Malu estava sentada na borda da cama, enquanto Stella fazia algo nos cabelos dela, secando com aquele mesmo aparelho que eu havia pedido no flat, uma vez. Diana havia voltado e estava fazendo uma outra coisa no rosto, talvez nas sobrancelhas de Malu, eu não identifiquei. A única que parecia não estar participando do momento beleza era Alice... que estava profundamente adormecida na minha cama, de bruços.

Malu seguiu meu olhar e encolheu os ombros, sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela não costuma beber, tadinha.

— É, deu para perceber. Deixa-a quieta aí, o Marcos vem buscá-la.

As três me olharam surpresas, e sorriram entre si.

— Ele disse isso? — Malu questionou, com um sorriso matreiro. Eu conhecia bem aquele sorriso.

— Sim, ele vem. Mas pelo jeito, ela não está indo a lugar nenhum, não é mesmo?

— Sim, ainda bem que dona Amélia não está aqui — Malu murmurou, sorrindo, espiando Alice.

— Malu, você já lanchou algo depois que chegou? — eu quis saber, com uma expressão severa. Ela fez uma careta.

— Hum... mas eu almocei muito bem e não estou com fome.

— Não importa. Você precisa comer mesmo assim, você sabe disso.

— Nós vamos jantar daqui a pouco, Teo.

— Daqui a pouco é no mínimo daqui a 3 horas. Vou trazer algo para vocês, pode ser? — Malu suspirou, e sorriu.

— Tá ok, pode trazer.

PERIGOSAS ACHERON

— Para mim não, Teo, por favor. Na verdade eu já estou de saída. — Diana disse. Olhei bem para ela. Parecia realmente bem, não como Alice.

— Você veio com Iza, não foi? Vou chamar um táxi para você. — ofereci.

— Ah, não, obrigada, Teo. Acabei de falar com o Diego, ele está passando aqui na porta em 2 minutos, e vai me levar para casa.

— Ótimo, então. E o João? Como está? — eu quis saber — Muito esperto, ele.

— Ele é sim.

— Quietinho, tímido... —continuei, e ela passou a língua nos lábios.

— Sim, mas depois que ele se solta vira uma pimenta. — ela sorriu.

— Sei como é. Conheço alguém que era exatamente assim quando criança, e pelo visto, ainda é até hoje. — eu sorri para ela, e Diana era uma moça esperta, porque desviou os olhos rápido. Ela sabia exatamente do que eu estava falando.

— Bom, vou preparar o lanche de vocês. Diana, te acompanho, então. — eu fiz um gesto. Ela despediu-se de Malu e Stella com beijos e abraços apertados, e passou por mim. Dei uma

piscadela para Malu e segui Diana para baixo, pelas escadas.

— Ele já está vindo ou... — eu perguntei, já lá embaixo, enquanto abria a porta para ela.

— Já está, sim.

— Então, deve estar chegando, Diego é um cara pontual.

— Realmente pontua, eu que o diga... — ela disse, baixinho.

— Era você. — eu disse, de repente, lembrando de uma conversa de uns anos atrás, com Diego. Claro que sim! Diana franziu as sobrancelhas.

— Era eu o quê?

— A garota dos atrasos, nas aulas dele. Não era?

Ela riu agora, com vontade, e eu a acompanhei na risada. Óbvio que era ela! Eu finalmente tinha matado aquela charada que estava me encucando desde o domingo na casa de Abigail. Diana acenou com a cabeça, confirmando.

— Ele disse a você sobre mim?

— Apenas o essencial. É o Diego, você sabe como é.

Nós sorrimos de novo, bem na hora em que

a Pajero preta de Diego vinha aparecendo na entrada da casa. Ainda estávamos sorrindo quando ele parou bem perto e abaixou o vidro, olhando de mim para Diana, sério.

— Boa noite, Diana. Teo, tudo bem? Posso saber o motivo da diversão?

— Você. — eu disse, cruzando os braços sobre o peito. — Estávamos aqui lembrando como você gosta de pontualidade, não é mesmo, Diana?

Ela deu um sorriso cúmplice para mim, mas não disse nada. Diego me olhou e franziu a testa, mas um sorriso discreto estava lá.

— Depois a gente conversa, Teo.

— A seu dispor.

— E o João, Diego? — perguntou, Diana, então, curiosa, olhando pelos vidros escuros do carro.

— Está dormindo aqui está atrás. Você está pronta para irmos? — ele ofereceu, erguendo uma só sobrancelha. Ela assentiu e virou para mim.

— Obrigada. Foi um prazer te ver novamente. — ela estendeu a mão, e eu a peguei e levei aos lábios, meu olhos fixos em Diego.

— O prazer foi meu, Diana, mas aparentemente, eu já sabia sobre você. Só faltava te

conhecer pessoalmente. — eu disse, dando-lhe uma piscada e um sorriso generoso.

— Aparentemente, você também não tem nada para fazer na sua casa, não é? Estou com pressa, Teo. — Diego disse, seus olhos faiscando para mim. Eu sorri amplamente, enquanto Diana afastava-se para entrar do outro lado do carro. Inclinei-me na janela dele, e disse próximo ao seu ouvido.

— Dê um abraço em JP por mim, seu escroto trancado de merda.

Ele sorriu abertamente agora, começando a dar partida no carro.

— Darei. — disse, e começou a sair.

Depois que eles se foram, eu voltei para casa e fui preparar o lanche de Malu e Stella. Levei rapidamente, e a lembrei quanto ao horário que precisávamos sair. Malu garantiu que estaria pronta em meia hora. Claro que eu não acreditei, então, peguei minha roupa lá e levei para um dos quartos de hóspedes. Iria me arrumar lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 47



*Porque mesmo que
eu sonhe com você
O sonho mais doce não serviria
Eu estaria te deixando, amor
E eu não quero perder nada
I Don't Want to Miss a Thing
Aerosmith*

Teo

Mais tarde, eu já estava completamente vestido, em uma calça social preta, camisa azul de botões e gravata cinza prateada, sentado no sofá. Havia preparado um drinque para mim e tomava em pequenos goles, enquanto esperava Malu descer, olhando de vez em quando para o meu relógio.

Eu não podia dizer que estava exatamente nervoso, mas sentia aquela expectativa enorme, uma sensação de um nó na minha garganta, e por isso a bebida para ajudar a melhorar aquele sentimento de apreensão. Pus a mão no bolso da camisa, depois caminhei até a parte lateral da sala, que também era aberta por portas de vidro para um jardim, e fiquei lá observando e pensando tudo que havia programado e decidido para minha vida. Aquela parte da casa costumava ficar fechada, mas nos últimos dias, Malu tinha mantida aberta para se exercitar ali, lembrei, sorrindo.

Mais cedo, Stella tinha ido embora e me disse, maliciosa, que Malu estava linda... e que já estava descendo. Isso havia sido 15 minutos atrás. Suspirei. Se não saíssemos em 10 minutos... Meu

celular tocou, e eu o peguei do bolso da calça para ver a chamada de Marcos.

— Você ainda está em casa? — ele perguntou, a título de cumprimento.

— Saio em 10 minutos.

— Ótimo. Estou há 5 minutos daí. Alice ainda está aí?

— Está, sim. Na minha cama — eu disse, com voz doce e um sorriso lento.

— O que?! — Marcos perguntou, e eu o ouvi soltar uma torrente de palavrões, depois um som de buzina alta soar ao redor.

— Ei, calma aí, o que foi?

— Seu filho da puta, você quase me fez causar um acidente aqui. Que porra, Teo!

— Idiota. Você cogita mesmo uma merda dessa? — eu disse, sorrindo incrédulo. — Deixa de ser babaca, cara.

— Estou chegando aí.

Uns três minutos depois, eu ouvi barulho de saltos, e com o meu coração descompassado, me encaminhei para lá, meu copo de bebida nas mãos. Malu vinha descendo as escadas, segurando firmemente no corrimão. Eu movimenteiei minha garganta, meus olhos deleitados com a visão dela,

pensando que realmente eu era o homem mais sortudo do mundo por ter aquela mulher deslumbrante na minha vida. E por ela me amar.

Malu estava usando um espetacular vestido preto, um pouco acima da altura dos joelhos, totalmente ajustado ao seu corpo, suas curvas exuberantes totalmente abraçadas pelo tecido escuro. O decote era discreto, mas ainda deixava seus seios em evidência, altos e belos. Seus cabelos estavam soltos, cheios de cachos descendo pelos seus ombros, meio desordenadamente, da forma que eu tanto amava. Ela sorria. Agora que eu havia apreciado o show que ela estava dando-me, eu bebi um gole do meu uísque e subi os degraus para encontrá-la, já que ela usava uma sandália de saltos altíssimos naquela escada.

Estendi minha mão e segurei a sua, levando-a aos lábios delicadamente, sem desviar meus olhos dos seus olhos escuros e dos seus lábios cheios.

— Demorei muito? — ela disse, curvando a cabeça de lado. Eu me curvei e pus o rosto entre seu ombro e o pescoço, aspirando seu cheiro gostoso.

— Valeu cada minuto, meu amor. Você está

magnífica. — eu disse, dando-lhe um beijo leve, e descemos juntos. Assim que alcançamos o fim da escada, eu lembrei de algo, e com o cenho franzido, dei a volta nela, para ver a parte de trás daquele vestido preto básico e discreto. Claro... Ele praticamente não existia na parte de trás, observei. Havia um decote imenso que parava um pouco abaixo da sua cintura, mostrando muita pele. Sorri lentamente, balançando a minha cabeça.

— Gostou? — ela disse, provocativa, lançando-me um olhar por cima do ombro. Eu me encostei nela por trás, minhas mãos em sua cintura, depois espalmei-as sobre nosso filho ali, e disse baixo em seu ouvido:

— Muito. E vou gostar ainda mais de tirar ele de você mais tarde, não vou?

Malu virou a cabeça, encostando-se mais em mim.

— Ah, mas você vai gostar. *Te garanto.*

Sorrindo animado, fui levando-a pela mão em direção à porta, bem no momento em que a campainha tocou, me avisando que provavelmente Marcos estava ali. Abri a porta, e era ele, claro. Estava de terno, a gravata desfeita, as mãos nos bolsos da calça. Ainda tinha a expressão irritada, e

piorou quando me olhou.

— Eu mandaria o prejuízo da batida para você, sabe? — ele disse, mas depois de um segundo, sorriu. Eu fiz um gesto para que ele entrasse.

— Não tenho culpa se você é um idiota. Entra aí.

Ele entrou e então viu Malu, seu sorrindo aumentando muito mais.

— Minha nossa! Você está deslumbrante, Malu. — ele se aproximou e beijou a mão que ela estendeu, sorridente. — E me deixe parabenizá-la pessoalmente pelo bebê, eu não tive a oportunidade ainda.

— Obrigada, Marcos.

— Espero que essa criança se pareça com você, já basta de gente loira nessa casa. — ele disse, e Malu riu. Voltei-me e a peguei pela mão, indo em direção a porta, um sorriso nos meus lábios.

— Vamos ver quanto a isso, Marcos.

— E a Alice? — ele perguntou, como se só agora lembrasse disso, olhando entre mim e Malu.

— Na minha cama. Eu não te disse? — informei a ele, e Malu me deu um tapa no ombro,

olhando para um Marcos que me fuzilava com os olhos azuis.

— Ela estava comigo no quarto, sim, Marcos, mas já acordou. Estava no banho quando eu saí... — Malu disse a ele, que acenou, me lançou um olhar irritado, e já ia saindo apressado em direção ao andar de cima.

— Opa! — lembrando de algo, voltei-me e o alcancei no primeiro degrau, segurando-o de leve pelo camisa. — Escuta aqui, ai de você se ousar chegar perto da minha cama, ok?

Marcos deu uma risada, e subiu os degraus de dois em dois, sem me dar uma resposta.

— Tenho planos para essa cama hoje, Marcos, eu mato você, está entendendo? — gritei. Balançando a cabeça, fui ao encontro de uma Malu de braços cruzados e rindo para mim.

— Meu Deus, Teo... Que coisa, você me mata de vergonha.

— Amor, você não conhece esse filho da puta... Vai por mim.

Saímos da casa em direção ao meu carro, e eu agradei internamente por não ter encontrado muitos engarrafamentos até chegar à porta do restaurante. Não íamos chegar atrasados, ao que

parece, e aquilo era fundamental, já que eu queria que tudo fosse perfeito àquela noite, da forma como eu havia cuidadosamente planejado.

As nossas reservas eram para o *Le Bordeaux*, um dos restaurantes mais caros e sofisticados da cidade, e ia servir muito bem para a noite que eu tinha em mente. Certa vez, naquelas conversas depois do sexo, Malu havia me dito, rindo, que ela e Stella tinham brincando, tentado jantar nesse restaurante para comemorar o seu novo emprego na clínica, e quando haviam visto os preços dos pratos pela internet, simplesmente haviam chegado à conclusão que nunca iriam ali. Eu beijei seu cabelo, sorrindo, e não disse nada.

Ao chegarmos na porta do restaurante, e Malu ter identificado o nome, me olhou com os olhos arregalados, recostou-se no meu ombro de leve e me deu um beijo no rosto.

— Obrigada. — ela sussurrou. Já tinha valido a pena, pensei.

Entramos, e o *maitre* nos conduziu à nossa mesa. Eu já tinha estado ali, e notei de relance apenas o luxo do lugar, os imponentes lustres que pendiam do teto, as luzes suaves que davam um clima aconchegante e reservado ao ambiente, os

garçons circulando discretamente entre as mesas. Mas fiquei mais encantado com a expressão discretamente maravilhada no rosto de Malu, enquanto seguia comigo, o que me deixou ver que ela tinha aprovado muito o significado da minha escolha.

Assim que ela se acomodou a minha frente, eu sentei, e Malu tocou a minha mão por cima da mesa, seus olhos brilhando para mim à luz amena do local. Eu havia reservado uma mesa justamente próxima à área aberta do restaurante, porque eu sabia que ela gostava desses espaços, e queria que Malu estivesse tranquila e o mais relaxada possível.

— É lindo aqui, Teo, como eu imaginava. — ela confessou, olhando em volta rapidamente e depois voltando-se para mim. — Adorei a surpresa, meu amor.

— Você gostou mesmo? — perguntei, ciente de que ela estava entendendo que a surpresa era o restaurante.

— Claro! É perfeito! Mal posso esperar para dizer a Stella que consegui vir aqui. — ela sussurrou, balançando a cabeça.

— Ótimo. Essa era a intenção, ser perfeito para você. — eu disse, e ela colocou um cacho

atrás da orelha, abaixando os olhos, subitamente tímida, como às vezes ficava quando eu olhava para ela da forma que eu estava olhando agora. Lembrei que aquela era uma característica que tinha chamado a minha atenção sobre ela desde o início, essa mistura de ousadia e timidez que se revelava de modo imprevisível nos momentos mais diferentes.

— Desse jeito você deixa as minhas pernas bambas, Teo. — Malu murmurou.

— Eu não sou sempre assim? — franzi o cenho, passando os dedos na minha barba, mas sorrindo para ela. — Pensei que eu era um cara romântico.

— Você é. O meu neandertal romântico

Sorrimos um para o outro. Nesse momento, o garçom aproximou-se discretamente e ofereceu o *menu* a Malu, depois a mim. Nós discutimos as opções disponíveis e optamos pelo filé mignon de *black angus* ao molho *béarnaise*, e Malu preferiu o suflê de baunilha com framboesa para a sobremesa. Pedi um *Pinot Noir* para acompanhar, mesmo que antes tenha decidido que não iria beber porque ela não beberia. Mas eu realmente estava precisando de uma bebida. Malu preferiu apenas água, mas

aceitou os aperitivos, que logo foram deixados na nossa mesa.

— E a última consulta? Sinto não ter podido desmarcar o que tinha para ir com você, Malu — eu disse, pesaroso. Com toda a organização da filial, e a entrada de novos contratos para grandes obras, eu tinha passado as últimas duas semanas bem ocupado. E ainda tinha a questão da substituição de Dora para resolver, antes que chegasse o final do mês e ela tivesse que se afastar.

— Hum, não, tudo bem. Na verdade foram apenas os exames que ele me pediu para fazer. Está tudo bem, tudo normal. — Malu suspirou, aliviada, servindo-se dos *torsades* sobre a mesa. Levou um à boca e gemeu, deliciada. — Depois eu explico tudo para você.

— Claro. E quando você voltará? Vou estar presente, com certeza.

— Daqui a duas semanas.

Conversamos um pouco mais sobre as suas aulas, o trabalho na clínica, sobre o fato de que ela teria novas turmas e um novo contrato para a oficina de dança em um hospital grande. Contei a ela sobre o que estava acontecendo na empresa, e da ideia de chamar Alice para substituir Dora como

minha assistente.

— Seria maravilhoso, eu já te disse.

— Pode ser, não sei. Vamos conversar com ela. Marcos que vai adorar a ideia. — eu disse, irônico. O garçom chegou com a minha bebida. Ótimo *timing*, pensei, dando um sorriso discreto para ele, e informando que eu mesmo me serviria.

— E por quê? Ele não teria nada a ver com isso, não? É algo muito bom, a Alice precisa. Mas talvez não seja o que ela está habituada a fazer, Teo, ela dá aulas.

— Digamos que eu acho que ele tem ideias próprias de onde Alice deve estar. — eu sorri, e Malu rolou os olhos.

— Pois se eu fosse ela, aceitaria independente da vontade dele. — Malu disse, os olhos estreitos para mim.

— Ei, não tenho nada a ver com isso. Só estou dizendo o que acho, minha gata selvagem.

Ela riu, bebendo sua água, e me contou um pouco mais sobre o dia das meninas, animada pelas novas amizades, pela gravidez, pelos rumos que a vida estava tomando. Eu ouvia, interessado, bebendo, mas de vez em quando me perdia na forma como ela falava, nos seus trejeitos, que eu

tinha passado a identificar bem. E à medida que o tempo ia passando, eu ficava ligeiramente apreensivo.

O prato principal chegou não muito tempo depois. Maravilha. Estava bem mais rápido do que o normal, graças aos arranjos que eu tinha feito antes. Observei o nosso garçom nos servir, calmamente. Calmamente demais, para meu gosto, pensei, mas ele finalmente se foi, e nós começamos a comer.

Eu tinha dito que não estava nervoso, não era? Só com uma expectativa muito grande. Pode esquecer isso. Eu estava nervoso para *caralho*. E já devia saber que nada era como da primeira vez, era como se fosse uma outra vida ali, com uma mulher completamente diferente, sentimentos diferentes, eu não era a mesma pessoa, então... Nenhuma experiência te preparava totalmente. Como eu tive a audácia de dizer a Max que aquilo era fácil, quando ele disse que pediria a Marisa em casamento?

Eu me recostei na cadeira e fiquei olhando para ela, milhares de pensamentos na minha cabeça agora, momentos nossos, desde o início, quando eu a vi pela primeira vez, quando descobri que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

estava grávida, cada um desses momentos me deixando mais certo do que eu queria naquele momento, me deixando plenamente ciente da certeza e da coerência da minha decisão.

— O que foi? — ela disse, depois de uns segundos, sob o peso do meu olhar fixo e atento, levando uma garfada de comida à boca.

— Eu amo você. — eu disse, baixo, dando de ombros. — É só tão bom ter certeza disso.

Malu assentiu, muito séria agora, depositando seus talheres e me observando.

— Eu também te amo, Teo. Mais e muito antes do que eu pensei ser possível. Você entrou como um furacão na minha vida. — ela riu, baixinho. — E quando eu vi, você já tinha arrasado tudo.

Eu concordei, sabendo exatamente do que ela estava falando.

— E você acha que foi diferente para mim? Você encarna muito mais a metáfora do furacão, pode acreditar. Até hoje eu não sei o que me atingiu, Malu. Tão rápido e tão poderoso que eu não sabia como lidar, a não ser pensar em questões físicas, até me dar conta que te amava.

Malu fez uma expressão maliciosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda pensa o tempo todo em questões físicas, Teo.

— Sim, não posso evitar.

— Graças a Deus! — Malu piscou para mim. Eu limpei a garganta, que tinha ficado subitamente áspera.

— O certo, meu amor, é que eu não sei mais ficar sem você. Simples assim.

— Eu sei, também não consigo mais pensar em qualquer coisa na minha vida em que você não esteja presente, Teo. — ela disse, e eu vi quando ela levou a mão à frente do corpo e tocou sua barriga. — Impossível.

Eu concordei com a cabeça, aquele nó de emoção na minha garganta agora estava muito maior de engolir. Eu não devia ter pedido algo mais forte para beber? Eu queria um uísque puro, não vinho.

— Fico imensamente aliviado em ouvir isso, minha querida, porque não tenho a menor intenção de deixar você sair da minha vida. Nunca mais.

Malu sorriu.

— Eu sei. Não pretendo sair, mesmo.

— Malu...

PERIGOSAS ACHERON

— Sim?

Bebi meu vinho, um longo gole, e olhei para Malu.

— O que você está achando de passar mais tempo na minha casa? — perguntei, e não era isso que eu deveria dizer. *Porra*. Mas eu precisava saber daquilo, sondar o terreno também era um dos elementos importantes do que eu fazia, e naquele caso, ia me ajudar a ter mais segurança.

Malu bebeu sua água e me encarou.

— Bom, normal, eu acho. A gente nunca chegou a conversar muito especificamente sobre isso mas, me sinto bem com você. E se bem me lembro, eu já fiz algumas tentativas de voltar para o meu apartamento, mas uma certa pessoa não me deixou...

— Não! Não é isso que eu quis dizer. — eu atalhei, apertando o meu nariz. Estava saindo do rumo isso aqui. Eu não sei porque ficava assim quando tinha que dizer coisas daquele tipo para ela. De modo geral eu era um cara seguro, confiante, mas algo me dizia que o problema não era o que ou como eu diria, mas o impacto que a sua resposta teria em mim. Foi assim quando eu disse que queria que ela estivesse com o meu filho, foi assim

quando eu disse que a amava. Agora não seria diferente, não era?

Mas Malu, graças aos céus, apenas sorriu de mim, e inclinou-se na mesa na minha direção.

— Está tentando me mandar embora da sua casa, Sr. Stein?

Eu ri.

— Não, nada disso.

Malu ficou me observando, atenta, uma expressão feliz.

— Então você estava me dizendo que eu estou passando muito tempo na sua casa. — Ela ergueu a sobrancelha, me provocando. — Vai reclamar que eu durmo em cima de você também?

— E como você consegue chegar para o meu lado e me deixar na beira de uma cama enorme, mesmo tendo todo o outro lado para você. — lembrei-a, mais relaxado. Ela sorriu, linda.

— Sim. Isso também.

— E como eu não consigo achar mais absolutamente nada no meu próprio banheiro. — eu fingi tentar lembrar.

— É, tem isso. E as minhas roupas no teu closet?

— Como eu poderia esquecer disso?

— Terrível. — ela anuiu, olhando para baixo, sorrindo mais largo. Eu finalmente me virei, tentando de todas as formas não ficar nervoso, e fiz um aceno para o rapaz vestido de garçom que estava ao canto, esperando o meu sinal. Malu me olhou intrigada, e olhou para onde o rapaz vinha, devagar, um violão e um enorme buquê de rosas vermelhas nas mãos. Algumas pessoas começaram a olhar para ele e acompanhar a direção em que ele estava vindo, sorrindo, e viraram-se para a nossa mesa, em expectativa, sorrisos conhecedores nos rostos.

— Teo, o quê...? — Malu me olhou, bem no momento em que ele chegava perto de nós e as primeiras notas de *At Last*, saíam do seu violão, lentamente. Eu amava aquela música, que passara a ser nossa música, quando ela havia me dito um dia que estava ouvindo constantemente, e que sempre lembrava de nós dois quando tocava... E agora, as notas daquela canção soavam ao nosso lado, enquanto eu olhava para ela.

Peguei as flores das mãos dele e ofereci a uma Malu perplexa, os olhos muito abertos.

— É, tem tudo isso mesmo, ter você morando em minha casa, Malu. Mas... tem isso

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui também — eu disse, para que ela me ouvisse acima da música, curvei-me para frente e segurei sua mão esquerda na minha, olhando em seus olhos. — Tem o fato de que eu não saberia mais acordar sem encontrar você do meu lado, ou em cima de mim. Não dá mais para abrir os olhos pela manhã e não te ver ali, não tocar sua pele, não sentir o teu calor comigo, teus braços em volta do meu corpo, teus cabelos no meu rosto, ou no meu peito... E sabe o que não dá mais, também? — eu respirei fundo, tentando limpar minha voz, porque Malu estava muito quieta, mas seus olhos estavam muito úmidos, fixos nos meus. — Não dá, mesmo, para abrir o meu armário, ou entrar no meu banheiro, e não achar pequenas coisas suas lá, qualquer coisa sua que me diga que você está ali, comigo.

Uma única lágrima escapou e desceu pelo lado direito do seu rosto, e ela mordeu o lábio, como costumava fazer quando estava nervosa ou inquieta. Eu tomei fôlego, porque precisava continuar. As notas da nossa música continuavam soando no violão ali ao lado, e eu sentia a atenção de praticamente todo o restaurante em nós, silencioso.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe o que tem mais, também? O seu cheiro. Em cada lugar da minha cama, nas minhas roupas, no meu carro, e sempre que eu fecho os olhos, em qualquer lugar que eu esteja. Tem o seu sorriso, também. O som da sua risada, que eu ouço mesmo quando eu estou longe, e que por isso eu quero voltar tão rápido para casa, para nossa casa, para ouvir, ver, sentir você de mais perto. Todos os dias.

Malu apertou os lábios e mais lágrimas caíam pelo seu rosto agora, em rápida sucessão, mas ela não desviou o olhar do meu. E não disse nada. Não precisava. Eu queria dizer tudo. No fim, só precisava de uma palavra dela, mesmo.

— Ah, e tem mais. Tem o fato de que eu não sei mais olhar para nenhum pequeno canto daquela casa sem que eu não te veja lá, ou imagine como ela ficaria com você e o nosso bebê dentro dela. Cada pedacinho da minha casa, do meu coração, dos meus pensamentos, está impregnado de você. Eu... eu não sei mais pensar em um mísero detalhe da minha vida sem que você não faça parte dela, Malu. Daqui a dez, vinte, trinta anos... Para sempre.

— Teo... — ela murmurou, abalada, a voz

falhando.

— Sabe por quê? — eu continuei. — Porque você é a mulher mais linda do mundo, e eu te quero comigo todo dia, a mulher que vai trazer para mim o meu filho, ou filha, e me fazer o homem mais feliz do universo. Então, Malu, de que forma eu resolvo isso, meu amor?

Ela chorava baixinho, e deu um pequeno soluço, abaixando os olhos agora. Eu engoli em seco, uma enorme dificuldade de controlar a minha própria emoção, e devagar, porque puta merda, a minha mão estava tremendo mesmo, eu coloquei a mão no bolso da minha camisa e puxei a caixinha vermelha de veludo que eu colocara lá mais cedo.

Malu viu e levou às mãos juntas à boca, seus ombros tremendo levemente, seus olhos na caixinha, que eu então abri, revelando a joia que descansava dentro, um solitário ballerine, em platina e diamante, que Stella havia me ajudado a escolher. Ela tentou falar, mas só conseguia chorar. E sorri, emocionado, levantei e fui para o seu lado, e fiz algo que nunca pensei que faria, que nunca havia feito, mas que nunca me pareceu tão certo, tão necessário, tão real e tão simples de fazer. Me abaixei em um joelho, estendendo a caixinha na sua

direção.

— Malu, você aceita me tornar o homem mais completo e feliz do mundo, meu amor? Aceita se casar comigo?

Se algum dia eu achei que já tive o meu coração saindo pela boca, o zumbido do sangue no meu ouvido me fazendo respirar pesadamente, esse dia não comparava-se a este. Foram segundos, enquanto ouvia a música, os murmúrios, e olhava para Malu sentada, chorando, me olhando, mas poderiam ter sido horas. Depois todo o som se foi, e eu só ouvia minha própria respiração, e um medo poderoso começou a me tomar, mas antes que ele se alastrasse pelas minhas veias, Malu tomou uma respiração profunda, sorrindo, os olhos brilhando de lágrimas, e disse:

— Sim! Sim, Teo. Eu aceito, meu amor!

E as pessoas ao redor bateram palmas, entusiasmadas, mas eu só conseguia ouvir as batidas loucas do meu próprio coração, e sorri aliviado e exultante, amando-a mais do que nunca, quando tomei a sua mão esquerda e deslizei a aliança pelo seu dedo. Havia ficado perfeito. Constatei que Malu tremia muito, eu não ficava muito atrás, pensei, antes de puxá-la para mim,

PERIGOSAS NACIONAIS

abraçá-la e beijá-la com paixão, ouvindo o aumento das palmas e das felicitações à nossa volta.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 48



*Em todos os lugares que
estou olhando agora
Estou cercada pelo o seu abraço
Querido, eu posso ver sua aura
Você sabe que é a minha
graça salvadora
Halo
Beyoncé*

Malu

Teo havia me pedido em casamento!

E foi lindo... foi maravilhoso, e eu sorria, em êxtase, mas não conseguia evitar as lágrimas, também. Sentia-me tão feliz, como se as coisas estivessem ajustadas. Eu não podia fingir para mim mesma que não esperava por aquilo. Era o que eu sempre tinha desejado, desde muito nova. Sabe aqueles sonhos de encontrar o homem que você ama, que te ama de volta apaixonadamente, e então ele pede que você se case e viva com ele por toda a vida de vocês? Esses sonhos? Eu sempre tive.

Depois de um tempo, dos relacionamentos, dos tombos, das reviravoltas da vida, a gente meio que ia deixando aqueles desejos quietos, como se eles passassem a ser uma bobagem romântica que, provavelmente, não iriam se realizar nunca. E você fingia que estava bem com isso. Bom, nem todas as mulheres, claro, mas *eu* fingia que estava bem com isso. Mas aquele sonho estava sempre lá, latente, e por isso a experiência com o ex tinha me impactado tanto.

E justamente por isso aquele pedido, hoje, tinha me surpreendido e me deixado com a

PERIGOSAS ACHERON

sensação de estar flutuando, pensei, sentindo as mãos de Teo nas minhas costas agora, enquanto subíamos os degraus da frente de casa. Eu não podia dizer que em algum momento, eu não esperasse por isso, eu queria isso, mas por enquanto tinha decidi que estava bem, mas realmente não esperava que ele fosse fazer isso logo. Bem, aquele era o Teo, lembrei, com um sorriso, o que eu esperava?

Ainda estava muito forte na minhas lembranças os aplausos entusiasmos do restaurante, as pessoas sorrindo para nós e desejando felicidades, mas o que não saía, na verdade, não sairia nunca mais da minha memória, era a imagem do seu rosto, desde o momento em que me entregou as flores, que eu carregava agora, e começou a falar aquelas coisas para mim. E depois, sua expressão apreensiva, em espera, ao mesmo tempo em que seus olhos me diziam que aquele era um momento sublime e único para ele também.

Eu não sei se teria me emocionado tanto com poemas ou palavras rebuscadas. Não teria, com certeza. Aquelas eram perfeitas justamente porque expressavam exatamente o que ele sentia, quem ele era, como via as coisas, do seu jeito

prático, claro e sincero, e tão exatas e certas para mim... E a música que eu passei a amar tanto, desde que eu o conheci? Não poderia ter sido melhor ou mais emocionante.

Assim que fechou a porta de casa atrás de si, Teo se recostou nela e puxou-me de encontro ao seu corpo, segurando o meu rosto com ambas as mãos, movendo seus olhos tão verdes e amados pelos meu rosto, em cada detalhe.

— Onde você estava, todo esse tempo? — ele disse, como se estivesse realmente pensando na resposta. Eu sorri, com um suspiro.

— Te esperando, eu acho.

— Ainda bem que eu te encontrei, então.

— Na verdade, a Julia me encontrou. — eu disse, e nós rimos, encostando nossas testas uma na outra. Então, ficamos sérios novamente.

— Você aceitou mesmo, não é? Vai ser a minha esposa? — ele perguntou, depois de um momento de silêncio.

— Pode apostar que eu vou, você não vai se livrar de mim, nunca mais. — dei um beijinho em seu nariz.

— Eu não sou um cara perfeito, Malu, e não tenho a mínima pretensão de ser. Tenho milhares

de defeitos, você sabe, mas tenho toda a intenção de te fazer feliz, e ao nossos filho, para resto da minha vida. Você acredita nisso?

Encostei a minha cabeça no espaço entre seu queixo e o pescoço, sentindo sua pulsação, aspirando seu cheiro gostoso, e pus minha mão em seu peito. Meus olhos foram diretamente atraídos para a aliança maravilhosa, brilhante, que ele havia posto ali mais cedo, e eu respirei fundo e fechei os olhos.

— Em cada palavra. Também estou longe disso, de ser perfeita, e nem quero, Teo. Mas nós vamos fazer dar certo. Nisso, eu acredito também. — sussurrei.

— Bom, porque eu pretendo usar todos os meus recursos para te deixar feliz e satisfeita. E por falar nisso, tem uma área que eu prometo que vou me empenhar muito, veementemente, para te deixar muito feliz e muito satisfeita. — ele foi abaixando as mãos até tocar as minhas costas nuas, passando as pontas dos dedos em uma carícia leve e insinuante por toda a extensão da minha espinha exposta, causando um estremecimento gostoso em mim. Estendi meus lábios em um sorriso lânguido.

— Você vai se empenhar em todos os

aspectos, não é? — provoqueei-o. — Não só nesse?

— Ah, sim, mas esse aqui, meu amor... — ele desceu mais o toque, a voz enrouquecida, segurando a minha bunda com ambas as mãos, de modo firme, e puxando-me para ficar pressionada contra ele. Me esfreguei em sua ereção já se destacando na calça, deliciosamente, lânguida, meu corpo reagindo como de costume à sua proximidade. — Esse aspecto aqui tem uma baita de uma importância para te deixar sempre satisfeita, não?

— Nunca duvide disso... — soprei em seu ouvido, e ele riu.

Teo pegou o buquê de rosas das minhas mãos, mas eu rapidamente fui até a cozinha e pus as flores em um vaso com água, sobre o balcão, olhando por um segundo para elas, sorrindo feito uma boba e lembrando de tudo novamente. Quando voltei, ele estava aos pés da escada, mãos no bolso da calça, me aguardando.

— Eu fui informado de uma certa lingerie vermelha, hoje à tarde, e não posso negar que estou ansioso para vê-la.

— E para tirar, também, aposto.

— Você me conhece bem. — ele disse,

pegando a minha mão. Assim que subimos e chegamos a porta do seu quarto, ele parou, subitamente, e fez um gesto para que eu esperasse. Franzi minhas sobrancelhas, sem entender em um primeiro momento, é só então lembrei que ao sairmos, havia deixado a Alice tomando banho e o Marcos havia chegado. Hum. Senti uma vontade súbita de rir da expressão que tomava conta do rosto de Teo, e levei meus dedos aos lábios para esconder minha risada.

Ele bateu de leve. Nada. E bateu novamente. Nada. Então, resmungou um palavrão e tirou seu celular do bolso, aquela carranca irritada totalmente formada agora.

— Onde você está? — ele grunhiu logo que a pessoa atendeu. Marcos, eu imaginava, e me recostei na parede, não conseguindo mais segurar a risada. Ele ouviu o que o outro disse. — Não, você não fez isso, porque eu juro que se eu encontrar o menor vestígio de você nos meus lençóis aqui eu... Ainda bem. Seu imbecil — ele então, riu, enquanto empurrava a porta do quarto, aliviado, e eu entrei atrás.

O quarto estava vazio, exatamente do jeito que estava antes que eu saísse. E a cama também,

que Teo foi verificar, me fazendo sorrir mais dele, estava com as cobertas perfeitamente alinhadas. Enquanto ele fazia isso, eu fui até o aparador de madeira crua e peguei um frasquinho que havia deixado lá mais cedo, escondendo na palma das minhas mãos.

— Tudo certo? Satisfeito?

— Sim. Isso porque você não sabe, Marcos já fez isso, esse pilantra, quando bem mais novo, na minha cama, durante um aniversário no apartamento que eu vivia antes. — Teo disse, puxando a gravata e vindo na minha direção, aquele andar e aquele sorriso que me dizia exatamente no que ele estava pensando.

Eu fui ao seu encontro, e quando me choquei levemente com seu corpo duro e másculo, passei a ajudá-lo tirar a gravata, lentamente, sem deixar de fitá-lo, e sem deixar o fraquinho cair, também, pensei, divertida. Assim que terminamos, puxei-a e a joguei de lado, ele me segurou pelo pescoço e me puxou para um beijo. E nossa... aquele beijo não deixaria nunca de me causar uma imediata moleza nas pernas e uma excitação em todas as minhas terminações nervosas.

Teo devorou a minha boca com ardor, me

penetrando com sua língua quente e ousada e me fazendo gemer em sua boca. O beijo faminto pareceu durar horas, nossos lábios juntos, línguas se enroscando, seus dentes puxando meu lábio inferior, depois lambendo de leve. Ainda assim, quando ele afastou a boca e me olhou com o olhar pesado de desejo e luxúria crua, não pareceu ter durado o suficiente. Seu peito forte movia-se rapidamente, sua respiração tão acelerada quanto a minha, e ele depositou então um beijo leve me meus lábios ainda entreabertos.

— Isso foi algo que me chamou atenção desde o início, sabe? — ele murmurou, virando-me de costas para ele.

— O quê?

— Essa forma como você me afeta. E não estou falando apenas de reações biológicas naturais. Não. É essa... essa necessidade, esse sentimento de que não tenho o suficiente de você, de que o meu controle está sempre por um fio quando eu te toco assim.

Não consegui falar, só fechei meus olhos e suspirei.

Enquanto falava, ele afastou meus cabelos do pescoço e dos ombros, colocando-os para frente.

— E cada reação que eu tiro do seu corpo, me lembra disso diariamente. — Teo aproximou os lábios do meu pescoço, e eu senti seu hálito quente lá. Então, usou os dentes e os lábios para morder aquele local que me alucinava, e minhas pernas realmente afrouxaram de leve, assim como eu me arrepiei toda e senti nitidamente a excitação me percorrer. Teo me segurou, passando um braço pela frente, na minha cintura, enquanto eu choramingava em um gemido. Ele continuou ali, implacável, levantando meus cabelos em seu punho e atacando sem dó aquela área. Mais mordidas, mais lambidas, e senti minha boceta pulsar loucamente.

— Você sente? — ele disse, gravemente, e eu me esfreguei com mais força em seu pau absolutamente rígido atrás de mim.

— Ah... Sim. Eu sinto.

— Vamos ver o que você tem para mim, aqui... — Teo afastou os lados do vestido preto, e eu ajudei, saindo das mangas, a parte da frente se amontoando em minha cintura. Ele puxou mais para baixo, devagar, e senti quando ele abaixou-se atrás de mim, segurando a minha bunda com ambas as mãos, enterrando de leve seus dedos em minha

carne.

— Malu... Puta merda! — ouvi seu rosnado baixo, quando ele provavelmente viu a parte de trás da minha lingerie nova. Sorri. A calcinha na parte de trás consistia em nada mais do que tiras, e um singelo lacinho na parte de cima. Mais nada. Meu sorriso presunçoso se desfez em um ofegar e arregalei meus olhos quando eu senti a sua mordida ali, na popa da minha bunda nua, e depois o esfregar da sua barba no local, me arrepiando.

— Você mordeu a minha bunda! — eu meio resmunguei, meio gemi, e senti sua risada abafada. E ele lambeu do outro lado, bem devagar.

— Para compensar. — disse, e então fez pressão com as mãos para que eu me virasse. Com o meu coração retumbando, eu me virei devagar em meus saltos. Ele continuou lá, de joelhos, me segurando pelos quadris e olhando para cima. Então, desceu os olhos pelo que eu vestia.

A parte da frente, era como um maiô frente única, totalmente em renda transparente vermelha. E na parte de baixo, bem, os olhos vidrados de Teo me deram a resposta se foi uma boa escolha. Havia uma fenda, uma abertura estratégica no pequeno tecido rendado. Era a coisa mais ousada que eu já

tinha usado, e parece que ele tinha gostado da ousadia.

Apoiei minhas mãos fechadas em seus ombros, e Teo, com os olhos fixos ali, me segurou pela bunda com as duas mãos e aproximou o rosto. Engoli em seco.

— Você gostou? — perguntei, minha respiração acelerando mais, à medida que ele passava o rosto, seu nariz me tocando, de um lado a outro, devagar, os olhos fechados, como se estivesse me sentindo, aspirando meu cheiro... era uma visão embriagadora, erótica, enlouquecedora. Uma das coisas mais sexys já vi, ele ali naquela posição, agarrando a minha bunda e com o rosto na minha boceta.

Então Teo novamente me surpreendeu, e olhando para cima, sem desviar dos meus olhos, oh céus, fez um bom uso daquela fenda ali... e me lambeu, forte, sugando e girando a língua quente na minha umidade, e eu quase desfaleci, minhas pernas bambas com aquela sua imagem ajoelhado a minha frente e usando aquele língua em mim ... Segurei com uma mão em seus cabelos.

— Isso responde à sua pergunta? — ele disse, levantando-se, por fim, e buscando a minha

boca. Beije-o, e provando meu gosto em seus lábios, o que pareceu deixá-lo mais ligado ainda, porque ele deu um gemido abafado, rouco, segurando a minha cabeça de ambos os lados para aprofundar o beijo ávido, me empurrando delicadamente em direção a cama.

— Sempre muito, muito gostosa. — ele sussurrou, quando as minhas pernas bateram na borda da cama, e eu sentei, ofegante.

Teo ficou em pé, e me olhando daquele jeito que poderia derreter calcinhas, porque a minha, se tivesse alguma coisa lá em baixo, estaria derretida agora, e com só com uma sombra de sorriso malicioso no canto dos lábios, começou a abrir os botões da sua camisa. Ele ia tirar a roupa para mim! O que eu poderia fazer, a não ser apreciar?

Lentamente, ele foi abrindo os botões, nunca afastando seu olhar do meu, ainda que eu percebesse sua ansiedade, seu desejo, evidenciado ainda mais pelo volume na frente da sua calça. Quando ele finalmente abriu a camisa e afastou os lados, revelando o peito forte, os músculos definidos, os pelos que me deixavam mais excitada ainda, eu estendi a mão e toquei-o, minha palma acariciando-o. Mas Teo já estava com as mãos no

cinto, depois no zíper da calça, e já não tão lentamente como antes. Quando a tirou e afastou a peça com os pés, eu suspirei com a visão. Porque era uma visão e tanto.

— Você é perfeito. — eu disse, tocando seu peito, descendo com as pontas dos dedos por seu abdômen, sentindo a fricção dos seus pelos, até alcançar a sua ereção magnífica na cueca, que eu contornei com os dedos.

Estava na hora de botar a minha ideia em prática, pensei, começando a abaixar a sua boxer. Quando seu pau ficou livre, completamente ereto e deliciosamente a minha disposição, eu o segurei com ambas as mãos e o acariciei em movimentos ondulantes. Sempre olhando para ele. Teo cerrou a mandíbula, me observando com olhos semicerrados.

— Se você pretende que isso dure... — ele avisou, quando eu me curvei para frente e contornei a ponta do seu pau com a minha língua, depois deslizei-o lentamente para mais dentro da minha boca úmida e quente, e ele soltou um gemido baixo, imediatamente afastando os meus cabelos do meu rosto para observar melhor a cena que se desenrolava a sua frente. Chupei-o com delicadeza,

mas mantendo a força necessária, olhando-o nos olhos. Quando ele lançou a cabeça para trás, entregue, os olhos fechados, as pernas afastadas e um som rouco e atormentado saindo da sua garganta, eu fiz o que realmente queria fazer.

Com uma última lambida entusiasmada, afastei meus lábios, e ele abaixou a cabeça para me observar, os olhos quase fechados, o peito arfante. Gostava de vê-lo assim. Muito. Presa em seu olhar, afastei as laterais da peça rendada, de um lado, depois do outro, lentamente, e meus seios, agora definitivamente maiores e mais pesados do que antes, ficaram livres, os mamilos duros. Toquei na cama ao meu lado o pequeno frasco lubrificante, com um cheiro delicioso que eu havia escolhido a tarde, com Diana. — ela também havia levado um, com uma carinha bem diabólica — e o abri. Teo olhou para o vidrinho os olhos brilhando, atento, depois para mim, e pareceu que ia ter uma apoplexia.

— Você vai... — ele meio que engasgou.

— Calma, não chegue a conclusões apressadas. — eu o interrompi. Não queria estragar o clima rindo da cara de tarado que ele fez ao olhar para o lubrificante, então me concentrei.

— Malu, você está brincando comigo. Ou quer me matar, um dos dois. — ele sibilou, continuando a bombear seu pau, muito excitado. Abri o vidro e espalhei o líquido viscoso e cheiroso sobre os meus seios, e ouvi o gemido abafado e o palavrão de Teo. Peguei-os nas mãos e os levantei, apertando-os juntos, manipulando os bicos excitados, espalhando a umidade e a viscosidade do lubrificante pelas minhas mamas, pelos mamilos muito duros. E gemi, longamente, porque era muito bom. Mas era melhor ainda porque eu estava pegando cada reação, cada olhar seu nas minhas mãos, nos meus seios agora brilhantes, úmidos, deslizantes.... que era o que eu queria.

Teo continuava com o olhar fixo nos movimentos circulares das minhas mãos nos meus seios, espalhando o líquido, apertando meus mamilos, pressionando meus seios juntos, os dentes cerrados, as narinas infladas, masturbando-se na minha frente, cada vez mais forte, soltando grunhidos. Foda-se, era simplesmente quente como o inferno.

— Porra, que visão... quase tão bom quanto o que eu pensei que você iria fazer. — ele disse, lambendo os lábios também, concentrado. Me

aproximei, um sorriso ousado e malicioso, e encostei meus seios melados na ponta da sua rígida ereção, segurando-o e fazendo que a ponta do seu pau, úmida da minha língua, roçasse meus bicos durinhos e lubrificados. Ele gemeu guturalmente. Era inebriante, e com a minha sensibilidade mais aflorada ainda ali, fechei os olhos, perdida.

— Ah, Malu... Puta merda!

— Vem... — sussurrei. Ele levou apenas um segundo para entender a minha sugestão, e mordeu o lábio.

— Puta que... Caralho, Malu, eu não vou durar muito mesmo assim... você sabe. Não vou aguentar — rosnou, esticando a mão e massageando um seio, rolando o polegar pelo mamilo, o olhar afogueado de tesão.

— Vem, coloca esse pau bem aqui. — gemi, rouca, e ofereci os meus seios nas mãos, segurando-os levemente afastados.

— Desse jeito você vai mesmo me matar de tesão. Foder esses peitos assim... É a porra de um fetiche do caralho. — Teo sibilou, e encaixou seu pau entre os meus seios, sem precisar de mais nenhum estímulo para alojar-se ali. Eu imediatamente espremi-os juntos, pressionando-os

lá, comprimindo seu membro perfeitamente duro, meu olhar travado no seu. E ele delirou, lábios entreabertos e expressão de desejo furioso, começando a movimentar-se para frente e para trás, apertado, friccionando e deslizando, cada vez mais rápido, sua lubrificação ajudando nos movimentos. A ponta do seu pau aparecendo entre meus seios, avermelhada, sensível, super estimulada.

Eu estava ofegante, trêmula de tesão, pega no meu próprio atrevimento, enlouquecida com os movimentos. Teo segurou a lateral do meus cabelos, rugindo palavras desconexas, o olhar vidrado.

— Esses peitos assim... caralho, vou gozar sobre eles... — ele rosnou, a voz entrecortada como se o controle estivesse ruindo, então, substituiu minhas mãos pelas suas, e segurou ele próprio meus seios juntos, apertando-os, seu cabelo caído para frente, desordenado, uma ligeira camada de suor sobre os músculos, pupilas dilatadas, movimentos ainda mais frenéticos. Observar um homem, meu homem, em um estado de excitação descontrolada assim era muito mais estimulante do que eu pensava. Muito.

E quando levei a minha mãos entre minhas

pernas, e me toquei, estava absolutamente molhada, inchada, dolorida de desejo. Teo notou o que eu fazia, e se fosse possível, ficou mais louco. Então, eu dei uma forcinha, e enquanto circulava o meu clitóris inchado e molhado com os dedos, pressionando, me contorcendo um pouco, abaixei, a cabeça e passei a lambar e circular a língua pela ponta do seu pau, a cada vez que ela surgia ali entre meus seios.

— Ah! — Teo arfou pesado e fechou os olhos, a mandíbula contraída, continuando a fricção enlouquecida entre meus seios, e eu sabia que ele estava próximo, porque eu também estava, e intensifiquei os círculos dos meus dedos na minha boceta pulsante, lambendo-o, e não demorou para que eu sentisse os primeiros sinais do orgasmo se aproximando, meus dedos dos pés ainda naqueles saltos, se encolhendo, meus seios ficando mais sensíveis ainda...

— Vou gozar nesses peitos, Malu...

— Sim... — foi só o que consegui choramingar, gemer, implorar, antes que eu sentisse os meus músculos contraindo-se em um orgasmo poderoso, ao mesmo tempo em que Teo, os olhos muito abertos, rugia roucamente e jatos quentes e

PERIGOSAS NACIONAIS

rápidos de esperma se espalharam pelo meu pescoço e meu queixo. Ainda sentindo as contrações do meu gozo, abri os olhos e o encontrei ainda de pé, mas instável, buscando o fôlego, olhando para o seu esperma derramado sobre mim, escorrendo lentamente agora... Usei as mãos e espalhei-o sobre os meus seios, lentamente, e então, pus o meu dedo indicador na boca e provei.

— Mmmm...

— Meu Deus, você vai me matar mesmo...

— Teo disse, sua voz muito rouca, e vindo em direção à cama, ele me puxou e desabamos juntos.

— Não, querido. Tenho a intenção de te deixar muito vivo. Muito, e por muito tempo.

Ele riu, e afundou o rosto no meu cabelo.

— Você tem alguma ascendência espanhola, só por curiosidade?

— Não que eu saiba. Mas eu não precisava ter, realmente, não é? — dei de ombros. Nós sorrimos e nos aconchegamos mais para o meio da cama. E ficamos deitados, juntos, respirando forte, saciados, nos recuperando, porque aquele era só o início, eu sabia. E aquela noite, que já estava sendo emocionante e maravilhosa até ali, agora estava se encaminhando para ser simplesmente perfeita.

PERIGOSAS ACHERON



As próximas semanas passaram de forma intensa, e por intenso eu quero dizer contar as novidades, ou melhor, contar a novidade. A primeira coisa que fiz foi ligar para a minha mãe, e ao contar a ela, chorei tudo de novo, com a companhia dela no choro, é claro. Daquela vez, preferi não ir lá, e combinamos que ela viria passar um tempinho comigo o mais breve possível. Ela me disse que o meu pai perguntou como eu estava, se estava bem, e que estava me felicitando pelo pedido de casamento. Eu ouvi sua voz ao fundo dizendo essas coisas, e não soube bem o que pensar.

Alguns dias depois do pedido de casamento, Teo havia me contado todo o teor da conversa que tivera com o meu pai, inclusive que ele dissera que me amava. Aquilo não era algo que eu pudesse dizer que estava mudando a forma como eu o via, afinal, palavras bonitas, sozinhas, não eram suficientes quando você tinha uma vida inteira de grosseria e indiferença, mas eu pensei sobre o assunto, tentando, por mais difícil que fosse, entender aquele tipo de amor. Não consigo, ainda, e

nem sei se conseguiria no futuro, mas naquele dia eu disse a minha mãe para dizer a ele que eu estava muito bem e que mandava um abraço. Era o que eu podia fazer, por enquanto.

Outra coisa que Teo havia me contado, nos dias posteriores, me deixou um pouco mais inquieta, mas eu segurei a barra, afinal, como ele mesmo me confortou, nada daquilo fazia mais diferença no que havia acontecido, foi sobre a investigação que ele havia mandado fazer sobre Adriano. Eu entendi os seus motivos para fazer aquilo, claro, talvez, se soubesse na mesma hora, teria implicado com a mania controladora e de segurança dele, mas eu sabia que ele se sentiria mais seguro assim, e também estava pensando na minha própria segurança.

Eu nunca soube que tinha existido uma investigação sobre a morte do meu irmão, e nem mesmo a minha mãe sabia, se não teria me contado, o que só deixa claro que, como policial aposentado, o meu pai sabia e nunca nos contou. Pois é, não é e nunca seria fácil lidar ou entender ele. Adriano, também, nunca havia me dito nada sobre isso, que houve uma investigação, o que só provava que lealdade nunca iria fazer parte do pacote, se eu

tivesse cometido o erro de permanecer com ele. Mas se havia um ditado que eu acreditava agora, era que havia males que vinham para o bem...

Contar à Stella foi uma experiência de gritinhos, lágrimas e risadas, e a felicidade da minha amiga só me fazia desejar mais e mais que ela encontrasse o próprio caminho para a felicidade. Era bom saber que ela continuava seguindo no rumo certo para isso. Nós passamos e montar um esquema de almoços, alguns passeios e até comprinhas para o bebê, às vezes acompanhadas de Julia, quando eu não ia com Teo. O que não dava era para nós nos afastamos, porque eu havia saído do apartamento, e ela também estava de mudança para morar com o Carlos. Havia marcado uma outra reunião, em casa, com Iza e Diana, e esperava que Alice pudesse vir. Só então, eu contaria a elas.

Sim, eu tive que ir de mudança permanente para a casa de Teo. Correção, nossa casa, como ele frisava com aquela expressão irritada quando eu dizia que era a casa dele, mas eu simplesmente não havia me acostumado, ainda. Ele não abriu mão disso, e eu também não saberia mais não ficar com ele, eu iria mentir para quê? Então, no dia seguinte

ele entrou em contato com uma empresa de mudança e havia trazido as minhas poucas coisas para a nossa casa. A maioria dos móveis era se Stella mesmo, que ela já tinha quando eu fui morar com ela, então, não foi grande coisa.

Eu continuei na academia, para desespero de Teo, em um ritmo de aulas muito menor e com apenas algumas danças específicas. Na clínica e no hospital, eu estava desenvolvendo um trabalho pelo qual estava cada dia mais apaixonada, e meus horários de trabalho agora estavam distribuídos mais pela manhã e apenas dois dias à tarde, o que me deixava com tempo livre para fazer o que Teo havia me pedido e eu não via dificuldades nenhuma em fazer: ir pensando em modificações e escolhendo móveis para o quarto de hóspedes ao lado do nosso, que seria o quarto do bebê.

Quanto a essa questão, bom, a minha barriga finalmente parecia estar mais "arredondada", quando eu olhava no espelho, nua, o que eu fazia muito, já que eu estava entrando na oitava semana, mas ainda não era muito perceptível, mesmo que meus jeans definitivamente não entravam mais como antes.

Impaciente como ele só, Teo queria saber

logo o sexo do bebê.

— Mas meu amor, o que custa esperar um pouco mais e saber como quase todo sabe? — eu sorri para ele, que estava todo suado correndo na esteira, usando apenas um calção preto. Eu me alongava no tatame para Pilates que ele tinha posto perto dos seus equipamentos.

— Quando nascer?!

— Não, seu bobo. Daqui a mais 8 semanas, mais ou menos.

— O quê? Por quê?! Malu, eu estou quase ficando louco. Por que esperar se podemos saber agora? O Dr. Paulo não nos falou desse método... Sexagem fetal, em que poderíamos saber logo? Por que esperar? A não ser que você não esteja com a mínima curiosidade. — ele resmungou, usando uma toalhinha para enxugar o suor que descia pelo seu peito. Fiquei admirando a vista, absorta no corpo dele, esticando o meu braço acima da cabeça.

— Não está?

— O quê?

— Curiosa, Malu! Você está ouvindo o que eu estou dizendo? — ele rosnou, aumentando o ritmo da esteira. Escondi meu sorriso, às vezes eu gostava muito de provocá-lo, principalmente

PERIGOSAS NACIONAIS

quando ele ficava assim para saber logo o sexo do bebê. Eu mudei para o braço esquerdo, calmamente.

— Na verdade, não. — menti. — Estou tranquila quanto a isso.

Ele resmungou um monte de coisa, e eu ri, porque entre elas estava: "Porque não é você que tem que lidar com três mulheres, se for uma menina. Preciso me preparar psicologicamente antes". Ia ser interessante ver aquilo, pensei, mudando de posição, enquanto ele desligava sua esteira e vinha em minha direção, enxugando-se.

— Sério mesmo que você não quer saber?

Eu olhei para ele, sem camisa, o cabelo úmido, o corpo coberto por uma camada de transpiração, mais gostoso do que tinha o direito de ser, e aquele olharzinho que ele às vezes fazia que me derretia. Às vezes. Não sempre. Suspirei.

— Estou brincando, claro que estou curiosa. Não tanto quanto você, nota-se, mas podemos fazer o teste para saber logo. — disse, fechando os olhos e esticando as minhas pernas. Teo veio e me agarrou, me abraçando, todo suado daquele jeito, me fazendo soltar um gritinho e bater no seu peito, rindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Teo!

— Você quer mesmo? Podemos saber logo?

— ele disse, animado, dando beijinhos no meu rosto e pescoço.

— Claro que sim. Por que não? Melhor ainda, eu posso logo ir providenciando as coisas para o quarto. E as roupinhas certas.

— Ótimo. Vamos falar com o seu médico. Você terminou? Vamos tomar um banho?

— Não terminei...

— Mas que tal um banho mesmo assim? — ele piscou, e eu revirei os olhos, indo com ele. Estávamos entrando no quarto quando o meu telefone celular sobre a cama tocou, e eu fui atender. Era o número do Colégio Alpha, a escola de Julia. Eles tinham, no mês anterior, me chamado novamente para trabalhar com um espetáculo de uma turma de primeiro ano, e apesar de ainda precisa fechar algumas coisas com eles, e informar da minha condição, claro, eu atendi, animada.

— Alô, é a senhora Maria Luiza Martins?

— a voz da mulher soou do outro lado, em um tom meio desdenhoso, e eu estranhei. Ou era frieza?

— Sim, é ela.

— É do Colégio Alpha, tudo bem? Eu sou a

PERIGOSAS ACHERON

diretora, a Sra. Ávila. Nos conhecemos quando você trabalhou conosco em uma ocasião anterior. — ela disse, muito rígida. Eu lembrava dela, uma mulher baixinha e com um sorriso largo, tinha sido muito atenciosa e receptiva comigo. Franzi as sobrancelhas, e desfiz o meu coque na cabeça, enquanto Teo me observava, perto da porta do banheiro.

— Sim, Sra. Ávila, lembro de você, tudo bem?

— Tudo, obrigada. Eu estou ligando para informar a você que nós... repensamos sobre o musical que faríamos aqui e, nesse caso, seus serviços não são mais necessários. — ela disse, e o "necessários" sou nitidamente como "não são bem-vindos". Surpresa, olhei para Teo sem entender, e ele veio se aproximando de mim.

— Ah, eu lamento saber. Pensei que vocês tinham sido claros que precisariam novamente...

— Mas não precisaremos mais, senhorita. Como não assinamos nada ainda então, considere-se avisada. Bom dia para você.

Eu cerrei os meus dentes, soltando o ar dos pulmões.

— Tudo bem, agradeço a sua consideração

em ligar. Tenha um bom dia também. — eu disse, e desliguei, irritada. Não que eu estivesse tão preocupada assim do ponto de vista financeiro com a perda daquele trabalho, o dinheiro do meu carro vendido era suficiente para pagar a minha pós, que eu ainda faria, com certeza. Eu tinha começado o trabalho no hospital e sabia que poderia, se precisasse, contar com Teo. Ele já havia me dito aquilo, nós morávamos juntos, íamos ter um filho e nos casar, porque diabos eu não aceitaria que ele me ajudasse a pagar um Curso, se eu precisasse?

— O que foi? — ele quis saber, sério.

— Você lembra do trabalho na escola de Julia? Eles já tinham me dito que iam me chamar novamente, e agora... Não sei. A diretora pareceu tão, estranha, sei lá, como se quisesse apenas se livrar de mim.

Teo franziu as sobrancelhas, em silêncio, me olhando.

— Não é estranho? — eu repeti, tirando a minha blusa. — Eu, hein. Ela foi tão legal da primeira vez, comigo, e agora, toda essa frieza. Vai entender.

— Você queria mesmo esse trabalho? — Teo estava nitidamente tenso, a mandíbula travada,

e eu olhei para ele, curiosa.

— Bom, eu queria, mas agora com o hospital...

— O certo é que você sabe que se realmente quisesse, não precisaria. Eu admiro e apoio isso, mas você sabe, não sabe?

— Sim. Eu sei disso, mas gosto de trabalhar, e nós já falamos sobre isso.

— Ok, e eu concordo. Mas você quer esse trabalho?

— Não, foda-se. Não sei o que diabos ela viu, só estou chateada, mas deixa para lá.

— O que estou dizendo é: a Sra. Ávila, que eu conheço bem, acha que você estará em maus lençóis por causa disso, se retirar a oferta de trabalho. Acontece que eu conheço outra pessoa que é muito amiga da Sra. Ávila que pode achar que estaria te prejudicando com isso. — ele disse, entredentes, indo buscar o seu próprio celular no aparador.

Eu fiquei olhando para ele, quando ele fez a chamada.

— Amanda, saberia me dizer por que de repente Martina Ávila acha que minha noiva não poderia trabalhar na escola de Julia, onde você é

PERIGOSAS NACIONAIS

presidente do conselho de pais? — ele disse, sentando na cama, e cruzando os braços.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 49



*Você é assim
Um sonho para mim
Quero te encher de beijos
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito
Velha Infância
Tribalistas*

Teo

— O quê? Eu nem sei do que você está falando, Teodoro. — Amanda disse, como se estivesse muito surpresa com a minha ligação. Mas ela não me enganava. Não mais.

— Não? Então, você não tem nada a ver com o fato de que, até o mês passado, o Colégio Alpha ter manifestado o interesse em contratar Malu, e agora, do nada, Martina liga e diz o contrário? — eu perguntei, cruzando meus braços e indo na direção da varanda. Malu me seguiu, com uma expressão de quem não estava acreditando naquilo, e sentou em uma das cadeiras perto de mim.

— Querido, por que eu teria algo a ver com isso? E você... o que você disse? Você está noivo, Teo? Você vai casar com essa mulher? — ela sussurrou.

Eu massageei minha têmpora, olhando para fora, adiante, e soltei um suspiro cansado, bem ciente de Malu a alguns passos de mim. Não pensava, que um dia, precisaria ter esse tipo de conversa com Amanda depois que nos separamos. Na verdade, sempre achei tão bom, tão

conveniente, o fato de eu não ter que entrar em conflito com ela, quase nunca, de não precisar tocar em questões que eu preferia não lembrar, aspectos da minha vida com ela eu preferia ignorar porque não me diziam mais respeito ou não afetavam mais a minha filha e a mim, diretamente.

Mas parece que bem ali estava desenhada a situação que me dizia o contrário: que ainda existia algo que eu precisava, se não resolver, mas pelo menos esclarecer, deixar os pingos nos *is* com ela. Eu preferia não ter que fazer isso? Sim. Mas ela estava desdenhando da minha boa vontade. E, às vezes, era preciso entrar em conflito.

— *Essa mulher*, é a mulher que eu amo, a mulher com quem vou me casar, Amanda. O mais rápido possível, na verdade, e eu gostaria, de no futuro, não ter que ouvir você se referir a ela nesse tom.

— O que está acontecendo com você? — Amanda continuou.

— O que está acontecendo comigo é que eu estou tentando ser feliz, buscando a minha felicidade, e você, mais que ninguém, sabe que eu preciso disso.

Ela não disse nada por alguns segundos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu pensei que fosse algo passageiro. — ela confidenciou, então. — Você parecia muito feliz, satisfeito em apenas... Não pensei que pudesse ser sério.

— Feliz? Feliz, Amanda? Definitivamente você não sabe o que é felicidade. E eu lamento muito porque, pelo jeito, nunca te fiz feliz. Mesmo que no início eu tenha tentado.

— Nós tínhamos um bom casamento, Teodoro. Você resolveu se desfazer dele.

— Esse nosso "bom casamento" terminou muito rápido, se é que ele existiu um dia. Terminou no dia em que você teve que dividir a atenção que você tinha com outra pessoa. Uma criança, você esqueceu disso?

— Eu não quero falar sobre isso. — ela determinou — Não vem caso.

— Isso é todo o caso.

— Eu mudei... — ela murmurou.

— Isso não me interessa mais.

— Mudei com Julia — ela insistiu.

Eu ouvi, voltei-me e sentei, apoiando meus braços sobre as coxas. Ela ia querer dessa forma, então? Que fosse.

— Amanda. Eu pensei durante muito tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que você fosse digna de pena, uma menina mimada, quebradiça, sempre fazendo questão de ser o mais indefesa possível, que não poderia resolver a própria vida ou que não tinha, sei lá, maturidade para encarar uma gravidez e depois o nascimento da própria filha. Era isso que eu achava. Foi com isso que eu me acostumei.

— O que isso tem a ver com...?

— Mas, então, com os anos, eu passei a te conhecer melhor. — eu continuei, como se ela não tivesse me interrompido. — E fiquei com mais pena ainda, sabe por quê? Porque você não existe, Amanda. Você é uma cópia, um brinquedo, um fantoche da sua própria mãe. E nunca tentou mudar isso. E não era uma mulher, porra, você nunca foi, e eu devia ter percebido isso antes. — eu murmurei, cansado, porque realmente era doloroso admitir aquilo. — Isso destruiu nosso casamento. E pior, isso fez com que você fizesse algo que nunca, nunca deveria ter feito: ser mãe. Porque você não queria isso.

Ela ficou em silêncio por um momento. E eu também. Olhei para Malu ao meu lado, e ela passou a mão na minha costa, em um gesto de conforto.

PERIGOSAS ACHERON

— Você prometeu. Me disse que nunca mais tocaria nesse assunto... — ela disse, com a voz dolorida, baixa.

— Eu prometi, sim, mas quem está quebrando as regras aqui é você. Eu tirei a minha filha de você para protegê-la, e só aceitei que você continuasse a vê-la quando o Dr. Iamazuki garantiu que você estava pronta para lidar com ela.

— Eu fiz isso, você sabe, Teodoro. — sua voz soou com mais veemência agora. — Eu busquei ajuda em relação a Julia, nós ficamos melhor. Eu passei a... me entender melhor em relação a ela.

— Passou o *caralho*! — eu disse entredentes — Você faz o mínimo, e quando está perto da sua mãe, então, não sabe ser a adulta que deveria ser e age como se ainda fosse uma menininha idiota buscando a sua aprovação. E fica agindo para chamar a minha atenção, como está fazendo agora. Não vai funcionar. Não mais.

Assim que disse, apertei o espaço entre meus olhos, buscando controle. Mas eu também não poderia mais lidar com Amanda como se ela fosse uma boneca, um bibelô, não se ela achasse que poderia foder com a vida de Malu. Deus sabia

que ela já havia fodido a minha e da Julia o suficiente. Lancei um olhar para Malu, que continuava sentada abraçando as pernas, olhando para baixo, agora. Mas eu teria aquela conversa na frente dela, sim. E se fosse pessoalmente, também seria em sua presença, foda-se.

— Não é justo, você trazer esse assunto para essa discussão. — Amanda disse — E você sabe que eu tenho feito tudo, sim, para ser uma mãe melhor!

— Está? Isso só a Julia pode dizer, mas a julgar pela forma que ela chega quando tem que encontrar com você, principalmente quando está com sua mãe, está me dizendo o contrário. Mas a questão não é essa, a questão é que você está, como sempre fez, se valendo da minha parcimônia, da minha indiferença com as coisas que você faz, para continuar interferindo na minha vida de algum modo. Eu sou culpado disso? Também sou, sempre permiti isso, eu admito. Mas isso acaba aqui.

— Eu não te reconheço mais. O homem com o qual eu me casei não falaria comigo assim... — ela sussurrou, em uma vozinha triste que eu reconheci como aquela que ela usava quando eu chegava em casa, para me dizer que as reclamações

de Julia eram "coisas de criança", que ela estava apenas tentando ser uma boa mãe, mas que Julia era uma menina muito indisciplinada. Eu tremia de pensar em como me deixei ser manipulado várias vezes naquelas situações.

— Sempre tive uma paciência enorme com você, por Julia, por tudo. Mesmo quando outros pais poderiam ter afastado seus filhos de uma pessoa como você sem dó nem piedade, eu tentei acertar as coisas. E continuei fazendo isso, mesmo ao me separar de você. — Respirei fundo. Odiava aquele papo por telefone, mas não iria demorar nem um segundo mais para dizer o que eu tinha que dizer a ela — Mas não posso mais fazer isso. Melhor: não quero. E vou precisar te tratar da forma você merece, da forma que você está pedindo para ser tratada, a partir de hoje.

Outra vez ela demorou-se em um silêncio cheio de significados. Quando falou outra vez, parecia mais uma pessoa de verdade, e não aquela personagem da mocinha indefesa e vulnerável que gostava de representar para mim, agora eu percebia.

— Alguma vez você me amou, Teo? Como parece amar essa moça, agora?

Eu novamente olhei para Malu, e por algum

motivo, nesse momento, ela levantou a cabeça e também me olhou nos olhos. Eu sabia a resposta para aquilo, sem precisar pensar muito. Eu só não sabia se ela teria maturidade suficiente para entender, mas quer saber, Amanda não era mais um problema meu. Eu tinha que entender aquilo de uma vez por todas. Quebrar aquele tipo de vínculo se isso significasse paz no meu novo relacionamento.

— Não. Do jeito que eu a amo, não. Impossível. — eu disse, calma e convictamente, nossos olhos ainda conectados. — O homem que eu fui aos 21 anos, e que foi casado com você por todo o tempo depois, não é o que eu sou hoje. O que eu senti por você, foi real, eu vivi aquilo, e olhando para atrás, hoje, eu vejo que não existe um único tipo de amor. Porque o que eu sinto hoje é poderoso demais, me completa da forma que o homem que eu sou hoje precisa. Os nossos sentimentos também amadurecem conosco, se permitirmos, eu acho, e o que sinto hoje por Malu é algo completamente diferente do que eu já senti por você.

— Nossa, eu não esperava por essa. Mas eu perguntei, não foi? — ela deu uma risadinha sem humor — Então, nem vou perguntar se esse amor é

mais forte e verdadeiro do que o que você *talvez* sentiu por mim.

Eu fiquei calado, aguardando.

— E então? — ela disse.

— Você está perguntando?

— Você diria, se eu perguntasse?

— Sim, eu diria.

Suspiro do outro lado.

— Não vou perguntar, então.

— Olha, Amanda, o certo é que eu não liguei para falar sobre sentimentos. Eu liguei para te dizer que eu preferia não ter que entrar em confronto com você, mas escute bem, porque não irei repetir: vou entrar, se tiver que fazer isso.

Ela ouviu calada, e eu fui em frente:

— E não pense que dessa vez você vai poder usar a carta que eu sempre apresentei, admito, de que eu te poupava por conta de Julia. Minha filha é praticamente uma adulta, agora. — eu levantei, e caminhei até o limite da varanda, meu olhar vagando pela imensidão verde que havia mais ao longe. — Às vezes é doloroso admitir, mas ela não é mais uma criança, e não vou mais usar isso para evitar lidar devidamente com você, como eu vinha fazendo. *Fui claro?*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está me ameaçando, Teodoro? Anos de uma vida em comum para...

— Acabou. Há muito tempo! Acabou enquanto ainda acordávamos juntos, pelo amor de Deus! — perdi a paciência, puto. — Acabou quando eu vi que você não podia amar a nossa filha como achava que me amava! — passei as mãos no meu cabelo, exasperado agora. — Te poupei, fui paciente, fui condescendente, essa que é a verdade, e agora você acha que pode vir e interferir na *porra* da minha vida?

— Não estou fazendo isso. — ela choramingou. — Eu só não quero que você e a minha filha se afastem de mim...

— Você afastou sua filha assim que ela nasceu! — rosnei. — E me afastou para mais longe ainda quando se afastou ela. E é por minha causa que ainda existe o pouco contato entre vocês. Não diga merda agora.

— Eu sei disso. Eu sei. — ela admitiu, e eu respirei fundo mais uma vez.

— Amanda, você de alguma forma disse algo a diretora da escola para que ela voltasse atrás ao contratar Malu. Eu tenho duas coisas para te dizer, quanto a isso. — voltei a sentar onde eu

PERIGOSAS ACHERON

estava antes, cansado de falar com ela, como sempre acontecia. — A primeira é que Malu pode muito bem passar sem isso, obrigado, então... não é como se fosse grande coisa o que você acha que fez. Só serviu para me irritar. A segunda, é que eu não vou tolerar mais nada nem remotamente parecido com isso, vindo de você ou de qualquer pessoa, sua mãe inclusa.

— Não fiz nada, eu já disse... — ela reafirmou, com muito menos convicção do que antes. Amanda sabia que eu não estava brincando. Tinha visto antes que eu poderia ser implacável quando eu queria. — Ok, tudo bem, talvez eu tenha conversado com ela sobre essa... sobre essa moça, mas não posso ser responsabilizada pelas decisões que ela resolveu tomar.

Eu ouvi aquilo, finalmente me dando conta de que aquela era Amanda. Ela era mesmo assim.

— Se você voltar a se colocar em qualquer lugar próximo de Malu, ou interferir da menor forma possível em qualquer aspecto da nossa vida, você vai se arrepender disso. Amargamente. Não vou ter escrúpulos em abrir mão da minha promessa. Mas, principalmente, terei o maior prazer em lidar com você de acordo com as regras

do seu jogo. Eu fui bem claro?

Ela ficou em silêncio, depois disse, quase em um fio de voz:

— Como cristal.

— Nunca esqueça disso.

Eu então desliguei. Respirei fundo e olhei para Malu, ela veio e se sentou entre as minhas pernas, se aconchegando no meu peito, em silêncio, não perguntando nada. Mas eu diria a ela.

— Amanda era muito mais do que uma mãe problemática. No início, nós pensamos que ela era o que se poderia chamar de progenitora tóxica, que teria que fazer um tratamento mais sério e tudo, mas só depois de muito tempo eu fui entender que ela oficialmente não foi diagnosticada, apesar das atitudes serem basicamente as mesmas. Ela só era assim. — eu disse, passando os dedos pelos cabelos de Malu. — Quando me separei, deixei claro que ela não ficaria com a Julia, claro que Augusto e Gisele disseram que poderiam apoiá-la, que poderiam entrar na justiça para ter a guarda dela, dinheiro não faltava a eles para isso, e ela era a mãe. Amanda, no entanto, queria apenas visitar Julia, não queria ter a responsabilidade de ficar com ela integralmente, então, eu a fiz prometer que

procuraria ajuda especializada para lidar com aquilo, e só depois ela poderia se aproximar da nossa filha novamente. Em troca, eu nunca diria aos pais dela que ela não quis ficar com a filha, que nunca quis. Augusto é louco pela Julia, Amanda não gostaria que ele soubesse desses aspectos da nossa vida: o que ela fazia com a filha, os motivos da nossa separação... O certo é que ela se dispôs a fazer p que eu solicitei, Julia já era maior e as coisas estavam indo relativamente bem, pelo menos eu achava.

— Lamento tanto pela Julia... — Malu sussurrou, com a voz abafada.

— É foda mesmo... e Amanda não suporta nem tocar no assunto, até porque seu pai, principalmente, não sabe de nada disso. E desconfio que Gisele também não. E a verdade é que a Julia já tem idade suficiente para decidir se quer manter esse acordo, ou quando quer, *e se quer*, ver a mãe. Não vou mais opinar.

— Meu Deus, Teo, que coisa... Eu sei que tem mães que não são muito boas, ou que são rígidas demais, mas, não achei que o caso da sua ex fosse algo tão sério assim.

— Isso é mais comum do que você pensa,

mães que realmente odeiam os filhos, que se ressentem, que são realmente pessoas nocivas na vida dos filhos, e costuma acontecer muito mais entre mãe e filha. Enfim, mesmo que ela não fosse um caso diagnosticado, entendeu que ela era problemática, e se dispôs a tentar melhorar. Mas os seus pais não sabem, só acham que eu fiquei com a Julia porque ela é uma mãe maravilhosa e abnegada que quis o melhor para a filha ao ficar com o pai, não que ela não se vê no papel de mãe, que rejeitava isso, que sua filha sempre foi um obstáculo, uma rival, um incômodo em sua vida.

Que coisa louca era aquilo, puta que pariu.

— Então, foi ela que falou algo para a diretora. — Malu voltou a falar, depois do novo silêncio.

— Com certeza. São amigas. Mas te garanto que ela não vai mais nos incomodar. Aparência significa muito para Amanda, e ela sabe que eu posso fazer a sua ruir, ainda que seja algo que eu detestaria fazer. Mas faria, se ela ousar interferir na sua vida ou na minha mais uma vez.

— Ela perguntou se você me ama como já a amou, um dia? Foi isso? — Malu quis saber.

— Não. Ela perguntou se eu já a amei um

dia, como eu te amo hoje.

Ficamos em um silêncio pensativo, ambos olhando para fora, absortos em pensamentos. Então, eu acariciei o lóbulo da orelha de Malu.

— Você já pensou em quando quer casar, que tipo de cerimônia de casamento você quer? — eu perguntei, depois de um tempo.

— Não, de verdade, mas acho que gostaria de casar antes que o nosso filho nascesse. — ela disse, com divertimento na voz.

— Que tal em um mês no máximo dois? É pouco tempo para organizar as coisas? — beijei seu cabelo, sorrindo.

— Conosco é sempre tudo em pouco tempo, Teo. Vai funcionar, e vou ter ajuda, com certeza.

— Tia Abigail ficaria em êxtase em te ajudar.

— Eu sei, o problema é como fazer algo simples com ela no meio, não é? — nós rimos.

— É isso que você quer? Algo simples?

— Sim. Algo em que apenas as pessoas que realmente estarão felizes por nós dois estejam por perto. Nada grandioso. Gosto mais da ideia de me cercar de amor e alegria do que de uma festa grandiosa, entende?

Eu sorri, claro que entendia. Entendia e concordava perfeitamente.



No dia seguinte, Martina Ávila ligou diretamente para mim pedindo desculpas pelo mal-entendido, e que se Malu ainda quisesse, poderia sim passar na escola e resolver os detalhes da sua contratação, que havia sido apenas isso, um mal-entendido, e que ela não sabia que a srta. Martins era minha noiva. Estava disposta a dizer mais do que Amanda realmente disse a ela, mas eu disse que não queria saber, e sugeri a ela que ligasse para a própria Malu, se quisesse resolver qualquer coisa, e não para mim. Não tinha paciência para a hipocrisia de uma pessoa que estava disposta a ouvir merda sobre outra e tomar decisões precipitadas baseadas nisso, sendo que ela inclusive já conhecia o trabalho de Malu. Foda-se.

Ela ligou, é claro, pediu desculpas, Malu aceitou, mas disse que não estava mais interessada no trabalho. De qualquer forma, Marisa entrou em contato, dias depois para dizer a Malu que a sua amiga do centro de terapia de dança para crianças com Down tinha ficado interessada quando ela

PERIGOSAS ACHERON

falara sobre a conversa que tiveram, e que poderia marcar para que elas se conhecessem depois. Malu havia ficado bastante animada com a ideia.

Eu estava mais animado, no entanto, era com a nova visita que faríamos ao consultório do Dr. Paulo, para Malu colher sangue para o exame de sexagem fetal que ela realmente já poderia fazer. Enquanto Malu ajustava o sutiã, agora, de frente para o espelho, eu me aproximei por trás e pus ambas as mãos em sua barriguinha, que decididamente já mostrava que o nosso bebê estava ali. Pelo menos eu notava isso, não queria nem saber se outros não percebiam. Acariciei-a, ternamente, e pus o queixo em seu ombro, nossos olhos encontrando-se no espelho.

— Você está nas nuvens com isso, não é?
— Malu me disse, cobrindo minhas mãos com as suas e recostando a cabeça no meu peito. — Poder saber logo o sexo do bebê?

— Pode apostar nisso.

— E nomes, você tem pensado nisso? Porque eu tenho. — ela disse, com um olhar meigo para mim.

— Prefiro esperar o resultado do teste, sou prático, você sabe. Mas o que você tem pensado?

PERIGOSAS NACIONAIS

— beije seu pescoço, estreitando-a mais em meus braços.

— Sempre imaginei um nome de origem africana, se tivesse uma filha... o que você acha?

— Seria perfeito. E se for um filho?

— Também, mas que tal você pensar em nomes para meninos e eu em nome para meninas?

— Ok, mas não sei por que, isso está me parecendo aquelas situações em que você pede a alguém para fazer um trabalho só para essa pessoa se distrair, mas que não vai servir para nada, sabe?

— eu franzi o cenho. — Tenho essa sensação agora.

Malu deu uma gargalhada.

— Deixa de ser besta, Teo. Como eu poderia saber se é menino ou menina?

— Tá ok. — eu murmurei, e ela deu de ombros, sorrindo.

— Vamos aguardar, não é?

— Sim. Se for um menino, posso ficar mais relaxado, vou ter um parceiro para zelar pela mamãe e pela irmã mais velha. E se for uma menina, ainda mais for parecida com você, bom... preciso estar preparado, exames cardíacos em dia, essas coisas. E entrar para aulas de tiro também

PERIGOSAS ACHERON

pode ser uma ideia legal, no fim das contas.

— Meu Deus, como você é exagerado. — Ela rolou os olhos, com desdém, mas sorriu.

— Tem torcida e tudo, você sabe, não é?

— Não, não sei. Me conta.

Eu e os caras havíamos feito uma pequena reunião aqui em casa, há duas semanas atrás, para comemorar que eu seria pai novamente, enquanto Malu e as outras mulheres estavam no quarto do bebê. Claro que eles aproveitaram para informar-me suas respectivas opiniões de merda sobre o assunto do sexo do meu bebê e sobre o meu pedido de casamento.

— Ricardo e Marcos querem que seja uma menina, esses fodidos, para poderem curtir com a minha cara. Diego também quer que seja uma menina, aquele escroto. — eu resmunguei. — Max e eu estamos sozinhos no time do menino, pelo menos eu posso contar com ele.

— Hum... eu acho que não pode não, meu amor... — Malu disse, saindo do meu abraço, dando-me um tapinha no ombro e indo pegar um vestido azul que estava sobre a cama. Aproveitei para observar sua bunda gostosa naquela calcinha branca, quando ela curvou-se. Força do hábito.

— Como assim não? — voltei o foco para a conversa em questão, balançando a cabeça.

— Bem, a Marisa me disse que eles apostaram novamente sobre isso. Ela, no menino, e ele na menina.

— Ah filho de uma puta traidor do caralho, bem que eu desconfiei daquela cara dele. — murmurei, cruzando os braços, e ela riu alto.

— Mas você não está sozinho nessa, meu amor, acredite. Abigail, Alice, Iza, Marisa, como eu já disse, Stella e mamãe estão no time do menino, assim como você. — ela ergueu as sobrancelhas. — Só Diana foi do contra e quer uma menina também.

— É? E por quê?

— Porque ela disse que João iria adorar uma menininha para brincar e fazer companhia a ele. Inclusive quando ele crescer.

— Só se for para eu cortar fora o...

— Teo, seu louco!

Eu ri, e fui buscar a minha camisa. Era melhor nos apressarmos ou perderíamos o horário da consulta, e eu não queria aquilo.



Quando chegamos ao consultório,
PERIGOSAS ACHERON

felizmente no horário, a mesma atendente nos deu um sorriso simpático pediu para aguardarmos apenas um minuto, depois que Malu preencheu alguns papéis. Nós já havíamos ouvido tudo (e lido tudo, no meu caso, também) sobre o exame, além do que o médico havia explicado, e agora Malu iria finalmente colher uma amostra para testagem.

Logo, nos foi solicitado que entrássemos, e o Dr. Paulo estava nos aguardando.

— Olá, tudo bem? Maria Luiza, Teo, bom dia para vocês. — ele levantou e nos estendeu a mão, como sempre simpático. Simpático demais, na minha opinião, mas tudo bem. Eu estava agora um pouco mais acostumado com ele. Descobri que aquilo com os óculos poderia ser um tique, e não que ele estivesse jogando charme, afinal. Mas descobri algo mais interessante ainda, como quem não quer nada, no dia da conversa sobre o teste do sexo do bebê: ele era casado e tinha não uma, mas três filhas pequenas. É, eu passei a ter alguma complacência com o cara, e se não serviu para me deixar totalmente relaxado, mas pelo menos eu não ficava mais encarando-o como se estivesse ameaçando-o de morte, como Malu dizia, o que era um completo exagero, obviamente, eu nunca fiz

isso.

— Então, vamos colher o sangue hoje, não é? Vocês já sabem todo o procedimento, mas há algo que queiram perguntar antes?

— Bem, sim. Só me deixe ver se entendi tudo corretamente. — Malu disse. — Esse exame vai poder verificar o DNA do feto na minha corrente sanguínea, é isso?

— Exatamente. A mulher, como vocês sabem, tem dois cromossomos X, e o homem, um cromossomo X e outro Y. É muito simples, na verdade. Como o DNA do feto já está no seu plasma, podemos saber agora com quase 100% de certeza, se será menino ou menina. Se o resultado der que existe a presença do cromossomo Y no seu sangue, um menino. A ausência dele, por exemplo, uma menina.

Malu me olhou e nós sorrimos um para o outro.

— E como você nunca recebeu transfusão de sangue, nem foi transplantada, estou seguro de que é tudo uma questão de dias até que vocês finalmente saibam de que cor pintar o quarto do bebê — ele brincou.

— Dias?! — eu me curvei mais para frente

na cadeira.

O Dr. Paulo me encarou.

— Sim, o prazo do laboratório, é de 48 a 72 horas, mas talvez saia muito antes. Existem laboratórios em que o resultado sai em 5 dias, até 10 dias na verdade.

— Existe algum tipo de taxa para adiantar...

— eu comecei, e Malu olhou-me de lado com o cenho franzido.

— Está ótimo, Dr. Paulo, ninguém aqui está com tanta pressa assim, não é mesmo, Teo? — ela disse, com candura, sorrindo para mim e depois para o médico. Eu resmunguei um "claro".

— Muito bem, então. Vamos aos procedimentos. — ele disse, escrevendo algo, animado — Mas tenho uma notícia ótima, Teo. Vocês não precisam vir aqui, podem acessar o resultado de casa, pela internet, assim que estiver pronto, até antes desse prazo, como eu disse. No laboratório eles explicarão isso melhor para vocês.

— Perfeito — eu murmurei, gostando um pouquinho mais dele agora.

— Nós temos um exame marcado para daqui a 2 semanas, Maria Luiza, correto? — Dr. Paulo disse, com um sorriso largo. — Nele, iremos

ver como esse garoto ou garotinha está, e vocês podem ouvir o coraçãozinho bater.

Meu Deus, eu quase amava o homem agora, pensei, sorrindo de volta para ele. Iria estar aqui nesse dia com Malu e nada, nem trabalho, nenhuma reunião, absolutamente nada nem ninguém me faria perder aquilo.

— Sim, estamos super ansiosos para isso, doutor. — Malu me olhou, o sorriso refletindo o meu.

— Nos vemos, então. Até lá. Ah, e parabéns antecipadamente, quando vierem novamente, já saberão o sexo do bebê.

Nós nos levantamos e estendemos as mãos a ele, em gestos de despedida, para ir ao laboratório. Então, não sei exatamente porque antes de sair, eu me virei para ele perto da porta.

— Se você tivesse que apostar, no que apostaria?

Ele ajeitou os óculos, sorrindo de lado.

— Bom, não tenho a menor condição de...

— Não estou falando como médico, só dê um palpite. — dei de ombros, pondo minhas mãos nos meus bolsos. Ele me olhou e sorriu mais, balançando a cabeça como se eu fosse louco,

batendo sua caneta sobre o seu bloco de receitas.

— Eu acho que você se sairia bem com uma menina. Eu tenho três, então... é a melhor coisa do mundo, acredite. Aposto em uma menina para você, Sr. Stein.

Eu fiz um aceno e sorri para ele, seguindo uma Malu incrédula e sorridente para fora do consultório, em direção ao laboratório.



Capítulo 50



*Quem inventou o amor?
Me explica, por favor
Quem inventou o amor?
Me explica, por favor
Antes das Seis
Legião Urbana*

Julia

O Arthur me ligou para confirmar o nosso encontro naquela mesma noite que nos encontramos na livraria. Eu tinha chegado em casa irritada com a atitude da minha avó e da minha mãe, por mais que a perspectiva de um encontro com Arthur tivesse tido a sua cota para não me deixar cair inteiramente em um dia totalmente desagradável. Então, fui ouvir música, e depois fui ler.

Eu estava então resolvendo umas atividades da escola que deveria ter feito antes, mas na verdade fiquei lendo, sempre dizendo que era só mais um pouquinho e, que dava tempo e só mais um pouco e... quando vi, já era tarde e se eu não começasse a resolver aqueles exercícios de matemática naquele instante. Infelizmente eles não iriam se resolver sozinhos.

Então, quando senti o meu celular vibrar ao meu lado na mesinha de estudos, eu dei uma espiada e vi que foi apenas um toque de um número desconhecido. Quem poderia estar... Meu Deus! Com o coração dando um solavanco, peguei o celular rapidamente e destravei. Eu tinha novas

mensagens do *WhatsApp*, e eram de Arthur. Sorrindo, animada e surpresa, abri as mensagens, mordendo a ponta do meu lápis.

Arthur tinha perguntado se estava tudo bem, e que como tinha prometido, havia obtido o meu número com Patrícia. Queira saber se estava bem se nos encontrássemos no dia seguinte. E isso tinha sido há umas três horas atrás. Bem, parece que eu realmente fiquei distraída na leitura, não é? Mas nem pensei que ele fosse falar comigo no mesmo dia.

Respirei fundo e respondi que estava tudo bem, sim, que no dia seguinte seria ótimo e perguntei o que ele tinha em mente. Na mesma hora ele começou a responder, e eu senti aquelas borboletas que eu sempre ouvia falar, fazerem uma pequena algazarra na minha barriga. Por fim, nós acabamos combinando de nos encontrarmos na noite seguinte em uma lanchonete que eu gostava, que era uma mistura de espaço nerd com local para comer, conversar, e havia umas mesas legais na parte lateral se quiséssemos mais privacidade.

Eu sabia que a logística seria louca para aquele encontro acontecer. Como eu diria ao meu pai que eu ia sair para um encontro? Quer dizer,

não fazia sentido algum você dizer essas coisas ao seu pai, se era algo que estava acontecendo agora, só iniciando, eu nem sabia o que iria sair dali, e eu tive a maior sorte do mundo que não precisei dizer, e para isso, de certo modo, contei com a ajuda de Malu, ainda que ela não estivesse plenamente ciente disso.

Naquele exato dia, ela tinha vindo para dormir na nossa casa, e assim que ela chegou da academia — eu já estava em casa com a ansiedade a mil, pensando no que dizer e como sair — meu pai e ela foram para o quarto dele e, bem... não saíram mais de lá, e eu só imaginava no que eles poderiam estar tão ocupados assim. Então, me arrumei e às 19 horas estava praticamente pronta. Agora, só faltava dizer ao meu pai que eu ia sair para ver um filme e lanchar. E como ele parecia indisponível, pensei, sorrindo, eu liguei para o seu celular: isso mesmo. Liguei do meu quarto e disse que ia sair. Ele fez mil perguntas, perguntou como iria voltar, claro que disse que o Campos me pegaria, ou ele mesmo — Deus me livre! —, mas eu prometi voltar cedo de carona, e ligar para ele se qualquer coisa saísse errada e eu precisasse dele. Eu detestava mentir ou omitir as coisas para o meu

pai, mas era aquilo ou a terceira guerra mundial por um simples encontro, então, para que ele não ficasse muito preocupado eu permiti que Campos me levasse.

Quando eu cheguei, Arthur já estava lá, sentado na parte lateral, o que foi muito melhor. Estava lindo, como sempre me pareceu, com uma camisa escura de botões, jeans e tênis. Eu havia vestido um jeans preto colado, uma bota de saltinho e uma blusa de um material levinho, preta. Também havia deixado meus cabelos soltos e colocado um pouco de batom. Daquela vez, a minha roupa estava refletindo o que eu realmente queria. Estava vestida de um modo que me deixava bem, confortável, e o melhor de tudo, eu me sentia bonita. Arthur também pareceu achar isso, notei, satisfeita, quando ele me olhou de um jeito que me fez corar — droga, eu não conseguia evitar, minhas bochechas ficavam imediatamente quentes e deviam ficar vermelhas — e sorriu para mim daquele seu jeito calmo. Isso me deixou muito mais confiante em mim mesma, apesar do nervosismo da ocasião.

Naquela noite, nós conversamos bastante, nos conhecemos melhor, sorrimos, rimos, ficamos

sérios, e às vezes ficamos olhando um para o outro em silêncio. Seus olhos verdes me deixavam quentes e derretida, tornando minha respiração levemente acelerada. Em um determinado momento, Arthur tocou no meu queixo e me disse que eu era linda, que ele sempre havia me achado linda, mas distante, quase fria, indiferente a ele, sempre por ali na sua casa em companhia de Patrícia, mas sem realmente notá-lo. Ele confidenciou que era algo que ele tinha começando a desejar que eu fizesse, nos últimos tempos, que descobriu-se querendo cada vez mais que eu o percebesse como mais do que o irmão mais velho da sua melhor amiga.

Eu sorri, praticamente sem acreditar, porque aquilo não poderia ser o mais longe da realidade, e mesmo com toda a tensão e o ligeiro tremor da minha voz, eu disse a ele que eu o tinha notado, por isso estava ali, que o que parecia frieza e indiferença era muito mais timidez do que qualquer outra coisa. Arthur suspirou, parecendo aliviado, sorriu, e depois de um tempo, naquela conversa reveladora, passou o polegar bem de leve pelo meu lábio inferior, segurando o olhar no meu, fazendo com que eu sentisse aquela carícia em locais do

meu corpo que estavam simplesmente em polvorosa desde que ele tinha começado a me dar ligeiros toques com as mãos, por cima da mesa.

Não sei se por nervosismo ou por um senso de preservação que me tomou na hora, apesar de admitir que estava sim interessada, eu não saí simplesmente admitindo feito uma boba que na verdade eu estava muito, tipo imensamente, tipo enormemente, interessada, há muito mais tempo do que ele imaginava. Talvez mais tarde eu dissesse, por enquanto, era suficiente que ele soubesse que eu não era indiferente como ele achava. Quer saber? Eu queria ser conquistada, não derramar minha paixão por ele logo assim. Quem sabe mais tarde, quem sabe um dia.

— Naquele dia, na lanchonete... — ele começou, e eu fiquei atenta, porque aquilo era algo que eu tinha ficado intrigada, magoada, ainda que não devesse, confusa, também. Arthur soltou o ar pesadamente, enquanto brincava com seus dedos no meu pulso, agora, desconcentrando-me. — Eu pensei, bom, achei que você tivesse se vestido daquela forma porque queria chamar atenção de outros caras. Eu nunca tinha te visto daquele jeito, e como você estava com as meninas, pensei que...

— Eu queria chamar a sua atenção. — admiti, porque achei que deveria ser sincera sobre aquilo, pelo menos. — Pensei que fosse o tipo de roupa que você notaria em mim.

— Eu notei. Eu já tinha notado antes, notado muito, acredite, mesmo quando você está no seu uniforme. — ele sorriu de lado, os olhos brilhando. — Mas naquela noite, não parecia você. De todo modo, você estava linda, como está agora. Como sempre está, na verdade.

Eu meio que derreti, e sorri para ele de volta.

— Obrigada.

Mais tarde, nos levantamos e fomos dar uma volta, observando o que estava exposto, e a mão de Arthur estava sempre em mim, de modo sutil, tocando-me para mostrar algo, para chamar a minha atenção, indicar-me o caminho à sua frente. Graças a Deus, daquela vez eu estava bem segura da calça que estava vestida, pensei, e não tive problema em andar à sua frente, mesmo com o coração rimbombando e aquelas borboletas se agitando a toda hora no meu estômago. Logo, nós estávamos em uma parte mais tranquila, quase aos fundos do local, mas que era aberta e também tinha

algumas mesas que na sua maioria não estavam ocupadas. O vento estava mais forte ali, e a noite estava agradável. Eu me apoiei em uma espécie de balaustrada, sentindo aquele vento quase frio agitar meus cabelos, e então, estranhando o silêncio, me virei para olhá-lo.

Arthur estava mais perto do que eu imaginava. Na verdade, ele estava muito perto, e quando eu fiquei de frente para ele, nós estávamos praticamente nos tocando, agora, nossos corpos quase juntos, seu calor me deixando consciente da minha blusa fina, de como meu rosto estava aquecendo, de como meu corpo estava reagindo a essa proximidade. Engoli em seco e tirei uma mecha do meu cabelo que veio para o meu rosto, com o vento atrás de mim, e abaixei a cabeça, devagar. Senti seus dedos afastarem meus cabelos também, as pontas tocando de leve no meu pescoço. Estremeci.

Como tinha feito lá dentro, Arthur então usou a ponta dos dedos para levantar meu queixo e me fazer olhar para ele. Seu rosto estava sério, muito concentrado em mim, e ele acariciou meu queixo, lentamente, ainda em silêncio, como se estivesse registrando cada detalhe, como se

estivesse pensando em algo muito importante. E aproximou o seu rosto do meu, centímetro a centímetro.

—Você sabe que eu vou te beijar, não sabe?
— ele disse, e sua voz estava baixa, seu hálito quente soprando na minha boca quando ele disse isso, e senti minha pele arrepiar. Aquele som pareceu me tocar profundamente, e eu mordi meu lábio. Arthur olhou para a minha boca e sua voz ficou mais baixa e grave. — Eu estou querendo isso praticamente desde que você chegou. Não, isso é mentira, eu queria isso há muito mais tempo.

Eu estava sentindo as minhas pernas feito mingau, então apoiei-me nos antebraços e desci o meu olhar lentamente para a sua boca, também. Nem sei como encontrei voz e coragem o suficiente para dizer o que disse, mas foi o que fiz:

— Então beije, estou esperando.

Ele sorriu. E beijou. Seus lábios macios e firmes provaram os meus, primeiro devagar, explorando, sentindo, descobrindo, suas mãos nas laterais do meu rosto, no meu pescoço. Mas então ele desceu as mãos pelas laterais do meu corpo e puxou-me pela cintura, colando seu corpo no meu, e o beijo mudou de intensidade. Agora ele estava

mais agitado, e me beijava mais forte. Eu fiz um som de apreciação, porque estava muito bom, melhor do que qualquer dos poucos beijos que eu já tinha trocado com outros meninos. Porque ele não era um menino, lógico. Arthur me abraçou mais forte ainda, e eu senti... *oh Céus*, eu senti que ele estava realmente gostando do beijo também, muito, se aquele volume tocando-me fosse alguma indicação disso.

Arfei, afogueada, mas consciente de que precisava raciocinar, mas era difícil. E então ele afastou-se, depositando pequenos beijos nos meus lábios entreabertos.

— Julia, você é tão doce. Muito doce. — Arthur disse, encostando a testa na minha. — Preciso aprender como lidar com você.

Eu olhei para ele, e não sei se sabia o que responder sobre aquilo, então não disse nada.

—Vamos, preciso te levar para casa. Você disse que precisar estar lá às 11 horas, não foi?

— Sim, isso mesmo.

Ele acenou com a cabeça, olhando-me ainda muito seriamente, como se tentasse decifrar alguma coisa em mim.

— Eu quero te ver novamente, isto é, se

você quiser.

— Eu quero, sim. — sussurrei, segurando meus cabelos, olhando para ele. Arthur concordou.

— Eu sei que há um jeito certo de levar isso com você. Não pense que eu não sei... — ele riu, tocando a minha bochecha. — Patrícia me deixou bem ciente sobre o seu pai. Na verdade, ela meio que quis me aterrorizar, eu acho.

Eu olhei para ele, e fiz uma careta de leve.

— Hum, bem, não acho que ela estava tentando te aterrorizar, Arthur. O meu pai é, digamos, ele é intenso, para dizer o mínimo.

— E ele está certo, com a filha linda que tem. — ele murmurou, e voltou a tocar seus lábios nos meus. — Totalmente certo.

Eu suspirei.

— Olha, na verdade, ele é mais do que intenso, vou te avisar logo. Preciso ser sincera.

— Ok. Estou avisado. Precisamos levar as coisas com cuidado, então, não?

Eu olhei para ele, e franzi as minhas sobrancelhas.

— Como assim?

— Não quero nada que possa prejudicar você, ou te trazer problemas com ele, é isso. Não te

pediria para mentir ou esconder as coisas do seu pai, por mais intenso que ele seja. — Artur sorriu, e eu relaxei. Pensei que ele estava me pedindo para vê-lo às escondidas.

— Que bom saber disso.

— Julia, eu não quero um lancezinho, ficar apenas, até por que eu desconfio seriamente que você não é o tipo de menina com quem isso daria certo. Essa sua inocência e doçura, eu posso sentir isso.

Senti meu coração novamente em um descompasso inebriante, e devo ter corado intensamente, mas não disse nada.

— Vamos fazer com que pelo menos o seu pai me conheça, você não acha? — ele deu de ombros. — É uma boa forma de eu poder me aproximar mais de você. Ele não pode ser tão difícil assim, não é?

Eu olhei para ele e sorri, com a doçura que ele disse que podia sentir em mim. Porque se ele realmente pretendia ter mais do que um "lancezinho" comigo, e eu estava feliz com aquilo. Seriamente, ele não tinha a menor ideia do quanto estava enganado sobre o Sr. Teodoro Stein, naquele momento.



Os próximos dias foram de novidades e mudanças impressionantes. Papai e Malu iriam ser pais novamente, ou seja, eu teria uma irmãzinha ou um irmãozinho, se bem que eu adoraria ter uma irmã! Mas claro que um menininho seria muito bem-vindo, também. Eu estava tão feliz com isso, com a felicidade deles, e nada podia me garantir mais que meu pai estava realmente caminhando para reconstruir a sua vida, do que a alegria que eu pude ver em seu rosto no café da manhã em que ele me contou isso.

Ao abraçar Malu, apertado, emocionada com as palavras que o meu pai tinha dito, eu não pude deixar de dizer baixinho, para que só ela ouvisse, que eu sabia que ela o faria feliz, e que eu acreditava nisso. Essa felicidade, e o fato de o senhor Stein estar mais relaxado, me fizeram ter coragem de dizer a ele que eu pretendia levar "amigos", ou seja, Paty e Arthur, para o almoço à beira da piscina na casa da vó Abigail. Seria uma oportunidade perfeita para que pelo menos o meu pai conhecesse Arthur antes que as coisas fossem

PERIGOSAS ACHERON

mais adiante conosco.

Porque eu acho que elas iriam. Eu queria que ele fosse o meu namorado, e ele também estava demonstrando isso, naqueles dias. Então, eu enfrentei o ligeiro interrogatório do meu pai e avisei Arthur que ele poderia ir conosco. A reação de Paty a essa proximidade entre mim e seu irmão me deixou animada, porque ela me disse que com certeza me avisaria se ele fizesse o tipo que fosse me machucar, mas desconfiada e leal como ela era, sua opinião acabou por ser um bom parâmetro para mim do que eu poderia esperar dele. E eu estava cheia de expectativas, não podia negar.

Desde o nosso encontro, nós vínhamos nos falando muito por telefone e trocando mensagens, e algumas vezes, ele tinha ido buscar sua irmã e a mim na escola e nos trazido para casa. Paty fingia não ver, ou fazia uma cara engraçada de como quem fosse vomitar, quando nós trocávamos beijos antes que eu descesse. Mas era geralmente cedo quando eu chegava, no máximo o Campos nos via chegar, em trio, ficava me encarando daquele jeito meio robótico, fazia uma cara assustadora para Arthur, mas não tinha me dito nada. Não havia nada para ser dito mesmo.

Então, quando finalmente o domingo chegou e Arthur veio ao meu encontro, eu não poderia estar mais nervosa. E também envaidecida pela forma como ele olhou para mim naquele biquíni.... o certo é que esta seria a primeira vez que meu pai e Arthur estariam assim frente a frente ainda que ele não soubesse o que estava acontecendo. E nem desconfiasse.

Mas, meu Deus, se eu achei que aquilo na mesa do café era interrogatório, quase desmaio — ainda que eu tentasse disfarçar — quando meu pai veio em nossa direção na mesa e começou a cravejar o pobre do Arthur de perguntas. Imagina se ele soubesse... queria nem imaginar. O interessante é que eu achei até que o Arthur estava saindo-se relativamente bem, porque, olha, papai não era fácil, e aquele olhar fixo dele, ainda mais quando cruzava os braços como tinha feito, era realmente amedrontador.

Mas o que estava saindo até nos conformes de repente ia desandar, porque em um momento o Arthur pareceu que ia dizer... dizer o quê? Ali, naquela hora? Eu ia acabar com a raça dele se ele fizesse isso. Tanto planejamento para ele estragar tudo assim? Mas, mais uma vez, Malu foi a minha

salvadora e entendeu meu recado implícito quando eu olhei para ela, alarmada, e então ela tinha dado um jeito de levar o meu pai para longe dali, para meu profundo alívio.

Quando ficamos sozinhos, Arthur confessou-me que retirava o que disse antes: meu pai era realmente difícil, e ele estava sim, muito assustado, ainda que tenha segurado as pontas. Eu ri, e pensei que se ele passasse no teste, seria realmente merecedor. Mas mesmo com tudo aquilo, ele garantiu que queria ir na minha casa e dizer pessoalmente ao meu pai que pretendia namorar comigo. Minhas entranhas viraram água.

Eu disse que o meu pai tinha feito um interrogatório sozinho na casa de vó Abigail, não foi? Esqueça tudo isso. O que Arthur passou ali naquele almoço foi fichinha para o que ele estava passando aqui, agora, na sala da minha casa, com papai soltando fogo pelas ventas, olhando para ele como se fosse fulminá-lo. Arthur me parecia até meio pálido, ali sentado, porque veja só, por uma merda de um azar danado, aquilo já seria difícil se fosse apenas o meu pai que estivesse ali, sentado, tomando cerveja naquele domingo. Mas não. Ele estava acompanhado. Porque Marcos, Ricardo e

Diego estavam na minha casa, e eu não sabia, e fiz a maior merda do mundo marcando para o Arthur para ir lá justamente nesse dia. Dava para acreditar naquilo? Que os céus me salvassem.



— *O que porra foi que você disse?* — Papai perguntou, baixo, parando com a sua cerveja a meio caminho da boca e enviando um dardo envenenado em forma de olhar na direção de Arthur sentado do outro lado da nossa sala. Eu quis gemer. Não, eu quis gritar. Como tudo aquilo tinha dado tão errado?

Eu tinha ido à casa dos meus avós no sábado, como estava fazendo de vez em quando. Ainda que a minha avó fosse, bem, tudo aquilo que ela era, o meu avô era maravilhoso e eu não saberia dizer não a ele. Então, eu não estava em casa e não sabia que meu pai receberia os meus tios — porque eu os chamava assim desde que nasci mesmo — estariam em casa com ele. Papai não me avisou, e eu não perguntei. Era domingo, um bom dia, papai estava em casa, descansado, feliz com a notícia do bebê, estava tudo tranquilo e favorável, eu achava. Ledo engano. Quando cheguei em casa, depois que

PERIGOSAS ACHERON

o seu Aderaldo, motorista do vovô, tinha vindo me deixar, eu estava ligeiramente nervosa, mas ao mesmo tempo, confiante que tudo ia ficar bem.

Arthur me parecia muito certo do que estava fazendo, armou-se de coragem e eu o apoiava. Então, quando desci, cantarolando naquela tarde, depois de um banho, e encontrei o tio Ricardo na cozinha, apoiado na bancada, com um prato de comida nas mãos, eu estaquei surpresa, pondo meu celular no balcão.

— Ei Julinha!

— Oi tio, não sabia que você estava aqui.
— eu disse, tentando disfarçar a apreensão. De jeito nenhum aquilo ia dar certo com Ricardo ali, não mesmo.

— Chegamos agora. Viemos bater um papo com o mais novo papai e noivo da área. — ele sorriu quando eu fiquei na ponta dos pés e dei um beijinho em seu rosto. Então me olhou, desconfiado. — Você vai sair?

— Eu não... viemos? — eu quase chiei, uma sensação de que a merda poderia ser maior do que eu imaginava. Mas Ricardo nem precisou responder, porque para meu desespero e completo horror, vi tio Marcos surgindo da área aberta da

cozinha, sorrindo, segurando meu pai pelos ombros, falando alguma piada típica deles, e logo atrás, vinha o tio Diego. Jesus Cristo, essa missão precisava ser abortada agora! Meu Deus, eu precisava ligar para o Arthur não chegar a dez metros dessa casa hoje ou...

— Cara, você já está comendo? Puta merda. Ei, Ju. Vem dar um beijo no tio. — Marcos disse, vindo na minha direção. Eu nem conseguia me mexer, então fiquei ali parada com um sorriso enquanto cumprimentava meu pai, Marcos e Diego. Mas como eu não sabia que eles estariam aqui nessa tarde? Precisava ligar urgente para Arthur não vir aqui. Urgente!

— Ei filhota, nem te vi chegando. Tudo bem? — papai pegou uma cerveja e me olhou, curioso.

— Hum?

— Você está bem? — ele franziu o cenho, enquanto eu tomava consciência ao meu redor de Marcos também pegando uma cerveja e oferecendo uma a Diego, que aceitou. Ricardo foi para a pia lavar seu prato. Tudo isso eu percebi enquanto pegava meu celular discretamente do balcão. Deus, permita que ele atenda.

— Sim, tudo bem, pai. Seu Aderaldo me trouxe, eu te disse. Hum, vocês vão ficar por aqui bebendo hoje? — inquiri, como quem não queria nada, destravando meu celular.

— A tarde toda, se depender de mim. Ei, Teo, vamos ver o jogo na sala ou lá fora? — Ricardo perguntou, também indo pegar sua cerveja.

— Aqui na sala. Ali fora fica bem embaixo do quarto, vocês vão gritar e Malu está dormindo. — meu pai avisou. Marcos debochou dele, rindo, e eles foram para a sala.

Eu imediatamente liguei para Arthur. Ele estaria ali em 10 minutos. O plano era ele chegar, sentar, eu oferecer algo, ele entabular uma conversa com meu pai, comigo, até que ele entrasse no assunto. Parecia tão simples e fácil nos planos, agora estava parecendo um filme de terror. Mas calma, Julia, Arthur não era um idiota, pensei, comigo mesma. Mesmo que ele chegasse até ali, ele veria os caras e não diria nada, e então estaria tudo bem, ainda que eu precisasse explicar o que ele tinha efetivamente ido fazer ali.

Pronto. Arthur não atendia! Por nada nesse mundo ele atendia. Começando a ficar nervosa e torcendo minhas mãos, eu fui me encaminhando

para a sala, no espaço mais à direita, onde nós tínhamos uma TV grande. Papai, Diego, Marcos e Ricardo estavam espalhados por ali, nas poltronas e pufes, conversando em voz alta animadamente sobre o jogo que assistiriam. Oh céus, não permita que Arthur toque essa campainha, não permita, não permita, não permita...

A campainha tocou, e sentindo todas as minhas tripas revirarem-se, eu dei um pulo do sofá mais perto da porta, onde tinha me sentado, engolindo um bolo enorme de apreensão na minha garganta. Como eu deixei Arthur me convencer que aquela era uma boa ideia? A minha era melhor: eu sozinha conversava com meu pai antes dele aparecer, e só depois, um outro dia, ele aparecia e dizia que queria namorar comigo. Era perfeito! Por que merda eu o deixei fazer aquilo? E outra: Arthur não me ligaria quando estivesse chegando? Foi o que a gente tinha combinado, e ele não ligou. Então, podia nem ser ele. Que não seja ele, implorei, mas já meio achando que não ia ser atendida na minha prece.

Estava indo em direção a porta, louca para não chamar atenção, quando papai — que estava sentado bem na direção da entrada, porque aquele

não era mesmo o meu dia de sorte. — me chamou.

— Julia, está esperando alguém?

— Não! Mas vou ver quem é. — eu disse, rápido, indo para porta. E quando eu abri, bem devagarzinho, quase não abrindo, minha alma fugiu do meu corpo para algum outro lugar no universo, porque era um Arthur muito bem arrumado e com um sorriso enorme no rosto quando me viu, que estava ali parado. Minhas pernas viraram gelatina, porque não era só meu pai, meu Jesus, eram os quatro juntos. Aquilo não podia dar certo. Tinha que mandar Arthur vazar dali, como se minha vida dependesse disso.

—Hoje não dá, você precisa ir... — eu sibilei para ele, que me olhou, o sorriso desaparecendo, ao mesmo tempo em que a voz trovejante do meu pai fluía pela sala, antes mesmo que eu tentasse fechar a porta e ficasse do lado de fora com Arthur.

— Quem é, Julia?

Eu não podia dizer que era uma amiga, não era? Arthur me olhava intrigado, enquanto eu pensava no que dizer. Pensa, Julia.

—É... é o...

— Não é o rapazinho daquele dia na

piscina? — era a voz de Ricardo. Porque o Arthur, em vez de correr dali quando viu a minha cara, ficou tentando olhar por cima da minha cabeça, e queria entrar. Eu poderia matá-lo. Ele não estava entendendo? Ouvi meu pai dizer algo, mas não registrei.

— Arthur, meu pai não está sozinho, não é um bom dia, a gente...

— Eu já vim até aqui, Julia, não vou embora sem falar com ele. — teimou, franzindo o rosto para mim. Meu Deus, ele tinha perdido a noção do perigo, totalmente.

— Julia. — era o ligeiro rosnado do meu pai, e não era mais uma pergunta. Eu não sabia como ainda estava em pé. — Me diga quem está aí e peça para entrar.

Sabe um balão, quando esvazia? Quando sai todo o gás e ele vai rodando, sem rumo, sem saber onde vai parar? Prazer, essa sou eu nesse momento. Eu não podia mais mandar o Arthur ir embora, até porque papai já estava de pé, mãos na cintura, olhando para a porta. Eu aceitei meu destino, me afastei um passo para que Arthur ficasse totalmente visível e respirei fundo.

— Temos visita. — murmurei, para

ninguém em particular.

— Olá, você é... o Arthur, não é? — papai disse, aproximando-se, olhos franzidos. Ricardo, Marcos e Diego pararam a conversa e ficaram observando a cena, atentos. Minha alma estava cada vez mais longe e não sei se ela voltaria um dia.

Arthur entrou, devagar. Ou ele era corajoso demais ou idiota demais. Me olhou como se estivesse me desafiando e passou por mim. Eu quase dei uma risada.

— Sim, Sr. Stein, sou o Arthur, nos conhecemos na casa da sua tia, naquele domingo. Tudo bem?

Papai me olhou, intrigado, como se esperasse algo, e eu olhei para ele sem expressão alguma. E agora, seguir o plano, fingir um desmaio, dizer o quê?

Meu pai pegou a mão que Artur estendeu, olhando para ele de modo fixo, demorando aquele segundo que ele sempre demorava, como se estivesse dizendo a pessoa que ele estava pensando se valeria ou não a pena se dar ao trabalho de dar a sua devida atenção. Eu o conhecia muito bem.

— Olá, Arthur, eu lembro muito bem de

você, não queria, mas lembro. — meu pai disse, calmamente. Calmo demais. — O que você está fazendo aqui?

Meu Deus, era isso. Fingir que tinha pedido a fala. E olha que eu não tinha exatamente medo do meu pai, não, era só a situação toda. E não melhorou quando Marcos veio andando na nossa direção, como se estivesse farejando a situação que de desenrolaria ali. E eu ainda tinha que responder.

— O Arthur, pai, ele... veio me visitar e quer falar com você, também. — eu sussurrei, indo me sentar, porque era isso ou cair.

— Ei, não vai mandar o seu visitante entrar, Teo? Arthur, desculpe os modos do meu primo, ele está meio virado esses dias. Entra aí. — Marcos disse, e Arthur finalmente pareceu ter entendido a questão toda, aonde tinha se metido quando resolveu não correr quando eu pedi. Olhou para Marcos, depois espiou Ricardo, que também estava vindo, e Diego, que continuou sentando e em silêncio, mas muito atento a tudo, eu sabia.

— Visitar? — papai repetiu, voltando-se para Arthur com mais atenção ainda.

— Sim, Sr. Stein, eu combinei com a Julia e... eu vim fazer uma visita.

— Opa, o que temos aqui? É isso mesmo que eu estou entendendo? — Ricardo sentou-se mais próximo, olhando entre nós três.

— Quietto, porra. — meu pai rosnou para ele. Então, virou aquela sua cara mais assustadora possível para Arthur, mas ainda assim falou calmo e baixo. — Então você veio me fazer uma visita ou fazer uma visita a minha filha? Deixa ver se eu entendi direitinho.

— Puta que pariu. — Marcos murmurou, sentando do outro lado.

— É, Teo, quando as coisas acontecem com você, é realmente tudo de uma vez só. — Ricardo disse parecendo impressionado, bebendo um gole da sua cerveja e se recostando para trás no sofá.

Arthur ficou parado lá, as mãos no bolso do jeans, olhando para o meu pai. Diego veio e estendeu a mão para ele, aquela sobrancelha erguida que era uma marca registrada sua.

— Acho melhor você se sentar, Arthur. Acredite em mim.

E ele sentou. Ao meu lado. Ah, meu senhor amado, e aqueles buracos, tipo dos desenhos animados, onde estavam quando a gente precisava de um? Eu não sabia se eu esganava ou beijava ele.

Bom, depois, não ali. Eu quase ri, já pensou, se eu resolvesse beijá-lo ali agora? Não surta, Julia.

— Eu vim falar com o senhor, Sr. Stein, na verdade.

Marcos murmurou um caralho. Parou, tomou um gole da sua cerveja e depois murmurou outro. Papai ainda estava em pé, olhando para Arthur. Olhando não, você sabe, triturando. Diego fez uma expressão de quem não estava acreditando naquilo e sentou também, ao lado de Ricardo. Meu pai finalmente se moveu, e foi sentar-se de frente para mim e Arthur.

— Nem pense em nos mandar sair daqui, Teodoro. — Marcos disse — Vamos lá, Arthur. Nós somos os tios de Julia e também gostamos de visitas, não é não, Diego?

Diego assentiu, muito sério, cruzando as pernas esticadas à sua frente.

— É claro, gostamos muito.

— Isso nos interessa também, o que esse rapaz tem a dizer. Estou na verdade muito curioso.

— Ricardo amassou a latinha com uma só mão, olhando para Arthur, que deve ter entendido o recado, porque engoliu em seco. Entendeu nitidamente o recado de todos eles. Viu só o que eu

quis dizer na porta, seu tolo, pensei.

Eu gemi, pondo as minhas mãos sobre os olhos. Era quase tão terrível quanto ter acontecido na piscina, com meus tios ali. Lá, pelo menos, Malu tinha... *Malu!* Meu Deus, Malu, era isso. Eu precisava dela, ainda mais agora com todos os quatro ali e o Arthur como uma presa no meio dos leões. Discretamente, peguei meu celular e chamei o seu número, implorando fortemente que ela atendesse. Mandeí uma mensagem no WhatsApp: *sala. Agora. Urgente. Por favor.*

— Então, você quer falar comigo, Arthur. Esteja à vontade, não se incomode com os rapazes, eles já disseram que ficam, então... sou “todo ouvidos”.

Papai bebeu um gole da sua cerveja. Eu fiz outra chamada para Malu, ninguém estava prestando atenção em mim mesmo agora, só em Arthur, que olhava entre os quatro com cuidado.

Ele então respirou fundo, me olhou e depois tornou a olhar em volta. Ninguém dizia nada. E Arthur talvez estivesse decidindo quem ali parecia mais ameaçador: meu pai, realmente assustador com aquele olhar gelado em sua direção; Marcos, que tinha pedido todo o ar brincalhão e olhava para

ele como se estivesse disposto a comer seu fígado. Ricardo, que parecia o tipo de cara que você realmente não iria querer que estivesse com raiva de você, ou Diego, com aquele jeito frio de quem poderia estar ali em silêncio maquinando mil maneiras diferentes de tirar a sua vida.

— Na verdade, pensei que só o Sr. Stein estaria aqui quando eu resolvi vir.

— Ah, mas que sorte a sua que você pode dizer o que veio dizer para todos nós *juntos*. — papai deu de ombros, como se estivesse muito relaxado. Não estava. Malu, desce logo, pensei, fechado meus olhos.

— Ok. Então, eu e a Julia...

— *Você. E. A. Julia.* — Papai repetiu, e me lançou um olhar estreito. — Certo. *Continue.*

Arthur não pega na minha mão, não faz isso, em nome de Jesus, não agora. E parece que de tanto eu implorar a ajuda finalmente veio.

— Olá meninos, boa tarde, não sabia que vocês estavam aqui. — Malu apareceu, e eu quis correr e beijá-la e abraçá-la muito forte. Meus tios a cumprimentaram, sem as brincadeiras leves de sempre, o que já era um mau sinal. Ela me olhou, um olhar significativo. — Oi Julia. Teo, meu amor,

dormi demais, perdi algo?

— Não, na verdade está ficando interessante justamente agora. Temos uma visita muito importante. Não é, Arthur?

— É mesmo? Olá, Arthur, tudo bem? Que prazer te rever — Malu estendeu a mão e ele levantou-se. Não a beije no rosto, se não as coisas ficam piores, pensei. Ele não fez, mas retribuiu o cumprimento apertando sua mão.

— Olá Malu, tudo bem, sim. Bom ver você.

— O Arthur veio me fazer uma visita, Malu não é, legal? E tem algo para me dizer também. — papai sorriu sem humor nenhum.

Malu olhou para ele, entendendo tudo. Assentiu.

— Que bom, você preferiria conversar com o Teo em particular, Arthur? — ela sugeriu, com um sorriso.

— Que porra, claro que não!

— De jeito nenhum.

— Nem fodendo.

— O caralho que ele vai.

— Deus, vocês são terríveis. — Malu resmungou, e os quatro olharam para ela meio ressabiados. Sério, eu nem sei quem disse o quê. Só

que era um pesadelo, e resolvi respirar fundo e intervir naquilo.

— Parem, todos vocês! O Arthur veio falar com você, papai. — me virei para ele. E depois para os outros quatro homens na sala. — Vocês estão intimidando-o! Como esperam que ele diga algo assim?

— Julia, não precisa ... — Arthur sussurrou, e eu vi meu pai estreitar os olhos de leve para isso, alternado o olhar entre nós dois.

— Pois é, vamos deixar o Arthurzinho falar. — Marcos disse, falsamente solícito, eu sabia, e revirei os olhos.

— Até parece, tio Marcos, eu conheço você.

— Fique tranquila, Julia, vamos deixar que o rapaz se expresse. Arthur, por favor, continue. — tio Diego fez um gesto para que ele falasse. Papai estava fazendo de propósito, deixando que eles intimidassem Arthur. Ricardo só o olhou. Mais nada, olhos escuros focados nele.

Papai então se recostou, tinha deixado sua latinha de lado pegou-a de volta.

— Estamos intimidando você, Arthur? — ele perguntou, com a voz quase inocente. Olhei para ele, a sobrancelha arqueada, mas já me sentia

mais tranquila com Malu ali, sentada ao lado do meu pai. Arthur deve ter entendido que aquilo era um tipo de teste, se ele passou, eu não sei, mas a próxima coisa que ele disse foi uma bomba jogada na sala.

— Estão, sim, senhor Stein, estou bem consciente disso. Eu na verdade fico feliz em saber que a Julia tem todos vocês que a amam e querem protege-la. Respeito isso e vou levar sempre em conta, mas... eu preciso dizer ao senhor.

O silêncio agora era quase palpável. E Arthur continuou:

— Eu conheci sua filha, e passei a ter um grande respeito, admiração e consideração por ela, e por isso mesmo, meu interesse não poderia passar por cima do respeito que tenho pelo senhor, também. — ele me olhou, e pegou a minha mão no sofá. *Ele pegou a minha mão, meu Deus!* E o olhar que papai fez para isso foi cortante.

— Ah, meu pau, puta que pariu... — eu ouvi quando o meu pai ia dizendo isso, segurando o nariz, apertado, se antecipando às palavras antes que Arthur terminasse. Ouvi Marcos murmurar algo, também.

— Eu queria o seu consentimento para

namorar a sua filha, sr. Stein.

E foi naquela hora que papai proferiu aquela frase. Proferiu não, grunhiu ela, entre dentes. Arthur ficou mesmo até meio pálido, sem conseguir desviar os olhos dos olhos dele.

— *O que porra foi que você disse?*

Ouvi que meus tios falaram todos ao mesmo tempo, mas eu só registei na hora a reação do meu pai. E de Malu.

— Teo, vá com calma, meu amor. Não é assim. — Malu disse, ao seu lado, baixinho, olhando para ele com o cenho franzido. Ele cerrou a mandíbula, respirando fundo. Olhou para mim, e depois para Arthur.

— Eu disse... — Arthur ia informar novamente. Gente, ele não existia não. Estava assustado, mas continuava, firme, e eu tinha que admirá-lo por isso.

— Eu sei o que você disse. — papai cortou, rápido, muito sério. Ficou encarando-o, depois recostou os braços nas coxas, vindo mais para a frente no sofá. — E você veio aqui me dizer isso. Cacete.

Novamente ele parecia ter encontrado dificuldade para engolir. Mas respondeu.

— Sim senhor. A Julia é importante para mim, não posso estar interessado nela sem que eu obtenha a sua permissão, não é certo.

— Conversa — papai resmungou, zangado.
— Porra, isso tudo é conversa fiada, apenas. Você já estava vendo a minha filha, não é?

— Ouça o que ele tem a dizer, Teo, pelo menos. — Malu interveio, tocando no ombro de papai com cuidado.

— Tem meu respeito. — Marcos disse, e levantou-se. — Vamos lá, o garoto está começando bem, você tem que admitir. E Teo, lembre-se que se formos pegar o seu histórico, você tem uma sorte fodida do caralho desse menino estar aqui agora.

— Vai te foder, Marcos. E vazem, agora, todos vocês.

— Ah, e Arthur. — Era Marcos novamente.
— eu ainda posso socar quem eu respeito, está bem? Sem problema algum.

Ricardo também ficou de pé, disposto a sair

— Um aviso, garotão: anda na linha, e você vai ficar sempre inteiro. — e deu uma piscada, acompanhando Marcos. Diego finalmente levantou. Sorriu para Arthur.

— Escuta, rapaz. Meus métodos talvez não

sejam tão truculentos, ou talvez sim, mas te garanto, eles funcionam. Presta atenção na vida. — e deu um tapinha condescendente no ombro de Arthur. Assim todos foram em direção à cozinha. E Arthur deve ter ficado ali pensando em todos aqueles conselhos e avisos gentis.

Malu então, passou a mão na cabeça do meu pai, e em sua barba, e deu outro beijo nele, dizendo algo em seu ouvido, baixinho, algo que eu não entendi. Ela falava, ele ouvia, mas só acenou com a cabeça sem responder, quando ela terminou. Ela me deu um sorriso discreto e saiu. Então, éramos só nós três. Papai fez uma carranca.

— Então, você quer namorar a minha filha.

— Sim, senhor.

— Aquelas perguntas que eu te fiz naquele dia. As repostas de todas ainda estão valendo?

Arthur pareceu pensar, os olhos um pouco arregalados agora, como se estivesse evitando cair em uma pegadinha. E como era meu pai, ele bem podia estar fazendo uma, mesmo.

— Eu acho que sim, a que o senhor está se referindo, exatamente?

— Olha, eu vou te dizer uma coisa, Arthur, e espero que você não esqueça: você tem ideia do

quanto eu amo a minha filha? Não, não é? Pois é. Eu amo muito. E você tem ideia do quanto eu sou um cara cuidadoso com as pessoas que eu amo? Tem alguma ideia?

— Cuidadoso? — eu sussurrei. Meu pai ignorou-me e continuou focado em Arthur.

— Eu imagino, senhor. É exatamente por isso que estou aqui.

— É?

— Sim.

— Não, você não imagina. Mas imaginar a partir de agora vai ser legal para a continuidade da sua saúde e bem-estar, pode apostar.

Arthur assentiu.

— Sim, senhor.

— E não vem com essa cara para cima de mim que eu sou o diretor dessa escola bem aí em que você está. Eu sei como as coisas são. Presta atenção: você é mais velho que a minha filha, segura a sua onda. — papai bebeu um gole da sua cerveja e fez como Ricardo, amassando a latinha com força. Rolei meus olhos para ele. Sério que ele vinha com aquilo de ser mais velho? Cruzei meus braços e olhei para ele com uma cara que ele deve ter entendido a razão, mas não me deu bola, e

continuou: — Cara de bom moço ou não, você tem um... — ele se interrompeu, respirando fundo. — E seria bom pensar bem antes tentar sair enfiando-o por aí nas filhas dos outros.

— Meu Deus, pai... — eu gemi, horrorizada, mas querendo rir ao mesmo tempo.

— Sr. Stein eu não...

— Não?

Arthur abriu a boca, e fechou de novo. E abriu.

— Eu não, quer dizer, não...

— Juízo. — papai cortou-o, seus olhos duas fendas na direção de Arthur. — Cabeça de cima pensando, faz um esforço, eu sei que não é fácil, mas foda-se, é a minha filha, você vai dar um jeito.

— Sim. E saiba que nunca...

— Nunca? Que bom. Porque você vai querer pensar bem antes de fazer qualquer coisa. Eu estarei na sua cola.

— Pai, não me mata, *por favor*.

Ele me ignorava.

— Você pode ter alguns pontinhos por ter vindo aqui e ter tido a coragem de dizer que quer namorar a minha filha: a minha filhinha, a minha princesa. Você entende aonde eu quero chegar? —

Arthur acenou, devagar muito sério, e sua garganta se moveu. — Ótimo. Muito bom. Mas isso não te exime de tomar muito cuidado com isso que você tem entre as pernas quando estiver perto dela, ou eu posso entender que ele precisa ser separado do seu corpo, um dia desses. Você viu que eu posso contar com uma certa ajuda aqui para isso, não viu?

— Papai...

— Pensa bem, Arthur. Até outro dia você estava na categoria de amigo, o que mudou, então?

Arthur buscou meu olhar, e só depois retornou para o meu pai.

— Meus sentimentos, senhor, isso que mudou. Eu gosto da sua filha, de verdade.

Papai ficou olhando para ele, por segundos que pareciam se estender, e fixou o olhar na minha mão presa à mão de Arthur. Vários sentimentos pareceram passar ali no seu rosto, e minha garganta ficou apertada de emoção.

— Eu previ esse momento chegando milhões de vezes antes, rapaz. E nunca era bom, nenhum cara me parece bom, essa que é a verdade, mas vou te dizer uma coisa. Você vai ter que ganhar a minha confiança ainda, isso é só o começo, e te garanto que não é fácil ganhar a minha

confiança. Mas eu também confio no que a Julia acha, no que ela acredita, e se ela achou que você era bom o suficiente para vir aqui, veja bem, vir aqui, isso conta alguma coisa a seu favor. Então, Julia, o que você me diz?

Eu sorri, querendo também chorar, e pensei em tudo que poderia dizer. Apertei a mão de Arthur na minha.

— Eu gosto do Arthur, papai. Acho... acho que você poderia também dar uma chance a ele de mostrar que pode ser alguém legal para mim. — eu disse, baixinho, olhando bem nos olhos dele, tão parecidos com os meus.

Meu pai pareceu pensar por um minuto naquilo, detidamente.

— Você ouviu isso? Isso é mais importante do que qualquer uma das coisas que você tenha ouvido nessa sala hoje, você entende?

— Eu aprecio isso. Quero poder ganhar a confiança dela. E a sua. — Arthur comentou. Papai lhe lançou um olhar de esguelha, e balançou a cabeça, como se estivesse cansado, meio resignado, ainda que irritado, e levantou-se.

— Arthur, só presta bastante atenção, ok? Muita atenção. Ah, e você está em um período de

análise comigo, observe que não te dei uma resposta. Vamos ver. — ele disse, exalando o ar fortemente. Eu levantei, passei os braços pelo seu pescoço, o beijei no rosto. — Eu sabia que ainda ia ouvir muito a porra do seu nome, puta merda.

Sorri, abraçando meu pai, bem apertado.

— Você sabe que o seu lugar está aqui, não sabe? No mais precioso local do meu coração, pai. Para sempre, você é o meu pai, meu tudo, e eu te amo e vou te amar para sempre... — eu disse, e ele passou as mãos por minhas costas, me beijando na cabeça e me apertando forte de volta.

— Eu sei, filha. Eu também te amo e confio em você, *mas não em você*, que fique bem claro. — disse, na direção de Arthur.

Eu sorri, feliz e aliviada, e pensei, ainda abraçada fortemente ao meu pai, que eu não sabia o que o futuro reservava, nem se Arthur estaria nele ou não, mas esse presente, agora, era maravilhoso, e eu o queria na minha vida... e era assim que a gente tinha que viver, no agora, aproveitando o que a vida oferecia de bom. Eu tinha aprendido isso com o melhor pai do mundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 51



*Oh sim sim
Você sorriu, você sorriu
Oh, e assim o encanto foi lançado
E aqui estamos nós no paraíso
Pois você é meu enfim
At Last
Etta James*

Teo

Dora estava sentada à minha frente, seu cabelo grisalho puxado em um coque, sua agenda na mão, me repassando os detalhes de contato dos engenheiros que eu precisaria falar no dia seguinte. Pelo menos, foi isso que ela disse que iria fazer assim que sentou-se. Eu admirava e apreciava a eficiência dela, e de certo modo, entendia que ela ainda usasse uma agenda e escrevesse tudo à mão, em vez de usar um notebook ou tablet, como a maioria de nós fazia. Se funcionava para ela, eu não me importava, na verdade.

Era praticamente o final do expediente. Ela ajeitou seus óculos grossos no nariz, observando-me por cima das bordas, curiosa, quando eu lancei a ela um olhar rápido, e então voltei a olhar para a tela do meu notebook sobre a mesa, enquanto aquele maldito site do laboratório atualizava. Quarenta e oito horas o *caralho*. Estávamos indo para a porra das setenta e duas horas e nada, e se até amanhã pela manhã esse resultado não estivesse ali, eu iria pessoalmente lá e...

— Sr. Stein, você ouviu alguma coisa do que eu disse nos últimos 15 minutos? — ela

PERIGOSAS ACHERON

questionou, como se estivesse lutando contra um sorriso, e eu olhei para ela por uns dois segundos, antes que o que ela estava perguntando realmente penetrasse na minha cabeça. Os últimos 15 minutos, claro.

— Você estava dizendo que o... — eu comecei a responder, olhei novamente para a tela, e parei, quando o site finalmente atualizou. Virei-me de volta para ela, ajustando-me na cadeira. — O Sarmiento estará aqui amanhã às 10 horas, não é?

— Às 14 horas. — ela disse, com um suspiro, fechando a agenda, cruzando as mãos sobre as pernas e finalmente sorrindo para mim. — Mas deixe isso de mão, vamos falar sobre o que você está vendo aí nesse computador, se bem que eu acho que sei exatamente o que é. Nada, ainda?

Eu franzi as sobrancelhas, e fui preenchendo as informações que a página pedia, concentrado e um pouco irritado. Então olhei para ela.

— Nada. Estou a ponto de... — olhei novamente e estava lá: *resultado disponível...* — Saiu! — gritei, levantando de uma vez da cadeira, eufórico e já sentindo a adrenalina me percorrer, ao mesmo tempo em que Dora dava um grito de horror

e levava as mãos ao peito, os olhos arregalados para mim.

— Meu Deus, o senhor quer me matar? Eu acabei de ter uma neta e quero ver ela crescer. — ela chiou, enquanto eu passava as mãos nos meus cabelos e continuava olhando para a tela. Havia, mais abaixo, um arquivo em formato pdf, que claro que eu não abriria ali. Saí de trás da minha mesa, sorrindo largamente, a segurei pelos ombros e a levantei, dando-lhe um abraço enorme e um beijo na testa.

— Saiu, Dora, vou saber o sexo do meu bebê!

— Meu Jesus, imagina quando nascer! Vai, vai para casa comemorar! — ela riu, me abraçando de volta. Dei-lhe um outro beijo no rosto e saí da sala, quase correndo. Então voltei, peguei minhas chaves do carro e praticamente corri para os elevadores novamente. Max vinha saindo do outro lado, da sala dele, lendo um papel, levantou os olhos e me viu, então parou.

— O que foi? Ganhou na loteria?

— O resultado do laboratório. — eu disse, simplesmente, apertando o botão do elevador várias vezes para descer, o que, claro, que não ia adiantar

absolutamente nada, mas eu fiz mesmo assim.

— E aí? Menino ou menina?

— Até parece que eu vou ver isso aqui e não vou para casa ver junto com a minha mulher.

— resmunguei, apertando novamente aquele caralho daquele botão. Era oficial, quando você precisava rápido de um elevador, era quando menos rápido ele vinha.

Max deu um grande sorriso e apontou um dedo para mim.

— Me espere aí, vou com você! — ele avisou, correndo de volta para a sua sala.

— Para quê? Para saber se ganhou a sua aposta, seu filho de uma rapariga... — eu disse, com uma risada, e Dora limpou a garganta atrás de mim, já sentada em sua mesa. Eu fiz uma careta, depois pisquei para ela. Então, peguei meu celular, discando o número de Malu. Ela estaria em casa já, pois havia chegado da clínica mais cedo e iria descansar. Ela atendeu depois de vários toques.

— Oi meu...

— Saiu o resultado! — eu disse, antes que ela terminasse, e as portas do elevador se abriram bem na hora que Max chegava, fechando sua maleta, e nós entramos juntos.

Ouvi a risada baixa de Malu.

— Eu sei, Teo.

— *O* quê? Como assim sabe?

— Julia acabou de ver aqui, estava justamente me dizendo. Eu já ia ligar para você. Ainda está no escritório?

— Estou indo para casa agora... Espera aí, você já sabe se é menino ou menina? — eu questionei, franzindo minha testa, enquanto o cacete daquele elevador descia o mais lentamente possível. Max deu uma risada ao meu lado, e eu usei o meu braço livre para dar um murro de leve no seu peito com a mão fechada em punho. Ele ofegou e tossiu, e claro, parou de rir, o que era o meu objetivo ali.

— Claro que não, Teo. Você acha que eu faria isso sem você, seu bobo? Estou te esperando aqui para vermos juntos, *tá*? Não demora. Te amo.

— Também te amo, minha vida. Estou chegando. — eu disse, guardando o meu celular, um sorriso realmente bobo espalhado no meu rosto agora. Eu saberia em minutos que pessoinha viria fazer parte da minha vida, e foda-se tudo que eu havia dito ou pensando antes, não importava nem um pouco se fosse menino ou menina, era o meu

bebê com Malu, e só isso importava, de verdade.

— Porra, Teo, isso doeu. — Max reclamou, como a mocinha que era, me lembrando da presença dele ao meu lado.

— Então não ria quando eu estiver falando sério. Na verdade, não sei o que você está indo fazer na minha casa agora, eu posso querer comemorar a notícia passando o resto do dia em atividades específicas com a minha mulher na cama, só para você saber. — eu informei, quando as portas se abriram na garagem e nós saímos em busca do meu carro.

— Mude seus planos, quero estar lá quando você souber, seu egoísta do caralho, eu estava com você quando você soube da Julia, não era? — ele disse, me puxando pelos ombros, e eu não pude evitar o sorriso. Sim, ele estava mesmo, aquele intrometido. Quando chegamos ao meu carro, ele tentou pegar as chaves da minha mão.

— Deixa que eu dirijo, do jeito que você é, pode ser capaz de pegar várias multas ou causar um acidente, daqui para lá.

— Vai te foder, Max. Se quiser, vem de carona ou me segue. — determinei, já entrando e me acomodando ao volante. Ele balançou a cabeça

sorrindo e resmungando algo, mas foi para o outro lado.

Claro que demorou tudo o que poderia demorar. Óbvio que cada maldito sinal que poderia estar fechado, estava. Claro que cada merda de motorista lerdo do caralho que poderia estar circulando aquele horário, estava bem na minha frente, no que já era realmente um horário de trânsito intenso. Eu buzinei feito um louco para um idiota desavisado e Max sorriu, tranquilo ao meu lado, enquanto, eu tamborilava meus dedos ao volante, parado no centésimo sinal vermelho. Enquanto eu passava por essas provações, tinha consciência de que ele estava ao próprio telefone, agora, concentrado, aparentemente enviando mensagens de texto.

Depois que do pareceram séculos, em que eu já tinha xingado no trânsito todos os palavrões conhecidos da língua portuguesa, estacionei na entrada da minha casa, e praticamente corri em direção à porta, vagamente consciente de Max vindo atrás de mim. Abri os primeiros botões da minha camisa e caminhei rapidamente em direção ao andar de cima.

— Malu! — gritei, nas escadas, indo em

direção ao quarto do bebê, onde ela passava muito tempo agora, já que na semana anterior, nós decidimos iniciar uma reforma, apenas para fazer pequenos ajustes. Ela não estava lá, e eu fui rapidamente em direção ao nosso quarto, mal contendo a minha respiração acelerada.

— Aqui, amor! — ela respondeu, de dentro do quarto, e eu me detive à porta. Sentindo as batidas aceleradas do meu coração, olhei para a cena diante de mim. Malu estava sentada na cama, de pernas cruzadas em estilo borboleta, os cabelos soltos pelos ombros, usando uma camiseta branca simples de alcinhas e uma saia longa azul que estava embolada pelas suas pernas. Ela tinha o meu tablet nas mãos, e um enorme sorriso no rosto que eu amava tanto. Aliás, o que eu não amava nela? Me aproximei, e fechei a porta atrás de mim, só para o caso de Max ter a ideia idiota de me seguir.

— Olá, papai. — Malu disse, com uma voz doce, enquanto eu chegava perto dela. Sentei ao seu lado em nossa cama, e toquei seu rosto, meu polegar roçando de leve por seu maxilar, seu queixo, meus olhos presos aos seus.

— Olá, mamãe. — murmurei, tocando seus lábios com os meus, em uma carícia leve, que não

deixava nunca de despertar descargas imediatas de desejo pela minha corrente sanguínea. Mas mais do que isso, aquela carícia leve também encheu o meu peito com uma sensação quente, de pura felicidade. — Como você está?

— Muito bem, esperando um certo cara agoniado para ver um certo resultado, apenas isso — ela sorriu nos meus lábios, e eu a beijei com vigor agora, provando seus lábios de forma sedenta, minhas mãos segurando seu pescoço, meus dedos enroscando em seus cabelos. Malu retribuiu meu beijo abrindo a boca e me permitindo enroscar minha língua na sua, soltando um gemido longo. Separei nossos lábios e a empurrei de leve na cama, para trás, e ela caiu com uma risada.

— Você parecia alucinado para saber o resultado, agora está aí como se tivesse todo o tempo do mundo. — ela disse, me mostrando o tablet que tinha nas mãos. Eu me firmei em um cotovelo, passando um dedo pelo seu pescoço, seus ombros.

— Se fosse só para saber o resultado, eu teria visto logo, meu amor. Queria estar perto de você, como estou agora. Perto de vocês. — eu disse, e me curvei para ela, subindo sua camiseta e

expondo seu abdômen. Malu sorriu e fechou os olhos, e eu pude ouvi-la sussurrar "eu sei".

Eu então pus as duas mãos sobre a sua barriga, e encostei a lateral do meu rosto sobre aquele local quentinho que abrigava o nosso bebê. Senti as mãos de Malu nos meus cabelos, me acariciando, sua respiração ritmada agora um pouco mais rápida.

— Ei, você, pode ouvir o papai? — eu disse, baixinho, muito concentrado, meus dedos tocando a pele lisa, quente e macia da barriga de Malu. — Eu acho que não, mas vocês me transformaram em um bobo, você e a sua mãe, então, eu vou dizer assim mesmo, então me ouça com atenção. Eu não sei se você é um menino ou uma menina, e apesar de tudo que você ouviu, das besteiras que o papai falou, vamos lá, vamos deduzir que você tenha ouvido. Pois é, nada daquilo importa. Não faz a menor diferença para mim, sabe por quê?

Inexplicavelmente senti um ardor nos meus olhos, e limpei a minha garganta, duas vezes, antes de continuar.

— Porque você é tudo que o papai poderia querer, tudo e mais, muito mais. Você é um pouco

de mim e dessa mamãe aqui, que eu amo tanto, tanto, assim como já amo você, desde que eu soube que você estava aqui. Eu não fazia ideia, mas você era tudo que eu precisava. Tudo que eu desejava... Então, você é a perfeição, seja menina ou menino, e vai completar essa felicidade que o papai já está sentindo. Está combinado, então?

Senti quando Malu meio sorriu e meio soluçou, e beijei sua barriga, voltando a erguer-me para olhá-la. Passei o polegar pela lágrima que caía dos seus olhos, e a encarei fixamente.

— Você é lindo, de todas as formas, e eu te amo muito, muito... — Malu disse, e eu a beijei nos lábios novamente. Porque sabia que era verdade, eu sentia aquele amor em cada olhar que ela me dava. Todos os dias.

— E então, vamos ler logo esse resultado?

— Vamos, eu é que já não estou mais aguentando essa espera toda. — ela disse, pegando o tablet que estava do seu lado, e tocando nele para ativá-lo novamente. Engoli em seco, e diferente do que poderia achar antes, uma certa calma tomou conta de mim. Enquanto, Malu, lentamente, tocava na tela, que já estava na página, e baixou o arquivo. Ela virou o rosto para me olhar, ansiosa, e mordeu

o lábio. Eu fiz um aceno com a cabeça e ela continuou, tocando o documento, que se abriu na tela toda. Ela leu, mas eu não, continuei olhando para seu rosto, minha mão tocando ainda de leve sua barriga, em movimentos circulares.

Malu ofegou, e levou a mão aos lábios, novamente meio rindo e meio chorando, então, ela se voltou para mim, seus olhos brilhando de lágrimas e de felicidade. Meu coração deu um salto enorme e minha garganta pareceu que estava trancando, quando ela disse:

— Presença do cromossomo Y, é um menino, amor, nós vamos ter um garotinho. — ela sussurrou, e eu escondi o meu rosto em seu pescoço, fechando meus olhos e sorrindo, murmurando que a amava, e amava o meu filho, e ficamos deitados, quietos, sussurrando palavras de amor, enquanto eu acariciava sua barriga, que abrigava o nosso filho. O meu garoto.



Estávamos descendo as escadas quando ouvi uma risada alta, conhecida, mas que não era de Max, e parei, olhando intrigado para Malu. Nós ainda havíamos ficado no quarto um momento,

PERIGOSAS ACHERON

rindo, conversando, nos tocando, enquanto Malu me contava sobre as tintas e os móveis que havia escolhido. Depois, ela tinha ligado para a mãe, e contado que ela teria um netinho, e mais uma vez eu observei-a emocionada ao telefone.

Eu sabia que Max estava lá embaixo, e estava tendo um prazer perverso em deixá-lo esperando todo aquele tempo pelas notícias. Fazia questão de ver a cara dele quando eu dissesse que era um menino, e ele não ia ganhar aposta nenhuma às minhas custas. Então, tomei um banho e troquei de roupa. Quando eu disse a Malu que ele havia vindo comigo, para saber do resultado, ela deu um ofegar horrorizado, e começou a me empurrar pela porta do quarto, ainda de bermuda, descalço e sem camisa.

— Quem mais está aí? — eu questionei, segurando a sua mão e descendo. Malu me olhou, intrigada também, e deu de ombros. A sala estava vazia, então, fomos em direção à cozinha, e definitivamente, não era só Max que estava ali. Vozes vinham do lado de fora, da parte externa da nossa cozinha, *várias vozes*.

Quando eu e Malu nos aproximamos, de mãos dadas, várias cervejas foram levantadas, em

brinde, assovios altos foram ouvidos, palmas e sorrisos amplos nos aguardavam. Eu parei, querendo ficar surpreso, mas realmente não conseguindo. Malu, ao meu lado, deu uma risada e me olhou, aguardando a minha reação.

Além de Max, confortavelmente sentado em uma das cadeiras, as outras estavam ocupadas por Ricardo e Marcos. Lá estavam também Marisa, Iza e tia Abigail, além de Julia, todas também nos lançando olhares e sorrisos animados. Eu já deveria ter desconfiado de uma porra assim, pensei, apertando o meu nariz, sem conseguir esconder o meu sorriso. Na verdade, minha felicidade parece ter aumentado mais ainda, se fosse possível. Mas claro que eu não poderia deixar de atormentá-los um pouco.

— O que diabos todos vocês estão fazendo aqui?

— Ora, que pergunta idiota, Teo, viemos saber e comemorar com você! — Abigail disse, vindo imediatamente ao nosso encontro e nos abraçando e beijando com carinho. — Minha querida, estou ansiosa para saber sobre esse bebê, a Iza me arrastou para cá como se o mundo estivesse pegando fogo! E eu quero mais e mais netos, então,

cá estou.

— Eu aposto que sei quem foi que avisou todo mundo. — eu disse, lançando um olhar acusador para Max, que levantou as mãos como se estivesse se defendendo, ofendido.

— Eu só avisei a Marisa, não foi, amor?

Ela confirmou e sorriu, também se aproximando de nós para nos cumprimentar. Julia veio ao meu encontro.

— Pai, não ponha toda a culpa no tio Max, eu avisei a Iza, não pude resistir! — admitiu, me olhando com aquele sorrisinho que ela sabia que podia me convencer de quase qualquer coisa. Ergui as sobrancelhas para ela e sorri, não engando mais ninguém com aquela encenação de irritação que tentei demonstrar no início.

— Como vocês souberam? — apontei o dedo entre Ricardo e Marcos, me aproximando deles, depois de beijar Marisa, e deixando as meninas ao redor de Malu, abraçando-a. Peguei uma cerveja fechada que estava entre eles e abri, bebendo um gole. Marcos afrouxou mais a gravata, dando de ombros, e apontou o dedo para Ricardo.

— Estava chegando em casa, calmamente, esse imbecil aqui me mandou correr para cá que

você ia saber agora que teria uma outra menina na casa. O que eu podia fazer, sou um cara curioso, e da última vez, você fez um anúncio e eu não estava presente.

— Como você é dramático, meu Deus do céu. — resmunguei, e ele sorriu.

— E eu só chamei a Marisa para que ela pudesse felicitar vocês pessoalmente, claro. — Max disse, com um sorriso de desdém, levantando a sua cerveja para mim.

— Babaca. — eu disse, balançando a cabeça. — Isso não tem nada a ver com uma certa aposta que você fez, não é?

— Verdade que você apostou com a sua noiva que ele estava apaixonado, Max? — Ricardo perguntou.

— Não só que estava como iria dizer a ela o mais rápido possível. — ele teve a audácia de dizer, um lento sorriso espertalhão se espalhando por seu rosto. — Vocês precisavam ter visto a cara dele no jantar lá em casa. Os quatro pneus arriados e só ele não sabia disso.

Marcos olhou para mim, enquanto Max e Ricardo riam.

— Isso é por que você diz que ele é o seu

amigo certinho, o cara sério, enquanto nós dois somos os porra-louca.

— Parece que eu perdi o posto e o seu único amigo certinho é Diego, não, Teo? — Max disse.

— Eu não contaria com isso. — respondi, erguendo uma sobrancelha.

— O certo é que estamos aqui para saber quais serão as suas agruras futuras. E saber se eu ganhei ou não mais uma aposta da Marisa.

— E eu não podia perder a sua cara caso você soubesse que está, bem... — Ricardo olhou ao redor para as mulheres mais adiante, e falou mais baixo para nós. — Produzindo bainhas para as espadas alheias.

Nós rimos alto, ainda que eu tenha dado um pequeno soco no ombro dele, ao mesmo tempo em que Abigail gritava de lá:

— Eu ouvi isso, Ricardo, não seja um idiota! — ela disse, cantarolando, e ele ficou imediatamente sério, estreitando os olhos surpreso por ela ter ouvido, e nós rimos dele.

— Qual é, Ricardo, esqueceu que mamãe tem super audição? — Marcos riu, e perguntou. — Mas me diz, como você soube assim tão rápido?

Ricardo pareceu ficar subitamente tenso, e

levou sua cerveja à boca, e eu compreendi a merda na mesma hora. Só havia uma explicação para ele ter ficado sabendo assim que Iza soube por Julia, e eu agi rápido, porque, meu amigo, aquilo ia acontecer uma hora ou outra, mas não agora, não aqui, na minha casa.

— Não importa quem disse para quem, vocês todos já estão aqui, e afinal, querem saber ou não se é menino ou menina? — eu disse, alto, cortando a tentativa de Ricardo de explicar alguma coisa, se é que ele ia fazer aquilo. As mulheres vieram ao nosso encontro, e eu estendi a minha mão para Malu, no meio delas, e ela segurou a minha, sorrindo lindamente para mim.

— Vamos lá, Teo, nos diga logo! — Iza disse, abraçada a Julia, juntando as mãos, enquanto Marisa ia se juntar a Max e Abigail veio e se postou entre Marcos e Ricardo, dando um beijo no rosto de cada um, e Ricardo a enlaçou pelos ombros. Todos nos olhavam em expectativa.

— Bom, eu sei que alguns aqui estão sinceramente curiosos e felizes, enquanto outros estão ansiosos para curtirem da minha cara, e eu não faço a menor ideia do motivo. — eu comecei, e os caras sorriram, batendo suas cervejas umas nas

outras. Olhei para Malu de novo, e com a minha mão sobre sua barriga olhei para todos.

— E então? — Abigail incitou-me, olhando entre mim e Malu nervosamente.

— Como eu sabia, lógico, é um menino! — eu disse, rindo, e ouvi vários gritinhos felizes das meninas, e novamente uma nova onda de abraços apertados, beijos, felicitações nos rodearam.

— Meu Deus, está iniciando uma nova rodada só de meninos, é isso? — ouvi Abigail rir, ao abraçar Malu, enquanto Julia dando pulinhos, vinha e se lançava ao meu pescoço.

— Ah, pai, eu perdi no meu palpite, mas estou tão feliz, um garotinho, meu Deus!

— Eu sei, princesa, tome conta do seu irmãozinho conosco. — eu sorri e a beijei, e logo ela foi ao encontro de Malu.

— Ah, você escapou. Cara de sorte! — ouvi Marcos bradar, levantando sua cerveja. — Vai respirar um pouco mais aliviado, agora, hein Stein?

— Alguém lá em cima teve pena de você, meu amigo. — Ricardo completou.

— Até parece, não faria a menor diferença. — eu dei de ombros. — Vocês que deduziram essas idiotices sobre uma menina. Seria absolutamente a

mesma coisa para mim.

— Não me faça rir, Teo, só se a gente não te conhecesse. — Ricardo apontou para mim. — O cara mais ciumento do mundo, com mais uma menina em casa?

— Eu sou o cara mais ciumento do mundo?! — eu olhei para eles, de olhos estreitos, e ambos só sorriram para mim, como se não tivessem ideia do que eu estava falando. Bando de imbecis hipócritas.

— Vem aí um garotão, deixe ele por conta do titio aqui, já tenho até experiência. Então ele vai aprender como a vida deve ser. — Marcos disse, presunçoso. — O pai não vai poder dar as dicas básicas de como pegar as garotas, já que vai estar em casa fazendo palavras cruzadas. Esses meninos estão ferrados com vocês.

Eles riram, e eu cruzei meus braços, sem poder evitar acompanhá-los na risada. Sabia bem do que ele estava falando.

— Certo, e você vai ser um solteirão convicto pelo resto da vida e ainda vai estar na ativa por aí quando meu filho começar a pegar mulheres, é isso?

— Claro que sim, pode ficar tranquilo, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

assumo essas funções para você, papai. Sou o mais novo de todos, ainda podemos pegar mulheres juntos quando chegar a hora, eu e os meus sobrinhos.

— Tá ok, eu vou me lembrar disso, e vou fazer questão de lembrar *você* disso, um dia. — eu disse, e esperava sinceramente que sim.

Ricardo, então, levantou-se e logo estava na minha frente, os braços abertos na minha direção.

— Esquece esse papo idiota, eu não poderia estar mais feliz por você, cara, que seu filho venha com toda a saúde. — ele disse, com um sorriso sincero, me puxando para um abraço apertado e um tapa nas costas.

— Obrigado, meu chapa, ele vem, sim.

Marcos veio em seguida, aquele seu sorriso amplo, e me puxou de encontro ao peito.

— Parabéns pelo seu garoto, Teo! De verdade, mesmo que eu ache que ele vai aprender mais comigo do que com você. — ele piscou, e eu dei um tapinha em seu ombro.

— Valeu, Marcos, mas você é mesmo um idiota. Se tem alguém que sabe das coisas, é esse papai aqui. — eu pisquei de volta para ele, antes que ele fosse adiante para cumprimentar Malu.

PERIGOSAS ACHERON

Max estava logo atrás, me olhando daquele jeito que eu conhecia bem. Eu já estava com a garganta suficientemente sufocada, e ele vinha com aquelas merdas dele.

— Acho que alguém perdeu uma aposta, não? — eu o provoquei.

— Que se dane a aposta, eu estou aqui mais uma vez, e você vai ser pai novamente. Um menino, agora. — ele disse, antes de me abraçar com força. — Você merece tudo isso, você sabe, Teo.

— Não sei, Max, mas eu vou aproveitar tudo que eu estou recebendo, pode apostar. — eu prometi, olhando depois para trás, para Malu no meio do abraço carinhoso de Ricardo, depois de Marcos e então de Max, e nossos olhares felizes se encontraram, e eu pensei, com toda a convicção, que nós não estávamos apenas ganhando um filho, ela também estava ganhando toda uma família, pronta, disposta a mantê-la segura, feliz e protegida.



— Cara, relaxa, é a sua mulher que daqui a pouco vai aparecer por aí e dizer "sim", isso já está combinado com ela. Pelo menos eu acho que ela vai dizer sim, não é? — Ricardo disse, passando as mãos pela frente do seu colete, e depois levantando a cabeça e lançando-me um sorriso falsamente confortador. Ignorei-o, balançando a cabeça, afinal, ele estava fazendo um péssimo trabalho em tentar me deixar mais tranquilo, se é que era aquilo que ele estava tentando fazer, eu duvidava seriamente.

Servi-me de uma dose de uísque com gelo, da mesa altamente equipada com bebidas que havia sido montado em uma das enormes tendas no espaçoso jardim de tia Abigail. Várias pessoas já haviam chegado, todas mais próximas, como Malu havia pedido, e já estavam sendo acomodadas. Não demoraria muito, e eu precisaria ir para aquele arco florido decorado com rosas, outras flores coloridas e lâmpadas, com um pequeno tablado de madeira.

Diego me deu um tapinha no ombro, sentado bem ao meu lado, as longas pernas estendidas à sua frente, e era o único que não bebia, como quase sempre.

— Deixem-no em paz, Teo deve estar pensando no que mais poderia ter dito à Malu para

que ela leve isso adiante, deve estar nervoso mesmo.

Max, em pé próximo a Ricardo, deu uma olhada no telefone em suas mãos, e depois me encarou.

— De acordo com Marisa, ela ainda está na residência, então... boas notícias. — disse, mas deu uma piscada e um sorriso para mim.

— Quem sabe se ela não mudou de ideia? — Marcos questionou, cruzando os braços e olhando adiante, para a outra parte da casa, onde daqui a uma meia hora, mais ou menos, Malu sairia, viria ao meu encontro, e eu estaria finalmente me casando com ela. Eu simplesmente sorri na borda do copo, feliz por ter as babaquices deles me dando um sentido de realidade, de normalidade, e estranhamente me fazendo sentir realmente mais relaxado, não que eu fosse dizer isso a eles, de qualquer modo. Eu não poderia ter encontrado padrinhos mais inadequados e ao mesmo tempo tão certos para o meu casamento.

Aquele era o "grande dia", pensei, olhando ao redor. Era pouco de mais dois meses depois que eu a pedi em casamento, não que eu tenha entendido para que todo aquele tempo, eu teria

casado com ela no dia seguinte, mas como a ideia de pedir que tia Abigail ajudasse Malu em tudo fora minha, eu tive de aguentar.

E olha, elas haviam usado cada segundo desse tempo. Agora, ali, a poucos minutos para que tudo acontecesse, eu me peguei refletindo em como havia acordado nervoso hoje, impaciente, como um rapazinho que fosse casar pela primeira vez. Todavia, como tudo até ali já havia me mostrado, em meu relacionamento com Malu, não havia apenas aquilo de experiência, cada fase, cada momento, cada acontecimento conosco tinha sido absolutamente único, independente de qualquer coisa que eu já tenha passado na vida. E acredite, nós passamos por momentos marcantes até ali.

Além de descobrir que teríamos um menino, algumas semanas depois aconteceu algo que realmente tinha me feito redimensionar a quantidade de emoção que um homem poderia suportar no peito antes que ela parecesse explodir na forma de lágrimas. E, porra, eu tentei segurar, tensionando minha mandíbula ao máximo enquanto Malu apertava a minha mão com força e ambos olhávamos para aquele monitor, onde a imagem indistinta a princípio para mim, mas real, pulsante,

do nosso filho, estava visível na tela. Eu ouvia Malu perguntar coisas ao médico, ouvia, entendia, olhava, mas estava realmente temeroso de abrir a boca e aquela emoção transbordar.

Então, toda a minha tentativa de manter-me firme, ainda que eu estivesse profundamente abalado, ruiu diante de mim quando o Dr. Paulo havia avisado que agora iríamos ouvir a frequência cardíaca do bebê, o seu coraçãozinho bater, e ao primeiro som, ainda indefinível, eu engasguei, mas então ficou mais forte, e o médico sorriu, confiante, e olhou para Malu. E eu também fui olhar para ela. E foi o fim.

Seu choro misturado com o sorriso, seus ombros tremendo, o aperto mais forte em minha mão, e aquele som, aquele som, o coração do meu filho, ecoando feito um trovão nos meus ouvidos, me derrubaram, e assim como no dia em que descobrimos que ela estava grávida, tudo à minha frente ficou desfocado, perdendo a nitidez por conta das lágrimas em meus olhos. Mas não parou por aí. Aquele som continuou, assim como o percurso daquelas lágrimas por meu rosto, e eu não me importei, muito concentrado naquele momento, naquele som de uma vida que estava dentro daquela

mulher que eu amava, e que era, também, o som da minha própria vida ecoando, enquanto eu olhava para ela.

Viu? Eu estava, como esses imbecis ao meu lado viviam dizendo, virando um molenga, porque era lembrar daquilo, aliado ao que viria pela frente, e eu sentia aquele nó de emoção rasgando a minha garganta. Empurrei-o com um gole de bebida. Depois daquele dia da ultrassonografia, nós tínhamos descoberto que havia um aparelhinho que poderia ser comprado, no qual nós poderíamos ouvir novamente aquele som em casa. Desnecessário dizer que assim que eu cheguei em casa eu queria um, e no dia seguinte, já podia repetir aquela experiência em nossa cama, ambos nus, a barriga redondinha de Malu sob minhas mãos, e aquela batida ritmada, mais rápida, reverberando junto com nossos sorrisos, nos fones de ouvido. Depois, eu havia gravado, e ousou dizer que um bocado de gente já ouviu aquele sonzinho de lá para cá.

Olhei no meu relógio, e pus o copo de lado, vendo que já haviam se passado... a porra de 5 minutos, apenas. Passei as mãos no cabelo, então lembrei que ia bagunçar tudo o que aquele amigo

de Diana, desnecessariamente, havia feito ou passado neles, e cruzei os braços sobre o peito. Notei, também, mais ao longe, o rapaz que estava fazendo fotos nossas, assim como uma outra moça estava na companhia de Malu e das meninas — não sei se eles ao meu lado estavam se tocando para aquilo, que estavam sendo fotografados. Eu não disse nada.

— É sempre demorado assim, pelo menos eu acho. — Diego me olhou e pôs as mãos no bolso, depois de ajeitar os óculos.

— Está dentro do horário. — eu murmurei, observando a organizadora do casamento, e um pequeno grupo de pessoas do bufê contratado para aquele dia, movimentando-se de um lado para o outro, na tenda branca do outro lado.

— Podia ser pior, você podia estar suando feito um condenado dentro de uma igreja com um padre respirando no seu pescoço. — foi a vez de Marcos tentar me confortar, com outro tapinha no meu ombro. Sim, era assim mesmo que eles faziam. Aquilo era conforto. Todos nós rimos, e eu passei uma mão pela frente do meu terno informal em cor clara (ela tinha um nome, essa cor, não que eu soubesse), com um colete por dentro, e uma

pequena uma flor, digo, *boutonniere*, como Abigail me corrigiu várias vezes.

Eu estava muito à vontade, e havia aprovado totalmente a forma como Malu e ela haviam decidido tudo, daquela decoração à forma como estávamos vestidos. Todos os padrinhos, Max, Diego, Ricardo, Marcos, estavam usando roupas parecidas com a minha, em um estilo mais despojado: camisas e calças claras e coletes. Nada de ternos formais.

Malu havia dito que queria algo simples, mais íntimo, e ela e as meninas todas envolvidas de algum modo no processo todo daquele casamento, haviam chegado ao que elas chamavam de estilo *boho chic* — sim, eu aprendi um bocado de coisa aqueles dias — mas que eu chamava de rústico, com elementos *hippies*. E estava lindo, de qualquer jeito, um casamento ao ar livre, quase ao final da tarde, no imenso jardim da mansão de tia Abigail, onde o ambiente natural era uma parte importante da decoração que elas haviam pensado.

Tudo ali parecia propositalmente simples e natural, dos bancos de madeira dispostos de modo a formar um corredor por onde a noiva viria, as mesas e cadeiras e outros móveis em estilo antigo

espalhados pelas tendas, das flores, muitas e muitas flores, coloridas, variadas, abundantes, dos tapetes e das almofadas coloridas, da longa mesa de madeira crua decorada de maneira campestre para a recepção e o jantar de mais tarde... tudo remetia a um clima aconchegante e bucólico, livre, silvestre. Havia por todo lado pitadas de algo selvagem e étnico que não poderia ser mais adequado à beleza deslumbrante de Malu. E eu também preferia assim. O não convencional decididamente tinha o seu apelo conosco, pensei, sorrindo.

Em princípio, Malu e eu pensamos em realizar o casamento em nossa própria casa, espaço nós tínhamos, mas ao final, acabamos sendo convencidos por Abigail, que pediu, implorou, e no final quase chorou, para que nos casássemos lá, onde eu havia passado boa parte da minha infância, depois que meus pais haviam morrido, e claro que ela conseguiu convencer Malu, que chorosa, disse que aceitava, claro, e eu não tive muito o que dizer.

Queria que aquele casamento fosse do jeito que ela quisesse, que pudesse projetar seus sonhos ali, e se ela me dissesse que queria casar em uma igreja, com toda a pompa e cerimônia existente, era exatamente isso que ela teria. Eu, particularmente,

poderia ter chamado alguém que fizesse o casamento em casa, conosco na cama, em que eu só precisasse assinar, e depois me virasse para ficar com ela por ali mesmo. Que coisa interessante, parando para pensar bem.... mas isso não existia, infelizmente, e Malu preferiu fazer daquela forma. E eu tinha que concordar, que me parecia simplesmente perfeito.

Estava perdido nesses pensamentos quando Ana, a organizadora da cerimônia, que mais parecia um general, veio meio caminhando e meio correndo em nossa direção.

— Teo, vamos lá, vai começar, todos vocês precisam ir para o gazebo agora. — ela disse, unindo as sobrancelhas, e claro que nenhum homem ali ousou contrariá-la. Nos levantamos, organizando nossas roupas, e fomos. Novamente, meu coração começou a bater levemente descompassado, e apesar do clima ameno, do vento que tornava o fim de tarde agradável, eu senti uma pequena camada de suor se espalhar pelo minha testa, e respirei fundo.

Nossa união teria uma celebrante, uma senhora negra, alta, de voz marcante, que já encontrava-se no espaço abaixo dos galhos e flores

coloridas, mais adiante, e me olhou com um sorriso generoso quando eu me aproximei. Sorri para ela, e me virei, enquanto os caras ficavam mais abaixo, formando um pequeno corredor até chegar a mim. Expirei com força, observando as pessoas sentadas nos bancos, tentando sorrir para todo mundo, e acho até que fiz isso, mas não podia ter certeza, no fim das contas.

Tia Abigail já estava lá, sentada bem na frente ao lado de Otávio, olhando-me com um sorriso enorme. Me soprou um beijo e eu pude ver seus lábios formando as palavras "eu te amo". Acenei e murmurei "eu te amo mais", e ela sorriu e enxugou o cantinho dos olhos. Avistei Dora, outros colegas mais próximos do trabalho, além de alguns amigos de Julia, como Paty e Mônica, e também Arthur — é, ele mesmo — além da senhora simpática da clínica onde Malu trabalhava, e outros colegas da academia. Mas não aquele tal Roberto, obviamente, eu também não era tão complacente assim.

Dona Amélia estava ali, com a outra filha, e o netinho, bem como os pais de Ricardo, Vanda e Rodolfo, e o namorado de Stella, Carlos. Do outro lado, também estavam Dona Fátima, e uma irmã

dela, que eu só conheci recentemente, lutando contra lágrimas desde agora, ao lado de Santiago. Sim, ele tinha ido, mesmo que não fosse entrar com Malu. Conversaram e ele decidiu que estava bem assim, não se sentiria à vontade, e ninguém achou por bem insistir, nem Malu.

Outras pessoas estavam por ali, mas eu estaria mentindo se dissesse que estava exatamente prestando atenção, minha mente estava focada na saída lateral da casa, por onde eu sabia que Malu viria. Olhei para os meus padrinhos, e eles estavam me observando com sorrisos, agora sim, verdadeiramente reconfortantes, do modo distinto e próprio deles de me dizerem que estavam ali comigo, apoiando-me, naquele momento especial da minha vida, e entendiam a importância daquilo. Eu acenei para eles, respirando fundo.

Do meu lado esquerdo, uma moça de longos cabelos negros estava sentada, a postos para tocar o seu violino. Malu havia me dito que escolhera músicas que remetessem a nós dois, aos nossos momentos juntos. Ana, parada ao final do corredor florido, me fez um sinal, e as notas inconfundíveis do violino todas aquelas canções marcaram efetivamente o início da cerimônia, e o aumento da

minha ansiedade e da minha tensão. Era isso, estava começando.

As primeiras a aparecerem, graciosas e leves em vestidos longos rendados e soltos, com uma espécie de coroa de flores nas cabeças, foram Julia e Stella, trazendo cestas e espalhando pétalas de flores pelo caminho. Elas vieram calmamente, até chegar próximo a mim, mais abaixo, e eu me curvei e as beijei no rosto, e logo depois elas assumiram lugares próximos aos padrinhos, uma de cada lado.

As coisas estavam agora, acontecendo muito rapidamente, ainda que eu tivesse plena consciência de que não, que tudo estava do jeito que tinha sido organizado. O som do violino mudando, as fotos que continuavam sendo feitas, e logo depois Marisa, Diana, Alice e Iza, estavam vindo pelo longo corredor de flores e tapetes colorido, lindas em seus vestidos longos e fluídos, de mangas esvoaçantes, com as mesmas flores nos cabelos e belos sorrisos em seus rostos. Parecia mesmo ter válido a pena todo o tempo que elas levaram para estarem prontas, ainda que parecessem simples e muito naturais.

Olhei para os meus amigos, que pareciam

PERIGOSAS NACIONAIS

fascinados com a cena, ainda que ninguém ali fosse admitir isso mais tarde, pensei, em um breve momento de distração que me fez relaxar. Elas chegaram e se postaram ao lado de seus respectivos pares. Voltei a olhar para a frente, ansioso, e a primeira coisa que vi foi João Pedro, em uma roupa clara muito parecida com a dos padrinhos, usando um suspensório, no entanto, que vinha caminhando devagar, meio desconfiado, os olhinhos arregalados, mas vindo de qualquer forma, trazendo as alianças. Eu consegui sorrir, assim como todos os convidados, encantados, enquanto ele ia chegando perto de mim, até finalmente me entregar as alianças, e meio que correr e enfiar-se entre as pernas de Diego.

Mas então eu não pude mais pensar em nada. Todos os pensamentos minimamente coerentes fugiram do meu cérebro quando eu ouvi novamente as notas do violino mudarem, e *At Last* começar a preencher o local. Ao mesmo tempo um silêncio admirado parecia reinar, cortado apenas pelo som sibilante de um vento que balançava de leve as flores do arco acima de nós. Engoli em seco, porque eu não havia sido informado desse detalhe, de que ela entraria com a nossa música.

PERIGOSAS ACHERON

Mas eu devia ter adivinhado, e era o que estava acontecendo...

Malu surgiu, sozinha, e aquele mesmo vento estava balançando os seus cabelos soltos pelos ombros. A música que saía do violino, nossa canção, acompanhava seus passos leves, e ela sorria, os olhos diretamente em mim. Eu tentava absorver tudo da sua aparência, ao mesmo tempo em que tentava respirar normalmente, e acredite, não era uma tarefa fácil. Ela estava usando um vestido que eu só poderia classificar como lindo, por falta de palavra melhor para descrevê-lo, todo rendado, longo, leve, ajustado ao seu corpo, e ele parecia fluir ao seu redor à medida que ela caminhava, um buquê de flores muito coloridas em suas mãos. Malu me lembrava uma ninfa do bosque, ainda que eu não lembrasse de nenhuma tão bonita assim. O que ela usava não era um vestido branco, e sim de uma cor que parecia um tom meio rosado, dourado, e que na sua pele, com a tarde lentamente indo embora e o sol se pondo ao longe, parecia... a personificação da beleza, simplesmente.

Em seus cabelos soltos, um círculo de flores parecido com o usado pelas outras mulheres, mas

não igual. Não. Não havia nada e nem ninguém igual a ela. Eu ainda estava sorrindo, embevecido, à medida em que ela vinha andando ao som da música, mas estava cada vez mais difícil sorrir, e meu peito estava novamente refém daquela sensação esmagadora, que eu agora já conhecia bem. E não, eu não lutaria contra essa sensação, era muito bom ceder a ela em momentos como aquele. Concluí, sentindo os meus olhos umedecendo e embaçando muito lentamente a imagem dela chegando.

Quanto mais ela se aproximava, eu ia notando detalhes que me escapavam antes. Como o seu sorriso largo, na verdade, contrastava com seus olhos escuros úmidos de lágrimas, que escapavam, enquanto olhavam para mim, ali de pé, a aguardando. Como a curva da sua barriga estava muito evidente naquele vestido, e ela nunca pareceu tão deslumbrante, tão perfeita... Eu já havia tido aquela sensação antes, de que ela estava linda em outras ocasiões, mas *porra*, o que existia ali, naquele momento que a deixava mais magnífica ainda?

Outras coisas também, iam ficando mais claras ainda à medida que Malu se aproximava.

Aquela sensação de sentir o peito tão cheio de amor, de paixão, de devoção, de vontade de proteger, de ter toda a sua vida para amar outro ser humano, podia ser sentida em momentos distintos, e ainda assim, todos esses momentos eram ao mesmo tempo únicos e tão semelhantes entre si. Eu senti aquilo em várias ocasiões da minha vida, ao pegar a minha filha nos braços, ao ouvir pela primeira vez o som do coração do meu filho bater, mais recentemente, dentre outros, e agora, ali, quando aquela mulher que eu iria amar, para sempre, vinha caminhando entre aquelas flores, cores e sons, que estavam enevoando os meus sentidos.

E mais uma vez, meus olhos extravasaram a emoção que me consumia. Era aterrador e sublime, e eu pisquei várias vezes, vagamente consciente de pequenos soluços e fungados ao nosso redor, quando Malu finalmente chegou ao meu lado. Eu a segurei pela mão, ela veio, e eu toquei a minha testa na sua, nossos olhos presos um no outro, nossas mãos conectadas, tudo à nossa volta apenas vagamente perceptível, naquele instante em que nos juntamos ali.

— "*Enfim*"... — eu disse, com voz

embargada, rouca, capturando uma lágrima que descia pelo seu rosto. Malu sorriu, entendendo imediatamente a que eu estava fazendo referência: à nossa música.

— *"O meu amor chegou"....* — ela completou, com um sussurro, fechando os olhos.



Capítulo 52



Teo

Meus olhos estavam grudados em Malu, na parte de dentro da loja. Ela estava agora analisando concentrada em um conjunto de lingerie de cor de vinho ou algo assim, que estava à mostra no manequim. Eu tinha acabado de sair da loja, onde estive ao seu lado desde que entramos, para atender a uma ligação urgente sobre a obra que estávamos realizando em um condomínio, mas de onde eu estava, podia vê-la se movimentando lentamente ao redor, observando, tocando, escolhendo.... Olhar para ela enquanto estava assim, distraída, era algo que eu passava muito tempo fazendo nos últimos meses.

Tá ok, vamos admitir, eu olhava e admirava Malu como se eu fosse um planeta que orbitava em torno dela desde que a conheci. Ela me atraía e concentrava os meus sentidos exatamente daquele jeito, e se ela estava por perto, era em sua direção que os meus olhos inevitavelmente estariam

PERIGOSAS ACHERON

focados. Olha só, agora estou quase parecendo a porra de um poeta, pensei, sem poder evitar o meu sorriso. Se olhar para Malu assim, minha vida, meu amor, oficialmente minha esposa há pouco mais de dois meses, era algo comum, cotidiano, desde que ela entrou na minha vida, pense sobre isso nesse cenário: essa mesma mulher, o amor da minha vida, grávida de pouco mais de seis meses agora, carregando naquela barriga linda e redonda o nosso bebezinho? Aí, meu amigo, era pura covardia com o meu coração. Um poeta, eu não disse?

E ela estava fodidamente linda esses meses. Hoje, Malu estava usando um vestido de malha cinzenta, confortável, mas que porra, aderiria perfeitamente todas as suas curvas e moldava a sua barriga. Seus cabelos estavam presos para trás em um longo rabo de cavalo, um pouco mais escuros agora já que ela não clareava algumas mechas. Sim, eu sabia de tudo isso, fazer o quê? Por um momento, lembrei daquela primeira vez em que a vi na academia, em que eu estava assim, a alguns passos dela, comendo-a com os olhos como um verdadeiro tarado. E quer saber a parte mais interessante desse pensamento? Aquela barriga ali com o meu filho dentro e aqueles seios cheios e

maravilhosos destacando-se naquela roupa, a deixavam mais bonita e sensual do que aquela primeira vez. Eu não tinha a menor dúvida disso.

— Não Moraes, aguarde o posicionamento de Max quanto a isso. Sim, ele está diretamente a frente e eu não estarei mais de volta ao escritório hoje. Ok, não, você pode... — eu parei, franzindo os meus olhos para dentro da loja novamente, atento. Que porra era aquela mesmo? Malu estava de costas, segurando uma peça vermelha, uma calcinha? O pescoço inclinado, distraída, e uns passos atrás dela, um homem estava quase literalmente babando na sua bunda, de cima a baixo, como um maníaco. Mas que filho da puta!

Quando nós entramos naquela loja de lingerie para grávidas, aquele cara já estava lá com a mulher dele, eu imaginava, também grávida. Ela e Malu haviam inclusive trocado algumas palavras afáveis e informações sobre o sexo dos seus respectivos bebês. Agora, a mulher dele não estava à vista, e o sacana estava babando na bunda da minha mulher? Mas não mesmo.

— Teo, você está aí? — Moraes interrompeu os meus pensamentos.

— Como eu disse, fale com o Max sobre

isso, tudo bem?

— Certo, boa tarde.

— Boa. — Eu desliguei e já estava andando em direção à loja novamente, agora em passadas mais rápidas e decididas, já que o tarado por bunda de mulher grávida alheia estava agora falando com Malu, como se fosse um santo. Ele tinha um sorriso no rosto, quando Malu virou-se e acabou topado com ele. Provavelmente agora estava perguntando algo sobre o bebê, já que Malu sorriu e pôs a mão sobre o ventre arredondado, antes de falar com ele de volta. É, eu sabia que existiam caras que sentiam-se especialmente atraídos por uma mulher grávida e todas aquelas curvas e sinuosidades, eu que o diga. Mas essa bem aqui, meu camarada, era minha.

Aproximei-me lentamente, passando pelas portas de vidro da loja e guardando o celular no bolso do meu blazer. Ele me viu primeiro e ficou mais aprumado, afastando-se um passo para atrás. Malu olhou na minha direção. Eu podia imaginar bem o que aquele bastardo não estava pensando ao olhar para os peitos bem maiores da minha mulher, da forma como eles estavam desenhados naquele vestido.

— Ei, amor, tudo bem por lá? — Malu perguntou, quando eu cheguei ao lado deles, acariciando de modo entretido a barriga, como ela fazia muito agora, quase como um ato involuntário. Eu dei uma olhada firme para o babaca, em um aviso mudo e enlacei Malu pelos ombros, puxando-a delicadamente de lado para mim. Ainda olhando para ele, espalmei a mão sobre a dela em sua barriga e inclinei para dar-lhe um beijo na fronte. Recado sendo transmitido aqui, cara.

— Tudo bem sim, querida. Ele vai resolver com o Max. Oi, você, tudo bem? — eu disse, erguendo o meu queixo na direção do cara baixo e forte, como esses grandões ratos de academia.

— Sim, tudo. Sua esposa estava aqui me dizendo que vocês terão um menino. Parabéns. — ele disse, as mãos no bolso, olhando entre Malu e eu com um sorriso amigável e dissimulado.

— Obrigada. — Malu retribuiu a gentileza, olhando para mim. Em nenhum momento eu deixei de olhar para ele e, inclusive, arqueei um canto da minha boca em escárnio, deixando-o saber que ele podia enganá-la, mas não a mim. A esposa, uma mulher bonita e morena com a barriga um pouco maior que a de Malu, apareceu, carregando

algumas sacolas de compras. Ele agarrou a oportunidade, tomou-a pela mão, as mulheres despediram-se educadamente e então eles se foram.

— Cara de pau. — Resmunguei, então olhei para Malu que tinha cruzado os braços e estava me olhando de cenho franzido e uma expressão de descrença.

— O que foi, Teo?

— Ele estava quase manchando o seu vestido de baba aí atrás, Malu. — expliquei, e ela balançou a cabeça e sorriu, daquele jeito como se estivesse revirando os olhos para mim. Malu continuava achando que eu exagerava em tudo, que era excessivamente preocupado e que depois da gravidez, eu estava ainda mais. Óbvio que não. Eu sempre fui um cara cuidadoso, só estava reforçando um pouco mais agora que Malu estava grávida, por questão de zelo e segurança com ela e o meu filho. Simples. — Acredite em mim, meu amor, eu vi a baba escorrendo.

Ela sorriu mais e esticou-se um pouco para dar-me um beijinho no queixo, e eu imediatamente desfiz a minha expressão irritada porque Malu realmente estava feliz e relaxada aqueles dois dias, e eu não queria correr o risco de vê-la irritada ou

PERIGOSAS NACIONAIS

chorando. Sim, porque Meu Deus do céu, eram os hormônios da gravidez e tudo, e por mais sensata e equilibrada que ela se esforçasse em ser, dos exercícios, pilates, da dança, tudo, do nada Malu poderia estar extremamente fragilizada e chorosa, por causa de um sapato que não estava servindo mais, por exemplo. Sim, um sapato. Acessório este que no dia anterior estava bem resolvido que poderia não entrar mais no seu pé e ela estava bem com isso. Claro que nessa ocasião em específico eu ofereci para comprar outros sapatos do mesmo, quantos ela quisesse, em um número maior. Recebi um sorriso fraco de agradecimento e um olhar úmido de lágrimas.

Outros dias ela simplesmente tendia a ficar um pouquinho mais irritada se eu olhasse diferente para ela. Não, não me pergunte o que era “diferente”, eu não sabia. Só tentava não olhar mais do mesmo jeito, e isso era um puta de um exercício difícil de executar. Tanto que outra vez fiz a mesma tentativa do caso do sapato, com uma roupa que não lembro qual era, ou seja, comprar várias de vários números maior, e dessa vez o olhar que ela me deu poderia muito bem ter aberto um buraco bem no meio da minha testa.

PERIGOSAS ACHERON

De acordo com o Dr. Paulo — sim, porque ele continuava acompanhando a Malu, claro — isso era parecido com uma verdadeira montanha russa emocional. Realmente, havia dias que eu sentia-me de cabeça para baixo nessa montanha russa de Malu. E ainda assim, não queria estar em nenhum outro lugar do mundo a não ser ao seu lado.

— E aí, gostou de algo? — mudei de assunto rápido, já *expert* agora, pegando-a pelo ombro e afagando-a. Malu suspirou e olhou em volta.

— É, gostei sim. A Iza havia me falado que essa loja possuía lingerie maravilhosas para grávidas. — Pensativa, ela passou os dedos de leve por uma dessas peças, um tipo de camisola rendada e transparente, longa e aberta na frente. — Realmente, dá para sentir-se sexy com uma barriga do tamanho de uma bola, às vezes. Ou pelo menos dá pra tentar, não é?

Eu parei e a fiz parar comigo, encarando-a e depois descendo o meu olhar pelo seu pescoço, pelo maravilhoso par de seios e pela curva da sua barriga. Inclinei a cabeça e disse próximo ao seu ouvido.

— Querida, não tenha a menor dúvida de

que você está sexy pra caralho. E que eu tenho vontade de te comer todo dia, ainda mais do que antes. Isso é suficiente para você?

Malu sorriu, depois levantou a cabeça e olhou devagar na direção da jovem atendente da loja que olhava para nós dois como se estivesse segurando um sorriso.

— Será que ela ouviu, Teo? — Malu sussurrou, envergonhada. Eu mantive o sorriso no meu rosto ao incitá-la a continuar caminhando ao meu lado. Eu achava que a menina não tinha ouvido, mas se tivesse, e se um dia quisesse engravidar, que tivesse alguém que a achasse tão linda e gostosa quanto eu realmente achava que a minha mulher era.



Conforme tinha planejado, não retornei ao trabalho. Era uma sexta-feira, não havia nada muito urgente e já era quase o fim da tarde quando finalmente terminamos o passeio de compras para ela e para o bebê, ainda que a ideia inicial fosse apenas algumas roupas para ela. Porque, sinceramente, eu acho que nós precisaríamos de mais uns dois meninos para usar a quantidade de

PERIGOSAS ACHERON

roupas que já existia.

Quando chegamos em casa, Malu subiu para um banho e eu fui ao escritório enviar uns documentos por e-mail. Julia ainda não havia chegado em casa, mas tinha ligado mais cedo avisando que sairia da escola e iria para o cinema com o Arthur. Eu não podia dizer que não sentia bater aquela sensação estranha, de que minha menina tinha crescido e tinha um namorado. Namorado. É, a palavra soava ainda meio amarga na minha língua, mas eu estava levando tudo numa boa.

Eu achava que sim, pelo menos, Malu e ela não concordavam. Mas ora, o rapaz continuava inteiro, tinha todos os dentes que ele já possuía quando resolveu pedi-la em namoro, então, se isso não fosse eu levando tudo numa boa, eu não sabia o que era. Mas, sinceramente, ele estava saindo-se bem, era responsável, sério e parecia realmente gostar da minha filha. O idiotazinho estava ganhando a minha confiança, mas por que eu diria isso a ele agora? Não, muito cedo para o meu gosto.

Ao voltar ao quarto, encontrei Malu envolta em um roupão de banho, os cabelos molhados,

sentada no meio da cama, lendo algo em uma revista. Como havíamos comido fora, eu tinha tempo para um banho e depois ficaríamos por ali de conchinha até que, provavelmente, ela precisasse fazer um lanche.

Minutos depois, mais relaxado após um banho, vesti um calção confortável e fui ao seu encontro na cama. Malu tinha deixado a revista de lado e agora estava sentada, abrindo um vidro de óleo com um aroma delicioso, que havia comprado na mesma loja mais cedo. Aqueles vidros evocavam lembranças tão boas em mim.

— Ei, que tal deixar eu ajudar com isso? — propus, sentando ao lado dela. Malu afastou os lados do roupão dos ombros e afastou também os cabelos molhados para um lado.

— Já não via a hora de você sair do banho e me fazer uma daquelas massagens maravilhosas que só você sabe. — ela sorriu, lançando-me aquele olhar provocativo. Muito bom, aquele olhar era um bom sinal. Eu não pude evitar o grande sorriso que se espalhou pelo meu rosto, e outras partes do meu corpo que também começaram a querer sinalizar uma animação imediata.

— Fica deitadinha aí que eu vou deixar

você bem relaxada, meu amor. Prometo. E você sabe como são as minhas promessas, não é?

— Até agora, você tem se mantido firme em cumpri-las, sim. — Malu concordou, acomodando-se preguiçosamente no meio da cama, enquanto eu arrumava os travesseiros e fazia uma pilha as suas costas, para que ela ficasse meio sentada e com as pernas na minha direção. Peguei o vidro de óleo das suas mãos e senti-me na cama, seus pés em cima das minhas coxas.

Malu fechou os olhos e fez um som como um gemido longo, apreciativo, de puro conforto e bem-estar, mas a minha mente era suja, fazer o quê? Era um gemido e meu pau acordou, decididamente interessado no que eu estava fazendo agora. Derramei o óleo com um cheiro bom nas palmas das minhas mãos e iniciei uma massagem lenta, firme, mantendo uma pressão muito leve, delicada, em pontos que eu já havia aprendido que eram os melhores para aliviar as dores e o cansaço em seus pés.

Desde o início da gravidez, Malu frequentava grupos de meditação e yoga para relaxar, ou então fazia seus exercícios em casa mesmo. Minha academia improvisada, aliás, havia

se transformado definitivamente em um local organizado, cheio daqueles tatames coloridos e outros trechos que ela utilizava para isso. Fazer o quê? Eu queria ambos relaxados. Desse modo, eu havia aprendido a fazer uma massagem leve, que servisse para relaxá-la e diminuir a tensão em seus músculos.

Levantei a cabeça e notei que seu roupão estava mais aberto ainda, e agora eu tinha uma visão privilegiada não só das suas pernas que eu tinha nas mãos e massageava lentamente, deslizando meus dedos por causa do óleo, mas de todo o seu corpo. Nu. Merda, concentração, cara. Malu só queria relaxar, talvez estivesse cansada da caminhada de mais cedo, então, só esquece que ela está sexy e desejável pra caralho agora e ignora que enquanto você tenta fazê-la relaxar os músculos, uma parte da sua anatomia estava ficando mais rígida agora. Dura pra cacete, literalmente.

Continuei massageando seus joelhos agora, em movimentos circulares, mas meus olhos não saíam mais dos seus seios enormes, cheios, com auréolas mais amplas e mamilos escuros e pontudos. Seus cabelos ainda estavam úmidos caindo na lateral do corpo, a barriga perfeitamente

redonda e mais acentuada... aquela curva, de início me causou sentimentos conflitantes de fascínio, ternura e ao mesmo tempo um tesão da porra. Isso foi emocionalmente complexo, para não dizer fodido, com o meu filho crescendo ali. E devo admitir que, à medida que a barriga de Malu crescia, eu pensei que com toda a minha experiência de vida, estivesse pronto para lidar com a mistura das três coisas sem em algum momento sentir-me como um tarado insensível.

Desde que ela engravidara e seu corpo passara pelas mudanças habituais, eu tinha a mais absoluta certeza que Malu estava mais bonita ainda. Mas não só isso, ela estava mais gostosa também, e eu era um verdadeiro viciado em cada uma dessas mudanças, estava mais atraído e sexualmente mais estimulado pelo aumento das suas curvas a medida que os meses passavam. E os conflitos foram atenuados também.

Eu passei a entender melhor e lidar com o fato de que era perfeitamente natural e saudável sentir muito mais tesão por minha mulher agora. Tipo, muito mesmo. E, ainda assim, sentir-se tomado de amor, carinho e cuidado ao olhar para a sua barriga. Isso estava muito bem resolvido, foi só

uma fase que eu considereei uma insegurança típica do homem durante a gravidez da sua mulher. Assim como o medo de fazer sexo para não machucar o bebê ou o receio que ela gozasse e isso causasse parto prematuro. Dúvidas devidamente sanadas e descartadas. Os homens interessados, conectados com suas mulheres, sentiam diretamente essas mudanças de fases emocionais. E agora eu era um cara muito bem informado sobre isso, obrigado. Tá ok, eu li bastante, confesso, mas era informação de primeira de qualquer jeito.

Deslizei meu olhar para a boceta nua de Malu, também mais... deliciosa, que porra de palavra que eu iria usar se não essa? Biologicamente, eu já sabia o porquê de todas essas mudanças. Muitas consultas e algumas leituras faziam isso com um novamente futuro papai: aumento do fluxo sanguíneo, da coloração da pele, mais inchada, etc. Mas apenas visualmente falando, puta que pariu, aqueles lábios mais inchados, sensíveis... Acho que soltei um meio gemido e meio grunhido involuntário, assim como meu pau livre no calção contraiu um pouco, e Malu abriu apenas um olho, mantendo o outro apertado.

— Você está fazendo aquilo, Teo. — ela

murmurou, voltando a fechar os olhos e movendo-se devagar, abrindo um pouquinho mais as pernas porque agora eu estava nas suas coxas. Tinha esquecido o óleo, concentrado só em ficar acariciando-a, então peguei novamente e recomecei. — Hummm, continua, está uma delícia... Isso, assim...

— O quê? — sussurrei, minha voz baixa de desejo, então limpei a garganta e tente novamente: — O quê, meu amor?

— Como se fosse um urso, um leão, um bicho desses qualquer. Essa coisa aí que você faz. — Malu moveu a mão na minha direção, mas não se deu ao trabalho de abrir mais os olhos, ao contrário, ela abriu mais as pernas. Flexionou os joelhos e ficou em uma posição aberta para mim, fazendo novamente aquele som, aquele gemidinho de satisfação. Caralho, aí era sacanagem e pura tortura com um cara todo no modo comportado tentando apenas proporcionar uma sessão de massagem relaxante para a sua linda e muito grávida esposa. Tudo bem que meus pensamentos eram os mais impuros possíveis, mas ei, ninguém é de ferro. Eu me ajustei, acomodando o meu pau e tentando ajeitar a barraca que a minha bermuda

formou, ao mesmo tempo em que meus olhos estavam vidrados entre as pernas abertas de Malu.

— Não é? — ela estava perguntando.

— Não é o quê? — murmurei, distraído, movendo-me para a frente, minhas mãos em seus quadris agora, em movimentos leves. Meus dedos circulando sua pele macia, meus olhos também movendo-se pelo seu corpo despido, tão duro que doía. Mas Malu estava tão quieta tentando descansar, e eu só apertei os dentes juntos e respirei fundo, obrigando-me a deixar de ser um egoísta louco por sexo quando ela estava tão...

— Algum problema, amorzinho? — Malu agora abriu os olhos e me encarou, confusa, sua voz interrompendo meus pensamentos. E muito lentamente, ela levou as mãos aos seios e massageou-os juntos, dedilhando os mamilos, unindo-os e dando um leve gemido, seus olhos semicerrados fixos em mim. Ah, caralho. Então ela deu uma olhada para a barraca armada no meu calção e fez uma expressão condoída, mordendo o canto do lábio. — Pensei que você poderia fazer uma massagem bem de leve aqui também, mas acho que você não está muito confortável aí, não é?

Eu fechei meus olhos e abaixei a cabeça,

sorrindo, sem poder acreditar.

— Você estava fazendo de propósito. Porra Malu, eu acho que eu vou explodir de duro nesse calção. — confessei, apoiando a minha testa em seu joelho. Ouvi sua risada baixa e sorri para ela. Naquelas fases de altos e baixos que Malu passou a viver, em algum momento ela achou que não era mais sexy ou que eu não olhava para ela do mesmo modo, ou que a barriga a deixava meio “disforme”. Era quase surreal uma mulher linda como ela achar isso, mas eu entendia as inseguranças e a vulnerabilidade que uma gravidez podia causar, por mais confiante que a mulher fosse. Não passei muito por isso com a minha ex, pois eu estava quase sempre afastado, e ela quase sempre corria para a casa da mãe quando sentia algo. E, eu, naquele momento achava que isso era o ideal. Não era.

Com Malu, muita conversa, sinceridade, carinho e muita demonstração prática da minha parte de que ela era a mulher mais desejável do mundo para mim, foram aos poucos tornando nossa intimidade melhor e nosso sexo tão ou mais criativo que antes. Porque acredite, criatividade era a alma do negócio com uma barriguinha no meio de

tudo.

— Eu só estava sendo um pouquinho malvada com você, Teo. Na verdade... — Malu sentou-se mais na cama, apoiando-se melhor e afastou de vez os lados do roupão, ao mesmo tempo em que abria mais as pernas e me dava a visão do paraíso. — ... hoje estou daquele jeito. A massagem só me animou mais ainda.

— Puta merda, que alívio, por um momento achei que você estava tão cansada que...

— Teo. — Malu cortou, massageando novamente os seios e lambendo os lábios. — Estou meio que... — ela levou a mão ao meio das pernas e tocou sua boceta inchada e, agora eu podia ver mais claramente, molhada. Não esperei mais, aproximei-me dela, ficando entre as suas pernas afastadas e dei um beijo em seus lábios, demorado, gostoso, segurando seu rosto, nossos lábios e línguas movendo-se em busca do sabor um do outro.

— Eu te amo, minha vida. Agora, seja uma menina obediente e fique aí sentadinha, abra essas pernas e me deixe chupar essa boceta deliciosa, está bem?

Malu apenas assentiu, fechando os olhos e

inclinando a cabeça para trás nos travesseiros, um suspiro de puro deleite escapando dos seus lábios entreabertos, o pescoço esticado. Rápido, deitei-me na cama de barriga para baixo, ignorando o meu pau duro pressionado no colchão, mas aquela posição era muito melhor para ela por conta da barriga.

Segurei as pernas de Malu de modo que ela ficasse completamente exposta. Com as pernas afastadas, sua boceta estava diretamente no meu rosto, e eu fiz o que eu adorava fazer, e com Malu, aquilo ia a um outro nível, desde que a conheci. Beije a parte interna das suas coxas, mordi de leve, deixando-a impaciente, lambi e beije de novo, até que finalmente passei a minha língua firmemente naquela boceta já toda molhada, levemente inchada, provando seu gosto. Senti seu cheiro, também diferente desde a gravidez, eu havia notado, um aroma que quase me fez salivar e soltar um rugido meio animalesco. Uma constatação muito primitiva e quase selvagem impregnada no meu cérebro de que aquela mulher era minha, e estava cheia de mim, com a minha semente crescendo nela, com o nosso filho ali.

Esse pensamento me tornou mais faminto, e

eu passei a lambê-la e sugá-la mais ainda. Segurando seu clitóris entre os dentes, de leve, passei a fazer movimentos de sucção com os lábios, antes de dar golpes rápidos e intensos com a minha língua. Malu segurou nos meus cabelos e passou a gemer e ofegar, e eu tinha certeza que com a sensibilidade extra que ela estava, desde a gravidez, não demoraria a me deixar devorar cada gota do seu orgasmo. E foi o que aconteceu, mais rápido do que eu imaginei, e ela estremeceu, gozando, me segurando, e eu sorvi seu gozo, sem afastar a língua da sua boceta enquanto passava a fazer movimentos circulares até que ela acalmou, ficando mole, seus dedos afrouxaram na minha cabeça e ela caiu mais para trás nos travesseiros.

Imediatamente olhei para a sua barriga, que tinha ficado mais durinha, como se tivesse se retraído, e passei a minha mão por cima, acariciando-a em movimentos lentos, confortadores. A primeira vez que fizemos sexo e a sua barriga se contraiu assim, eu quase senti às minhas bolas saírem pela garganta de puro terror. Mesmo já tendo ouvido e sido informado pelo obstetra de tudo, não sei porque raios achei que tinha de algum modo machucado ou pelo menos

incomodado meu filho na barriga e por isso a dureza e a contração. Malu passou a mão na barriga e sorriu da minha cara, depois me explicou que isso era normal. Ela não sorriria se soubesse o quão próximo eu estive de ter um ataque cardíaco.

Agora, espalhei beijos pela sua barriga e subi com as carícias, meus lábios explorando a pele macia, aquela linha divisória mais escura tão bem visível agora na sua pele. Ainda deitado, espalmei minhas mãos grandes sobre a ondulação da sua barriga e fiquei olhando para ela. Meu pau pulsava de tesão, mas esses meses eram um exercício de controle e paciência.

Malu abriu os olhos, languidamente, e então fez sinal para mim. De joelhos entre as suas pernas, inclinei-me e trocamos um beijo intenso, demorado, cheio de desejo, ambos sentindo o seu gosto nos meus lábios. Logo, Malu parecia mais animada ainda, e eu agradeci internamente a minha boa sorte quando ela movimentou-se habilmente e eu acabei ficando meio deitado na cama, com ela passando uma perna por cima de mim e ficando sobre os meus quadris. Puta merda, meu amor, você não está ajudando assim, pensei.

— Acho que a gente poderia continuar, o

que você acha? — Ela murmurou, ondulando sobre o meu pau, as mãos no meu abdômen, a cabeça inclinada para trás. Exalei uma respiração entrecortada, segurando seus quadris enquanto a acomodava. E minha nossa, que visão do caralho... Eu nunca cansaria daquilo, e agora, então, nem se fala. Os seios de Malu, acompanhando os seus movimentos, balançavam, a barriga arredondada, tudo hipnotizando-me e me deixando louco. Enquanto eu me perdia nas sensações visuais, observei que os bicos dos seios de Malu pareciam um pouco úmidos, e se o meu pau estava duro, agora ele ia mesmo explodir.

Nós já sabíamos que aquele líquido poderia vazar, principalmente durante a excitação e o estímulo sexual. Não acontecia com todas as grávidas, na verdade, a maioria só experimentava aquilo depois do nascimento do bebê. A primeira vez que aquilo aconteceu, semanas antes, foi uma surpresa para mim, e de certa forma Malu ficou incomodada. Porém, como o Dr. Paulo disse depois, quando fomos a uma consulta, se fosse um incômodo, as atividades sexuais poderiam ser feitas com ela usando um sutiã e tapando os mamilos para evitar a umidade.

Eu quase quis voltar a época em que sentia vontade de lhe dar uns socos quando ele disse isso, mas claro que eu sabia que o cara estava sendo profissional e auxiliando da maneira correta, era apenas o meu “eu babaca” reagindo à possibilidade dele imaginando os seios de Malu escapando líquido. Tá ok, ele não poderia saber que aquilo, se dependesse de mim, nunca iria rolar: cobrir os seios da minha mulher porque estavam vazando? Nunca, nem no inferno. Malu enfim acostumou-se quando percebeu que eu não me importava nem um pouco. Na verdade, só depois de ver como ela iria reagir e como se sentira, eu confessei que adorava e aquilo era um puta de um tesão do caralho, e que só em pensar naquilo me deixava impossivelmente duro, em ponto de bala. Como eu estava agora.

Ela moveu as mãos, rápida, e abaixou o meu calção pelos quadris. Eu também estava ansioso, frenético, mas se tinha uma coisa que eu tinha aprendido naqueles meses, era a deixar Malu ditar o seu próprio ritmo, obter prazer da forma mais confortável possível. Aquela posição, com ela por cima de mim, quase tinha me feito surtar de preocupação (sim, eu já sabia que não machucava o bebê, mas era a porra de uma coisa difícil de

esquecer), mas então finalmente fui convencido por ela, pelo médico e por algumas leituras, que me montando daquele jeito dava a ela a possibilidade de controlar o ritmo, a intensidade, a profundidade da penetração, tudo. Isso não quer dizer que na minha mente aquela muito leve hesitação não ficava lá, naquele cantinho, e eu domava ainda mais a minha impetuosidade e a minha própria intensidade. E aquela era uma ótima variação da conchinha. Mas ninguém estava reclamando aqui, pode apostar.

Quando segurou pela base meu pau rígido e pronto, Malu não perdeu tempo, levantou um pouco e depois desceu devagar sobre ele, deslizando. Rosnei, sentindo-a me engolir, deliciado com o seu calor molhado e apertado, e passei a me movimentar, devagar.

— Ah, puta que pariu, porra, desce assim no meu pau. Isso. Você está toda encharcada, meu amor... gostoso demais. — eu ia falando, baixo, mantendo o ritmo. Observei-a gemer, contorcer-se, excitada, com uma mão apoiada na minha pélvis para controlar o ritmo, a outra acariciando os seios, a barriga empinada para frente. Arfei, impulsionado pela visão, pela sua umidade, pelos seus arquejos.

Malu estava próxima do orgasmo novamente, e isso era o nirvana, tão sensível, tão rápido, deixava-me desvairado. Por um momento, fechei os olhos e saboreei as sensações que estavam muito rápido me fazendo perder o controle.

— Teo... — ela chamou, arfante, e eu abri os olhos. E fui nocauteado com a cena diante de mim: Malu estava olhando para baixo, para os seios, mas continuava em uma cavalgada calma. Dos seus mamilos, estava vazando aquele líquido, colostro, ainda transparente como da primeira vez, mas em maior quantidade que antes. Escorria dos bicos inchados e duros e ia descendo, dos dois lados, em filetes que estavam indo parar na sua barriga. Puta que pariu. Engoli em seco, meu peito rugindo de posse, tesão e um estrondoso sentimento de orgulho masculino. E, então, nossos olhos estavam trancados um no outro, os seus movimentos sobre o meu pau não pararam. Malu ondulou, mordendo o lábio, e aquilo, aquele seu olhar era resultado da confiança que ela tinha que aquilo era excitante e não incômodo para mim. Normal, natural, e não algo a ser escondido e abolido do sexo.

— Deixa, eu quero vê-los vazando. — pedi,

minha voz áspera, quase rouca. Malu assentiu e levou os dedos ao clitóris, circundando-o, massageando-o em movimentos lentos e circulares, cada vez mais perto do orgasmo.

— Amor, eu vou gozar de novo... — ela gemeu, agoniada, a respiração entrecortada. Desci meu olhar do seu rosto, vidrado naquele líquido que escorria dos seus seios cheios, e lambi os lábios, salivando, um caralho de uma ideia me tomando e me fazendo mais alucinado de apetite sexual e luxúria. Movi-me para a frente de forma a deixá-la mais sentada sobre o meu quadril do que me montando, o que fazia com que nossos corpos estivessem mais juntos agora. E seus seios diretamente na direção da minha boca.

Malu segurou com uma mão no meu cabelo e eu não pensei mais, inclinei-me, sorvi aquele cheiro de fêmea, e então estendi a minha língua e passei de cima a baixo em seu seio, rodando a auréola, depois, sobre o mamilo duro pingando. Quando o sabor salgado e ao mesmo tempo adocicado escorrendo em seu seio explodiu na minha língua, eu senti meu pau se contorcer dentro de Malu, e soltei um rugido baixo.

— *Ahhh*, Teo... — Malu puxou com mais

força meus cabelos, que estavam ligeiramente maiores, e pareceu delirar, enquanto eu passava a língua e lambia o líquido que escorria do outro seio, agora, quase gozando com o gosto, o cheiro, o som da respiração pesada de Malu, o barulho molhado de nossos sexos, aquele sabor... E, finalmente, quando ela espremeu meu pau, apertando, gozando, gemendo, eu gozei logo em seguida, sentindo seus espasmos em torno de mim, rodeando o mamilo com os lábios e obtendo mais do gosto daquele líquido delicioso, que impregnava a minha língua e todos os meus sentidos, e então enchia-a de esperma quente, alucinado.



Epílogo



Três meses depois...

Rolei para o lado muito suavemente, e ainda sem abrir os olhos, estendi a mão e senti imediatamente a falta de Malu ao meu lado, na nossa cama. Passei a mão nos meus cabelos e apoiei-me nos cotovelos, olhando em volta do quarto. Ainda era muito cedo, podia notar pelos tons alaranjados que entravam pela varanda do quarto, já que as longas cortinas na frente das portas de vidro estavam apenas parcialmente fechadas. Sentei na cama, totalmente desperto e alerta agora, tentando evitar aquela sensação de preocupação excessiva e quase pânico que me tomava quando Malu estava longe, ainda mais agora, que ela estava no mês final da gestação.

Eu tinha permanecido no fio da navalha durante toda a sua gravidez. Em alguns momentos respirando fundo e lembrando que ia ficar tudo bem, sim, e em outros quase tendo pequenos

PERIGOSAS ACHERON

ataques cardíacos com qualquer coisa. Com a gravidez avançando, eu tinha melhorado um pouco. Certo, era mentira, eu não tinha melhorado nada, eu só não perturbava Malu com os meus excessos e tentava fingir que estava relaxado, mas por dentro eu estava, às vezes, surtando.

Levantei-me e fui em direção à varanda, já que era lá que ela deveria estar. Era um local que nós ficávamos muito, e agora que eu havia construído uma piscina na parte de baixo, que podia ser acessada ali mesmo pela varanda, era um dos nossos locais preferidos para conversar, namorar, ou apenas para que ela pusesse as pernas sobre as minhas coxas e eu fizesse massagens nelas. Por um segundo, enquanto eu chegava às portas de vidro, o pensamento louco de Malu descendo sozinha para a piscina escorregadia para tomar um banho passou por mim, e eu apressei o passo, mesmo sabendo que era loucura imaginar algo assim. Mas o que ela fazia ali fora antes mesmo de amanhecer?

Quando eu cheguei, Malu estava de costas para mim, em pé olhando para fora. Sua longa camisola rosa estava sendo agitada pela brisa suave, e seus cabelos, maiores e mais escuros agora, estavam soltos pelas costas. Eu fechei as

portas atrás de mim e a chamei antes de me aproximar, para que ela não se assustasse.

— Malu?

Ela virou a cabeça ao meu chamado, e eu fui ao seu encontro. Assim que a alcancei, coleime às suas costas, e imediatamente pus as duas mãos ao redor da sua barriga enorme, que destacava-se da camisola fina com uma abertura na frente. Fechei os olhos. Deus, como aquela sensação era boa. Enquanto a barriga de Malu crescia, enquanto o nosso filho crescia ali dentro, eu fui adorando de formas cada vez mais intensas a sensação de poder tocar, acariciar, beijar a sua barriga. Agora que estava muito maior, afinal aquele era o mês em que ela teria o bebê, eu só pensava no momento em que poderia vê-lo, em que ele nasceria. Mas porra, eu também amava poder passar a mão assim naquela minha bolinha de basquete e sentir que ele estava seguro e protegido ali dentro, senti-lo chutar, mover-se. Ainda assim, estava na hora de sair, garoto, pensei, enquanto a acariciava.

— Amor, eu não queria ter acordado você.

— Eu imaginei, por isso você se esgueirou para fora da cama desse jeito, não foi?

— Eu tentei sair o mais silenciosamente

possível, mas você sabe, não é exatamente fácil quando até levantar da cama é um show de acrobacias, agora. — Malu disse, passando os seus braços cruzados por cima dos meus e aconchegando-se mais. Ela estava brincando sobre isso, mas eu franzi a testa. Sabia que estava particularmente difícil para ela agora fazer coisas mais simples, por conta do tamanho e do peso da sua barriga, coisas que ela podia desempenhar com certa facilidade semanas antes, mas que atualmente eram um pouquinho mais complicadas porque o nosso menino resolveu crescer mais nesses últimos meses. Isso me amedrontava pra caralho, eu só não dizia nada.

Podia ser pior, claro, mas a gravidez de Malu sempre foi o mais saudável possível, resultado da prática de exercícios físicos, de todos os benefícios de uma vida de dança, e aliada a uma alimentação absolutamente saudável, ela estava caminhando para um parto normal e tranquilo, segundo o Dr. Paulo. Agora pergunte-me se alguma dessas coisas me fazia ficar cem por cento tranquilo quando eu pensava nisso? Óbvio que não. Eu repetia para mim mesmo, e para todo mundo, no entanto, quando eu pensava na hora do parto, eu era

atravessado por uma euforia louca que equivalia também ao medo que apertava as minhas entranhas como garras. Malu ria e dizia que eu estava com mais medo do que ela. Foda-se, eu estava mesmo.

— Você sabe que eu não durmo bem quando você não está lá. O que houve, está tudo bem? Ainda é muito cedo, mal amanheceu, meu amor.

Ela suspirou.

— Está tudo bem, eu só fiquei sem sono e quis esticar as pernas.

— Tudo bem, então. Pensei que você pudesse estar com dor nas costas ou o nosso garotão estivesse inquieto. — murmurei contra seu cabelo.

— Não amor, a tendência agora é ele ficar mais quietinho, lembra que o Dr. Paulo disse que já não há tanto espaço assim para ele se mexer? Pode ainda ser dolorido, mas parece que os dias de jogar futebol com os meus órgãos internos ficaram para trás. — ela respondeu, sorrindo, tranquilamente. Isso me deixava tão orgulhoso e mais apaixonado ainda por ela, essa tranquilidade e essa aura de otimismo que ela parecia ostentar enquanto a gravidez avançava, mesmo sendo a primeira.

— Sim, eu lembro. — Dei outro beijo em sua cabeça e segurei seus ombros, virando-a vagarosamente para mim. Era engraçado e fofo que naquela posição sua barriga ficava entre nós e não permitia mais um abraço total de frente. Malu olhou para mim, curiosa, e eu suspirei de alívio. Só queria ver se seus olhos estavam lacrimosos ou seu rosto inchado. De repente, tudo estava me deixando nervoso, apreensivo, e eu pensei que ela pudesse estar, sei lá, com medo. E se ela estivesse chorando? Mas ela não estava, então tudo estava bem, deduzi, toquei seu queixo.

— Eu só estou ficando um pouco ansiosa, eu acho. Está tão perto agora. — Malu disse, estendendo a mão e afagando suavemente a minha barba. — Por mais que a yoga esteja ajudando, os exercícios, tudo, hoje fiquei sem sono. E me peguei pensando que, daqui mais uma semana, apenas alguns dias, amor, eu vou ser mãe e você pai novamente. Mãe, entende? É tão... nem sei explicar.

Eu sorri, emocionado, e segurei seu rosto, minhas mãos em suas bochechas, para olhar firmemente dentro dos seus olhos.

— Eu sei. Sei que você já é uma ótima mãe

Malu, nosso filho já está aí, vocês têm esse vínculo, isso já te torna mãe. Relaxa, agora é só esperar para conhecermos ele, olharmos para o seu rostinho. Fica tranquila, meu amor. — sussurrei, e beijei-a delicadamente. Ela assentiu, sussurrando “sim” no meu beijo. Então logo depois Malu riu de encontro aos meus lábios.

— Você vê quão louca as coisas estão, Teo? Eu estou aqui por um momento tendo um ligeiro surto de tensão, e você, que está simplesmente pirando durante toda a minha gravidez, está aqui agora sendo esse pilar de calma e ponderação. Quem é você e o que fez com o meu Teo, hein estranho?

Eu ri, abraçando-a da melhor forma que o tamanho da sua barriga permitia.

— Meu amor, você não imagina o esforço que eu fiz agora para poder ser um pouco menos louco e poder te confortar, mas não estou acostumado a isso, então, não abuse. — pedi. Malu ficou de lado, nos abraçamos apertados, e eu observei a manhã realmente começar a surgir, agora.



— Então quer dizer que... — Diego levantou uma sobrancelha e depois olhou para o lado, onde João estava aparentemente distraído fazendo um desenho muito colorido, deitado no chão. Digo aparentemente porque ele era novo nesse lance de pai, mas eu sabia bem que uma criança poderia apenas aparentar estar longe, quando as anteninhas deles na verdade estavam captando tudo ao redor. — Agora com... — ele fez um gesto em forma de uma bola enorme na região da própria barriga. — ...você não continuaram normalmente?

Eu me segurei para não rir dele, da sua seriedade e da sua expressão intrigada. Diana estava com apenas poucos meses menos que Malu, uns dois, eu achava, e por mais que ela tivesse a experiência de JP, Diego era um papai de primeira viagem, e ainda que eu soubesse que ele era tão entusiasmado e presente quanto eu, não custava nada curtir com a cara dele um pouco, não era?

Fiz uma cara de tristeza e cocei a minha barba, calmamente.

— Não, na verdade, deixamos de “brincar”. — eu apontei com o queixo para o menino no chão, e Diego entendeu, assentindo. — Quando ela estava

com uns seis meses. Não dava mais, a barriga, você sabe, atrapalhava muito.

Diego ficou olhando para mim como se eu fosse um extraterrestre, e estreitou os olhos em descrença.

— Você pensa que eu sou algum idiota, Teo? Quem disse um absurdo desses para você? — ele questionou, mas eu vi que mexeu-se no sofá, meio inquieto, talvez. Ele, Diana e João estavam ali desde mais cedo, já que Malu e Diana haviam marcado para almoçar juntas e conversarem. Agora, depois que almoçamos, ambas, e mais dona Fátima, que tinha chegado naquela semana para uma visita, estavam na parte de cima, provavelmente no quarto do bebê, enquanto Diego e eu estávamos tendo essa proveitosa e metafórica conversa sobre sexo na gravidez e tentando impedir que a criança na sala entendesse o teor dela.

— Ora essa, o médico dela não recomendou, achava melhor, para não movimentar muito o bebê. Se é que você me entende. — menti, muito sério. Diego cruzou os braços sobre o peito.

— Sinceramente, eu acho que você deveria ter se livrado desse obstetra meses atrás, se ele disse uma asneira dessa. A não ser que a gravidez

de Malu fosse de risco ou algo assim, mas sei que não, então, não justifica.

— Acredite, eu quis me livrar. — resmunguei, dando de ombros. — Mas sério, Diego. Ele tem razão. Essas atividades devem ser evitadas nos últimos três meses. Nada de... brincar com as futuras mães.

— Você está, então, há quase três meses como um monge? Quer que eu acredite nisso?

— Bom, tenho duas mãos, quer dizer, uma é melhor que a outra. E muita criatividade. — sorri, presunçoso, e Diego balançou a cabeça, sorrindo também. — Por quê? Não me diga que você e Diana estão brincando até hoje, você é um irresponsável, você sabe disso?

— Eles brincam só um pouco, tio Teo. Eu que brinco mais lá em casa. — JP disse, quase sem levantar a cabeça para olhar para nós, seu lápis correndo rápido no papel. Eu e Diego nos entreolhamos, então rimos alto.

— Claro JP, eu sei disso. — e para Diego eu murmurei: “viu só? Atento”.

— Você é um idiota, Teo. Acha mesmo que eu não procurei me informar sobre cada detalhe da gravidez da minha mulher, que não tenho lido

mais sobre isso do que sobre leis nos últimos meses, e você quer curtir com a minha cara?

— Só estava testando seus conhecimentos.

— admiti, rindo. — Quer dizer que vocês estão a pleno vapor?

— Como você mesmo disse, há todo um conjunto de habilidades e criatividade que deve-se levar em conta, nesses casos. — ele insinuou, e nós sorrimos. — Não foi fácil, devo admitir, a gravidez da Malu, como você me disse, foi relativamente tranquila, a de Diana foi uma prova de fogo e resistência. Tinha dias que eu relutava em ir trabalhar e deixá-la com náusea e vômitos daquele jeito. Ela sofreu bastante.

— É, realmente, a Malu só teve um pouco disso bem no início, mas depois foi mais tranquilo.

— Cara, eu não sei como a Diana aguentava. Mal conseguia manter uma comida no estômago, e com João, foi tudo tão mais tranquilo. — ele suspirou. — Ainda bem que passou, eu estava para ficar louco com aquilo, então, você imagina. Havia dias em que certas atividades, como *brincar*, não estavam exatamente na ordem do dia.

— Porra, cara, lamento, não sei como elas aguentam.

— Também não. E ainda vem o parto. — Diego murmurou, e nós dois nos entreolhamos novamente em silêncio, ninguém ousando dizer o que estava visível nos nossos olhos: ansiedade, expectativa, alegria, medo. E ele ainda tinha mais dois meses até chegar na fase em que eu já estava.

— Mas depois, acredito que as coisas melhoraram. — eu disse, voltando a temas mais leves. Diego abriu um sorriso amplo.

— E como melhoraram, ela parece querer tirar todo o atraso do início. Eu tenho que manter a... ordem e o controle das coisas.

Nós dois ainda estávamos sorrindo quando notamos passos vindos da direção da escada. Olhamos para lá, e Diana apareceu, andando um pouco rápido demais para o meu gosto, a julgar pelo tamanho da sua barriga, maior que a de Malu quando com o mesmo tempo de gravidez. Diego pareceu achar a mesma coisa, pois fez um tipo de carranca pra ela e levantou do sofá, rápido, ou talvez ele só estivesse reagindo a algo na expressão dela. Diana parou perto de nós, olhou para Diego, depois para mim.

— O que foi, meu amor? — Diego questionou, preocupado, olhando-a de cima a

baixo.

— Teo... — ela disse, e eu dei um pulo do sofá, já sentindo a minha pulsação acelerar. — Fica calmo.

Isso foi exatamente o mesmo que dizer: *Teo, entre em pânico*. Segurei Diana pelos ombros.

— O que foi?

— A Malu, a bolsa acabou de romper, mas... — ela começou a dizer, mas eu não ouvi o restante, e sentindo um tremor atravessar meu corpo, passei por ela e Diego como um raio. Ainda ouvi Diego me chamar, mas ignorei enquanto subia pelas escadas de dois em dois degraus, meus batimentos acelerados.

Quando cheguei ao quarto do bebê, Malu estava vindo na direção da porta, dona Fátima ao seu lado, segurando-a pelo ombro. E eu engoli em seco ao ver o longo vestido amarelo que ela usava com uma mancha de umidade bem no meio das pernas. Olhei para ela, sem conseguir me mover do lugar. Malu pôs a mão sobre a barriga e olhou de volta para mim, e eu podia perceber o nervosismo lá, mas ela estava tentando bravamente ficar calma, pelo visto. Respirou lenta e profundamente, fechando os olhos por um segundo, então os abriu

novamente e me deu um sorriso fraco.

— Parece que chegou a hora, papai, antes do que imaginávamos. — ela disse. Eu senti o meu coração apertar e quase parar na boca, e fui ao seu encontro, finalmente conseguindo mover-me do lugar, tentando lembrar de me acalmar e não deixá-la mais nervosa. *Porra!* Não entre em pânico, não entre em pânico, não entre em pânico, recitei, como um mantra, segurando seu rosto em minhas mãos e olhando fixamente em seus olhos escuros.

— Chegou a hora, meu amor, vai ficar tudo bem, vamos lá. — disse, depois de pigarrear e encontrar a minha voz. Dona Fátima, serena ao lado de Malu, olhou para mim com um sorriso, mas deve ter visto algo, porque tocou no meu braço, preocupada.

— Meu filho, você está pálido, calma, está tudo bem. Só estourou a bolsa, vamos para o hospital agora. — Eu só acenei, passando as mãos nos meus cabelos.

— Você está sentindo dor, Malu? Tem alguma outra coisa saindo... tem sangue? Você... você, Meu Deus, a bolsa. Temos que pegar a bolsa, a do bebê, não a sua! Pegar a bolsa, levar você para o carro calmamente. — recordei, respirando fundo

e tentando novamente ficar calmo, como eu já tinha lido várias vezes que deveria ficar e o que deveria fazer quando chegasse a hora. Pegar o necessário e ir o mais calmamente possível para a maternidade, não era aquilo? Mas isso era se havia dor, e não tinha? Foda-se, quem conseguia ficar calmo mesmo? Aquilo era impossível.

— Ei, Teo. Teo! — Malu chamou de novo quando eu não atendi da primeira vez. — A bolsa rompeu, mas eu ainda não estou sentindo dores, *tá*? Fique calmo, respira direito e vamos fazer tudo direitinho. Ainda não tenho contrações, mas talvez elas não demorem.

— Contrações? Sim. Jesus, as dores. Puta merda, vai doer mesmo.

Eu lembrei de repente de tudo que ouvi do Dr. Paulo e do que também li sobre a hora do parto, sobre as contrações, os intervalos, tudo. Daquela vez, eu estaria presente e saberia de cada detalhe, não como quando Julia nasceu, em que eu estive quase literalmente afastado durante a gravidez de Amanda, e quando ela sentiu dores, chamou a mãe e o pai para levarem-na e eu cheguei lá quando a minha filha já estava praticamente nascendo. Não, daquela vez seria diferente, eu ia me assegurar

disso.

Malu fez uma careta e olhou para a mãe, abrindo o vestido e espiando a mancha.

— Mãe, a senhora pega aquele vestido que eu lhe mostrei lá, naquela malinha preta pronta perto da poltrona no quarto? Vou tomar um banho e...

— O quê? — eu olhei para Malu, horrorizado. Ela queria tomar um banho?! — Malu, não dá tempo, como assim tomar banho?

— Teo, dá sim, amor. Tem pouco líquido, é transparente, está tudo normal, não vai nascer nesse instante. Você lembra do que o Dr. Paulo nos disse? — ela passou a mão no meu rosto. — É rápido, vou tomar um banho, você e mamãe pegam as coisas, e eu vou monitorando aqui esse rompimento.

Eu fechei os olhos e gemi, apertando o meu nariz.

— Você quer me matar, só pode. Eu só lembro de: sentir dor, correr para a clínica. Não era isso? Banhos e esperar assim em casa eu não lembro não, Malu...

— Pois eu lembro, vamos, vou me preparar, limpar, e nós vamos, prometo.

— Teo, *tá* tudo certo, ainda pode levar um tempo até esse garotão nascer. — D. Fátima passou a mão no meu ombro e saiu para providenciar o que a filha pediu. Eu assenti de novo, achando que tinha entrado em uma realidade alternativa e só eu estava entendendo que Malu ia pôr uma criança pra fora aqui a pouco. Não era possível. Como elas podiam estar calmas daquela forma?

Assim que ela se foi, Diego e Diana chegaram ao quarto, e cara de assustado que Diego tinha ao olhar para mim quando olhou o vestido de Malu, me deu um certo alívio. Viu? Pessoas normais entram em pânico, eu não estava exagerando, elas que não entendiam o nosso horror.

— Vocês... você está bem, Malu? — Diego murmurou, ajustando os óculos naquele seu tique nervoso, e segurando Diana pelos ombros, como se temesse que de repente ela também começasse a parir ali mesmo. Eu entendia o cara, claro.

— Estou sim, só rompeu a bolsa, já vamos para a clínica.

— Eu te ajudo Malu. — Diana ofereceu, mas também não parecia muito alarmada com a situação. Qual o problema com aquelas mulheres?

Ok, ela já era mãe, mas mesmo assim... Eu bufei, e então peguei Malu no colo, e a carreguei, indo em direção ao nosso quarto, ignorando que ela disse que podia caminhar. Podia o caralho, vai que sei lá, saia mais do líquido amniótico e de repente o meu filho decidisse que não ia esperar muito coisa nenhuma e resolvesse sair antes? Se ele fosse como eu, ele não ia esperar muito, mesmo.



Sabe nervosismo? Medo? A sensação que tinham arrancado todas as tuas tripas e você estava vazio por dentro, mas ao mesmo tempo sentia o estômago revirar de puro pavor? Pois é, era assim que eu estava me sentindo, sentado agora naquele sofá, com a cabeça entre as mãos, na área anexa a suíte da clínica para onde tínhamos levado Malu. Pensando, pela milésima vez, que só havia passado quatro horas de relógio do momento em que chegamos, quando eu tinha a nítida impressão que estávamos ali há dias?

Eu estive com Malu até pouco tempo atrás na suíte, junto com a equipe ajudando-a a caminhar, com os exercícios com uma bola gigante, no banho morno em uma banheira dentro do quarto,

PERIGOSAS ACHERON

e mais uma série de aparelhos e coisas que eu não sabia o nome, mas que tinham o objetivo de relaxar a musculatura e aumentar a dilatação e tudo o mais. E as contrações? Puta que pariu. Tinham começado depois e aquilo me deixou louco a cada vez que as dores pareciam rasgarem-na ao meio. Mas Malu estivera sendo firme, respirando fundo e saindo-se bem, segundo a equipe médica. Até então, estava tudo indo às mil maravilhas e eu estava calmo, com a minha toquinha na cabeça e aquela roupa verde engraçada. Mas então, ela estava pronta para parir, e eu comecei a entrar em pânico novamente.

A imagem dela naquela bata de hospital, soprando um beijinho para mim, uma lágrima escorrendo discretamente, quando ela foi para o centro cirúrgico, finalmente, me fez querer correr e ir lá ficar com ela, mas eu não aguentaria. Tinha certeza que iria desabar e cair de cara de chão, tipo aqueles caras que queriam dar uma de machão corajoso, assistir o parto do seu bebê e de repente tinham que ser arrastados de lá. Não, eu não ia fazer aquela merda no parto do meu filho, porque eu tinha certeza absoluta que na hora que eu visse Malu sentindo dor, gritando, ou chorando, ou quando houvesse corte, sangue... eu me

desesperaria, e isso não era a porra de uma ajuda nenhuma.

Eu cheguei, por míseros segundos, cogitar a possibilidade de assistir ao parto do meu filho, mas aí caí na besteira de fazer algo que nunca tinha feito, só para me preparar psicologicamente e tal: assistir no *YouTube* a um vídeo de um parto normal... meu amigo, minhas pernas faltaram ali no escritório enquanto eu estava sentado na minha cadeira, olhando para o notebook, imagina na sala vendo aquilo ao vivo? E sendo a minha mulher ali na mesa cirúrgica? Eu tremia só em pensar. Tremia mesmo. Eu não tinha medo de sangue, eu não tinha medo da dor, nada, mas decididamente eu não conseguiria estar lá.

Agora, eu estava aqui me questionando se não era o cacete de um maldito covarde e devesse estar lá com ela. Eu sei que ia ficar tudo bem. Eu sei. Ia, claro, tinha que ficar tudo bem com eles. Soltei outra respiração longa e agoniada e me joguei para trás, encostando a minha cabeça no sofá e olhando para aquele teto branco monótono.

— Será que eu tentasse entrar agora eles permitiriam? — perguntei, a ninguém em particular, minha voz parecendo rouca de ficar

tanto tempo calado. Senti a mão de Diego tocar no meu ombro. Ele e Diana, claro, tinham vindo conosco, assim como d. Fátima, que estava agora sentadinha no outro canto da sala, de olhos fechados e possivelmente fazendo uma oração. Eu queria pelo menos poder fazer isso, mas não conseguia me concentrar o suficiente.

— Não, você sabe que não, mas está tudo correndo bem lá, Teo, você mesmo nos disse que a Malu estava bem. — Diego disse, apelando para o meu bom senso. Suspirei.

— Ela vai fazer um parto normal, já estava com a dilatação necessária. Acredite, não demora muito mais e eles te chamam para ir lá vê-los. — Diana me confortou logo em seguida, abraçada a Diego. Realmente, não tinha muito tempo em que ela havia entrado para a sala de parto, mas estava parecendo milênios.

Julia levantou de onde estava sentada junto com tia Abigail, Marcos, Alice, Ricardo e Iza. E do outro lado, Max e Marisa abraçados e silenciosos. Estavam todos aqui, aguardando comigo, como eu sabia que aconteceria. Eles eram a minha família, tanto os que tinham o mesmo sangue que eu meu, quanto os que não tinham. Otávio também tinha

vindo para cá, e agora havia levado João para lanchar um pouco.

Primeiro, havia um clima de conversas mais animadas e até provocações dos caras, principalmente quando eu tinha voltado da suíte dizendo que havia chegado a hora e que eu iria ver o meu menino nascer. Óbvio que eles desdenharam da minha falsa coragem de ver o parto, o que realmente me distraiu e me deixou mais relaxado. Mas então os minutos foram passando, eu comecei a andar de um lado para o outro, e agora, parecia que o meu nervosismo tinha contagiado um pouco todos por ali. Não estava demorando demais?

— Pai, ei. — Julia chamou, sentando ao meu lado. Eu observei o rosto tão lindo da minha filha e dei um sorriso, e ela deitou a cabeça no meu ombro, sem dizer mais nada. Não precisava. Beije seus cabelos e fechei os olhos. Como estava Malu lá dentro? E se algo... Não, nem pensa uma merda dessa, seu idiota, pensei, cerrando minha mandíbula para afastar o pensamento aterrador e o pânico que vinha junto com ele.

Acho que posso ter ficado assim por uns segundos, olhando para frente, levemente

PERIGOSAS NACIONAIS

consciente das falas ao redor, baixas. Depois de um tempo, levantei e fui até a janela e fiquei olhando para fora, pensando que momentos como esse eram aqueles em que a sua vida parecia estar sob uma linha, fina, frágil, e ao mesmo tempo tão preciosa.

Não sei exatamente porque, talvez na rua lá embaixo, aquele senhor idoso andando de mãos dadas com uma menina, fez uma lembrança assomar naquele momento. Uma que eu não tinha há tempos, mas que, junto com outras relacionadas à minha infância, estavam vindo mais intensamente nos últimos meses. Era uma imagem do meu avô, Niklaus, pai do meu pai. Nós dois sentados debaixo de uma árvore, em um velho banco de madeira no quintal da casa dele. Meu avô era um profundo apreciador de jazz, mesmo que toda aquela aparência alemã pudesse indicar o contrário. Eu sorri ao lembrar, e me questionei a quanto tempo não lembrava desse episódio em específico, e de como, de alguma forma, ele moldou aspectos importantes da minha personalidade a cada vez que simplesmente sentava e me dava toda a atenção que ele poderia dar a um menino de uns dez, onze anos de idade. Senti a emoção me dominar e fechei os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Senti mais do que ouvi a mudança no ambiente, e só então ouvi Julia murmurar “pai”, e virei-me para encontrar o Dr. Paulo lá, vindo das portas de vidro que me separavam de uma parte essencial da minha existência, agora. Ele parou, então seus olhos cruzaram com os meus. Todos levantaram e ficaram olhando para ele, em expectativa, e eu puxei uma respiração profunda, dando um passo na direção dele, meus pulmões em busca de ar.

Dr. Paulo retirou os óculos e então sorriu para mim. Sorriu! Puta merda, então estava tudo bem, não era?

— Teo, tudo correu maravilhosamente bem, a Malu está ótima e... que tal conhecer o seu filho agora?

Eu soltei o ar dos pulmões, tinha ar neles, afinal, e levei as mãos ao rosto, suspirando de puro alívio, quase sentindo as minhas pernas não me firmarem mais, enquanto ouvia a as vozes de todos ali, a comemoração, os suspiros de alívio, iguais ao meu, o choro baixinho de D. Fátima, os agradecimentos de tia Abigail aos céus. Senti Julia envolver os braços em torno de mim, sorrindo, e a abracei apertado. Logo depois recebi abraços de

todos, rápidos, e acompanhei o médico. Haveria nova preparação para entrar na suíte em que ela estava, eu sabia, mas agora eu parecia não sentir o tempo passar, aquele mantra ecoando na minha cabeça: *está tudo bem, Malu está bem, nosso bebê está com ela. Está tudo bem.*

Quando entrei no quarto, havia uma enfermeira ajeitando algo sobre a cama em que Malu estava, e assim que me viu, ela me lançou um sorriso e passou por mim a caminho da porta, deixando-me sozinho com eles. Enquanto me aproximava, o meu olhar ansioso, desesperado por cada informação, cada detalhe daquela cena a poucos passos de mim, senti novamente aquela emoção única, intensa, esmagadora, começar a pressionar meu peito. E mais uma vez, algumas imagens vieram à minha mente, em rápida sucessão: dos meus pais, quando eu era criança, dos meus avós, de Julia quando era bebê, e eu arfei, tentando respirar normalmente. Depois soprei o ar pesadamente, quando o sorriso cansado e mais lindo que a mulher que eu amava poderia me dar, surgiu em seu rosto.

Ao lado da cama agora, curvei-me e pressionei meus lábios em sua testa, em um

agradecimento silencioso, fechando os olhos com força e tensionando a mandíbula. Ela estava aqui, comigo, e tudo ia ficar bem na nossa vida. Abri os olhos e Malu continuava sorrindo, mas agora lágrimas marcavam o seu rosto, e eu sorri e olhei para o seu colo, meu coração quase explodindo agora, ao ver que ela segurava um pacotinho envolto em amarelo. Dentro desse pacotinho, estava o nosso filho, silencioso, e ele mamava devagar, uma mãozinha em punho no seio de Malu. Era a cena mais linda do mundo e ficaria gravada na minha memória pelo resto da vida: eis que ali estava mais uma razão da minha existência, mais uma parte do meu coração, mais um pedaço da minha alma.

— Meu amor, olha o nosso filho... — Malu sussurrou, olhando para ele, e eu, em silêncio, observei seu rostinho avermelhado, os poucos cabelos clarinhos envolvendo a sua cabeça, seus olhos fechados. Ele moveu a mãozinha e eu me curvei para tocar meus lábios muito levemente em sua cabecinha, fechando meus olhos e sentindo o meu coração retumbar, lembrando de um momento, meses atrás, quando eu ouvi a batida daquele coraçãozinho pela primeira vez, através de um

aparelho. E agora ele estava bem aqui, do nosso lado, a vida que criamos juntos, bem aqui. Quando abri os olhos novamente, encarei Malu, todo o meu mundo fazendo o mais pleno sentido, tudo no lugar certo, pensei, o estrondo silencioso da emoção tomando o meu corpo, e senti minhas próprias lágrimas enquanto sorria de volta para ela.

Oito Anos Depois

Joguei as chaves do carro no aparador, assim que entrei na sala estranhamente silenciosa para aquela sexta à tarde. Eu sabia que Malu já estava em casa, após o trabalho no Centro de Terapia, havia ligado para ela assim que tinha terminado a minha reunião com os proprietários da mais recente empresa que eu e Max estávamos pensando em comprar, ali mesmo no Rio.

Tinha providenciado tudo para que eu estivesse livre antes das 17 horas, como era mais ou menos o nosso acordo nos últimos dois anos. Diminuir o ritmo de trabalho, sempre que possível, estar em casa mais cedo durante a semana, era algo que eu podia me dar ao luxo, e fazia questão de manter minhas prioridades em foco: minha família, mesmo que eu e Malu também sentíssemos prazer

PERIGOSAS ACHERON

em nos realizar profissionalmente. Mas, mais uma vez, era um luxo que nem todos podiam ter, e eu aproveitava as oportunidades que a vida estava me dando, sempre.

Subi as escadas, devagar, realmente intrigado agora com o mais absoluto silêncio também na parte superior. Há mais ou menos uns seis anos atrás, eu havia aumentado a parte de cima da nossa casa, bem como a parte externa, embaixo. Além disso, Julia também havia saído de casa para morar sozinha em um apartamento, depois da faculdade. Sim, isso mesmo, minha princesa tinha ido viver a sua vida, como era esperado. Fácil para mim não foi — o eufemismo do ano, foi na verdade o caralho de um sufoco —, mas eu tinha me acostumado, com o passar do tempo. Quer dizer, era isso que eu dizia para mim mesmo, quando ligava para ela e perguntava se estava bem, dizia que estava com saudades, e ouvia sua risada cristalina e também sua acusação de que eu estava fazendo chantagem emocional para que ela não demorasse a nos visitar nos fim de semana. Não que eu fizesse isso, pelo menos não sempre.

Cheguei na parte de cima e abri a porta do quarto de casal, bem devagar, notando que os

outros quartos tinham as portas abertas, mas pareciam não ter ninguém dentro. Nada de barulho. Malu estava na cama, estendida no meio dela, de barriga para baixo, parecendo dormir tranquilamente. Isso significava que aquela bunda deliciosa, que parecia ficar mais gostosa ainda com o passar dos anos, estava para cima, redonda, carnuda como eu gostava, as pernas bem torneadas nuas, e eu parei para apreciar a vista, recostando-me no umbral da porta, de braços cruzados.

Ela, pelo visto, já tinha tomado banho e trocado de roupa, e estava com um daqueles vestidos leves e floridos que ela gostava de usar em casa. Vestidos que eu adorava, diga-se de passagem, principalmente quando estávamos sozinhos e eu a convencia a ficar sem nada por baixo... o simples pensamento estava me animando aqui, e me deixando muito disposto a descobrir se aquele era o caso, agora. Vamos ver se com aquele silêncio todo e aquela calma — o que queria dizer que ela tinha feito algum arranjo e estávamos sozinhos — eu conseguia convencê-la a fazer algo mais prazeroso do que dormir àquela hora.

Fui me aproximando, abrindo os botões da minha camisa preta, e parando um pouco para tirar

os sapatos antes de subir na cama de joelhos, bem devagar, e ficar sobre ela, distribuindo um pouco o meu peso nos cotovelos. Aproximei a minha boca do seu ouvido, cheirando os seus cabelos espalhados pelo rosto e nos braços estendidos.

— Que bela recepção, amor. Eu estou pensando em solicitar isso todas às vezes que eu chegar em casa esse horário, o que você acha? Que tal aproveitar que estamos sozinhos e... — comecei a sussurrar, afastando seus cabelos. Malu não estava dormindo, como eu pensei, estava com os olhos abertos, e fechou-os quando me ouviu, fazendo um gesto bem lento, quase imperceptível, de "não" com a cabeça. Eu afastei-me um pouco e olhei para ela, de cenho franzido.

— Não? E essa bunda gostosa aqui desse jeito, hein? — eu voltei a falar baixinho, e mordi sua orelha, como eu sabia que ela gostava. — Quer dizer que você não tem apreciado minha atenção especial nela depois que você finalmente deixou que eu ... — eu não terminei, porque ela arregalou os olhos com horror e fez não com os lábios de novo, balançando a cabeça freneticamente. Decididamente intrigado agora, eu afastei meu rosto, olhando para ela, que apertava os olhos, os

lábios pressionados juntos, e então seus ombros começaram a tremer, e eu notei, estupefato, que ela estava... prestes a explodir em uma gargalhada?

Mas na verdade eu não tive muito tempo, depois de ter chegado a essa surpreendente conclusão, antes de ouvir um brado de guerra enorme. *Um, não, três brados* de guerra de estremecer as paredes do quarto, e uma verdadeira gritaria se iniciar, como se de repente o silencioso aposento estivesse se transformado em um campo de batalha. Eu não disse que aquele silêncio todo era estranho? Então a gente não estava sozinho, afinal. Malu soltou a gargalhada que estava prendendo, descontroladamente, escondendo o rosto no colchão, e eu imediatamente senti o peso de um pequeno corpo se jogar sem dó nem piedade sobre as minhas costas, enquanto outro grito ressoava bem no meu ouvido.

— Não vale, mamãe! Você estava rindo! — Niara reclamou, enquanto passava os bracinhos pelo meu pescoço, depois de quase deixar-me momentaneamente surdo. Ao mesmo tempo, senti novamente o impacto de outro corpo infantil que se jogou metade sobre mim, metade sobre Malu, que ainda ria.

— Não vale mesmo, você prometeu, mãe!
— Anaya choramingou, caindo então entre mim e Malu, cruzando os bracinhos sobre o peito e juntando as sobrancelhas, com expressão zangada. Ela fazia muito aquilo, minha caçulinha. Malu dizia que ela estava aprendendo aquilo de ser tão zangada com alguém naquela casa, e eu não fazia ideia de com quem fosse. Me curvei e dei um beijinho demorado na sua bochecha e ela imediatamente sorriu, mostrando os dentinhos e piscando os olhos esverdeados para mim.

Ambas, assim como Malu queria, e havíamos combinado anos atrás, tinham nomes de origem africanos, e seus nomes combinavam bem com as belezas que as minhas meninas tinham, ambas mais parecidas com Malu do que comigo, no geral, com os cabelos ondulados e cheios, como os dela, principalmente Anaya, que tinha acabado de completar cinco anos.

Niara, que era mais velha, com seis anos, tinha o tom de pele e o cabelo ondulado um pouco mais claro, assim como seus olhos, mais parecidos com os meus, porém, ambas tinham o mesmo tipo de sorriso que a mãe tinha. E a mesma vivacidade. E o mesmo jeito de olhar. E me punham de joelhos

PERIGOSAS NACIONAIS

exatamente do mesmo jeito, bem, talvez um pouco mais, até, para ser absolutamente sincero. Pois é, nós tínhamos não um, mas *três* filhos. E eu quase tinha chegado a minha vontade inicial de cinco, mas não poderia mais dizer isso a dois metros de Malu, ou ela me mataria. Depois que Nik nasceu — Niklaus, na verdade, como o meu avô paterno. — Malu resolveu dedicar-se ao filho, por um ano, mas no ano seguinte, ela tinha iniciado a pós-graduação que tanto queria, e eu a apoiei totalmente. Ela havia dito, também, na época: "*nada de bebês por uns cinco anos, no mínimo*". Isso. Ela estava certa, claro. Nada de bebês.

Nós ajustamos nossos horários e contamos com a ajuda de um verdadeiro batalhão: dona Amélia, Julia, tia Abigail, Iza, às vezes Diana, e quando não podíamos contar com algum deles, contratávamos alguém, enfim... Na verdade eu praticamente tinha que empurrar alguns da minha casa quando chegava, no fim da tarde, se não eles ficariam por aqui mesmo com Nik. Isso quando tia Abigail não aparecia do nada em nossa casa queria levá-lo com ela, quando ele ainda era bem pequeno, como se eu fosse deixar. Bem, depois que ele ficou maior eu acabei deixando, eventualmente.

PERIGOSAS ACHERON

Mas eles ainda teriam mais chances de circular pela minha casa para babar sobre o meus pimpolhos, pois apenas dois anos depois — apesar do *nada de bebês* — Malu engravidou novamente, para a minha completa felicidade, e dela também, e Niara veio ao mundo, transformando ainda mais a nossa vida e me deixando absolutamente arrebatado com aquela menina linda que era uma mistura graciosa de nós dois.

Se com Nik eu já era um pai superprotetor, palavras da minha família, não minha, eu já cansei de explicar que eu sou apenas um cara cuidadoso, quando Niara veio, eu tive que me obrigar e me arrastar para sair de casa e ir trabalhar. Eu sabia que eu precisava, mas era difícil deixar minha bebezinha linda, serena, sossegada. Sair de perto dela, não viver tocando seus dedinhos, sentindo seu cheiro bom, era um sacrifício. Uma vez, eu tinha aprendido que o amor não é uma coisa única que mostrava-se sempre do mesmo jeito em todas as ocasiões e em todos os momentos da vida. E seguia acreditando naquilo, porque assim como eu amava Malu e amava o meu filho, aquela menina tinha ressignificado a minha noção de amor.

E, bom, aí depois veio Anaya... E tenho que

confessar, se as contas fossem feitas direitinho, antes do aniversário de um ano de Niara, Malu já estava grávida novamente. Ela havia sofrido no parto de Niara, e mesmo tendo ficado feliz com a chegada de mais um filho, tinha decidido que não haveria, mesmo, daquela vez, mais crianças. Definitivamente. Eu estava bem com isso, lógico, teria concordado com qualquer coisa que ela dissesse, naquele momento, assombrosamente feliz, ainda que quase tenha tido uma síncope quando o exame mostrou que era outra menina. Sabe aquele lance de você morder e depois assoprar? Bem, comigo tinha sido o contrário. Eu fui soprado, duas vezes, e depois mordido. Bem forte, muito forte.

Porque Anaya era tudo que Nik e Niara não tinham sido, e tinha mostrado isso desde muito cedo. Era a mais parecida fisicamente com Malu, e a personalidade, meu Deus, era um pouco mais forte, digamos assim, do que a da mãe. A menina era uma pimentinha, e ousa dizer que tenho medo se ela continuar assim, porque todo o descanso e calma que tínhamos tido com Nik e Niara ficaram como lembranças pálidas, esmaecidas, com o sufoco que Anaya nos fez passar.

Quando ela acordava chorando, chorando

não, esgoelando-se na madrugada, Malu geralmente virava para o lado na cama e resmungava, sem nem abrir os olhos, que eu fosse lá, já que queria uma penca de filhos, ainda que às vezes eu visse seu sorriso ao dizer isso. E eu ia, porque sempre nos revezávamos com os outros, mas eu ia também porque eu adorava chegar lá, olhar para aqueles olhinhos de um verde mais escuros e aquela gritaria toda, e fazer com ela ficasse quieta comigo, coladinha no meu peito. Então, a levava, já mais calma, para mamar, quando não, Malu vinha antes disso e a colocava no peito. Isso quando Niara, ainda muito bebê, não acordava também... Olha, tinha sido uma loucura.

Mas eu não trocaria esses dias por nenhum outro de paz e silêncio. Porque aquela bebezinha linda, irrequieta, impaciente, barulhenta, tinha me ligado no 220, e me feito novamente duvidar da capacidade de amor e devoção que eu poderia dedicar a outro ser humano. Ela me desafiou, tirou-me da minha zona de conforto, e seguia fazendo isso todo dia. E eu amava mais e mais.

Todavia, eu achei por bem correr para botar meus exames novamente em dia e passei a praticar mais exercícios físicos do que eu já fazia. Porque

com duas meninas — Julia já estava um pouco fora do meu raio de ação — e uma delas parecendo mais espevitada que a outra, eu ia precisar, e que Deus me ajudasse. Sem falar que Malu, com o passar dos anos, e três filhos depois, estava mais gostosa do que nunca, eu que o diga, aquela gostosura curvilínea e macia que ainda me mantinha ligado e com um tesão do caralho. E que, infelizmente, a maioria dos homens também achava.

O certo era que eu não gostava, para fins de saúde física e mental, de pensar muito no futuro, se as meninas também apresentariam muito mais da aparência de Malu, à medida que fossem crescendo. Eu não ia fazer aquilo comigo mesmo, claro. Mas de vez em quando... *Putá merda*, aquele pensamento me assombrava.

O destino tinha me dado uma colher de chá, com Nik vindo antes das meninas, essa que era a verdade. Meu filho, sempre muito atento e protetor em relação às irmãs menores, já entendia bem que nós tínhamos o dever de zelar pela segurança e pela felicidade delas, ainda que as brigas entre eles três não fossem poucas. Niara era sempre mais quieta, e gostava muito estar no seu canto e dos seus brinquedos organizados. Às vezes ela me lembrava

a Julia, e já havia ganhado da irmã mais velha uma pequena coleção de quadrinhos da Mônica, assim que aprendeu a ler. Anaya era um furacãozinho, gostava de cantar, dançar, vestir as roupas da mãe, e tudo vivia espalhado ao seu redor em uma bagunça eterna.

Não que eu estivesse sempre dizendo isso a Nik, nem nada, que tínhamos que ficar de olho nas meninas... mas Malu, de vez em quando, me lançava uns olhares furiosos, pegava Nik pelo braço e tinha o que ela chamava de "a conversa" com ele, onde explicava que era bom proteger as irmãs, mas que elas também poderiam fazer isso por si próprias, e que se tornariam mulheres fortes se ele entendesse, respeitasse e as ajudasse nisso. Eu concordava, mas fingia que não fazendo uma carranca para ela. De qualquer modo, ele ia entender o papai, um dia, e ver que precisaríamos ficar de olho em uma cambada de imbecis, no futuro, em torno de nossas meninas, todas elas.

— Eu disse que a mamãe não ia conseguir enganar o papai, ele é muito esperto. — sob o peso das meninas, ouvi agora a voz de Nik defendendo a minha honra, e vi Malu olhar para o nosso filho mais velho com uma cara falsamente indignada.

Aos oito anos e grande para a sua idade, Nik parecia-se mais comigo fisicamente, e também em outros aspectos, ainda que tivesse o cabelo loiro em tons mais para o castanho, e seus olhos verdes também tivessem tons de marrom. Eu imaginava se ele iria arrasar como o papai dele, quando crescesse mais... bom, como o papai dele fazia antes, óbvio que agora eu só arrasava com a mãe dele.

— *Epa*, isso é injusto, rapazinho, eu estava indo muito bem, viu? — Malu defendeu-se.

— Mas como eu sou esperto demais, ela não poderia me enganar por muito tempo. — eu disse, aproximando-me para beijá-la no rosto. Niara caiu por cima de Anaya, e esta gritou, ambas reclamando e querendo ficar entre nós dois, numa mistura de braços e pernas.

— Hum... seu pai não é tão esperto assim não, filhote, ele não sabe é jogar limpo, isso sim.

— Joga limpo, papai! — Niara apoiou, rindo e afastando os cabelos soltos do rosto.

— O que é jogar limpo? — Anaya quis saber, vindo de novo para cima de mim, mas de repente já estava distraída em algo com o meu cabelo.

— Você riu, mãe, o plano era você fingir

que estava dormindo. — Nik lembrou, sempre muito prático em suas constatações.

— O que vocês estavam programando para mim, afinal? — eu quis saber, levemente consciente que um dos prendedores coloridos que costumava estar nos cabelos das meninas, estava agora envolvido em uma tentativa de ser preso ao meu cabelo, por minha filha mais nova.

— A gente ia te assustar, papai. — ela mesma explicou, a expressão concentrada na tarefa que tinha nas mãos.

— Ficamos escondidos ali atrás da porta e você nem viu a gente. — Niara completou. — A ideia foi minha, papai, e você não olhou mesmo.

— Sim, meu amor, você tem sempre ideias maravilhosas. — eu disse a ela, e tinha certeza que agora a parte de cima do meu cabelo estava amarrada em algo colorido, porque Anaya me olhou e riu, deliciada.

— Se ele tivesse chegado caladinho, eu teria seguido com o nosso plano. — Malu justificou-se para as crianças, lançando-me um olhar incisivo.

— Mas o que foi que você estava dizendo para a mamãe, pai? — Nik também chegou para

cima de nós e deitou com a cabeça sobre a barriga de Malu. Ela apoiou-se no cotovelo para olhar para mim, sua voz saindo extremamente doce, enquanto acariciava os cabelos lisos de Nik.

— Sim, meu amorzinho, diga para as crianças o que você estava dizendo para mim, eu acho que esqueci.

Eu pigarreei e lhe lancei um olhar de "depois você me paga", antes de olhar para Nik.

— Eu estava dizendo para a mamãe que nós... poderíamos tomar sorvete hoje depois do jantar, o que vocês acham? — improvisei, e uma nova algazarra se iniciou, com as meninas batendo palmas e pulando no colchão, e Nik abrindo um sorriso satisfeito. Malu me olhou, estreitando os olhos, e eu dei de ombros. — Mas só quem comer tudo vai poder tomar, ok?

Houve uma concordância desanimada, mas Niara voltou a se aconchegar na mãe, passando os braços por seu pescoço, Anaya deitou e encostou a bochecha na minha, e Nik foi subindo e ficou no meio de nós. Eu virei de lado e dei um beijo em seus cabelos macios, meus olhos encontrando os de Malu, de algum modo, no meio daquela bagunça, e nós sorrimos um para um outro, plenamente

PERIGOSAS NACIONAIS

conscientes de que a nossa vida estava completa de amor e alegria, e sim, era maravilhosa.

PERIGOSAS ACHERON



Agradecer é sempre muito bom. Maravilhoso, na verdade. É o momento em que reconhecemos, lembramos, pensamos em pessoas que são importantes e que fizeram parte de um momento especial na nossa vida.

No caso deste momento em especial, quando este meu primeiro livro está sendo lançado, as primeiras pessoas que me vêm à memória são justamente aquelas que mais incentivaram, elogiaram, criticaram, pediram, motivaram: as leitoras de TEO, esse primeiro volume da Série Avassaladores. Foram vocês, no Wattpad, que tornaram esse primeiro passo possível, para mim. Foram vocês, acompanhando, lendo, interagindo, sugerindo, às vezes quase “confessando” como eram afetadas por passagens deste livro, que me fizeram pensar, em um determinado momento: “sim, é possível, eu posso fazer isso”.

E aqui estou!

Meus mais sinceros e amorosos agradecimentos são para vocês, de todo o meu

coração.

*Não esqueçam que Diego, o nosso
avassalador nº 2, em breve estará por aqui
também.*

Beijos avassaladores.

Dy Silveira